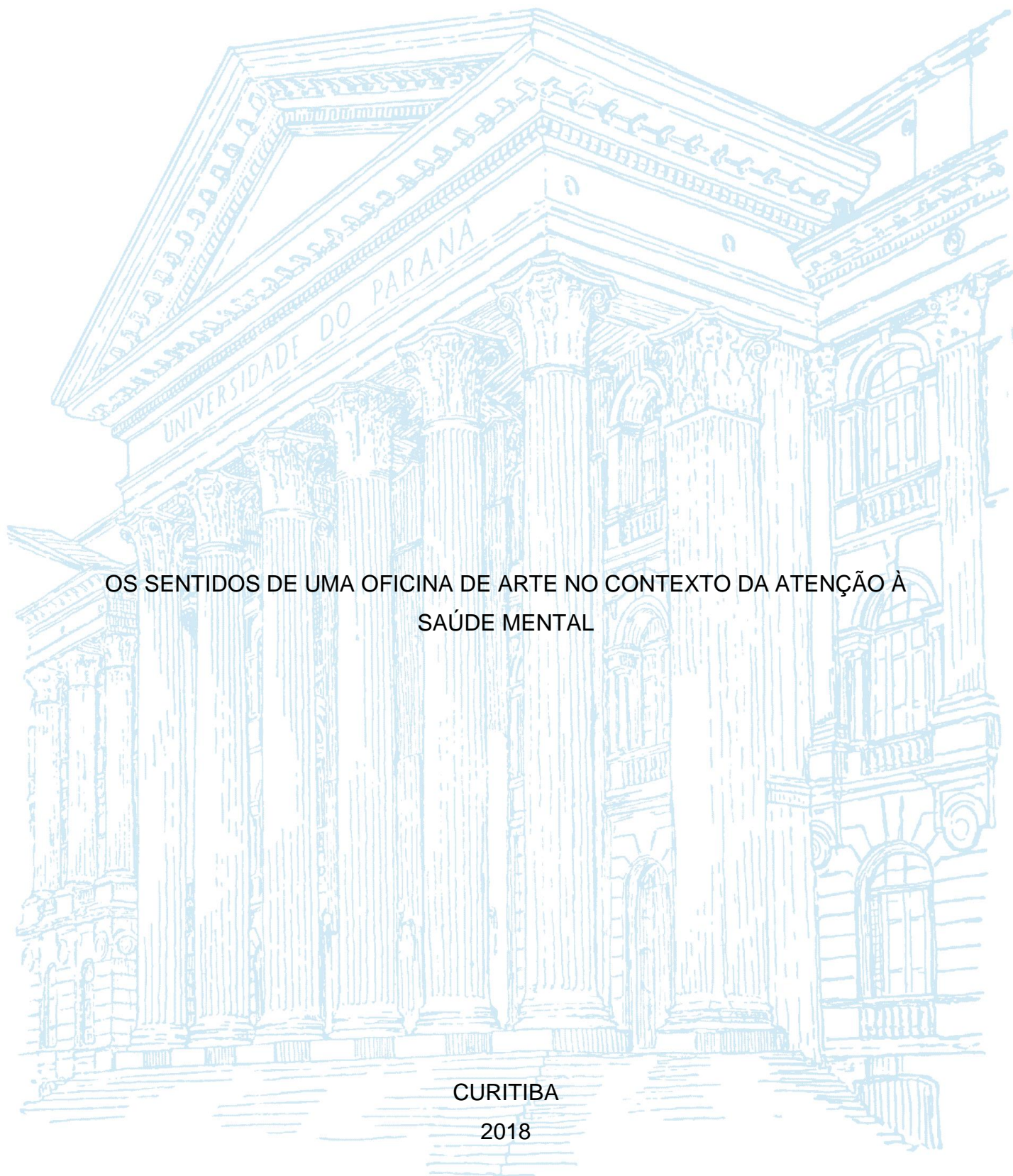


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

KAROLINE STOLTZ SCHLEDER



OS SENTIDOS DE UMA OFICINA DE ARTE NO CONTEXTO DA ATENÇÃO À  
SAÚDE MENTAL

CURITIBA

2018

KAROLINE STOLTZ SCHLEDER

OS SENTIDOS DE UMA OFICINA DE ARTE NO CONTEXTO DA ATENÇÃO À  
SAÚDE MENTAL

Dissertação apresentada ao Programa  
de Pós-Graduação em Psicologia, Setor de  
Ciências Humanas da Universidade Federal do  
Paraná, como requisito parcial à  
obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Furtado  
Holanda

CURITIBA

2018

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE  
BIBLIOTECAS/UFPR-BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS  
COM OS DADOS FORNECIDOS PELA AUTORA

Bibliotecária: Rita de Cássia Alves de Souza – CRB9/816

Schleder, Karoline Stoltz

Os sentidos de uma oficina de arte no contexto da atenção à saúde  
mental / Karoline Stoltz Schleder. – Curitiba, 2018.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Setor de  
Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda.

1. Psicologia educacional. 2. Criatividade. 3. Arteterapia. 4. Psicoterapia.  
I. Título. II. Universidade Federal do Paraná.

CDD 153.35

### TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **KAROLINE STOLTZ SCHLEDER**, intitulada: **OS SENTIDOS DE UMA OFICINA DE ARTE NO CONTEXTO DA ATENÇÃO À SAÚDE MENTAL**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 26 de Setembro de 2018.

  
ADRIANO FURTADO HOLANDA(UFPR)  
(Presidente da Banca Examinadora)

  
ILENO IZÍDIO DA COSTA(UNB)

  
MILTON CARLOS MARIOTTI(UFPR)

## **AGRADECIMENTOS**

Ao professor Dr. Adriano Holanda, pela orientação e paciência no percurso desse trabalho.

Aos professores doutores Ileno Izídio da Costa, Milton Carlos Mariotti e Luís Felipe Ferro, pelas contribuições e sugestões.

Aos professores e colegas que me acompanharam, por suas contribuições diretas e indiretas ao trabalho.

Aos participantes da pesquisa, por me enriquecerem pela troca de experiências.

À minha família e em especial ao meu marido Raphael, pelo imenso apoio e disponibilidade durante esse percurso.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral compreender as relações entre arte e saúde mental, considerando sua presença nas práticas de cuidado à saúde mental e a falta de clareza quanto aos contornos dessa relação. O trabalho está organizado em dois estudos. O primeiro possui o objetivo de conhecer a produção científica brasileira de artigos sobre essa área de intersecção, a partir de revisão bibliográfica. O segundo estudo visa compreender os sentidos de uma oficina de arte para membros de uma Associação de pessoas que participam da Rede de Atenção Psicossocial. Trata-se de estudo empírico qualitativo constituído pela realização de uma oficina de arte e coleta de dados a partir de observação participante, diário de campo, grupos focais e questionário. Os resultados do primeiro estudo apontam que grande parte da produção é composta de estudos empíricos superficiais e estes, por sua vez, são majoritariamente relatos de experiência ou pesquisas qualitativas. Os estudos empíricos puderam ser compreendidos em três eixos temáticos: Contexto psicopedagógico, Contexto hospitalar e da Atenção Psicossocial. E os artigos teóricos em dois eixos: Investigações históricas acerca das relações entre arte, saúde mental e seus personagens; e Estudos que discutem as possibilidades de trabalho por meio da arte em diferentes contextos. As relações entre arte e saúde mental são pensadas e praticadas prioritariamente por profissionais da saúde e voltadas às práticas de cuidado, se justificando pela atenção psicossocial. Em relação ao segundo estudo, foram identificados os seguintes núcleos de sentido: terapêutico; de aprendizagem e desenvolvimento do conhecimento, da imaginação e da criatividade; relacionamento do grupo e espaço de descoberta e de superação. Aponta que a experiência estética desenvolvida na oficina pode contribuir tanto para o caráter terapêutico quanto de aprendizagem e desenvolvimento dos participantes, além da qualificação de seu trabalho artístico. Fica evidente que a relação entre arte e saúde mental, apesar de mencionar o olhar sobre o sujeito, afasta-se deste na homogeneização de suas práticas. Ao afastar-se do sujeito, perde-se de vista o caráter terapêutico, o qual foi evidenciado pelos participantes da oficina investigada, que não tinha esse enfoque. Por fim, enfatiza-se a importância de escutar a pessoa para a qual se destina a prática no cuidado à saúde mental e sugere-se que outros estudos se debrucem sobre a descrição do processo de desenvolvimento de práticas, procurando avaliar até que ponto atendem às necessidades de seus participantes.

**Palavras-chave:** Arte e saúde mental. Arteterapia. Experiência estética.

## ABSTRACT

The general objective of this paper is to understand the relationships between art and mental health, considering the presence of art in mental health care practices and the lack of clarity as to the form of this relationship. The paper is comprised of two studies. The purpose of the first study is to get to know Brazilian scientific production of articles on this area of intersection based on a literature review. The second study aims to gain an understanding of the meanings of a workshop for members of an association of people who take part in the Psychosocial Care Network. It is a qualitative empirical study comprised of holding an art workshop and collecting data through participative observation, a field diary, focus groups and a questionnaire. The results of the first study indicate that most of the production is comprised of superficial empirical studies, the majority of which in turn are either experience reports or qualitative studies. The empirical studies could be divided into three thematic areas: the Psychopedagogical context, the Hospital context and the Psychosocial care context. The theoretical articles could be divided into two areas: Historical investigations into the relationships between art, mental health and its characters; and Studies discussing the possibilities of working using art in different contexts. The relationships between art and mental health are devised and practiced primarily by health professionals and directed towards care practices, being justified in terms of psychosocial care. With regard to the second study, the following meaning cores were found: therapeutic; learning and development of knowledge, imagination and creativity; relationship between the group members and space of discovery and overcoming. It indicates that the aesthetic experience developed in the workshop can contribute to both its therapeutic nature and also to participant learning and development, as well as qualifying their artistic work. It is evident that the relationship between art and mental health, despite mentioning the perspective of the subject, distances itself from the subject through the homogenization of its practices. By distancing itself from the subject, its therapeutic character is lost from sight, as made evident through the participants of the workshop we investigated, which did not have this focus. Finally, we emphasize the importance of listening to the person at whom the mental health care practice is aimed and suggest that further studies should elaborate on describing the process through which practices are developed, seeking to assess the extent to which they meet the needs of their participants.

**Keywords:** Art and mental health. Art therapy. Aesthetic experience.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Estudos por Base de Dados.....	18
Tabela 2 – Estudos Empíricos.....	20
Tabela 3 – Estudos Teóricos.....	30
Tabela 4 – Núcleos de sentido Grupo Focal Inicial.....	70
Tabela 5 – Núcleos de Sentido Questionário.....	77
Tabela 6- Núcleos de sentido Grupo Focal Final.....	444



## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>Capítulo I: ARTE E SAÚDE MENTAL: ANÁLISE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA.....</b>	<b>12</b>
1.1. INTRODUÇÃO.....	12
1.2. MÉTODO.....	18
1.3. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	19
1.3.1. Artigos empíricos.....	19
1.3.1.1. Contexto psicopedagógico.....	23
1.3.1.2. Contexto hospitalar.....	24
1.3.1.3. Atenção psicossocial.....	25
1.3.2. Artigos teóricos.....	29
1.3.3. Do perfil do campo às questões metodológicas.....	33
1.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
<b>Capítulo II: ESTUDO EMPÍRICO: OS SENTIDOS DE UMA OFICINA DE ARTE NO CONTEXTO DA ATENÇÃO À SAÚDE MENTAL.....</b>	<b>40</b>
2.1. INTRODUÇÃO.....	40
2.2. MÉTODO.....	42
2.2.1. Tipo de estudo .....	42
2.2.2. Contexto de Estudo.....	43
2.2.3. Seleção de Participantes .....	44
2.2.4. Participantes .....	44
2.2.5. Instrumentos e Procedimentos de Coleta de Dados .....	45
2.2.6. Procedimento de Análise de Dados .....	47
2.2.7. Oficina .....	48
2.3. RESULTADOS.....	50
2.3.1. O Percurso da Oficina.....	50
2.3.2. Análise do grupo focal inicial.....	69
2.3.3. Análise dos questionários .....	74
2.3.4. Análise do grupo focal final .....	76
2.4. PROCESSO E PRODUTO: POR UMA VISÃO INTEGRADA DA ARTE NO CUIDADO À SAÚDE.....	85

2.5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	92
<b>A GUIA DE CONCLUSÃO.....</b>	<b>95</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>97</b>
Anexo 1: Projeto da oficina .....	108
Anexo 2: Cartaz de divulgação da oficina.....	109
Anexo 3: Questionário.....	110
Anexo 4: Diário de campo.....	111
Anexo 5: Transcrição dos encontros da oficina.....	150
Anexo 6: Tabela 6 –Núcleos de sentido Grupo Focal Final.....	444

## **Apresentação**

Este trabalho circunscreve-se às discussões entre arte e saúde mental. Segue o interesse e formação da pesquisadora por duas áreas do conhecimento: arte e psicologia. Por um lado, havia o interesse pelo trabalho com arte e saúde mental de Nise da Silveira (Schleder & Holanda, 2015), devido a ela considerar a arte como recurso terapêutico, ainda que sem a criação de uma metodologia de trabalho com o recurso artístico e muito menos privilegiar a fala em relação ao processo criativo. Por outro lado, interessava-lhe as repercussões do trabalho de Nise da Silveira para as práticas atuais.

Arte e saúde mental são dois campos de prática e estudo que passam a dialogar mais consistentemente a partir da segunda metade do século XIX. Em relação às contribuições da arte para o campo da saúde mental, observa-se que ela era inicialmente utilizada como recurso para a investigação e leitura do caráter psicopatológico de pessoas em sofrimento psíquico, mais precisamente, de pacientes psiquiátricos.

Com a chegada do século XX, passaram a ser desenvolvidos estudos sobre uma possível estética psiquiátrica e estudos comparativos entre a produção artística da época, de povos primitivos, crianças e doentes mentais. Compreendendo que a arte é inerente ao humano, na segunda metade do século XX, os hospitais psiquiátricos da Europa passam a oferecer ateliês de arte, mas que ainda têm a função de ocupar os internos e promover estudos acerca de uma arte psicopatológica.

Como personagem importante no contexto das discussões entre saúde mental e arte, destaca-se Nise da Silveira. No final do século XX, no Brasil, Nise da Silveira apresenta como um de seus elementos inovadores, a utilização da arte como recurso terapêutico de pacientes psiquiátricos. A partir daí, com o desenvolvimento da reforma psiquiátrica brasileira, observa-se a efervescência de propostas de cunho artístico no campo da saúde mental. Atualmente, criticando a restrição da reforma psiquiátrica ao campo da saúde, surgem novas propostas que aliam arte e saúde mental, compreendendo o potencial da arte enquanto produção de cultura e inserção social.

Na atualidade, observa-se o reconhecimento do caráter ainda obscuro das propostas que aliam arte e saúde mental (Slayton, 2010; Scope et al, 2017; Secker et al., 2017 dentre outros). Nesse sentido, tem-se como pergunta norteadora: Como se estabelecem as relações entre arte e saúde mental? Vinculadas à essa pergunta principal, foram elaborados os seguintes questionamentos: Como se configura a produção científica brasileira de artigos da área de intersecção entre arte e saúde mental? Quais

são os sentidos de uma oficina de arte para membros de uma Associação de pessoas que participam da Rede de Atenção Psicossocial?

Justifica-se socialmente o trabalho, considerando que as práticas artísticas no cuidado à saúde mental estão muito presentes no contexto atual, mas sem a clareza quanto à eficácia em relação a outros recursos e outros fatores. Nesse sentido, o presente estudo pode contribuir para a qualidade das práticas que aliam arte no campo da saúde mental, beneficiando a população atendida.

Tendo em conta essas questões, o presente trabalho tem como objetivo geral compreender as relações entre arte e saúde mental. A dissertação foi organizada em dois capítulos. No primeiro capítulo, com o objetivo de conhecer a produção científica brasileira de artigos sobre a área de intersecção entre arte e saúde mental, apresenta-se estudo de revisão bibliográfica, realizado em três bases de dados com os indexadores “arte + saúde mental” (sem refinamento) e “arteterapia” (sem refinamento). Com isso, procura-se mapear o campo da arte e saúde mental em relação aos tipos de estudos realizados na área, o perfil das práticas apresentadas e direcionamentos apontados por seus autores.

Já o segundo capítulo, contempla estudo que busca compreender os sentidos de uma oficina de arte para membros de uma Associação de pessoas que participam da Rede de Atenção Psicossocial. Trata-se de estudo empírico qualitativo constituído pela realização de uma oficina de arte e coleta de dados a partir de observação participante, diário de campo, grupos focais e questionário.

Assim espera-se, com este trabalho, poder colaborar para o entendimento das relações entre arte e saúde mental, a partir de duas perspectivas sobre o tema. O levantamento da literatura e a recuperação do significado de uma experiência com arte para participantes em sofrimento psíquico podem auxiliar na renovação do olhar teórico-prático voltado para esse campo.

## CAPÍTULO I

### ARTE E SAÚDE MENTAL: ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

#### 1.1. Introdução

O surgimento da psicologia enquanto disciplina científica no século XIX está vinculado ao estudo de questões de ordem estética, e as aproximações entre arte e psicologia se estabeleceram antes mesmo da psicologia estar consolidada, pelo interesse do campo filosófico da estética sobre investigações experimentais da psicologia acerca da experiência estética, como nas pesquisas desenvolvidas por Wundt, por exemplo (Frayze-Pereira, 1994).

Durante o século XVIII, artistas já haviam se interessado pela produção dos “loucos”, retratando os mesmos ao lado de seus desenhos em paredes de asilos, sendo os primeiros trabalhos artísticos a serem estudados pelos psiquiatras aqueles dos considerados artistas que se tornaram loucos, observando as mudanças na produção dos mesmos (Ferraz, 1998). No final do século XIX, as primeiras relações mais consistentes entre os campos da arte e da psiquiatria se estabeleceram com as primeiras referências teóricas em torno da utilização da arte para a investigação de doenças mentais e, assim, a inserção de algumas atividades de cunho artístico nos hospitais (Ferraz, 1998; Dias, 2003). Segundo Andriolo (2004), até o início do século XX, o lugar da arte na psiquiatria era contribuir para a compreensão do caráter psicopatológico dos pacientes.

No século XX é desenvolvida uma estética psiquiátrica, na qual a produção dos doentes mentais passa a ser pensada a partir da arte e da expressão global do homem. Hans Prinzhorn foi um dos autores fundamentais, por evidenciar que o doente mental mantém sua capacidade criadora preservada (Ferraz, 1998). Na década de 20 são desenvolvidos estudos comparacionais entre a arte dos loucos, povos primitivos, crianças e arte moderna, além de serem criadas exposições e acervos em torno da temática. Na década de 40, o artista Dubuffet cunhou o conceito *Art Brut*, referindo-se não somente à arte dos loucos, mas também à de povos primitivos e crianças, trabalhos que são produzidos longe da influência do sistema cultural vigente (Andriolo, 2004).

No Brasil, porém, o interesse pela expressão artística de doentes mentais teve diferenças marcantes com o movimento europeu. Enquanto no Brasil, a arte dos pacientes dos hospitais psiquiátricos permaneceu ainda muito presa a essas instituições para sua divulgação e demais leituras, na Europa, o movimento da *Art Brut* se

interessava pelo caráter criador da loucura e contemplava obras expressivas fora desse contexto.

Após a Segunda Guerra Mundial, os ateliês de arte em hospitais psiquiátricos são disseminados pela Europa (Andriolo, 2004) e desenvolvem-se também estudos acerca da “arte psicopatológica”, termo designado à produção artística dos pacientes psiquiátricos, em relação aos aspectos formais e simbólicos das obras (Ferraz, 1998).

Esse percurso realizado pelos estudos que aliam arte e saúde mental desenvolveu-se primeiramente na Europa – mais precisamente na Alemanha, Suíça, Áustria e França – e posteriormente repercutiu pelas Américas, incluindo o Brasil. Ferraz (1998) destaca que as relações entre arte e psicologia no Brasil, durante as décadas de 20 e 30, se estabeleceram em um momento de efervescência do modernismo artístico, da reforma educacional pela Escola Nova e, na área científica, por meio do estudo da arte psicopatológica. Até a década de 40, a arte estava muito pouco presente nos hospitais psiquiátricos brasileiros, ficando restrita ao interesse de iniciativa pessoal dos próprios pacientes e como uma das atividades da laborterapia, a qual tinha por objetivo ocupar os internos e auxiliar a instituição financeiramente (Andriolo, 2004). Ainda nesse período, devido à ausência de parâmetros artísticos acadêmicos para as produções de pacientes psiquiátricos, a produção dos mesmos era vista como reflexo de sua patologia.

Osório Cesar (1895-1979) e Nise da Silveira (1905-1999) são considerados os precursores brasileiros da utilização da atividade artística como ferramenta de trabalho no campo da saúde mental, destoando das práticas terapêuticas vigentes na época (Dias, 2003; Reis, 2014). Ambos, psiquiatras, perceberam na arte uma perspectiva de intervenção com seus pacientes por meio da livre expressão artística, que compreendem como a expressão de seus conteúdos internos. Osório César foi responsável pelos primeiros registros acerca das expressões artísticas desenvolvidas nos manicômios brasileiros, e é conhecido pela criação da Escola Livre de Artes Plásticas do Juqueri, em São Paulo, e por estimular a formação em arte de seus pacientes (Ferraz, 1998; Lima, 2004; Galvanese et al., 2013). Segundo Lima e Pelbart (2007), o trabalho realizado por Osório Cesar contribuiu para o desenvolvimento de enlaces atuais entre arte e saúde mental que se afastam do enfoque eminentemente clínico e se ampliam para o campo da cultura.

Já a psiquiatra alagoana Nise da Silveira, considerada uma das precursoras do movimento da reforma psiquiátrica no Brasil (Silveira, 1986, 1992; Melo, 2001a,

2001b; Mello, 2009; Melo, 2010a, 2010b; Delgado, 2011), conhecida pela divulgação da teoria de Jung no Brasil, pela criação do Museu Imagens do Inconsciente e da clínica psiquiátrica de regime aberto Casa das Palmeiras, no Rio de Janeiro, compreendia que as atividades expressivas possuem diversas potencialidades, desde comunicativa – de estabelecimento de contato entre o sujeito e o mundo – e terapêutica, para além do recurso diagnóstico, como eram utilizadas na época (Silveira, 1966, 1986; Melo, 2009a; Schleder & Holanda, 2015). Para Nise da Silveira, a atividade expressiva possibilitaria a expressão espontânea do sujeito, de suas emoções e afetos, por meio da criação (Silveira, 1966, 1986, 1999; Melo, 2009a).

Embora o campo de investigação acerca das relações entre Nise da Silveira e Osório Cesar ainda deva ser melhor desbravado (Dias, 2003), é possível observar enlances e divergências entre esses psiquiatras: Osório Cesar fomentava a formação artística de seus pacientes, influenciado pelos teóricos da Escola Nova e desenvolveu estudos de leitura da arte de seus pacientes sob o enfoque psicanalítico (Ferraz, 1998; Andriolo, 2003; Lima, 2004); enquanto Nise da Silveira, sob enfoque da psicologia analítica, observou a potência da criatividade e explorou as atividades expressivas como terapêutica de seus pacientes, compreendendo que, para esse fim, não interessava se as produções fossem consideradas arte ou não (Bezerra, 1995; Melo, 2001b; Schleder e Holanda, 2015). Essas experiências podem ser encaradas como importantes caminhos terapêuticos com atividades, quer virão a ser reconfigurados no contexto da saúde mental na década de 1980 (Lima, 2004; Galvanese et al., 2016).

Outro aspecto a ser considerado acerca desse período de inovação nas relações entre arte e saúde mental, é que a proposta de Nise da Silveira, em um primeiro momento, não contou com o interesse do meio científico, mas obteve apoio da classe artística brasileira (Dias, 2003). Mário Pedrosa, crítico de arte, teve papel importante para a sustentação das exposições oriundas do trabalho realizado nos ateliês criados por Nise da Silveira (Andriolo, 2004). Nesse sentido, Aversa (2014) e Dias (2003) ressaltam que as mudanças no campo de intersecção entre arte e saúde mental envolveram um processo amplo, no qual convergiram, na primeira metade do século XX, as ideias psicanalíticas na classe psiquiátrica e artística, e foi desenvolvido o movimento modernista da arte brasileira, que tinha interesse no caráter original das obras de livre expressão dos pacientes psiquiátricos, como forma de romper com o academicismo das artes. Coelho (2002), desnaturalizando a união entre esses campos, pontua que *Arte &*

*Loucura* foi uma preocupação da modernidade artística, na qual ambos reverberaram influências mútuas.

Desse período, do qual ressalta-se a década de 40 como importante para a difusão do trabalho pioneiro que estava sendo realizado, pode-se afirmar que o meio artístico facilitou o desenvolvimento do campo da saúde mental como temos hoje, dando visibilidade ao sujeito por detrás da doença mental, facilitando uma nova compreensão e abordagem da doença mental (Ferraz, 1998; Aversa, 2014). Isso então nos conduz a perguntar sobre outras possibilidades de relação entre arte e saúde mental nos dias de hoje. “Se para a arte, suas questões com a desrazão são datadas e estão findas, para quem reflete sobre a loucura, a busca pela arte parece apontar um caminho de alteridade” (Antunes et al., 2002, p. 23).

O campo de atividade que alia arte e saúde mental é atualmente caracterizado pela heterogeneidade de profissionais e abordagens teóricas; em meio a esse quadro, porém, observa-se que há em comum entre essas perspectivas, a compreensão do caráter criativo do humano que por meio da arte possibilita experimentar diferentes formas de expressão (Reis, 2014). Alguns autores expõem características que delineiam o perfil das práticas artísticas nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), observando que as práticas artísticas e culturais são majoritárias em relação as outras práticas grupais desenvolvidas nesses CAPS; além disso, que a maior parte dessas práticas é realizada dentro dos CAPS, sem vínculo com o território (Nascimento e Galvanese, 2009; Galvanese et al., 2013). Dentre essas práticas artísticas e culturais, foram identificados três grupos: práticas estritamente clínicas, referentes a atividades restritas ao interior dos CAPS e com objetivo de expressão dos participantes (tendência predominante); práticas de caráter residual, de preenchimento da rotina do serviço, desconsiderando a produção dos participantes (tendência minoritária); e de caráter psicossocial, caracterizadas por considerarem o território, serem compostas por equipe técnica diversificada e com parceria entre profissionais da cultura e saúde, ampliação do repertório cultural dos participantes e apoio à circulação dos mesmos pelos espaços culturais.

Nesse sentido, nota-se um movimento de mudança nas propostas que aliam arte e saúde mental, no sentido de se afastar de um enfoque eminentemente terapêutico e investir em arte como atividade cultural no âmbito da saúde mental (Galvanese et al., 2016; Amarante & Torre, 2017).



(...) um deslocamento na compreensão das relações entre arte, cultura e clínica, ou seja, da expressão ou interpretação de conteúdos internos para a potência da criatividade e da experiência cultural, entendidas como próprias do humano, na produção de saúde – concepção essa que se sustenta na consideração do sujeito da atenção, em sua totalidade (Galvanese et al., 2016, p.444).

Há uma crescente articulação de projetos que aliam políticas públicas de saúde mental e cultura (Galvanese et al., 2016; Amarante & Torre, 2017) e que afirmam que esse processo pode ser compreendido como parte do desenvolvimento da reforma psiquiátrica (Aversa, 2014; Amarante & Torre, 2017). As propostas artísticas e culturais no âmbito da saúde mental, como na economia solidária e experiências de arte e loucura, estão se tornando cada vez mais autônomas em relação aos serviços de saúde mental dos quais se originaram (Amarante & Torre, 2017). Já o estudo dos efeitos terapêuticos do trabalho com arte no campo da saúde mental carece de investigações sistematizadas (Reynolds et al., 2000; Correia e Torrenté, 2016). Correia e Torrenté (2016) apresentam uma revisão de literatura acerca dos efeitos terapêuticos do trabalho com arte para a reabilitação psicossocial de pessoas com transtornos mentais no Brasil, identificando as seguintes potencialidades: expressividade; revisão da identidade; ampliação de competências pessoais; reconquista da esperança; concretização de planos; minimização de aspectos negativos da doença mental e especialmente o desenvolvimento do empoderamento e sociabilidade.

Scope et al. (2017) obtêm resultados similares em revisão de literatura sobre os efeitos terapêuticos da arteterapia com pessoas com transtorno mental não psicótico: “desenvolvimento da relação com o terapeuta e com outros membros do grupo; compreensão sobre si, sua doença e futuro; ganho de perspectiva; distração, realização pessoal; expressão; relaxamento; empoderamento” (p.25). Ambas revisões sistemáticas de literatura (Correia e Torrenté, 2016; Scope et al., 2017) identificaram a presença pontual de estudos que relatam efeitos negativos de intervenções terapêuticas por meio da arte, indicando a necessidade de aprofundar a investigação sobre os possíveis malefícios dessas práticas, além da necessidade de considerar a preferência do paciente na escolha do tratamento. Reynolds et al. (2000) e Scope et al. (2017), a partir de revisão de literatura sobre a efetividade da arteterapia, apontam que a produção nessa área apresenta resultados de frágil validade. Vasta parte da produção é composta por estudos teóricos, estudos de caso sem grupo controle ou que também descrevem outras

intervenções combinadas a arteterapia, além de não descreverem os objetivos e procedimentos da intervenção detalhadamente. Sugerem-se estudos com grupo controle e com descrições detalhadas dos procedimentos, de modo que possam ser replicados. Slayton (2010), dando continuidade à proposta de Reynolds et al. (2000), afirma que embora não sejam caracterizados como estudos de alta qualidade, o número de pesquisas sobre a efetividade da arteterapia aumentou, consolidando evidências acerca de sua validade. Já em relação ao contexto brasileiro de estudos entre arte e saúde mental, Correia e Torronté (2016) também sugerem estudos que auxiliem na consolidação dessas práticas: investigações que sistematizem a produção existente, avaliem a durabilidade do efeito dessas práticas, os possíveis efeitos negativos e os mecanismos pelos quais a arte promove seus efeitos.

Passando brevemente pela história desse campo de diálogo, observa-se que as relações entre arte e saúde passaram por diferentes fases desde o século XIX até o que podemos vislumbrar propostas de trabalho e discussão nos dias de hoje. Se antes a arte era utilizada como recurso diagnóstico, mais tarde ela se apresentou como forma de terapêutica por meio da livre expressão para, mais tarde, vermos o desenvolvimento de múltiplas perspectivas em arteterapia e de propostas artísticas no âmbito da atenção psicossocial.

Tendo em vista a heterogeneidade e expansão do cuidado à saúde mental a partir da arte, sua possível contribuição para pessoas em sofrimento psíquico e a escassez de estudos brasileiros que avaliem o estado de arte desse campo, evidencia-se a necessidade de pesquisas que visem sistematizar os estudos particulares, de modo a conhecer melhor essa área de intersecção, sendo necessário sistematizar a produção científica produzida nessa área (Reynolds et al., 2000; Correia e Torronté, 2016; Scope et al., 2017). Nesse sentido, o presente estudo tem o objetivo de conhecer a produção científica brasileira de artigos sobre a área de intersecção entre arte e saúde mental.

Para esse estudo, adotamos uma compreensão positiva de saúde mental enquanto salubridade psicossocial. Tal compreensão de saúde mental requer uma visada transdisciplinar e totalizadora do humano, também em torno dos aspectos da qualidade de vida (Almeida Filho et al., 1999). Desse modo, a presente pesquisa busca apreender o campo de intersecção entre arte e saúde mental em sua diversidade de fenômenos.

## 1.2. Método

Foi realizado estudo bibliográfico por meio de revisão de literatura (Hohendorff, 2014) em bases de dados abertas SciELO (Scientific Eletronic Library Online), PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia) e LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), sem critério temporal, de nacionalidade e de língua. Optou-se por tais bases de dados, por contemplarem respectivamente periódicos científicos brasileiros, periódicos na área de psicologia e afins; e periódicos da área da saúde latino-americanos e do Caribe; buscando abranger vasta quantidade de publicações na área de saúde mental. A pesquisa foi realizada durante o mês de março de 2017. Os indexadores de busca utilizados nessas bases de dados foram “arte + saúde mental” (sem refinamento) e “arteterapia” (sem refinamento). Os critérios de inclusão foram que o estudo estivesse em formato de artigo e que tratasse diretamente ou indiretamente da relação entre arte e saúde mental. A compreensão que o estudo tinha sobre o que é arte não foi considerado como critério de exclusão.

A tabela abaixo indica a quantidade de estudos encontrados nas bases de dados

Tabela 1 – Estudos por Base de Dados

Número de estudos encontrados em cada base de dados por indexador		
Bases de Dados	Arteterapia	Arte e saúde mental
SciELO	10	25
PePSIC	22	10
LILACS	32	73

Após a leitura dos resumos das referências encontradas, 56 referências foram excluídas. Essas referências eliminadas são compostas por dissertações, livros, resenhas, e trabalhos que não se atêm à temática estudada, como a investigação do estado da arte de outros temas ou que apenas cite a arteterapia no estudo. Foram selecionados 73 artigos, porém não foi possível acessar o trabalho completo de nove dessas referências selecionadas pela análise do resumo, por não estarem disponíveis *online*. Por fim, obteve-se amostra final de 64 artigos, sendo realizada análise comparativa dos mesmos. Outras referências foram acrescentadas à discussão, conforme pertinência ao tema.

### **1.3. Resultados e Discussão**

Os 64 artigos analisados são publicações brasileiras, com exceção de três estudos (González et al., 2004; Zúniga, 2012; Morais et al., 2014;). A publicação mais antiga existente data de 1999; havendo maior incidência de publicações nos anos de 2009 e 2013, sendo que entre esses anos foram publicados 35 artigos. As publicações estão dispersas em 38 periódicos diferentes, sendo que apenas um artigo foi publicado em revista específica da área de artes visuais, revista *ARS* (Aversa, 2014).

Observam-se algumas características dos artigos em função das revistas das quais pertencem. Parte massiva dos artigos da área de psicopedagogia, incluindo publicações teóricas e empíricas, estão publicados na revista *Construção Psicopedagógica* (10 artigos). Notou-se também que todos os oito artigos da revista *Interface-Comunicação, saúde e educação*, empíricos e teóricos, dizem respeito ao histórico e questões atuais da temática da arte e loucura.

Nos artigos analisados nota-se que o termo arteterapia não se refere à utilização de uma prática artística específica, nem a um tipo de profissional ou público alvo. Nessa amostra de estudos, a arteterapia se refere a práticas individuais e grupais, que incluem uma diversidade de técnicas que se utilizam de diferentes meios de expressão artística: artes visuais, música, teatro, fotografia etc. Nesse sentido, é possível observar semelhanças em práticas descritas como arteterapêuticas e não arteterapêuticas. Há uma tendência de utilização do termo arteterapia nos contextos hospitalar e psicopedagógico, enquanto parte significativa dos estudos do eixo temático da atenção psicossocial não utiliza essa nomenclatura.

A análise dos artigos foi realizada a partir da divisão do material entre artigos teóricos (21 referências) e empíricos (43 referências) e investigação dos eixos temáticos que os compõem. A seguir será apresentada a composição dos artigos teóricos e posteriormente dos artigos empíricos.

#### **1.3.1. Artigos empíricos**

Os artigos empíricos (Tabela 2) são compostos majoritariamente por relatos de experiência, séries de casos e pesquisas qualitativas com práticas grupais. Desses artigos, é possível identificar três eixos temáticos em relação ao âmbito de práticas que aliam arte e saúde mental: contexto hospitalar (sete artigos), contexto psicopedagógico (oito artigos), atenção psicossocial (28 artigos).

Tabela 2 – Estudos Empíricos

ESTUDOS EMPÍRICOS (N = 43)					
Eixo temático	Título	Autor	Ano	Revista	Área
Contexto psicopedagógico	Transitando pela saúde e pela educação: ampliando as possibilidades da psicopedagogia.	Szpiczkowski, A., & Henriques, L.	2007	Construção psicopedagógica	Psicopedagogia
	Recontar é viver: resgatando a história de vida e a auto-estima de crianças com dificuldades de aprendizagem	Polity, S.	2009		
	TDAH - diagnóstico psicopedagógico e suas intervenções através da Psicopedagogia e da Arteterapia	Stroh, J. B.	2010		
	Cultura de paz e arteterapia	Norgren, M. de B. P.	2011		
	A orientação psicopedagógica à mãe e articulações com a aprendizagem de seu filho: enfoque sobre mitos, estilos cognitivo-afetivos e contribuições da arteterapia	Saad, M. A.	2012		
	Música e arteterapia como recurso terapêutico nas dificuldades de aprendizagem e desenvolvimento humano.	Oliveira, P. A. de.	2013		
	Grupo arteterapêutico com crianças: reflexões.	Sei, M. B., & Pereira, L. A. V.	2005	Revista da SPAGESP	Psicologia
Grupo de espera na clínica-escola: intervenção em arteterapia.	Cardoso, A. M., & Munhoz, M. L. P.	2013			
Contexto hospitalar	A arteterapia no contexto da hospitalização pediátrica. O desenvolvimento da construção com sucata hospitalar.	Valladares, A. C. A., & Carvalho, A. M. P.	2005	Acta Paulista de Enfermagem	Enfermagem
	A arteterapia e o desenvolvimento do comportamento no contexto da hospitalização.	Valladares, A., & Carvalho, A.	2006a	Revista da Escola de Enfermagem da USP	
	Promoção de habilidades gráficas no contexto da hospitalização.	Valladares, A. C. A., & Carvalho, A. M. P.	2006b	Revista Eletrônica de Enfermagem	
	Arteterapia na assistência de enfermagem em oncologia: produções, expressões e sentidos entre pacientes e estudantes de graduação	Barbosa, I. C. F. J., Santos, M. C. L., & Leitão, G. D. C. M.	2007	Esc. Anna Nery Rev. Enferm	
	A arteterapia e a promoção do desenvolvimento infantil no contexto da hospitalização	Valladares, A. C. A., & Silva, M. T.	2011	Revista Gaúcha de Enfermagem	

	Arteterapia no enfrentamento do câncer.	D'Alencar, É. R., Alves, Â. M., de Araújo, T. S., de Melo Bezerra, F., Lima, M. M. R., & Gomes, A. F.	2013	Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste	
	Escutando contos, desenhando a vida:: arteterapia em enfermarias pediátricas de um Hospital de Ensino de Alta Complexidade em Pernambuco – IMIP	Vieira, C. M., Costa, J. M., Costa Caminha, M. de F., Campello, P. B., Victor Silva, M. da G., & Sampaio, M. A.	2012	Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar	Psicologia
Atenção psicossocial	O papel da arte nos Centros de atenção Psicossocial.	Tavares, C. M. de M.	2003	Revista Brasileira de Enfermagem	Enfermagem
	Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental.	Coqueiro, N. F., Vieira, F. R. R., & Freitas, M. M. C.	2010	Acta Paulista de Enfermagem	
	Aprendizagem em saúde mental por meio da produção videográfica: relato de experiência.	Machado, D. M., Göttems, L. B. D., & Pires, M. R. G. M.	2013	Texto & Contexto Enfermagem	
	Significance of clay art therapy for psychiatric patients admitted in a day hospital	Morais, A. H. de, Roecker, S., Salvagioni, D. A. J., & Jacklin, G. E.	2014	Investigación y Educación en Enfermería	
	A produção de subjetividade dos usuários de um hospital-dia: uma experiência sociopoética.	Silveira, L. C., Braga, V. A. B., & Petit, S. H.	2007	Online Brazilian Journal of Nursing	
	O Coral Cênico Cidadãos Cantantes: um espaço de encontro entre a música e a saúde.	Maluf, J. C. G., Lopes, I. C., Bichara, T. A. C., Silva, J. A., Valent, I. U., Buelau, R. M., & Lima, E. M. A.	2009	Revista de Terapia Ocupacional da USP	Terapia ocupacional
	Epifania do acontecer poético: aspectos da experiência estética na relação sujeito-obra em terapia ocupacional.	Mecca, R. C., & de Castro, E. D.	2009		
	A arte como dispositivo à recriação de si: uma prática em psicologia social baseada no fazer artístico	Reis, A. C. D.	2009	Barbarói	Ciências humanas
	Relatos de experiências:(com) vivência com idosos que apresentam Alzheimer	Garces, S. B. B., da Costa, F. T. L., da Rosa, C. B., Brunelli, Â. V., Hansen, D., de Mattos, C. Z., Sturmer, J.	2011	Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento	Envelhecimento
	Oficinas de dança contemporânea: um convite à reinvenção das práticas.	Moehlecke, V., & Fonseca, T. M. G.	2011	Revista Mal Estar e Subjetividad	nto psíquico , socieda de e

Arte e mediação terapêutica: sobre um dispositivo com adolescentes na clínica-escola.	Lima, M. C. P., Martins, K. P. H., Rocha, L. P., Parente Jr, P. A., Castro, I. P. de, Pinheiro, N. M., Domingues, M.	2013	e	
Grupo de expressão: uma prática em saúde mental.	Ribeiro, S. F. R.	2007	Revista da SPAGESP	Psicologia
Expressão artística e teleatendimento: perspectivas para a melhoria de qualidade de vida no trabalho	Rego, Renata Marques.	2008	Psicologia: ciência e profissão	
Devir-loucura no rádio: uma experiência em saúde mental.	Streppel, F. F., & Palombini, A. de L.	2011	Fractal: Revista de Psicologia	
Costurando saúde: Possibilidades de integração por meio da confecção de bonecos (as) de pano em um CAPS infantil	Camargo, V. P., Lena, M. S., Dias, H. Z. J., & Roso, A. R.	2011	Psicologia Argumento	
Quando a invenção pede passagem: ritmo e corpo nas oficinas de teatro do Centro de Referência em Saúde Mental (CERSAM) Noroeste de Belo Horizonte	Santos, N. A. dos, & Romagnoli, R. C.	2012	Mental	
Coletivo da música: um estudo sobre relações entre arte e saúde mental.	Siqueira, J. L. D., & Lago, A. M. V.	2012	Estudos Interdisciplinares em Psicologia	
Construindo histórias, narrando vidas	Bandeira, N. & Souza, G. N. P.	2015	Revista de Psicologia da UNESP	
Nau da Liberdade: travessia nômade entre teatro e saúde mental em desinstitucionalização.	Pommer, C. D. & Rocha, C. F.	2015	Revista Polis e Psique	
Arte, loucura e cidade: a invenção de novos possíveis	Liberato, M. T. C., & Dimenstein, M.	2013	Psicologia & sociedade	
Oficina Terapêutica de Mosaico de Papel: o lugar da materialidade no campo da Terapia Ocupacional	Corrêa, M. C. M. R.	2014	Interface - Comunicação, Saúde, Educação	
Recepção estética de apresentações teatrais com atores com história de sofrimento psíquico	Milhomens, A. E., Lima, E. M. F. de A.	2014		
Receituário Mais que Especial: uma intervenção urbana para pensar arte e pesquisa no contexto da Reforma Psiquiátrica.	Zanchet, L., de Lima Palombini, A., & Yasui, S.	2015		
Quando la alegría entra al centro de salud: una experiencia de promoción de salud en Buenos Aires, Argentina	Bang, C., Stolkiner, A., & Corín, M.	2016		
Teatro do oprimido em saúde mental: participação social com	Santos, É. S. dos, Joca, E. C., Souza,	2016		

arte.	Â. M. A e.		
A inclusão social pelo trabalho no processo de minimização do estigma social pela doença.	Volz, P. M., Tomasi, E., Bruck, N. R. V., Saes, M. de O., Nunes, B. P., Duro, S. M. S., & Facchini, L. A.	2015	Saúde e Sociedade
Efeitos terapêuticos da produção artística para a reabilitação psicossocial de pessoas com transtornos mentais: uma revisão sistemática da literatura.	Correia, P. R. & Torrenté, M. O. N.	2016	Cadernos de Saúde Coletiva
Avaliação da estrutura dos centros de atenção psicossocial do município de São Paulo, SP	Nascimento, A. de F., & Galvanese, A. T. C.	2009	Revista de Saúde Pública

Observa-se, nos artigos empíricos, que nos contextos hospitalar e psicopedagógico, há incidência de relatos de práticas individuais realizadas por meio da ferramenta artística. Já a totalidade de artigos referentes a práticas de intervenção no eixo temático atenção psicossocial envolve práticas coletivas. Parte significativa dos estudos empíricos apresenta intervenções por meio de mais de uma ferramenta artística (Garcés et al., 2011; Cardoso & Munhoz, 2013; Bang et al., 2016). A diversidade também está presente na área de formação dos autores das intervenções descritas: psicologia, terapia ocupacional, enfermagem, psicopedagogia, pedagogia e, em menor escala, do campo das artes.

Os estudos do eixo temático atenção psicossocial apresentam as práticas de maior caráter interdisciplinar, envolvendo principalmente profissionais da área da saúde mental. Isso nos dá indícios de que quem ainda de forma hegemônica trata do campo de intersecção arte e saúde mental, são os profissionais da saúde mental. Entretanto faz-se ressalvas quanto ao viés de pesquisa, fruto da escolha das bases de dados pesquisadas.

As práticas apresentadas pelos estudos com população infantil são minoritárias e estão principalmente presentes no eixo temático do contexto psicopedagógico e hospitalar. São escassas as propostas interventivas com crianças e jovens no campo da atenção psicossocial. Os eixos temáticos dos artigos empíricos serão apresentados nos subitens a seguir.

#### **1.3.1.1. Contexto Psicopedagógico**

Compreende-se por “contexto psicopedagógico”, a área de práticas de intersecção entre psicologia e educação. Neste eixo temático, há pesquisas empíricas,



relatos de experiência e séries de casos que se debruçam sobre o contexto da psicopedagogia e as possibilidades interventivas por meio da arte. Parte significativa desses estudos apontam para a arteterapia como ferramenta de resgate da autonomia e autoestima de crianças e jovens com dificuldades de aprendizagem (Polity, 2009; Oliveira, 2013). A arteterapia também é utilizada como ferramenta no acompanhamento psicopedagógico de crianças portadoras de necessidades especiais (Stroh, 2010). Outra parte desses estudos (Sei & Pereira, 2005; Norgren, 2011) refere-se a práticas arteterapêuticas grupais com o objetivo de promoção da saúde.

As propostas de intervenção arteterapêuticas discutidas não se restringem a criança ou jovem com dificuldades de aprendizagem. Intervenções arteterapêuticas com seus familiares auxiliam na diminuição da ansiedade dos mesmos em relação à criança, ampliação do autoconhecimento do familiar e da percepção em relação à criança, colaborando com o desenvolvimento do trabalho psicopedagógico (Saad, 2012; Cardoso & Munhoz, 2013). Também em caráter de exceção ao perfil populacional infantil e jovem atingido pelos estudos desse eixo temático, Szpiczkowsk e Enriques (2007) apresentam experiência de assessoria psicopedagógica por meio da arteterapia com profissionais de uma instituição educacional.

### **1.3.1.2. Contexto Hospitalar**

O eixo temático “contexto hospitalar” refere-se a estudos – em contexto de hospitais – nos quais a arte aparece como ferramenta de trabalho desses profissionais, e é utilizada de modo significativo no sentido de possibilitar vivências das quais esse ambiente promove afastamento (Valladares & Carvalho, 2005, 2006a, 2006b; Valladares & Silva, 2011). Nota-se uma presença maior de publicações por parte de enfermeiros e que abordam práticas arteterapêuticas, sendo parte significativa desses estudos pesquisas de cunho quasi-experimentais (Valladares & Carvalho, 2005, 2006a, 2006b).

Há maior incidência de estudos que exploram o potencial terapêutico da arteterapia com pacientes oncológicos (Barbosa et al., 2007; D’Alencar et al., 2013). Notam-se resultados no desenvolvimento da expressão e autoconhecimento em relação aos afetos envolvidos no processo de tratamento da doença (Vieira et al., 2012; D’Alencar et al., 2013), resgate da autoestima e sensação de bem-estar, tornando os pacientes ativos no processo terapêutico (D’Alencar et al., 2013). Os estudos apresentados sobre a arteterapia no contexto hospitalar não se referem somente a práticas individuais e com os sujeitos hospitalizados, mas também a práticas grupais e

que envolvem seus familiares (D'Alencar et al., 2013). Enquanto parte dos estudos nesse contexto investe em práticas artísticas com objetivo terapêutico, Barbosa et al. (2007) também trabalham com a possibilidade interpretativa do estado emocional dos pacientes por meio da expressão artística dos mesmos.

### **1.3.1.3. Atenção Psicossocial**

O eixo temático “atenção psicossocial” refere-se aos estudos que se identificam com o paradigma da atenção psicossocial, concepção desenvolvida pelo movimento da reforma psiquiátrica iniciado na década de 80, visando superar o modelo hospitalocêntrico (Amarante & Torre, 2017). As estratégias de atenção psicossocial se refletem em práticas interdisciplinares, intersetoriais, envolvendo o território e que consideram o vínculo entre produção de saúde e subjetividade (Yasui & Rosa, 2008). O eixo temático “atenção psicossocial” a ser apresentado não se refere ao contexto, ao “lugar” onde os estudos foram realizados, mas à compreensão que esses estudos têm sobre suas propostas. Assim, no presente eixo temático há artigos, por exemplo, que exploram práticas artísticas no campo da saúde mental com pessoas que não são portadoras de transtorno mental, mas que estão em situação de vulnerabilidade (Reis, 2009; Lima et al., 2013; Corrêa, 2014). Entretanto, há indícios de que nos artigos analisados, o “fazer” psicossocial se funde com o “lugar”, ou seja, com a rede de atenção psicossocial, um tema, certamente, que demanda mais reflexões, posteriormente.

Observa-se que os estudos desse eixo temático são mais heterogêneos que os presentes nos eixos anteriores (hospitalar e psicopedagógico), não só quanto aos seus participantes, mas também em relação aos profissionais e às suas propostas. Em caráter de exceção às propostas presentes nesse eixo temático, o artigo de Machado et al. (2013) relata uma proposta educacional para o tema da atenção psicossocial, aliando a utilização de ferramenta artística para a aprendizagem e avaliação de aprendizado.

As propostas de intervenção com arte presentes no eixo temático Contexto da atenção psicossocial, são majoritariamente chamadas de oficina de arte. Galletti (2001) explica que o termo oficina no contexto da saúde mental engloba uma diversidade grande de propostas terapêuticas e extra-terapêuticas, as quais podem ser divididas em dois grupos: propostas clínicas, de expressão do sujeito, e propostas de reabilitação, que investem na inserção social a partir do trabalho e produção de recursos financeiros. Essa informação coaduna com o que se observa no presente estudo.

Parte significativa dos estudos diz respeito a relatos de experiência e pesquisas realizadas em CAPS (Camargo et al., 2011; Bang et al., 2016). As práticas por meio da arte desenvolvidas nos CAPS são entendidas pelos profissionais enquanto estratégia de cuidado ligada à reforma psiquiátrica e ao modelo psicossocial (Tavares, 2003; Nascimento & Galvanese, 2009). As razões elencadas pelos profissionais dos CAPS para utilizar a ferramenta artística são: “favorecer a comunicação com o paciente; permitir a expressão de emoções e sentimentos; promover a reabilitação; assegurar um espaço de novas experiências para o paciente; possibilitar a construção subjetiva; favorecer a circulação de afetos e de ferramenta terapêutica” (Tavares, 2003, p.36).

Já Nascimento e Galvanese (2009) relatam que o trabalho por meio da arte constitui uma prática social predominante dos CAPS, mas que sua maior parte permanece sem abordar a territorialidade, investindo na arte, devido à sua potencialidade expressiva. Observa-se também a presença de experiências interdisciplinares que atuam aliando território e cultura, sendo práticas caracterizadas pelo seu caráter de transformação, moldável aos interesses do grupo participante-criador (Maluf et al., 2009; Streppel & Palombini, 2011; Liberato & Dimenstein, 2013). Coqueiro et al. (2010), Camargo et al. (2011) e Bang et al. (2016), exploram o caráter socializador da arte, deixando de enfatizar seu entrelaçamento à expressão do individual.

A atividade artística é o lugar privilegiado para o desenvolvimento da sociabilidade, vínculo afetivo e da ação criativa, transformadora, na qual o sujeito é protagonista (Ribeiro, 2007; Silveira et al., 2007; Santos & Romagnoli, 2012; Bandeira & Souza, 2015; Bang et al., 2016; Santos et al., 2016). A ferramenta artística também é vista como um recurso para se trabalhar por meio da potencialidade criadora de seus participantes, usuários e familiares, sem focar a doença (Camargo et al., 2011). Destaca-se nas observações de Bang et al. (2016) e Santos e Romagnoli (2012) que as propostas artísticas foram desenvolvidas à medida que os próprios grupos formalizavam seus interesses, sendo a dimensão cultural do grupo de participantes um aspecto relevante a ser considerado na preparação desse tipo de atividade. Também é necessário que o profissional conheça bem as possibilidades do material artístico escolhido como ferramenta, além de manter uma constância de trabalho a partir do material escolhido, de modo a ampliar o contato dos participantes com esse material (Corrêa, 2014).

Quando o material é reduzido à sua funcionalidade ou à sua estética, ele se torna impessoal, perde seu estatuto, não veicula mensagens, objetifica-se, adocece o ser humano. Sendo assim, na situação clínica, o material que traz a marca do convívio com o terapeuta carrega sentidos e significações, auxilia no cuidado do sofrimento humano (Corrêa, 2014, p.438).

De forma parecida ao eixo temático do contexto hospitalar, relata-se que as práticas artísticas auxiliam na diminuição dos fatores negativos da doença, como angústia, medo, apatia e isolamento social (Coqueiro et al., 2010), diminuição do estresse ocupacional (Rego, 2008), melhora do humor (Siqueira & Lago, 2012) e expressividade (Garcés et al., 2011). A prática artística, mais especificamente por meio da experiência estética, facilita processos de singularização do sujeito (Mecca & Castro, 2009) e de desenvolvimento da autonomia (Moehlecke & Fonseca, 2011). Já Reis (2009), por meio de oficina arteterapêutica em um conselho comunitário aberta aos interessados, observou a contribuição da criação artística e olhar estético para o autoconhecimento e relacionamento interpessoal dos participantes.

Rego (2008) apresenta o único relato de experiência de um programa de qualidade de vida arteterapêutico com profissionais de teleatendimento. Em pesquisa sobre a recepção do público de obras teatrais em torno da temática da loucura, em que os próprios atores estão em sofrimento psíquico, observou-se que “a recepção estética, ao compor uma experiência, apresenta-se como grande aliada no trabalho de transformação do imaginário sobre a loucura, trazendo-a, também, para o lugar do vivível, do contato, do toque, do encontro e da experiência” (Milhomens & Lima, 2014, p. 387). Lima et al. (2013) apresentam implementação de programa terapêutico interdisciplinar, envolvendo estagiários dos cursos de psicologia, terapia ocupacional e belas artes para adolescentes com dificuldades de aprendizagem em um ateliê da universidade. Já Santos et al. (2016) e Silveira et al. (2007) abordam experiências de oficina de teatro do oprimido com usuários de CAPS e hospital dia, respectivamente. Nota-se que a prática do teatro do oprimido privilegia o fortalecimento e reinvenção da participação social, com a proposta de refletir sobre os papéis sociais. Entretanto, outros estudos discutem a relação entre arte, saúde mental e território, descrevendo práticas que ocorrem no território, em espaços culturais, fora do serviço de saúde (Maluf et al., 2009; Streppel & Palombini, 2011; Liberato & Dimenstein, 2013; Pommer & Rocha, 2015;).

Maluf et al. (2009) relatam a experiência de um coral de caráter intersetorial, agregando Centro de Convivência, Associação, Universidade e Centro Cultural, transdisciplinar, com profissionais das áreas de música, psicologia e terapia ocupacional, por meio de ações artísticas para grupos heterogêneos, reunindo portadores de transtorno mental, pessoas em situação de vulnerabilidade e demais pessoas interessadas. Galvanese et al. (2013) e Pommer e Rocha (2015) sugerem que o desenvolvimento da reforma psiquiátrica requer que o cuidado da saúde seja expandido a outros âmbitos além dos dispositivos de saúde, como no campo artístico e cultural. Essa proposta coaduna com o perfil traçado por Amarante e Torre (2017) sobre as novas propostas vislumbradas no campo de intersecção entre arte e saúde mental, que se autonomizam em relação aos dispositivos de saúde e tratam a arte enquanto atividade cultural.

A Nau (grupo de teatro) busca desinstitucionalizar a Desinstitucionalização: se a Reforma Psiquiátrica obteve seu ponto de pico quando ousou conversar com a cidade, inserir aqueles que estavam condenados a não participar dela em processos de responsabilização de si e com a vizinhança, com o uso do dinheiro, com a vida; ela foi retrocedida ficando segregada a um debate apenas no campo da Saúde (Mental) (Pommer & Rocha, 2015, p.158).

A intervenção urbana “Receituário Mais que Especial” caminha nesse sentido, problematizando por meio de performance artística sobre o que é cuidado em saúde e atuando diretamente com a população (Zanchet et al., 2015). Tavares (2003) e Volz et al. (2015) observam que a arte é vista como atividade-meio e não fim de desenvolvimento, sendo também inspiração para o desenvolvimento de atividades de geração de renda. “A arte no CAPS possui uma função muito mais social do que clínica, sendo a sua função transcendente e estética menos valorizada” (Tavares, 2003, p. 38). As cooperativas sociais e as oficinas de geração de trabalho e renda, nas quais a prática artística pode estar presente, se constituem como recursos para a reinserção social, pela via do trabalho, nas quais se aprende, trocam-se experiências, estabelecem-se redes sociais (Volz, 2015).

Coqueiro et al. (2010) sinalizam que a oficina de arte oferecida por eles não era de interesse de todos os usuários do CAPS e a importância disso ser respeitado. Moraes et al. (2014) também observaram que a argiloterapia pode não ser uma ferramenta

necessariamente agradável a todos participantes, relatando que um paciente não aderiu a proposta, pois se sentia mal em manusear a argila, propiciando sintomas psicóticos. Mesmo sendo pequenas observações frente a uma vasta quantidade de material alegando as qualidades das práticas artísticas no campo da saúde mental, Coqueiro et al. (2010) e Morais et al. (2010) dialogam com o que Scope et al. (2017) afirmam sobre a necessidade de considerar os interesses do sujeito, e a necessidade de investigar mais aprofundadamente os possíveis malefícios dessas práticas.

No campo da atenção psicossocial, faz-se necessário lembrar do papel do Projeto Terapêutico Singular, que visa justamente particularizar o cuidado do usuário do CAPS, conforme o mapeamento de seus interesses e necessidades. Outra reflexão suscitada a partir do comentário de Coqueiro et al. (2010) refere-se à necessidade dos projetos no campo da saúde mental estarem constantemente abertos ao autoquestionamento e críticas de seus participantes: até que ponto a proposta se faz pertinente à vida desses usuários? “Embora a não padronização das atividades garanta espaço para a criatividade dos técnicos e para a abordagem individualizada dos usuários ela pode, paradoxalmente, produzir um abismo entre as propostas do serviço e as necessidades dos usuários” (Nascimento & Galvanese, 2009, p. 14).

Estudos mais recentes, posteriores a coleta de dados da presente pesquisa, também tratam de experiências que podem ser incluídas no eixo temático atenção psicossocial. Alice (2015) e Olivares et al. (2017) discutem a utilização da performance como dispositivo terapêutico, observando que a vivência corporal facilita o desenvolvimento do autoconhecimento. Luci et al. (2015) e Mendes et al. (2016) tratam de experiências de oficinas de teatro no atendimento a pessoas em sofrimento psíquico. Luci et al. (2016), mais especificamente, relatam uma experiência de Teatro do oprimido com moradores de uma residência terapêutica, a qual auxiliou na redescoberta e reinvenção dos participantes sobre si, como protagonistas. Já Germany et al (2017) realizam uma aproximação da arte e saúde mental, a partir de uma intervenção artística, na qual uma artista, em um encontro de saúde mental, propõe uma atividade de expressão artística.

### **1.3.2. Artigos Teóricos**

Os artigos teóricos presentes na amostra podem ser observados na Tabela 3. Eles estão divididos em torno de dois eixos temáticos: investigações históricas acerca das relações entre arte, saúde mental e seus personagens (nove artigos); e estudos que

discutem as possibilidades de trabalho por meio da arte em diferentes contextos (12 artigos).

Tabela 3 – Estudos Teóricos

ESTUDOS TEÓRICOS (N = 21)					
Eixo temático	Título	Autor	Ano	Revista	Área
Investigações históricas acerca das relações entre arte e saúde mental	Por uma arte menor: ressonâncias entre arte, clínica e loucura na contemporaneidade.	Lima, E. M. F. A.	2006	Interface-Comunicação, Saúde, Educação	Saúde
	Resistência, inovação e clínica no pensar e no agir de Nise da Silveira.	Castro, E. D., & de Araújo Lima, E. M. F.	2007		
	A produção e a recepção dos escritos de Qorpo-Santo: apontando transformações nas relações entre arte e loucura	Lima, E. M. F. A.	2010		
	Arte, clínica e loucura: um território em mutação.	Lima, E. M. F. A., & Pelbart, P. P.	2007	História, Ciências, Saúde-Manguinhos	História da ciência e da saúde
	Machado de Assis e a psiquiatria: um capítulo das relações entre arte e clínica no Brasil.	Lima, E. M. F. D. A.	2009		
	A loucura em Foucault: arte e loucura, loucura e desrazão.	Providello, G. G. D., & Yasui, S.	2013		
	Nise da Silveira, Antonin Artaud e Rubens Corrêa: Fronteiras da Arte e da Saúde Mental	Melo, W.	2009b	Revista Interinstitucional de Psicologia	Psicologia
	Nise da Silveira, Fernando Diniz e Leon Hirszman: política, sociedade e arte.	Melo, W.	2010a	Psicologia USP	
	A imaginação ativa junguiana na Dança de Whitehouse: noções de corpo e movimento.	Farah, M. H. S.	2016		
Estudos que discutem as possibilidades de trabalho por meio da arte em diferentes contextos	Arteterapia para crianças.	Aiello-Vaisberg, T. M. J.	1999	Pedriatria Moderna	Medicina
	Arte, salud y comunidad.	González, H. M., López, L. S., & Pérez, M. D. J. S.	2004	Hospital Psiquiátrico de La Habana	Psiquiatria e Psicologia
	Introdução da arte na psicoterapia: enfoque clínico e hospitalar.	Vasconcellos, E. A., & Giglio, J. S.	2007	Estudos de Psicologia (Campinas)	Psicologia
	A ludoterapia na doença crônica infantil.	Barros, D. M. S. & Lustosa, M. A.	2009	Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar	
	Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo.	Reis, A. C. D.	2014	Psicologia: Ciência e Profissão	

Arte Terapia como posible herramienta en tratamientos psicopedagógicos.	Farias, A.	2009	Construção psicopedagógica	Psicopedagogia
Intuição e Resiliência - uma combinação possível no trabalho com crianças no contexto de reabilitação	Duarte, C. A.	2011		
Identificação dos estilos cognitivo-afetivos de heróis dos contos e de sujeitos, em situações de aprendizagem, sob o enfoque sob o enfoque psicopedagógico-arteterapêutico.	Fagali, E. Q. & Lacava, L.	2013		
O vocabulário do criador os seis elementos das artes plásticas como ferramentas para terapeutas e educadores: qualidades e aplicações	Souza, L. B. de O. e.	2013		
A arte na promoção da resiliência: um caminho de intervenção terapêutica ocupacional na atenção oncológica.	Elmesany, E. N. M.	2010	Revista do NUFEN	Psicologia, Fenomenologia e interfaces
Swan song: el advenimiento del núcleo psicótico.	Zúniga, F. M.	2012	Revista colombiana de psiquiatria	Psiquiatria
Vibrações possíveis: Arte/Educação e Saúde Mental na Contemporaneidade	Aversa, P. C.	2014	ARS	Arte

Os artigos de caráter teórico analisados também contribuem para a discussão do campo de intersecção entre arte e saúde mental, no sentido de resgatar sua história (Melo, 2010a; Providello & Yasui, 2013) e refletir sobre as práticas atuais (Lima & Pelbart, 2007; Lima, 2009; Aversa, 2014). O trabalho desenvolvido por Nise da Silveira é um dos temas de interesse de parte dos artigos teóricos. Castro e Lima (2007) realizam resgate do trabalho desenvolvido pela psiquiatra, demonstrando de que maneira ela redimensionou o trabalho da terapia ocupacional e articulou arte, loucura e cultura. Discute-se como o trabalho da psiquiatra foi influenciado por Antonin Artaud e Rubens Corrêa (Melo, 2009b), e ainda sobre o filme “Imagens do Inconsciente”, realizado por Leon Hirzman (Melo, 2010a). O trabalho desenvolvido pela terapeuta bailarina Mary Starks Whitehouse no campo de relação entre arteterapia e dança, *Dança Autêntica*, já não tão conhecido no Brasil, também é alvo de investigação (Farah, 2016).

Nos estudos teóricos, também se apresentam estudos explorando o campo da literatura (Lima, 2009, 2010). Por meio da obra de Machado de Assis, problematiza-se o discurso da arte psicopatológica (Lima, 2009). Já em outra investigação, Lima (2010) resgata um escritor desconhecido do público em geral, Qorpo Santo, circunscrevendo



sua obra em relação aos âmbitos da arte, loucura e clínica. Também em relação ao contexto histórico, discute-se as mudanças na recepção de obras de arte realizadas em contexto clínico (Lima, 2006) e nas relações entre arte e saúde mental no Brasil nos séculos XIX e XX (Lima e Pelbart, 2007). Já Providello e Yasui (2013) abordam as relações entre arte e loucura por meio das ideias de Foucault, Peter Pál Pelbart e Deleuze.

Em diálogo com estudos empíricos que tratam de propostas de desinstitucionalização (Pommer & Rocha, 2015; Zanchet et al., 2015), Aversa (2014) reflete sobre o entrelaçamento entre arte, clínica e loucura na contemporaneidade, propondo que a arte-educação contemporânea se aproxima da proposta da reforma psiquiátrica, justamente por aproximar arte e vida e resgatar para si o que é próprio da arte. Desse modo, Aversa (2014) demonstra que a arte-educação contemporânea é uma aliada da concepção psicossocial naquilo que é extraclínico, por não se fixar no caráter terapêutico da arte; e que a ênfase no enfoque terapêutico designado ao trabalho com a arte no campo da saúde mental contradiz justamente o que a concepção psicossocial defende, que é não focar a patologia, mas enxergar o sujeito por trás do diagnóstico.

(...) ensinar arte àqueles que, até poucos anos atrás, eram excluídos das relações sociais, é uma forma de devolver-lhes cidadania e condições de enlace social, oferecendo o campo da arte como território de existência, de experiência estética e como dispositivo de produção de subjetividade; já que a arte, na lógica da Reforma Psiquiátrica, é considerada como uma atividade que é humana e cultural antes de ser estritamente terapêutica (Aversa, 2014, p.159).

Estudos acerca da arteterapia compõem parte significativa dos artigos teóricos analisados. Destaca-se que a arteterapia auxilia pessoas com doenças crônicas a lidar de maneira mais favorável com as dificuldades da rotina hospitalar (Vasconcellos & Giglio, 2007; Barros & Lustosa, 2009; Elmescany, 2010). Já Aiello-Vaisberg (1999) enfoca as possibilidades de intervenção com crianças e Duarte (2011) com pessoas portadoras de necessidades especiais. Observa-se na arteterapia uma ferramenta para resgatar a autonomia e autoestima de crianças e jovens com dificuldades de aprendizagem (Farias, 2009; Fagali & Lacava, 2013). Sugere-se que a arteterapia seja um espaço provocador de conhecimentos, pelo estímulo à criatividade e trabalho grupal (Farias, 2009).

Reis (2014) reflete sobre a utilização da arteterapia pelos psicólogos, tratando sobre a constituição desse campo na Psicologia e suas principais abordagens teóricas. Dentre os artigos, apresenta-se também a proposta de estudar psicopatologia por meio de expressões artísticas (Zúniga, 2012) e estudo que aborda os elementos plásticos no campo das artes visuais que podem ser explorados no campo pedagógico ou terapêutico por meio da ferramenta artística (Souza, 2003). Gonzáles et al. (2004) apresentam as atividades de terapia artística que o Hospital Psiquiátrico de Habana possui desde 1959.

### **1.3.3. Do perfil do campo às questões metodológicas**

A extensa parte dos estudos (42 dos 64 artigos) analisados refere-se a pesquisas empíricas, relatos de experiência e séries de casos. Nesse sentido, seria possível deduzir que os conhecimentos acerca das práticas que relacionam arte e saúde mental na atualidade são pautados principalmente pela troca de experiências.

Entretanto, por meio da análise realizada nos artigos selecionados, observam-se aspectos que dificultam a leitura sobre os fenômenos descritos nos mesmos. Na comparação entre o conhecimento da área relatado na introdução dos estudos e o que os dados empíricos evidenciam nos resultados, alguns estudos não apontam avanço no conhecimento: não são questionados nem adicionados conteúdos em relação ao constructo teórico já existente que afirma as potencialidades da arte no campo da saúde mental. Nesse sentido, há indícios de um movimento de homogeneização de discursos.

Outro aspecto metodológico a ser observado refere-se à descrição da experiência realizada nos relatos de experiência e, no caso de pesquisas empíricas, também sobre a descrição da coleta e análise de dados. A descrição do trabalho realizado torna possível conhecer a prática que está sendo estudada, de modo a compreendê-la, replicá-la e compará-la a outras práticas. Em Rego (2008), Norgren (2011), Cardoso e Munhoz (2013) e Morais et al. (2014), por exemplo, nota-se que a descrição mais aprofundada das atividades realizadas por meio da ferramenta artística contribuiria para compreender suas semelhanças e diferenças a outros estudos, para além das perspectivas ideológicas e teóricas apontadas no decorrer dos artigos. Na pesquisa de Milhomens e Lima (2014), a escassez de informação sobre as peças que foram assistidas pelos participantes de pesquisa e de descrição aprofundada sobre os mesmos, dificultam ao leitor compreender o alcance dos resultados alcançados.

A necessidade de considerar diferentes variáveis para avaliar os efeitos de uma intervenção e adequar o método de investigação escolhido às possibilidades de alcance

de resultados mostra-se relevante (Polity, 2009; Norgren, 2011; Valladares & Silva, 2011). O objetivo do estudo de Cardoso e Munhoz (2013), realizado por meio de estudo de caso com mães de crianças com dificuldades de aprendizado em fila de espera na Clínica-Escola foi “comprovar, por meio dos atendimentos efetuados com utilização de técnicas de arteterapia, que seria possível proporcionar a essas mães uma significativa diminuição do nível de ansiedade causado pela espera de atendimento a seus filhos, além de uma melhora na compreensão dos seus problemas” (p.52). Trata-se de um estudo de caso, no qual não há manipulação de variáveis por meio das quais seria possível comprovar tal impressão acerca da intervenção realizada.

É de valia notar que há estudos com maior atenção metodológica: Valladares e Carvalho (2005) descrevem os critérios de exclusão da amostra de pesquisa quantitativa, de modo que se diminuam possíveis interferências nos resultados apresentados. E Oliveira (2013) descreve o processo ocorrido nas sessões realizadas, inclusive as suas ações que não alcançaram os objetivos planejados. Nesse sentido, como Reynolds et al. (2000); Correia e Torrenté (2016) e Scope et al. (2017), o presente estudo aponta que as investigações empíricas no campo de intersecção entre arte e saúde mental apresentam grande diversidade de modos de descrever as populações estudadas e superficialidade na descrição dos participantes. Acresce-se a essas características, a superficialidade na descrição do processo das práticas estudadas (Reynolds et al., 2000; Scope et al., 2017) e na descrição dos métodos de coleta e análise de dados.

A análise dos artigos evidenciou, também como Reynolds et al. (2000), Correia e Torronté (2016), e Scope et al. (2017), que os resultados apresentados sobre as experiências por meio da arte são hegemonicamente positivos. Entretanto, ao se debruçar sobre o relato dessas experiências e pesquisas, além da compilação de seus resultados, é possível observar que esse caráter expansivo de qualidades apresentadas em relação à ferramenta artística pode expressar um problema de construção do conhecimento em evidências.

Parte significativa dos artigos analisados, que utilizam ou não o termo arteterapia (Coqueiro et al., 2010; Camargo et al., 2011; Bang et al., 2016), aponta na sua introdução a arte como um recurso que coaduna com os princípios e contexto da nova – ou não tão nova assim – perspectiva da reforma psiquiátrica. Ao mesmo tempo, as investigações tratam de características diversas sobre o que entendem ser a utilização da arte como recurso nesse contexto, referindo-se à possibilidade de reinserção social, potencial transformador, terapêutico, expressivo, de autonomização do sujeito etc. Além

disso, muitas vezes o processo da prática investigada não é acessível ao leitor para que ele possa acompanhar a reflexão realizada pelo estudo. Nesse sentido, há indícios de certa naturalização da compreensão de que toda atividade com ferramenta artística pertence às repercussões da reforma psiquiátrica, o que os estudos históricos nos deixam claro que não (Andriolo, 2004; Ferraz, 1998).

É curioso notar nos artigos analisados, a descrição de duas características associadas à ferramenta artística, e que são costumeiramente entendidas de forma polarizada, que referem ao seu potencial socializador e de expressão do singular. Especialmente presente no eixo temático “atenção psicossocial”, há a presença de estudos que em suas reflexões indicam, considerando a proposta da reforma psiquiátrica, a característica socializadora da arte como o aspecto de maior potencial. Esses estudos denotam a característica de expressão do singular da arte como um aspecto que foi importante em um determinado momento histórico, com nos trabalhos de Nise da Silveira, por exemplo, mas que necessita ser ultrapassado para não permanecer nas amarras de uma terapêutica por meio da arte (Bang et al., 2016). Outros, como Barbosa et al. (2007), dos eixos temáticos do contexto hospitalar e psicopedagógico, privilegiam a expressão do singular, descrevendo intervenções arteterapêuticas grupais e individuais.

Em contraposição a essas perspectivas polarizadas, é possível vislumbrar uma terceira perspectiva (Cardoso & Munhoz, 2013), que descreve em seus resultados ambas as potencialidades da arte. Essa diversidade de caracterizações feitas sobre as potencialidades da arte para o trabalho no campo da saúde mental demonstra a amplitude de possibilidades de trabalho com as ferramentas artísticas no campo da saúde mental. Porém, com a possível confusão entre o “fazer” e o “lugar”, essa amplitude de possibilidades pode ser restringida a um modelo hegemônico.

Diante das fragmentações retratadas, é possível notar característica comum nos estudos analisados. Embora alguns estudos explorem contextos diferentes – arteterapia em contexto psicopedagógico, hospitalar, e atenção psicossocial – eles ressaltam o potencial da arte de resgatar a autonomia de seus participantes, por meio do desenvolvimento da criatividade e do sujeito se colocar em papel ativo, criador (Elmescany, 2010; Duarte, 2011; Moehlecke e Fonseca, 2011).

Das discussões atuais acerca da relação entre arte e saúde mental, observa-se o movimento de tratar a ferramenta artística não apenas por seu viés terapêutico, mas de resgatar sua potência enquanto arte e produção cultural (Maluf et al., 2009; Pommer e

Rocha, 2015). O movimento da reforma psiquiátrica é utilizado como justificativa para o resgate do caráter artístico do trabalho com a ferramenta artística no campo da saúde mental, de modo a aliar arte e vida (Aversa, 2014). Nesse sentido, abre-se espaço para a arte-educação e oficinas de arte e geração de renda no campo da saúde mental, as quais preocupam-se com o trabalho em território e inserção social dos participantes (Antunes et al., 2002; Volz et al., 2015).

Faz-se necessário acompanhar essas novas propostas, também em relação ao processo de suas práticas, de modo a compreender melhor o que se quer dizer e fazer em relação à arte enquanto atividade cultural. Há indícios de que essa perspectiva apresente nuances sobre a compreensão do que seja desenvolver a inserção social ou trabalhar em território. Segundo Antunes et al. (2002), trata-se da arte como função última pedagógica, na qual o participante tem a possibilidade de ampliar seus recursos técnicos e de apreciação da própria produção e de obras consagradas. Além de considerar a potencialidade criativa, investe-se aqui na potencialidade cultural, a arte como forma de acesso à cultura e desenvolvimento humano, – nesse sentido, formação em arte, não de aprender técnicas, mas conhecer e ampliar repertório – e sofisticação da habilidade expressiva.

Aversa (2014), nesse sentido, esclarece que se trata de dialogar com a arte-educação contemporânea, não a do academicismo, que hierarquiza a cultura, nem da influência da Escola Nova que exalta a romântica livre expressão. Trata-se de aliar a arte-educação que compreende o fazer, expressar e refletir.

ensinar arte àqueles que, até poucos anos atrás, eram excluídos das relações sociais, é uma forma de devolver-lhes cidadania e condições de enlace social, oferecendo o campo da arte como território de existência, de experiência estética e como dispositivo de produção de subjetividade; já que a arte, na lógica da Reforma Psiquiátrica, é considerada como uma atividade que é humana e cultural antes de ser estritamente terapêutica (Aversa, 2014, p.159).

Assim, é possível afirmar que o movimento relatado por Amarante (2017) ainda acontece de forma tímida no cenário nacional. A vasta parte dos estudos analisados, mesmo no eixo temático “atenção psicossocial”, refere-se a práticas dentro dos serviços de saúde, sem ligação com o território, e a arte permanece vinculada a uma concepção de “recurso” – na qualidade de instrumental – terapêutico. Paralelamente, é também a

vasta parte dos estudos analisados que identifica seu posicionamento com o movimento da reforma psiquiátrica e suas repercussões. Faz-se necessário articular reflexões com os profissionais do campo artístico (Galvanese, 2014).

(...) nos atuais serviços, a perspectiva radical da construção de um novo modelo requisita justamente a reinvenção das práticas de cuidado. A essa tendência correspondem tanto uma tímida exploração da arte e da cultura como via de ampliação das redes de relações dos usuários quanto sua invisibilidade para gestores e equipes (Galvanese, 2016, p. 446).

#### **1.4. Considerações Finais**

O presente estudo almejou traçar um panorama dos estudos científicos realizados no campo de diálogo entre arte e saúde mental. A produção científica na área é composta majoritariamente por estudos empíricos e que identificam suas propostas com o movimento da reforma psiquiátrica. Estes delineiam propostas de aproximação com a arte, compreendendo-a como terapêutica, e mais recentemente enquanto prática extraclínica, que alia território e cultura. Assim, é possível dizer que o campo de diálogo entre arte e saúde mental está em transformação e que é foco de interesse de estudos acadêmicos.

Os artigos teóricos investigados se configuram em dois eixos temáticos: um primeiro eixo mais direcionado a questões históricas – que evidenciou a recuperação das relações de diferentes personagens para a história do campo de intersecção entre arte e saúde mental. Além dos nomes Nise da Silveira e Osório Cesar, conhecidos na literatura científica brasileira da área, esses artigos apresentam outras discussões para a compreensão desse campo, como os trabalhos de Qorpo-Santo e Whitehouse –, e um segundo eixo, de estudos que discutem as possibilidades de trabalho por meio da arte em diferentes contextos e que trata de reflexões teóricas acerca das práticas atuais que aliam arte e saúde mental.

Os artigos empíricos são majoritariamente relatos de experiência e pesquisas de natureza qualitativa, configurados em três blocos - Contexto psicopedagógico, Contexto hospitalar e da Atenção Psicossocial – como três eixos temáticos que configuram a amostra dos artigos empíricos, sendo que o último compõe a maior parte dos estudos. Diferentes profissionais da área da saúde e ferramentas artísticas compõem esses estudos. Porém, notou-se que o público-alvo majoritário das ações são adultos em

sofrimento psíquico ou não. As poucas propostas com crianças estão presentes em sua maior parte no eixo temático Contexto psicopedagógico.

Os eixos temáticos Contexto psicopedagógico e Contexto hospitalar mostram experiências do trabalho com a ferramenta artística relatando principalmente o desenvolvimento do autoconhecimento, autoestima e autonomia dos participantes. Dos artigos empíricos, as práticas individuais são minoritárias e estão presentes justamente em parte dos estudos nesses dois contextos. O eixo temático Atenção psicossocial contempla estudos que alegam se identificar com essa perspectiva. Nota-se nesse eixo propostas grupais e majoritariamente dentro do serviço de saúde. As intervenções estudadas são diversas em relação ao enfoque de trabalho com a ferramenta artística: caráter expressivo da arte, terapêutico, da possibilidade de inserção social. Nota-se também a escassez de estudos que invistam na possibilidade interpretativa da arte no contexto da saúde mental, perspectiva que anteriormente foi muito trabalhada, inclusive pelo trabalho de Nise da Silveira.

Importante destacarmos, como limitação do presente estudo, a falta de sistematização mais acurada dos estudos analisados. Isso deveu-se também pela escassez de elementos de descrição das atividades realizadas e método de coleta e análise de dados aplicados. Observa-se que direcionamentos metodológicos dos novos estudos seriam valiosos para o desenvolvimento do campo. Com o intuito de contribuir para a construção do conhecimento na área, sugere-se a realização de pesquisas direcionadas à avaliação de resultados, investigando também os possíveis malefícios do trabalho com a ferramenta artística e duração dos efeitos terapêuticos. Ainda são escassos os estudos que investiguem ou que ao menos relatem possíveis malefícios do trabalho com arte. É também interessante investigar os efeitos da atividade artística em relação a outras práticas, de modo a explorar a especificidade da arte em relação a outras propostas.

Não menos importante, indica-se a necessidade de aprimorar a qualidade dos relatos de experiência e demais estudos empíricos, no sentido de privilegiar a descrição do processo das práticas investigadas e de sua coleta e análise de dados. Por meio da descrição torna-se possível ao leitor conhecer as práticas do campo, para além dos recursos teóricos e ideológicos. Chama atenção em relação aos artigos analisados, o caráter homogeneizante que as propostas no campo da saúde podem tomar, no sentido de restringir as possibilidades de intervenção de um “fazer”. No contexto da atenção psicossocial, é possível notar certa depreciação das atividades expressivas, por elas

estarem próximas a uma perspectiva terapêutica, como se essas ferramentas tivessem perdido seu valor frente a pessoa em sofrimento psíquico.

A partir desse estudo, também se observou que o campo de investigação sobre a articulação entre arte e saúde mental é massivamente construído por profissionais da área de saúde, justamente os responsáveis por estruturar essas práticas nos serviços de saúde. Desse modo, articular práticas que compreendem a arte enquanto atividade cultural, inevitavelmente requer a contribuição dos profissionais do campo artístico, tornando esse diálogo um desafio ao campo.



## CAPÍTULO II

### OS SENTIDOS DE UMA OFICINA DE ARTE NO CONTEXTO DA ATENÇÃO À SAÚDE MENTAL

#### 2.1. Introdução

A arte tem acompanhado propostas voltadas à saúde mental desde o século XIX (Ferraz, 1998). No Brasil, a presença da arte no campo da saúde mental possui como marco o trabalho desenvolvido pelos psiquiatras Osório Cesar (1895-1979) e Nise da Silveira (1905-1999). A proposta desses psiquiatras contou com o diálogo com os artistas e críticos de arte do período moderno brasileiro e produções internacionais no campo de discussão sobre arte e saúde. Ambos são reconhecidos pelas práticas pioneiras que desenvolveram por meio da arte (Dias, 2003; Reis, 2014), por reconhecerem o potencial criador inerente aos seus pacientes, privilegiarem a expressão artística criativa como meio de expressão e – no caso específico de Nise da Silveira – de integrar a arte ao contexto terapêutico.

Observa-se que as propostas de cuidado, a partir da arte, no campo da saúde mental, se disseminaram com os desdobramentos da reforma psiquiátrica brasileira. Isto é, surgiram os serviços substitutos e junto a eles, intervenções de cuidado por meio da arte, especialmente oficinas grupais, as quais coadunam com a proposta de cuidado em liberdade, visando a reinserção social. Verifica-se na produção científica que essas propostas de intervenção se identificam com os princípios da reforma e atenção psicossocial para justificar suas proposições, considerando a arte no campo da saúde mental como meio para a produção de subjetividade, catalisação de afetos, engendramento de territórios e reabilitação psicossocial (Tavares, 2003; Nascimento & Galvanese, 2009).

Parte significativa dos estudos da área diz respeito a relatos de experiência e pesquisas realizadas sobre oficinas grupais em Centros de Atenção Psicossocial (Camargo et al., 2011; Bang et al., 2016). Embora as proposições que aliem arte e saúde mental aconteçam majoritariamente dentro das instituições e estejam restritas aos usuários da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), sem explorar a territorialidade (Nascimento & Galvanese, 2009), parte das propostas consideram o trabalho com a ferramenta artística como uma prática que deve aliar o território e cultura (Amarante, 2017).

Desse modo, observam-se mudanças de perspectiva desde a segunda metade do século XX: Nise da Silveira apontava uma perspectiva pioneira de trabalho com arte, não sendo reconhecida em um primeiro momento pelos profissionais de saúde, os quais viam, na arte, um recurso diagnóstico sobre o sujeito (Melo, 2009a; Silveira, 1966, 1986). Enquanto sua proposta enfatizava na arte, o caráter expressivo e terapêutico (Melo, 2009a), atualmente há uma proliferação de propostas de intervenções artísticas no campo da saúde mental que investem na arte como produção cultural para a reabilitação psicossocial (Amarante e Torre, 2017).

O campo que alia arte e saúde mental é atualmente caracterizado pela heterogeneidade de profissionais da saúde e abordagens teóricas (Reis, 2014). As investigações na área são compostas majoritariamente por estudos empíricos, em grande parte, relatos de experiência e pesquisas qualitativas de oficinas em grupo, de autoria de profissionais da saúde, e que apontam os benefícios dessas práticas (Correia & Torronté; 2016; Reynolds et al., 2000; Scope et al., 2017). Tavares (2003) constata que grande parte dessa literatura que é escrita por profissionais da saúde, relata a relevância da ferramenta artística, porém não se interessa em se aprofundar no campo artístico, demonstrando um nível de apropriação empírica em relação à arte. Além disso, parte considerável das pesquisas que se dizem qualitativas ou relatos de experiência nessa área, carece de descrição detalhada acerca do trabalho realizado e da análise de dados (Correia e Torronté, 2016; Reynolds et al., 2000; Scope et al., 2017).

Desse modo, o objetivo desta pesquisa é compreender os sentidos de uma oficina de arte para membros de uma Associação de pessoas que participam da Rede de Atenção Psicossocial (usuários da RAPS, ex-usuários, seus familiares e profissionais). Embora a investigação seja mais uma pesquisa empírica qualitativa, se destaca pelo contexto da oficina ser independente ao dispositivo de saúde, pelo seu enfoque artístico e pela ênfase na descrição do processo. Assim, pretende-se contribuir para o aprimoramento do cuidado de sujeitos em sofrimento psíquico, usuários da Rede de Atenção Psicossocial.

## **2.2. Método**

### **2.2.1. Tipo de estudo**

Trata-se de pesquisa empírica qualitativa de natureza exploratória que se circunscreve a partir do recurso epistêmico da Fenomenologia, que pode ser definida como o estudo das estruturas da experiência, sendo caracterizada por um movimento de busca constante pelas essências e que alcança verdades em perspectivas sobre o fenômeno em questão, podendo ainda ser entendida enquanto filosofia, ciência, método e epistemologia (Andrade & Holanda, 2010; Holanda, 2009). Nas pesquisas em psicologia, a apropriação da fenomenologia é realizada enquanto recurso qualitativo-descritivo para análise de dados ou como fundamento das ciências humanas (Castro, 2013). A transposição do método fenomenológico filosófico, o qual acontece em primeira pessoa, para o método fenomenológico empírico de pesquisa implica em questionamentos sobre suas premissas metodológicas (Branco, 2014; Feijoo & Goto, 2016), de modo que, o que se propõe na presente pesquisa é a presença da fenomenologia enquanto embasamento epistêmico para a investigação, como fundamento (Andrade & Holanda, 2010).

A pesquisa fenomenológica, embora costume ser expressa por um determinado perfil de estudo empírico, não necessita se circunscrever a um determinado tipo de coleta e análise de dados. “Não há nada na natureza da abordagem fenomenológica que a confine em uma prática isolada” (Spielberg, citado por Bradbury-Jones et al, 2008, p. 667, citação nossa). A pesquisa fenomenológica, como outras abordagens qualitativas, considerando a intersubjetividade inerente ao processo de pesquisa, também deve ser flexível em relação à condução do caminho de pesquisa planejado (Minayo, 2008; Andrade & Holanda, 2010).

Como proposta descritivo-compreensiva, a pesquisa fenomenológica ocorre a partir da vivência em primeira pessoa, podendo ser desenvolvida por meio de qualquer objetificação da experiência vivida pelo participante de pesquisa (Amatuzzi, 1996; Feijoo & Goto, 2016). Destacam-se três aspectos que devem nortear uma pesquisa fenomenológica (Amatuzzi, 1996): 1) A consideração da inerente intersubjetividade presente em qualquer relação, inclusive entre pesquisador e participante de pesquisa. “Diríamos que o vivido é surpreendido na relação, pela própria pessoa, que lhe comunica, facilitada pelo pesquisador” (Amatuzzi, 2011, p.21). Nesse sentido, o vivido pelo participante de pesquisa não é um fenômeno que se mostra de antemão, mas é acessado em versões, na relação pesquisador-participante de pesquisa, estabelecendo

sentidos. 2) O entendimento de que a vivência é o campo de investigação privilegiado; 3) A presença da atitude fenomenológica durante o processo de pesquisa, de modo a ter abertura para conhecer o fenômeno estudado. Essa atitude fenomenológica refere-se ao exercício de vislumbrar os significados da vivência do participante de estudo, suspendendo temporariamente os conhecimentos a priori.

### **2.2.2. Contexto de Estudo**

O contexto de estudo é o das associações ligadas à RAPS. A RAPS, à qual se integra o Sistema Único de Saúde (SUS) constitui uma rede de serviços e equipamentos de atenção às pessoas com transtorno mental, estando presentes da atenção primária à atenção terciária de saúde, e suas diretrizes visam a descentralização dos serviços para sua territorialização, funcionamento em rede, assistência multiprofissional sob a lógica interdisciplinar, participação e controle social da população (Brasil, 2011).

O presente estudo foi desenvolvido em uma Associação, fundada há menos de cinco anos, por pessoas usuárias da RAPS de Curitiba. A Associação – privada e sem fins econômicos – conta com contribuições de profissionais da saúde, mas é independente do sistema de saúde. É composta por usuários, ex-usuários, familiares e profissionais que participam da Rede de Atenção Psicossocial da cidade de Curitiba, Paraná. A Associação é uma iniciativa de geração de trabalho e renda, e apresenta como um de seus objetivos, promover a formação de seus associados, desenvolvendo seus potenciais e interesses para a promoção da cidadania e reinserção social, constituindo-se como estratégia de reabilitação psicossocial. Por ser uma Associação recente, ainda não haviam sido constituídos muitos grupos de trabalho. No período de investigação, além de já contarem com um grupo de trabalhos manuais na Associação, aconteceram oficinas de jardinagem e confecção de vasos com pneu.

O perfil de pessoas em sofrimento psíquico, usuárias de CAPS, que compõem a Associação, pode ser vislumbrado pelo estudo de Oliveira et al. (2017), que apresenta pesquisa sociodemográfica sobre um CAPS II que, mesmo se referindo a apenas um contexto específico, não sendo possível generalizar seus resultados para a totalidade da população da Associação, traz uma perspectiva sob o contexto desta. O perfil de usuários do centro pesquisado é composto principalmente por mulheres, entre 41 a 50 anos, com a prevalência de diagnóstico de depressão, seguido da Associação da depressão ao transtorno bipolar. A maior parte dos usuários do CAPS é alfabetizada, mas não concluiu o primeiro grau. A renda mensal familiar gira em torno de dois e três

salários mínimos, sendo que atualmente a maior parte dessas pessoas está desempregada ou afastada do trabalho. Em relação a atividades anteriores, grande parte dos usuários era prestador de serviços, tendo se afastado por não se identificar com a ocupação, ou por motivo de adoecimento mental. Oliveira et al. (2017) constataram que no CAPS pesquisado, os usuários tinham duas habilidades ocupacionais principais que poderiam ser aproveitadas em projetos de reinserção social: a jardinagem, seguida do trabalho manual.

### **2.2.3. Seleção de Participantes**

A seleção dos participantes para a oficina foi realizada por meio de convite aos membros da Associação e demais interessados em ingressá-la. Os critérios de seleção foram: que a pessoa fosse maior de idade, membro da Associação e apresentasse interesse e disponibilidade em participar da oficina. O convite foi realizado por meio da divulgação impressa – folder e cartaz – da oficina (Anexo 2), e apresentação presencial sobre a mesma na sede da Associação e em todos os CAPS para adultos de Curitiba e de Pinhais (região metropolitana de Curitiba). Também foi realizada divulgação na página da Associação em uma rede social. Privilegiou-se fazer o convite nas assembleias de usuários, mas em alguns CAPS, o convite, com a distribuição de folders e cartaz, foi dirigido ao responsável técnico ou equipe de terapeutas ocupacionais, que estariam atentos ao perfil das pessoas interessadas. O convite para a oficina, já apresentando as datas para os encontros, contemplava uma breve apresentação da Associação, apresentação dos objetivos gerais da oficina de arte, os quais estariam em discussão conforme o interesse do grupo, e esclarecimentos acerca da pesquisa que abarcava a oficina, com informações sobre o objetivo da pesquisa e cuidados éticos.

### **2.2.4. Participantes**

Devido à proposta da Associação se constituir enquanto lugar de convívio, troca e promoção das pessoas em sua rede para a reinserção social, e se afastar da concepção de uma instituição de saúde, evitou-se pedir dados acerca do diagnóstico dos participantes ou sobre o histórico de adoecimento e tratamento. Assim, não foram coletados dados dos participantes que pudessem colocá-los numa posição de “pacientes”, naquele espaço. Foram coletadas as informações de idade, sexo e CAPS em que estavam vinculados; e outras informações sociodemográficas puderam ser colhidas

durante o grupo focal e processo da oficina, nos quais os participantes se apresentavam espontaneamente.

Durante o processo de dez encontros da oficina, participaram ao todo 16 pessoas, 15 usuários e um ex-usuário de diferentes CAPS de Curitiba. Todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O grupo apresentou média de idade de 47 anos, tendo o mais novo e o mais velho participante, 23 e 64 anos respectivamente. As mulheres compõem 62,5% do grupo. A média de participantes por encontro foi de sete pessoas e três pessoas frequentaram a oficina apenas um encontro. A menor parcela do grupo de 16 participantes da oficina já conhecia e participava ativamente da Associação.

### **2.2.5. Instrumentos e Procedimentos de Coleta de Dados**

Os dados foram coletados por meio de cinco momentos: grupo focal inicial (1) e final (2), questionário (3), observação participante e registro em diário de campo (4), e gravação de áudio da oficina (5). Pretendeu-se, com a triangulação de métodos de coleta de dados, aumentar a qualidade do material a ser analisado, buscando mais perspectivas sobre o fenômeno estudado.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa Saúde-UFPR pelo número 2033616, Antes do início da oficina, a pesquisa foi apresentada aos participantes, que assinaram o TCLE. No primeiro dia da oficina foi realizado grupo focal (1), com as perguntas disparadoras: *Como é a relação de vocês com a arte?* e *O que vocês esperam desta oficina?* O objetivo da primeira questão foi conhecer o que os participantes compreendiam por arte, sobre o interesse que tinham pela arte e como a arte estava presente ou não na vida deles (atual e retrospectivamente). Com a segunda pergunta, objetivou-se conhecer dos participantes o que eles gostariam de fazer na oficina, sobre as expectativas que tinham em relação a ela.

O grupo focal final (2), com a pergunta disparadora: *Como foi a experiência da oficina para vocês?* objetivou ouvir dos participantes como foi o processo de participação na oficina, o que foi significativo nela, bem como impressões em relação ao seu início. No início dos grupos focais, foi explicado seu objetivo, o sigilo da gravação e o funcionamento do grupo, do qual não se esperava respostas boas e certas, mas uma discussão aberta do grupo com os diferentes pontos de vista. O tempo médio de duração dos grupos focais foi de uma hora. Diferente de uma entrevista grupal, o grupo focal se constitui como uma ferramenta que visa obter informações originadas da

discussão de um grupo (Gatti, 2005; Minayo, 2008). “A técnica deve ser aplicada mediante um roteiro que vai do geral ao específico, em ambiente não diretivo, sob a coordenação de um moderador capaz de conseguir a participação e o ponto de vista de todos e de cada um” (Minayo, 2008, p.269). Trata-se de um instrumento bastante utilizado para a avaliação de impacto de intervenções, porém que carece de potencial generalizador dos resultados (Gatti, 2005).

Durante o grupo focal, deve-se atentar para que todos os participantes tenham experiência sobre a temática, ao mesmo tempo para a existência de um clima aberto para discussão entre eles. Além disso, é necessário que o moderador tome cuidado para que a discussão permaneça em torno do objetivo da coleta de dados e que garanta que todos os participantes possam expor suas ideias. Posteriormente ao grupo focal, foi aplicado questionário (3) individual com o pedido de produção de um desenho sobre o que a oficina significa para o participante e quatro perguntas abertas a serem respondidas a partir do desenho. As questões abordaram o sentimento e significado que a oficina teria para o participante, e os pontos positivos e negativos da oficina. O questionário foi criado e aplicado especificamente para essa oficina e tinha como objetivo colher mais uma perspectiva em relação ao fenômeno estudado (Minayo, 2008), a experiência dos participantes em relação à oficina.

O questionário foi inspirado na parte qualitativa do instrumento validado *Mapa Afetivo* (Bomfim et al., 2014), o qual possibilita investigar os sentimentos e significados atribuídos pelo participante em relação a um determinado ambiente. “Nós também devemos considerar que Estima pelo lugar pode ser uma categoria de pesquisa e intervenção que avalia o nível de envolvimento e participação de pessoas pelo ambiente” (Bomfim et al., 2014, p. 145). O objetivo de, no início do instrumento, pedir para que o participante desenhe o que a oficina significou para ele, é facilitar a expressão das emoções do participante sobre a oficina nas questões escritas. O desenho em si não é interpretado na análise de dados, ele serve de material de trabalho para a resposta do participante para as duas primeiras perguntas abertas.

O tempo médio de resposta ao questionário foi de 15 minutos. Os participantes não dedicaram tempo ao desenho, o qual antecede a resposta às perguntas do questionário. Em geral, demoraram para iniciar a desenhar, mas o fizeram rápido, com poucos detalhes, sem explorar as possibilidades técnicas do lápis grafite. As respostas ao questionário são proeminentemente curtas.

A partir da observação participante da propositora da oficina, foi realizado diário de campo (4) dos dez encontros da oficina para registrar os procedimentos adotados e suas impressões acerca do processo de pesquisa. A oficina foi gravada (5) em áudio e foram transcritos o primeiro e último encontro, nos quais se realizou grupo focal. Os demais encontros da oficina gravados estavam disponíveis a serem revisitados pela pesquisadora. O material pictórico produzido durante a oficina foi fotografado de modo a ilustrar o processo da oficina. O anonimato dos participantes foi preservado, utilizando-se nomes fictícios.

### **2.2.6. Procedimento de Análise de Dados**

Para fins deste artigo, os questionários, grupos focais e diário de campo foram analisados por meio de análise temática de conteúdo (Minayo, 2008). Optou-se pela análise de conteúdo, devido à escassez de propostas de análises fenomenológicas de grupos focais. A utilização da técnica de análise de conteúdo não se contrapõe à fundamentação da pesquisa na fenomenologia. Bradbury-Jones et al. (2009) defendem que é possível realizar a análise fenomenológica de material empírico oriundo de grupo focal, resguardando a experiência singular vivida pelo participante.

A análise de conteúdo e o método fenomenológico empírico surgiram de um mesmo momento de debates na Escola de Chicago, acerca das possibilidades metodológicas qualitativas e apresentam pontos de aproximação e distanciamento (Branco, 2014). A análise de conteúdo origina-se de propostas quantitativas, enquanto o método empírico fenomenológico tem suas raízes na crítica em relação à utilização de métodos das ciências naturais na Psicologia. Ambas propostas metodológicas criticam o entendimento clássico de neutralidade científica, em que o pesquisador na análise assumiria posição neutra em relação ao objeto de estudo. Enquanto a análise de conteúdo é uma proposta de análise de dados, a metodologia empírica fenomenológica deriva da filosofia e refere-se a todo o processo desde a coleta de dados, na relação do pesquisador com o participante de pesquisa.

A análise temática de conteúdo pode ser entendida como uma técnica de análise de dados qualitativa que visa a ser objetiva e sistemática (Minayo, 2008). Na pré-análise deve-se recuperar os objetivos da coleta de dados, realizar a leitura flutuante do material e posteriormente realizar a leitura exaustiva do material coletado, em função dos objetivos da investigação. Nessa fase são determinadas as unidades de registro e a forma de categorização. Na segunda etapa, de exploração do material, é realizada a



categorização dos dados, em relação à relevância, frequência e similaridade, de modo a identificar núcleos de sentido. E por último, na terceira fase, no tratamento dos resultados obtidos e interpretação, prosseguiu-se a investigação em diálogo com a produção científica da área. Desse modo, como pode ser observado nas tabelas que descrevem a análise de dados, a partir das unidades de registro, que são trechos das falas dos participantes que exploram a temática investigada, categoriza-se o material considerando a relevância, frequência e similaridade dessas unidades, de modo a encontrar indicadores e, a partir deles, núcleos de sentido.

### **2.2.7. Oficina**

Após o primeiro contato com a Associação, foi realizada reunião com parte de sua diretoria, de modo a clarificar os seguintes aspectos: a demanda da Associação por uma oficina de arte, as possibilidades estruturais e logísticas da Associação para a realização da oficina, o projeto de oficina da proponente (pedido pela Associação), as possibilidades técnicas e logísticas por parte da proponente da oficina, e clarificar acerca do processo de pesquisa envolvido.

A Associação apontou que a partir de mapeamento ocupacional e de interesse de seus membros, foi observado que parte dos associados tinha interesse por trabalhos manuais e artísticos, próximo ao apresentado pelo estudo de Oliveira et al. (2017) e que a Associação almejava desenvolver projetos que aliassem esse tipo de produção com a geração de renda e economia solidária. Nesse sentido, a proponente, em acordo com a Associação, manteve a proposta inicial da oficina, e foi pedido que para o primeiro encontro, já fosse iniciada a proposta. A Associação expos o receio de que o encontro inicial dedicado somente ao grupo focal e a ouvir as propostas do grupo para a oficina, poderia esvaziá-la para os próximos encontros. Foram agendados os encontros da oficina e realizada sua divulgação.

A elaboração do projeto da oficina considerou a demanda da Associação, as habilidades da proponente da oficina, as condições logística e financeira das partes e, a partir do início da oficina, o interesse e habilidades de seus participantes. Não menos importante, considerou-se a produção científica da área, a qual aponta para diferentes potenciais da ferramenta artística, a compreensão da arte enquanto meio expressivo, terapêutico e de desenvolvimento cultural. Esse último, desenvolvimento cultural, ainda é menos explorado dentre as propostas de oficina artística oferecidas em CAPS (Galvanese et al., 2016; Amarante e Torre, 2017).

Pode-se dizer que o projeto da oficina inicialmente implantado, não se apresenta diferente das propostas existentes dentro de CAPS, exceto pelo conhecimento mais aprofundado da proponente em relação às artes visuais, e da oficina estar desvinculada ao serviço de saúde. Nesse sentido, a oficina não nega a presença do caráter terapêutico que da atividade artística, mas também não trata desse aspecto como mote da oficina. A oficina teve como objetivo contribuir para a formação dos seus participantes em relação a habilidades requeridas no trabalho do artista e do artesão, de modo que os participantes desenvolvam autonomia para encaminhar seus projetos. Os objetivos específicos foram: aprender a elaborar projetos artísticos, a apresentar seu trabalho artístico, desenvolver a observação estética e reconhecer relações existentes no campo da arte entre artista-artesão e o consumidor. A oficina não exigiu pré-requisitos sobre a habilidade artística, apenas que a pessoa tivesse interesse em arte ou artesanato. Assim, a oficina foi formatada, esperando de antemão encontrar um grupo heterogêneo em relação às experiências e habilidades com arte e artesanato.

O espaço da Associação no qual ocorreu a oficina era composto por um ambiente com duas salas acopladas, cadeiras e uma grande mesa que poderia ser compartilhada. A oficina, estimada a acontecer entre 8 a 10 encontros (devido ao cronograma de pesquisa), ocorreu em 10 encontros, entre os meses de maio a julho de 2017, uma vez por semana, com duração de 2h por encontro. Os 10 encontros compreenderam o tempo para o estabelecimento de vínculo entre os participantes e a pesquisadora, toda a coleta de dados, intervenções e fechamento do processo. Do projeto da oficina (Anexo 1) para o processo de sua implementação, a oficina sofreu diversas modificações. Nos resultados segue a breve descrição dos encontros.

## **2.3. Resultados**

### **2.3.1. O Percorso da Oficina**

No primeiro dia da oficina, participaram seis pessoas. Os participantes que já eram membros da Associação, receberam o grupo com um caloroso café da manhã. Notou-se a necessidade de aproveitar a oportunidade de convívio no café da manhã, antes de iniciar a oficina. Os participantes iniciaram diálogo a partir de conversa sobre o tratamento de saúde que faziam, com falas como: “de que CAPS você é?” ou “Eu tenho depressão, por isso faço CAPS”. Aicineira, então, iniciou a oficina atrasada, de modo que os participantes que chegaram na hora do início da mesma, pudessem aproveitar do café preparado pela Associação.

O espaço foi organizado com uma roda de cadeiras pelaicineira e participantes que haviam chegado mais cedo. Iniciou-se a oficina com boas-vindas, apresentação daicineira, do projeto da oficina, enfatizando que esta não seria rígida, mas moldável em função dos interesses do grupo e de que se tratava de uma atividade de pesquisa, a qual preservava cuidados éticos. Em seguida foram apresentados os TCLEs. Foi observado que os participantes não assinaram simplesmente o TCLEs, mas leram e fizeram perguntas sobre a preservação do anonimato.

Foi realizado grupo focal. Inicialmente o grupo estava tímido e enfocava o contato com a arte a partir do tratamento de saúde que estavam fazendo. Ao serem requisitados a articular o que foi falado por cada um, a discussão foi se tornando fluída e participantes conversaram sobre outras formas de contato com a arte, além da presente no tratamento de saúde. Apresentavam a expectativa de aprender coisas para melhorar o trabalho, saber como falar do trabalho para vender, mas também da oficina como parte do tratamento, sobre o prazer de fazer arte, de poder se concentrar em uma atividade desse tipo. Um relato chamou a atenção, no qual a participante disse que o trabalho de arte dos usuários da RAPS enfrentava dificuldades para ser reconhecido enquanto trabalho de artesanato, para além de um trabalho produzido como parte de um tratamento de saúde. Ela disse que queria que o trabalho por ela produzido pudesse ser igualmente reconhecido como trabalho de arte de uma pessoa *normal e rica*, na fala da participante.

Todas as atividades de discussão em grupo da oficina foram realizadas em roda. Aicineira introduziu brevemente o tema do primeiro encontro e falou sobre o lugar do desenho na história da humanidade, a diferenciação entre o desenho artístico a outros tipos de desenho e apresentação de alguns materiais (pigmentos e suportes) a serem utilizados e algumas de suas possibilidades técnicas por meio de carvão, tipos de grafite e suporte em papel Canson A3. O encontro tornou-se uma conversa reflexiva sobre o desenho, na qual os participantes opinavam, falavam de suas experiências e deram exemplos. Até aquele momento não houve trabalho prático, os participantes pareciam aguardar ansiosos pelo momento de fazer algo com as mãos.

A proposta da atividade prática nesse primeiro encontro foi realizar um exercício de observação estética por meio do desenho. Secker et al. (2017) observam que esse tipo de atividade auxilia a desinibição em relação ao fazer arte e a desenvolver a percepção. Foi pedido para que cada participante escolhesse uma fruta que lhe chamou a atenção, de um conjunto de frutas reais que estava exposto no centro da roda. A fruta escolhida

deveria ser observada por diferentes ângulos, cheirada, tocada e experienciada por volta de 10 minutos. A segunda parte da atividade foi representar essa fruta no papel, tendo em vista as possibilidades de desenho anteriormente apresentadas. Logo os participantes escolheram suas frutas, com vontade de comê-las. Devido ao atraso no início da oficina, nesse momento, participantes tiveram que ir embora e levaram o material (papel, grafite e fruta que escolheram) para casa, de modo a realizar a atividade e trazer no próximo encontro. Logo após alguns minutos de observação, os participantes iniciaram seus desenhos. Durante a elaboração dos desenhos, aicineira passou por cada um para indicar sugestões, responder às perguntas e fazer comentários. Os participantes estavam concentrados em seus desenhos e tinham expectativa que o desenho ficasse como haviam imaginado. Observou-se angústias e desafios, como o medo de errar, os desafios de observar mais atentamente um objeto, de desenhar em papel no formato maior que A4, o apego pela borracha (que não foi utilizada como material da oficina).

Foi possível observar que os integrantes possuíam diferentes níveis de habilidade com o desenho. O encontro foi encerrado com uma atividade para casa: terminar o desenho e em outro papel (fornecido na oficina, eles escolhiam o tamanho e tipo de papel) deveriam novamente realizar o exercício com 30 minutos de observação de uma outra fruta escolhida por eles. Para que tivesse interesse em dar prosseguimento ao estudo do desenho, foram sugeridos outros exercícios, como fazer palheta de tons com o uso de um mesmo lápis grafite.

O segundo encontro (2) foi destinado ao exercício de leitura de imagem. Ler imagens auxilia a desenvolver uma melhor sensibilidade estética para o próprio trabalho e prepara também para falar melhor sobre ele. Essa habilidade, posterior à observação estética desinteressada, é um importante passo para o desenvolvimento de qualquer trabalho artístico, tendo em vista o processo de produção do trabalho, que requer observação acurada e sua apresentação para o público. O espaço físico foi organizado com cadeiras em roda. O encontro contou com oito participantes, sendo cinco novos. Assim, foram feitas adaptações, tomou-se tempo explicando brevemente sobre a oficina, a pesquisa envolvida e a apresentação dos participantes, para que todos se conhecessem. Esse procedimento foi adotado em todos os outros encontros que tiveram novos participantes. É repetitivo, mas foi a maneira encontrada para que os novos participantes não ficassem deslocados no grupo. Além disso, foi possível observar que ao agregar mais participantes, o grupo também se tornou mais forte, pois agregou mais pessoas para a rede de diálogos.

Nenhum dos participantes trouxe a tarefa de casa de observação estética. Um participante comentou que havia feito, mas deixado em casa, pelo desenho ter ficado simples, infantil. Outros relataram dificuldade em realizar o trabalho em casa, devido à falta de ânimo de realizar a atividade sozinho ou por não ter em sua comunidade um lugar para realizar a atividade sem comentários de outras pessoas. Isso suscitou as seguintes hipóteses: A atividade não fazia sentido para os participantes, era desinteressante. Ou o trabalho com esse grupo envolve considerar dificuldades quanto à regularidade de trabalho e assiduidade, sendo necessário articular propostas no grupo e pensar outras formas viáveis de tarefa de casa.

Foi pedido para que os participantes apresentassem os desenhos feitos no encontro anterior, quanto à característica que havia chamado mais atenção da fruta escolhida na observação estética, sobre o processo de representá-la por meio do desenho e o que gostaram e não gostaram no desenho que fizeram. A atividade tinha como objetivo dar um retorno sobre a atividade anterior e introduzi-los à leitura de imagem. A oficina resgatou algumas possibilidades técnicas abordadas no encontro anterior, que poderiam auxiliar os participantes a conquistar o resultado por eles almejado.

A observação estética envolve uma atenção desinteressada e exaustiva por diferentes ângulos. Assim, é possível que essa atividade de observação estética tenha sido esvaziada de sentido. Uma coisa é falar sobre a observação estética e a contribuição que ela pode trazer para a produção de arte e artesanato de cada um, outra coisa é o participante perceber isso na prática. Dando continuidade ao exercício de falar sobre seu desenho, foi discutido sobre o que é leitura de imagem, sua utilidade e processo. Uma participante relatou uma experiência significativa: estava no mercado, tinha que comprar outras frutas, mas uma romã (que nem comprou, e lamentou por não ter comprado) lhe chamou a atenção. A participante descreveu a fruta com detalhes e disse tê-la achado muito bonita. Esse exemplo serviu de discussão para relacionar a observação estética com a leitura de imagem e juízo de gosto.

Foram abordados aspectos que interferem nesse tipo de observação, como o tempo e o espaço, chegando à consideração de que não há leitura de imagem certa ou errada, mas leituras de imagem conforme as relações entre o objeto e o espectador. Foram apresentados aspectos que podem estar presentes na leitura de imagem: aspectos formais, técnicos, momento histórico e experiência estética. A oficina dispôs alguns livros de arte (de artistas de movimentos artísticos diferentes), pedindo que escolhessem obras para fazer exercício de leitura de imagem com o grupo. Chamou a atenção que

logo no início da leitura de uma obra de Rothko, artista abstrato, os participantes trouxeram falas como “isso é fácil fazer”, “até eu faço”. Assim, de modo a enxergar melhor as imagens, objetos, explorou-se a observação estética das imagens para além do juízo de gosto. Durante o trabalho de leitura, os participantes observaram que não se tratava de tão simples execução e que para além da péssima impressão inicial que tiveram acerca da obra, ela dizia algo para cada um deles por meio da experiência estética.

Observou-se que esse encontro foi mais cansativo para os participantes, por não conter uma parte prática. A proposta de tarefa de casa foi modificada, pedindo que fizessem, durante a semana, a observação atenta de um elemento da natureza. Encerrada a oficina, foi possível observar a articulação de um grupo de trabalho manual. Participantes organizavam seu material de trabalho para a confecção de panos de prato com pintura e crochê. O grupo convidou uma nova participante da oficina, formada em artes plásticas, para trabalhar conjuntamente, já que ela era hábil desenhista. Nesse ínterim, participantes relataram dificuldade em reproduzir a cor que queriam na pintura do pano de prato, de reproduzir desenhos e criar novos desenhos no pano de prato para serem pintados. Aicineira conversou com o grupo sobre possibilidades de resolver esses desafios. Por meio da leitura de imagem e observação estética é possível que os participantes desenvolvam mais a habilidade de identificar os pontos fracos e fortes do próprio trabalho. Foi possível perceber três aspectos que poderiam ser trabalhados com as participantes que estão produzindo pano de prato: mistura de tintas, criação de desenhos para pano de prato e formas de copiar desenho para o pano.

Observou-se que, por um lado, os participantes desejam a parte prática, desejam aprender a fazer algo. Por essa perspectiva, seria viável escolher um tipo de artesanato específico e ensinar a execução passo-a-passo. Por outro lado, os participantes já possuem diversas experiências com artesanato, porém é possível observar que enfrentam nessas atividades algumas dificuldades comuns. Nesse ponto faz-se necessário que os próprios participantes passem a identificar essas dificuldades. O caminho projetado para essa oficina é que os próprios participantes desenvolvam a habilidade de avaliar autonomamente seus trabalhos e, a partir dos pontos fortes e fracos, possam aprimorar sua produção. Os participantes que não vieram nesse encontro foram contatados por telefone. Relataram questões variadas: imprevisto no dia; que não retornará, pois conseguiu um trabalho; e porque trabalha como autônomo e conseguirá

frequentar a oficina somente em alguns dias. Foi relatado por um membro da Associação, que esse fluxo de participantes para oficinas de arte é regular.

No terceiro encontro (3), no qual estiveram nove participantes, foi realizado estudo de cor, por meio da confecção do círculo cromático com as três cores primárias em guache profissional sobre papel. O objetivo da atividade foi ampliar habilidades no manejo do elemento artístico da cor: na observação, produção, reprodução e combinação de cores, habilidades que podem ser utilizadas em diferentes situações que envolvem cor nos trabalhos de arte e artesanato, não estando restritas a um tipo de material. Desse modo, a intenção não foi o ensino da técnica de pintura a guache, a qual restringiria a utilidade do conteúdo da oficina à produção de trabalhos com guache, mas aprender a lidar com a cor. As três cores primárias de uma tinta guache profissional permitem a criação de uma gama muito ampla de cores; justamente por isso, é um material excelente para desenvolver a habilidade de criar e reproduzir cores. Produzir o círculo cromático a partir das cores primárias não é tarefa fácil, demanda constante experimentação e observação atenta da pessoa que mistura a tinta.

Na mesa do café da manhã, uma participante trouxe de casa um livro para mostrar ao grupo a ilustração do mesmo, feita com técnicas que havíamos visto nos encontros anteriores. Outra participante trouxe material de pintura para compartilhar com a Associação e seus trabalhos mais recentes para mostrar ao grupo, caixas em decopagem<sup>1</sup>, as quais havia confeccionado em um internamento em hospital psiquiátrico. Para o início do encontro, o ambiente foi organizado em duas partes: de um lado uma roda de cadeiras para a primeira parte da oficina e do outro lado, na mesa da sala, os materiais do dia (pinceis, as três cores primárias em cada palheta de isopor, potes de água, panos). Também foram dispostos livros sobre obras impressionistas para que pudessem folhear, casos se interessassem. Foram escolhidas obras desse movimento artístico, justamente pelo valor que a cor tem naqueles trabalhos. A oficina iniciou com a apresentação de membros da Associação falando sobre a história, fluxograma da Associação e sobre as possibilidades de fazer parte dela enquanto membro, com direitos e deveres dos associados, ou pontualmente nas oficinas. Nisso, uma participante comentou que participar da Associação é uma forma de tratamento. Um membro da Associação esclareceu que ela é formada por pessoas que se apoiam mutuamente e que nesse sentido não se trata de um dispositivo de saúde, com profissionais da saúde.

---

<sup>1</sup> Técnica artesanal que utiliza cola e papel para revestir objetos decorativos e utilitários.

Dos novos participantes presentes, um pintava telas, mostrando parte de sua produção que estava nas paredes da Associação e o outro se interessava por artesanato, mas alertava que não vendia, era só para si mesmo. Na roda de conversa, a oficinaira disparou as seguintes perguntas para o grupo refletir sobre a cor: A cor está presente no trabalho que vocês fazem? De que forma? Como trabalham com a cor? A roda de conversa foi uma maneira proveitosa de abarcar a heterogeneidade de experiências que o grupo tem sobre arte. Na discussão do grupo surgiu a reflexão que a cor é pensada pelo artesão tanto para atrair o expectador, mas também uma forma de expressão do estado do artesão. O grupo também observou que cada pessoa tem preferências não só em relação ao tipo de material, mas em relação à maneira de combinar as cores. Desse modo, a oficinaira tratou da variedade de materiais que exploram a cor e sobre a importância de dominar o estudo da cor no campo da arte e artesanato para conseguir produzir, reproduzir e combinar.

Após a reflexão, iniciou-se a parte prática da oficina de produção do círculo cromático. Gastou-se mais tempo do que o previsto até que todos estivessem com seus respectivos materiais. A oficinaira apresentou a guache profissional aos participantes, em relação à sua composição e características. O trabalho foi feito individualmente, cada um tinha seu papel, palheta e pincel, mas seguindo o movimento do grupo. A oficinaira sugeriu a organização do círculo cromático no papel, mas deixou que cada participante organizasse como achasse melhor. Vários participantes foram testando as cores no papel do círculo cromático, e não na palheta, e um participante decidiu fazer um trabalho expressivo, saindo da proposta do grupo.

Os participantes possuíam graus diferentes de habilidade com tinta, sendo difícil o prosseguimento da criação do círculo cromático com todos juntos. Para a próxima atividade prática, seria necessário antes do início da atividade, introduzir o grupo acerca de aspectos básicos de pintura: como segurar o pincel, lavá-lo (para que não ocorra mistura de tinta indesejada), como preparar a tinta (observando se necessita de mais água) etc. Os participantes pareciam estar entusiasmados em criar novas cores.

No encontro foram criadas as três cores secundárias e grande parte do que havia sido planejado para esse dia não foi realizado. Os livros e o material ficaram disponíveis na Associação. Foi comunicado que a tarefa de casa seria trabalhada no encontro seguinte, devendo continuar a observação do elemento da natureza escolhido. Fora do enquadre da oficina, um membro da Associação que não participa da oficina, sugeriu que os participantes pudessem trazer o trabalho que fazem para mostrar e então discutir



o tema da cor. Compreendeu-se a necessidade de desenvolver o tema a partir do que o grupo já produz. Entretanto, pensou-se que antes da segunda parte da oficina, na qual os participantes trazem suas propostas de trabalho e produções, é importante resgatar elementos artísticos comuns às diferentes propostas, como a observação estética, leitura de imagem e domínio da cor, para então enxergar de modo diferente seus trabalhos. Devido ao atraso para o término da oficina, o material foi limpo em casa pelaicineira. Seria interessante o grupo dispor de tempo para esses pequenos cuidados em relação ao material artístico. Nota-se que essa oficina se encaminha para a valorização dos processos inerentes à produção artística, a qual pode ser útil para diferentes propostas, não somente a um objeto final.

No quarto encontro (4) estavam presentes 10 participantes, foi realizado o círculo cromático com as cores secundárias, terciárias e preto cromático e discutido sobre a harmonia das cores. Aicineira buscou uma melhor organização do espaço e materiais para a realização da atividade prática. O projeto da oficina, o qual propunha o início do trabalho acerca dos projetos artísticos dos participantes para esse encontro, foi modificado, tendo em vista a maior demanda de tempo para a conclusão da proposta do encontro anterior. Mesmo havendo assiduidade, há um fluxo considerável de pessoas, sempre há faltas, por motivos diversos (se atrasou, teve que procurar um advogado, teve que trabalhar (profissional autônomo), e há também atrasos. O novo participante presente nesse encontro relatou que veio para a oficina encaminhado do CAPS, pois estava com muito tempo ocioso. Esse participante nos contou que antigamente fazia cestas de papel jornal, como trabalho voluntário, e que não tinha algo específico que quisesse fazer na oficina.

Em alguns casos, não é claro em que medida as pessoas chegam até a oficina com interesse em arte e artesanato ou se são encaminhadas por uma prescrição do profissional de saúde para uma atividade que ocupe o tempo. Sobre as expectativas dos participantes em relação à oficina, percebe-se que eles não trazem uma demanda específica do que querem aprender ou trabalhar, mesmo aqueles que já tem experiência com artesanato. Parece que não se sentem confortáveis de expor as demandas ou que têm dificuldades para formulá-las, por mais que, no cotidiano de trabalho com artesanato isso se expresse. Ao mesmo tempo, os participantes vêm para a oficina muito interessados pela prática. A oficina foi iniciada resgatando o que foi trabalhado no encontro anterior e a tarefa de casa. Novamente a maioria não fez a tarefa. Uma participante relatou que não tem paciência para isso, que ela observa muito a natureza,

mas não tem paciência para parar e observar, descrever as coisas. Outros relataram que não tiveram tempo, esqueceram ou não conseguiram fazer por ter dificuldade de fazer tarefas em casa. Os participantes trouxeram o material que fizeram no encontro anterior e, alguns, que deram prosseguimento à mistura de cores na Associação, mostraram o resultado do trabalho.

A oficina orientou o grupo acerca de cuidados básicos no trabalho com tinta e conservação dos materiais. Para que todos pudessem acompanhar o processo de produção do círculo cromático, dessa vez a oficina foi mais direta na orientação para elaboração do círculo cromático e também fez um círculo cromático próprio, para que todos pudessem acompanhar. Durante o processo, a oficina passava pelos participantes para auxiliá-los individualmente, mas eles entre si também se ajudavam, pediam opinião sobre a cor produzida etc. Esse exercício requer que o participante observe, fique atento para as nuances de cor, trata-se também de uma atividade de observação. A produção das cores primárias e secundárias fluiu muito bem entre os participantes. Já a produção das cores terciárias e as cores de preto cromático requisitou maior esforço dos participantes, tornando a atividade exaustiva. Tomei o cuidado para que o grupo seguisse em conjunto a produção de cores. Os participantes estavam atentos à atividade.

Observou-se que o fato da oficina não só orientar, mas fazer junto seu próprio círculo cromático e do grupo prosseguir a mistura das cores em conjunto, auxiliou no processo. Quando o círculo cromático foi finalizado, foi perguntado se os participantes queriam se sentar, já que por motivo de espaço, estavam todos em pé em volta da mesa fazendo a atividade. Disseram que queriam misturar tinta, estavam empolgados, queriam fazer seus experimentos. Observa-se que o medo de se expressar por meio do material artístico não estava presente naquele momento, os participantes estavam mais audaciosos no manejo com os materiais, ao invés de temer lidar com eles.

Visualizando o círculo cromático pronto, foram apresentadas formas de harmonizar cores: monocromática, pelas análogas e complementares. Para falar sobre as cores complementares, foram apresentados livros sobre artistas impressionistas. Poucos haviam folheado os livros durante a semana, mas agora estavam interessados e pediram que no encontro seguinte o assunto fosse retomado. O círculo cromático pôde servir a todos que trabalham com cor, de modo a auxiliar nas combinações e para esclarecer a forma como as cores são produzidas por mistura. A atividade de casa foi explicada novamente, esclarecendo de que forma a tarefa seria utilizada no encontro seguinte. No

encontro seguinte, a tarefa de casa seria utilizada como base para representar por meio da pintura a coisa da natureza que escolheram.

Como uma segunda tarefa, os participantes deveriam escolher um trabalho próprio de arte/artesanato que mais gostassem para trazer para a oficina, pois seria discutido sobre o interesse de projeto artístico/ artesanal de cada um. Após o término da oficina, quiseram conversar com aicineira. Um participante relatou ter se lembrado de estojo de aquarela que havia ganho quando criança e que só agora compreendeu que aquelas cores poderiam ser misturadas e se transformar em outras cores novas. O mesmo participante, que trabalha na construção civil, me perguntou se ele poderia então ter tintas de cores primárias e transformá-las em secundárias

A mistura das cores primárias para secundárias é um conteúdo básico do conhecimento artístico. Esse relato impressionou, visto que as pessoas que participaram dessa oficina tinham, como característica comum, o fato de gostarem de arte/artesanato e ao mesmo tempo observou-se tal defasagem sobre o conhecimento de arte. Nesse sentido, percebe-se a necessidade de se trabalhar os conteúdos de arte com os participantes para que possam aprimorar a qualificação de seus trabalhos, além disso, os participantes se mostram empolgados com essa atividade.

Posteriormente, uma das participantes disse que talvez as pessoas não tenham feito a atividade de casa nos outros encontros, por não entenderem muito bem o que seria um elemento da natureza. Outra participante relatou duas questões: o espaço comunitário da Associação, no qual todos tem direitos e deveres, não estava totalmente limpo após a oficina e que participantes se sentiram incomodados com as pessoas que chegavam atrasadas. Desse modo, nos encontros seguintes, a icineira buscou ser mais clara acerca desses aspectos.

Percebe-se a oficina como um lugar de encontro em que as pessoas formam laços. Nessa oficina são trabalhadas potencialidades de um campo de interesse comum: a arte/artesanato, e observa-se que as pessoas naturalmente estabelecem contatos entre si e resgatam habilidades que estavam esquecidas. Formula-se a hipótese de que o conteúdo da oficina seja o menos importante e que o mais relevante seja a articulação em rede das pessoas que tem um interesse em comum.

No quinto encontro (5) participaram seis pessoas. Foi realizada representação em pintura a guache sobre papel do elemento da natureza escolhido e observado pelo participante. Embora essa atividade à primeira vista pareça ser uma atividade do fazer pelo fazer, ela está estritamente relacionada ao objetivo da oficina, de qualificar o

trabalho artístico dos participantes. Nessa atividade foram desenvolvidas a observação estética (tarefa de casa), a expressividade, mistura e harmonia de cores e elementos compositivos. A partir desse quinto encontro, a oficina deixou de acompanhar o projeto inicial, não em relação aos objetivos, mas em relação às propostas de trabalho para cada encontro. Realizou-se conversa e exercícios sobre o círculo cromático e suas possibilidades de utilização para a compreensão da harmonia e mistura de cores. Os participantes estavam com seus respectivos círculos cromáticos e faziam anotações. O círculo cromático é uma ferramenta de trabalho que pode ser utilizada quando é necessário auxílio para produzir cores e pensar possibilidades de combinação, uma demanda observada na confecção de panos de prato de um grupo de trabalho. Posteriormente, cada participante falou sobre a coisa ou elemento da natureza que observou, suas características, o que havia chamado mais a atenção e mudanças dela em relação ao tempo. Com o exercício de observação, os participantes notaram que passaram a conhecer mais sobre o elemento que escolheram, sobre sua forma, cor, textura, cheiro e demais características.

Foi então realizada a parte prática do encontro. Por meio da pintura com as três cores primárias e branco de guache profissional sobre papel, cada participante deveria se concentrar na observação estética que fez da coisa da natureza que escolheu e representá-la. Foi explicitado que o trabalho era expressivo, portanto poderia ser representacional, abstrato, com diferentes processos de trabalho. Mas que deveria ser realizado, tendo em vista a produção da cor, combinação da cor, relação figura e fundo, tamanho do papel, tipo do pincel, forma de pintar com o pincel etc. Essas decisões que foram exercitadas, as quais o artista e artesão fazem intuitivamente e racionalmente durante o processo de produção, impactam diretamente na qualidade do trabalho produzido.

Os participantes foram solicitados a respirar fundo, a se alongar ou a se sentar em posição confortável antes de partir para a ação de pintar. Notou-se que o grupo iniciou mais calmamente a atividade, prestavam atenção durante todo o processo. O número pequeno de participantes nesse encontro deve ter contribuído para isso. Durante o processo de produção, alguns participantes estavam cautelosos, outros pintavam agilmente. Todos fizeram trabalhos representacionais e que retrataram o elemento da natureza em relação ao ambiente em que ele se encontrava.

Durante o processo, foi salientado que deveriam se focar nas características da coisa que escolheram, mesmo assim, parte dos participantes estava encantada por pintar

e focar o contexto que envolvia o elemento escolhido. Uma participante escolheu mudar o seu objeto de representação. Quando foi abordada pelaicineira, ela já havia iniciado e estava animada com as cores que fazia. Antes havia escolhido os galhos com fungo (nos quais a cor cinza e suas variações chamavam a sua atenção), mas relatou que os abandonou, porque eram muito tristes e que ela queria ficar bem, necessitava pintar algo alegre. Assim, escolheu o campo, motivo que já havia pintado muitas vezes.

Foi observado avanço significativo na habilidade de criar as cores. Em geral, trouxeram a dificuldade de se adaptar à tinta guache, que tem um tempo de secagem, potência de cobertura e saturação do suporte diferente de tintas comumente usadas, como a acrílica. Foi destacada a importância de se aproximar do material, conhecer suas potencialidades e saber se ele é adequado para o resultado que se quer alcançar. Durante o processo da oficina observa-se que essa é uma questão que se repete, devido à escassez de materiais, escolhe-se usar o que está disponível, mas que nem sempre é adequado para se chegar a um produto final de qualidade.

Uma participante chegou atrasada, na hora de pintar. Ela foi instruída e rapidamente começou a pintar e terminou seu trabalho antes de todos. Ao final, estava frustrada que a Araucária que havia pintado era interpretada como sendo um coqueiro pelos participantes. Esse momento foi utilizado para resgatar a função da observação estética, que nos auxilia a pensar o que caracteriza uma coisa como tal e que a difere das outras coisas, sendo possível notar as características presentes na Araucária. Nenhum participante trouxe a segunda tarefa de casa, sendo essa encaminhada para o encontro seguinte, no qual se iniciaria o trabalho de pensar produção de cada um. Parte do material de pintura foi deixado na Associação para quem desejasse praticar ou para que os faltantes pudessem realizar a atividade. Os participantes foram colaborativos com a limpeza do local e do material. Observou-se que aicineira deveria ter feito inicialmente um enquadre com os participantes, sobre a responsabilidade de todos para a organização e limpeza do espaço e material, já que se trata de um espaço comunitário.

De modo a não prejudicar o andamento da oficina, aicineira contactou os faltantes para comunicar sobre o que foi feito no encontro, a disponibilidade de materiais na Associação e a tarefa para o encontro seguinte. Ainda sobre o processo da oficina, levanta-se a possibilidade de haver um conflito de interesses entre o que a Associação oferece e o que os participantes da oficina esperam da mesma. Há a possibilidade de que a oficina tenha sentido para os participantes no estabelecimento da rede de relações e pelo prazer da atividade artística, enquanto a Associação espera a

qualificação desse trabalho. Os participantes apresentam-se muito interessados pelas atividades criativas.

No sexto encontro (6), com sete participantes, foi realizada leitura de imagem das pinturas produzidas no encontro anterior e trabalhos de arte e artesanato trazidos pelos participantes. Esse exercício facilita o desenvolvimento da habilidade de observar e falar sobre o próprio trabalho. O novo participante desse encontro fazia artesanato em madeira e tinha interesse de aprender a pintar, pois nunca havia se dedicado a isso. Foi pedido para que cada participante apresentasse sua pintura, segundo aspectos da leitura de imagem, resgatando qual a coisa da natureza que haviam escolhido para observar e quais as características que chamaram a atenção sobre esse elemento e que foram trabalhadas na pintura. A descrição contemplou os aspectos técnicos, formais, intenção do artista, experiência estética e além disso, foi pedido para que cada um avaliasse o que mais e menos gostou do trabalho que produziu.

Foram feitos apontamentos a partir das leituras de imagem dos participantes, também sobre os aspectos interessantes de seus trabalhos e, para os pontos que não gostaram, as possibilidades de modificá-lo. Também foi conversado sobre os modos de produção das cores e as formas diferentes de pintar, mostrando de forma positiva o valor dessa diversidade. O grupo, por exemplo, observou que uma participante pintava explorando a tinta em suas formas densa e aguada, já outro participante trabalhava com a tinta em formas chapadas, sem nuances de cor e outra participante pintava com gestualidade, de modo que a pintura acontecia pelos traços impressos no pincel. Foram orientadas possibilidades de continuidade dos trabalhos, caso tivessem interesse em dar prosseguimento, e inclusive parte do material foi deixado na Associação para que pudessem trabalhar.

Para uma próxima realização dessa atividade de pintura, seria interessante enfatizar aos participantes o objetivo de transpor as características do elemento que escolheram para o trabalho em pintura. Assim o exercício seria mais efetivo para explorar de que modo o artista/artesão pensa seu trabalho para conseguir determinados resultados. Posteriormente iniciou-se a leitura de imagem sobre os trabalhos de arte/artesanato produzidos pelos próprios participantes e que eles haviam escolhido como sendo um dos melhores que já haviam feito. Os próprios participantes fizeram a leitura de imagem de seus trabalhos, destacando novamente os aspectos que mais e menos gostavam, pensando alternativas de como melhorar. Apenas um participante não trouxe seu trabalho para apresentar. Com a conversa sobre o trabalho de cada um, o

grupo foi percebendo a variedade de trabalhos que estão presentes na vida dos integrantes da oficina, as semelhanças e diferenças. O grupo estava interessado em conhecer o trabalho dos colegas e entender as diferentes técnicas de produção utilizadas: desde como é possível fazer esculturas em fio de metal até o tipo de ponto feito em crochê.

O grupo também notou diferenças em relação ao tempo de produção e custos de material demandados por cada tipo de trabalho. Também foi apontado pelo grupo a necessidade de se escolher algo que tenha compradores interessados. Foi conversado no grupo que a escolha do projeto deveria atentar para o interesse que tinham, mas também para a oferta de material para desenvolvimento o projeto. Parte dos participantes trouxe mais de um trabalho. Isso demandou mais tempo para a reflexão do participante no grupo sobre qual tipo de trabalho gostaria de escolher para continuar a desenvolver na oficina enquanto um projeto. Alguns participantes tiveram como tarefa de casa pensar sobre o que tem interesse em focar em sua arte/artesanato na oficina.

Observou-se que parte dos participantes apresentava uma técnica definida que tinham interesse de desenvolver, porém havia a dificuldade em estabelecer a temática que queriam desenvolver com aquela técnica. Por exemplo, o participante dominava a técnica de cestaria em papel e queria trabalhar com isso, não tinha um foco de produção a partir dessa técnica, o qual poderia ser variado: produção de chaleiras, kits de cozinha, cestaria para crianças, cestos de diferentes cores etc. Aicineira refletiu com o grupo sobre pensar arte e artesanato a partir de focos específicos, projetos, características e a contribuição disso para uma produção de arte ou artesanal consistente e de qualidade.

Dos participantes que nesse encontro definiram seu foco, escolheram justamente algo desafiante, o campo que tinham menos contato: decoração de caixas de madeira, pintura de paisagens e pintura de temas florais. A única participante que possuía graduação em artes não quis trabalhar com artes visuais, mas com artesanato. Já os participantes que relataram não ter muito contato com a arte, mas com artesanato, escolheram se dedicar a um projeto de pintura. Observou-se, com isso, que os participantes estavam saindo da sua zona de conforto, experimentando.

Caso a oficina fosse guiada apenas pela demanda exposta pela Associação, de qualificar o trabalho artístico, seria necessário pedir para que os participantes escolhessem a atividade na qual já possuíam habilidade, para então se aprofundar. Entretanto, compreende-se que seja importante nesse grupo, primeiro trabalhar a autonomia dos participantes, para desenvolver projetos que tenham vontade de

continuar. Por segundo, ao menos indiretamente, a qualificação do trabalho dos participantes pode ser desenvolvida, pois estão de qualquer modo, e independente da técnica, trabalhando e pensando sobre o processo artístico, exercitando elementos como a observação estética, leitura de imagem, processo de projetos de arte ou artesanal, os quais poderão ser utilizados em outros trabalhos. Embora nesse encontro não tenha sido realizada atividade prática, os participantes estavam atentos e participativos. Após a finalização do encontro, uma participante comentou que aprendeu muito ao ouvir os colegas apresentarem seus trabalhos, que isso havia lhe ajudado a pensar o próprio trabalho.

No sétimo encontro (7), com sete participantes, foi realizado exercício de representação da ideia dos projetos escolhidos pelos participantes no tridimensional, por meio da argila. A atividade tinha dois objetivos principais: auxiliar no poder de síntese que fazemos sobre o próprio trabalho e observar o trabalho de arte/artesanato sob diferentes ângulos. O encontro iniciou com conversa sobre ideias que os participantes teriam para dar continuidade após o término da oficina, que já estava em sua segunda parte. Aicineira se disponibilizou a continuar o contato com grupos de trabalho que se formassem, no que eles achassem útil para o trabalho do grupo. Durante o processo da oficina, observou-se o surgimento de grupos de interesse em panos de prato, cestaria em papel e produção e decoração de caixas. Um participante sugeriu que as manhãs destinadas à oficina continuassem como período de encontro do grupo de trabalho. Participantes relataram que é positivo ter um grupo de trabalho, porque assim se animam a realizar a atividade. Mais uma vez comentaram que em casa têm dificuldade de produzir sozinhos.

Nesse encontro, mais participantes trouxeram materiais de trabalho diversos para a Associação. Participantes se queixaram que outras vezes em que haviam socializado materiais em CAPS, por exemplo, que esses foram esquecidos ou desapareciam. Nesse sentido, foi conversado sobre a necessidade de organizar sistematicamente os materiais disponíveis na Associação, evidenciando o que está disponível, onde pegar e devolver, além dos cuidados de conservação dos materiais, como tintas e pincéis.

No encontro, havia um novo participante, o qual confeccionava barcos com palitos de madeira e que, por estar a um tempo sem fazer, gostaria de retomar a atividade e aprender a desenhar. Foi retomada a atividade do encontro passado, dos participantes apresentarem por meio da leitura de imagem, um trabalho deles que mais gostam e que gostariam de desenvolver como projeto para os próximos encontros.



Durante as apresentações, uma participante relatou sobre a visita que fez com a Associação em uma outra, de usuários da RAPS de outro estado. Ela relatou sobre a experiência daquela Associação, em que todo trabalho a ser exposto é primeiramente examinado no grupo para avaliar sua qualidade e que seria interessante implementar isso na presente Associação. Para isso, a participante explicou que é importante que o artesão esteja aberto a ouvir críticas para melhorar o trabalho dele. Assim, ao observar o trabalho dos colegas que apresentavam, ela passou a participar mais, tecendo comentários.

Observou-se que parte significativa dos participantes descreveu trabalhos que fizeram e que gostam muito, mas que não possuem nenhum histórico, mostruário, seja uma peça ou imagem do trabalho. Tendo em vista a qualificação do trabalho artesanal e artístico, foi discutido acerca da necessidade de manter certa quantidade de produção (de modo que, por exemplo, o artesão sempre tenha uma peça de mostruário de seu trabalho e que possa avaliar a qualidade das peças) e de manter um portfólio dos trabalhos, por meio de imagens, por exemplo. Discutiu-se sobre a função de se trabalhar com projetos para estabelecer qualidade e quantidade, estando os dois elementos interligados. Alguns participantes continuavam indecisos quanto ao tipo de trabalho a se desenvolver como projeto na oficina. Uma participante inclusive comentou que achava isso positivo, pois a mantinha desperta a aprender diferentes coisas. As demais escolhas feitas pelos participantes para o desenvolvimento de projeto foram: pintura sobre tela casa de madeira para alimentação de pássaros, cestaria e produção de iates com palito de madeira.

A parte prática desse encontro foi iniciada com a introdução a noções básicas do trabalho com argila, materiais e suas possibilidades técnicas. Os participantes deveriam representar a ideia do trabalho escolhido no tridimensional, por meio da argila. Ninguém do grupo havia tido maior contato com argila, apenas em oficinas pontuais, e a maior parte do grupo não trabalhava com o tridimensional, assim, o trabalho com argila foi utilizado para resgatar a habilidade de olhar e pensar o objeto a ser produzido por diferentes ângulos. Aicineira esclareceu que o objetivo era utilizar o manuseio da argila como meio e não fim da atividade, sendo sugeridos ateliês municipais em que se fazia cerâmica e que poderiam ser frequentados.

Como parte do ofício do artesão e artista, as escolhas quanto aos materiais a utilizar, tipos de técnica e quantidade de argila eram escolhas do participante. Conforme os participantes tinham dúvida, eram orientados. No início, os participantes em sua

maioria pegaram pouca quantidade de argila e construíram pequenos bonecos: pessoa, rosto, joaninha, urso, pássaro, desvinculados da proposta da atividade. A oficina resgatou o objetivo com os participantes, mesmo assim, a tendência foi de criar pequenas peças. Os participantes relataram frequentemente que era bom mexer na argila, que isso proporcionava sensação agradável e que haviam esquecido disso. A partir da insistência da oficina em pedir que se focassem em passar a ideia do trabalho de arte/ artesanato que escolheram para a argila, alguns fizeram o exercício, mas sem maior interesse. O que lhes agradava e chamava a atenção era justamente o que criavam de novo. Estavam atentos e interessados na produção que faziam.

Foi discutido com o grupo sobre aspectos do trabalho tridimensional, como observar os diferentes ângulos. A exemplo, uma participante modelava animais, muito presentes em seu trabalho em pintura, o qual escolheu como projeto, mas modelava como se estivessem no bidimensional. Ela modelou uma joaninha em uma superfície plana de argila, com um palito. Foi pedido que observasse sua joaninha sob os diferentes ângulos. Apenas olhando de cima era possível observar que se tratava de uma joaninha, por diferentes ângulos não. Foi sugerido então que fizesse mais animais, observando os diferentes lados da argila. Ela criou um pássaro (presente em suas pinturas quase sempre de um mesmo modo), modelando os diferentes lados do seu bloco de argila. Sugeriu-se para a participante levar para a sua pintura a possibilidade de pintar suas paisagens com animais, explorando a variedade de ângulos que são possíveis de ver no objeto tridimensional. Dessa forma, é possível criar imagens além da imagem representacional padrão, enriquecendo o trabalho artístico.

O objetivo da atividade estabelecido pela oficina não foi alcançado. Há a hipótese de que a argila foi um novo material, que eles gostariam de se familiarizar com a livre expressão, antes de utilizá-la como ferramenta para uma outra atividade. Por segundo, a proposta era de trabalhar com o conceito, ideia do projeto, não sendo facilmente palpável. Entretanto, a atividade surpreendeu, pois foi possível exercitar qualidades artísticas como a observação, compreender de que modo a bidimensionalidade e a tridimensionalidade modificam a forma de pensar um trabalho e, neste último, da necessidade de trabalhá-lo em perspectivas. A tarefa de casa indicada foi trazer o material de trabalho para fazerem seu artesanato/arte na oficina ou que já iniciassem durante a semana.

O oitavo (8) encontro contou com quatro participantes e foram desenvolvidos os trabalhos específicos de cada um, refletindo sobre aspectos de qualidade de peças de

arte e artesanato. Durante o café da manhã, participantes descreveram sobre a dificuldade que tinham para terminar projetos. Enquanto uma participante relatou que recorrentemente desistia ou perdia o interesse, sua colega disse que se interessava por tudo e, desse modo, não conseguia ter foco. Entretanto essa segunda participante salientava o caráter positivo de ser assim, pois aprendia coisas diferentes. Essas questões levaram aicineira a pensar em possibilidades de desenvolver uma proposta pontual de qualificação de trabalho de arte, com pessoas que apresentam dificuldades com a rotina de trabalho, característica relevante para a qualidade do produto e profissionalismo na área. Um grupo de trabalho permanente, não de curto prazo, poderia ser uma possibilidade, na qual a pessoa pode mudar de função conforme se sente melhor, no qual o grupo não para de existir, caso a pessoa não possa estar presente por um período e em que há ajuda mútua. Os participantes relataram que no grupo possuem vontade de produzir.

A oficina iniciou com cada um trabalhando em seu respectivo projeto; acompanhou a produção de trabalhos, refletindo com os participantes sobre os aspectos de qualidade. Também foram disponibilizados livros sobre diferentes movimentos da história da arte, para que os participantes pudessem olhar. O preparo dos materiais para o início da atividade novamente demonstrou a necessidade de organizar os materiais guardados na Associação, pois facilita a circulação, compartilhamento e operacionalização dos mesmos. Dos participantes presentes, estavam fazendo cestaria em papel, decoração de caixa, pintura em pano de prato e exercício de desenho do motivo que será pintado em tela. Dessas diferentes produções, foi conversado sobre aspectos como a necessidade da observação estética, avaliação do produto final, programação do processo artesanal, quanto aos materiais e tempo demandado.

Do processo de produção de cestaria de um dos participantes, surgiu a ideia de prosseguir após o término da oficina com a confecção de cestas, na qual o participante compartilharia seu conhecimento. Os participantes estavam interessados por ser uma atividade rápida para alcançar o resultado final e que demanda pouco custo. O trabalho grupal se mostrou proveitoso, pois foi possível confrontar os trabalhos em relação aos materiais e tempo demandado para a produção, possibilidades técnicas, aprender com as diferenças e semelhanças entre as propostas e trocar impressões e experiências sobre os trabalhos. No fechamento do encontro, foi realizado em conjunto um *brainstorming* sobre o que entendiam por trabalho de qualidade. Foram salientadas algumas semelhanças e diferenças entre arte e artesanato e suas etapas de produção. Durante a

conversa, os participantes observaram a relação entre projeto artesanal e artístico para a qualidade do produto final, a dificuldade de precificar seus trabalhos e a relação existente entre a exposição e a divulgação do trabalho para a impressão que o consumidor tem sobre a qualidade do produto.

No nono encontro (9), com seis participantes, foram continuados os projetos e promovida reflexão sobre aspectos inerentes ao trabalho do artista e artesão: qualidade da produção, relações entre o artista/artesão e o expectador/ consumidor e precificação. O conhecimento dessas relações contribui para a qualificação do trabalho de arte, pois auxilia o sujeito a compreender seus diversos papéis no processo produtivo. O grupo decidiu manter o mesmo dia e horário dos encontros após o término da oficina, no qual fariam grupo aberto de arte e artesanato. Alguns participantes relataram a importância da reunião do grupo para se animar a trabalhar e que prefeririam que não fosse um grupo de um trabalho específico, mas aberto para diferentes tipos de artesanato. Após cada participante dar prosseguimento ao seu projeto de trabalho, aicineira conversou sobre o processo e desafios de cada um em relação à qualidade da produção. Durante o processo, os participantes trocavam ideias acerca dos trabalhos. A questão da organização e cuidados com o material pode ser aperfeiçoada, de modo que o grupo não despenda muito tempo para essa parte do trabalho, mas na produção criativa. O grupo de participantes conversou de se articular para resolver esse problema.

Participantes se interessaram a aprender a técnica de cestaria com o companheiro que dominava esse trabalho. A participante que estava realizando decoração de caixa, mas que enfrentava várias dificuldades em relação à falta de material, decidiu aprender com o colega. Um participante do grupo relatou que, para ele, que está fazendo seu tratamento, é importante que o trabalho seja curto, para logo enxergar o resultado e não desanimar. Os participantes propuseram que o participante fizesse uma oficina de cestaria. Por meio das trocas em cada encontro fica cada vez mais evidente a quantidade e diversidade de experiências artísticas que possuem, experiências em grande parte de livre e espontânea vontade, com os escassos materiais que têm em mãos. A criatividade pulsa no grupo, porém observa-se que é um desafio qualificar essa produção, tendo em vista a carência de organização, material e dificuldade relatada por participantes de focar atividade específica, o que é proposto ao fazer arte e artesanato por meio de projetos. Notou-se, durante o processo de oficina, que muitos participantes se mostraram receosos com a pintura e outras técnicas, temendo errar e gastar material.

Entretanto, para se alcançar trabalho de qualidade, é importante passar pelo processo de experimentação do material.

Ao término da oficina, o grupo se reuniu em roda para conversar sobre o que entendem por critérios de qualidade de um trabalho de arte e artesanato, identificando no grupo o que são qualidades gerais e qualidades específicas para cada tipo de trabalho; como antevê-los no projeto (para que os materiais sejam adequados, haja tempo suficiente), no processo de produção e, após, na observação e comparação entre os trabalhos. Além disso, foi explorada a relação entre qualidade do produto, fazer arte e artesanato por meio de projetos e precificação do produto final. Foi notório para o grupo, que conforme o artesão adquire agilidade na sua produção, por meio da organização do trabalho, o lucro em relação ao preço final aumenta, pois são despendidas menos horas de trabalho, comparado ao sujeito que produz sem organização. O grupo relatou a importância de ter regularidade na produção para a qualidade, consistência do trabalho, e conseqüentemente precificação do mesmo.

Conversou-se sobre as experiências dos participantes em precificar seu trabalho e a necessidade de considerar os custos de material e tempo de produção, além de avaliar a especificidade do trabalho produzido em relação ao que existe no mercado. Também se discutiu sobre a relação do artista/artesão e consumidor, pensando sobre o público-alvo do trabalho a ser consumido e a necessidade de organizar a avaliação dos custos de produção. Observa-se que a conversa do grupo foi produtiva no sentido de compartilhar experiências e clarificar as relações intrínsecas ao processo artístico.

O décimo (10) e último encontro contou com 9 participantes. Nele foi realizado fechamento da oficina, com o prosseguimento dos trabalhos, realização de grupo focal e questionário. O grupo de trabalho de arte e artesanato permanecerá após o término da oficina. Foi vista a necessidade de divulgar a grupo, esclarecendo que se trata de grupo livre de trabalho, para que visitantes da Associação não deixem de participar.

Durante este e os últimos encontros, nos quais os participantes encaminharam seus projetos, foi possível notar alguns aspectos. Os temas explorados no início da oficina (observação estética, leitura de imagem, mistura de cor) foram aspectos inerentes ao processo de elaboração do projeto dos participantes, pensando a qualificação desse trabalho. Observa-se que foi demandado aos participantes que escolhessem projetos de interesse próprio e que fossem viáveis. Nenhuma proposta foi sugerida. Mesmo assim, notou-se que parte dos participantes do grupo no processo de desenvolvimento de seus projetos alternou as atividades, fazendo até mais de uma

mudança. Tal questão afetou o andamento do processo de elaboração dos projetos, sendo que nesse último encontro, estavam em processo de produção. Nesse sentido, deve-se considerar que os participantes estão experimentando suas escolhas, algo relevante no processo artesanal e que frequentemente não é dado espaço, por receio de errar e gastar material à toa. É possível observar que uma característica da produção desses projetos é que os participantes se desafiaram e experimentaram nesse processo.

Durante esse processo, observou-se que na alternância entre trabalhos, os participantes em um momento ou outro escapam para trabalhos expressivos e isso foi respeitado na oficina, mesmo tendo como objetivo a qualificação do trabalho artístico. Além desses aspectos, observamos que as rodas de conversa realizadas nos últimos encontros foram importantes para compartilhar experiências e para a compreensão do papel do artesão além do simples fazer, na direção de uma produção de qualidade.

Após encaminhamentos de seus projetos, foi realizado grupo focal e questionário. Aicineira agradeceu pela experiência profissional e pessoal que teve com o grupo e se ofereceu para manter o diálogo, conforme o interesse do grupo de trabalho, o qual deveria apontar no que ela seria útil. Após a oficina foi disponibilizado certificado de participação, a pedido da Associação e de alguns participantes da oficina. Foi fornecido certificado para 6 participantes, os quais obtiveram a frequência de 60% a 90% na oficina.

Parte dos participantes mostrou interesse em continuar a fazer trabalhos artísticos, inclusive a conhecer diferentes modalidades de arte visual. Desse modo, posteriormente à oficina, a icineira elaborou e disponibilizou para a Associação um cartaz com a descrição (valores, possibilidade de bolsa, horários, local, contato) de cursos de arte em diferentes modalidades oferecidos pela prefeitura de Curitiba. Os cursos próximos à Associação foram enfatizados.

### **2.3.2. Análise do grupo focal inicial**

Como descrito na metodologia, a análise do grupo focal seguiu os seguintes passos: Leitura flutuante da transcrição e posteriormente, leitura da transcrição, enfocando o objetivo do grupo focal, que foi investigar a relação dos participantes com a arte e suas expectativas em relação à oficina. A partir disso, foi possível identificar unidades de registro das falas dos participantes que expressam esses sentidos. Posteriormente, com a aglutinação de unidades de registro, são criados indicadores e posteriormente, a partir desses indicadores, identificados os núcleos de sentido. O

quadro abaixo sintetiza o percurso da análise até a identificação dos núcleos de sentido deste grupo focal.

Tabela 4 – Núcleos de sentido Grupo Focal Inicial

<b>Grupo focal inicial</b>		
<b>Unidades de registro</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Núcleos de sentido</b>
meu trabalho em si é artesanal... Eu trabalho com artesanato de arame, faço coisas... dou forma em arames	Faz artesanato fora do contexto do tratamento.	Contato com arte fora do contexto do tratamento.
eu gosto muito de artesanato, eu faço vários tipos e quero aprender mais, né?		
E, eu já trabalhei antes com isso também... de artes... voluntário. Isso faz muitos anos. E, algumas coisas eu esqueci as técnicas. A gente fazia bonequinho de pano.	Anteriormente, contato com arte fora do contexto de tratamento	
uma coisa que eu comecei um curso que era na igreja mesmo onde eu ia... que a gente começou, a gente fazia as florzinhas, ponhava naqueles paninhos.... daí na igreja eu fazia vários cursos também que eles davam de graça, né?		
eu tive contato com o artesanato num período da minha vida, mas foi mais de observar (...) Não tenho esse interesse de fazer pro comércio ou...porque é assim.... eu acho que é interessante. Eu gosto. Acho bonito e aí eu resolvi vir conhecer também. Mas, eu gosto de vários tipos de arte. Música, teatro também eu me interesse bastante.	Contato pela observação.	
eu gosto muito dos artesanatos, das feiras de artesanato		
eu assisto muito essas coisas de arte no YouTube.		
E tinha uma sala de arteterapia, né? E foi onde eu cresci muito ali dentro... aprendi muita coisa de artesanato... E ali eu vi que eu encontrava tempo pra ficar em sobriedade e me ocupava, né? Então, pra mim realmente foi uma descoberta... saber que você tem talentos que você nem sabe que tem (...) Com a arteterapia também que era uma maneira de você desenvolver e me desgostava pelo que eu tinha ano passado. Agora quando eu voltei eu falei 'gente, só coisa boa de novo!	Contato com arte no tratamento.	Contato com arte no contexto do tratamento.
aí, lá eu aprendi a fazer aquelas caixinhas. Aquelas caixinhas, aí pintar... foi a única coisa que eu aprendi. E, eu penso assim: eu quero aprender mais sobre.... Fazer outras coisas, né... que era só caixinha e jardinagem... (...) Aí, fui pro CAPS ali do {...}... e ali não tem. A gente fica o dia inteiro lá, mas não tem artes, essas coisas.... E eu preciso pra desempenhar um pouco e aprender.		
A gente fazia oficinas no internamento, mas no caso (CAPS) eles não tem, né? Artes... falaram pra eu vir aqui.		
Aí, no CRAS o que eles mandaram a gente fazer é aquele chinelo decorado.... Tinha uns cursos que mandavam a gente fazer...		
Cursos profissionalizantes, provavelmente que isso venha a virar renda também, né?	Geração de renda	Aperfeiçoamento do trabalho artesanal e de sua apresentação.
como apresentar o trabalho, como... tipo, dar um valor a mais ao trabalho. Não só na aparência, mas apresentar pra vender... e, valorizar em si o trabalho, né?... Aperfeiçoar, como melhorar	Possibilidade de venda da produção artesanal.	
como fica o final de tudo, né? Como você pode chegar numa venda?		
Participar muito do grupo, né? (...) Todo tempo disponível... quero vir pra cá pra poder contribuir com a Associação, poder fazer trabalhinhos pra vendas coletivas... Fazer assim.... poder participar de verdade.	Venda coletiva.	

Que é esse conceito de valorização... que falta pra gente... Daí, são de pessoas conceituadas e quem é conceituado e só porque é usuário não tem o mesmo respeito, né? Eu acho que é onde as associações e os CAPS tem que dar uma melhorada nesse...	Desvalorização da produção artesanal dos usuários em relação aos outros artesãos.	
porque a gente é discriminado... “Não tem o que fazer na vida, vai fazer artesanato” não é assim... “Não, aí o cara não” ... O cara sei lá... mora numa casa super top, né? Aprender a fazer coisas, aprender a fazer artesanato... E aí, fica top...		
a nossa amiga estava falando assim... "as pessoas não valorizam o artesanato acha que ele.... É tudo coisinha que tem que ser R\$1,00 ou R\$2,00", não vê o artista atrás do trabalho, né?	Desvalorização do trabalho do artesão.	
Falamos já do nosso trabalho para não começar a ser discriminado.	Evitação da desvalorização	
Cursos profissionalizantes, provavelmente que isso venha a virar renda também, né?	Aperfeiçoamento do trabalho artesanal e de sua apresentação.	
como apresentar o trabalho, como... tipo, dar um valor a mais ao trabalho. Não só na aparência, mas apresentar pra vender... e, valorizar em si o trabalho, né?... Aperfeiçoar, como melhorar"		
Eu acho também que precisa ter uma técnica...		
Precisa ter técnica.... mas acima de tudo você precisa sentir o prazer de fazer aquilo.		
Agora quando eu voltei eu falei 'gente, só coisa boa de novo! Então, eu acho que a arte é muito importante (...) como fica o final de tudo, né? Como você pode chegar numa venda?		
E, eu já trabalhei antes com isso também... de artes... voluntário. Isso faz muitos anos. E, algumas coisas eu esqueci as técnicas (...) E, eu quero recuperar, fazer algumas coisas que eu estava vendo... Trabalhos bem bonitos aqui. Aprender alguma coisa também e ter uma atividade. To muito ociosa... Fazer isso... acho que é legal pra mim. Fazendo bastante coisa e tem bastante coisa até para ensinar pra gente, né? Coisas diferentes. Contribuir também, né?	Compartilhamento de experiências e interesse em aprender e recuperar habilidades	
eu gosto muito de artesanato, eu faço vários tipos e quero aprender mais, né? (...) Quero aprender outras coisas... poder ensinar também o que eu sei.... Participar muito do grupo, né? (...) Todo tempo disponível... quero vir pra cá pra poder contribuir com a Associação, poder fazer trabalhinhos pra vendas coletivas... Fazer assim.... poder participar de verdade.		
E, eu penso assim: eu quero aprender mais sobre.... Fazer outras coisas, né... que era só caixinha e jardinagem... (...) Aí, fui pro CAPS ali do {...}... e ali não tem. A gente fica o dia inteiro lá, mas não tem artes, essas coisas.... E eu preciso pra desempenhar um pouco e aprender.		
Aprender alguma coisa também e ter uma atividade. To muito ociosa... Fazer isso... acho que é legal pra mim.	Ocupação	Potencial terapêutico da arte.
E ali eu vi que eu encontrava tempo pra ficar em sobriedade e me ocupava, né? Então, pra mim realmente foi uma descoberta... saber que você tem talentos que você nem sabe que tem (...) Com a arteterapia também que era uma maneira de você desenvolver e me desgostava pelo que eu tinha ano passado. Agora quando eu voltei eu falei 'gente, só coisa boa de novo! Então, eu acho que a arte é muito importante	Ocupação, descoberta de talentos próprios e sobriedade.	
Eu resolvi vir pra conhecer mesmo pra ter.... eu tenho uma ideia do que é, né? Mas, para melhorar, né? É isso.	Participação na oficina por ser terapêutica.	
o motivo meu, na realidade... é esse. É por ser terapêutico.	Arte é terapêutica.	
É um tratamento.	Arte requer concentração	



o tempo que você fica fazendo alguma coisa.... Você... tua cabeça também está ali... concentrada. (...) É uma limpeza.	Arte é terapêutica e requer concentração	
eu acho que concentração também... é o direcionamento. É você se focar muito dentro de você, né? Porque a arte, quando você tá fazendo alguma coisa de arte você para pra se ver também, né?	Arte requer concentração e auxilia na autoobservação.	
Geralmente a gente tem dificuldade em iniciar e completar. Então, a arte consegue ajudar a gente nesse sentido... de iniciar um trabalho e completar esse trabalho até o final e de ter atenção sobre isso... nos detalhes, ser mais detalhista, né?	Arte auxilia na concentração e na realização da atividade em inteireza.	
A arte ela estimula também a criatividade, né? E é terapêutico, né?	Arte é terapêutica e desenvolve a criatividade.	
aí trabalha também o psicológico inteiro, acalma... manter a paciência, detalhes, de ser organizado...	Arte desenvolve a calma, paciência, organização, "Psicológico inteiro".	
a nossa paciência também... tudo você tem que ter: paciência.	Arte requer paciência	
você precisa ter calma!		
Acho bonito e aí eu resolvi vir conhecer também. Mas, eu gosto de vários tipos de arte. Música, teatro também eu me interesso bastante.	Interesse por artesanato pela beleza.	Expressão de sentimentos positivos.
(a arte) traz paz, né? Traz alegria...	Arte proporciona alegria e paz.	
é porque ela nos dá prazer, né? Ela dá prazer...	Prazer de fazer arte	
o prazer, o prazer de fazer aquilo.		
Precisa ter técnica.... mas acima de tudo você precisa sentir o prazer de fazer aquilo.		
mas, graças a Deus... é que nem você falou agora, né? Que tá sendo inserido no tratamento.... a arte	Satisfação pela inserção da arte no tratamento	

Seis pessoas participaram do grupo focal inicial, que teve como tema a experiência delas com arte e suas expectativas para a oficina. Como pode ser identificado no quadro acima, a partir da análise, são identificados seis núcleos de sentido. Por se tratar de análise temática de conteúdo de um grupo focal, isto é, um instrumento que se constitui como grupo de troca e construção coletiva de ideias, os núcleos de sentido correspondem a todo o grupo. Os núcleos de sentido encontrados são: (a) *Contato com arte fora do contexto do tratamento*; (b) *contato com arte no contexto do tratamento*; (c) *aperfeiçoamento do trabalho artesanal e de sua apresentação*; (d) *aprender e recuperar habilidades artísticas*; (e) *potencial terapêutico da arte*; (f) *expressão de sentimentos positivos*.

Os núcleos *Contato com arte no contexto do tratamento* e *Contato com arte fora do contexto do tratamento* referem-se aos relatos dos participantes que tratam sobre as experiências que têm ou tiveram no campo das artes, se externos ou dentro do contexto de tratamento de saúde. No início do grupo focal, os participantes relataram mais

experiências artísticas relacionadas aos serviços de saúde dos quais faziam ou fazem parte. Com o desenvolvimento da conversa do grupo, foram compartilhadas experiências de arte e artesanato fora desse contexto. As experiências dos participantes apresentadas no grupo focal são diversas e giram em torno do artesanato, como artesanato em arame, boneca de pano, decopagem em vidro e caixa de madeira, chinelo decorado, porta trecos, sendo relatado o interesse em aprender técnica em pintura de pano de prato e crochê.

O núcleo *Contato com arte fora do contexto do tratamento* diz respeito a experiências com arte que não fazem parte do tratamento de saúde, evidenciando a experiência de participantes que faziam arte e artesanato e agora desejam retomar o trabalho na oficina, participantes que atualmente produzem artesanato e participante que relata observar as diferentes artes e que deseja aprender a fazer artesanato. A partir deste núcleo, aparecem como formas de contato com arte externos ao tratamento de saúde: vídeos tutoriais de artesanato no ambiente virtual, cursos ofertados pela igreja, feiras de artesanato e trabalho voluntário realizado pelo participante. Como exemplo: *“uma coisa que eu comecei um curso que era na igreja mesmo onde eu ia... que a gente começou, a gente fazia as florzinha, pnhava naqueles paninhos... daí na igreja eu fazia vários cursos também que eles davam de graça, né?”* (Fabiane).

Contato com arte no contexto do tratamento é um núcleo de sentido designado às experiências com arte atreladas aos serviços de saúde. Os contextos apresentados pelas participantes foram o CAPS, internamento em hospital e Centro de Referência de Assistência Social-CRAS. Apenas Vera utilizou a nomenclatura arteterapia para se referir a atividades de arte no contexto terapêutico, os outros participantes utilizaram o termo oficina de arte e artesanato. Também Vera foi a única participante que relatou nesse grupo focal ter se afastado do trabalho terapêutico com arte por não estar bem durante um período: *“Com a arteterapia também que era uma maneira de você desenvolver e me desgostava pelo que eu tinha ano passado. Agora quando eu voltei eu falei ‘gente, só coisa boa de novo!’”*. Essa questão aparece em outros participantes durante o processo da oficina.

A partir do relato das participantes Vera, Amanda e Fabiane, nota-se a volatilidade e escassez da oferta de atividades artísticas nos serviços de saúde e a compreensão de que a presente oficina na Associação poderia suprir essa demanda. *“A gente fazia oficinas no internamento, mas no caso (CAPS) eles não tem, né? Artes... falaram pra eu vir aqui”* (Amanda). E Fabiane comenta:

*aí, lá eu aprendi a fazer aquelas caixinhas. Aquelas caixinhas, aí pintar... foi a única coisa que eu aprendi. E, eu penso assim: eu quero aprender mais sobre... Fazer outras coisas, né... que era só caixinha e jardinagem... (...) Aí, fui pro CAPS ali do {...}... e ali não tem. A gente fica o dia inteiro lá, mas não tem artes, essas coisas.... E eu preciso pra desempenhar um pouco e aprender.*

O relato de Fabiane fornece indícios de que as atividades artísticas em contexto do tratamento e das quais participou eram pré-estabelecidas: *“Aí, no CRAS o que eles mandaram a gente fazer é aquele chinelo decorado.... Tinha uns cursos que mandavam a gente fazer...”* (Fabiane).

O núcleo de sentido Aperfeiçoamento do trabalho artesanal e de sua apresentação refere-se ao sentido dado à oficina de contribuir para o aprimoramento do trabalho artesanal e de sua apresentação, visando a comercialização. Marcelo ilustra esse núcleo: *“meu trabalho em si é artesanal... Eu trabalho com artesanato de arame, faço coisas... dou forma em arames (...) como apresentar o trabalho, como... tipo, dar um valor a mais ao trabalho. Não só na aparência, mas apresentar pra vender... e, valorizar em si o trabalho, né? Aperfeiçoar, como melhorar”*. A participante Luiza se destaca no grupo, ao sugerir trabalho e venda coletiva: *“Todo tempo disponível... quero vir pra cá pra poder contribuir com a Associação, poder fazer trabalhinhos pra vendas coletivas... Fazer assim.... poder participar de verdade”* (Luiza).

O posicionamento de Elizabete, o qual não está incluso nesse núcleo de sentido, apresenta-se como contraponto, por ela se interessar pela produção e não comercialização do que é feito. Ela diz: *“Não tenho esse interesse de fazer pro comércio ou... porque é assim.... eu acho que é interessante. Eu gosto. Acho bonito e aí eu resolvi vir conhecer também”*. Neste mesmo núcleo de sentido, ao final do grupo focal, discutiu-se sobre a desvalorização do artesanato em sua comercialização: *“porque a gente é discriminado... “Não tem o que fazer na vida, vai fazer artesanato” não é assim... ‘Não, aí o cara não’ ... O cara sei lá... mora numa casa super top, né? Aprender a fazer coisas, aprender a fazer artesanato... E aí, fica top...”* (Vera).

No núcleo de sentido Aprender e recuperar habilidades artísticas, o sentido da oficina está em torno da aprendizagem de habilidades artísticas, podendo ser a recuperação de habilidades esquecidas, novas habilidades e compartilhamento de experiências no grupo. Amanda ilustra este núcleo:

*E, eu já trabalhei antes com isso também... de artes... voluntário. Isso faz muitos anos. E, algumas coisas eu esqueci as técnicas. A gente fazia bonequinho de pano. (...) E, eu quero recuperar, fazer algumas coisas que eu estava vendo... Trabalhos bem bonitos aqui. Aprender alguma coisa também e ter uma atividade. Tô muito ociosa... Fazer isso... acho que é legal pra mim. Fazendo bastante coisa e tem bastante coisa até para ensinar pra gente, né? Coisas diferentes. Contribuir também, né?*

Já o núcleo Potencial terapêutico da arte diz respeito à compreensão dos participantes de que a arte é terapêutica. Os efeitos relatados são diferentes entre si: descoberta de talentos próprios, auto-observação, manutenção da sobriedade, paciência, concentração, organização e desenvolvimento da criatividade e ocupação. Observa-se no relato de Elizabete que a escolha de participar da oficina envolve seu tratamento: “o motivo meu, na realidade... é esse. É por ser terapêutico”. Vera, Elizabete e Amanda podem exemplificar o presente núcleo: “E tinha uma sala de arteterapia, né? E foi onde eu cresci muito ali dentro... aprendi muita coisa de artesanato... E ali eu vi que eu encontrava tempo pra ficar em sobriedade e me ocupava, né? Então, pra mim realmente foi uma descoberta... saber que você tem talentos que você nem sabe que tem” (Vera), “aí trabalha também o psicológico inteiro, acalma... manter a paciência, detalhes, de ser organizado...” (Elizabete). Já a participante Amanda, também nesse núcleo, relata a necessidade de estar em atividade, sendo a oficina de arte uma opção.

Expressão de sentimentos positivos é o último núcleo de sentidos e como Vera exemplifica, diz respeito ao despertar de sentimentos positivos ligados a arte, como o prazer, alegria, paz e beleza. “Precisa ter técnica... mas acima de tudo você precisa sentir o prazer de fazer aquilo” (Vera). E Luiza comenta sobre a arte: “traz paz, né? Traz alegria...”.

Por meio do grupo focal inicial foi possível identificar algumas características do grupo de participantes. Eles possuem diferentes graus de proximidade com a arte, sendo o trabalho com artesanato mais presente. A partir dos relatos, observou-se também que o grupo é heterogêneo em relação ao tipo de artesanato que tiveram ou mantém contato, a forma como se aproximam da arte -por meio do tratamento de saúde ou não necessariamente ligado ao tratamento.

É possível dizer que o interesse apresentado pelo grupo em relação à oficina se diferencia parcialmente do que foi apresentado como demanda pela Associação. Enquanto a Associação demandou uma oficina enfocando a qualificação do trabalho artístico, pode-se observar no grupo focal que esse foi apenas um dos focos de interesse do grupo, contemplado no núcleo Aperfeiçoamento do trabalho artesanal e de sua apresentação.

A oficina de arte é de interesse não apenas para participantes que atualmente produzem arte e gostariam de aperfeiçoar sua produção e apresentação dessa produção, mas também para pessoas que desejam retomar suas atividades com arte ou até mesmo iniciar essa aproximação. A partir dos relatos, percebe-se que a oficina para seus participantes também possui o sentido de suprir demanda por atividade que o serviço de saúde não oferece, sendo a oficina de arte compreendida pelos participantes como parte do tratamento.

Desse modo, a oficina para parte dos participantes não se constitui como mais um momento de experiência com arte em seu tratamento, mas como o único momento em que isso é explorado. Nesse sentido, pode-se pensar que o objetivo inicialmente proposto pela Associação de qualificação, aperfeiçoamento do trabalho artístico e artesanal se torna mais complexo, visto que há participantes que estão iniciando ou retomando essas atividades, ou seja, que podem estar mais interessados em experimentar e se expressar pela arte.

Dessa forma, pode-se compreender que é nessa perspectiva que se expressou outro núcleo de sentido a partir do grupo focal, e que trata do interesse dos participantes pela oficina: o núcleo de sentido *Aprender e recuperar habilidades artísticas*. Além disso, o núcleo de sentido Potencial terapêutico da arte se destaca pela variedade de características terapêuticas denotadas pelos participantes à atividade artística. Com essa configuração, é possível notar que os participantes se aproximaram da oficina ou já fazem arte pela questão de que isso os faz sentir bem, não tanto pela possível inserção social com a comercialização da produção e possibilidade de renda, mas pelas características descritas no núcleo Potencial terapêutico da arte.

### **2.3.3. Análise dos questionários**

Foram identificados sete núcleos de sentido (Tabela 4) surgidos a partir das respostas dos oito participantes que responderam ao questionário. Os núcleos de sentido expressam o sentido da oficina para seus participantes: (a) *expressão de sentimentos*; (b)

valor do grupo; (c) desenvolvimento da imaginação e da criatividade; (d) confiança e superação de si mesmo; (e) aprimoramento da percepção das coisas; e (f) desenvolvimento do conhecimento, (g) aspectos negativos da oficina.

Tabela 5 – Núcleos de Sentido Questionário

Questionários		
Unidades de registro	Indicadores	Núcleos de sentido
Desabrochando sentimentos na arte que estavam esquecidos	Despertar sentimentos	Expressão de sentimentos
alegria, confiabilidade, segurança	Alegria	
Pureza	Pureza	
Expressa o que você está sentindo.	Expressão de sentimentos	
bom espetáculo de música, agradável	Agradável	
dia claro que transmite coisas boas.		
Tudo de bom. Grato.	Gratidão	
União	União	Valor do grupo
vidas quando se amam são fiéis até o fim.		
Educação, aprendizagem, companheirismo		
atenção e paciência		
amor, amizade	Amparo	
Amparo		
Árvore é sombra, ar, alimento enfim significa para mim amparo.		
conhecer pessoas me incentivou a criar.	Conhecimento de pessoas como incentivo à criação	
Compartilhar as emoções e elaborar quando possível a profissão de que gostamos.	Compartilhar emoções	
imaginação das riqueza das cores	Imaginação	
sol é tudo, liberdade	Liberdade	
árvore que dá vida	Abertura para a vida	
criatividade, conhecimento	Criatividade	
despertar para coisas novas	Abertura para o novo	
Domínio	Superação	Confiança e superação de si mesmo
superação, fazer o melhor		
confiança, segurança, otimismo	Confiança	
alegria, confiabilidade, segurança		
força, segurança, coragem	Superação, confiança	
quando você começa a desenhar ele não tem só 7 cores	Aprimoramento da percepção das coisas	
atenção e paciência	Atenção	
conhecimento cultural e profissional	Conhecimento	Desenvolvimento do conhecimento
quando você mais aprende conhecimento, sua vida se torna mais fácil e divertida.		
criatividade, conhecimento		

Abertura de conhecimento e mais incentivo de conhecer maior variedade de expressão.		
um lugar p/ o aprendizado, é sempre bom aprender	Aprendizagem	
aula de artes da escola		
Educação, aprendizagem, companheirismo		
Compartilhar as emoções e elaborar quando possível a profissão de que gostamos.	Profissionalização	
Não ter mais tempo de aprender. A oficina tem que ter mais tempo.	A oficina tem que ter mais tempo.	Aspectos negativos da oficina
Nenhum	Ausência de aspectos negativos na oficina	
Se tem não encontrei nenhum negativismos.		
Não teve.		
Nenhum.		
sem resposta		
Não sei nenhum.		
Nenhum		

O núcleo de sentido *Expressão de sentimentos* refere à oficina como forma de manifestação: “*Desabrochando sentimentos na arte que estavam esquecidos*” (Vera). Os sentimentos relatados pelos participantes desse núcleo são positivos: alegria, confiança, pureza, agradabilidade e gratidão. Ao ser requisitada a comparar a oficina com algo, Luiza respondeu: “*Compararia com o dia claro que transmite coisas boas*” (Luiza). Além dos participantes Vera e Luiza, Daniel e José também viram o sentido da oficina relacionado à liberação de sentimentos.

Já o núcleo *Valor do grupo*, apresenta a oficina como espaço de compartilhamento, proteção e desenvolvimento. Isis representa esse núcleo ao responder sobre o significado de seu desenho sobre a oficina: “*Árvore é sombra, ar, alimento enfim significa para mim amparo*”. Bruna também apresenta o grupo como facilitador do processo criativo. “*Que conhecer pessoas me incentivou a criar*” e Iris, do compartilhamento de emoções: “*Compartilhar as emoções e elaborar quando possível a profissão de que gostamos*”.

O núcleo *Desenvolvimento da imaginação e da criatividade* observa o sentido da oficina em sua abertura para o desenvolvimento da criatividade e da imaginação, bem como abertura para diferentes possibilidades de vida. A participante Isis representa esse núcleo, ao comparar a oficina “*Com a árvore que dá vida*” (Isis) e relatar o “*Despertar para coisas novas*” como aspecto positivo da oficina (Isis). O núcleo *Confiança e superação de si mesmo* refere à compreensão de que a oficina tem seu sentido no desenvolvimento de segurança em si mesmo e na possibilidade de superação do

participante. Daniel e Joel ao se referirem ao desenho expressam: “*O desenho desperta a superação, fazer o melhor.*” (Daniel) e “*Leão: força, segurança, coragem.*” (Joel).

O núcleo de sentido *Aprimoramento da percepção das coisas* diz respeito ao sentido da oficina voltado ao enriquecimento da atenção em relação às coisas que estão em volta. “*O significado deste desenho tem pra mim que você olha o arco-íris de uma forma, mas quando você começa a desenhar ele não tem só 7 cores*” (José). *Desenvolvimento de conhecimento* é um núcleo de sentido que compreende respostas que tratam da aprendizagem e desenvolvimento do conhecimento técnico-profissional: “*Abertura de conhecimento e mais incentivo de conhecer maior variedade de expressão*” (Luiza). O núcleo *Aspectos negativos da oficina* refere-se a compreensão de que a oficina não possui aspectos negativos e, uma outra perspectiva, que a oficina contou com tempo insuficiente. José, com esse posicionamento, relata: “*Não ter mais tempo de aprender. A oficina tem que ter mais tempo*”.

#### **2.3.4. Análise do grupo focal final**

O grupo focal final teve como objetivo investigar os sentidos da oficina para seus participantes. A coleta de dados contou com nove participantes e foram identificados sete núcleos de sentido: (a) *Aprendizagem na oficina*; (b) *Oficina como espaço de descoberta*, (c) *Oficina como espaço para retomada de atividades*; (d) *Caráter terapêutico da oficina*; (e) *Relacionamento na oficina*; (f) *Aspectos práticos da oficina*; (g) *Futuro do grupo a partir das vivências na oficina* (Tabela 6 – Núcleos de sentido Grupo Focal Final está localizada no Anexo 6). É importante salientar que uma mesma pessoa pode dar indicativos de mais de um sentido e que os núcleos de sentido se interpenetram. Um participante, Gustavo, participou de todo o encontro, mas não se pronunciou no grupo focal. Ele havia participado em dois encontros da primeira parte da oficina e retornou para a mesma nesse último encontro.

Durante o grupo focal e durante o processo da oficina, os participantes reportaram-se à oficina como professora, e não como uma profissional da saúde. “*é, eu acho que foi bem aproveitado... bem ativado por você, professora.*” (Luiza). Esse pode ser um dado a se notar, pois pode expressar a posição dos participantes na oficina. Além disso, nota-se durante o grupo focal final somente aspectos positivos em relação à oficina: “*Eu adoro. Foi muito bom!*” (Joel), “*Ah, eu também achei maravilhoso!*” (Luiza). Naturalmente, deve-se colocar em questão a influência da desajustabilidade social.



A oficina se constituiu como processo de aprendizado (Núcleo de sentido “a”), perspectivando a contribuição do estudo da cor para diferentes trabalhos artesanais; aprendizado por meio de troca de experiências; introdução a diferentes tipos de trabalho do campo artístico e artesanal; ampliação das possibilidades de produção artesanal dos participantes; aprendizagem para o aprimoramento do produto a ser comercializado; desenvolvimento do talento com o conhecimento adquirido; compreensão do aproveitamento da oficina depender do esforço pessoal e modo de se expressar da oficinaira. Os participantes exploram diferentes aspectos da aprendizagem na oficina, entretanto, esse núcleo pode ser exemplificado por José:

*Você pode ver que cada um tem a sua área de trabalho, né? Madeira, pano de prato... pintura, tela... pra nós foi gratificante, né? Porque a gente aprendeu como trabalhar com as cores, né? Pode ver que agora... que nem eu tava pintando pano de prato... desenhando ali... ele vai usar o branco, o azul, o preto e o básico ali, né? variedade de cores que ele pode utilizar através dessa oficina que teve aqui nós podemos trabalhar. Que nem eu sempre trabalhei ali com verniz, né? Agora eu posso saber que eu posso trabalhar com várias cores... com o azul... com o amarelo, com magenta. Variedade de cores. Então, pra mim... pra nós aqui eu acho que foi muito importante essa oficina....*

*Oficina como espaço de descoberta* é o núcleo de sentido que compreende esse espaço como um lugar em que se enfrentam novos desafios: “*Desenho a mão livre também eu nunca tentei. Agora eu estou tentando*” (Liz). Os participantes relatam admiração pelo que experienciaram. José relata sobre sua experiência:

*pra mim foi importante que... a pintura em si nunca... nunca tive interesse assim. Aí, desde quando no CAPS lá eles falavam dessa oficina... aí me interessou. Aí, a gente chegou aqui e eu pensei que era coisa de outro mundo. E não era. A pintura é um modo de você sonha com os olhos abertos, pintando. E eu ali em casa... depois eu fiquei pensando: eu fazendo um desenho desse? E não é nem.... Imaginando as coisas, imaginando as figuras....*

O núcleo de sentido *Oficina como espaço para a retomada de atividades* refere ao espaço possibilitador do recomeço do trabalho com atividades consideradas

interessantes pelo participante, mas que estavam abandonadas. A partir do relato de Isis e também de outros participantes desse grupo, nota-se a que a retomada das atividades está vinculada a motivação exercida pela oficina. Isis diz:

*Que fez eu lembro de muita coisa...já tava parada assim, sabe? Na mesa... começou a vir de novo! No trabalho, na pintura.... E como nós estávamos conversando ali...eu trabalho o dia todo, né? Já foi vindo ideia, coisas que já tava parado no tempo, sabe? Que eu deixei.... Deixei muito tempo passou.... E eu tava parada... então agora eu tô com vontade, bem animada pra começar tudo de novo... eu não digo recomeçar, vou começar de novo!*

O núcleo de sentido *Caráter terapêutico da oficina*, aponta aqui para diferentes aspectos: o despertar do prazer e alegria em participar da oficina e dessas qualidades terem efeito terapêutico; a oficina faz parte de desenvolvimento da autonomia; o processo da oficina desperta segurança, confiança e calma; sentimento de completude e trabalho artístico e artesanal como meio de expressão de si. O relato de Joel pode representar esse núcleo, tratando da possibilidade, também através do processo da oficina, dele ser protagonista de si mesmo:

*é importante que você vê que tá esquecido... que você queria levar praquele lado, lá... disso, daquilo, né? Esse lado é o lado bom. Porque você desenvolve a sua mente. O seu conhecimento. O seu talento. Justamente na sociedade que você começa a reconquistar.... A gente teve muitas perdas! Você começa a reconquistar tudo. E também você se vê como artista! Você é o que quer. Coisa bonita da vida. Entende? Ao invés de você ser só um... você é o autor principal se torna...*

Já José relata sobre o caráter expressivo do manejo das cores, mesmo este não tendo sido o foco do estudo da cor:

*e a riqueza de cores é imensa, né? Conforme a imaginação, conforme o dia... uma pessoa está bem no dia, tudo isso daí é legal a pintura, né? Um dia se você tá bem você começa a imaginar um vermelho de várias cores de vermelho...*

*mas, as vezes você tá um dia meio ruinzão você vai trabalhar no cinza... que é uma cor mais, né?*

A participante Liz, nesse núcleo de sentido, relata sua necessidade de desenvolver mais segurança: *“eu não tenho segurança, eu sei fazer de tudo... Mas, segurança que eu preciso eu não tenho ainda. Preciso de muitas oficinas ainda”*. A ocupação do tempo ocioso está presente nesse núcleo de sentido apenas no relato da participante Iris em relação à demanda inicial que ela tinha sobre a oficina. É interessante notar que dentre os aspectos terapêuticos descritos pelos participantes nos grupos focais inicial e final, o caráter de preenchimento do tempo ocioso é somente relatado no grupo focal inicial. Isso pode conduzir à compreensão de que com o processo da oficina, ela passou a ter outros sentidos para os participantes. Além disso, com base nos núcleos de sentido do *Caráter terapêutico da arte* (grupo focal inicial) e *Caráter terapêutico da oficina* (grupo focal final) e comparando com o processo da oficina, há indícios de que o caráter terapêutico da oficina denotado pelos seus participantes refira características próprias da atividade artística. Ou seja, o caráter terapêutico que a oficina apresenta não deriva de uma abordagem terapêutica da oficinaira, mas da própria experiência dos participantes com a arte. Concordando com a posição de Galletti (2001), compreende-se que a oficina de arte se constituiu como um intercessor terapêutico, ao invés de um instrumento de terapia. *“Mas a potência do intercessor está no fato de ele interceder, percutir, ressoar, ecoar em um certo campo sem retirá-lo do seu próprio caminho”* (p.110).

O núcleo de sentido *Relacionamento na oficina* refere ao que é significativo para seus participantes em relação aos vínculos criados na mesma. *“Mas, vocês são pessoas interessantes. E, inclusive a senhora (oficineira) também muito especial”* (Iris) e *“Então, assim... a nossa amizade... nosso relacionamento aqui tá tudo muito bacana, né? Pessoas que tão vindo, né?”*.

O núcleo *Aspectos práticos da oficina* refere-se a questões práticas da oficina que, segundo os participantes, influenciaram na sua relação com a oficina, como a localização da Associação e duração da oficina. A participante Iris comenta que a proximidade da Associação de sua casa, ou seja do território que frequenta, impactou na sua escolha de participar da oficina:

*lá no CAPS, sempre eles falavam, né? Tinha as terapeutas que ofereciam pra mim.... Quando nós saíamos de lá que eu fazia tempo ali... as estagiárias... depois elas iam em outro lugar e me convidou pra mim ir, sabe? Só que daí sempre tinha uma ocupação e eu não tinha muito interesse. Também era muito longe. Agora, perto de casa eu posso vir a pé e tudo e voltar. Aqui pra mim ficou bom. Ficou melhor.*

*Futuro do grupo a partir das vivências na oficina* foi um núcleo de sentido expresso nas falas de todos os participantes e que trata das perspectivas dos mesmos em relação ao futuro do grupo de trabalho que se formou na oficina. Neste núcleo encontra-se a intenção comum de manter as atividades do grupo após a oficina, por meio da troca de experiências no campo da arte e artesanato. Há também outras perspectivas, como: aperfeiçoar a organização do material e da logística do grupo, propagar o que foi aprendido, agregar novas pessoas, interesse em cursos, inclusive em curso de cestaria a ser ministrado pelo participante José, comprometimento com a atividade do grupo e em ser associado, angariação de recursos materiais para o trabalho artesanal e produção visando comercialização. A fala de Joel, quando ele expressa a necessidade de comprometimento do grupo, pode representar esse núcleo de sentido: *“a Associação, é uma Associação! Somos associados, nós temos que... não vai cair do céu. Nós temos que nós correr atrás das coisas”*. E Isis comenta sobre a necessidade de organizar a logística do grupo:

*Tem muita coisa que vai ser modificado... que tem que ser modificado...organização, né? A gente tem que combinar entre nós que estamos mais frequentes aqui... ter uma organização... cada coisa ter um cantinho.... Porque depois na hora da gente não perder trabalho, né? Onde é que tá o tal trabalho? Tem que estar aqui.*

Nota-se que o participante que trouxe questões da produção artesanal para a comercialização é mais atrelado à Associação, enquanto os outros participantes denotam outros sentidos. Bernardo diz: *“olha pessoal... eu acho que uma coisa muito importante, assim... com relação ao comércio para vender... quero muito que isso aí prossiga e vá pra frente”*. A partir do núcleo de sentido Futuro do grupo, é possível compreender que a oficina foi espaço de autonomia dos participantes. Eles discutem ideias de como

aperfeiçoar o grupo após o término da oficina, pensando os problemas que surgiram no decorrer da oficina e nesse período externamente a ela, na confecção de panos de prato e sua comercialização, por exemplo.

Ao recuperar o diário de campo e resultados do grupo focal inicial, nota-se que a questão da autonomia era uma das preocupações daicineira. Como observado no grupo focal inicial, participantes ingressaram na oficina como parte do tratamento, encaminhados pelo serviço de saúde, inclusive sem saber do que se tratava. E durante o processo da oficina, foi observada dificuldade em realizar as tarefas de casa e especialmente na segunda parte da oficina, em que cada participante deveria escolher em qual produção artesanal ou artística investir, segundo seus interesses e possibilidades materiais, notou-se a necessidade da autonomia, característica importante para um trabalho comprometido, que tenha sentido para o participante e que possa permanecer frente a adversidades.

Pode-se compreender, a partir dos relatos, que a possibilidade de aplicar o conhecimento aprendido esteja vinculado ao desenvolvimento da autonomia dos participantes frente ao trabalho deles como artesãos e artistas. É interessante notar que este desenvolvimento não se realizou com uma oficina de “aprender a fazer algum artesanato”, mas que trabalhou algumas bases do fazer artístico que estão presentes em qualquer fazer desta área, como a observação estética, leitura de imagem e, o que foi muito lembrado pelos participantes, o trabalho com a cor. Talvez seja possível dizer que essa questão expressa parte original do trabalho, visto a escassez de oficina de arte no campo da saúde mental que explorem conteúdos mais específicos do campo do saber artístico.

Durante esse grupo focal foram feitas várias referências às experiências do estudo da cor, abordado principalmente na primeira parte da oficina e durante todo o processo de modo indireto. Aicineira não pensou ter privilegiado esse aspecto de estudo, porém a cor foi justamente o conteúdo mais comentado sobre o processo da oficina, o que pode dizer sobre a relevância dessa experiência para seus participantes, em contraposição a outros conteúdos explorados, como o desenvolvimento dos próprios projetos, o que sugere que esses não constituíram a experiência mais relevante.

#### **2.4. Processo e produto: por uma visão integrada da arte no cuidado à saúde.**

Retomando os núcleos de sentido identificados a partir das respostas ao questionário e discussões desenvolvidas nos grupos focais inicial e final, é possível identificar pontos em comum, os quais auxiliam a compreender a essência da experiência dessa oficina para seus participantes.

A demanda inicial da Associação foi de uma oficina que qualificasse o trabalho artístico e artesanal dos participantes da oficina. Já o grupo focal inicial com os participantes identificou outras demandas desse grupo. Esse grupo era heterogêneo em relação à diversidade de experiências, diferenças na intensidade da proximidade com o campo artístico, e em relação a estarem produzindo ou afastados de suas atividades artísticas. Além disso, o grupo apresentava diferenças em relação à forma como tem contato com atividades artísticas e artesanais, se por meio do seu tratamento de saúde ou paralelo a esse.

A partir dos núcleos de sentido identificados no grupo focal inicial, é possível afirmar que esses participantes estavam interessados em participar da oficina por meio de três aspectos principais: intenção de aperfeiçoar o trabalho artesanal e sua apresentação; aprender e recuperar habilidades artísticas; e pelo potencial terapêutico vivenciado pelos participantes ao realizarem atividades artísticas e artesanais.

Em ambas as formas de coleta de dados após a oficina, questionário e grupo focal final, e acompanhando o grupo focal inicial, os participantes compreendem que a oficina foi significativa quanto ao seu caráter terapêutico (núcleos de sentido Expressão de sentimentos, no questionário; Caráter terapêutico da oficina, no grupo focal final) e de aprendizagem e desenvolvimento do conhecimento, da imaginação e da criatividade (núcleos de sentido Desenvolvimento do conhecimento, Desenvolvimento da imaginação e da criatividade, Desenvolvimento da percepção das coisas, no questionário; e Oficina como espaço para retomada de atividades, Aprendizagem na oficina, no grupo focal final). Em relação ao caráter terapêutico apontado pelos participantes, este circunscreve-se às seguintes características: auto expressão, desenvolvimento de calma, confiança, autonomia, sentimento de completude, bem como do prazer e alegria vivenciados na oficina.

Ainda no grupo focal final (núcleos de sentido Relacionamento na oficina e Oficina como espaço de descoberta) e questionário (núcleos de sentido Valor do grupo e Confiança e superação de si mesmo) nota-se o surgimento de duas perspectivas que

não haviam sido descritas pelos participantes no início da oficina. Trata-se do relacionamento do grupo durante a oficina e da oficina se constituir como espaço de descoberta, o qual comporta o enfrentamento e superação de desafios.

Com isso, pode-se dizer que os sentidos da oficina no geral, considerando os três momentos de coleta de dados, foram: terapêutico; aprendizagem e desenvolvimento do conhecimento, da imaginação e da criatividade; relacionamento do grupo e espaço de descoberta e de superação. Os sentidos não se excluem mutuamente, mas se interpenetram.

Em relação a estudos que se propõem a trabalhar com arte com pessoas em sofrimento psíquico (Bilbao, 2008; Hacking et al., 2008; Mecca, 2008; Elmescany, 2010, 2018; Lima et al., 2009; Luci et al. 2015), observa-se que os resultados deste estudo assemelham-se a outros nos seguintes aspectos: possibilidade de autoexpressão e de transformação de si, desenvolvimento de autonomia e autoconfiança, diminuição de sentimentos negativos no enfrentamento de desafios e melhora no relacionamento interpessoal. Sobretudo, observa-se o desenvolvimento do protagonismo neste estudo, que encontra respaldo em outras pesquisas (Hacking et al., 2008; Pereira & Palma, 2018).

Pereira e Palma (2018) investigaram os sentidos de oficinas terapêuticas ocupacionais, que incluem atividades artesanais para usuários de um CAPS. Elas notaram aspectos semelhantes com os observados na presente pesquisa: os sentidos de afastamento da dor cotidiana, de aprendizado (pela troca de experiências e aprendizado de habilidades por meio do instrutor) e de acolhimento. Entretanto, nos resultados observados na presente pesquisa, além do sentido de afastamento da dor cotidiana, acrescem-se outras características de caráter terapêutico e de aprendizagem levando ao desenvolvimento do conhecimento, da imaginação e da criatividade.

Apesar das semelhanças nos resultados, este estudo difere dos demais também no que tange à dinâmica e aos conteúdos trabalhados. Cita-se em especial, o fato de ter sido desenvolvido em uma Associação de usuários da RAPS, de ter foco na formação artística dos participantes e de explorar a experiência estética. Encontra-se proximidade na literatura com os resultados encontrados em Barbosa et al. (2007), Coqueiro et al. (2010), Camargo et al. (2011) e Alice (2015). No entanto, e diferentemente do presente estudo, nesses enfoca-se a arte enquanto terapia. Como já referido, neste estudo o enfoque está na proposta de formação introdutória em arte para o aprimoramento do

trabalho dos participantes. Trata-se, portanto, de estudo inédito. Resta realizar a reflexão sobre sua efetiva contribuição para os participantes.

Com o andamento da oficina, nota-se o desenvolvimento da oficina como grupo de trabalho que objetiva manter suas atividades após o seu término, o que denota o interesse dos participantes. Segundo eles, estar em grupo propicia aprendizado por meio de troca de experiências, é motivador para estar produzindo e, por meio dos vínculos criados, é espaço acolhedor. Outros estudos também fazem menção a esse caráter de trabalho conjunto do grupo como vetor de motivação, organização, união e autonomia (Mecca, 2008; Fonseca, 2012; Pereira & Palma, 2018).

Foi solicitado pela Associação que a oficina deveria contribuir para projeto de economia solidária. Barreto et al. (2013) esclarece que a economia solidária no campo da saúde mental é ferramenta para a inserção social por meio do trabalho enquanto atividade cooperada, com participação democrática e autogestão, mas que também se insere no mercado, com possibilidade de ganho econômico real para seus participantes. Embora tenha se constituído como uma oficina para a qualificação do trabalho artístico e artesanal inserida em uma Associação, foi possível observar dois potenciais destacados por Barreto et al. (2013) em relação à economia solidária: a construção e manutenção de vínculos afetivos e sociais, além de ser espaço de desenvolvimento da autonomia, por meio da gestão democrática.

A literatura do campo de intersecção entre arte e saúde mental é majoritariamente escrita por profissionais da área da saúde, sendo escassa a produção nesse campo por profissionais da área das artes (Tavares, 2003). No entanto, a partir da oficina de arte do presente estudo e segundo Galletti (2009), Galvanese (2014) e Morato e Lussi (2015), observa-se que o conhecimento doicineiro sobre o campo artístico pode ser uma ferramenta útil não só para a qualificação do trabalho do participante, mas também para o desenvolvimento da autonomia. Esse desenvolvimento é expresso nos núcleos de sentido Oficina como espaço de descoberta e Caráter terapêutico da oficina (a partir do grupo focal final) e Confiança e superação de si mesmo (a partir das respostas ao questionário).

Ainda sobre o desenvolvimento da autonomia, este estudo dialoga com os resultados apontados por Hacking et al. (2008). Os autores, nessa pesquisa quantitativa, constataram que os aspectos de projetos de arte no contexto da saúde mental que impactam positivamente na qualidade de vida de participantes em sofrimento psíquico são a melhora da saúde mental, inserção social, mas acima de tudo o empoderamento



dos participantes. Também observou-se que esses projetos que articulam arte e saúde mental podem beneficiar pessoas com diferentes necessidades em saúde mental.

O caráter de aprendizagem e desenvolvimento do conhecimento, da imaginação e da criatividade neste estudo mostrou-se significativo para os seus participantes. A oficina de arte levou a questões da vida, sem enfoque no sofrimento psíquico. “A potência das oficinas enquanto dispositivo deixa emergir ‘estados de vitalidade’ nos seus participantes, porque os retira do lugar de desqualificado inerente ao papel de doente-paciente” (Galletti, 2001, p. 107). Nessa perspectiva, amplia-se a possibilidade já explorada por De Marchi (2012), Aversa (2014) e Secker et al. (2017), de aproximação do cuidado à saúde mental com a arte e a educação. Entretanto, como será comentado adiante, não se concorda com Aversa (2014) no abandono do possível caráter terapêutico da arte quando explorada no contexto da saúde mental.

Tendo em vista os núcleos de sentido identificados nas falas do grupo focal final, pode-se dizer que embora a demanda inicial pela oficina fosse o aperfeiçoamento do trabalho artístico e artesanal de seus participantes, a oficina se constituiu como espaço para o primeiro contato ou espaço para vivenciar arte. Curioso é perceber na literatura sobre o tema (Aversa, 2014; Bang et al, 2016), que essa vivência é menosprezada por dar vazão ao caráter terapêutico e não representar grande contribuição para a inserção social, ou mesmo ao campo da arte-educação. Argumenta-se que a vivência tende a se restringir à arte pela arte.

Notou-se na presente oficina que os participantes demandavam a experimentação artística. Compreende-se que a experimentação artística não é algo que deva estar presente apenas em oficinas de livre expressão artística, ou de viés estritamente terapêutico, mas também de qualificação em arte e artesanato, pois este é um dos alicerces para o fazer artístico e artesanal qualificado.

Na presente pesquisa, considera-se a vivência com a arte como o primeiro momento para uma formação artística. A vivência ativa a sensibilidade e a abertura em relação à experiência, bem como convida todo o sujeito para a experiência (Schiller, 2002; Schleder & Stoltz, 2014).

Assim, é possível entender a Associação não apenas como lugar de aperfeiçoamento do trabalho artístico, almejando uma produção para a comercialização, mas também como espaço para uma primeira exploração ou retomada desse trabalho. Nota-se que a Associação, ao invés de existir como um elemento a mais na RAPS, acaba por receber demandas que seriam para outros elementos da Rede, como o que foi

mencionado por alguns participantes, que buscaram atividades com arte nos CAPS e não encontraram. Por essa razão, buscaram a Associação.

Nesse sentido, para uma primeira exploração ou retomada do trabalho artístico, a vivência com arte é fundamental. “Quando se deseja, por meio da arte ou do trabalho, produzir territórios existenciais (inserir ou reinserir socialmente os ‘usuários’, torná-los cidadãos...) cresse que está se falando (a meu ver, dever-se-ia falar) não de adaptação à ordem estabelecida, mas de fazer com que trabalho e arte se reconectem com o primado da criação, ou com o desejo ou com o plano de produção da vida” (Rauter, 2000, p. 271).

Não se trata de iniciar uma introdução à arte valendo-se de um ativismo por etapas, com primazia da técnica, sem antes sensibilizar o sujeito para a arte e para o seu trabalho. Aqui se denota a contribuição de uma abordagem fenomenológica.

A abordagem triangular, proposta de ensino de arte desenvolvida por Ana Mae Barbosa, compreende a arte como expressão e conhecimento (Azevedo, 2014; Barbosa in Batistti, et al., 2016). Nesse sentido, o ensino da arte poderia abarcar a articulação de três aspectos: a criação (fazer artístico), a leitura de imagem e a contextualização (Azevedo, 2014). Para Barbosa (in Batistti et al., 2016), a vivência por meio da criação e apreciação é um dos aspectos a serem explorados na arte-educação. Mas, em sua percepção, a vivência por si só corre o risco de se reduzir a um ativismo. A vivência estética é algo diferente, é uma das vivências mais fundamentais do ser humano e se caracteriza pela apreensão sensível do entorno, extrapolando o contexto artístico e referindo-se não só a criação, mas percepção, criação e reflexão (Duarte Jr, 2010).

É interessante observar que os elementos destacados pelos participantes em relação à oficina assemelham-se em parte aos de participantes de experiências artísticas em geral. Pode-se observar que não artistas também compreendem a arte como mediadora no enfrentamento de momentos difíceis, como meio transformador ou de fuga (Schleder & Stoltz, 2014). Esses resultados encontram respaldo em Nise da Silveira (Melo, 2001b, 2010a, 2010b; Castro & Lima, 2007), que entende a experiência artística e a criatividade como ligada ao humano e, nesse sentido, para todos, sem focar a psicopatologia. Assim, propostas artísticas que envolvam diferentes grupos populacionais, como a idealizada para os centros de convivência que integram a RAPS, mostram-se não só como algo possível, mas promissor para a desinstitucionalização da reforma psiquiátrica. Aliás, a própria pioneira do trabalho com a arte no Brasil no

contexto da saúde mental, Nise da Silveira, idealizou essa abertura, propondo terapêutica com base no exercício da cidadania (Silveira, 1986; Mello, 2009).

Aversa (2014), Pommer e Rocha (2015) e Amarante (2017) apontam para a necessidade, sob a perspectiva da reabilitação psicossocial, de se afastar do enfoque terapêutico da atividade artística no campo da saúde mental e investir na arte como ferramenta cultural e de inserção social. Entretanto, a experiência da oficina na presente pesquisa aponta para uma perspectiva diferente, em que o caráter terapêutico também se constitui, junto ao relacionamento do grupo, aprendizagem e desenvolvimento do conhecimento, da imaginação e da criatividade, como experiência relevante para seus participantes. Nesse sentido, parece que se trata mais de integrar esse aspecto, considerando a presença de diferentes elementos significativos na experiência com a arte.

Segundo Galletti (2001), as oficinas se constituem como campo híbrido, sem esgotar as partes: “Nos dispositivos-oficina em que se insinuavam muitas vezes modos dissidentes de intervenções “terapêuticas”, seus funcionamentos provocaram agenciamentos de campos naturalmente separados, produzindo deslocamentos onde anteriormente havia lugares bem definidos: arte e clínica, pacientes e alunos-aprendizes, terapeutas e oficinairos” (Galletti, 2001, p.116). Já Ibiapina et al. (2017) observam que a diversidade de oficinas terapêuticas desenvolvidas, impacta no processo de ressocialização de seus participantes. Nesse sentido, pode-se dizer que é incoerente considerar apenas um dos aspectos observados na presente oficina para a realização de uma oficina de arte. Também assim, defende-se que propostas arteterapêuticas, inclusive individuais, conforme as demandas do público alvo, também podem ser válidas no contexto da atenção à saúde mental.

Ao se falar de ‘cunho social’ para a prática psicológica, não podemos esquecer de dois elementos: o primeiro deles é o fato que a sociedade persiste em demandas específicas mesmo que se pense o contrário. Assim é que uma ‘clínica reduzida’ não perde seu espaço simplesmente por que se deseja a construção de uma ‘clínica ampliada’ (Holanda, 2012, p.94).

Desse modo, tal como os participantes da oficina apresentam como demanda desde o início da intervenção, o caráter terapêutico do trabalho com arte também se constituiu como vivência significativa. Adensando a discussão, Holanda (2012) defende

que a prática psicoterápica não pode ser caracterizada como restrita ao individual e ainda ‘inferior’ às práticas ditas psicossociais, como se essas contivessem a solução para as situações de sofrimento.

Segundo Galletti (2007), “A naturalização da prática da oficina, muitas vezes tomada a priori como um instrumento na desconstrução da prática manicomial, tem o duplo efeito de aprisionar e apassivar o dispositivo, mais do que torná-lo disruptivo nas intervenções institucionais” (Galletti, 2007, p.7). Nessa direção, Campos argumenta: “desejamos mostrar uma diferença básica entre o fazer alguma coisa (ou qualquer coisa), e fazer coisas que possam vir a ter sentido para cada usuário. Temos visto numerosas oficinas que – chamando-se de terapêuticas – estruturam-se somente em base do produzido (em termos de produto para a cooperativa vender, por exemplo) e não do que produzem concretamente sobre a singularidade de cada usuário que se encontra inserido na ‘linha’ de produção. (2001, p.108).

Pode-se dizer então que a preocupação com a humanização do cuidado na saúde mental, tão comentado na proposta psicossocial, requer o movimento do profissional voltado para a experiência empírica nas oficinas, evitando um possível viés apriorístico do discurso dominante da área da atenção psicossocial, de que as atividades devem ser em grupo, deve acontecer a inserção social, e a quase inexistência de atendimento individual. A ideologia impede o questionamento acerca do sentido das próprias práticas (Campos, 2001).

A experiência estética é explorada por autores como uma possibilidade no contexto terapêutico (Parkes & Volpe, 2012; Samaritter, 2018) e da arte-educação (Amaral, 2014). Observa-se na presente pesquisa e também nesses estudos que a experiência estética contribui para o autoconhecimento do sujeito. “Assim, a concepção contemporânea de saúde como produção de vida pode se traduzir em propostas de cuidado que envolvem a arte, numa experiência estética que estimula modos de existir criativos e a procura de novos sentidos de vida” (Elmesany, 2018, p.155).

Já Secker et al. (2017), salientam outras características desenvolvidas por meio da vivência estética e que também foram observadas na presente investigação. Os autores buscaram compreender o papel específico da criatividade, presente na vivência de um curso de arte, nos resultados de intervenções com arte no contexto da saúde mental, o qual costuma ser usualmente apresentado junto aos efeitos da interação social. Segundo os autores, o processo criativo se mostra especificamente relevante pela

inspiração a outros projetos, prazer da experimentação e esses, junto à aprendizagem, estão ligados ao desenvolvimento de bem-estar.

O interesse dos participantes pela experiência de manejo das cores, observado nesta pesquisa como uma das propostas de aperfeiçoamento do trabalho artístico dos participantes e de desenvolvimento da experiência estética, corrobora com o observado por Secker et al. (2017): “Um último aspecto do prazer na experimentação descrita pelos participantes foi seu evidente prazer em explorar o uso da cor” (p. 10, tradução nossa). Segundo Parkes e Volpe (2012), há uma relação entre o aumento da atenção ampliada (awareness) das cores e o bem-estar. Assim, observa-se que tanto propostas de caráter terapêutico quanto de formação em arte na saúde mental, apontam para o trabalho com a cor como uma possibilidade de desenvolvimento da experiência estética e, por sua vez, de maior atenção ampliada e bem-estar.

Como observado por Secker et al. (2017) a experimentação artística requer privilegiar o processo, ao invés do resultado, produto da atividade artística ou artesanal. E, diferentemente dessa perspectiva, as oficinas de geração de renda podem correr o risco de focar o resultado, ou seja, o produto final e sua possibilidade de geração de renda e inserção social, perdendo parte de suas características significativas para os sujeitos participantes.

O trabalho com arte e artesanato requer olhar o processo artístico. E nesse processo, como foi possível observar neste estudo, está também o potencial terapêutico por meio da vivência estética e, como significativo para os participantes dessa oficina, o manejo da cor. Mas o trabalho com arte e artesanato também requer focar o produto, necessário para pensar a qualidade e produção consistente. Dessa forma, é possível compreender que uma oficina de arte no contexto da saúde mental que vise a geração de renda, deveria se ater também ao processo artístico, pois esse é de valia para a produto final e para o sujeito durante o processo artístico e artesanal.

## **2.5. Considerações Finais**

O objetivo desta pesquisa foi o de compreender os sentidos de uma oficina de arte para membros de uma Associação de pessoas que participam da Rede de Atenção Psicossocial (usuários da RAPS, ex-usuários, seus familiares e profissionais). Foi possível identificar os seguintes sentidos experienciados pelos participantes em relação à oficina e considerando os três momentos do estudo: um sentido terapêutico; um sentido de aprendizagem e desenvolvimento do conhecimento, da imaginação e da

criatividade; além de um sentido de relacionamento do grupo e espaço de descoberta e de superação. Esses aspectos deveriam ser considerados na prática voltada para pessoas em sofrimento psíquico, o que conduz à ideia da necessária revisão das propostas oferecidas nesse campo, em termos de não negligência de nenhum desses aspectos.

A relevância do relacionamento do grupo para os participantes foi observada somente após todo o processo da oficina, o que leva a pensar em uma construção progressiva desse relacionamento, a partir de proposta que permitiu abertura para novos relacionamentos e foi sensível à individualidade de cada participante, respeitando e privilegiando a heterogeneidade do grupo. A proposta da oficina se caracterizou pelo compartilhamento de experiências dos participantes do grupo. O grupo passou a ter sentido para os participantes como espaço de troca de experiências, de motivação para a realização de seus projetos e de bem-estar subjetivo.

O aspecto terapêutico, como indica a literatura, foi um dos marcos iniciais do trabalho com arte na saúde mental no Brasil. E, a partir de enfoques recentes, tende-se a menosprezar esse aspecto, enfatizando a necessidade do trabalho voltado para a inserção social. No entanto, esse aspecto evidenciou-se como relevante para os participantes da oficina, desde o início do trabalho. A investigação leva a corroborar com Lima (2004): “Por isso, quando utilizamos atividades nos é impossível dissociar prática clínica de prática social. As oficinas podem ser, aqui, lugar de aprendizagem, de produção, de intercâmbio, de ampliação das relações, de mergulho no universo cultural” (p.16).

Quanto à aprendizagem e desenvolvimento do conhecimento, da imaginação e da criatividade, estes não se referem apenas ao conhecimento artístico, mas ao conhecimento de novas possibilidades de ser e de atuar. Pode-se falar aqui de empoderamento do sujeito como resultado da oficina. Esse desenvolvimento, segundo os participantes, contou com a troca de experiências entre os pares e com aicineira. Observa-se que o desenvolvimento do conhecimento esteve relacionado à aprendizagem pela vivência estética, da cor, da forma, da imagem.

Enfim, o estudo aponta para a necessidade da vivência como ponto de partida da oficina, para além de conteúdos voltados estritamente para o mundo do trabalho e inserção social. É falacioso pensar que é possível alcançar a qualificação do trabalho artístico, de modo a se aproximar da inserção social e geração de renda, sem passar pela vivência. O caráter integrador da vivência representou o elemento chave para o surgimento da motivação e do compromisso crescente com o trabalho. A vivência esteve relacionada à produção dos sentidos dos participantes. O olhar para o sujeito foi

fundamental nesse processo. Nesse sentido, a contribuição da arte no cuidado à saúde mental está relacionada à importância de olhar para o sujeito e do enfoque estar voltado para o processo de experiência, mais do que ao resultado.

Dentre as limitações do estudo, vale ressaltar que não foi possível investigar os sentidos da oficina para as pessoas que se evadiram durante o percurso. Ressalta-se que estudos que abordem justamente os casos de desistência de participação, bem como casos de insucesso podem contribuir para a compreensão dos potenciais e limites das propostas que aliam arte e saúde mental. Sugere-se outros estudos que investiguem a especificidade da contribuição da arte em relação a outras formas de cuidado no campo da saúde mental.

## A GUIA DE CONCLUSÃO

O trabalho aponta para duas perspectivas da relação entre arte e saúde mental. Quanto à primeira perspectiva, relacionada ao objetivo específico de conhecer a produção científica brasileira de artigos sobre a área de intersecção entre arte e saúde mental, grande parte da produção é composta de estudos empíricos superficiais e estes, por sua vez, são majoritariamente relatos de experiência ou pesquisas qualitativas. Os artigos, em sua maioria, identificam suas propostas, tanto terapêuticas quanto práticas extraclínicas, com o movimento da reforma psiquiátrica. Os estudos empíricos puderam ser compreendidos em três eixos temáticos: Contexto psicopedagógico, Contexto hospitalar e da Atenção Psicossocial. E os artigos teóricos em dois eixos: Investigações históricas acerca das relações entre arte, saúde mental e seus personagens; e Estudos que discutem as possibilidades de trabalho por meio da arte em diferentes contextos.

As relações entre arte e saúde mental são pensadas e praticadas prioritariamente por profissionais da saúde e voltadas às práticas de cuidado, se justificando pela atenção psicossocial. Se a arte se mostra como um recurso tão precioso, como a literatura sugere, ressalta-se a necessidade de maior diálogo com o campo das artes, aprofundando-se nos elementos artísticos presentes nos diferentes tipos de práticas artísticas no campo da saúde mental.

No geral, a partir da primeira investigação, pode-se perceber que os estudos empíricos, ao invés de contribuir com novas perspectivas frente ao que existe na literatura, trazem poucas contribuições, restringindo-se a identificar de forma superficial, o que já está explicitado na literatura: o recurso artístico enquanto potencial expressivo, transformador, de produção de subjetividade, produção cultural, de desenvolvimento da autonomia e inserção social. Por outro lado, observa-se que o caráter interpretativo da arte no contexto da saúde mental, também explorado por Nise da Silveira, perdeu-se no tempo, quase não se evidenciando.

Quanto à segunda perspectiva da relação entre arte e saúde mental, com vistas a compreender os sentidos de uma oficina de arte para membros de uma Associação de pessoas que participam da RAPS, foram identificados os seguintes núcleos de sentido: terapêutico; de aprendizagem e desenvolvimento do conhecimento, da imaginação e da criatividade; relacionamento do grupo e espaço de descoberta e de superação.

O aspecto terapêutico, como indica a literatura, foi um dos marcos iniciais do trabalho com arte na saúde mental no Brasil, inclusive protagonizado por Nise da Silveira. Embora a literatura recente venha se afastando dessa proposta, alegando a



necessidade de desinstitucionalizar a reforma, de expandi-la para além do campo da saúde, e de forma mais consistente investir na inserção social, a experiência dos participantes com a oficina apontou que o aspecto terapêutico também deveria ser considerado, junto aos outros identificados. Por outro lado, o segundo estudo apresenta a compreensão de que a experiência estética desenvolvida no processo da oficina pode contribuir tanto para o caráter terapêutico quanto de aprendizagem e desenvolvimento dos participantes, além da qualificação de seu trabalho artístico.

Fica evidente a partir das duas partes do estudo, que a relação entre arte e saúde mental, apesar de mencionar o olhar sobre o sujeito, afasta-se deste na homogeneização de suas práticas. Ao afastar-se do sujeito, perde-se de vista o caráter terapêutico, o qual foi evidenciado pelos participantes da oficina investigada, que não tinha enfoque terapêutico. Nesse sentido, a segunda parte do estudo corrobora com a primeira, na medida que os sentidos da experiência dos participantes na oficina de arte também apontam, dentre outros, para o potencial terapêutico da arte no contexto da saúde mental, em especial pelo trabalho com a experiência estética.

Por fim, enfatiza-se a importância de escutar a pessoa para a qual se destina a prática no cuidado à saúde mental e sugere-se que outros estudos se debrucem sobre a descrição do processo de desenvolvimento de práticas, procurando avaliar até que ponto atendem às necessidades de seus participantes.

## REFERÊNCIAS

- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (1999). Arteterapia para crianças. *Pediatria Moderna*, 35(8), sem paginação.
- Alice, T. (2015). PARC (Performances de Arte Relacional como Cura): performance e somatic experiencing. *Revista brasileira de estudos da presença*, 5(2), 396-412.
- Almeida Filho, N., Coelho, M. H. A., Peres, M. F. T. (1999). O conceito de saúde mental. *Revista USP*, 43, 100-125.
- Amaral, M. P. do. (2014). Educação estética pela mediação de leitura de imagens de obra de arte (Dissertação de mestrado). Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul.
- Amarante, P; E. H. G. Torre. (2017). Loucura e diversidade cultural: inovação e ruptura nas experiências de arte e cultura da Reforma Psiquiátrica e do campo da Saúde Mental no Brasil. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 21(63), 763-774.
- Amatuzzi, M. M. (1996). Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Revista Estudos de Psicologia, Campinas*, 13(1), 5-10.
- Amatuzzi, M. M. (2011). Pesquisa fenomenológica em Psicologia. Em M. A. T. Bruns & A. F. Holanda (Orgs.) *Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas* (p. 17-25). Campinas: Alínea.
- Andrade, C. C. & Holanda, A. F. (2010). Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27(2), 259-268.
- Andriolo, A. (2003). A “Psicologia da Arte” no Olhar de Osório Cesar: Leituras e Escritos. *Psicologia ciência e profissão*, 23 (4), 74-81.
- Andriolo, A. (2004). *Traços primitivos: histórias do outro lado da arte no século XX*. Tese doutorado IP/ USP.
- Antunes, E. H., Barbosa., L. H. S., Pereira, L. M. de F. (2002). *Psiquiatria, Loucura e Arte: Fragmentos da História Brasileira*. São Paulo: Edusp.
- Azevedo, F. A. G. de. (2014). A Abordagem triangular no ensino das artes como teoria e pesquisa como experiência criadora (Tese de doutorado). Recife: Universidade Federal de Pernambuco.
- Aversa, P. C. (2014). Vibrações possíveis: Arte/Educação e Saúde Mental na Contemporaneidade. *ARS (São Paulo)*, 12(23), 148-159.
- Bandeira, N. & Souza, G. N. P. (2015). Construindo histórias, narrando vidas. *Revista de Psicologia da UNESP*, 14(1), 01-09.

- Bang, C., Stolkiner, A., & Corín, M. (2016). Cuando la alegría entra al centro de salud: una experiencia de promoción de salud en Buenos Aires, Argentina. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 20(57), 463-473.
- Barbosa, I. C. F. J., Santos, M. C. L., & Leitão, G. D. C. M. (2007). Arteterapia na assistência de enfermagem em oncologia: produções, expressões e sentidos entre pacientes e estudantes de graduação. *Esc. Anna Nery Rev. Enferm*, 11(2), 227-233.
- Barreto, R. de O., Lopes, F. T., Paula, A. P. P. de. A economia solidária na inclusão social de usuários de álcool e outras drogas: reflexões a partir da análise de experiências em MG e SP. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 2013, vol. 16, n. 1, p. 41-56.
- Barros, D. M. S. & Lustosa, M. A. (2009). A ludoterapia na doença crônica infantil. *Revista da SBPH*, 12 (2), 114-136.
- Batistti, T. dos. S., Lopes, E. S., Heinzle, M. R. S., Rausch, R. B. (2016). Dialogando com Ana Mae Barbosa sobre arte. (Entrevista com Ana Mae Tavares Bastos Barbosa). *Atos de Pesquisa em Educação*, 11(1), 343-349.
- Bezerra, E. (1995). A trinca do Curvelo: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Nise da Silveira. Rio de Janeiro: Topbooks.
- Bilbao, G. G. L. (2008). *Oficina de pintura: Um estudo fenomenológico sobre uma prática psicológica* (Tese de doutorado). Campinas: PUC-Campinas.
- Bomfim, Z. A. C., Nobre, B. H. L., Ferreira, T. L. M., Araújo, L. M. A de., Feitosa, M. Z. de S., Martins, A. K. da S., Alencar, H. F. de, Farias, N. F. (2014). Affective Maps: Validating a dialogue between qualitative and quantitative methods. In: Mira, R. G., Dumitru, A (Orgs). *Urban sustainability innovative spaces, vulnerabilities and opportunities*. Institute of Psychosocial Studies and Research Xoan Vicente Viqueira, Spain.
- Bradbury-Jones, C., Sambrook S., Irvine, F. (2009). The phenomenological focus group: an oxymoron? *Journal of Advanced Nursing*. 65(3), 663-671.
- Branco, P. C. C. (2014). Diálogo entre análise de conteúdo e método fenomenológico empírico: percursos históricos e metodológicos. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 20(2), 189-197.
- Camargo, V. P., Lena, M. S., Dias, H. Z. J., & Roso, A. R. (2011). Costurando saúde: Possibilidades de integração por meio da confecção de bonecos (as) de pano em um CAPS infantil. *Psicol. argum*, 29(64), 101-108.

- Campos, R. O. (2001). Clínica: a palavra negada- sobre as práticas clínicas nos serviços substitutivos de Saúde Mental. *Saúde em Debate*, 25(58), 35-47
- Cardoso, A. M., & Munhoz, M. L. P. (2013). Grupo de espera na clínica-escola: intervenção em arteterapia. *Revista da SPAGESP*, 14(1), 43-54.
- Castro, E. D., & de Araújo Lima, E. M. F. (2007). Resistência, inovação e clínica no pensar e no agir de Nise da Silveira. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 11(22), 365-76.
- Castro, T. G. (2013). Percepção e autoconsciência: Modelos experimentais de naturalização da fenomenologia (Tese de doutorado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Coelho, T. (2002). A arte não revela a verdade da loucura, a loucura não detém a verdade da arte. In: Antunes, E. H., Barbosa., L. H. S., Pereira, L. M. de F. (Eds). *Psiquiatria, Loucura e Arte: Fragmentos da História Brasileira*, 147-163. São Paulo: Edusp.
- Coqueiro, N. F., Vieira, F. R. R., & Freitas, M. M. C. (2010). Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental. *Acta Paul Enferm*, 23(6), 859-62.
- Corrêa, M. C. M. R. (2014). Oficina Terapêutica de Mosaico de Papel: o lugar da materialidade no campo da Terapia Ocupacional. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 18 (49), 431-441.
- Correia, P. R. & Torrenté, M. O. N. (2016). Efeitos terapêuticos da produção artística para a reabilitação psicossocial de pessoas com transtornos mentais: uma revisão sistemática da literatura. *Cadernos de Saúde Coletiva*, 24 (4), 487-495.
- D'Alencar, É. R., Alves, Â. M., de Araújo, T. S., de Melo Bezerra, F., Lima, M. M. R., & Gomes, A. F. (2013). Arteterapia no enfrentamento do câncer. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*, 14(6), 1241-1248.
- Delgado, P. G. G. (2011). Democracia e reforma psiquiátrica no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(12), 4701-4706.
- De Marchi, S. (2012). A arte como intermediador terapêutico para o desenvolvimento humano (Dissertação de mestrado). São Paulo: USP.
- Dias, P. B. (2003). *Arte, Loucura e Ciência no Brasil: As Origens do Museu de Imagens do Inconsciente*. Dissertação Mestrado, Fiocruz.
- Duarte, C. A. (2011). Intuição e Resiliência - uma combinação possível no trabalho com crianças no contexto de reabilitação. *Construção psicopedagógica*, 19 (18), 25-37.

- Duarte Jr. (2010). O sentido dos sentidos: A educação estética (do) sensível. Curitiba: CRIAR edições.
- Elmesany, E. N. M. (2010). A arte na promoção da resiliência: um caminho de intervenção terapêutica ocupacional na atenção oncológica. *Revista do NUFEN*, 2 (2), 21-41.
- Elmesany, Érica de Nazaré Marçal, Piani, Ivone Xavier; Pedro Paulo Freire, & Lima, Wladilene de Sousa. (2018). Tecendo fios de ouro numa terapia ocupacional hibridizada com a arte. *Revista do NUFEN*, 10(1), 146-159.
- Fagali, E. Q. & Lacava, L. (2013). Identificação dos estilos cognitivo-afetivos de heróis dos contos e de sujeitos, em situações de aprendizagem, sob o enfoque psicopedagógico-arteterapêutico. *Construção psicopedagógica*, 21(22), 46-66.
- Farah, M. H. S. (2016). A imaginação ativa junguiana na Dança de Whitehouse: noções de corpo e movimento. *Psicologia USP*, 27(3), 542-552.
- Farias, A. (2009). Arte Terapia como posible herramienta en tratamientos psicopedagógicos. *Construção psicopedagógica*, 17(14), 09-17.
- Feijoo, A. M. L. C. & Goto, T. A. (2016). É Possível a Fenomenologia de Husserl como Método de Pesquisa em Psicologia? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(4), 1-9.
- Ferraz, M. H. C. T. (1998). *Arte e loucura: Limites do imprevisível*. São Paulo: Lemos.
- Fonseca, P. F. de. (2012). *Liberdade, afetividade e atividade: O tripé terapêutico de Nise da Silveira no discurso dos integrantes do núcleo de criação e pesquisa Sapos e Afogados*. Dissertação Mestrado, Universidade Federal de São João del-Rei.
- Frayze-Pereira, J. A. (1994). A alteridade da arte: estética e psicologia. *Psicologia USP*, n. ½, 35-60.
- Galletti, M. C. (2001). *Oficina em saúde mental: Instrumento terapêutico ou intercessor clínico?* (Dissertação de mestrado). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Galvanese, A. T. C., Nascimento, A. de F., D'Oliveira, A. F. P. L. (2013). Arte, cultura e cuidado nos centros de atenção psicossocial. *Revista de Saúde Pública*, 47(2), 360-367.
- Galvanese, A. T. C., Pereira, L. M. F., D'Oliveira, A. F. P. L., Nascimento, A. P., Lima, E. M. F. De A., Nascimento, de A. F. (2016). Arte, saúde mental e atenção

- pública: traços de uma cultura de cuidado na história da cidade de São Paulo. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 23(2), 431-452.
- Garces, S. B. B., da Costa, F. T. L., da Rosa, C. B., Brunelli, Â. V., Hansen, D., de Mattos, C. Z., Sturmer, J. (2011). Relatos de experiências: (com) vivência com idosos que apresentam alzheimer. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 16(ed. Especial), 421-431.
- Gatti, B. D. (2005). Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. Ed. Líber Livro, Brasília.
- Germany, H. C. L. B. da, Liberman, F., Nardi, H. C. (2017). Das portarias aos bloquinhos: arte e apoio institucional ao Projeto Mais Médicos para o Brasil. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 21(1), 1377-1389.
- González, H. M., López, L. S., & Pérez, M. D. J. S. (2004). Arte, salud y comunidad. *Hospital Psiquiátrico de La Habana-Rev.* 1(1), sem página.
- Hacking, S., Secker, J., Splander, H., Kent, L., Shenton, L. (2008). Evaluating the impact of participatory art projects for people with mental health needs. *Health and Social Care in the Community*, 16(6), 638–648.
- Hohendorff, J. Von. (2014). Como escrever um artigo de revisão de literatura. In: Koller, S. H., Couto, M. C. De P., Hohendorff, J. Von. (Eds). *Manual de produção científica*, 39-54. Porto Alegre: Penso.
- Holanda, A. (2009). Fenomenologia e Psicologia: diálogos e interlocuções. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 15(2), 87-92.
- Holanda, A. (2012). Reflexões sobre o campo das psicoterapias: do esquecimento aos desafios contemporâneos. In: Holanda, A. (Eds). *O Campo das psicoterapias- Reflexões atuais*, 71-100. Curitiba: Juruá.
- Ibiapina, A. R. de S., Monteiro, C. F. de S., Alencar, D. de C., Fernandes, M. A., & Costa Filho, A. A. I. (2017). Oficinas Terapêuticas e as mudanças sociais em portadores de transtorno mental. *Escola Anna Nery*, 21(3), e20160375.
- Irra, M. L. G. (2009). O dialoga com a obra de arte: uma experiência artística com alunos do 2º ciclo do ensino básico (Dissertação de mestrado). Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Liberato, M. T. C., & Dimenstein, M. (2013). Arte, loucura e cidade: a invenção de novos possíveis. *Psicologia & sociedade*, 25(2), 272-281.
- Lima, E. A. (2004). Oficinas, Laboratórios, Ateliês, Grupos de Atividades: Dispositivos para uma clínica atravessada pela criação. In: Costa, C. M., Figueiredo, A. C.

*Oficinas terapêuticas em saúde mental - sujeito, produção e cidadania*, 59 - 81.

Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.

- Lima, E. M. F. A. (2006). Por uma arte menor: ressonâncias entre arte, clínica e loucura na contemporaneidade. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 10(20), 317-329.
- Lima, E. M. F. A., & Pelbart, P. P. (2007). Arte, clínica e loucura: um território em mutação. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 14 (3), 709-35.
- Lima, E. M. F. D. A. (2009). Machado de Assis e a psiquiatria: um capítulo das relações entre arte e clínica no Brasil. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 16(3), 641-654.
- Lima, E. M. F. A. (2010). A produção e a recepção dos escritos de Qorpo-Santo: apontando transformações nas relações entre arte e loucura. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 14(33), 437-447.
- Lima, M. C. P., Martins, K. P. H., Rocha, L. P., Parente Jr, P. A., Castro, I. P. de, Pinheiro, N. M., Domingues, M. (2013). Arte e mediação terapêutica: sobre um dispositivo com adolescentes na clínica-escola. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 13(3-4), 775-796.
- Luci, M., Raccioni, T., Maximiano, K. (2015). Experiências estético-terapêuticas em terapia ocupacional. *Revista Subjetividades*, 15(3), 467-471.
- Machado, D. M., Göttems, L. B. D., & Pires, M. R. G. M. (2013). Aprendizagem em saúde mental por meio da produção videográfica: relato de experiência. *Texto & contexto enferm*, 22(4), 1205-1213.
- Maluf, J. C. G., Lopes, I. C., Bichara, T. A. C., Silva, J. A., Valent, I. U., Buelau, R. M., & Lima, E. M. A. (2009). O Coral Cênico Cidadãos Cantantes: um espaço de encontro entre a música e a saúde. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 20(3), 199-204.
- Marchi, S. de. (2012). A arte como intermediador terapêutico para o desenvolvimento humano (Dissertação de mestrado). São Paulo, USP.
- Mecca, R. C. (2008). Experiência estética na terapia ocupacional em saúde mental: gestos na matéria sensível e alojamento no mundo humano (Dissertação de Mestrado). São Paulo, USP.
- Mecca, R. C., & de Castro, E. D. (2009). Epifania do acontecer poético: aspectos da experiência estética na relação sujeito-obra em terapia ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 20(3), 180-187.

- Mello, L. C. (2009) (Org.) *Encontros- Nise da Silveira*. Ed. Azougue.
- Melo, W. (2001a). Silveira, Nise Magalhães da (1905-1999). Em Campos, R. H. de F. (Org.), *Dicionário bibliográfico da psicologia no Brasil* (pp. 356-358). Rio de Janeiro: Imago/Brasília: CFP.
- Melo, W. (2001b). *Nise da Silveira* (Coleção Pioneiros da Psicologia Brasileira). Rio de Janeiro: Imago.
- Melo, W. (2009a). Nise da Silveira e o campo da Saúde Mental (1944-1952): Contribuições, embates e transformações. *Mnemosine*, 5(2), p. 30-52.
- Melo, W. (2009b). Nise da Silveira, Antonin Artaud e Rubens Corrêa: Fronteiras da Arte e da Saúde Mental. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, 2 (2), 182-191.
- Melo, W. (2010a). Nise da Silveira, Fernando Diniz e Leon Hirszman: política, sociedade e arte. *Psicologia USP*, 21(3), 633-652.
- Melo, W. (2010b). A etimologia inspirada: a busca da língua original através da semiosis introvertida. *Estudos e Pesquisas em Psicologia* (UERJ), 10(3), 865-881.
- Mendes, M. F., Lopes, V. B. & Lobo, A.P.A. (2016). Saúde mental e arte: relato de uma oficina de experiências estéticas em um centro de atenção psicossocial. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, 8(20), 69-79.
- Milhomens, A. E., Lima, E. M. F. de A. (2014). Recepção estética de apresentações teatrais com atores com história de sofrimento psíquico. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 18(49), 377-388.
- Minayo, M. C. de S. (2008). *O desafio do conhecimento- Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.
- Moehleck, V., & Fonseca, T. M. G. (2011). Oficinas de dança contemporânea: um convite à reinvenção das práticas. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 11(4), 1547-1574.
- Morais, A. H. de, Roecker, S., Salvagioni, D. A. J., & Jacklin, G. E. (2014). Significance of clay art therapy for psychiatric patients admitted in a day hospital. *Investigación y Educación en Enfermería*, 32(1), 128-138.
- Morato, G. G, Lussi, I. A. de O. (2015). Iniciativas de geração de trabalho e renda, economia solidária e terapia ocupacional: aproximações possíveis e construções necessárias. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, 23(4), 733-745.



- Nascimento, A. de F., & Galvanese, A. T. C. (2009). Avaliação da estrutura dos centros de atenção psicossocial do município de São Paulo, SP. *Revista de Saúde Pública*, 43(Suppl. 1), 8-15.
- Norgren, M. de B. P. (2011). Cultura de paz e arteterapia. *Construção psicopedagógica*, 19(18), 19-24.
- Olivares, A. E., Camargo, G. G. A., Pimentel, A. do S. C. (2017). Arte e saúde: performance como intervenção terapêutica. *Revista do NUFEN*, 9(3), 78-92.
- Oliveira, P. A. de. (2013). Música e arteterapia como recurso terapêutico nas dificuldades de aprendizagem e desenvolvimento humano. *Construção psicopedagógica*, 21(22), 111-131.
- Oliveira, A. C. P. de., Jorge I. M. P., Mariotti M. C. (2017). Perfil sociodemográfico de usuários de um centro de atenção psicossocial e o trabalho. *Cad. Bras. Ter. Ocup.*, São Carlos, 25(4), 795-802.
- Parkes, J. H. and Volpe, V. (2012), 'Colour for well-being: Exploring adult learners' responses to utilizing colour as a therapeutic tool'. *Journal of Applied Arts & Health*, 3(3), 275–293.
- Pereira, O.P. & Palma, A.C.R. (2018). Sentidos das oficinas terapêuticas ocupacionais do CAPS no cotidiano dos usuários: uma descrição fenomenológica. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 24(1), 15-23.
- Polity, S. (2009). Recontar é viver: resgatando a história de vida e a auto-estima de crianças com dificuldades de aprendizagem. *Construção psicopedagógica*, 17(15), 56-78.
- Pommer, C. D. & Rocha, C. F. (2015). Nau da Liberdade: travessia nômade entre teatro e saúde mental em desinstitucionalização. *Revista Polis e Psique*, 5(3), 45-60.
- Providello, G. G. D., & Yasui, S. (2013). A loucura em Foucault: arte e loucura, loucura e desrazão. *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*, 1515-1529.
- Rauter, C. (2000). Oficinas para quê? Uma proposta ético-estético-política para oficinas terapêuticas. Em: Amarante, P. (Org.) *Ensaio: subjetividade, saúde mental, sociedade* (p. 267-277). Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Rego, R. M. (2008). Expressão artística e teleatendimento: perspectivas para a melhoria de qualidade de vida no trabalho. *Psicologia: ciência e profissão*, 28(1), 200-209.
- Reis, A. C. D. (2009). A arte como dispositivo à recriação de si: uma prática em psicologia social baseada no fazer artístico. *Barbarói*, (40), 246-263.

- Reis, A. C. D. (2014). Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. *Psicol. ciênc. prof.*, 142-157.
- Reynolds, M. W., Nabors, L., Quinlan, A. (2000) The Effectiveness of Art Therapy: Does it Work? *Art Therapy: Journal of the American Art Therapy Association*, 17(3), 207-213.
- Ribeiro, S. F. R. (2007). Grupo de expressão: uma prática em saúde mental. *Revista da SPAGESP*, 8(1), 25-35.
- Saad, M. A. (2012). A orientação psicopedagógica à mãe e articulações com a aprendizagem de seu filho: enfoque sobre mitos, estilos cognitivo-afetivos e contribuições da arteterapia. *Construção psicopedagógica*, 20(21), 48-65.
- Samaritter, R. (2018). The Aesthetic Turn in Mental Health: Reflections on an Explorative Study into Practices in the Arts Therapies. *Behav. Sci.*, 8(41), p.1-11.
- Santos, E. S. dos, Joca, E. C., Souza, Â. M. A e. (2016). Teatro do oprimido em saúde mental: participação social com arte. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 20(58), 637-647.
- Santos, N. A. dos, & Romagnoli, R. C. (2012). Quando a invenção pede passagem: ritmo e corpo nas oficinas de teatro do Centro de Referência em Saúde Mental (CERSAM) Noroeste de Belo Horizonte. *Mental*, 10(18), 29-52.
- Schiller, F. V. (2002). *A educação estética do homem: numa série de cartas*. Trad. Schwarz, R., Suzuki, M. 4. ed. São Paulo: Iluminuras.
- Schleder, K. S. & Stoltz, T. (2014). Art just for artists? Considerations based on R. Steiner. *RoSE Journal*, 5(Special Issue), 112-120.
- Schleder, K. S. & Holanda, A. F. (2015). Nise da Silveira e o enfoque fenomenológico. *Revista da Abordagem Gestáltica- Phenomenological Studies*, 21(1), 49-61.
- Secker, J., Heydinrych, K., Kent, L., Keay, J. (2017). Why art? Exploring the contribution to mental well-being of the creative aspects and processes of visual art-making in an arts and mental health course. *Arts & Health*, 23(40), 1-13.
- Sei, M. B., & Pereira, L. A. V. (2005). Grupo arteterapêutico com crianças: reflexões. *Revista da SPAGESP*, 6(1), 39-47.
- Scope, A., Uttley L., Sutton, A. (2017). A qualitative systematic review of service user and service provider perspectives on the acceptability, relative benefits, and potential harms of art therapy for people with non-psychotic mental health disorders. *Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice*. 90, 25-43.

- Silveira, L. C., Braga, V. A. B., & Petit, S. H. (2007). A produção de subjetividade dos usuários de um hospital-dia: uma experiência sociopoética. *Online braz. j. nurs.(Online)*, 6(1), sem página.
- Silveira, N. (1966). *Terapêutica ocupacional: Teoria e prática*. Rio de Janeiro: Casa das Palmeiras.
- Silveira, N. (1986) (Org.). *Casa das palmeiras: a emoção de lidar*. Rio de Janeiro: Alhambra.
- Silveira, N. (1992). 40 anos do Museu de Imagens do Inconsciente. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 41 (4), 147.
- Silveira, N. (1999). *Cartas a Spinoza* (2. ed.). Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Siqueira, J. L. D., & Lago, A. M. V. (2012). Coletivo da música: um estudo sobre relações entre arte e saúde mental. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 3(1), 93-111.
- Slayton, S. C, D'Archer, J., Kaplam, F. (2010) Outcome Studies on the Efficacy of Art Therapy: A Review of Findings, *Art Therapy: Journal of the American Art Therapy Association*, 27(3), 108-118.
- Souza, L. B. de O. e. (2013). O vocabulário do criador os seis elementos das artes plásticas como ferramentas para terapeutas e educadores: qualidades e aplicações. *Construção psicopedagógica*, 21(22), 86-110.
- Streppel, F. F., & Palombini, A. de L. (2011). Devir-loucura no rádio: uma experiência em saúde mental. *Fractal: Revista de Psicologia*, 23(3), 501-522.
- Stroh, J. B. (2010). TDAH - diagnóstico psicopedagógico e suas intervenções através da Psicopedagogia e da Arteterapia. *Construção psicopedagógica*, 18(17), 83-105.
- Szpiczkowski, A., & Henriques, L. (2007). Transitando pela saúde e pela educação: ampliando as possibilidades da psicopedagogia. *Construção psicopedagógica*, 15(12), 88-105.
- Tavares, C. M. M. (2003). O papel da arte nos centros de atenção psicossocial - CAPS. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 56(1), 35-39.
- Valladares, A. C. A., & Carvalho, A. M. P. (2005). A arteterapia no contexto da hospitalização pediátrica. O desenvolvimento da construção com sucata hospitalar. *Acta Paul Enferm*, 18(1), 64-71.
- Valladares, A., & Carvalho, A. (2006a). A arteterapia e o desenvolvimento do comportamento no contexto da hospitalização. *Rev Esc Enfermagem-USP*, 40(3), 350-355.

- Valladares, A., & Carvalho, A. (2006b). Promoção de habilidades gráficas no contexto da hospitalização. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 8(1), 128-133.
- Valladares, A. C. A., & Silva, M. T. (2011). A arteterapia e a promoção do desenvolvimento infantil no contexto da hospitalização. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 32(3), 443-450.
- Vasconcellos, E. A., & Giglio, J. S. (2007). Introdução da arte na psicoterapia: enfoque clínico e hospitalar. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 24(3), 375-383.
- Vieira, C. M., Costa, J. M., Costa Caminha, M. de F., Campello, P. B., Victor Silva, M. da G., & Sampaio, M. A. (2012). Escutando contos, desenhando a vida:: arteterapia em enfermarias pediátricas de um Hospital de Ensino de Alta Complexidade em Pernambuco - IMIP. *Revista da SBPH*, 15(2), 46-64.
- Volz, P. M., Tomasi, E., Bruck, N. R. V., Saes, M. de O., Nunes, B. P., Duro, S. M. S., & Facchini, L. A. (2015). A inclusão social pelo trabalho no processo de minimização do estigma social pela doença. *Saúde e Sociedade*, 24(3), 877-886.
- Yasui, C., Costa-Rosa, A. (2008). A Estratégia Atenção Psicossocial: desafio na prática dos novos dispositivos de Saúde Mental. *Saúde em Debate*, 32(78/79/80), 27-37.
- Zanchet, L., de Lima Palombini, A., & Yasui, S. (2015). Receituário Mais que Especial: uma intervenção urbana para pensar arte e pesquisa no contexto da Reforma Psiquiátrica. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 19(55), 1039-1050.
- Zúniga, F. M. (2012). Swan song: el advenimiento del núcleo psicótico. *Revista colombiana de psiquiatria*, 41(3), 627-643.

## **Anexo 1: Projeto da oficina**

### **Oficina**

Primeiro encontro: Socialização dos participantes da oficina. Observação do ambiente no entorno da Associação. Compartilhamento das impressões subjetivas sobre o observado. Noções básicas sobre desenho a grafite e carvão. Exercício de representação artística sobre a observação realizada, a ser elaborada para o próximo encontro.

Segundo encontro: Orientações acerca de elementos a serem considerados na apresentação de um trabalho artístico. Apresentação dos trabalhos trazidos de casa. Para o próximo encontro, observação sob vários ângulos de elemento da natureza com o qual o participante se identifica.

Terceiro encontro: Noções básicas de pintura: possibilidades técnicas e de expressão. Exercício de aquecimento. Expressão artística do elemento da natureza escolhido e com o qual o participante se identifica. Continuidade da elaboração em casa.

Quarto encontro: Apresentação dos trabalhos artísticos realizados e da identificação do participante com o seu trabalho. Para o próximo encontro, esboço de projeto futuro do participante.

Quinto encontro: Noções básicas de modelagem no tridimensional por meio de argila. Exercício de aquecimento. Modelagem do projeto futuro de cada participante e continuação em casa.

Sexto encontro: Apresentação dos trabalhos em argila sobre os projetos futuros de cada participante e discussão no grupo, integrando estética e vida. Em casa, elaboração criativa de projeto de trabalho artístico futuro.

Sétimo encontro: Discussão no grupo sobre a viabilidade dos projetos artísticos dos participantes. Reflexão sobre o que é arte, ser artista, relação arte e sociedade. Início do projeto artístico em casa.

Oitavo encontro: Exercício de aquecimento. Continuação do trabalho no projeto artístico criativo de cada participante. Fechamento da oficina.

**Anexo 2: Cartaz de divulgação da oficina**

## OFICINA DE ARTE

### OPORTUNIDADE PARA APERFEIÇOAR SEU TRABALHO ARTÍSTICO!

**OBJETIVO:** Conhecer meios de expressão e técnicas artísticas no desenho, pintura e modelagem. Aprender a elaborar projetos artísticos e a apresentar seu trabalho artístico.

**PÚBLICO-ALVO:** Artesãos e artistas visuais em geral e demais interessados em produzir trabalhos de arte. Membros da Associação Vida, Arte e Reinscrição- ASSOVIAR (usuários da Rede de Atenção Psicossocial – RAPS, familiares e profissionais).

**QUANDO:** Às terças-feiras, de 16/05 a 04/07, das 9h às 10h30.

**ONDE:** Na associação ASSOVIAR. Endereço: Rua Procópio Ferreira Martins, n. 39, bairro Cajuru, próximo ao Campus Politécnico da UFPR.

**INTERESSADO(A) PELA OFICINA?** Faça sua inscrição pelos contatos: Associação ASSOVIAR - (41) 3267-6931, (41) 999854-2975, [assoviar.art@gmail.com](mailto:assoviar.art@gmail.com); Karoline Stoltz (ministrante da oficina) – (41) 98723-7171, [ss.karoline@hotmail.com](mailto:ss.karoline@hotmail.com); ou converse com seu TR - Terapeuta de Referência sobre seu interesse pela oficina

*Currículo de Karoline Stoltz : Possui bacharelado em Pintura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná- EMBAP (2015) e em Psicologia pela UFPR (2013), atualmente é mestranda em Psicologia pela UFPR. Foi premiada no Salão de Belas Artes de Ponta Grossa (2015) e no Salão de Artes Visuais de Vinhedo, SP (2012). Participou também de exposição coletiva no Memorial de Curitiba (2015), Salão de Artes Visuais de Vinhedo (2014), Mostra de Artes Visuais de Pinhais (2014) e Mostra de Artes Visuais de Paranaguá(2012,2011).*

**Anexo 3: Questionário****Questionário**

**Primeiramente, obrigada pela sua participação.**

**1-** Por favor, na folha ao lado (folha formato A3) faça um desenho sobre o que a oficina significou para você.

**As perguntas 1.1 e 1.2 fazem referência ao desenho que você fez. Não há respostas certas ou erradas, mas sim, suas impressões.**

**1.1** Descreva os sentimentos que esse desenho lhe desperta:

---

---

---

---

---

**1.2** Por favor, explique o significado que o desenho tem para você:

---

---

---

---

---

**2-** Se você pudesse comparar a oficina com alguma coisa, você compararia com o quê? Por quê?

---

---

---

---

---

**3-** Descreva os aspectos negativos da oficina.

---

---

---

---

---

**4-** Descreva os aspectos positivos da oficina.

---

---

---

---

---

Nome:

Data:

## **Anexo 4: Diário de campo**

### Oficina de arte

Diário de Campo 16/05/17

Primeiro encontro: Observação estética e desenho

Número de participantes: 6 pessoas

Dos cerca de 20 usuários da RAPS que fizeram inscrição (diretamente comigo, com a TR ou pela ASSOCIAÇÃO) apenas dois vieram e mais cinco usuários da RAPS que não estavam na lista (sendo um membro da diretoria da ASSOCIAÇÃO). Iniciamos a oficina apenas 9:30, os participantes se atrasaram um pouco e foram recepcionados por um caloroso café com pão feito pelo membro da Associação. Assim aguardei alguns minutos para o início da oficina. Enquanto isso, em volta da mesa da cozinha, foi se iniciando uma conversa, com as perguntas do tipo “de que CAPS você é?” ou “Eu tenho depressão, por isso faço CAPS” etc. Me sentei junto a mesa e conversamos também outros assuntos que não o tratamento (início da conversa), como o frio daquela manhã que combinava com um café.

Início da oficina: (9:30) Fizemos uma pequena roda com cadeiras. Iniciei dando as boas-vindas, falando da abertura para fazermos com que a oficina seja boa para todos e que portanto ela possui uma proposição de estrutura inicial, mas que é moldável pelos interesses e expectativas do grupo. Recapitulamos do que se trata a oficina, esclarecendo que ela faz parte de projeto de pesquisa do mês/trado.

Assim, antes de iniciar as apresentações dos participantes do grupo, de modo que eu não perdesse esses dados, entreguei o TCLE para que os participantes pudessem assinar e eu iniciar a gravação do grupo. Foi explicado que o TCLE serve para protegê-los, sobre o anonimato etc. Notei que, diferente de participantes de pesquisa estudantes, que por minha experiência costumam só assinar, parte dos participantes leram e inclusive fizeram pergunta, sobre para onde iriam as gravações. Achei isso positivo, me mostra que estão preocupados com a preservação de seus direitos. Me pareceu um ato de autonomia.

Logo após o recolhimento dos TCLEs, iniciei a gravação do encontro. Como parte da coleta de dados da pesquisa, iniciei pelo grupo focal. Pedi que a gente se apresentasse e que conversassem sobre dois pontos: Como é o contato deles com a arte e o que eles esperam da oficina. Por ser grupo focal, procurei interferir o mínimo possível, de modo apenas que não se desviassem dessas duas questões. Com essas duas



perguntas eu almejava investigar o seguinte espectro de questões: quando iniciaram a relação com arte, como está essa relação atualmente, como é o contato deles com a arte (o que fazem? No que se interessam? Contemplam? E por quê fazem? Diversão, distração, entretenimento, venda etc), o que gostariam de trabalhar na oficina, o que esperam da oficina. Por ser uma oficina de arte, penso que eles já restringiram o olhar para o fazer artístico (não relatando sobre a contemplação de trabalho artístico) e exploraram apenas o campo das artes visuais.

Ninguém de início gostaria de falar, abaixando a cabeça. Assim, o membro da ASSOCIAÇÃO tomou partido para iniciar a conversa. Logo com esse início, as pessoas passaram a falar pela sequência da roda. Me chamou atenção a predominância de relatos sobre o que faziam com arte ( artesanato- Vinculado ao tratamento) e que esperavam da oficina (aprender coisas para melhorar o trabalho, saber como falar do trabalho para vender, mas também da oficina como parte do tratamento, sobre o prazer de fazer arte, de se concentrar em uma atividade dessa. Conforme os participantes da roda falavam, eu ficava preocupada para que o grupo focal não ficasse como uma entrevista coletiva. Na minha vez, também me apresentei e após a fala do último participante da roda, havia um silêncio. Propus então aglutinarmos as ideias postas pelo grupo para as duas questões. Foi a partir daí que uma discussão do grupo passou a fluir. Percebo que expandiram as atividades com arte que tinham interesse e elas deixaram de estar vinculadas sempre ao tratamento (CAPS) que haviam feito, passaram a falar das artes visuais/ artesanato que estava/ esteve presente na vidas deles, além do tratamento no CAPS. Me chamou a atenção a exposição que uma participantes fez sobre o problema que o trabalho de arte dos usuários da RAPS enfrenta para ser reconhecido enquanto trabalho de artesanato, para além de uma espécie de esmola. Ela disse que queria que o trabalho por ela produzido pudesse ser igualmente reconhecido, como trabalho de arte de uma pessoa "normal", rica etc.

Me chamou a atenção no grupo focal a maneira como o sentido vai sendo construído pelo diálogo entre os participantes, por meio do diálogo, inclusive, as pessoas reviam suas posições acerca das perguntas. O grupo foi concluído com a síntese das ideias acerca das questões.

Decidimos que não poderíamos ter o primeiro encontro de oficina apenas para ouvir a demanda do grupo, que era necessário também acatar para algo que era requisitado pelos participantes, aprender sobre arte de modo que isso servisse para o trabalho deles. Foi nesse sentido que havíamos planejado para o primeiro dia de oficina

estudar sobre o desenho, uma ferramenta artística democrática (que atinge diferentes níveis sociais e de habilidades artísticas, que não é cara etc) e sobre a observação estética, pois esses dois aspectos podem contribuir para ampla variedade de propostas artísticas. Pode-se dizer que os elementos do desenho servem de base para se pensar outras práticas artísticas e o exercício de observação estética auxilia no desenvolvimento do pensar artístico.

Iniciamos a falar sobre desenho. Justifiquei ao grupo o porquê da gente explorar essa ferramenta artística. Falamos sobre desenho, em seu amplo espectro até afunilar para o desenho artístico, conversando sobre características do trabalho em desenho. O conteúdo abordado está na ficha do encontro. Trouxe para esse encontro o que há de mais simples para desenhar: lápis de diferentes tipos de grafite, carvão e papel. E o que já estava na mesa desde o início do encontro, uma diversidade de frutas reais. O grupo tornou-se uma conversa reflexiva sobre o desenho, os participantes opinavam, deram exemplos etc. Entretanto, até aquele momento ninguém havia produzido nada, os participantes pareciam aguardar ansiosos por isso.

Iniciamos a atividade. A proposta era de, por meio do desenho (havíamos visto as possibilidades do desenho a lápis grafite), realizar um exercício de observação estética. Eu pedi que cada participante escolhesse uma fruta que lhe chamou atenção e que a observasse por diferentes ângulos, cheirasse, tocasse por volta de 10 minutos. Aí então a segunda parte da atividade é representar essa fruta no papel, tendo em vista as características do desenho que estudamos durante o encontro. O exercício de observação estética faz com que o sujeito consiga observar melhor seu objeto de representação/estudo ou seu objeto de inspiração para o trabalho de arte. Nisso, o sujeito se permite desenvolver a experiência estética.

Logo os participantes escolheram suas frutas, com vontade de come-las. Já era 11h e duas participantes tinham que ir embora, eu forneci o material e expliquei a atividade para que fizessem em casa. Logo após uns minutos, os participantes iniciaram seus desenhos. Durante a elaboração dos desenhos, passei por cada um para indicar sugestões, responder perguntas e fazer comentários. Estavam concentrados em seus desenhos e ao mesmo tempo tinham expectativa que o desenho ficasse como haviam imaginado.

Pude observar que os integrantes possuem diferentes níveis de habilidade com o desenho. Já estávamos bem adiantados do horário planejado, eram 11:30 e eu encerrei nosso encontro com uma atividade para casa: Eles deveriam terminar o desenho e em

outro papel (por mim fornecido- eles escolhiam o tamanho e tipo de papel) deveriam novamente realizar o exercício com 30 minutos de observação. Cada um também levou a fruta que escolheu para casa. Eles devem trazer os trabalhos para o segundo encontro, para dar prosseguimento a oficina.

Mesmo não sendo desenhistas, percebi os participantes engajados principalmente na realização da atividade e discussão sobre o desenho. Tive a preocupação de estar sempre claro o porquê de estarmos fazendo determinadas atividades e de esclarecer o roteiro e objetivo do nosso encontro. Para quem tivesse interesse em dar prosseguimento ao estudo do desenho, sugeri exercício e disse que poderia trazer mais material. A escolha de trabalhar com desenho não foi feita com o intuito de mostrar como o desenho é legal e torná-los desenhistas. Não! O objetivo de trabalhar com essa ferramenta é por ela ser uma das ferramentas mais básicas do campo da arte, de fácil acesso e que permite, por meio do exercício de observação estética, refletir sobre a arte e desenvolver habilidades artísticas. Trata-se da ferramenta artística mais presente na casa de todos nós, achei um bom caminho iniciar por aí.

Desde esse primeiro encontro, os encontros já sofreram modificações em relação ao exposto no projeto de pesquisa e roteiro por mim proposto. Eu liguei para as pessoas que haviam feito inscrição e me fornecido o número de telefone. Alguns interessados eram de um CAPS em que a reunião dos usuários com o terapeuta de referência coincidia com a oficina. Eles tinham receio de faltar a reunião. Entrei em contato com o CAPS e conversamos sobre a questão e possibilidade de que de forma alternativa, fornecer declarações etc para eles em outro horário.

#### Diário de campo 23//5/17

Segundo encontro: Leitura de imagem.

A oficina foi iniciada as 9:15 de modo que o pessoal tomasse o café que o membro da Associação havia preparado. Esse início me parece muito bom, uma boa acolhida antes de ir direto para o assunto da oficina. Forma-se uma rede... novamente conversam sobre o tratamento.

Com base no desenvolvimento do encontro, fiz alterações na programação do mesmo. Hoje a oficina estava com 9 participantes. Apenas 4 eram do primeiro encontro e os outros cinco novos participantes. Novamente nos organizamos com cadeiras em roda para fazer nosso encontro. Visto essa quantidade de participantes, fez-se necessário inicialmente falar sobre como se estrutura a oficina e o que fizemos no encontro

anterior. Apresentei o termo de consentimento para os novos participantes e eles assinaram. Logo então iniciei a gravação do encontro e pedi que os participantes antigos se apresentassem brevemente e que os novos nos contassem sobre seu contato com arte e suas expectativas em relação a oficina. Não se tratou de um grupo focal (como no primeiro encontro), apenas tratou-se de uma entrevista coletiva. Eu não poderia realizar um novo grupo focal com os novos membros, mas também não poderia deixar de ouvir sobre seus interesses com a oficina e histórico com arte/artesanato. Isso foi repetitivo, mas foi a forma que encontrei para que os novos participantes (maioria do grupo) não ficassem deslocados e que eu não perdesse material sobre eles.

Iniciei a oficina tratando do trabalho realizado na semana passada, perguntando sobre a tarefa de casa. Uma participante disse que esqueceu o desenho, que fez, mas que havia ficado simples, infantil. Três não haviam feito, uma participante justificou que na comunidade onde mora tem muita gente e que assim não consegue ficar em paz para desenhar, sem ganhar palpites. Já outra participante disse que não conseguiu ter ânimo para realizar a tarefa. Em outro momento disse que faz tratamento para depressão e que indo para a Associação, com as pessoas fazendo juntas, fica mais fácil dela também trabalhar, do que fazer em casa sozinha. Ambas então trouxeram o desenho realizado em sala, o qual foi feito com poucos minutos de observação. Sobre não terem feito em casa o que foi pedido, formulo hipóteses: 1-a atividade não fazia sentido para elas, era desinteressante 2- trabalhar com saúde mental tem essas dificuldades quanto a regularidade.

Pedi para que falassem sobre o desenho que fizeram, sobre a característica que havia lhes chamado mais atenção do vegetal escolhido para realizar observação estética e representá-lo com grafite sobre papel e falar sobre o que gostaram e não gostaram no desenho que fizeram. Essa atividade tinha o objetivo de 1-feedback em relação ao exercício de observação estética 2-introduzi-los à leitura de imagem.

As duas participantes que trouxeram o desenho que fizeram no encontro anterior falaram sobre seus desenhos, sobre o que se tratava o desenho e como desenharam. A observação estética envolve, como foi descrito anteriormente, a observação desinteressada e exaustiva por diferentes ângulos. Esses desenhos, porém, foram feitos a partir de pouca observação sobre o objeto. Isso refletiu na restrita descrição que fizeram sobre as frutas observadas. Chamou-as atenção, pelo que disseram, as características das frutas que elas não ficaram satisfeitas em retratar: as manchas coloridas da maçã e o brilho da casca da cebola. Fiz comentários sobre o que poderiam fazer para que

alcançassem a representação dessas características e outros aspectos do desenho, como melhorar a luz e sombra do objeto para definir seu volume. Entretanto, eu falei no grupo, sem pegar no lápis e ir mostrando no papel. Não sei se de alguma maneira isso ficou pouco claro para as participantes. Em uma próxima vez, além de falar, mostraria por meio de desenho. É possível que essa atividade de observação estética tenha sido esvaziada de sentido. Se o exercício de contemplação não foi feito, será que os participantes percebem mesmo assim a contribuição que esse exercício traz para seus trabalhos de arte e artesanato? Uma coisa é eu falar sobre isso, outra é elas perceberem fazendo.

Como gancho dessa atividade de observação, iniciei a falar com os participantes sobre leitura de imagem, indagando-os sobre o que seria isso. Uma participante disse que tem a ver com observar bastante o objeto. Assim, iniciei o assunto falando da diferença entre olhar e ver, no qual no primeiro passa-se os olhos sem prestar atenção, enquanto no segundo se detém a observar o objeto. Nisso, outra participante trouxe um exemplo de uma coisa que lhe aconteceu na semana anterior: ela estava no mercado, tinha que comprar frutas, mas uma romã(que nem comprou, e lamentou por não ter comprado) lhe chamou atenção. A participante descreveu a fruta com detalhes e disse a ter achado muito bonita. Esse exemplo nos serviu para observar que ela havia tido uma experiência estética com aquela fruta e como somos acostumados a ver, observar mais aprofundadamente o que nos chama atenção por ser de nosso gosto (julgamento bonito x feio).

Foi indicado, nesse sentido, que a leitura de imagem vai além do primeiro instante em que achamos algo bonito ou feio, olhar as aparências. Trata-se de ver além desse julgamento inicial e observar atentamente, existindo uma experiência estética na relação entre o objeto de arte e o expectador. Conversamos sobre aspectos que interferem essa observação: Tempo e espaço, chegando a consideração de que a leitura de imagem não é certa ou errada ou exata... há leituras de imagem conforme as relações entre o objeto – expectador, para isso utilizamos exemplos. E então apresentei os aspectos que podem estar presentes na leitura realizada pelo expectador: Aspectos formais, técnicos, momento histórico, experiência estética.

Pedi que escolhessem dos livros de arte que havia trazido, obras para fazermos leitura no grupo. Eu escolhi trazer três livros sobre três artistas pintores de momentos históricos e estilos diferentes: Caravaggio, Munch e Rothko. Escolhi essa variedade, de modo que pudessem exercitar a leitura a partir de diferentes tipos de imagem.

Usualmente faz-se na leitura de imagens representacionais, e há mais dificuldade de apreender o olhar a trabalhos abstratos. Escolheram duas obras para lermos em conjunto, uma de Caravaggio e outra de Rothko. Fizemos a leitura a partir dos elementos descritos no parágrafo anterior. Me chamou atenção que logo no início da leitura da obra de Rothko, os participantes trouxeram que “isso é fácil fazer”, “até eu faço”. Assim conversamos sobre a necessidade de ver o trabalho de arte, mesmo que lhe agrade ou não no primeiro instante, que a experiência estética deve acontecer em ambos casos, trata-se de um exercício. Durante o trabalho de leitura, foram observando que não se tratava de tão simples execução e que além da generalizada péssima impressão que tiveram, a obra dizia algo para cada um deles por meio da experiência estética.

Por fim, ressaltai que ler imagens nos ajuda a desenvolver uma melhor sensibilidade estética para nosso próprio trabalho e nos prepara também a falar melhor dele. Assim, os exercícios de observação estética e leitura de imagem estarão presentes quando nos próximos encontros passarmos a focar nosso próprio trabalho.

A atividade seguinte que havia planejado era que a partir dos desenhos realizados em casa e trazidos para a oficina, que cada um escolhesse o trabalho do colega para realizar uma leitura e apresentar. Devido a grande quantidade de novos participantes em relação aos antigos, não foi possível fazer.

Percebi que esse encontro foi mais cansativo aos participantes, por não conter uma parte prática. Assim conclui o encontro sem fazermos mais exercícios de leitura, em exatos 1h30min de duração do encontro. Anteriormente eu havia pensado em inserir uma parte prática (de produção artística, não só contemplação) no encontro de hoje, porém isso comprometeria o tempo de abordagem da temática hoje explorada, além de não estar diretamente ligada ao assunto. Há uma crítica forte em relação ao fazer pelo fazer em aulas/oficinas etc de artes (Amaral, 2014). Isso acontece com frequência, penso eu a partir da experiência atual, também devido aos pedidos por atividade que os próprios participantes fazem. Eu não poderia fazer uma atividade só para fazer.

Como tarefa para a casa, havia planejado que escolhessem um elemento da natureza e que o observassem durante toda a semana sob diferentes ângulos e que a partir disso, desenhassem e/ou escrevessem sobre os mesmos. Visto que as participantes relataram ter dificuldade em realizar a última tarefa de casa, modifiquei a proposta, pedindo para que os participantes apenas fizessem a observação atenta do elemento da natureza que escolheram, sendo que utilizaremos esse material para o próximo encontro para trabalhar a mistura de cores. Indico semanalmente atividade para realizar fora do

contexto da oficina, de modo que o que abordamos em um encontro não se perca durante a semana e eles continuem pensando sobre isso até encontro seguinte.

Encerrada a oficina (10:45), parei a gravação de áudio e um grupo das participantes já foram ajeitando seu material para a realização de panos de prato com pintura e crochê. Nisso, uma participante da oficina, formada em artes plásticas, foi convidada para trabalhar junto, já que ela era hábil no desenho. Uma participante me mostrou o pano de prato que estava produzindo. Ela disse que havia finalizado a pintura e que faria o crochê. Conversamos sobre a pintura que fez e ela me disse que os galhos ficaram de cor diferente, pois tentou mas não conseguiu reproduzir a mesma cor na mistura de tinta. A outra participante se lamentou por não ter trazido a cópia do desenho para passar o pano de prato, apenas possuía outro pano de prato com a mesma imagem. Conversamos, ela não queria arriscar a fazer um novo desenho, disse que não servia para isso nem para fazer cópia a olho. Então sugeri que colocasse o pano de prato pintado embaixo do branco para fazer a cópia do desenho.

A minha ideia é que os participantes comecem a identificar no próprio trabalho que fazem os pontos fracos e fortes (por meio da leitura de imagem, observação estética estamos apurando isso), para trabalharmos com isso. Nesse tempo que fiquei ali conversando depois da oficina, percebi três aspectos a se trabalhar com as participantes de estão produzindo pano de prato, por exemplo: mistura de tintas, criação de desenhos para pano de prato e formas de copiar desenho.

Dessa observação e do que pude observar até o segundo encontro da oficina, pude ver que de um lado os participantes tem a necessidade de ir para o fazer, querem e pedem aprender a fazer algo (artesanatos), pedem pela prática, seria mais fácil, por exemplo, se eu escolhesse um artesanato ou pintura específica e ensinasse a executar. Ao passo que os participantes também já fazem coisas/ artesanatos, porém enfrentam determinadas dificuldades, mas não descrevem, não trazem para mim essas dificuldades. O caminho traçado na oficina é que eles vejam, examinem o trabalho que fazem e a partir dos pontos fortes e fracos, aprimorem seus trabalhos nessa oficina. Para isso, estamos desenvolvendo a autonomia deles para que olhem seus trabalhos e digam coisas sobre eles.

Eu tentei entrar em contato com os participantes do primeiro encontro que não retornaram. Uma participante disse que teve um imprevisto para resolver. Outra disse que não irá continuar a oficina pois está trabalhando. E outro participante, profissional autônomo, disse que essa terça-feira não pode faltar o serviço. O membro da Associação

que também está participando comentou que esse fluxo de participantes para oficina de arte lá é normal.

Diário de campo -Terceiro encontro 30/05/2017

Terceiro encontro: Mistura de tinta.

Como de costume, o dia se inicia na mesa do café, na qual conversam sobre como passaram a semana, como estão. Uma das participantes me trouxe um livro ilustrado por meio de desenho a grafite, ela disse que os tipos de traços, sombras que estudamos eram parecidos com os usados no livro. Uma outra participante trouxe os trabalhos mais recentes que fez. Trata-se de caixinhas pintadas por meio da técnica de decopage, ela disse que havia feito em seu internamento em hospital psiquiátrico. Ela trouxe para mostrar a grupo e também telas em branco para utilizar.

Nosso encontro se iniciou portanto às 9h15min e teve ao todo 10 participantes, número acima de minha expectativa, ao término da oficina mais um participante havia chegado atrasado. Dos dez participantes do encontro de hoje, três eram novos. Dois eram usuários da RAPS e o terceiro era integrante-tesoureira da ASSOCIAÇÃO, não como usuária da RAPS, mas ligada aos profissionais da mesma.

Eu organizei o ambiente da oficina em duas partes: de um lado uma roda de cadeiras para a primeira parte da oficina e na mesa da sala, coloquei os materiais do dia (pincéis, as três cores primárias em cada palheta, potes de água etc). Também dispus três livros sobre obras de artistas impressionistas para que pudessem folhear caso se interessassem.

A tesoureira da ASSOCIAÇÃO apresentou o fluxograma da Associação e sua história, no sentido de apresentar a Associação e as possibilidades de participar dela: como membro (com direitos e deveres), desenvolvendo projetos de economia solidária, ou pontualmente, por meio da participação das oficinas que acontecem lá. Uma participante falou de participar da Associação como forma de seu tratamento. Me chamou a atenção o esclarecimento que a membro da ASSOCIAÇÃO deu, de que a Associação era formada por pessoas, usuárias da RAPS, mas pessoas, que a Associação se trata de um apoio mútuo de desenvolvimento todos. Não se trata de um dispositivo de saúde, com profissionais da saúde. Não é a primeira vez que ouço dos participantes a conotação de tratamento para os encontros na ASSOCIAÇÃO. Seria interessante verificar a forma com que se apresenta a ASSOCIAÇÃO nos CAPS.

A oficina de arte iniciou-se então as 9h35min e foi necessário inicialmente apresentar a oficina aos novos integrantes, contextualizá-los sobre o que fizemos nos



dois encontros passados. Essa necessidade de sempre precisar reapresentar a oficina toma tempo precioso da oficina e é cansativo para os demais participantes. Os participantes da oficina chegam até a oficina por diferentes modos (viu o cartaz, a TR indicou etc), mas ao chegar, naturalmente, querem saber mais detalhadamente sobre a oficina. Ao mesmo tempo, trata-se de uma oficina aberta, assim, precisamos saber sobre com o que trabalham com arte e as expectativas acerca da oficina. Seria necessário pensar outras formas de inserir os novos participantes toda vez de modo que isso não prejudique o andamento da oficina. Um dos novos participantes disse que gostava de pintar e desenhar, mostrando pinturas em tela que estavam penduradas na sala da ASSOCIAÇÃO. Já a outra participante disse que gostava de artesanato, mas que não fazia nada para fora, para vender, nas palavras dela, era mais porque gostava de deixar sua casa bonita. O terceiro novo participante, que é da ASSOCIAÇÃO, acabou não se apresentando, pois de início havia dito que iria apresentar a ASSOCIAÇÃO e acabou ficando até a oficina acabar.

Tendo como linha de trabalho, a observação estética e a leitura de imagem, esse encontro foi designado para se trabalhar algo que possui relevância para parte significativa de trabalhos de arte e artesanato, a cor. Do que conversamos nas oficinas anteriores, pude observar que a tridimensionalidade (aspecto que seria trabalhado na oficina seguinte) não é tão significativo para o trabalho deles quanto a cor (relato do encontro passado). Iniciamos o tema com as perguntas para conversarmos: A cor está presente no trabalho que vocês fazem? De que forma? Como trabalham com a cor? A partir disso, os participantes foram construindo comigo reflexão sobre cor, essa foi uma forma de aproveitar a heterogeneidade de experiências que o grupo tem sobre arte. Na discussão do grupo surgiu a reflexão que a cor é pensada pelo artesão tanto para atrair o expectador, mas também uma forma de expressão do estado do artesão. Vimos que cada pessoa tem preferências não só em relação ao tipo de material, mas a maneira como se combinam as cores etc. Estudar cor, para quem faz trabalho de arte e artesanato é relevante no sentido de conseguir combiná-las (podendo a escolha atrair ou afastar o expectador), produzi-las (misturar) e reproduzi-las. Conversamos também sobre a variedade de materiais no campo de arte e artesanato que comportam o elemento da cor.

Após a reflexão, propus exercício de mistura de cores de modo a desenvolver a habilidade de fazer cor, misturando, combina-las e reproduzi-las. Trata-se de produzir o círculo cromático com cores secundárias, terciárias a partir das três cores primárias em guache profissional. Para tanto, tomamos um pouco mais de tempo do que havia

previsto até que todos estivessem com seus respectivos materiais. Para o próximo encontro terei que me organizar melhor. Apresentei a guache profissional para os participantes, sua composição e características em relação as outras tintas. O trabalho foi feito com cada um tendo seu papel, palheta e pincel, de modo que experimentassem. Cada um fez o seu, mas seguindo o movimento do grupo. Eu orientei o grupo e abordava-os individualmente conforme enfrentavam dificuldades. Eu sugeri a organização do círculo cromático no papel, mas deixei livre para que criassem como achassem melhor. Vários participantes foram testando as cores no papel do círculo cromático, fizeram sob outras formas ou até mesmo começaram a se expressar no papel (esse último saindo do objetivo proposto). Os participantes possuem graus diferentes de habilidade com tinta, assim se torna difícil caminharem juntos na atividade. É interessante que para a próxima atividade prática eu faça junto dos participantes no meu papel e que eu introduza aspectos básicos sobre como segurar o pincel, lavá-lo (para que não ocorra mistura de tinta indesejada), como preparar a tinta (observando se necessita de mais água) etc. Eu não previ a necessidade de se abordar esses aspectos e no momento da parte prática, os participantes estavam sedentos por iniciar a atividade (fazer misturas, se expressar etc). Percebi os participantes entusiasmados por mexer cor cores e criar novas cores. Relembramos que a ideia dessa atividade não é aprender técnicas de guache, mas ampliar habilidades com cores na parte de observação, mistura, combinação e reprodução de cores que podem ser utilizadas em inúmeras situações de arte e artesanato.

O encontro foi finalizado quando terminamos as três cores secundárias (10:50). Grande parte do que havia planejado para esse dia não foi realizado. Deixei tintas na Associação para quem desejasse, realizar novamente o círculo e buscar as cores terciárias. Também relembrei a tarefa do encontro passado (que uma participante havia feito: desenhado e escrito), para que trabalhássemos no encontro seguinte. Além disso, deixei disponível os livros que havia trazido, também para explorarmos no encontro seguinte. De modo a termos mais foco na atividade para que possamos concluí-la, irei no próximo encontro repetir a atividade e dar prosseguimento para as cores terciárias, porém irei fazer junto e orientarei sobre aspectos básicos de se trabalhar com tinta.

Fora do enquadre da oficina, a nova participante que é membro da ASSOCIAÇÃO sugeriu que os participantes pudessem trazer o trabalho que fazem para mostrar e então discutir o tema da cor. Eu compreendi a necessidade de sempre desenvolver o tema a partir do que o grupo faz. Entretanto, como o plano da oficina já

aponta, planejei que os participantes trouxessem seus trabalhos na segunda parte da oficina. O objetivo disso é que os participantes, antes de voltar o olhar para seus trabalhos, desenvolvam algumas habilidades artísticas: observação estética, leitura de imagem etc. É interessante realizar esses exercícios primeiramente com outros objetos para então olhar novamente o artesanato que está acostumado a produzir, de modo a flexibilizar pontos de vista sobre o objeto analisado, o famoso “sair da caixa”.

Percebi que devo me programar melhor para a parte operacional da oficina. Não contava com novos participantes, assim no meio da oficina tivemos que ver mais potes de água, palhetas, papel etc. Devo organizar o material antecipadamente, de modo a aproveitar o máximo da oficina com a conteúdo da mesma e não sua operacionalização. Como estávamos atrasados para finalizar a oficina, eles não lavaram os pincéis, eu os reuni e levei para lavar em casa. Seria interessante termos tido mais tempo para esses pequenos cuidados em relação ao material artístico.

#### Diário de campo quarto encontro 06/06/2017

Quarto encontro: mistura de tinta-secundárias e terciárias e harmonia de cores.

Acima da expectativa, mesmo com chuva forte, hoje estavam 11 participantes. Mesmo havendo assiduidade, há um fluxo considerável de pessoas, sempre há alguém que falta, por motivos diversos (se atrasou, teve que procurar um advogado, teve que trabalhar (profissional autônomo), e há também atrasos. Antes de iniciar a oficina, eu fui preparando a sala, um círculo com cadeiras e ao lado a mesa da Associação com os papeis, palhetas com as tintas e potes de água. Participantes vieram conversar comigo, alguns me ajudaram a preparar a oficina e também tomavam o costumeiro café com pão. Iniciamos a oficina as 9h15, perguntando como haviam passado a semana, como foi a execução da atividade que havíamos combinado. Novamente a maioria não fez, apenas uma participante trouxe desenho e texto sobre o elemento da natureza que escolheu a observar e outra participante escolheu e observou o elemento. Uma participante relatou que não tem paciência para isso, que ela observa muito a natureza, mas não tem paciência para parar e observar, descrever as coisas. Outros relataram que não tiveram tempo, esqueceram ou não conseguiram fazer por ter dificuldade de fazer tarefas em casa. Já faz alguns encontros que eu tenho insistido em realizar essa atividade em casa, porém sem sucesso. Devo rever a proposta da atividade ou a forma como ela é apresentada.

Os participantes trouxeram o material que fizeram no encontro anterior e, alguns, que deram prosseguimento a mistura de cores na ASSOCIAÇÃO (eu havia deixado tinta e pincel na Associação) mostraram o resultado do trabalho. Mesmo assim, dos participantes que mostraram interesse em vir para a ASSOCIAÇÃO fazer o trabalho de mistura de cores, poucos fizeram. Eu também havia esquecido de deixar o papel para a elaboração da atividade.

Hoje tivemos mais um novo participante que veio para a oficina, encaminhado do CAPS, pois estava com muito tempo ocioso, conforme ele disse. Assim, foi necessário novamente designar os primeiros minutos da oficina para apresentar ao novo participante o que fizemos até o terceiro encontro e também para ouvi-lo sobre seus interesses com arte/artesanato e o que espera da oficina. Esse participante nos contou que antigamente fazia cestas de papel jornal, como trabalho voluntário, e que não tinha algo específico que quisesse ver na oficina. Em alguns casos não fica claro para mim em que medida as pessoas chegam até a oficina com interesse em arte/ artesanato ou se são encaminhados (como que por uma prescrição do profissional de saúde) para uma atividade que ocupe o tempo deles. Sobre as expectativas dos participantes em relação a oficina, percebo ser geral que eles não trazem uma demanda específica do que querem aprender, trabalhar etc, mesmo os participantes que estão no presente trabalhando com artesanato. Me parece que 1- não se sentem confortáveis de expor as demandas 2- tem dificuldades para formular essas demandas por mais que no cotidiano de trabalho com artesanato isso se expresse. Ao mesmo tempo eles vem muito interessados para fazer trabalho artístico/artesanato. Assim, iremos construir as demandas durante a oficina, para isso, desenvolver um olhar crítico sobre o próprio trabalho.

Após a conversa com o novo participante, apresentei a proposta do encontro de hoje, de retomar a mistura de cores pelo círculo cromático, dessa vez fazendo também as cores terciárias, eu também fazendo o meu círculo cromático e seguindo todos juntos na mistura de cores. Dessa vez, eu já havia organizado a mesa com as palhetas de tinta, potes de água e papel, de modo a não perder muito tempo da oficina com a organização dos materiais. Dessa vez fui mais diretiva na orientação para elaboração do círculo cromático. Tomei essa decisão, pois vi que no encontro anterior, que sem exigir a forma circular, muitos não fizeram o círculo e assim a mistura de cores conforme era realizada ficava cada vez confusa, sendo que um dos objetivos de desenvolver o círculo cromático é ter o controle, saber como produzir determinada cor a partir da mistura de outras.

Iniciei novamente instruindo sobre a forma de se trabalhar com a guache profissional, porém dessa vez fiz com eles, de modo que minha ação servisse de modelo. Fizemos as cores primárias, secundárias e, por fim, as terciárias no círculo cromático. Entretanto de modo a tornar a distribuição das cores no círculo cromático de forma correta, eu orientei os participantes a organizar o espaço do círculo por meio de traços e sem querer induzi eles a colocar uma das cores produzidas no espaço errado. Durante a oficina isso foi corrigido, mas promoveu certa confusão.

Para a mistura de cores, eu propunha que escolhessem a cor a fazer. Assim, por interesse, cada vez um participante escolhia uma mistura a fazer e todos acompanhavam, fazendo previsões sobre a cor que iria surgir. Durante o processo, eu passava pelos participantes de modo a auxiliá-los individualmente, mas eles entre si também se ajudavam, pediam opinião sobre a cor produzida etc. Esse exercício também requer que o participante observe, fique atento para as nuances de cor, trata-se também de uma atividade de observação. A produção das cores primárias e secundárias fluiu muito bem entre os participantes, também era a segunda vez que estavam fazendo essa parte do círculo cromático. Já a produção das cores terciárias requisitou maior esforço dos participantes, tornando a atividade exaustiva. Tomei o cuidado para que o grupo seguisse junto a produção de cores. Percebo que foi bom eu ter feito com eles, no meu papel, o meu círculo cromático. A forma como eu pego no pincel, misturo as tintas etc serve como modelo e funciona melhor do que somente explicar. A atividade de hoje retomou o que havíamos iniciado no encontro anterior. No entanto, mesmo sendo repetido, a atividade não se tornou entediante. Expliquei aos participantes que o domínio da cor é desenvolvido quanto mais nós nos arriscamos a trabalhar com ela e a observá-las.

Quando terminamos o círculo, perguntei se queriam se sentar, já que por motivo de espaço, estavam todos em pé em volta da mesa fazendo a atividade. Disseram que queriam misturar tinta, estavam empolgados, queriam fazer seus experimentos (fiquei contente, porque se arriscarem na mistura de cores era um dos resultados que queria obter com a atividade). Então falei que ficassem a vontade e que eu iria apresentar para eles alguns aspectos sobre a harmonia de cores que podemos aprender a partir do círculo cromático.

Visualizando o círculo cromático, apresentei formas de harmonizar cores, monocromática, pelas análogas e complementares. Para falar sobre as cores complementares, mostrei os livros sobre artistas impressionistas, que eu havia deixado

na Associação durante toda a semana. Poucos haviam folheado os livros durante a semana, mas agora estavam interessados e pediram que no encontro seguinte a gente retomasse esse assunto. Expliquei que o círculo cromático pode servir a todos que trabalham com cor, de modo a auxiliar nas combinações ou para esclarecer a forma como as cores são produzidas por mistura.

Expliquei a atividade de casa, que tornou-se a mesma proposta da tarefa de casa passada só que agora esclareci de que forma trabalharíamos a partir da tarefa que realizarão, de modo que vissem a utilidade daquilo para o próximo encontro. Falei para escolherem um elemento da natureza, uma coisa da natureza, e que o observassem em diferentes momentos, sob diferentes ângulos e por meio dos diferentes sentidos (tocassem, cheirassem...), realizando observação estética da coisa escolhida. Assim eles deveriam na medida do possível, escrever sobre esse elemento escolhido, desenhá-lo etc. Mais uma vez expliquei do porquê de um exercício de observação estética, mas além disso esclareci que por meio da pintura com guache, dando prosseguimento ao trabalho que realizamos hoje, cada um irá representar a coisa da natureza que observou.

Também apresentei uma segunda tarefa: Os participantes deveriam escolher o trabalho de arte/artesanato que mais gostam para trazer para a oficina, pois iniciaremos a trabalhar a partir da especificidade da arte/artesanato de cada um. O grupo acabou as 11h e alguns aspectos que programei abordar não foram expostos por falta de tempo, ficarão para o próximo encontro.

Após o término da oficina, alguns participantes vieram conversar comigo. Um se lembrou de estojo de aquarela que havia ganhado quando criança e que só agora compreendeu que aquelas cores poderiam se misturar e se transformar em outras. O mesmo participante, que trabalha na construção civil, me perguntou se ele poderia então ter tintas de cores primárias e transformá-las em secundárias. O participante ficou muito interessado pela mistura das cores, pelas quais é possível criar novas cores.

A mistura das cores primárias para secundárias é um conteúdo básico do conhecimento artístico. Esse relato me impressionou. As pessoas que participam dessa oficina possuem a característica comum de gostarem de arte/artesanato e num grupo desses observa-se tal defasagem sobre o conhecimento de arte. Nesse sentido, percebo a necessidade de se trabalhar os conteúdos de arte com eles e como eles se mostram empolgados com isso.

Quando já havia me retirado da Associação, uma das participantes me disse que talvez as pessoas não tenham feito a atividade de casa por também não entenderem

muito bem o que seria um elemento da natureza. Nos primeiros encontros, eu havia trabalhado isso, que elemento da natureza são as coisas da natureza, mas deixei de esclarecer esse aspecto. Passarei a designar elemento da natureza por coisa da natureza.

Percebo a oficina como um lugar de encontro em que as pessoas fazem rede e se fortificam juntas. Aqui o enfoque não é a doença. Mas a oficina, mesmo não sendo terapêutica, possui potencial terapêutico, justamente não se colocar como terapêutica e não reforçar a doença. Aqui estamos trabalhando potencialidades de um campo de interesse comum: a arte/artesanato e percebo que as pessoas naturalmente formam contatos entre si e resgatam habilidades que estavam esquecidas, melhorando a autoestima. Posso quem sabe dizer que a oficina em si seja o menos importante.

A participante da ASSOCIAÇÃO, que por motivo de doença não pode estar presente nesse encontro, me pediu para que visemos a limpeza do espaço, o qual em outro momento estava com a mesa suja de tinta. Ela sugeriu de lembrarmos que se trata de um espaço comunitário em que todos tem direitos e deveres. Também disse que alguns participantes se sentiram incomodados com gente que chega atrasado. No próximo encontro abordarei o aspecto da preparação e limpeza do espaço e materiais da oficina.

#### Diário de campo 13/06/2017

Quinto encontro: Por meio de pintura a guache sobre papel, representação de observação estética.

Atipicamente hoje estavam presente seis participantes. A manhã era fria, mas não chovia e os participantes chegaram em cima da hora e alguns atrasados. Antes do início, como não havia apenas uma participante e esta estava preparando o almoço, arrumei o material sozinha. Arrumei a mesa, com o material de pintura e organizei as cadeiras em volta. Como parecia que teríamos poucas pessoas, todos poderiam se sentar para trabalhar em torno da mesa.

Iniciamos a oficina as 9h15min. Devido ao número pequeno de participantes de hoje, mudei o roteiro da oficina. Não falei sobre a nossa responsabilidade em preparar e manter a limpeza dos materiais e espaço, pois parte significativa do grupo não estava presente. Senão mais tarde teria que repetir e uma parcela dos participantes ficaria sobrecarregada.

Iniciei a oficina resgatando o conteúdo que não terminamos no encontro anterior: harmonias cromáticas. Dessa vez, forneci a eles um pequeno papel um círculo

cromático impresso para quem desejasse utilizar para escrever sobre a mistura de cores. Também utilizei o quadro negro, no qual elenquei as três principais harmonias cromáticas e desenhei o círculo cromático para identificarmos como podemos utilizá-lo para pensar a harmonia de cores. Esclareci para eles que o trabalho de arte/artesanato com cor é comumente feito por meio da intuição e que isso não é um problema. O círculo cromático é uma ferramenta de trabalho, que pode ser utilizada quando necessitam pensar mais sobre a cor, sobre como misturar para fazer novas cores e possibilidades de combinação.

Abordei sobre a harmonia monocromática, análogas e pelas complementares, me utilizando do material que havia deixado na ASSOCIAÇÃO sobre o impressionismo, para tratar sobre esse último tipo de harmonia de cores. Os participantes quiseram utilizar o círculo cromático que eu forneci para fazer anotações, estavam bem atentos. Fiz alguns exercícios, perguntando como poderíamos combinar cor, pelos diferentes tipos de harmonia, utilizando o círculo cromático como referência.

Perguntei como foi realizar a tarefa de casa. Cada participante falou sobre sua escolha da coisa da natureza que observou. Eu intervinha, perguntando mais coisas, sobre as características da coisa que chamaram a atenção. A tarefa foi realizada pelos seis participantes de diferentes maneiras e eles escolheram coisas diferentes, porém todos não desenharam ou escreveram sobre a observação que fizeram, apenas observaram de forma mais ou menos aprofundadas. Há participante que fez a tarefa no dia anterior e outro que a cada dia foi observando. As características que chamaram a atenção das coisas da natureza escolhidas também variaram. Por ex: galhos com musgo, céu nublado, por do sol, amanhecer, folhas secas, arbusto de flor. Os participantes relataram aspectos da coisa escolhida que sofrem mudanças com a estação atual de ano, o outono, e também prestaram atenção para a coisa em diferentes momentos de tempo. Por ex: Uma participante disse que escolheu galhos com musgo porque isso lhe chamou a atenção, quando de manhã cedo olhava para o jardim. Ela disse que por conta da umidade nos galhos no início da manhã, os musgos davam diferentes tons de cinza e que isso havia lhe chamado a atenção. A participante também fez uma ressalva: ela escolheu esse elemento da natureza, mesmo ele sendo triste, normalmente gosta de cores alegres etc. Outra participante disse que escolheu um arbusto que tem uma flor que considera bem bonita (ela descreveu as cores) e que é uma flor que resiste a chuva, ao tempo. A flor estava em uma praça, pela qual passava todos os dias, assim a participante observou-a todos os dias, entretanto não parou para vê-la mais atentamente.



Logo depois de todos terem falado sobre a coisa da natureza que escolheram para observar, comentei novamente sobre a necessidade da observação estética para todo trabalho artístico/ artesanato.

Assim, iniciei a proposta de trabalho artístico a partir da coisa da natureza escolhida por cada um dos participantes. Disse que iríamos realizar uma atividade que combinaria o conhecimento que trabalhamos sobre a mistura e combinação de cores, expressividade e observação estética: Pedi que por meio da pintura com guache profissional, cada participante se concentrasse na observação estética que fez da coisa da natureza que escolheu e que a representasse no papel. O trabalho poderia ser de representação ou abstrato e deveria conter a característica que mais chamou a atenção do elemento escolhido. O trabalho deveria ser feito, pensando a produção da cor, combinação da cor, relação figura e fundo, tamanho do papel, tipo do pincel etc. Disse que antes de partir logo para a ação de pintar, é interessante estar em posição confortável, alongar-se, respirar fundo para se concentrar na atividade.

Dessa vez, o grupo iniciou mais calmamente a pintura, prestaram atenção na mistura de cor, observando se a tinta não estava muito seca. Logo de início, uma participante perguntou se deveria desenhar sobre o papel antes de pintar. Eu disse que isso, o método de trabalho, é de acordo com a forma com cada um está acostumado a trabalhar. Citei exemplos para que isso ficasse claro e expliquei que no trabalho que estavam fazendo, tomavam várias decisões (quanto ao tamanho do papel, tipo de pincel etc) e que isso era importante de ser notado, pois são decisões do trabalho artístico que o conduzem a uma maior ou menor qualidade. Essa atividade, portanto, embora possa a primeira vista parecer uma atividade do fazer pelo fazer, ela está estritamente relacionada ao objetivo da oficina, de qualificar o trabalho artístico dos participantes, levando-os a pensar sobre o trabalho que fazem. Nessa atividade foram desenvolvidas a observação estética (tarefa de casa), habilidade expressiva por meio da pintura em guache, mistura e harmonia de cores e elementos compositivos.

No decorrer do tempo, passei por cada um para ouvir as demandas e auxiliar no que era pedido e orientar. Enquanto alguns eram cautelosos, outros rapidamente já começavam a pintar. Se o participante estava pintando e dizia estar tudo bem, não insisti em conversar no momento, procurando-o mais tarde. Logo fui percebendo que todos se interessaram por retratar a coisa da natureza escolhida, ninguém optou por realizar trabalho abstrato. Também notei que não estavam somente retratando a coisa, mas também todo o ambiente no entorno. Por ex: A participante ficou impressionada com o

amanhecer, esse era seu elemento da natureza. Ela iniciou pelo céu e suas cores, o qual ocupou pequena parte da parte superior do papel, mas logo em seguida foi para o resto da representação da paisagem: era um campo, uma estrada, flores etc. Durante o processo, salientei que deveriam se focar nas características da coisa que escolheram, mesmo assim, em geral, percebo que os participantes estavam encantados por pintar o todo, a coisa no contexto.

Uma participante escolheu mudar o seu objeto de representação. Quando a abordei, ela já havia iniciado e estava animada com as cores que fazia. Antes havia escolhido os galhos com fungo, mas me disse que os abandonou porque são muito tristes e que ela queria ficar bem, necessitava pintar algo alegre e escolheu o campo. Ela disse que já havia pintado esse motivo outras vezes. De fato, ela pintou rapidamente, como se já tivesse feito outras vezes.

A atividade demandou que misturassem as cores para criar outras e os participantes fizeram isso muito bem, percebi grande avanço em relação ao primeiro encontro em que misturaram cores. Em geral trouxeram a dificuldade de se adaptar a tinta guache, eles apresentaram essa demanda em outras palavras, falando que estavam com dificuldade em fazer o céu, por exemplo. Essa dificuldade era esperada, pois parte dos participantes estão acostumados a trabalhar com outros tipos de tinta, que tem outro tempo de secagem e potência de cobertura.

Uma participante chegou atrasada, na hora de pintarmos. A participante rapidamente começou a pintar e terminou antes de todos seu trabalho. Ao final estava frustrada que a araucária que havia pintado era interpretada como coqueiro pelos participantes. Utilizei esse momento para resgatar a necessidade da observação estética, que nos auxilia a pensar o que caracteriza uma coisa como tal e que a difere das outras coisas. Percebi que a participante que chegou atrasada, mesmo eu esclarecendo sobre a atividade, não teve um desempenho como os outros participantes, penso que ela não acompanhou a discussão do grupo e isso a prejudicou.

No processo da atividade, os participantes notaram a necessidade que é de observar bem o elemento/ coisa escolhido para se trabalhar. Uma participante queria desenhar a flor, mas agora via como era difícil fazer de cabeça, queria ter tirado uma foto. Outra participante, vendo o resultado final de sua pintura, notou que todos viam um coqueiro, ao invés de uma araucária, ela não tinha conseguido representar o que queria. Resgatei a ideia da observação da coisa que escolhemos observar. Realizando a observação estética e desenho da árvore araucária, seria possível notar as suas

características principais que a distingue de outras árvores. Novamente ressaltar que isso se refere a todos os contextos do fazer artístico/ e do artesanato, também quando se quer pintar um pano de prato com uma cesta de frutas, por exemplo.

Sobre a segunda tarefa de casa que era trazer o trabalho de arte/artesanato que mais gosta para a oficina, ninguém o fez. Assim, dei como atividade para casa novamente escolher o trabalho de arte artesanato que mais gosta. Expliquei que o objetivo é agora iniciarmos a produção artística conforme os interesses de cada um, pensando a qualificação desse trabalho. Já que já havíamos nesse cinco encontros explorado elementos que estão presentes na produção e apresentação de arte: observação estética, leitura de imagem e mistura e combinação de cores.

Deixei as tintas na ASSOCIAÇÃO para quem fosse continuar a pintar durante a semana e pedi para que todos trouxessem suas pinturas para o próximo encontro. Encerramos as 11h. Os participantes foram mais colaborativos para a limpeza do local e material. Aproveitei para conversar com eles sobre os cuidados com o pincel, sua limpeza e conservação. Eu havia reparado que eles tinham práticas ruins para a conservação do pincel.

Após o quinto encontro vejo que logo no início deveria ter feito contrato de trabalho com os participantes, no sentido de conversarmos sobre a corresponsabilidade deles em relação ao material, espaço e andamento da oficina. Com a presença do grupo maior, falarei sobre a organização do material e sala e comprometimento em relação a oficina.

Alguns apontamentos:

Há participante da oficina membro da Associação que participa parcialmente da oficina. Ele está lá no mesmo ambiente da oficina, escuta o que estamos fazendo, mas faz suas atividades outras. Quando tem interesse, mesmo não estando na roda, faz comentários, opina etc. Esse participante algumas vezes assina e outras vezes não a lista de presença, pois as vezes está na roda e as vezes não. De todo modo, assinou o termo de consentimento, pois inicialmente disse que gostaria de participar da oficina, inclusive participou do grupo focal. Há também membros da Associação que ficam no mesmo ambiente conversando e em alguns momentos prestando atenção, mas que não estão participando da pesquisa. Há também caso em que o participante não gosta de ficar parado e então vai para cozinha e depois retorna. Toda essa situação descrita nesse

parágrafo acaba por vezes atrapalhando o andamento da oficina, por tira a concentração do grupo.

Também nesses últimos encontros, crianças estão vindo acompanhar participante na oficina. De modo que a criança não fique entediada, também forneço os materiais para que ela possa acompanhar o trabalho do grupo. Menores de idade não participam da pesquisa. Apenas familiares maiores de idade. A princípio não eram para participar crianças, mas como o participante está responsável pelos cuidados da criança, ou ele traz e participa da oficina, ou não vem. A presença de crianças não atrapalhou a oficina de modo algum.

Como observado nos outros encontros, as faltas são frequentes. Sempre há alguém do grupo faltante. Isso dificulta o prosseguimento da oficina, a qual tem por característica ser dinâmica e pontual (8-10 encontros). Quando o participante falta, por consequência não traz a tarefa de casa para o encontro seguinte, pois não teve conhecimento sobre a mesma. Assim, decidi ligar para os faltantes do encontro de hoje para avisar sobre a tarefa de casa para o próximo encontro. Os participantes faltantes disseram que faltaram por diferentes motivos: está cuidando de amiga adoentada, está gripado, é profissional liberal (participa da oficina quando não pode trabalhar- dia de chuva), está cuidando de neta pequena e o dia estava frio para traze-la cedo para a ASSOCIAÇÃO. Ligar para os participantes para avisar sobre a tarefa, foi a forma que encontrei para não prejudicar mais o andamento da oficina. Entretanto isso é uma atitude que dá mais trabalho, toma tempo, se for necessário toda semana fazer isso. Além disso, diz respeito a uma atitude em que eu coloco os participantes menos ativos em relação a responsabilidade que tem, suas obrigações.

As razões para as faltas dos participantes também me chamou atenção para o que me parece ser uma contradição: Ao passo que os participantes chegam na oficina com o discurso de que tem tempo ocioso, e a oficina ajudaria a eles a completar esse tempo com algo que gostam e que possa ajudar a dar renda, esses mesmos participantes apresentam faltas na oficina pelo motivo de cuidarem de pessoas. Ex: cuidar de neto, filho, amigo doente etc. A impressão que eu tenho que ao mesmo tempo que é designado a essa população o lugar do desocupado, eles possuem muitos compromissos, no sentido de cobrir buracos da rede deles.

Penso acerca do comprometimento dos participantes em relação a participação na oficina. Para mim eles falam do interesse pelo que estamos vendo na oficina. Ao mesmo tempo, relatam dificuldades em realizar as tarefas de casa e também faltam a

alguns encontros. A Associação me apresentou a demanda de qualificar o trabalho artístico dos artesãos/artistas da Associação e eu, então, montei a oficina com esse objetivo. As faltas e não realização das tarefas de casa prejudicam o andamento da oficina que é de período curto e também servem de elemento de análise para se repensar a oficina. Em que sentido a oficina é importante para eles? Idéias: É importante pelo ócio? Pelo fazer atividade artística-criativa? Pela reunião em um grupo? Pelo conhecimento sobre arte? Pelo empoderamento enquanto artistas/artesãos?

Talvez haja conflito de interesses entre mim (que talvez não os tenha escutado bem), a Associação, que pediu uma oficina que qualificasse o trabalho de arte deles e eles, que talvez simplesmente queiram a oficina pelo prazer de fazer atividade artística-criativa. São poucos os participantes da oficina que fazem parte da Associação como associados, com direitos e deveres. Mesmo assim, não consigo observar diferenças gritantes entre o perfil de trabalho desses membros da Associação com os dos outros participantes.

Tenho a impressão que eles me pedem para serem tutelados na escolha do trabalho a fazer, ou para que a gente na oficina fique trabalhando atividade artística pela atividade artística, sem lembrar o objetivo da oficina que é a qualificação do trabalho de arte/artesanato. Assim, os participantes são muito interessados pelas atividades criativas e ao mesmo tempo não trazem para a oficina o trabalho de artesanato/arte para darmos prosseguimento na sua qualificação. Também os participantes em geral não se sentem responsáveis pela arrumação do ambiente de trabalho e materiais da oficina. Acho que devo trabalhar no sentido de responsabilizá-los pelo cuidado do espaço e material da oficina e da Associação. Percebo que isso faz parte de colocá-los enquanto autônomos em suas escolhas. A presente oficina não se trata de um cuidado de um dispositivo de saúde, mas de uma Associação formada por pessoas que cooperam. Entretanto, tenho a impressão que os participantes lidam com a oficina e espaço da ASSOCIAÇÃO comose fossem um serviço e não espaço deles, com direitos e deveres.

Como trabalhar a qualificação do trabalho de arte/artesanato dessa população se é difícil manter rotina de trabalho, pois faltam, e se não fazem as tarefas de casa. Vejo que mesmo sendo cansativo, preciso resgatar o histórico da oficina, como iniciamos, onde estamos e para onde vamos.

Devo dizer que não estar trabalhando com esse grupo na oficina enquanto psicóloga é muito interessante, me tira um peso das costas. Estou livre para fazer graças etc como oficineira.

## Diário de campo- 20/06/2017

Sexto encontro: Leitura de imagem de pinturas realizadas no encontro anterior e trabalhos trazidos pelos participantes.

Hoje de manhã estava frio e havia chovido. Nas ligações que havia feito para os participantes para avisar sobre a tarefa para os que faltaram e lembrar da tarefa para os que vieram, uma participante me avisou que o pessoal do CAPS Cajuru iria comemorar hoje a festa junina e que então três participantes faltariam a oficina para participar da festa junina.

Vieram ao todo sete participantes, sendo um participante recém chegado. Além deles, participou da roda da oficina um membro da ASSOCIAÇÃO, mas que preferia não se comprometer em participar nos outros encontros. Ele disse que já conhecia a ASSOCIAÇÃO e que se lembra de quando eu apresentei a oficina em seu CAPS. Assim, alertei-o que estávamos hoje no sexto encontro de 8- 10 encontros e esclareci sucintamente sobre o que se tratava a oficina e o caminho que havíamos percorrido até aqui. Perguntei para ele sobre o contato com arte/artesanato e sobre o que gostaria de trabalhar na oficina. Ele disse que faz artesanato com madeira, monta caixinhas, faz porta-chaves etc decorados e que tem interesse de aprender a pintar, pois nunca havia se dedicado a isso, mesmo tendo interesse. Imagino que por ele ter visto pinturas em cima da mesa, ele deve ter pensado que se tratava de uma pintura especificamente de pintura, expliquei que não era o caso e o participante confirmou o interesse em pintar. Pelo olhar dos participantes, percebi que se sentem incomodados quando a essa altura da oficina, novos integrantes chegam. Faz-se necessário repetir a fala sobre o que se trata a oficina, mas vejo que ao agregar mais pessoas, o grupo se torna mais forte, pois agrega mais pessoas para a rede de diálogos.

Feita a apresentação do novo participante, resgatamos o trabalho feito no encontro anterior. Uma participante, que não estava hoje presente, inclusive veio em outro dia na ASSOCIAÇÃO para terminar sua pintura. Pedi que cada participante que havia feito o trabalho do encontro anterior (ao todo três participantes), que apresentasse sua pintura, segundo os aspectos da leitura de imagem, resgatando qual a coisa da natureza que haviam escolhido para observar e quais as características que chamaram a atenção sobre esse elemento e que foram trabalhados na pintura. Relembramos o que são esses aspectos de leitura de imagem e os escrevi no quadro de giz: Aspectos técnicos, formais, intenção do artista, experiência estética. Após essa descrição cada participante deveria falar ao grupo sobre o que mais gostaram da pintura que fizeram e o

que menos gostaram. Destaquei que esse exercício nos facilita desenvolver a habilidade de observar e falar sobre nosso próprio trabalho, ajudando-nos a amadurece-lo e a amadurecer nossa leitura de imagens.

Conforme o que cada participante nos falou sobre seu trabalho de pintura, seguindo os aspectos que devem estar contidos na leitura de imagem, eu fiz apontamentos a partir do que trouxeram e apontei características do trabalho de cada um, aspectos interessantes e possibilidades de trabalho para os aspectos que não gostaram. Também conversei sobre a forma como cada um harmonizou as cores e produziu as cores a partir das cores primárias. Conforme se apresentavam, pude destacar as diferenças na forma de pintar de cada um, mostrando de forma positiva o valor dessas diferenças. Apontei, por exemplo, que uma participante pintava explorando a tinta em suas formas densa e aguada, já outro participante trabalhava com a tinta em formas chapadas, sem nuances de cor e outra participante pintava com gestualidade, de modo que a pintura acontecia pelos traços impressos pelo pincel. A partir das características do trabalho de cada um, destaquei que o artista/artesão pensa seu trabalho, constrói seu trabalho: ele escolhe o tipo de papel, o tamanho do papel, os tipos de pincel a usar, a forma como usar o pincel, a forma como usar a tinta etc, para então cumprir seus objetivos com seu trabalho, seja nesse caso representar a coisa da natureza e sua característica que chamou a atenção por meio da guache sobre papel.

Destaquei para os participantes que os trabalhos tenderam a representar a coisa da natureza escolhida em relação ao seu contexto, assim um participante não havia pintado somente as nuvens, mas também a paisagem envolvida, a linha do horizonte com campo e montanhas. Falei sobre a necessidade de se focar na coisa escolhida e observar se a característica que gostaria de mostrar da coisa escolhida pode ser evidenciada na pintura, trata-se de uma tarefa presente no trabalho do artista e artesão. A pintura de alguns participantes, mesmo mostrando a coisa escolhida, privilegiou a pintura dos outros elementos. No meu feedback sobre os trabalhos, orientei-os, caso tivessem interesse, de continuar o trabalho que haviam feito. Inclusive eu deixei mais essas semanas as tintas na Associação.

Para uma próxima realização dessa atividade de pintura, é interessante enfatizar aos participantes sobre a tarefa de transpor as características do elemento que escolheram para o trabalho em pintura. Assim o exercício seria mais efetivo para fazer com que os participantes notem de que modo o artista/ artesão pensa seu trabalho para conseguir determinados resultados.

Terminadas as apresentações dos trabalhos de pintura, iniciamos a conversa sobre o trabalho de arte/artesanato que mais gostam e escolheram trazer para a oficina, que também deveriam ser feitos seguindo os aspectos de leitura de imagem e destacando o que mais gostam e não gostam dele, pensando alternativas de como melhorar. Salientei que já estamos na segunda metade da oficina, que se encerra no décimo encontro e que agora iremo nos focar nos trabalhos específicos de cada um. Cinco participantes apresentaram seus trabalhos. Apenas dois participantes não haviam trazido, justamente o novo participante e aquela que não consegui fazer contato por telefone.

Com a conversa sobre o trabalho de cada um, o grupo foi percebendo a variedade de trabalhos que estão presentes na vida dos integrantes da oficina e sua semelhanças e diferenças. Por exemplo, notamos no grupo que do mesmo modo que o participante que faz objetos com fio de metal examina o trabalho com esse material de seus colegas, para entender como fizeram, as participantes que fazem crochê também o fazem para entender qual o tipo de ponto que a colega fez. Notaram-se também diferenças, o participante que faz cestas de papel disse, por exemplo, que seu artesanato era bem mais rápido de se fazer e com material mais barato que do colega que faz objetos com fio de arame.

Parte dos participantes não trouxeram o trabalho que mais gostam, mas alguns de seus trabalhos que mais gostam. Por conta disso, esse foi um exercício que demorou mais do que o previsto, pois fizemos o processo de escolha do trabalho que o participante mais gosta para continuar como foco na oficina. Assim, uma participante trouxe quatro peças, duas pinturas que mais gosta, um trico que mais gosta e um crochê que mais gosta. No grupo, a participante apresentou seus trabalhos e conversamos sobre o que ela teria interesse em focar a partir desse momento. A participante logo disse que gostaria de se dedicar a pintura, conversamos então sobre a temática da pintura. Já outros participantes ficaram como tarefa de casa pensar sobre o que tem interesse em focar em sua arte/artesanato.

No grupo foi colocado em questão a necessidade de se escolher algo que tenha compradores interessados. Disse que nesse primeiro momento analisem o que de fato estão com vontade de se dedicar para depois na oficina pensarmos sobre o consumidor da arte/artesanato. Um participante comentou que ele pode fazer várias coisas do seu arame e que faz essas coisas diferentes. Conversamos no grupo que essa é uma característica positiva de todos ali, mas que para se desenvolver um trabalho de



arte/artesanato com potencial a ser admirado, é importante focar em projetos de arte/artesanato, de modo a ter uma produção consistente e de qualidade de material. Outro participante mostrou a cesta de papel que fez e a técnica que utiliza. Mas perguntado sobre o que está interessado em fazer com essa técnica, também não conseguiu responder. Noto certa dificuldade de participantes notarem e darem valor para uma coisa específica que teriam muito prazer em dar prosseguimento. Esses tem como tarefa de casa pensarem no que estão interessados a fazer daqui para frente. Penso que esse é um passo fundamental de crescimento deles enquanto artesãos/artistas.

Como saldo, haviam se decidido a focar para os próximos encontros: uma participante com pintura, gosta de pintar paisagens. Outra participante se decidiu a dedicar-se a pintura a óleo com temas florais. Ela está atualmente pintando um e gostaria de estar mais a vontade para se arriscar na pintura. Outra participante quer trabalhar com decoração de caixas de madeira.

Noto que esses participantes que já definiram seu foco, escolheram como foco justamente o campo que tem menos contato. A única participante com graduação em artes não quis trabalhar com isso, mas com decoração em caixas de madeira. Já os participantes que relataram não ter muito contato com a pintura, disseram que querem se dedicar a isso. Estão se arriscando a novos campos, saindo da sua zona de conforto.

Um membro artesão da Associação que não está participando da oficina, disse que não pode se comprometer a vir nos encontros, participou pela primeira vez de forma mais atenta na oficina, resolveu sentar-se no grupo e se colocou a falar sobre seu trabalho. Infelizmente ele estava tomando parte do tempo em que os outros participantes deveriam falar de seus trabalhos. Ouí o membro da ASSOCIAÇÃO, fiz um breve apontamento e convidei-o a participar dos próximos encontros.

Encerramos as apresentações as 11h05min e o trabalho com argila ficará para o encontro seguinte. Embora o dia estivesse muito frio e ficamos o encontro inteiro sem trabalhar manualidades, apenas conversando e discutindo sobre arte, os participantes estavam bem atentos e participativos. Uma participante me comentou mais tarde que ela aprendeu muito ao ouvir os colegas apresentarem sobre seus trabalhos, que isso havia lhe ajudado a pensar o seu próprio trabalho. Para o próximo encontro, irei trazer livros de artistas que trabalham o tridimensional e sobre Chagall, artista que lembramos ao ver as pinturas de uma participante.

Dos participantes que decidiram sobre o trabalho que mais gostam e que iremos focar nos encontros adiante: 1-pintura a óleo sobre tela tema floral, 2-pintura tema

paisagem e bichos, 3- Cestaria de papel (tema?), 4- artesanato em arame (tema?), decoração de caixas de madeira.

Diário de campo 27/06/2017

#### Sétimo encontro

Sétimo encontro: representação da idéia de seu trabalho escolhido no tridimensional, por meio da argila. Noções básicas de modelagem no tridimensional por meio de argila.

Infelizmente, os primeiros 45 minutos da oficina não foram gravados. Eu havia ligado o gravador, mas não conferi se estava de fato gravando.

A oficina iniciou-se as 9h15, alguns participantes chegam atrasados. Hoje uma participante chegou bem atrasada, pois disse que havia ido no médico e outra participante nos ligou para avisar que não iria, por conta de uma consulta médica.

Hoje estávamos com sete participantes ao todo, sendo um participante novo. Novamente descrevi rapidamente (não poderia tomar muito tempo da oficina com algo que os participantes já estavam cansados de saber) o que havíamos feito até então na oficina, que agora estava em seu sétimo encontro. Disse ao grupo que estávamos na reta final de nossa oficina, que será até dez encontros. Logo questionaram sobre o que aconteceria então com o grupo, o que fariam nas terças de manhã e perguntaram se eu não iria mais acompanhá-los. Disse que a oficina foi pensada para ser pontual e que fazia parte de minha pesquisa de mestrado e que portanto teria que se encerrar nesse número de encontros. Disse que seria possível pensarmos em alguma oficina ou grupo com o qual eu poderia dialogar, entretanto que eles poderiam pensar da ideia de se tornarem associados da ASSOCIAÇÃO, para participar da Associação não só pelas oficinas, mas produzindo, formando grupos de trabalho, formando grupos de geração de renda etc. Disse que essa oficina é para dar encaminhamento para que cada um possa desenvolver seus trabalhos de arte/artesanato que tem interesse de forma mais autônoma. Claro, sendo o espaço grupal um lugar privilegiado para a produção artesanal, devido a troca de experiências e reflexões. Comentei que na oficina mesmo estão surgindo grupos de interesse: panos de prato e de produção e decoração de caixas, por exemplo.

Pedi para que pensassem para essas próximas semanas se estão interessados em formar grupos de trabalho etc, eles mesmo poderiam propor a utilizar as terças de manhã para se dedicar em seus artesanatos na ASSOCIAÇÃO, essa foi uma ideia que uma participante teve no momento. Em outros momentos da oficina, participantes me

relataram que é muito positivo ter um grupo de trabalho, porque daí se animam a realizar a atividade, comentaram que em casa tem dificuldade de produzir sozinhos.

Mais participantes trazem materiais de trabalho para a ASSOCIAÇÃO. São objetos, panos para decorar caixas, bandejas de isopor etc. Um participante comentou que o material que doou ao CAPS ficou esquecido e outro disse que o material deixado lá foi se perdendo. Comentei da necessidade de organizarem os materiais na ASSOCIAÇÃO, de modo que todos saibam onde os materiais estão e quais materiais existem, de modo que os materiais não fiquem esquecidos e não sejam perdidos. Por enquanto, os materiais estão sendo colocados nas prateleiras, conforme existam espaços nelas.

Como costume, perguntamos ao novo participante sobre seu contato com arte e o que gostaria de fazer, aprender na oficina. Ele, que chegou até a oficina por indicação de um membro da ASSOCIAÇÃO, disse que trabalha com palitos, construindo miniaturas de barcos, casas e iates. Ele disse que o que mais gostava e que gostaria de dar continuidade era fazer iates, que segundo o que ele explicou, tem muitos detalhes: piscina, lugar para apoiar a cerveja, três andares etc. Disse que gostaria de aprender a desenhar e comentou que fazia desenhos a um tempo atrás.

Após a apresentação do novo participante, demos continuidade a atividade do encontro passado, dos participantes mostrarem e apresentarem por meio da leitura de imagem, um trabalho deles que mais gostam e que gostariam de tomar como projeto para os próximos encontros. Dos sete participantes do encontro de hoje, cinco precisavam ainda falar sobre seus trabalhos. Um participante apresentou no encontro anterior, mas ficou de pensar em casa o que gostaria de encaminhar como projeto no artesanato de cestaria. No encontro de hoje, ele trouxe mais cestas que fez em casa e disse que não escolheu um tema específico (cestas para escritório, decoração, vasos etc), que pode fazer qualquer um, mas não tem algo específico a se dedicar. Eu respeitei sua decisão, mesmo tendo mostrado para eles a importância de ter um norte em um projeto de artesanato. A cestaria, por exemplo, envolve uma variedade grande de objetos que podem ser produzidos. Para se ter uma quantidade e qualidade significativa de produção, faz-se necessário estabelecer temas de trabalho nessa ampla técnica de cestaria com papel. Penso que esse participante, mesmo dominando a técnica, ainda não a explorou criativamente muito de modo que pudesse ter desenvolvido um interesse maior para a produção de cestas em uma temática específica.

Durante as apresentações, uma participante, integrante da ASSOCIAÇÃO, relatou sobre a visita que fez com a ASSOCIAÇÃO em uma Associação de usuários da RAPS de Blumenau-SC. Perguntei o que ela acha que a partir do que viu lá, que poderíamos trazer para nossa oficina. Ela contou sobre a experiência daquela Associação, em que todo trabalho a ser exposto é primeiramente examinado para avaliar sua qualidade e que poderíamos ver isso na oficina. Eu disse que esse era um dos objetivos da oficina, auxiliar a qualificação do trabalho de arte/artesanato dos participantes. Nisso, a participante disse que é importante que o artesão esteja aberto a ouvir críticas que são para melhorar o trabalho dele. Assim, ao observar o trabalho dos colegas que apresentam seus trabalhos, ela passou a falar o que achava da trabalho. Observo que durante as oficinas, os participantes falam sobre qualidade do trabalho, utilizando as palavras: bem-feito, bem acabado, perfeito etc, devo trabalhar nos próximos encontros sobre qualidade dos trabalhos a partir do que eles já trazem. É interessante observar que nem para todo objeto artístico, ser 'perfeito' é qualidade. Seguindo a participante, eu passei a chamar atenção do grupo para alguns elementos dos trabalhos dos colegas que valorizam e não valorizam seus trabalhos.

Uma participante trouxe um crochê para mostrar ao grupo, como exemplo de trabalho que mais gosta, querendo também ter trazido um pano de prato que fez. Porém, disse que gostaria de ter como projeto, a decoração de caixas, algo que faz tempo que não faz. Me chama a atenção o modo como ela diz que faz seu artesanato, pensando em fazer os olhos do expectador brilharem. Ela comentou que não possui nenhuma caixa para mostrar, pois todas foram faz tempos vendidas. Ela decorava caixas, na época em que fumava e bebia e logo que fazia, vendia- conforme ela nos explicou. A falta de trabalhos a apresentar como exemplo dos trabalhos que mais gostam é uma característica predominante do grupo: dizem que o trabalho foi doado, vendido e muitas vezes não tem imagem, foto do mesmo. Como artesãos, noto a necessidade que terem produção a apresentar para mostrar a qualidade de seu trabalho. Para isso, devo trabalhar na oficina duas questões: quantidade de produção em projetos (senão vende uma peça e já não tem mais nada) e portfólio, por meio de imagem de seus trabalhos, por exemplo. Durante o encontro de hoje, mais tarde, a participante disse que está pensando em fazer pano de prato. Retomei a pergunta sobre o projeto que gostaria de ter como norte e ela disse que irá pensar e comentou que ficam mudando de ideia a toda hora, mas que isso era positivo. Pedi para que falasse mais e ela respondeu que desse jeito, a pessoa se interessa por várias coisas e aprende de tudo, sendo que uma coisa leva

a contribuir com a outra. Concordei com a participante que a abertura há várias formas de arte/artesanato é positiva, mas que também se focar em projetos também tinha seu valor, para estabelecer qualidade e quantidade de produção de artesanato.

Outra participante não trouxe o trabalho que mais gosta para apresentar ao grupo. Trata-se de participante que tem experiência com artesanato e pintura, membro da ASSOCIAÇÃO, que durante a oficina está sempre andando. Ela disse que de tudo até o momento, gostaria de pintar, pois é o que há de mais artístico no que faz, conversamos sobre o motivo a ser pintado em seus trabalhos e isso a fazia se sentir bem. Já o participante que iniciou no encontro anterior, trouxe um porta-chaves que produziu, descrevendo como havia feito seu trabalho. Noto muita criatividade no trabalho, em relação a forma como utilizou os materiais disponíveis, entretanto carece de acabamento. O participante disse que gostaria de fazer suporte para pássaros, nos quais podem comer e tomar água. O participante disse que isso é uma coisa nova para ele e que poderia dar dinheiro, pois havia conversado com um comerciante de aviário que queria comprar. O novo participante de hoje disse que quer ter como projeto fazer iates, mas que não tinha nenhum com ele para mostrar, pois havia doado.

Todos tendo apresentado seus trabalhos, iniciamos a atividade em argila: Representação da idéia de seu trabalho escolhido no tridimensional, por meio da argila. Disse que iriam trabalhar com argila para que por meio do tridimensional expressássemos o trabalho de arte/artesanato que escolheram. Expliquei que a atividade tinha dois objetivos principais: auxiliar no poder de síntese que fazemos sobre nosso próprio trabalho (o que caracteriza fundamentalmente nosso trabalho que devo colocar na argila) e observar nosso trabalho de arte/artesanato sob diferentes ângulos, aspectos que auxiliam para o desenvolvimento do trabalho de cada um.

Ninguém do grupo tinha maior contato com argila, apenas em oficinas pontuais, e maior parte do grupo não trabalhava com o tridimensional, assim, o trabalho com argila foi pensado justamente para resgatar a habilidade de olhar e pensar o objeto a ser produzido por diferentes ângulos. O tridimensional necessariamente faz com que quem cria e quem observa, rode o objeto que é observado de modo a compreendê-lo em sua totalidade. Brevemente disse que a argila é um material de ampla versatilidade, utilizado em ambos campos da arte e artesanato, por meio de diferentes técnicas e fins. Apresentei algumas ferramentas de trabalho com argila, como o rolo, esteque, escova, palito etc e apresentei duas técnicas de modelagem: acordelado e por placas. Expliquei ao grupo que esse trabalho com argila era pontual para agregar no trabalho específico de

cada um. Portanto, não era nosso objetivo tratar sobre as diferentes técnicas de preparo do barro, modelagem, queima etc. Salientei a necessidade de estarmos focados na proposta da atividade.

Apresentei os materiais e suas possibilidades técnicas e os deixei disponíveis com a argila sobre a mesa. Disse que poderiam escolher a quantidade de argila com que queriam trabalhar, pensando na proposta da atividade. Entretanto, logo no início os participantes em sua maioria pegaram pouca quantidade de argila e foram construindo pequenos bonecos: pessoa, rosto, joaninha, urso, pássaro etc. Novamente pedi que atentassem para a proposta da atividade: passassem a ideia do trabalho que mais gostaram na modelagem em argila. Mesmo insistindo, a tendência dos participantes foi de criar pequenas peças. Diziam como era bom mexer na argila, que isso dava uma sensação boa. Participantes lembraram quando haviam exido com argila, e como isso era bom para eles. A partir da minha insistência em pedir que se enfocassem em passar a ideia do artesanato que escolheram para a argila, alguns participantes fizeram esse exercício. Alguns fizeram, mas sem maior interesse por aquilo, por exemplo: o participante faz cestas e na argila criou inicialmente um boneco, e depois fez uma cesta de argila, mas o interesse dele estava no boneco, com seus detalhes.

Levantei aspectos do trabalho tridimensional que requer que ao fazê-lo, trabalharmos os diferentes ângulos. A exemplo, uma participante modelava animais, muito presentes em seu trabalho em pintura, o qual escolheu como projeto, como se estivessem no bidimensional. Ela modelou uma joaninha em uma superfície plana de argila, na qual com um palito desenhou a joaninha. Pedi a ela que observasse sua joaninha sob os diferentes ângulos. Apenas olhando de cima era possível observar que se tratava de uma joaninha, pelos diferentes ângulos não. Sugeri a ela que fizesse outro animal, trabalhando os diferentes lados da argila. Ela criou um pássaro (presente em suas pinturas quase sempre de um mesmo modo), modelando os diferentes lados do seu bloco de argila. Mostrei ao grupo a possibilidade de observar esse pássaro sob diferentes ângulos, a variedade de imagens que esse pássaro nos dispunha, em contraposição a apenas uma imagem que é impressa na pintura. Sugeri para a participante que levasse para a sua pintura a possibilidade de pintar suas paisagens com animais, explorando a variedade de ângulos que são possíveis de ver no objeto tridimensional. Comentei que um pássaro, uma casa podem ser retratados de diferentes formas, além da imagem representacional padrão e que isso é um elemento que pode enriquecer o trabalho artístico.

O participante que escolheu produzir iates de palito como projeto de artesanato, modelou apenas um objeto, mas bem maior que o dos colegas, tratava-se de um vaso que estava construindo por meio da técnica do acordelado. Eu perguntando sobre o artesanato que ele havia escolhido, iate feito com palitos de madeira, e a proposta de trabalho na argila, ele disse que não queria fazer barco algum, que iria fazer um vaso. Assim sendo, conversei com ele sobre a técnica que ele estava utilizando e o encaminhamento de seu trabalho.

Os participantes exploraram as técnicas demonstradas por mim e as ferramentas fornecidas, experimentando os materiais. Cada um estava prestando atenção em seu trabalho, modelando a argila. Interagiam, por exemplo, para perguntar para o colega o que ele achava que o bicho que ele criou era.

Pedi para que refletissem sobre o que o trabalho com argila suscitou. Eles disseram que gostaram muito, que é gostoso de modelar em argila, de fato, eles se mostravam muito interessados e atentos para a modelagem da argila. Entretanto, não relataram aspectos relacionados a proposta da atividade, por exemplo, de pensarem melhor seu objeto de artesanato por meio do tridimensional. Isso inicialmente me deixou preocupada, havia eu caído numa proposição de atividade de fazer arte por fazer arte? De qualquer maneira, respeitei o caminho que o grupo deu a oficina. Eles estavam interessadíssimos em mexer na argila, não se tratava de uma atividade sem nexos para eles. Trabalhei com eles alguns cuidados em relação a criação das peças- emendas das partes do boneco, por exemplo, e a possibilidade de observar os diferentes ângulos das peças que foram modelando. Logo no início do trabalho com argila, havia perguntado para eles se alguém fazia trabalhos tridimensionais (as participantes que decoram caixas, o participante que faz barcos de palitos e o participante que constrói e decora porta-chaves), mas nenhum deles fazia trabalho com argila, poucos experimentaram alguma vez na vida. Nesse sentido, resgatar o trabalho do tridimensional na argila foi interessante e me pareceu que mesmo eles não dominando esse material e suas técnicas, eles estavam com muita vontade de fazer.

Encerramos a oficina já passado das 11h. O grupo estava colaborativo para auxiliar na limpeza e para guardar os materiais. As peças criadas ficaram na Associação para secar. De todo modo, como eu havia conversado com os participantes, era provável que as peças não suportassem a rápida secagem, sem o devido cuidado para união das partes das peças etc. Para quem tivesse interesse em realizar trabalhos com argila, sugeria a fundação cultural de Curitiba no parque São Lourenço. A tarefa de casa

indicada era para eles trazerem o material de trabalho para fazerem seus artesanatos/arte na oficina, para também, conforme o pedido de uma participante, pensarmos sobre critérios de qualidade para arte/artesanato. Sugeri que já iniciassem os trabalhos durante a semana.

#### Diário de campo 04/07/2017

Oitavo encontro: desenvolver trabalho específico de cada participante e refletir sobre aspectos de qualidade de peças de arte e artesanato.

Hoje estava uma manhã sem chuva, porém muito fria. Quando cheguei, duas participantes membros da ASSOCIAÇÃO estavam lá e depois atrasados para o encontro, chegaram mais duas pessoas, ao todo quatro participantes. Na conversa com as duas participantes na mesa de café, uma descreveu sobre a dificuldade que tinha para terminar o que começa em sua vida, pois recorrentemente acaba desistindo, perde o interesse, o foco etc. Já a outra participante falou que tem interesse por muitas coisas e que nesse sentido tem dificuldades em se concentrar em uma coisa. Entretanto essa segunda participante salientava o caráter positivo de ser assim, pois assim aprendia coisas diferentes. Isso me fez novamente pensar sobre a dificuldade de se manter um projeto de arte artesanato, quando se tem a dificuldade em se focar em determinada atividade e seguir planejamento, características necessárias para desenvolver qualidade em trabalho. Saliento que essa conversa sobre dificuldades não foi por mim instigada, apenas veio à tona.

Antes do início da oficina, apareceu uma quinta participante, porém ela veio para a oficina especialmente para me explicar que não poderia mais continuar, pois tinha que ajudar em casa: sua irmã não estava bem e seus pais a queriam em casa ajudando. Perguntei se havia algo na oficina que havia a conduzido a essa decisão, mas ela me afirmou que gosta de pintar e que seus pais estavam pedindo para que ficasse em casa. Vendo o esforço que ela fez em me avisar e comprometimento dela na oficina, deixei folha de papel Canson com ela e os quatro potes de tinta guache profissional. Ela disse que faria em casa e que traria para a oficina mostrar e para devolver as tintas.

Iniciamos a oficina as 9h15min, esperando que chegassem mais participantes. Pedi que rapidamente nos instalássemos com nossos respectivos materiais para trabalhar, na verdade, todos já deveriam estar fazendo isso, como havíamos combinado no encontro anterior. Relembrei que estávamos na reta final dessa oficina e que agora nos concentraríamos a analisar nosso próprio trabalho e seus aspectos de qualidade.



Assim sendo, informei que hoje na primeira parte da oficina trabalharíamos com os projetos para na segunda parte conversarmos sobre qualidade do artesanato/ arte. Também apresentei a eles três livros sobre diferentes movimentos da história da arte para que a vontade dessem uma olhada. Deixei um desses livros na ASSOCIAÇÃO.

Os participantes se organizaram com diferença na agilidade. O participante que faz cestas de papel logo pegou seu material, se sentou e começou a produzir. Já as participantes que faziam decoração de caixa e pintura de pano de prato estavam com dificuldades para achar seus materiais, pois haviam mexido nas estantes da Associação. Há a necessidade de se pensar a organização do espaço da Associação para armazenagem dos materiais. As pessoas da Associação trazem seu material, parte para sua própria produção, parte para compartilhar. Entretanto, não há uma organização sistemática das prateleiras. A pessoa coloca o material que trouxe na prateleira que está vazia. Então, a pessoa que chega na frente das prateleiras não consegue ter noção de todo o material que há lá, do que se pode mexer e do que não é para mexer. A organização do material pode facilitar a circulação, compartilhamento e operacionalização do mesmo.

Dos quatro participantes, um iniciou a fazer cesta de papel de revista, outra decoração de caixa, outra pano de prato e outra, exercício de desenho para passar para a tela que pintará. A participante que decidiu por pintar telas é uma pessoa que relatou não ter tido contato com arte durante sua vida, mas que agora estava muito interessada em fazê-lo. Ela relatou que não havia conseguido ainda comprar a tela para iniciar a pintura e que então havia pensado em desenhar em papel o motivo de pintura, vaso de girassóis. Ela trouxe uma foto no seu celular que apresentava um vaso de girassóis artificial de sua casa. A participante veio com a demanda de aprender a desenhar, disse que queria fazer tudo ‘perfeitinho’, fazer o desenho real, ao mesmo tempo dizia ter medo de errar no trabalho. Nesse sentido, iniciei com ela exercício de expressividade e logo disse que faríamos, nos permitiríamos a fazer desenhos livres dessa flor, sem nos cobrarmos de acertar, podendo gastar folhas de papel a vontade para desenhar.

Ela queria desenhar um vaso de girassóis, mas mesmo procurando, não achou na ASSOCIAÇÃO e nos livros que trouxe, esse motivo. Assim, deixei ela inicialmente livre para desenhar e ela fez um vaso com girassóis de sua cabeça e logo relatou suas frustrações: os lados do vaso não estavam simétricos, não estava um desenho realista. Então disse para que no verso da folha desenhasse a mão livre com a mão esquerda e direita círculos, trata-se de exercício de aquecimento para o desenho. Então perguntei a

ela se não haveria alguma planta verdadeira que tivéssemos na ASSOCIAÇÃO e que ela teria interesse em desenhar, mas disse que não. Ela queria fazer os girassóis, sem ter os girassóis de verdade, apenas a foto do celular de girassol artificial e completou dizendo que para ela era mais fácil desenhar vendo uma imagem do que a coisa ao vivo. Eu alertei ela que para a importância de se ter o modelo vivo ou pelo menos de algo verdadeiro, pois a partir disso é possível observar os detalhes e características da planta, que certamente contribuirão para a qualidade do desenho, que como ela diz que quer que seja realista. A exemplo, disse que aquelas folhas do vaso de girassol não eram uma imitação das folhas da planta de girassol, mas de outra planta. A participante me confirmou, pois ela havia feito o arranjo artificial no vaso.

Se a participante queria que seu desenho fosse realista e que tivesse detalhes, falei para ela que seria necessário observar, sendo assim iniciamos a trabalhar no desenho por meio da imagem do celular e pedi para que ela passasse, além de trabalhar as linhas de contorno da planta (o que ela desenhava), que passasse a expressar seu volume por meio do claro e escuro no grafite. Assim, mostrei a ela algumas possibilidades de trabalho com os diferentes tipos de lápis. Notei que a participante não havia explorado as possibilidades de luz e sombra que o grafite nos dá, então no desenho dela fui acrescentando elementos para notar essas possibilidades, trabalhando gamas de cor entre o lugar mais escuro e mais claro da imagem que trouxe. Mais tarde, a participante passou a trabalhar mais essas nuances e o grupo ficou admirado com seus girassóis. Durante esse processo, ela notou que a imagem que serve de modelo não nos dá tantos aspectos sobre o motivo a desenhar como o modelo vivo, e que isso torna o desenho menos real, coisa que não queria. Salientei que isso tem a ver com qualidade do trabalho de arte.

Fui ver o trabalho dos seus colegas. O participante da cesta já estava fazendo sua nova cesta, com molde que havia encontrado e me explicou um pouco de sua técnica de cestaria. Como ele mesmo já disse outras vezes, ele teria interesse em passar esse conhecimento adiante. Perguntei a ela o que ele tinha como critérios de qualidade para sua produção. Ele logo disse que

A participante que iniciou a decoração de caixas já estava revestindo sua caixa com tecido, quando vimos que o tecido não cobria os dizeres da caixa. Inicialmente ela achou que deveria ficar assim para não perder o tecido que já havia colado, porém conversando sobre o resultado final dessa decisão, ela decidiu por retirar o tecido e a forrar a caixa com papel branco para então recolocar o tecido.

Eu abordei a participante que queria fazer pintura de pano de prato quando esta já havia escolhido e desenhado o motivo da pintura, que combinava muito bem com a cor do crochê que havia no pano, e agora iniciava a pintura. Logo no início da pintura, mas já tendo começado, identificamos juntas dois problemas: o pano não estava preso na mesa, e isso não dava exatidão ao traço do pincel e só haviam pinceis grossos, que não condiziam com esse tipo de trabalho. Assim a participante foi procurar mais seus pinceis pequenos que haviam desaparecido. Eu emprestei pinceis pequenos que havia trazido. Já a quarta participante saiu da oficina nesse período, alegando ter que resolver uma coisa. Ela retornou para a discussão do grupo. Mesmo não falando diretamente que isso é pensar qualidade de trabalho, trabalhamos com cada participante a pensar esses critérios de qualidade. Na produção, essas questões se apresentam naturalmente.

Foi interessante acompanhar diferentes processos de trabalho simultaneamente, assim o grupo pode observar de forma mais clara as suas semelhanças e diferenças que caracterizam seus trabalhos, se conhecendo melhor. Ao mesmo tempo, devo dizer que foi mais difícil do que havia esperado, pois é necessário equilibrar o tempo designado a dar atenção ao trabalho de todos.

Não tenho dúvida que se desde o começo da oficina eu tivesse sugerido um trabalho artesanal específico para produzirmos, que os participantes iriam fazer interessados. Entretanto, desde o início me ficou muito claro da necessidade de eu trabalhar a autonomia desses participantes, que já tem conhecimentos variados sobre artesanato, que resgatassem suas potencialidades para então desenvolver novos trabalhos. Assim, propus durante toda a oficina que eles se mobilizassem a trazer a experiência que tinham e que analisassem o que eles teriam interesse de desenvolver.

Pedi ao final da oficina que nos reuníssemos para conversar sobre o que entendiam por trabalho de qualidade. Para isso, grudei um papel cartaz na parede para escrevermos tópicos sobre essa questão. Orientei a conversa para que ficasse mais clara a relação entre qualidade e produção para a arte e artesanato e então necessidade do artesão/ artista ter seus projetos de arte/ artesanato. Foram salientadas algumas semelhanças e diferenças entre arte e artesanato e suas etapas de produção: criação artística, que é mais preponderante na arte, e parte operacional, mais preponderante no artesanato. Durante a conversa, os participantes falaram da dificuldade em dar preço para seus trabalhos. O grupo observou que a parte de exposição, divulgação do trabalho de artesanato para venda também de certa forma interfere na forma como o consumidor vai avaliar a qualidade do produto.

Observo que um grande obstáculo desses participantes para a profissionalização de seus trabalhos, é na questão da rotina de trabalho, de produção, sendo que esse é aspecto necessário para se obter qualidade no produto final.

Ao término da oficina, já passado de 11h30 min, avisei que semana que vem conversaríamos mais sobre qualidade e precificação do produto e que continuaríamos a produzir nossos trabalhos. Desse modo, observando que demoramos para preparar o material para dar início a nossas atividades, disse que semana que vem seria muito bom se cada um ao chegar já se organizasse para o trabalho. Pedi para que os participantes pensassem sobre se gostariam e como gostariam de se organizar como grupo de trabalho nas terças-feiras de manhã, após o término da oficina. Se seria um grupo livre de trabalho, ou se fariam um artesanato específico, ou com uma temática específica (por exemplo natal) etc.

#### Diário de campo 11/07/2017

Nono encontro: desenvolver trabalho específico de cada participante e refletir sobre aspectos envolvidos na precificação do trabalho artístico e artesanal.

Seis pessoas participaram. O grupo foi iniciado conversando em grupo sobre as perspectivas que eles tem para depois do término da oficina e sobre o trabalho que cada um está desenvolvendo. O grupo pretende permanecer como um grupo de trabalho de artesanato em geral ou ter algum oficinairo em arte que possa propor outra oficina. Participante do grupo propôs modificar seu objeto de trabalho na oficina para aprender a técnica de cestaria em papel.

Como encontros anteriores, nota-se que se despende bastante tempo para a organização do material, principalmente achar os materiais de trabalho. A questão da organização do material foi novamente tema de conversa do grupo para promover modificações. Foi conversado com cada participante sobre seu processo de trabalho, falando sobre as dificuldades enfrentadas, pontos positivos, alternativas. Foi possível conversar sobre pontos em comum e diferentes vividos no processo de trabalho dos participantes. Durante o processo de trabalho, há momentos de silêncio, mas em grande parte os participantes interagem com leveza, trocando experiências de trabalho, mas também com assuntos da vida.

Na segunda parte da oficina, o grupo se reuniu para conversar sobre a precificação do produto artístico e artesanal. Para iniciar a exploração do tema, foi falado sobre as relações entre o artista, obra produzida e o expectador (mundo). Foi

recapitulado do encontro anterior, elementos que influem na qualidade do trabalho artesanal. Nota-se que a qualidade é um elemento que, para ser conquistado, deve incluir os antecedentes (escolha de material, por exemplo), processo de produção e, posteriormente, a apresentação do produto final, incluindo não apenas o fazer, mas também a observação, contemplação do seu trabalho. Notou-se a necessidade de planejamento do trabalho e ritmo de produção para a qualidade do mesmo e que isso impacta no tempo gasto para a produção.

Após, foi perguntado ao grupo como cada faz o preço de venda de seu produto. A partir de um cartaz, foi feito um brainstorm de alguns aspectos a considerar na precificação: custos em relação à produção- material, espaço de trabalho, tempo, especificidade do trabalho (quão raro é) e ao expectador- variação de preço no mercado, perfil do consumidor (do público alvo). Foram observados pontos comuns e diferentes na forma como precificam seus trabalhos. Em geral, atenta-se para o custo com o material, tempo de produção, variação do preço no mercado, sem prestar atenção no público alvo e raridade do trabalho. Na discussão, surgiu a necessidade de pensar quem é o público alvo das feiras que a Associação participa. Também foi discutido sobre o impacto do preço do produto para a impressão sobre sua qualidade. Nota-se, a partir dos relatos, a dificuldade do grupo de guardar o valor de caixa para investimento para os próximos trabalhos. O encontro seguinte, último encontro, foi prorrogado para a semana seguinte, devido a um curso pontual que os participantes farão.

#### Diário de campo 11/07/2017

Décimo encontro: fechamento da oficina e coleta de dados.

A primeira parte da oficina foi destinada para a produção e conversa com cada um dos participantes sobre o processo de produção. O projeto inicial da oficina planejava que o último encontro teria alguma produção concluída. Entretanto, a maior parte dos participantes estava ainda no processo de produção, devido ao tempo despendido na experiência com os materiais e às várias mudanças de escolha de objeto de trabalho de alguns participantes. Pelo relato de alguns participantes e observação dos trabalhos, observa-se que estão se arriscando mais em suas produções, buscando novas soluções para dificuldades que enfrentam. Por exemplo, a participante que pinta flores fez um desenho original na tela, fez mistura de cores, criou uma forma de resolver um problema de composição na tela. O processo na oficina envolve o fazer e observar o que foi feito.

Chamou a atenção o comentário de uma participante no grupo, em que dizia que os seus pais achavam que ela havia virado criança, por ficar passando seu tempo pintando. Ela disse então em outra hora: “Só faltou eu responder para eles que eu sou uma eterna criança”. Também a partir de outros relatos, tenho a impressão que as pessoas na oficina tem o importante passo de se permitir dedicar o seu tempo no fazer artístico e artesanal, já que possuem muitas tarefas em sua rotina.

Foi realizado o grupo focal final e, após ele, o questionário foi aplicado. Observa-se que os participantes demoraram um pouco para iniciar o desenho requerido no questionário, mas quando iniciaram, fizeram rapidamente.

## Anexo 5: Transcrição dos encontros da oficina

Primeiro encontro

Karoline: Bom, tudo bem. Agora eu vou colocar aqui, certo? Mas eu peço que vocês estejam bem abertos pra falar o que vocês quiserem. Não se sintam reprimidos com esse gravador, tá certo? Tá bom? Eu vou colocar aqui... sendo que isso tem o objetivo de depois pensar o que que essa oficina pode ter sido boa pra vocês ou não... e, assim vai... bom, antes de mais nada eu falei um pouco de como a gente pensou em montar a oficina, do tipo de trabalho que a gente vai fazer... mas, eu queria saber de vocês... de cada um, que vocês discutissem um pouco... qual... como que vocês.... Dois pontos: como que vocês iniciaram o contato com arte de vocês e o que vocês já trabalharam com arte, que inclui artesanato e tudo que vocês entendem por arte.... E, o que que vocês esperam, ou desejariam que a oficina trabalhasse... com base nisso a gente também vai pensar essa oficina que é bem... ela não é rígida... ela é móvel... e tentar melhorar a oficina. Tá certo? Fiquem a vontade pra falar. A palavra é toda de vocês.

?: Você vai ter que dizer: começa por alguém.

[Risos coletivos]

Karoline: Por favor se apresentem, se puderem falar de que CAPS vocês vieram... só pra ter uma... Não, não precisa falar de que CAPS vocês vieram... mas, só se apresentem. Quem quer falar? Inicialmente...

Bernardo: deixa eu falar....

Karoline: quer que eu fale? Eu posso falar! Não, vai ser o Bernardo...

Bernardo: Bom, eu sou o Bernardo... eu sou do CAPS {...} ... aliás, não sou mais, né? Mas, ainda sou porque fica muito vínculos lá, né? Por causa da Associação... e eu represento a Associação. E, na realidade, é pelo fato que vocês também estão aqui, né? A Associação é feita... foi feita justamente pra isso, né? Cursos profissionalizantes, provavelmente que isso venha a virar renda também, né? Pra todos participantes... Então eu, na verdade, com relação ao curso por curiosidade, né? Eu sei fazer algumas coisas, né? Não muitas, mas... arte francesa, né? O que mais... umas coisinhas de artesanato que a gente sabe. Mas, eu na verdade estou curioso pra saber e acho que tudo que a gente aprender é importante, né? Talvez não venha a usar hoje, mas venha a usar outro dia. Ainda mais o que a gente faz aqui que é muito importante pra essas pessoas. Mais ou menos isso.

Marcelo: Tá.... Meu nome é Marcelo, sou usuário do CAPS {...}. E, meu trabalho em si é artesanal. Trabalho na construção civil, então é manual. É coisa manual, né? Eu trabalho com artesanato de arame, faço coisas... dou forma em arames. O que me chamou a atenção desse encontro é que você falou... como é seu nome?

Karoline: Oficineira!

Marcelo: Oficineira falou que... como apresentar o trabalho, como... tipo, dar um valor a mais ao trabalho. Não só na aparência, mas apresentar pra vender... e, valorizar em si o trabalho, né? Manual, né? Aperfeiçoar, como melhorar... isso me chamou a atenção e por isso eu estou aqui.

Vera: O meu é Vera, né? Desculpe, tive um imprevisto lá, que foi imprevisto... foi mesmo imprevisto assim... desculpe mesmo... eu também sou do CAPS {...}. Há dois, três anos atrás eu comecei a fazer tratamento lá. E tinha uma sala de arteterapia, né? E foi onde eu cresci muito ali dentro. Eu fiquei dois anos, aprendi muita coisa de artesanato... então, me desenvolveu. E ali eu vi que eu encontrava tempo pra ficar em sobriedade e me ocupava, né? Então, pra mim realmente foi uma descoberta... saber que você tem talentos que você nem sabe que tem. E depois, né? Terminou lá e agora voltamos também.... Porque... aí o CAPS também modificou lá um tempo.... Aí saiu

todo aquele pessoal que fazia tanta coisa interessante lá, né? Por reformas políticas, né? Eu... a UPA e me desencantou também aí um pouco, o CAPS.... porque era parte do tratamento médico, né? Que você tem... psicológico, pedagógico, tudo, né? Com a arteterapia também que era uma maneira de você desenvolver e me desgostava pelo que eu tinha ano passado. Agora quando eu voltei eu falei “gente, só coisa boa de novo!”. Paisagismo, jardinagem, acho que aqui dá uma capacidade pra gente... porque a gente fica muito ansioso, as vezes. Então, eu acho que a arte é muito importante. Então, a minha busca é essa, né? E, claro, né? Estou vendo aqui... que nem você falou: como fica o final de tudo, né? Como você pode chegar numa venda? É isso que eu preciso.

Karoline: tá certo.

Amanda eu me chamo Amanda. Eu estava no CAPS do {...} e eu antes estive internada ali perto, a gente fazia oficinas no internamento, mas no caso do CAPS eles não tem, né? Artes.... eles falaram pra eu vir aqui. E, eu já trabalhei antes com isso também... de artes.... voluntário. Isso faz muitos anos. E, algumas coisas eu esqueci as técnicas. A gente fazia bonequinho de pano. Um monte... tudo. E, eu quero recuperar, fazer algumas coisas que eu estava vendo.... Trabalhos bem bonitos aqui. Aprender alguma coisa também e ter uma atividade. Tô muito ociosa.... Fazer isso... acho que é legal pra mim. Fazendo bastante coisa e tem bastante coisa até para ensinar pra gente, né? Coisas diferentes. Contribuir também, né?

Luiza: Meu nome é Luiza e eu sou do CAPS {...}. E, eu gosto muito de artesanato, eu faço vários tipos e quero aprender mais, né? Eu quero aprender pintura, quero aprender outros tipos de ponto de crochê. Quero aprender outras coisas... poder ensinar também o que eu sei.... Participar muito do grupo, né? Participar muito dessa Associação, que eu gostei muito desde o dia que eu conheci, sabe? Todo tempo disponível... quero vir pra cá pra poder contribuir com a Associação, poder fazer trabalhos pra vendas coletivas.... Fazer assim.... poder participar de verdade.

Elizabete: meu nome é Elizabete. Eu sou do CAPS {...}, né? E, assim.... eu tive contato com o artesanato num período da minha vida, mas foi mais de observar mais porque nesse período eu trabalhava numa comunidade e lá tinha as aulas de artesanato, mas eu observava... e fazer mesmo era pouca coisa, era aquela decoupage de tecidos, né? Mas eu sempre gostei, assim.... nunca pensei em fazer o artesanato pra.... Não tenho esse interesse de fazer pro comércio ou...porque é assim.... eu acho que é interessante. Eu gosto. Acho bonito e aí eu resolvi vir conhecer também. Mas, eu gosto de vários tipos de arte. Música, teatro também eu me interesse bastante.

Karoline: Sim...,

Elizabete: Mas, eu gosto muito dos artesanatos, das feiras de artesanato.... Visito as feiras quando eu posso, né? Então, é isso. Eu resolvi vir pra conhecer mesmo pra ter.... eu tenho uma ideia do que é, né? Mas, para melhorar, né? É isso...

Karoline: É.... eu acho que com certeza eu tenho que me apresentar também, né? Meu nome é Oficineira. Sou... bom... meu início com contato com arte foi em casa, como uma forma bem de expressão. Eu acho. Sabe quando o típico adolescente precisa ficar em casa e é uma forma de extravasar as emoções?

?: Sim.

Karoline: Bem.... Muitas vezes acontece com pessoas que gostam de arte bem na adolescência... então, eu desenhava... gostava bastante de desenhar. Daí, passei a pintar com guache mesmo. Daí, me formei em psicologia e formei em pintura na escola de Música e Lucianas Artes do Paraná. Que é parte duma graduação que faz parte duma universidade pública. Ou seja, existem cursos públicos...ou seja, existem cursos públicos pro campo das artes, daí.... vários lugares da cidade a gente pode aprender sobre arte e estudar. Então, eu estou vendo assim, pelas diferenças... diferentes relações



com a arte e tipo de material de trabalho que eu também vou aprender. Certamente temos coisas aqui pra trabalhar juntos e produzir juntos.

?: Sim.

?: Legal.

Karoline: gostaria de falar? Ou prefere....

Fabiane: Meu nome é Fabiane, eu já fiz o CAPS {...}. Lá a gente aprendia jardinagem, como cuidar das plantas... aí, lá eu aprendi a fazer aquelas caixinhas. Aquelas caixinhas, aí pintar... foi a única coisa que eu aprendi. E, eu penso assim: eu quero aprender mais sobre.... Fazer outras coisas, né... que era só caixinha e jardinagem... não tinha muita coisa lá. Aí, fui pro CAPS ali do {...}... e ali não tem. A gente fica o dia inteiro lá, mas não tem artes, essas coisas.... E eu preciso pra desempenhar um pouco e aprender.

Karoline: e, o que que você gostaria de aprender? Você falou que aprendeu sobre caixinha, mas e aquilo que você gostaria de aprender?

Fabiane: pintura de pano de prato....

Karoline: pintura de pano de prato....

Fabiane: também tenho interesse em crochê.... E jardinagem

Karoline: e jardinagem... que tem sexta-feira!

Bernardo: sexta-feira! E é show de bola o de jardinagem, sabe?

Vera: bem legal.

Karoline: venham!

Fabiane: Lá no CAPS do {...} eu aprendi isso daí, como cortar, como podar...

Karoline: se quiser aprimorar e vir sexta-feira....

Bernardo: É.... Você vai aprender muitas coisas, sabe... aqui....

Karoline: aperfeiçoar...

Bernardo: Aperfeiçoar... Jardim vertical, horta orgânica...

Luiza: paisagismo, né? Fertilizante...

Bernardo: Fertilizante, pra você fabricar o teu fertilizante, sabe? ... o pessoal tá fazendo aí, né? Todo dia coloca aí um punhadinho de cinza...

[Risos]

Fabiane: Vem todo dia, o importante o importante é vir...

[Inaudível 11min48]

Vera: sair a hortinha....

Karoline: ah, vocês fizeram terapia no CAPS com a argila também?

Fabiane: No {...}...

Karoline: Ah, no Hospital {...}.

[Inaudível 11min57]

Fabiane: a gente aprendeu pegar, fazer formas...

Karoline: Isso foi prazeroso? Foi interessante?

?: artesanato...

Karoline: Tá certo...

Bernardo: eu quero aproveitar pra falar, né? Que a Associação... que a Associação ela... é pra isso, sabe? Ela foi fundada.... O objetivo da Associação é justamente esse, né? Fazer com que as pessoas dos CAPS, né? Que são 90% da Associação é destinada as pessoas que são atendidas pelo CAPS, né? Que é a rede de apoio psicossocial. Então, a Associação vai ter muitos cursos, né? Como já está tendo de jardinagem, hoje tá iniciando o curso, né? De artes plásticas. Nós temos aí um curso de fotografia que se inicia dia 24 agora... bom pra caramba também, com o {...}. Todas as quartas-feiras na parte da manhã. Então, vamos se resgatamos também o curso de reaproveitamento de pneu com o {...}. E, vamos ter muitos cursos também, né!? Conforme a gente vai tendo

os cursos a gente vai avisando os CAPS.... fazer... ver se preenchamos aí a semana toda com cursos e essas coisas.

Karoline: encher de vida, né? A Associação.

Bernardo: {...}. Muita vida e reinserção também, eu espero.

Karoline: Isso.

Fabiane: Assim, eu assisto muito essas coisas de arte no YouTube.

Karoline: ah, viu? Mais coisas! Conte mais.

Fabiane: tipo assim.... com o que eu vi.... Montar móveis com aquelas madeirinhas, sabe? Com caixa....

Karoline: como fazer, aproveitar o material! Ou aquelas caixas...

Fabiane: Pallets.

Karoline: Pallets

Fabiane: Aí, eu tô sempre assistindo no Youtube... mais... até desses pneus, eu já vi o que eles fazem....

Vera: muito legal!

Fabiane: então, eu assisto muito isso daí....

Karoline: assiste muito? Então tá com o interesse aí também.

[Inaudível 13min53]

Vera: então tem que pôr em prática....

Karoline: pôr em prática!

Fabiane: Porque daí eles explicam como monta... então, a gente presta bem atenção pra depois.... O meu marido aprendeu uma coisa, né? O meu marido assistiu como fazer copo em garrafa de....

Karoline: aprendeu o que?

Fabiane: tipo aqueles copos de vidro, sabe? Que você corta a garrafa...

Karoline: Ahhhhh!!!! Sim

Fabiane: Ele esses dias cortou uma garrafa, né? Ela viu... ele mesmo ali cortou.

Karoline: pode fazer coisas bem bonitas com aquelas, né?

Fabiane: Isso... meu marido vai assistindo e ele quer praticar.

Karoline: A família toda é envolvida? Se for ver, a gente começa a falar.... Arte e artesanato, pequenas coisas que... vão surgindo, né? Vão surgindo... Tem muita coisa....

Fabiane: E... eu estava essa semana que eu estava fazendo assim.... e ele assiste muito também essas coisas de aprender.

Karoline: Aham.... Tá certo! Então, vocês me falaram assim.... das expectativas em relação ao curso. Uma parte de como você apresentar seu trabalho, pensar, né? Como apresentar melhor meu trabalho pra que talvez eu consiga vender ele melhor e assim vai isso... e, ao mesmo tempo você tem interesse na oficina como atividade pra trabalhar o tempo ocioso.

Elizabete: A arte ela estimula também a criatividade, né? E é terapêutico, né? Então...

Karoline: você acha isso?

Luiza: traz paz, né? Traz alegria...

Vera: Nossa... é o que eu digo, assim.... o tempo que você fica fazendo alguma coisa....

Você... tua cabeça também está ali....

Fabiane: concentrada

Vera: concentrada. Parando, pensando, sabe? É uma limpeza.

Marcelo: É um tratamento.

?: é...

Marcelo: tem a ver com o tratamento.

Elizabete: o motivo meu, na realidade... é esse. É por ser terapêutico.

Karoline: em que medida que a arte é fundamental pro tratamento de vocês? É importante pro tratamento de vocês...

Vera: eu acho que concentração também... é o direcionamento. É você se focar muito dentro de você, né? Porque a arte, quando você tá fazendo alguma coisa de arte você para pra se ver também, né? Eu acho que então nesse sentido.

Elizabete: sim, porque geralmente o dependente químico é muito distraído. Então, toda vez...

?: Aham...

Fabiane: Geralmente a gente tem dificuldade em iniciar e completar. Então, a arte consegue ajudar a gente nesse sentido... de iniciar um trabalho e completar esse trabalho até o final e de ter atenção sobre isso... nos detalhes, ser mais detalhista, né?

Vera: é porque ela nos dá prazer, né? Ela dá prazer... então você vai continuando

Marcelo: começo, meio e fim...

Elizabete: e também de ter [inaudível 16min35]

Vera: Eu acho também que precisa ter uma técnica...

Elizabete: Precisa ter técnica.... mas acima de tudo você precisa sentir o prazer de fazer aquilo.

Vera: o prazer, o prazer de fazer aquilo.

Luiza: fazer porque gosta, né? E assim o trabalho fica cada vez melhor....

Elizabete: É interessante.... Isso!

Karoline: Tá certo.... Que interessante isso que vocês falaram! Então, de certa forma... Pode falar

Fabiane: uma coisa que eu comecei um curso que era na igreja mesmo onde eu ia...

Karoline: Aham..

[Inaudível 17min03]

Fabiane: que a gente começou, a gente fazia as florzinha, ponhava naqueles paninhos.... Igual aquilo que você estava falando....

Karoline: Sim...

Fabiane: aí eu não fiquei muito tempo...

Fabiane: Sim... daí na igreja eu fazia vários cursos também que eles davam de graça, né?

Karoline: na igreja também? Não só no CAPS? Ah, você viu... vai pipocando daí, né... no início a gente fala que só faz o tratamento... o tratamento....

?: pipoca...

Karoline: e daí pipoca... em casa, vendo vídeo...

Fabiane: Aí, no CRAS o que eles mandaram a gente fazer é aquele chinelo decorado....

Elizabete: Ah, os chinelos decorados.... A minha filha faz chinelos....

Fabiane: Tinha uns cursos que mandavam a gente fazer...

Karoline: Aham...

Elizabete: e dos vidros, você conhece? Colagem de tecido nos vidros e depois...

Fabiane: Eu já vi...

Vera: A primeira parte do tratamento que a gente teve no CAPS com a professora lá era esse mesmo, no vidro.... Retalho. A gente tinha que fazer um patchwork no vidro.

Elizabete: Isso. Você pode recortar rosas...

Vera: também.... a nossa paciência também... tudo você tem que ter: paciência.

Elizabete: você precisa ter calma!

[Vozes atravessadas] [risos]

Elizabete: Sim... aí trabalha também o psicológico inteiro, acalma... manter a paciência, detalhes, de ser organizado...

Karoline: tá certo. Amanda, gostaria de falar alguma coisa? Não?

Amanda não.

Karoline: Tudo bem? Qualquer coisa... pode, se quiser, tomar uma água... quiser falar também....

Elizabete: Decoupage é um trabalho bem bonito, né?

Vera: bem legal.

Elizabete: tem também... eu aprendi uma vez que era tipo um porta trecos. Com o porte de sorvete, você faz colagem de tecidos também...

Karoline: é um monte de técnica, né?

Bernardo: tem uma coisa que eu também fiz.... Fizemos....

Vera: não, eu vi hoje assim.... porque a gente veio sexta-feira e não tinha tudo isso...

?: não tinha! E eu lembro disso, eu abri a biblioteca...

Vera: já tá bem legal de sexta pra hoje já... então, todos os trabalhos que estão aqui... isso é curiosidade minha...

Bernardo: ah, tá bom....

Vera: é você quem vai dar?

Bernardo: isso aqui eu quem fiz.

Vera: ou é que nem....

[Falas atravessadas/inaudível 19min22]

Vera: É o Associação que faz.... decopagem, né?

Bernardo: esse é decopagem...

Vera: Por isso que a gente também tá trazendo os tecidos....

Luiza: Claro.... Retalho...

Vera: podia trazer um, né? Como é que a gente chama? Um... ummm

[Falas atravessadas/inaudível 19min35]

Bernardo: isso aqui é uma coisa que a gente pretende ensinar também, futuramente, que é arte francesa...

?: Ah, isso é lindo...

Vera: Bem legal!

?: Olha, que maravilha....

?: Imagina... Muito bonito

?: Isso é divino.

?: Isso é muito bonito.

Vera: e aqui dentro é tudo tecido, também?

Bernardo: não, isso é papel.

?: Pra colar?

Bernardo: é.... isso aí....

Vera: essa eu não sei.... Isso aqui eu não sei... é craque?

?: É...

?: Craco... cracolá

Bernardo: Isso... Isso é craquele

Vera: esse é craquele

?: Agora isso aqui...

?: Aqui dentro... solta...

?: esse em volta... esses ovos

Vera: solta...

?: Craquele...

?: nossa, é lindo isso.

Bernardo: é....

?: Dá pra fazer esse trabalho nas caixinhas

Vera: nas caixinhas...

?: e é muito simples, né?

Vera: é...

Karoline: mas, quando a gente começa a conversar.

[Vozes atravessadas]

Karoline: Então, tem muita, muita... artesanato é um....

Vera: um mundo...

Karoline: mundo....

Vera: e o que ele falou, assim que.... Sobre o respeito mesmo, né? e do conceito, né?

Ah, é porque de repente o cara é famoso e vale mais do que um que veio aqui e fez um tratamento e faz a mesma coisa... só que ele passou por um tratamento e não sei o que....

Que ele é mais desconhecido e vale menos o trabalho dele, né? Então, tem esse conceito aí, né? “Ah... não vale tanto nosso trabalho”. Mas tá valendo do mesmo jeito quando ele

chega, né? Que é esse conceito de valorização... que falta pra gente.... Daí, são de pessoas conceituadas e quem é conceituado e só porque é usuário não tem o mesmo respeito, né? Eu acho que é onde as associações e os CAPS tem que dar uma melhorada nesse....

Karoline: muito interessante o que você....

Elizabeth: Abrir espaço, né?

Vera: é... porque a gente é discriminado.... “Não tem o que fazer na vida, vai fazer artesanato” não é assim... “Não, aí o cara não” .... O cara sei lá... mora numa casa super top, né? Aprender a fazer coisas, aprender a fazer artesanato.... E aí, fica top....

Elizabeth: sim....

Vera: é verdade...

Elizabeth: infelizmente acontece dessa forma assim

Vera: é bem isso.... E daí a gente não... não... foi na PUC que estava falando... a nossa amiga estava falando assim.... “as pessoas não valorizam o artesanato acha que ele.... É tudo coisinha que tem que ser R\$1,00 ou R\$2,00”, não vê o artista atrás do trabalho, né? O que se passou, né?”

Elizabeth: sim...

Vera: mas, graças a Deus... é que nem você falou agora, né? Que tá sendo inserido no tratamento.... a arte

Karoline: é... eu perguntei pra vocês....

Vera: Por exemplo....

Karoline: que tudo isso é muito interessante, porque eu tinha perguntado e vocês falaram que o tratamento e a arte se relacionam, né? E eu perguntei: “Em que medida que a arte e o tratamento...” .... Mas, me contem estamos num.... temos um novo participante no grupo? Como que eu o senhor se chama?

Pessoa externa: Não, eu sou só da Associação.

Karoline: só da Associação? E quer participar da oficina? Como que....

Pessoa externa: não... eu tô só observando...

Karoline: só observando? Tá certo!

Pessoa externa: meu nome é [...], sou da Associação. Isso que você falou agora sobre agora há os conceitos.... Não sei se é parecido, mas nós como Associação, no caso.... A gente procura, sabe? Trazer as pessoas pro CAPS e coisa e tal.... Mas, pra pessoa se inteirar mais. Se interagir mais com os grupos, né? E esquecer esse rótulo, né? Isso é um rótulo que fica.... Esquecer esse rótulo.... Você estando aqui com nós você pode participar da [inaudível 23min12] Você esquece desse rótulo que a sua pessoa tem, inclusive quando a gente tá na feira nem pensa que tá vinculado, nós somos feirantes

Vera: igual

Pessoa externa: igual qualquer um outro lá...

Vera: Sim...

Pessoa externa: então, a gente procura não falar lá e tal... não falamos do CAPS, falamos do nosso trabalho.

Vera: exatamente. Falamos já do nosso trabalho para não começar a ser discriminado.

Pessoa externa: exatamente....

Karoline: Bom, acho que podemos, então, conversar um pouco sobre como vocês esperam da oficina, que não é padrão... tem diferentes elementos.... E como foi o contato de vocês com a arte, como tá o contato. Eu tinha planejado, planejei! Pra esse dia a gente trabalhar um pouco com desenho. Desenho artístico. Por que desenho? Porque é uma ferramenta.... Desenho artístico e observação estética. O que é isso? Pensei em trabalhar com esses elementos porque são elementos básicos e fáceis de manusear, de certa forma.... pra gente... e fundamentais pra gente aprimorar nosso trabalho artístico. O desenho... quero saber quem desenha de vocês. Quem? Você? Ahhhhhh! Sabe que você faz um papel.... um trabalho quase de escultor porque é um trabalho dimensional na confecção dos colares, né? Você trabalha com tridimensional. Então, você desenha? O que que você desenha?

?: Essa.... Se você olhar aquele quadro ali eu desenho ele aqui desse tamanho, desse tamanho, desse tamanho [inaudível 24min49]

Karoline: desenha? Mas, você desenha ou pinta?

?: Pinto eles... olhando eles... aquele quadro ali tá fácil é só traçar da pintura ali...

Vera: é só ampliar... quer dizer, não é só ampliar.... Deve ter toda uma...

?: olhando isso aqui... é fácil...

Karoline: fácil?

?: fácil de... não, não é fácil.... é acesso... aqui... os alimentos aqui... tirando ali o que tá meio complicado... como que é o nome da raiz ali?

?: gengibre...

?: Gengibre ali que... o resto é só traço. Pra mim é fácil fazer isso aí.

Karoline: Sim! E você costuma desenhar? Você trabalha com lápis? Com carvão?

?: Não... quando eu voltei pra escola no começo do tratamento... que eu voltei a fazer ensino médio, né? Que foi a maneira de preencher os horários vagos de noite, pra não ir no bar... pegava lápis todo dia... aí, nos intervalos da aula...

Karoline: Ahhhhh!

?: mas eu sempre fiz isso... sempre fiz isso... sempre desenhei

Karoline: sempre fazendo outra coisa, atividade?

?: agora o desenho que eu faço é desenho de obra... mas é claro... tem que fazer uma casa, tem que desenhar... saber o que vou comprar de material, tem que medir....

Karoline: medir... então: alguém mais desenha de vocês? Gostam de desenhar?

Vera: não tem técnica na verdade....

[Vozes atravessadas/Inaudível 26min16]

Karoline: porque ainda que a gente não... vamos começar a falar do desenho. O desenho é muito democrático. Ele é universal. Primeiro que pra entrar na escola todo mundo começa desenhando... com a alfabetização, ela se inicia antes mesmo pelo desenho.

?: Isso.

Karoline: Certo? Só mais tarde que daí a gente desfal.... A gente passa a pensar que não sabe desenhar. A criança pega no lápis e já [sons de lápis correndo em alguma superfície...]

?: Desenha...

Karoline: é... a gente pode já tirar uma diferença entre o desenho técnico que você falou... olha... que você tem uma obra e olha você vai fazer uma construção você tem que falar: onde tá escada.

?: é!

Karoline: então, você organiza o ambiente...então, isso...

?: até mesmo pra saber o que comprar, né?

Karoline: Isso... tem o desenho técnico e o desenho artístico. A gente pode pensar algumas diferenças... desenho técnico é um desenho que tem o objetivo de ser bem claro. Tem regras pro desenho.... Desenho... é....

Vera: técnico...

Karoline: técnico... que você em qualquer lugar do mundo, de certa forma. Vai entender o que aquele desenho mostra... que ali tem uma escada, que ali tem uma janela, tem uma porta... e qual a dimensão daquele espaço....

?: sim...

Karoline: não é mesmo? Então, a gente usa desenho técnico na arquitetura, na engenharia... que outros lugares? Tem os mais variados....

?: Ah, isso que eu ia falar... tem vários...

?: Ah, mas tem de tudo... Até jardinagem, né? Você viu a planta...

Karoline: que desenho técnico vocês estão fazendo na jardinagem?

?: a gente só viu as plantas, né? Realmente... mas, dá projeto de jardim...

Karoline: exato!

?: Você tem que ter uma certa técnica... não é só técnica...

?: conhecimento, vamos dizer, né?

Karoline: então, o desenho... ele serve pra planejar ambientes. Ele tá em tudo, na verdade, né? E, diferenciando desenho técnico do artístico. O desenho artístico seria o que exatamente? Seria o que? O que que vocês?

?:/Simultaneamente: acho que livre... livre

?: acho que o artístico é livre pra fazer o desenho...

Karoline: ele comunica coisas, mas eu não consigo... o comprometimento dele, a obrigação dele é mostrar tal qual... pra todo mundo entender... tal coisa. Então, o desenho artístico: uma pessoa tem uma compreensão, pode tirar uma coisa...

?: não precisa ter um significado específico, né?

Karoline: é claro! Pra todos... exatamente....

?: Legal....

Karoline: pela clareza... e, o desenho a gente pode entender ele como? Simplesmente... o desenho, geralmente, vai ser feito no plano bidimensional. Ou seja, a gente vai trabalhar com um plano e a partir do plano fazer um ponto e unir um ponto com ponto, traço com traço... a partir do bidimensional do plano que a gente vai criar o desenho. Diferente da escultura, né? Trabalhando com o tridimensional. Três lados, tem pintura, profundidade, largura, certo? Tem uma maçã, maçã é tridimensional. Pegando ela... ela tem muitas... ela não é só uma bola...ela não é uma bola perfeita, não é mesmo? Ela afunda feito um bico... aqui tem um.... Dois bicos. Tem o cabinho ainda por cima. Tem uma série de detalhes. Mas, daí, na hora de fazer o desenho... o tridimensional vai ter que ser traduzido em um plano só. A Amanda, que estuda educação artística sabe muito bem isso. Pode, por favor, fale. Fique à vontade. Vai passar esse tridimensional que eu estou vendo para um bidimensional. Um plano com linhas. Que eu vou trabalhar com linhas, na forma que eu consiga traduzir a forma tri eu crio um plano. Simplesmente. Um liso. É isso que o desenho faz. E, bom... vamos recapitular aqui um pouco da história do desenho.... Outra característica do desenho é que ele, atualmente, dos diferentes tipos de arte... ele pode ser barato. Além de ser democrático, e estar nos diferentes... ele é relativamente barato... eu posso simplesmente trabalhar com lápis, com papel. Certo? Então das.... Se você for ver, tintas... pincel, tela... então, se for medir

o orçamento de cada um o desenho ele pode... desenvolvendo técnica... se você gosta daquilo, ele pode ser um trabalho barato que pode ser nota 10. Certo?

?: só deixa eu falar uma coisa sobre o desenho?

Karoline: Pode.

?: eu falei que eu desenho, mas eu não crio desenho... eu sou bom pra copiar desenho... por isso que eu falei....

Karoline: Ah....

?: por isso que eu falei... eu não sei criar um desenho... criar um desenho... mas eu posso copiar eles assim....

[Vozes atravessadas]

Karoline: mas.... Copiar... isso é desenho também

?: é desenho também....

Karoline: o desenho pode ser tanto... veja... o desenho pode ser.... bom... vou pular... veja... o desenho pode ser tanto um desenho de representação. Eu vejo algo do mundo exterior, então... eu to vendo aquela fruta, vou representar no papel – que é esse aí que você falou que tem habilidade, né? De representar o que já existe, ou... eu posso fazer um desenho a partir da minha imaginação, né? “Eu imagino vários elementos da natureza e componho uma paisagem que eu não to vendo” temos isso em... que pode ser um desenho abstrato, né? Que não tem a intenção de representar... nem de imaginar alguma forma específica. Imaginar algo existente na natureza. Então, um desenho abstrato... tanto que tem diferentes formas de desenho. Desenho não é só representação!

?: eu gosto do abstrato. Eu me identifico nele e não existe essa compreensão... mas pra quem deve estar fazendo tem!

?: é o que a gente vê, né?

?: é o que vê!

?: cada um tem uma interpretação, por exemplo, né? Torce o arame pra lá e pra cá e você vê o que você quer lá... é um desenho abstrato. Não é isso?

Karoline: ao mesmo tempo, existem várias regras. Veja, na arte a gente pode ver o seguinte... na arte não existe uma regra, mas toda sua ação na arte, no artesanato tem que ser bem pensada. Justificada. “Por que que o arame tá torcido para um lado e não pro outro?” o que que é mais interessante? Torcido para um lado ou para o outro na composição geral do trabalho que você fez? E assim por diante. Então, ao mesmo tempo que cada um pode pensar o que quer existe todo um....

?: conceito, né?

Karoline: é! Isso! Você pode... o trabalho abstrato bom tem que... não foi feito de qualquer jeito. Tem muito trabalho por detrás atrás de um trabalho abstrato bom. E a gente vai conversar sobre isso depois.

?: fui no Museu do Olho, numa galeria que tem lá... tipo uma trincheira lá... tinha um ferrão lá... um torcido, parecia que tinha uma girafa.... Ele... do jeito que eu entendi aquilo... no meu entendimento daquilo foi para manter ele equilibrado. Foi pra manter ele equilibrado, né?

Karoline: porque se tivesse alguma coisa ele puff....

?: era uma sustentação, né? Enorme, né? Do tamanho disso aqui... e torcido assim! É aço! Parecia um... nada a ver.... na minha cabeça parecia uma girafa, né? É um abstrato ali que.... O fundamento.... Eu imagino que o fundamento... a torcida dele foi pra equilibrar.

Karoline: e é o abstrato na escultura!

?: é...

Karoline: mas eu acho que o que você tá falando é numa escultura que se comportava quase como desenho porque era uma linha, isso?



?: eram curvas....

Karoline: eram curvas, sim... Isso sim, mas a linha ela pode ser curva.

?: é...

?: tem aquele museu.... Eu não sei exatamente o nome

?: do Olho?

?: Não... que é da Caixa aquele museu...

Karoline: Caixa Cultural?

?: Isso! Caixa Cultural.... Nossa, lá é muito legal também. Tem umas coisas bem interessantes que não sei explicar.... Mas, tem abstrato... tem todas essas coisas aí...

Karoline: a Caixa Cultural tem exposições que mudam a cada tempo....

?: Isso...

Karoline: faz tempo que vocês não vão a um... quem de vocês foi nos últimos dois meses, três meses pra algum ateliê... ou algum... ou na fundação cultural? Dar uma vista....

?: já faz algum tempo que eu fui... uns quatro meses....

Karoline: na Caixa.... É? Podemos pensar nisso....

?: fazer passeio...

Karoline: quem sabe um passeio? Pra gente discu....

?: O CAPS faz algo do gênero de... na última vez que eu me lembro no CAPS foi no Museu do Olho.... Muito legal! Muito bom mesmo! Deixaram aberto assim....porque tem todo um... aquele museu tem toda uma ordem ali, né?

Karoline: aham...

?: política mesmo... de tudo ali, né? Então, a gente foi super bem tratado mesmo.

Bernardo: esses dias eu fui no...

[Barulho de algo caindo no chão/inaudível 32min20]

?: Ai que medo!

Bernardo: vai tocar....

Karoline: desculpa! E agora? Eu não quero...

Bernardo: pode deixar.... Não tem problema não.

Karoline: desculpa! Pode falar, seu Bernardo.

Bernardo: não... eu fui...

?: Nossa, é melhor deixa...

Bernardo: é! Tire isso daí porque se... é

[Falas atravessadas, barulhos de arrumação]

Karoline: quem que pode? Não era pra..

?: O trabalho aqui parece mosaico

Karoline: é....

Bernardo: vamos desenhar o chão, né?

?: Lindo, né?

Bernardo: Fica um mosaico... A Beia.... Já ouviram falar da Beia?

?: Hum, que lindo!

Bernardo: não sei se vocês sabem, mas Curitiba é capital do mosaico.... E a Beia ela é uma artista internacional de mosaico. Ela faz umas coisas assim.... ela e o pessoal dela... tem aquele acho... armazém do Mosaico.... Perto do campo do Coxa ali... e ela faz uns trabalhos assim, professora.... Impressionante aquilo, sabe? Tem um valor assim.... difícil calcular quanto vale. Mas, trabalhos assim.... porque o mosaico é uma arte. Põe arte nisso, né?

?: Nossa, é maravilhoso.

Bernardo: Mas tem coisas assim maravilhosas, sabe? Eu falei assim “puxa! Mas que capacidade das pessoas de fazer um trabalho desse. O mosaico é algo que nós pretendemos fazer aqui, né?”

?: Então, deixa eu aproveitar o embalo...

Bernardo: Vamos aproveitar aí o embalo de muitas coisas...

?: porque faz tempo que eu procuro curso de mosaico, mas ele é caro...

Bernardo: sim...

?: ele é caríssimo... e, eu fui fazer a minha carteirinha do armazém e aquilo... a cidadania, lá... tem curso de mosaico, toda sexta-feira. Vou dar a continuidade: de manhã jardinagem e de tarde é mosaico! Por R\$55,00 olha a diferença. Então é uma coisa que você também...hoje podia ter dentro dos [inaudível 37min12]. Não sei se vai... logico que não é nem um curso tão rápido de...

Karoline: olha... esse já é um contato pra gente divulgar, talvez colocar num muralzinho... porque certamente alguém outro que tem interesse em fazer mosaico, mas que os cursos são caros

[Falas atravessadas]

?: isso! Bem isso... são caros!

Bernardo: porque na continuação desse curso nós temos pessoas que podem nos ensinar mosaico!

?: até pode trazer, entendeu?

Bernardo: nós temos o Rogério.... Ele faz parte do [nome de organização/inaudível 37min39]. Nós temos o [...], sabe? Que faz mosaico... É assim.... não é algo que eles fazem “nossa, uma obra!”. Mas tudo que eles fazem é bacana pra pessoa aprender. Aprender barato, sabe? Então isso até futuramente a gente pode complementar no curso...

?: lá em Matinhos nós fazíamos mosaico com.... lá na Federal de lá... tem um casarão em Morretes que a gente ia uma vez por semana fazer artesanato e.... o mosaico não era com azulejo. É com garrafa, com plástico. De shampoo, de qboa, de tudo que é cor.

Karoline: picotado?

?: picotado bem... bem pequenininho. Você não diz que é de plástico, não diz. Fica maravilhoso.

Karoline: eu já vi trabalhos de mosaicos... porque tem mosaicos de diferentes formas... feitos com papel de seda, diferentes cores.... Que também acaba... também pode ser, né? Porque.... Mas, mosaico, mosaico mesmo... ele pode, justamente ser utilizado no artesanato pros objetos funcionais, né? Pra bandeja! Que você faz não só o quadro, mas como na bandeja, no banco...

?: então, eu fiz um banco que nossa... ficou muito lindo.

Bernardo: uma mesa bonita! Uma cadeira....

?: eu trouxe para colocar no moral ali, daí todo mês dá pra trazer. Porque sai por mês, né?

Karoline: ahhhh!!!! Eu vou deixar aqui, depois...

Bernardo: o mosaico nasceu 500 A. C.

?: que bom.... Porque eu to bem interessada.

Bernardo: 500 A. C. Já fazia... você pode ver que...

?: veja, todos os..

Bernardo: é que naquela época os romanos, na época de Cristo já tinha muito mosaico, naquela sala.... Então, a novidade surgiu há 550 A.C.

Karoline: Sim... Bom, gente e o desenho?

?: e o desenho?

Karoline: quando que o desenho se tornou conhecido? Se tornou tão importante? Que a gente pode dizer?

Bernardo: o desenho é pré-histórico, né?

Karoline: sim! A gente pode falar da arte rupestre... dizer pinturas rupestres, né? Desenhos rupestres, né? Atualmente o desenho tá onde? Quem que faz desenho? Tatuagem é desenho. Pode ser desenho. Pode ser pintura ou desenho.

?: tudo é desenho

?: confeitaria tem desenho, né?

Karoline: tem! Tudo que trabalha em linha. Tudo que trabalha com linha... colorida ou não, né? Ponto, outro ponto, uma linha... qualquer um... tudo que trabalha com linha, sendo colorida ou não que trabalha no bidimensional e a partir disso faz traços se enquadra como desenho. Daí a gente tem a diferença entre desenho técnico e desenho artístico e o desenho artístico, então... tem na tatuagem... tem cartoon! Quem faz charge, história de quadrinho é desenho também

Bernardo: muito bacana também. Olha, eu acho muito bacana aquele que faz.... como é que é? Caricatura?

?: Sim...

?: Também...

?: olha pra você ver....

Bernardo: tem um camarada meu que faz....

?: olha pra você ver....

Bernardo: eu dava risada daquilo... porque era muito impressionante

?: Sim...

Karoline: Sim... porque ele pega rapidamente

Bernardo: isso é charge, né? Caricatura...

?: Aham...

?: também é, né?

Karoline: ele pega rapidamente o que você tem de mais

Bernardo: mais o nariz ou a boca, né? Daí faz de forma na realidade, né?

Karoline: pra exaltar...

Bernardo: você vê que é você, só que é uma comédia, né?

Karoline: é... é você... muito interessante porque você vê que na arte, por exemplo, que é você na caricatura... mas, ao mesmo tempo, não é você! Porque você não tem o nariz tãããã grande assim....

Bernardo: tão grande, tão torto, né? Igual a orelha desse tamanho...

Karoline: não... exatamente... e você sabe que é você e não outro que tá sendo retratado. A arte técnica é e não é e assim vai....

Bernardo: bacana...

Karoline: então, desenho a gente pode ver na tatuagem... na ilustração, ilustração... livro, desenho também está... não é mesmo? Mangá... o grafite nos muros aí? Muitas vezes... é com desenho.

?: Tem!

?: eu, por exemplo.... A minha sogra ela faz tapete de roupa.... Tipo assim.... aquelas roupas velhas, ela vai tirando e vai fazendo os tapetinhos e também aquele negócio de fuxico... que a pessoa ela vai fazendo e montando as almofadas, fica bonito.

?: fazem colchas também...

?: aham... e daí, esses tempos fui lá na minha sogra e ela usa os tapetinhos que ela fez de roupa... daí ela ia montando....

Karoline: aproveita a roupa!

?: uhum

Karoline: reutilização... como forma de trabalho de arte, de artesanato....

?: fica bonito os tapetes... é de retalho que eles falam....

Karoline sim.... Tá certa, isso é um trabalho de arte. Pois é, e o desenho... que a gente estava falando da arte rupestre, que vocês têm... arte rupestre a gente pode falar do palitinho... mas ele... quando antes... nosso conhecido senhor palitinho para fazer arte rupestre... olha que horror. Tudo torto...

?: não é de arte...

[Risos]

Karoline: é... mas o desenho se torna conhecido como nós conhecemos ele hoje, com a função de trazer o tri pro bidimensional, justamente no Renascimento. Lá por 1400.... Século XIII, certo? Quem já ouviu falar de Leonardo da Vinci? Com o homem... como chama?

?: Vitruviano...

Karoline: Isso... lá, um pouquinho antes do Leonardo existia o Alberti.... Filósofo e arquiteto... ele... os grandes tinham formação em tudo, né? Filósofo, arquiteto, tatatatatan.... E, ele fez um tratado sobre a pintura. E ele falou dele... a obra dele é fundamental para construir a história da arte porque ele vai falar, então, que o desenho é fundamental para o desenvolvimento de outros trabalhos das artes visuais como a pintura e escultura. Porque o desenho serve de estrutura, além de não só o esboço... mas a forma de estruturar a pintura e a escultura. Então, os artistas e artesão da época faziam muitos esboços em desenhos, pra daí iniciar a pintura... eles pensavam então... no que eles trabalhavam antigamente, né? Hoje em dia a gente faz a paisagem na nossa cabeça... imagine a paisagem idílica muitas vezes... um solzinho, a choupana... e faz.... então eles olhavam, certo? Pros seus.... Seu livrinho de esboço.... Viu aquele tridimensional e pensou: “como que eu vou transformar o tridimensional num.... como que eu vou transformas o tridimensional aqui passar pra um [inaudível 44min06]”. Aí, veio a palavrinha chave: perspectiva.

?: [risos] você olha com a perspectiva então?

Karoline: isso! Exatamente.... Tudo está em perspectiva. Você que desenha... você já estudou perspectiva?

?: Não...

Karoline: Marce, já? Quando você fala que consegue retratar o que está fora... e passar.... Muitas vezes as pessoas já têm.... Já vem como um dom, né?

?: posso falar uma coisa de perspectiva? Quando eu aprendi tinha uma escada assim, né? E daí, tinha uns bonequinhos.... Daí eu lembro disso.... Que daí eu mostrei pra eles, né? Que os bonequinhos estavam diferentes, né? Que nem os bonequinhos que fiz aqui... só que ele era só colado... só que claro que não...aquele que estava em cima era muito maior, eu coloquei em cima e o pessoal viu... era do mesmo tamanho...

Karoline: mas a forma como a gente faz dá a ilusão! Então, naquela época a perspectiva era cria a ilusão de profundidade pra fazer... de aprofundar o desenho... então, isso pautou o desenho até agorinha, agora há pouco.... Na arte moderna e contemporânea a gente pensa o abstrato e justamente vai contra a perspectiva... brinca com a perspectiva... então, vocês já ouviram falar no Picasso?

?: Sim....

Karoline: o Picasso ele faz no cubismo aquelas formas, né? Então, ao mesmo tempo a mulher está aqui e tá aqui... então, ela é retratada aqui, ali e ali... daí ela fica meio desconfigurada, né? O rosto aqui... daí o rosto é todo assim....

Bernardo: você quer um apoio, de repente? Você quer um apoio?

Karoline: quero...

Bernardo: isso aqui não é muito legal, mas...

?: isso aprendemos na....

[Inaudível 45min44]

Karoline: querem nada... era só pra isso...

Bernardo: nós vamos melhorar ele... Você pode encostar ele...

[Inaudível 45min49]

Karoline: então, você queria mostrar como você falava de perspectiva?

?: sim

Karoline: vou lá pro teu lugar... se quiser apagar, eu tenho apagador

?: tem?

Karoline: eu tenho! Tá aqui... não posso esquecer de passar pra vocês...

?: bom, a escada, né? É uma coisa assim.... daí, a gente... colocava.... Que nem se eu regular aqui que o bonequinho... daí eu coloco um bonequinho aqui e coloco um outro bonequinho aqui. Então, não parece que eles são do mesmo tamanho, mas eles são do mesmo tamanho. Eu acabei de medir eles.

?: ahhhh...

?: podia ser menor...

?: então é a medida.... É a profundidade

?: com a mesma medida, mas a profundidade deixa um mais perto ou outro mais longe... mas, parece de tamanho de diferente....

Karoline: olha que interessante, quando a gente vê uma escada ela... ela, por exemplo, desenhou uma escada.... Se a escada estivesse aqui, certo? Ela teria desenhado a escada tal qual ela existe? Não, porque a escada necessariamente tem.... Os degraus da escada necessariamente têm o mesmo tanto de centímetro. Os degraus, certo? Então, o desenho... ao mesmo tempo... o tempo que a gente fala que este tipo de desenho clássico tem... a gente fala que ele retrata a realidade, ele nada mais é que....

?: enganar....

Karoline: enganar o espectador de modo que essa realidade.... Então, ele percebe que ao... compreende?

?: não, é que eu perdi.... O dela eu já li...

Karoline: é....

?: entenderam?

Karoline: do tri ao passar pro bidimensional no plano.... O artista ele é uma espécie de ilusionista. Certo? Ele vai dar a ilusão que a escada está lá no final... para ficar parecido como ele vê.... Como... ele vive, como ele experiência aquela escada.

?: aqui é mais perto, né? E lá é mais longe.... Então, a gente imagina que se o degrau é pequenininho aqui... então lá é grandão...

Bernardo: é.... ou você desenha uma escada, né? Tá no meio de uma estrada, ela vai o que? Ela vai afunilando... se a pessoa tiver aqui ela é dum jeito, se tiver lá....

Karoline: a linha do horizonte?

?: eu não sei do que que você tá falando...

Karoline: muito bacana, Amanda....

Bernardo: é proporcional...

Karoline: se tiver mais papel.... normalmente vai falar assim: tem uma estrada, né? Vai passar a linha do horizonte... que eles vão falar da linha áurea... não é metade... reparte em 3 partes... a linha áurea estaria aqui, por exemplo... então, tem a linha do horizonte, eu quero que minha estrada venha pra cá... termina ali.... Então, pega e faz o [barulho de algo subindo] então a estrada faz a impressão de que vai pro horizonte. Na verdade, ela não fica menor. Se você chegar até o final da estrada... presencialmente ela tem a mesma largura. Mas alguém da impressão... afunila....

Bernardo: afunila....

Karoline: então, quando a gente fala em desenho clássico é mais ou menos por aí... tem várias regras de perspectiva... mas, o desenho não é só isso... tem o abstrato, né? Naquela época não se falava em desenho abstrato... desenho abstrato? Era... não existia, certo? Não se concebia desenho abstrato. O artista deveria retratar a realidade de fora. E, assim vai...

Bernardo: e aquele que os caras jogam uma lata de tinta... corre em cima...

?: é...

Karoline: tem....

Bernardo: “olhaaaaaa que obra de arte!”

[Risos]

Karoline: pois é... também, dos abstratos... mas vamos... o meu objetivo também vai ser mostrar... um bom abstrato... arte abstrata é feita com bastante esforço... não... por incrível que pareça.... Um bom resultado de arte abstrata tem esforço por detrás... se não, não chama atenção vira....

?: verdade.... Vira nada... vira só uma...

Karoline: a gente vê alguns elementos que se repetem e assim vai.... Bom, falei sobre o desenho técnico, diversidade de materiais. Então.... O desenho pode ser feito com uma variedade de materiais.... Quer voltar a sentar?

Amanda o papel....

Karoline: acho que eu roubei seu papel.... desculpa! Era um papel sem nada, né?

Amanda estava escrito...

?: é... pela segunda vez que a Amanda fica conosco...

Karoline: é... você acredita que eu acho que eu peguei ele?

?: deve estar sobrando....

?: porque achou que era teu....

Karoline: você assinou?

?: Assinei...

Karoline: ah, então... desculpa. Eu fui pegando tudo. Desculpa. Então, o desenho ele pode ser feito tanto preto e branco, quanto em cores... usa lapiseira, lápis, carvão, caneta, tinta. O traço pode ser feito, né? Com os mais variados... o que mais que a gente pode trabalhar? Com giz de quadro... giz de cera... e, a Amanda estava falando hoje de manhã: editor de imagem... você pode fazer desenho no computador... hoje tem muito artista, artista mesmo, trabalhando no computador...

?: muito programa, né? Pra trabalhar...

Bernardo: olha, vocês querem água pra tomar, pessoal? Café... porque tem lá.

?: ah, é ali? Eu fui lá no banheiro...

Bernardo: ali tem água... foi tirado, mas tem...

Karoline: e, além do papel.... Onde que dá pra gente fazer desenho?

?: Nossa, em qualquer local...

?: qualquer local....

Karoline: são coisa óbvias, mas quando a gente fala em desenho a gente só acaba pensando em papel....

?: papel e caneta...

Karoline: e caneta....

?: e lápis de cor....

Karoline: e na criança que tem o direito de desenhar... então, hoje eu selecionei uma atividade... até 11h30, 11h.... trabalhar com grafite e papel. Acaba indo pro esse lado, mas por ser um instrumento barato que vocês testar em casa e aprimorar o trabalho. Como parte do interesse de vocês, no próximo encontro... outra atividade, outro material.... se alguém tiver outro interesse em casa, outro material pra estudar em casa....

Pra se aperfeiçoar mais... depende do interesse. E, assim vai, tá certo? Então, pro grafite e papel.... eu trouxe aqui... daí a gente trouxe... a gente vai fazer o exercício de desenho artístico com observação estética... beleza? Pra gente pensar o nosso trabalho hoje...

?: vamos começar!

Karoline: é... porque isso que é importante....

[Inaudível 53min55]

?: porque eu comecei a desenhar com a mão... pegar a tinta guache.... Com a mão também é....

Karoline: desenho com a mão, por que não?

[Inaudível 54min08]

?: na escola eles ensinavam essas coisas...

Karoline: tá certo... desenho não precisa ser feito com uma ferramenta, né? Então, vamos liberar os pinceis.... Caneta não... caneta não vamos usar! Vamos tentar limpar essa... vamos agora todo mundo....

Bernardo: vamos tirar...

Karoline: vamos todo mundo vir pra cá.... Pra limpar lá... eu vou pedir pra cada um assinar a lista de chamada... tá certo?

?: eu li errado aqui...

?: vai tirar das frutas também?

Karoline: as frutas ficam...

?: eu li errado....

Karoline: é nos dois... tá certo....

?: bom, eu acredito que eu não vou poder participar desse... porque eu tenho consulta médica

[Inaudível 55min06]

Karoline: então, olha... na próxima vez a gente vai começar logo antes pra colocar a mão na massa...

?: porque demora um pouquinho... pra iniciar e terminar esse desenho...

Karoline: mas, então eu vou... Quanto tempo mais você pode pegar?

?: 15 minutos

Karoline: 15 minutos!

?: meu ônibus é rápido....

?: 15 minutos...

?: eu também, amiga.... Porque eu achei que era até 10h

Karoline: e é... das 9h às 10h30... como a gente começou tarde ficou até um pouco mais tarde. Mas, pelo menos quem ficar pra poder fazer a atividade comigo porque eu queria tá assessorando cada um quando começar fazer....

?: tá....

Karoline: e assim vai... e fica uma lição de casa... lição de casa? Lição de casa não! Uma tarefa!

?: tarefa!

Karoline: tarefa de casa pra um segundo encontro....

?: qual vai ser?

Karoline: então, você me dá 15min?

?: vamos lá!

Karoline: cade meu papel? E, se vocês puderem assinar a chamada....

?: Ah....

Karoline: bom, nós temos aqui.... Quem que desenha? Vocês falaram que não tão desenhando, né? Mas, todo mundo é conhecedor do lápis... então, primeira coisa, quase, que encostou... pegou na mão pra fazer traços.... Nem que seja quando criança, não é

verdade? Lápis de cor é nosso amigo. Aqui nós temos lápis de diferentes tipos... Amanda, fica à vontade pra falar porque você é expert... nós temos lápis de diferentes tipos de rigidez. Vocês sabiam que um lápis tem do mais duro ao mais macio?

Amanda sim...

Karoline: Sim? Os mais duros....

Bernardo: pela numeração deles, né?

Karoline: sim... começa no H, B.... vai até o 8B.. Que são os famosos grafites... grafites... grafitaço como esse ali, né? Que você já pegou....

?: ah, é esse aqui, né?

?: é pra fazer sombra, né?

Karoline: ou pra... também... exatamente.... Porque ele pega mais... é o grafitaço....

?: eu sou....

Karoline: 8B....

[Inaudível 57min22]

Karoline: olha, bem escuro... eu vou querer mostrar pra vocês pra que vocês testem o lápis e escolham com qual trabalhar... bem escuro... eu vou querer mostrar pra vocês eu quero que vocês testem com qual lápis vão querer trabalhar. Mas, quero mostrar que dá pra fazer diferentes trabalhos com um lápis só. Esse fica bem escuro. Agora, vou pegar um H! então, esse é dos mais macios. Quanto mais macio mais eu consigo isso daqui: escuridão. E consigo trabalhar o sombreado, e.... assim por diante... certo?

?: fica lindo qualquer desenho com grafite, né?

Karoline: claro que fica lindo... se a gente tiver pensado mesmo... o desenho é pensado também! É expressão livre, mas ao mesmo tempo, quanto mais experiência a gente tem mais a gente vai pensando em desenho... não precisa de cor. Isso [inaudível 58min04] tá muito lindo. Não precisa de cor. Temos um pouquinho menos macio, mas macio também: o lápis 8B. percebem como ele é? To fazendo aleatório, certo? Nós temos depois o 6B, como estamos com pressa eu vou pulando. 4B, um pouco mais duro.

?: quanto menor a numeração mais dura ele é?

Karoline: isso, exatamente. E daí, ele vai me dando acabamentos diferentes. Certo? Então, com o tempo a gente vai ganhando prática... experiência.... Ganha experiência.... É, simplesmente fazendo. A gente vai conhecendo mais o material e vendo qual lápis... com você se interessa.... Os desenhos técnicos, normalmente, são feitos com os mais duros.

?: firme?

Karoline: duro... é.... firme! Que é o que? Os lápis H, B, 2H... H2, 5H... que são esses aqui! Por que? Eles costumam ser mais exatos. Eles não borram, certo? E... não vai ficar. Não vai sair massa. Com qual lápis que você costuma usar? Com qual tipo? O que tiver, né? Eu também... é o que tiver. Mas, quando a pessoa se interessa pelo desenho... É o que tem.

[Risos]

Karoline: pra hoje... experimentar os diferentes materiais a gente entra no mundo do desenho e assim vai... certo? Esse é um grafitaço também... ele é um 8B. parecido com esse, só que ele tá em forma de lápis... eu posso fazer muitas coisas... então....

[Inaudível 59min56]

?: Ah é... tem um quadradinho, né? Verdade!

Karoline: então, eu queria apresentar pra você apenas alguns aspectos de quando a gente tá fazendo trabalho com grafite e papel. Eu falei um pouco do grafite, e queria falar antes do papel.... o papel que a gente tá jogando é uma gramatura 200g. 200! Papel sulfite ele é menorzinho, certo? Se eu faço um desenho clean, digamos assim.... eu



preciso representar um tal qual.... sem fazer sombras um papel sulfite vai muito bem, né? Mas, eu preciso... que quero fazer um rosto que a luz bate aqui, daí aqui... tem muita sombra, certo? Eu quero fazer várias, quero fazer bem o volume das formas... então, tem que pensar as diferentes nuances de sombra... quais diferentes coisas. Eu posso fazer um bem preto. Um mais claro, um mais clarinho. Depois um mais clarinho... daí eu posso fazer um... quase não conseguir ver.... e assim por diante... eu preciso de um papel que aguente.... Que absorva todo esse grafite. Então, preciso de um papel com maior gramatura. Mesmo assim! Papel é mais barato que tela. Papel é mais barato que tela, né? Claro que tela dá pra reaproveitar muitas vezes. Papel não. Por isso, muita gente...

?: passa giz, né?

Karoline: isso!

?: na tela... ou pode pintar ela de volta.

Karoline: a tela muitas vezes pinta... ou lixam ou pintam. Coloca uma tinta branca. Só que você vai querer dar pra alguém ou vender. Você não vai querer reaproveitar a tela.

?: passa giz que sai tudo que tinha!

Karoline: é giz? Ahh...

?: é.. Com giz você tira!

?: tinta não...

?: é.... giz branquinho...

Karoline: eu ainda não falei das borrachas... porque quando a gente trabalha com artístico, muitas vezes no começo a gente fica muito preso ao erro... muito focado não no que a gente fez.... Só pensando na nossa ideia que a gente tinha. Vai lá representar e fica louco assim.... vai passar a borracha em tudo, né? Então, eu trouxe bem poucas borrachas pra nossa atividade. Queria mesmo que vocês trabalhassem com pouca borracha para aproveitar o erro... o erro, muitas vezes, é só uma forma que você não conseguiu ver que teu trabalho pode caminhar e dar e ter um bom resultado. O jeito certo de pegar no lápis: todo mundo normalmente pega assim, né? Isso?

?: Aham...

Karoline: pode ir pegando o lápis a vontade, gente... mas, muitos artistas ficaram pegando assim.... assim, a pessoa....

?: ahhh! Tipo pincel...

Karoline: é.... também... pra gente pegar pincel pra detalhe é assim! Se você pega assim você tem um movimento maior, certo? Se você tá trabalhando com papel grande... e eu trouxe aqui pra quem quiser fazer com papel maior, você consegue ficar... ter mais maleabilidade no traço. Então, pode ser uma experiência legal trabalhar mais livremente também. Experimentar. Não só aqui. Aqui você tem mais exatidão, aqui você consegue o traço e ter um traço mais livre. Interessante. Outro aspecto: o traço. Os traços como vocês viram aqui, bem basicamente.... Com cada grafite eu posso tirar o máximo dele e o mínimo. Que até branco praticamente, certo? E ele vai ter.... dependendo do tipo de lápis, mais rígido ou menos... a gente vai ter uma palheta de cores diferentes. Então, a gente tem que pensar nisso e trabalhar nisso no nosso dia a dia com o desenho. E, a gente pode treinar.... Isso que eu queria falar com vocês! Treinar escalas tonais.... Quem gosta de desenho, sempre que tiver assistindo uma palestra chata... ou sei lá o que.... Você pega e começa a fazer palheta... além de fazer a tua criação criativa, faz uma palheta. Vários quadrados iguais e vou pensar o que de máximo eu tiro desse meu lápis preto. Etc. etc. etc. fecho a cor pro mais claro, até não aparecer mais. Treinar escala tonal. Com isso a gente vai criando habilidade melhor. Se o lápis não se torna assim o desconhecido que a gente tem medo.... Passa a ser nosso amigo. Porque a gente aprende a ter.... a medir a pressão no lápis do papel.... a nossa força no papel. Um monte que a gente tem que ter delicadeza, vai delicadeza.... E assim vai. Então, é um exercício muito

bacana fazer escala tonal. Se vocês estiverem numa coisa chata vão fazendo... e indo... escala tonal. Isso a gente vai criando maior habilidade com o desenho. É uma das coisas pra aprimorar habilidade com o desenho. Além disso, vamos ver: traço esfumado. Então, nós podemos pensar o desenho tendo contorno... então, os cubistas adoram trabalhar... aqui está o nosso papel, por exemplo... trabalhar as formas apenas com o contorno, então vou desenhando aqui com o cabinho. Aqui logo tem a maçã... com aqui o miolinho... e logo mais pra cima tem o maracujá... que eu to vendo que tá saltando... ali tá o gengibre, todo torto, desmilinguido etc. com esse contorno. Ou, uma outra forma que a gente pode trabalhar é dando atenção, quando a gente tá representando algo, né? Dando atenção pra luz e sombra... o que é isso? Quando a gente pensa representação todo elemento físico tá no ambiente. Ele não tá sozinho no nada. Certo? Aqui a gente percebe que tem uma luz que vem e ilumina. Então, o objeto sempre vai ter um lugar mais iluminado e um lugar mais escuro. Que também vai dar uma sombra no ambiente, certo? Eu to vendo que essa maçã tem um pouco menos de luz aqui. Aqui tá mais escura quando encosta... a maçã tem um preto aqui, né? Que escurece mais aqui ainda.... E aqui tem uma sombra mais escura porque a madeira é escura. E a sombra no escuro fica preto. Aqui tá marrom. Então, examinando os diferentes tons de sombra... o exercício de escala tonal pode nos ajudar a pensar a ter mais flexibilidade e pensar essas luzes de sombra... a luz de sombra pode então ser pensada com esfuminho que a gente pode passar uma quantidade de grafite, por exemplo... só que tem que ser bem delicado, certo? E com o esfuminho.... Conhecem o esfuminho? Palitinho.... Ou com o algodão... com o próprio dedo, certo? Que você vai podendo fazer aqui... certo? De modo grosseiro aqui... to indo bem rápido e assim vai. Mas, pode fazer com o esfumado. Pode pensar luz de sombra quando eu tenho aqui essa minha maçã, por exemplo... você pode pensar simplesmente com circulismo... sombra com círculos... então, os círculos um mais perto que o outro e assim vai... mais claro. Então, o traço é o meio pelo qual a gente desenha, certo? Fazendo linha... é que então a gente pode criar as cores no preto e branco. Porque aqui eu sei que é uma cor pelo claro e escuro. Jogo de luz e sombra que a gente vai representando... a gente vai criando as cores no grafite, né? Então... o círculo vai tornando cada vez mais aberto... e, aqui tá muito escuro... aqui os círculos vão um perto do outro... por círculo, ou então a gente pode fazer por rachura. Rachura... vou desenhar aqui a minha cebola! Essa aqui... to vendo essa cebola aqui. Ela tem uns riscos aqui, né? A rachura, se refere a riscos assim.... que que nem uma trama de um tecido vão dando mais luz e sombra. Quanto mais fechado, mais escuro. Quanto mais aberto, mais claro. E você pode pensar uma trama bem certinha aqui, como de diferentes linhas.... Mais claro, mais escuro e vai criando uma trama. São diferentes formas de trabalhar com um simples lápis. Então, ele é bem democrático, sabe? Ele acolhe diferentes possibilidades de expressão.... Não tem certo nem errado. Não tem um jeito certo de fazer, mas o modo com o qual a pessoa se identifica mais ou... escolheu.... Porque combina mais com o tipo de trabalho. Claro, tem que aprimorar a técnica e conhecer, certo? Tá, o exercício de escala eu falei... então, eu queria fazer só um exercício... não vai dar tempo, se vocês concordam de levar pra casa a tarefa e fazer isso?

Amanda legal

Vera: aham....

Karoline: levar pra casa pra pensar, que pena... mas se alguém puder ficar eu agradeço... pra gente trabalhar um pouco. É um exercício de desenho artístico e observação estética. O que é observação estética?

Vera: qualquer coisa?

Karoline: é.... o que é observação estética?

Vera: observar ela, observar a parede....

Amanda os contornos...

Vera: os contornos, não?

Karoline: observação estética.... Kant, o filosofo... fala muito sobre isso. A gente observa tudo! Tá olhando, mas ao mesmo tempo não vê. Não vê. Não tá prestando atenção. Então, observação estética se refere a olhar o nosso objeto de representação, certo? Que a gente vai desenhar... por diversos ângulos. Diversas perspectivas. O que significa isso? Pegar o meu caqui e olhar diferentes cantos da sala, por exemplo... ficar olhando meu caqui... olhar de lá, de lá. Olhar ele daqui. Perspectiva. Pegar, olhar o meu caqui e ficar girando ele em diferentes ângulos... textura dele....

Vera: ah, pegar também? Você acha interessante quando vai fazer esse tipo de...

Karoline: sentir o cheiro.... Observar ali, observar como as cores... isso é observação estética. Eu experimentar, observar sobre diferentes perspectivas... ângulos.... O meu objeto. Em que eu vou representar, então o meu exercício de... eu quero que vocês escolham uma dessas frutas que estavam nessa roda... que deu até vontade de comer caqui

[Risos]

?: eu ia falar... depois comer o caqui

[Risos]

Karoline: escolham uma fruta que de vocês chama a atenção... e que vocês façam, depois de muita observação contato com essa fruta e tudo mais.... E só isso mesmo.... Ih olhando a fruta.... Depois vai fazer uma tarefa e volta pra fruta... certo? Olha etc. cortar a fruta e olhar... essa aqui é tão bonita, né? É uma flor dentro. Quero que vocês façam isso, essa observação.... Para daí representa-la no desenho. Por que essa atividade? Ora, parece uma atividade tola.... Ficar observando fruta... mas, a observação estética ela ajuda muito a gente.... Principalmente a melhorar o nosso trabalho de arte ou artesanato. Por exemplo, a Wanda que faz as flores de seda... com o arame... são muito bonitas.... Queria que ela tivesse, pois eu pensei justamente.... A observação estética ela ajuda no seguinte: ela pensa a flor.... eu penso num caqui? Eu penso no caqui? Sempre tem uma forma idealizada. Pensa uma maçã... forma idealizada da maçã.... Ela vai e tem a maçã com o cabinho... tipo uma bola e um palitinho, certo? Tem vezes que é muito bacana a representação, mas tem vezes que a gente não tá vendo a fruta. Então, muitas vezes a gente fica... quando a gente tem... faz um trabalho, sempre da mesma forma... fica fechado num estilo e se a gente olhar, por exemplo.... Outras flores.... Ela faz a flor de seda, se a gente passa a olhar... se ela passa a olhar para as flores. Diversidade de flores que tem por aí, vai ver que tem flores de diferentes formatos de pétala.... Com diferentes nuances e cor....

Vera: então, na verdade...

Karoline: com o cabinho assim... com o cabinho de bolinha.... Com as folhas de formatos diferentes.... De tamanho... e assim... isso que você pode agregar no seu trabalho... flor de seda, por exemplo... de modo que ele se torne muito mais rico... muito mais. E cresça em relação ao que existe por aí, certo? A gente trabalhando não com a flor idealizada, sabe? Flor padrão. Mas, vai estar trabalhando com.... então, a gente é acostumado a não olhar pra natureza... quando a gente olhar pra lá a gente vê um monte de riqueza de inspirações pro nosso trabalho de arte.

Bernardo: detalhes

Karoline: isso... além disso é um exercício pra gente... é um exercício artístico... é um trabalho técnico de desenho e de também de representação. Então, eu quero que quando vocês forem fazer vocês pensem, olhem, sintam textura... cheire e etc. daí, vocês vão escolher papel.... que pode ser de diferentes tamanhos, tem papel que se quiser fazer

gigantesco pode fazer. Se quiser fazer assim desse tamanho pode fazer... se quiser recortar esse papel pode fazer desse tamanho. Por que? Porque a gente sabe... a gente tá acostumado com o papel sulfite e muitas vezes pra soltar.... Pra melhorar o nosso trabalho artístico...é importante pensar outras formas de dimensões, certo? Eu quero que vocês escolham tipo de papel, tipo de lápis... escolham isso, pensem na fruta com relação ao ambiente que ela tá... onde que ela tá, de onde que tá vindo a luz, onde faz sombra, onde tem sombra nesse aqui.... Por exemplo, aqui tem mais sombra... aqui tá mais escuro... a luz vem... não vem daqui... vem daqui... e, assim vai...

Vera: pensando aqui.... A sombra tá fácil de fazer, né?

Karoline: ficou pior...

Vera: mas e daí o.... o...

Karoline: é por isso que eu queria que vocês ficassem agora... se vocês quiserem...

Amanda tenho que ir agora....

Karoline: tá bom... um lápis, um papel.... e você vai ter essa atividade de representar a sua fruta a partir da observação estética... escolher um lugar do papel pra iniciar o seu desenho... começando pela forma, não pelo miolinho.... Mas, começando.... Você não precisa desenhar o contorno... porque a luz e a sombra você não começa com o contorno, vendo aonde que ela vai estar localizada no papel.... o tamanho da figura em relação ao papel, porque eu posso fazer pequenininho ou bem grande.... Se eu quiser mostrar como a minha melancia é pesada e grande eu posso fazer um papel bem pequenininho e fazer a melancia ocupar todo o espaço, pra dar a impressão que a melancia é pesada. Você entendeu? O desenho ele tem essa habilidade de....

Vera: também....

Karoline: então, você vai pensar esse lugar do espaço, trabalhar luz e sombras... se for possível e assim vai. Não tem certo nem errado! Mas, é importante que vocês façam esse exercício. Pode ser?

Vera: pode....

Karoline: então, encontro você na semana que vem e você pode escolher um lápis. Tem diferentes e o papel. Se você quer o papel grandão...

Amanda não, eu prefiro esse.

Karoline: esse mesmo?

Amanda só tem essas duas opções, né?

Karoline: é.... tem esse grandão.... Esse é de esboço.... Sulfite...

Amanda eu quero sulfite.

Karoline: ahhhh, sulfite mesmo? Desse tamanho?

Amanda é....

Karoline: pequeno mesmo?

Amanda é....

Karoline: ah, ta bom! [Risos]

Vera: quero ver o que a melancia dela vai mostrar.

Bernardo: e o, pessoal: transmitam lá pro CAPS de vocês.... Em relação ao curso, ao lugar, sabe?

Amanda sim...

Bernardo: o que que vocês sentiram... é bom vocês se expressarem lá! E vejam se tragam mais gente pra, né?

?: mas não precisa ser pessoas só do CAPS, pode ser pessoas da comunidade também. Essa da jardinagem foi....

Karoline: os participantes têm que fazer parte da [sigla incompreensível 01h16min43], como profissionais, familiares....

?: ah, da família....

Karoline: ou usuários da CAPS.

Bernardo: usuário da CAPS.... que é o trabalho que a gente se propõe, né?

?: eu quero esse aqui

Bernardo: eventualmente a gente vai fazendo...

?: aham....

Bernardo: cozinha, vai ter culinária aqui no [...]....

[Inaudível 01h17min03]

Karoline: e você pode escolher um. Uma fruta ou....

Amanda não, eu tenho em casa....

Karoline: não quer mesmo?

Amanda não.

Karoline: eu vou ficar triste....

Vera: mas o que que você vai desenhar?

Amanda eu acredito que uma cebola....

[Risos]

Karoline: mas olha, experencie... sabe?

?: a cebola é interessante, mas a maçã é....

Karoline: sabe, gente... a riqueza é nos detalhes. Enquanto uma é rugosa... parece uma bexiga murcha aqui... a outra é lisa...

Amanda eu quero muito fazer esse curso

Bernardo: é muito bacana.... Esse cara é show

Amanda faz um tempão que eu estou esperando....

Bernardo: esse camarada...

?: dá pra vir... ela pensa que não tem idade, né?

Bernardo: esse camarada é o cara que fez o prefácio do Lula lá... do Centro de Convivência...

Vera: a gente pode escolher qualquer um aqui?

Karoline: pode... mas vocês ficam mais uns minutos?

Vera: eu gostaria de levar pra casa....

Karoline: pode levar...

Vera: deixa que eu pego também em casa...

Karoline: mas não tem nenhuma que chamou a sua atenção?

Vera: me mostre.... Então eu vou levar.... Porque a minha mimosinha é deste tamanho. Porque você tem também a nuance dela aqui... cor... e você pode passar. Eu vou achar que eu sou uma artista, né? Que eu posso pegar e conseguir...

Karoline: mas, gente... outra.... Se quiser levar papel esboço.... Você tem?

Vera: eu tenho papel....

Karoline: mas quer mais? Isso aqui é para rabiscar. É pra rasurar. Esse aqui não dá...

Vera: esse dá... Olha, peguei.... Daniele... Caroline...

Karoline: te aguardo então, terça-feira, gente....

Vera: terça!

Karoline: se não puderem, vocês ligam... porque é bom, da próxima vez, fazer uma pastinha com papel....

Vera: aham....

Karoline: pega uma caixa de papelão, corta a caixa de papelão e óh...

Bernardo: dia 22 e 23...

Karoline: vamos nos sentar aqui quem for iniciar a atividade?

Vera: vamos lá.

?: Tchau

Amanda tchau pra vocês...

Karoline: tchau

[Vozes atravessadas de despedida]

Karoline: você já escolheu a sua fruta?

[Inaudível 01h19min08]

Karoline: sim... você quer trabalhar com esse papel especial?

?: Tchau

Bernardo: tchau

Amanda fiquem com Deus

Karoline: tchau

Vera: avise que eu estou aqui, tá bom?

?: tchau...

Karoline: olha, eu acho que tem que fazer o desenho dela... ela pode levar pra ela, pra ela fazer desenho também. Vocês fazem juntas, cada uma no seu, certo? Porque você tem a sua... você tá super capacidade de fazer o seu desenho. Não precisa de... certo? Você quer pegar mais um desse? Mais olha.... Se ela não vem amanhã... pode fazer o seu desenho também. 6B.... qual que você? Você gosta de mais grosso ou mais fino? Mais fininho? H? Aí tentem devolver o lápis...

Bernardo: claro, claro, claro...

Karoline: porque se não a gente não conseguem manter a.... se você quiser fazer assim, gente... temos... porque nós temos carvão e não apresentei nosso querido carvão pra vocês...

Bernardo: Não apresentou! Puta... isso é um problema isso aí...

Karoline: nosso querido carvão...

?: só que eu não trouxe fixador também... você trouxe?

Karoline: Sim...

Bernardo: Ahhhh....

Karoline: eu trouxe carvão... só que o artista.... Normalmente você pode comprar assim.... ele é barato.... Que nem um lápis... ele não é uma coisa que vai demandar que nem a tinta de... né? E você pode criar várias... só que depois tem que passar um fixador que pode ser spray de cabelo. Sabe?

?: Laquê?

Karoline: laquê... pose ser.... tem que tomar cuidado com.... você pode criar muitas nuances...

Bernardo: que bacana! Eu percebi... a pessoa que usa isso aí, né? Que faz esses desenhos nas ruas de pessoas

Karoline: de rosto...

Bernardo: tem, né?

Karoline: tem... eles usam, normalmente, carvão...

?: giz de cera...

Karoline: se vocês também tiverem caixas.... vocês recortam a caixa pra fazer um... uma pastinha... daí o papel não amassa. Eu deveria fazer... posso fazer isso.

Bernardo: pega dois papelões...

Karoline: isso... dobra um e fica uma pasta!

?: qual eu faço?

Karoline: pensa uma que você acha a estética... o formato interessante....

Bernardo: vai levar a fruta?

Karoline: é pra levar a fruta!

Bernardo: não pode comer... daí se comer acaba o....

Karoline: é.... se você... tem que aguentar...

?: tem que levar uma bem feinha....

Karoline: tem que fazer a atividade pra comer! Tem que fazer a atividade pra depois comer, não adianta.

?: o kiwi é lindo também....

Bernardo: eu vi um negócio... eu vi um negócio bacana com isso aí uma vez....

Relacionado a fotografia... de propaganda, né?

?: eu venho daí

Karoline: oi?

?: Eu venho daí....

Karoline: tá certo... você vem aqui?

?: amanhã eu tenho CAPS.... daí eu venho sexta-feira

Karoline: é.... é.... sexta-feira. Sexta-feira é na jardinagem. Terça feira eu estarei aqui, tá certo? Você preencheu a lista de chamada?

?: sim....

Karoline: então tá certo! Bom retorno pra casa.

?: porque dentro ele é lindo né?

Bernardo: tudo dele....

Karoline: você quer daí papel?

?: sulfite

Karoline: o sulfite?

?: sulfite

Karoline: e você quer deixar ele menorzinho ou quer esse formato?

?: esse tamanho mesmo...

Karoline: sem problemas... esse meu sulfite é rascunho assim...

?: Não tem problema.... Não tem problema, eu pego atrás...

Karoline: não...

?: como que a Elizabete conseguiu? Tinha um?

Karoline: tinha, tinha... é que... eu tinha poucos sulfites...

?: então tá...

Karoline: eu corto... tá certo... aquele ali.... Tchau, tchau...

?: ele pode até ser um menor.... Um....

Karoline: que tamanho você quer?

?: aqui ó.... pode ser metade...

Karoline: só metade?

Bernardo: percebe que ele é cheio de sementinha?

Karoline: ele vai ficar meio arredondado.... Vai ficando largo, você gosta disso?

?: interessante...

Karoline: tem alguma mesa que eu possa usar?

?: aqui... é....

Karoline: me dá a tesoura... é que com a tesoura não fica....

?: não fica.... Mas na pontinha... na pontinha da mesa você poderia ter passado estilete, mas não dá nada.

Karoline: então, a minha intenção era começar a ver vocês produzirem...tirar as dúvidas, passar cada um e ver o que posso ajudar conforme o estilo de cada um, certo? Se você quiser deixar mais quadrado... e você?

?: tá sobrando esse pedaço de papel aí?

Karoline: tá, mas se você quiser pegar um maior você pode.

?: esse aí tá com a ponta bonita

Karoline: ah....

[Inaudível 1h23min54]

?: me dá aquele maior.... Aquele grandão...

?: olha que lindinho....

Karoline: gente, olha que interessante...

?: é muito interessante...

Karoline: você pensando o trabalho de artes....

?: ai meu deus....

Karoline: o seu trabalho, por exemplo... você pode dar a impressão, por exemplo, que... eu quero mostrar como preencher essa cebola é solitária, por exemplo... posso pegar um papel enorme e fazer uma cebolinha lá... caída no final do teu desenho... solitária... Sozinha, abandonada....

?: Triste...

Karoline: você pode dar uma sensação de tristeza....

Bernardo: chorando...

?: de abandono, de abandono...

Karoline: não precisa nem cortar cebola, entendeu? Então, como você pensa a composição do desenho que é o que a gente vai falar no nosso próximo encontro... você pode dar diferentes impressões... e aí vai... a gente pensar: eu estou passando o que eu queria passar pro.... A sensação que eu queria passa pro... chamou a atenção pro daqui: o liso.... Como que eu faço a sensação de nível, sabe? Isso é dominar o desenho. É fazer o que eu quero.... É passar....

Bernardo: o que você está sentindo.... Ah, o que eu ia falar pra você é que uma vez eu vi esse negócio de comercial, né? De comercial... aí o restaurante foi fazer propaganda dos pratos, né? Lá do restaurante... folder né... lá na frente do restaurante.... E daí tiraram, né? Fizeram a comida, fizeram os pratos... pra ser bem real, né? E, tiraram as fotografias... tiraram as fotos e tal.... Aí viram... o cara olhou e viu que aquilo não estava legal... mas o que está acontecendo? Porque isso aí não está bom, né? Não tá legal... não... aí, pegaram os mesmos pratos e tiraram com eles quentes, entendeu? Então... você precisa ver como ficou interessante! O que tiraram frio e o que tiraram quente, até subindo aquela fumacinha...

Karoline: a imagem é outra...

Bernardo: a imagem, sabe... o que ele queria transmitir com aquilo... precisa ver que bacana! Tudo coisa, né?

Karoline: então, na fotografia... passar a arte na fotografia....

Bernardo: então, mas isso... isso na realidade... eu fiz curso de fotografia.... Ele também

Karoline: tá tudo junto, né?

Bernardo: é.... na realidade.... Negócio de luz, sombra....

?: pensei na fotografia a hora que você falou da luz, da sombra... e tal...

Bernardo: a fotografia tem muito disso, né?

Karoline: ah, você fez o curso de fotografia?

?: eu fiz...

Karoline: eu acho que.... Eu já vi o senhor lá na Sto. Andrade quando teve a abertura de exposição

?: isso, isso! Verdade

Bernardo: é.... nós estávamos lá... fizemos lá no Palácio do Estudante.... Nós levamos lá pra Paranaguá no Museu.... Na realidade é lá onde surgiu a Associação.

Karoline: Na Associação....

Bernardo: na Associação... é.... e na fotografia você aprende muito isso, né? Principalmente quando você faz estúdio. Você vai fotografar um objeto em estúdio, né? Com relação à sombra, a luz, ao flash que vai bater, né? Como que você quer... mais sombra, menos sombra....

Karoline: a fotografia em estúdio é muito pensada... você dá voltas variadas...



Bernardo: fotografia em estúdio é....

Karoline: e a de fora você tá mais aberto também...

Bernardo: mas é luz... tudo é posicionamento. Tudo você tem que saber o ângulo que você tá tirando... a fotografia pra num.... E a luz é tudo, né? Aqui também... se você analisar...

Karoline: sim, exatamente... por isso que talvez fosse até interessante, se dependendo... abrir aquela janela... pra deixar... essa luz tá difusa, certo? A gente pode, da próxima vez apagar essas luzes e deixar... se pegasse... mais sol da janela... que tivesse uma luz mais direcionada. Ou, eu pego uma lampadinha, sabe? Para mostrar mais como fazer esse exercício de luz pra cá e escuridão pra lá... ver a luz e a sombra. Mas eu vou ficar mais quietinha, se não...

Bernardo: não vamos atrapalhar...

?: Gênio trabalhando...

Karoline: Trabalhar...

Bernardo: professor Pardal com o chapeuzinho aí...

Karoline: quer sentar, Bernardo?

Bernardo: não, eu não sou muito de desenho....

?: Nossa, Bernardo... então são dois, viu?

[Sussurros]

?: agora eu vou fazer mais sem asinhas, então....

[Sussurros inaudíveis]

Karoline: Se você quiser ir pra mesa daqui... aquela mesa ali tem uma mesa preta, a gente pode espalhar... porque se não, não dá....

?: mas por aqui tá bom....

Karoline: pensem bem a cor da fruta, a textura da fruta, a forma... são vários elementos... não tenham medo de ficar observando bastante a fruta que faz bem pra nossa....

?: é, né...

Karoline: a observação faz a gente entender melhor o que tá na nossa frente... a gente tem mania de fazer tudo muito correndo.... E, olha que interessante... a observação estética pode ser feita com formas diferentes de horários do dia... de manhã, à tarde, a noite... conforme a luz incide, não é a mesma coisa, né? E conforme passa o tempo também não é....

?: verdade...

Karoline: a maçã fica lá... fica murcha... e, se a gente fizer esse exercício de observação e conseguir retratar isso no desenho isso nos ajuda a desenvolver algumas habilidades...

?: eu comecei a desenhar a maçã, mas tá parecendo mais um coco....

Bernardo: pensou na maçã ao invés do coco?

?: ficou tão peluda...

Karoline: vamos ver! Ah, por conta do peludo?

?: é!

Bernardo: por conta do peludo!

Karoline: entendi... isso você queria que ficasse esfumadinho, né?

?: isso... então, a sombra eu fiz...

Karoline: e você quer demonstrar as diferentes nuances... tem partinhas mais escurinhas, mais clarinhas.... Mais pitadinhas.... Inclusive, pintinhas....

?: pintinhas, é verdade...

Karoline: que tal você começar, antes dessa textura toda, não é textura... aqui é liso... mas uma pintura na maçã? Porque a maçã tem uma casca pintada linda, né?

?: sim!

Karoline: pensar no mais básico, que dá menos trabalho.... Na luz e sombra básica sem essas pinturas... por exemplo, aqui tem uma bolinha, certo? A luz está vindo dali, tá meio ruim de ver porque a luz tá difusa... aqui tá mais escuro! Concorda comigo? Aqui tá bem escuro...

?: bem...

Karoline: e a escuridão... diferenciar diferentes tons de escuro, que esse tom de escuro é diferente desse e esse é diferente desse. E aqui, tá bem pretinho... eu vejo um pontinho que aqui tá bem pretinho e aqui vai... ficando clarinho, cada vez mais... olha.... Bem pretinho. E, se você quiser... você tá usando um lápis 6B....

?: isso!

Karoline: quer experimentar um outro pra ver se você gosta, ou... se você não gosta... esse é um lápis duro... e tem lápis que vai esfumar... 6... tem de 8B por aqui... 4B, 2, 6.... Você quer usar um? Esse é só B.... esse é grafítimo, se você quiser o grafítimo... mas olha, pega aqui o papel sulfite pra conhecer o lápis...

?: assim...

Karoline: fica bem....

?: bem perfeito...

Karoline: faz força, força e leve e vê como que é....

Bernardo: eu só comecei...

?: nossa, esse 6 aqui é uma delícia, né?

Karoline: é delícia? Os mais altos....

?: os mais altos... nossa senhora.

Karoline: bom, então experimenta esse que é muito... só que ele fica facilmente tudo escuro.

?: ele é tipo uma cera, né? Um de cera.... Esse daqui é o que eu mais gosto.

Karoline: quando você faz em várias direções a sombra... você tá fazendo assim, certo? Se você quiser deixar que não fique tão peludinho, porque você falou que tá dando a impressão de peludo... você começa a fazer mais uniforme... uniforme e.... movimento de vários ângulos... é um traço de vários.... Se a gente faz assim, de baixo pra cima, de baixo pra cima ele vai parecendo felpudinho... mas se a gente vai tratando a trama na horizontal, e daí um pouco assim e daí um pouco assim: ele vai deixando mais homogêneo, percebe? Felpudinho vai desaparecendo. Se é um felpudinho que você não tá gostando... experimenta colocar bastante força no lápis... só pra ver como fica... e, aqui mais claro...

?: aqui dá pra ver bem a diferença, né?

Bernardo: esse aí é o brilho das nuvens, né? Na verdade, é uma cor só, né? Eu estava fazendo um curso, mas daí sofri um acidente lá no Centro de Convivência lá...

Karoline: acidente?

?: ai que lindo!

Bernardo: é.... eu tenho prótese nas pernas...

Karoline: eu gostei da cor!

Bernardo: eu havia começado o curso... eu comecei e daí...

?: que legal!

Karoline: O maracujá! Esse maracujá ele é pequeno e tem uma sombra...

Bernardo: grande, né?

Karoline: Aham! Imponente

Bernardo: a sombra é maior que a fruta.

Karoline: mas é assim mesmo, né?

Bernardo: por causa da luz...

Karoline: aquela torcida, né? Fica maior, menor... se você quiser experimentar outros lápis, senhor Bernardo, fique à vontade.

[Inaudível 01h38min08]

Karoline: quer falar alguma coisa? O que você tá achando da experiência?

[Inaudível 01h38min25]

Karoline: tá bom... pra não ficar preocupada... tá certa... [inaudível 01h38min39s]

Karoline: não? Então tá bom... então, tá certo... se você quiser, você pode em algum momento pode ir onde tá a mesa, sabe? Muito lindo como você fez, hein? A raiz dessa cebola... o degrade em diferentes cores...

Bernardo: por que que é tão pesado isso daqui?

Karoline: porque é um grafite inteiro...

Bernardo: ahn?

Karoline: é só de grafite!

Bernardo: ah, ele é só grafite?

Karoline: Grafitão! Chamam de grafitão... é o.... só grafite!

Bernardo: olha, que legal! Ah, olha só que legal...

Karoline: olha só que bacana... é especial... só que esse é 4B e esse é 8B.... se não me engano...

Bernardo: olha, que bacana!

Karoline: é 8B! e experimente...

Bernardo: esse é 4B

Karoline: e se quiser experimentar... fazer um rascunho... porque ele dá... ele esfuma bastante! Faz bastante sujeira... pessoal que não gosta de sujeira não gosta de usar ele... se você fizer força ele fecha bem... se você quiser colocar força... tiver com raiva... eu esqueci o spray de cabelo.... Mas, se vocês quiserem usar o carvão... o papel grande... pode falar

[Inaudível 1h40min31]

Karoline: Opa... que bom!

[Inaudível 1h40min38s]

Karoline: então, seguinte... tem um problema aqui... tem um problema aqui... você tá desenhando aqui, né?

?: é

Karoline: A posição como você tá desenhando seu desenho é como se você tivesse uma [inaudível 1h41min02] certo? Daqui.... Você tá vendo aqui do alto... muitas vezes elas lá... porque o banco é mais alto que a parede... então você está numa perspectiva área... já eles lá tão vendo mais pela lateral... mais no fundo... é mais difícil... normalmente a gente tá acostumado a ver daqui, né?

?: certo

Karoline: aí você não consegue ver direito ali embaixo...

[Inaudível 1h41min28s]

Karoline: isso... o teu formato tá muito legal. E isso é uma bisnaguinha isso aqui...percebe que aqui tem... é uma visão da linha.... Eu acho que você pode se arriscar mais...

[Inaudível 1h41min42]

Karoline: e eu vou pegar mais grafite pra ver se você quer experimentar... esse é um? 6B.... mas, 6B já dá pra fazer bastante coisa... veja... aonde que tá mais à solta, sabe? Mais [inaudível 1h41min56] pra você dar volume... esse! Concorda? A partir de um fecho de luz só. Você tá vendo que aqui tá mais escuro que aqui? Mas aqui tá muito escuro... é o lugar mais escuro da é aqui e.... isso.... Não é tão escuro aqui porque tem

essa parede branca... se tivesse um pouquinho embaixo do papelão certamente seria... porque a luz reflete no branco, né?

[Inaudível 1h42min30]

Karoline: então, beleza... bem escuro aqui, aqui e aqui... aqui esfuma bem pra cá... então, assim vai criando volume.... Se você quiser rabiscar mais pra diferenciar... eu vou trazer um canetão pra circular...

Bernardo: esse aqui?

Karoline: é... mas você não quer usar?

Bernardo: não, não... tranquilo....

Karoline: tá... não está tridimensional.... Você quer que fique tri e não tá tri... posso mexer?

[Inaudível 1h13min14s]

Karoline: então, você notou que ali tá bem escuro, certo?

?: certo...

Karoline: tá bem escuro... pode ficar preto... bem escuro...

[Inaudível 1h13min28s]

Karoline: escuro... escuro... escuro... [inaudível 1h13min39s] e aqui tá mais clareando, né?

?: uhum....

Karoline: ou continua bem escuro?

?: um pouco....

Karoline: pra esse aqui ficar bem clarinho.... Um pouquinho mais.... Aqui é a parte que mais brilha! Por que ele é redondinho, certo?

?: nossa, Amanda, que lindo!

Amanda obrigada!

?: não é, Bernardo?

Bernardo: ah... mas ela é....

?: uma artista! Olha lá!

Bernardo: Ohhhh!

?: Uma artista, Amanda. Meu caneco!

Amanda mas vocês também tão fazendo coisas aí que...

Bernardo: eu tenho umas telas, vou trazer pra vocês!

?: olha lá que legal! O meu uma coisa tem de bom.... Você consegue entender o que que é... você escolhe...

Amanda não, mas agora já dá pra ver melhor o que tá saindo...

?: vamos continuar na tentativa, né? Melhor escrever do lado: maçã!

Bernardo: oh, isso que é uma maçã, né? Isso não é um coco! Isso não é um coco! É uma maçã...

?: é uma maçã....

Karoline: tem muita coisa em relação [inaudível 1h44min53s] se tá pesado faz essas sombras... pode pesar a mão, né? [Inaudível 1h44min57s] Mas, olha você fez tão bonitinho. A forma [inaudível 1h45min06s]

Bernardo: de desenhar esse coco é pra acabar, né? Seu desenho... se não vai isso daí dar certo...

?: isso não vai prestar, né?

Bernardo: não vai prestar....

Karoline: [explicações dadas] [inaudível 1h45min16s] não precisa fazer esfumado, pode fazer com rachura, sombra.... Pode fazer.... Olha!!!! Que mudança!

?: tá saindo!

Karoline: se você quiser, não passar borracha nem precisa... se você quiser, agora... pra não ser pá pá a diferença

?: pá pá

Karoline: é muito forte a diferença.... pá pá... [risos] você pegar o seu dedinho, se você quiser, né? E passar... se ele for....

?: porque parece que ele tá uma régua, né? É verdade....

Karoline: mas eu não sei se vai... se não for.... porque depende do lápis, não foi.... Esse não vai....

?: é, esse não vai não.

Karoline: se você quiser.... Posso tentar?

?: claro!

Karoline: é.... porque tem vezes que não dá, né? Você pode delicadamente fazer uns risquinhos aqui, olha...

?: aham....

Karoline: desse lado aqui só pra criar um...

?: uma mudança suave, né? Perfeito... olha, já pega um outro jeitinho....

Karoline: e depois a gente pode pensar essa estampa da maçã... em volta dela [risos]

?: perfeito...

Karoline: Luiza, que.... Você quer experimentar....

?: tem um Picasso dentro de nós e nós não sabemos!

Bernardo: Picasso dentro de nós é ruim, hein?

?: Picasso perdido aqui

[Risos]

Bernardo: Picasso...

?: Ele tinha muito pra aprender conosco, Bernardo...

Bernardo: Picasso dentro de nós aí...

?: mas, olha... temos que ser otimistas, né? Já vamos pegar forte, então....

Karoline: E aqui escuro e escuro... mas, não opaco... eu tenho que ter as nuances... então eu posso pensar que.... Aqui mais claro.... [Inaudível 1h47min05] engraçado, veja... o kiwi porque ele tem uma forma mais [inaudível 1h47min20s], é mais fácil...do que uma maçã... etc.... mas procurar.... [Inaudível 1h47min25s] posso ir aí?

?: Claro...

Karoline: então aqui olha, percebe que aqui desce? É que.... Percebe que a gente tá mal localizado, porque você tá olhando de cima.... Você tá numa posição que torna difícil desenhar, é isso. Lisinho.... À musica ajuda muito a gente a pintar... e aqui você percebe que tá menos claro, né? claro.... Volta... pode escurecer aqui de volta... daí, perceba que aqui tá parece que tá [inaudível 1h48min17s] escuro... para dar a impressão de volume. Você pode aqui deixar bem escuro, se você quiser... posso fazer bem escuro? Daí você... vê toda a diferença.... Não deu diferença? Você faz o fundo como você quiser depois, mas ficou mais chocante aqui a diferença agora, né? Deu diferença ou não? Daí você faz como você quiser...

?: Deu sim...

Karoline: porque aqui pra ilustrar que tem uma forma...a forma veio agora... aqui vai um pouquinho só... bem.... Faz assim.... assim.... kiwizinho, você tá pregando uma peça com a gente!

?: agora que eu lembrei, eu tenho uma carambola, Karoline!

Karoline: oi?

?: eu tenho uma carambola na bolsa!

Karoline: ah! Quer fazer então? Porque eu gostaria que vocês que em casa vocês fizessem esse exercício, pode ser? Mais uma vez! Mas, com a obrigação de fazer meia

hora... pode olhar pro teto, essas coisas também... mas sem pegar no lápis e no papel... por meia hora só olhando... sentindo o cheiro... e... se quiser mexerica só o gominho dela: pode desenhar! Se quiser cortar a maçã ao meio... pode! Mas, meia hora só olhando! Porque semana que vem a gente conversa sobre o que que chamou a atenção de vocês... e assim vai...

?: desenhar? Ela cortada é muito lindo...

Karoline: lindo!

?: linda!

Karoline: linda! Ela cortada é uma estrela!

?: é uma estrela, isso mesmo!

?: essa maçã cortada é mais bonita...

Karoline: ah, meu monstrinho aqui.... Deixou feio! [Risos] nossa, você é realista! Que beleza! Tua facilidade....

Bernardo: merece... viu a perfeição? Chique, né?

Karoline: que lindo!

?: eu fiz um monstrinho ali que ela desenhou...

Karoline: olha o monstrinho! Começou o gengibre dela... desenhou o meu gengibre...

?: essa tua cebola tá maravilhosa!

Bernardo: é.... olha que perfeição de cebola, hein.

?: é mesmo!

Bernardo: dá até vontade usar ela na culinária....

Karoline: é.... já podemos! E essa não tá triste...

Bernardo: essa não tá triste....

[Risos]

Karoline: que nem aquela cebola lá que fosse no universo todo e ela pequenininha... Então, já que vocês já tão treinando aqui... eu quero que vocês levem pra casa também.... Pensarem... o que chamou a atenção nessa fruta de vocês, com a observação... que vocês... pega a mesma em casa e observa! No que chamou a atenção.... E pensa que forma que essa coisa que me chamou a atenção eu estou representando ela... quem que vai à observação numa mesma.... Num mesmo objeto chama a atenção de diferentes formas, né? São duas sombras, né? Porque tem duas luzes de direções diferentes.... é.... é uma outra sombra, exatamente. E, quando vai chegando aqui o preto [inaudível 1h51min45s]. E o que não brilha, é opaco... a maçã brilha, o caqui brilha... e, esse aqui é meio opaco! Ele é grande.... Depois, quando você pensar [inaudível 1h52min14s]. Com um pontinho você pode fazer esse.... Esse... como chama? [Inaudível 1h52min24s] porque ele não brilha tanto e é porosinho...

?: [inaudível 01h52min33s]

Karoline: desculpa, perdão!

?: não foi nada... aqui assim.... [inaudível 01h52min44s]

Karoline: e escuro aqui... é isso?

?: é....

Karoline: ficando mais claro perto da luz.... Isso.... E, olha que interessante: o kiwi... se tirar o kiwi não aparece, sabe por que? Porque ele é grandão... e, isso é legal, sabe? O kiwi tá no centro do papel. Chamou a atenção pro kiwi, sabe? A Amanda fez diferente! Ela pegou a cebola que já é pequena e deixou lá no canto! E o kiwi não! Ele tá grandão! Imponente! E assim vai... e, essas diferentes características esse que é poder do artista, sabe? Isso que você tá falando quando você desenha. Você dá a sensação do que você tá vendo. Do que você quer ressaltar.

?: é que eu tenho que deixar bem natural, né?

Karoline: isso! Porque você tá fazendo a representação, exatamente... e você fez isso em relação ao ambiente! [Inaudível 01h53min51s]

?: nossa que enorme!

Karoline: é um kiwizão!

?: é difícil de fazer....

Amanda aham...

Karoline: por que que é mais difícil de fazer? Porque tem mais área de sombreado de luz! É luz e sombra... é uma atividade difícil que você tem que fazer o degrade...

?: verdade! Mas é que também ele já é maisajeitoso, né? Então, ele já encara assim.... um pequenininho desse já tá me dando uma dor de cabeça.

Karoline: gente, infelizmente... bom... eu... como vocês estão terminando aí eu queria só encaminhar as coisas pro encontro de semana que vem. De volta, eu queria reforçar a questão de que o trabalho é bem aberto. Quero que vocês digam se estão achando interessante ou não... ou o que vocês gostariam que fosse melhor explorado....

?: eu gostaria de colorido também....

Karoline: desenho colorido?

?: é.... sim! Tem uns.... creon, né?

Karoline: aham.... Você tem em casa?

?: eu tenho! Posso trazer...

Karoline: então, semana que vem a gente pensou em trabalhar a questão da apresentação do trabalho, o exercício. E como a gente tem esses aspectos formais do nosso trabalho fazer isso a partir do que a gente criou... então, você tem que fazer a tarefa.... E, iniciar uma outra observação. Bom... faz mal se a gente não utilizar? Você trazer e não utilizar.... Então, beleza!

?: é.... não tenho muito, né?

Karoline: é.... eu também.... Então, se você quiser, faça com creon.... Essa atividade em casa... pode ser? É melhor. Se não a gente não vai ter pro todo mundo e.... então, você traz! Mais o exercício com creon.... Traz os dois. Então, hoje nós fizemos uma atividade de desenho e observação estética que eu já falei como que isso pode contribuir pro nosso trabalho.... Temos essa tarefa que é imprescindível que vocês tragam semana que vem.... E vão me falando.... Crítica, sugestões... e, assim vai, tá? Tá certo? Eu queria trazer mais, pensar a rede, sabe? Quem se interessa por desenho, aonde por ir... Curitiba tem a Fundação Cultural.... Tem que colar esse papel que ficou comigo.... Que a Luiza me deu....

?: isso!

Karoline: talvez grifar com marca texto, né? Pra chamar a atenção...

?: pode ser! Tem que ver o que que tá disponível ainda pra matriculas, né?

Karoline: sim! E, também penso... além disso... trazer alguns livros, algumas referências de artistas e trabalhos pra gente comentar. Só que o desenho acaba sendo mais difícil...

Bernardo: mas, eu só queria fazer um comentário: achei você muito interessante. Muito bacana o jeito de você se expressar e....

Karoline: tento...

?: você mantém a nossa atenção!

Bernardo: e isso cativa, né?

?: é verdade!

Bernardo: muito bacana!

Karoline: tomara que... bom... isso se mantenha! Bom, se tiver novos interessados...

Bernardo: você é muito interessante! Muito bom!

Karoline: obrigada, Seu.... Obrigada! Então, acho que essa lista fica com o senhor, né? Porque ela falou pra colar ali...

?: é... né Bernardo? Acho que foi comentado até na jardinagem vai ser colocado, assim.... pras outras pessoas... terem acesso, né?

[Inaudível 01h57min17s]

?: Meu deus, vou escrever do lado mais sem...

Karoline: com o teu traço... porque eu deixei isso aqui muito rustico, percebe? Um risco...

?: se eu der futuro nesse aprendizado aqui é sinal de que é a salvação....

Karoline: ah, e uma outra coisa que é interessante é a gente parar e circular na sala e voltar pro desenho depois.

?: Karoline!

Karoline: oi!

?: isso daqui também vai ser bem útil porque você pode desenhar no pano de prato... porque eu peguei já pronto, né?

Karoline: prato você não pode desenhar luz e sombra... porque se não fica... mas você pode fazer contorno...

?: isso, o contorno! Porque essa sombra toda é feita com a tinta, né?

Karoline: que bonito vai ficar!

?: sério, Karoline? Obrigada! Que amor! Aí ela começa... só que daí você faz assim

Karoline: mas, a próxima vez eu acho melhor, é uma trapaça essa luz de fundo... porque a gente fala usar luz e sombra, mas... tem luz ali, ali, ali e elas se misturam... as vezes tem três sombras no mesmo desenho... não ressalta o mais escuro.... torna mais difícil. Eu vou ter que ir arrumando as coisinhas....

?: Ta...

Karoline: Posso deixar mais um papel pra quem quer fazer....

?: pode! Você deixa um lapisinho comigo, Karoline?

Karoline: Deixo um lápis pra cada um...

?: Porque eu não tenho... eu não tenho esse lápis bonzinho...

Karoline: Ninguém quer uma folha grande?

?: Não, eu quero uma pequena.

[Inaudível 1h58min45s]

Karoline: papel de esboço... como chama? Papel jornal... não tenho sulfite, mas tenho esse papel jornal

?: aham....

Karoline: de esboço, se vocês quiserem....

?: mas eu quero uma metadinha... igual essa daqui, pode ser? Tem desenho do outro lado também?

Karoline: não, não tem... do outro lado não...

?: então...

Karoline: porque se você quiser, uma vez mostrar pra alguém.... Aí fica os dois... até na hora de guardar... daí vai riscar...

?: exatamente...

Karoline: claro, se é pra economizar....

?: é, é o que eu digo...

Karoline: mas, pra vocês aproveitarem...

?: quero ver o que que o [inaudível 01h59min40s]

Karoline: alguém quer papel jornal?

?: que lindo! Eu queria um igual a esse meu....

Karoline: ninguém quer papel jornal?

Luiza: não... ai que lindo! [Inaudível 1h59min52]



Karoline: é um kiwi forte! Imponente.... [Inaudível 1h59min58s] é mais masculino [inaudível 1h59min59s] mais feminina, né?

?: é verdade, né?

Karoline: pensou em cortar ao meio?

Bernardo: artesanato...

?: é... não precisa ser tão grande, né?

[Inaudível 2h00min10]

Karoline: é mais barato comprar e cortar do que um só.... Você quer assim ou você quer o outro?

[Inaudível 2h00min18]

Karoline: ah, então eu posso te dar o A3 dessa vez? [Inaudível 2h00min25]

?: é a mesma coisa se cortar, né? Se cortar uma A4 fica um A3, né?

Karoline: eu acho que dá uma diferença... eu acho que fica mais.... Talvez um pouco mais retangular...

Bernardo: é só você pegar aqui... segunda a sexta-feira...

Karoline: Luiza... vai pegar esse então, isso?

Luiza: Isso.... Mas eu gostaria de levar só metade dele.... mas...

Karoline: não, mas é melhor....

Luiza: então obrigada...

Karoline: e se você quiser.... Experimenta!

Luiza: eu to gostando.... É que a gente.... Por exemplo, eu me sinto um pouco incapacitada... eu fico pensando: “bom, mas eu não vou perder meu tempo, eu vou aprender”.

Amanda claro

Luiza: né que é, Amanda?

Bernardo: é todas as sextas-feiras...

Karoline: qual é seu nome?

Luiza: uma mimosa, né? E aqui uma maçã.... Eu já transferi a mimosa pra cá. Aí esse outro aqui pode ser qualquer outra coisa....

Amanda sabe o que que é? O negócio é que eu acho que você estava usando outra coisa.... A borracha....

Luiza: não pode usar? A borracha?

Amanda não, pode... mas... é mais difícil...

Luiza: não devo...

Amanda eu acho pelo menos mais difícil porque [02h01min25s] papel branco....

Karoline: quer papel?

Luiza: não...

Amanda: vai borrar pouco....

Luiza: é verdade...

[Conversa inaudível]

Luiza: é verdade, Amanda... tá certinha você.... Não... então eu vou tentar deixar branquinho aqui... eu vou escutar teus conselhinhos porque você já tem uma boa base, né?

Amanda: eu usava e eu achava que nunca ficava bom... aí eu desisti....

Luiza: aham...

Karoline: banana é legal.... Se vocês quiserem fazer vários desenhos assim, com o que vocês quiserem....

Luiza: aham

Karoline: todo dia a mesma banana.... Desenha num dia, na terça, na quarta, na quinta... a banana vai criando.... Ela vai se transformando... pretinha... e assim vai...

Luiza: sim....

Karoline: todos esses detalhes vão aguçando a nossa sensibilidade para ir pro artesanato, sabe? Então, é interessante... se vocês quiserem fazer essa atividade de... todo dia a mesma... então, a cebola... não gasta a cebola...

Luiza: tá...

Karoline: eu aconselho

Luiza: não cozinha as cebolas, deixa elas ali só pra modelo, né? Pra modelo.... Eu vou ficar com o 6B, essa daqui, olha!

Karoline: já pegou?

Luiza: posso ficar com ele?

Karoline: sim! E papel você já tem, né?

Luiza: papel eu já tenho... olha, esse daqui é um B simples.

Karoline: já pegou? Antes que eu guarde?

?: Não...

Karoline: pode escolher um lápis...

[Conversas inaudíveis ao fundo]

Karoline: é o normal? Ah.... Prova o outro...

Luiza: esse aqui você me empresta e eu te entrego na outra semana, pode?

Karoline: pode sim...

Luiza: obrigada!

Karoline: então, eu só preciso acelerar....

Luiza: tá certo.... Frutinha... você não vai levar alguma parte delas? Vou ficar com essas duas que são as que eu to copiando....

Karoline: isso... espero que tenham gostado! E, vamos embora!

Luiza: tá....

[Conversas inaudíveis ao fundo]

?: tenho uma pergunta!

Karoline: pode falar...

?: vai ser usado onde?

Karoline: então, esse áudio vai ser transcrito, pra pesquisa.... É uma pesquisa para ver de que forma o uso de arte pode ou não ser benéfico pra vocês... vai ser apagado, tá certo? E depois eu vou apagar esse áudio! O anonimato vai ser feito porque eu vou trocar o nome de vocês! Por um código!

?: [inaudível 02h03min59s]

Karoline: São 8 encontros...

?: Ah... então até o último encontro vai mudar essa conversa... porque tem mais conteúdo...

Karoline: é...

Luiza: com certeza!

Karoline: vai ser muito bom

Luiza: provavelmente a gente vai ter mais animação... nas outras salas...

Karoline: oi?

?: você vai ter mais trabalho, então?

Karoline: é... isso! Faz parte! Estou indo embora, vamos? Só vou arrumando, gente... porque eu preciso...

Bernardo: [inaudível 02h04min36s] cabeludo? Não é cabeludo.... É peludo.

?: esse é o parente do coco então...

Luiza: quer uma ajuda, Karoline?

Karoline: não, não... é só pra... só que eu vou ter que ir, gente, desculpe!

Luiza: tranquilo... tranquilo...

Karoline: porque senão eu não consigo chegar  
 Bernardo: onde que você vai expor a tua obra? Quer uma ajuda pra levar isso pro carro?  
 Karoline: ah, não se preocupe...  
 Luiza: dá as sacolinhas lá que eu embrulho...  
 Karoline: deixa isso aqui...  
 Bernardo: se você quiser...  
 Luiza: é... fica pra próxima terça....  
 Bernardo: se quiser deixar essas coisas pode deixar....  
 Karoline: pode deixar... talvez eu use ele....  
 Amanda você usa ele na sua pesquisa?  
 Bernardo: onde vai sair?  
 Karoline: o resultado? Então, se tudo der certo com o Comitê... a gente pensou em gravar o áudio e fotografar o trabalho!  
 Luiza: ah... não vai expor o trabalho?  
 Karoline: não, não... isso....  
 Bernardo: vai pra onde?  
 Karoline: Campo Comprido, alguém quer carona?  
 [Inaudível 02h05min58s]  
 Karoline: eu vou pegar o Wase que fala onde tá....  
 ?: o que é?  
 Karoline: é um aplicativo de celular...  
 Bernardo: eu moro ali perto daquela revenda de carro, sabe?  
 Karoline: sei!  
 [Inaudível 02h06min09s]  
 Bernardo: ah, então é caminho pra você  
 Karoline: então vamos... então vou...  
 Amanda posso levar isso aqui, né?  
 Karoline: pode! Só trazer semana que vem...  
 Luiza: não tinha pra embrulhar suas frutinhas?  
 Karoline: tinha, só não sei onde foi... vou colocar aqui....  
 Bernardo: se quiser colocar na geladeira...  
 Luiza: também...  
 Karoline: não, mas aí vai ter que ser... era pra oficina ou pra comer em casa.. Esse é seu!  
 Luiza: olha lá, Bernardo... que legal! Maracujá é ótimo... esses aqui eu to fazendo...  
 Karoline: Seu Bernardo!  
 Amanda não, eu vou....  
 Luiza: isso, pode levar.. não esqueça seu gravador, né?  
 Karoline: isso... Pronto, acabou....  
 Luiza: tchau!

### Segundo encontro

Karoline: então, vamos iniciar nosso segundo encontro. Eu gostaria que quem é novo, por gentileza, que se apresentasse.  
 Maria: bom, meu nome é Maria...  
 Karoline: Isso! se apresentasse, falasse um pouco das expectativas... a gente falou um pouco sobre o que ela é, mas um pouco sobre o que vocês queriam dela.  
 Maria: bom, meu nome é Maria. Pertencço ao CAPS [...] e a Associação. O meu objetivo nesse curso é aprender a fazer alguma coisa [risos] porque eu não tenho muitas características assim.... muitas habilidades como a maioria.... mas eu sempre me

interessei, pela pintura em si... sabe? O desenho em si. Então, se eu conseguisse fazer algo em relação a isso eu ia me sentir muito feliz.

Karoline: tá certo. Beleza. Quem mais gostaria de falar?

Isis: meu nome é Isis. Eu também sou do CAPS [...]... gosto muito de Artes. Gosto muito de saber coisas novas. Aprender, né? Então, meu objetivo é cada vez mais agregar conhecimentos, né? E...

Karoline: o que que você gosta de fazer? O que que normalmente você faz?

Isis: olha, eu faço pintura em tecido, né? To começando lá no CAPS pintura em tela... já pinte cerâmicas... enfim, gosto muito de pinturas.

Karoline: pintura especificamente?

Isis: pintura especificamente... gosto de pintura. Também sei um pouco de crochê, de tricô, culinária.... tem um montinho de coisinha que eu sei. Eu gosto muito da cozinha, né? Quero retomar essas atividades que eu tinha, né? Então, assim.... a gente como dona de casa gosta de, né? Gosto muito de decoração, jardim. Esse tipo de coisa, né? Então, estou cada vez buscando mais conhecimento. E o que tava esquecido, tô recordando. Porque muita coisa eu esqueci. Vai ficando apagado devido ao uso, né? No caso do álcool [inaudível 02min33s] então, né? Agora eu tô me reabilitando. Tô muito contente de...

Karoline: mas a [inaudível 02min44] não perde o jeito pra artesanato, né?

Isis: não... a gente aprende, começou, né? Um dia aprendeu, né? Começa de novo... até eu gosto de música, né? Quero ver se retomo também na música, né? Tocava algumas coisinhas, né? Alguns instrumentinhos... então quero ver se também quero entrar na música, né? Fazer um.... começar a aprender na música...

Karoline: você gosta de cantar ou você toca algum instrumento?

Isis: violão, teclado... tocava na igreja. Então, pra mim é depois.... primeiro uma coisa depois a outra, né?

Karoline: sim... espaço....

Iris: meu nome é Iris faço CAPS... do [...]. Eu também me interessei por esse curso porque eu quero ter mais conhecimento também... gosto muito de desenhar e de pintura. Eu até desenho uma coisa... pego e amplio, né? Faço desenho, né? E faço assim....

Karoline: me conte, você reproduz fazendo os quadrados ou você reproduz a mão livre o desenho?

Iris: as vezes eu tento a mão livre...

Karoline: que legal.... você faz desenho? Alguma coisa com pintura?

Iris: é pintura... porta-retrato... lá no CAPS quando tinha na terça-feira, sempre nas terças, né? Então, tinha oportunidade da gente desenhar e fazer pintura com lápis... as vezes eles também liberavam com tinta.... eu fazia a lápis, o desenho....

Karoline: tá certo...

Luiza: posso me apresentar de novo?

Karoline: é importante... ou vamos todo mundo se apresentar de novo? Se não, não vai ter entrosamento nesse grupo.... vocês se apresentam?

Luiza: meu nome é Luiza. Eu faço CAPS [...], eu gosto muito de artes. Assim, de tudo praticamente.... de caixinha, de pintura, de vini, tudo... o que puder fazer, inventar... aqueles fechinhos de jornal.... gosto demais de fazer com as mãos e ver o trabalhinho pronto, né? Como eu estou voltando pra minha vida normal eu quero... isso aí dá muito prazer, muita alegria... me dá vontade de viver novamente. De ficar desse lado do mundo, de não ficar com aquela fantasia.... que a arte dá isso, né? A gente parece que fica viajando.... tudo que eu puder aprender novamente e ensinar, eu gostaria de fazer. Por isso que eu estou aqui.

Karoline: Pessoa externa?

Pessoa externa: então, eu vim aqui pra mim ver mais pra... pra mim pro negócio do serviço mesmo, né? Pra fazer mais na área do serviço... esse curso aí pra mim....

Karoline: você trabalha? Você tem interesse em arte ou artesanato? Você faz alguma coisa?

Pessoa externa: quem eu?

Karoline: aham...

Pessoa externa: pintura....

Karoline: ah, você pinta? O que que você pinta?

Pessoa externa: é... casa..

Bernardo: ah, você é pintor de casa? Que CAPS você é?

Pessoa externa: que? [...].

Bernardo: como é teu nome?

Pessoa externa: Pessoa externa.

Karoline: tá certo... você pinta casa...e aí é diferente tipos? De textura e etc?

Pessoa externa: não, só pintor normal mesmo....

Karoline: pintura lisa? Grafiato e essas coisas?

Pessoa externa: não, pintura lisa mesmo...

Karoline:e tem que ter um acabamento muito bom, né? Um cuidado....

Pessoa externa: é verdade.... tem que lixar e pintar certinho....

Karoline: colocar a fita....

Pessoa externa: é verdade.... fazer tudo isso aí

Bernardo: já pensou pegar uma pintura num apartamento e fazer uma paisagem? Que legal, hein?

Pessoa externa: então, eu tô querendo fazer um curso assim e tal...

Karoline: você?

Liz: meu nome é Liz e eu gosto muito de aprender nas oportunidades que eu tenho, eu sempre tento ir até o final. Seja o que for.

Karoline: teu interesse é? Você tá fazendo algum curso de pintura?

Liz: pintura....

Karoline: lá também... e nessa oficina, qual que é o teu interesse de participar aqui nessa oficina?

Liz: pintar quadro, pintar tela.

Karoline: tá certo...

Vera: uma pergunta.... onde você aprendeu? Que você falou que...

Liz: [inaudível nome da instituição 07min37s] perto do BIG...

Vera: ahhh tá...

Karoline: e são vários cursos lá, né?

Liz: tem vários cursos...

Luiza: é o antigo Portal do Futuro de certo, né?

Liz: não, é tipo uma faculdadezinha lá.... tem inserção dos CAPS, de pessoas com deficiência física.... uma variedade de cursos.

?: é bom saber, né?

Luiza: era bom se você tivesse um papelzinho e trazer, né?

Liz: pois é! Quinta feira eu vou lá e trago um papelzinho....

Luiza: Isso... aí a gente também tem conhecimento...

Karoline: Ok

Vera: Bom, meu nome é Vera... faço parte do CAPS [...]...gosto muito de arte e tal.. quando eu comecei a mexer com artes lá descobri também que eu tenho jeito.... e aprimorar, né? Que por mais que a gente saiba [inaudível] um novo aprendizado... e

também serve pra alguma coisa, né? E ficar mais [inaudível] eu tenho mania de começar as coisas e não acabar... eu quero pegar ritmo, assim...

?: é tem que trabalhar isso... é pra isso mesmo, exercitar....

Vera: exercitar... quando a gente tava no CAPS lá, o trabalho que a gente fazia eu consegui terminar, né? Mas lá em casa.... eu já divago as coisas, né? Dependendo da vontade, né? Então, você...

Karoline: olha, vai ser uma oficina curta! Então, é mais fácil.

Vera: é...

Karoline: Amanda...

Amanda eu vim do CAPS [...] ... eu gosto também de artes. Queria aprender umas coisas que eu gosto de fazer, e... também como ele disse... eu acho interessante o [inaudível] de artes também. Aprender uma coisa melhor a gente pode fazer de tudo. [inaudível]

Karoline: diga....

[inaudível]

Karoline: a ideia é que com a oficina, na questão de aperfeiçoar seu trabalho de artesanato... é a gente criar mais autonomia, né? Pra desenvolver seu trabalho ou em grupo, ou sozinho.... em casa ou individualmente, e assim vai... mas [vozes atravessadas]

Bernardo: nossa intenção aqui todas as pessoas que querem fazer os cursos... que possa gerar alguma coisa de renda a gente vai fazer sim.... como jardinagem, pintura... futuramente, assim que vocês se formarem aí... a gente vai pensar nisso aí....

Vera: [inaudível] acabou o de pintura já vai..

Bernardo: é... mosaico, vamos ter uma série de coisas... então, vamos agregar mesmo, né? Conhecimento... e a intenção nossa, vocês tavam aí falando um negócio de encaminhamento e tal, isso aí pra gente não tem como, sabe? O que a gente pode fazer é um grupo de geração de renda... e você fazer parte e a gente vir a vender esses produtos....

Pessoa externa: é verdade, porque se fizer igual uma equipe, todo mundo ser uma equipe aí dá pra montar e fazer todo mundo junto.

Bernardo: é na Associação que tudo começa... o que for feito pra geração de renda, sabe?

Pessoa externa: e o diploma... o diploma... se você pegar o certificado aqui você consegue entrar num lugar, né... já é uma indicação. Porque com o diploma na mão você consegue entrar numa renda também...

Bernardo: isso também...

Pessoa externa: a gente tá aqui nesse objetivo também, né

Karoline: sim... ao invés dessa oficina trabalhar especificamente uma coisa de arte, então... “essa é uma oficina de bordado” ou “essa é uma oficina de pintura em tela com tinta tal” específico... a gente vai querer.... a nossa proposição é, a partir do interesse de cada um, a gente pensar como que a gente pode melhorar o nosso trabalho. De certa forma, andar com as próprias pernas pra quando a gente não tiver dentro desse espaço, do grupo... a gente saber onde procurar onde se especializar em tal tipo de pintura e assim vai... eu sou artista plástica, tenho formação em pintura... então nessa parte eu posso auxiliar, então posso levantar alguns pontos, além da técnica especificamente... como pensar arte.... que nos ajuda a pensar nosso trabalho artístico. Que é o caso do exercício que a gente fez na semana passada.... de observação estética. A gente pegou... nós trabalhamos com desenho, conversamos sobre desenho... características de como se estrutura o desenho, linha, traço, tipos de traço... com grafite e papel... mais simples e mais básico não existe, né? De mais fácil acesso... e a partir disso a gente fez um

exercício de observação estética de frutas... cada um fez e escolheu uma fruta... depois de muito tempo observando, sob diferentes ângulos, a gente fez o exercício de representar isso no papel... qual é o objetivo dessa atividade? Pra que que isso vai me ajudar a desenhar uma fruta? Ora, o exercício de observação estética... que você vai pensar um objeto de diferentes ângulos... te ajuda a pensar depois quando você for fazer o seu trabalho. A tua fonte de inspiração... por exemplo... a Luiza eu vi que você começou... ah, o teu retrato sumiu? Ela tava fazendo agora a colmeia. Ela sabe fazer quadro com pintura, ela tava retratando... ela tava desenhando flores e a colmeia com as abelhas.... o exercício de observação estética, de flores, por exemplo... te possibilita você não sempre desenhar, fazer... pra não fazer aquela pintura de flor padrão, sabem? Aquela que você fecha os olhos e pensa uma flor... pá! Bolinha.... certo? Mas você pensar outras possibilidades. Quando a gente... olha que lindo esses detalhes. Então, o exercício de observação estética ajuda a gente a pensar nossa fonte de inspiração... quais tipos de flores tem? O que me chama a atenção? A cor? A forma? O cabinho? A pétala? O que que o meu trabalhar... esse pano de prato... pra que ele fique... então, a observação estética ajuda no artesanato também, embora pareça distante... essa atividade ajuda a gente a melhorar nosso desempenho no trabalho de artesano... com esse objetivo... como eu posso desenhar um tipo de pétala sem fazer sempre a mesma pétala? A gente acaba se fixando sempre em formas padrão... ou, a casa... a famosa casa... aquela casa que você faz na escola, padrão... lição de casa.... e a gente pensa de diferentes formas. Vocês... temos a Amanda, Luiza e a Vera que estavam na semana passada... como que foi a atividade de vocês, igual vocês Amanda e Luiza... sobre a atividade, como que foi fazer? Se vocês puderem mostrar, apresentar... falar a fruta, qual é a característica da fruta que chamou a atenção de vocês... que isso faz parte da observação, característica do que chamou atenção, dificuldade... o que gostou e o que não gostou... e como que vocês pensaram o desenho... pode ser?

Amanda O meu desenho é uma cebola... eu vou explicando porque teve gente que falou assim: “que bonito que ficou o dente de alho”. [risos de todos]. Tem listrinhas, né? Que eu achei legal... do que fazer em linha reta, pareceu mais fácil... pegar de dois lados, aqui e aqui... com umas técnicas diferentes aqui... esfumado assim com o dedo... eu tentei fazer em tamanho natural, aí sobrou muito espaço... aí fiz a mesa. Esse é o desenho....

Luiza: bem minuciosa, né? Ela conseguiu pegar o todo... eu me fixei só na fruta.

Pessoa externa: olha, a data ali tá errada, hein? É dia 23 hoje, né?

Karoline: é, hoje é dia 23.

Pessoa externa: hoje é dia 26...

Karoline: ah, dia 26 é o dia que foi autorizado pelo Comitê de Ética e o papel do termo de consentimento... dia 23 é o dia de hoje que você vai assinar. Amanda, você falou que uma coisa que incomodou é que acharam que é uma cabeça de alho e não uma cebola.

Por que que você acha que aconteceu isso?

Amanda talvez porque eu fiz muito pequeno, né?

Karoline: porque de certa forma as cabeças são parecidas, né? De alho e cebola, se a cebola é pequena... e a cebola era pequena. A cebola não era uma cebola rechonchuda, gordinha.

Amanda era bem desse tamanho... pequena mesmo, né?

Isis: é que lá é mais chatinho, né? Mais...

Karoline: assim, né? Ela tem uma...

Isis: é como tá ali, né?

Karoline: o volume... a Amanda realmente desenhou a cebola tal como ela tava lá, pequenininha... e com o cabinho e com as raízes. Mas uma coisa que talvez a gente

pudesse... se quisesse pensar a cebola, a diferença da cebola... seria a luz! A cebola tem... isso é difícil... uma casca que brilha. Quando pega luz ela brilha e é mais lisinha. O alho ele é mais áspero, né? Mais opaco...

Vera: verdade...

Karoline: já que é um desenho sem cores se torna uma tarefa mais complicada... você traduzir que é uma cebola pequena e não um alho. Não é verdade?

Liz: eu já colocaria o nome do lado! Cebola! [risos de todos]

Luiza: verdade....

Bernardo: você faz uma cortada no meio... com uma pessoa chorando....

Liz: exatamente...

Bernardo: são detalhes! Mas, pra mim é uma cebola...

Liz: pra mim é uma cebola também...

Bernardo: e tá muito bem desenhado.

Amanda vocês viram a cebola então?

Karoline: sim....

[vozes atravessadas]

Liz: cada dentinho, aparentemente, as vezes sai um cabinho... sabe, ele tem esses gominhos de diferença... a cebola não, ela já é mais

Bernardo: e não tem essas raízes...

Karoline: observe que a Amanda usou de diferentes formas... lápis...

?: Bom dia, bom dia...

Karoline: bom dia... uma parte esfumada... a outra parte com as ranhuras... usou o grafite de forma leve.... pesada... então, a gente tem diferentes tons de sombra.... isso é muito bacana.

Vera: o que faz lembrar do alho eu acho que foi o cabinho ali...

Luiza: o de cima, né? Que fica meio tortinho quando ele vai brotando... ele fica muito tempo na fruteira ele vai brotando....

Karoline: porque aquela cebola era assim... se for ver, era assim... com todos os detalhes... tava ganhando...

Liz: eu tenho uma pergunta a fazer...

Karoline: fale...

Liz: e se a pessoa não tem entendimento, sabe? De sombra, de como usar os lápis... como faz? Não faz?

Karoline: a gente faz com o que a gente tem...

Liz: porque eu não sei usar... eu só sei...eu não sei desenhar uma cebola... se eu sei...

Karoline: semana passada a gente falou um pouco sobre... a gente pensou, de modo rápido, né? Porque existe um curso pra trabalhar desenho... agora a gente começou em um ponto pelo desenho... tem possibilidades.. então o que a gente falou é que podemos fazer de diferentes modos com esfumado, com sombra... ou a gente pode trabalhar com linhas... sobre esfumado com o dedo, ou com o esfuminho.... mais chique usar o esfuminho...

?: usar o que?

Karoline: esfuminho... o pessoal que tá nas praças e geralmente faz aqueles auto retratos.... a carvão... que a gente tem aqui, inclusive... na sacola, a carvão... eles usam por exemplo pra deixar o olho bem branquinho... fazer a sombra bem irregular, né?

Bernardo: é esfuminho?

Karoline: esfuminho! De esfumar, sabe?

Bernardo: esfuminho?



Karoline: é.. é um palitinho, sabe como se fosse aquele palito de cutícula? Que se coloca o algodão? É parecido.. desse branquinho, assim.... mas peludinho. A nossa Amanda é formada em educação artística. Então, ela desenha muito bem!

Luiza: é bem bonito, né Amanda? Com a sombra e tudo... a gente olhando assim...

Karoline: você ficou satisfeita com a sua cebola?

Amanda eu não fiquei muito porque confundiram ela...

Karoline: mas, tirando o que falaram do seu resultado, você gostou? Ótimo. Bacana.

Bernardo: diz que na pintura a gente tem que assumir o que faz, né? Ficou bom ficou ruim, né? Na fotografia também...

[vozes atravessadas]

Luiza: olha, realmente....

?: é uma batata?

Luiza: alguém tem mais alguma opinião?

?: macarujá...

Bernardo: isso é um coco!

Liz: aquele negócio que a gente tira os gominhos, como é que é? [inaudível] aquele outro verde.... que... alcachofra!

Luiza: nossa, olha! Alcachofra!

Bernardo: aí que é o pepino, hã?

Luiza: então, por incrível que pareça essa maior é uma maçã e a menor é uma mimosa. Queria desenhar dois! O que que fiz, né?

Karoline: É... já dois, né?

Luiza: Eu fiz a sombra e tudo, mas eu não tenho conhecimento de técnica, de nada... eu fiquei só pelo que eu olhei. Então, eu tive dificuldade assim... porque a maçã é malhadinha... não sei como fazer aquilo. Ainda mais só em preto, né? A mimosa em si tem aquela entrâncias, né? Eu não sei, porque dá pra fazer isso. Tem pessoas que muito habilidosas e técnicas... que você olha.... meu, é incrível. Eu gostaria de chegar ali naquele ponto, mas é complicado.... não é só olhar e retratar... então, saiu isso e eu levei de modelo. O modelo eu comi. [risos de todos] eu comi meu modelo.

Karoline: não tem problema, não fique preocupada!

Luiza: eu comi...

?: acabou?

Luiza: pois é, menina....

Liz: é que tava sem cabo, né?

Luiza: mas eu fiquei contente... eu olho assim e acho até engraçadinha. Mas, eu gostaria dela ter saído melhor que eu teria me animado....

?: [inaudível] sabe o que? Eu não vou nem gastar folha [risos]

Karoline: Luiza, qual é o elemento da maçã e da mexerica, mimosa, que mais lhe chamou a atenção? Que você achou interessante, da observação que você fez.

Luiza: as formas que elas tem... todas são diferentes, né? Posso pega dez mimosas e uma é diferente da outra, mas eu gostei de ter aquele jeitinho, sabe? De fazer e você sabe que é uma mimosa... na comunidade todo mundo falou que a pequena que é a maçã, não é!

Karoline: é por causa do cabinho, só por causa disso. Vendo de longe, a primeira coisa que aparece é o cabinho.

Luiza: é verdade....

Karoline: é só por causa disso... Luiza, observe o seguinte: você falou que o que te chamou muito a atenção foram as formas...

Luiza: as formas...

Karoline: e se fosse ver, a parte das formas tá muito interessante! Ela tá muito legal mesmo.

Luiza: Ai, como você é animadora.

Karoline: Tire as cores, tire aquelas pintinhas.... as pintinhas da maçã.... com aquelas corzinha no cabinho e pense na forma. A forma você trabalhou muito!

Luiza: é, podia até tirar pra mais aqui, né...

?: Não parece maçã porque você fez um pouco no meio, um pontinho lá mais claro... tem que fazer mais diferente pra parecer uma afundada.

Luiza: sempre tem a diferença, né? Pois é.... esse grande até parece um.... sei lá o que...

Karoline: se você quiser vocês podem.... se vocês quiserem continuar trabalhando com desenho ou ir fazendo, é interessante nesse exercício de observação estética, como eu falei, a gente observar o nosso... o que eu falei... o seguinte, né? Se for levar pra casa é pra ficar meia hora pensando nela, na maçã.... olha de um lado, olha do outro, olha em cima da mesa... sente o cheiro, a textura, se quiser corta... porque a gente pode pensar num desenho cortado e assim.... e assim conhece a maçã mais... você faria Luiza, se você fizesse um pano de prato... fizesse um desenho de pano de prato de maçã, que maçã você... maçã é muito comum quando a gente faz pano de prato... ou fruteira.... você faria da mesma forma como você faria antes? Ou você mudaria alguma coisa? Faria isso aí?

Luiza: não, eu mudaria... colocaria um cabinho, uma coisa que... eu acho que essa parte de cima ela tem um trabalhinho, né... um trabalhinho pra ver aquela entradinha, né?

Karoline: a segunda mexerica.... perceba: você salientou luz e sombra de um, né? Que tem um puxado, podia trabalhar um pouco mais camadas, pra chegar um pouquinho mais.... o intermediário entre o escuro e o branco. Ou, podia carregar um pouco mais o escuro. Se você quisesse terminar, mas o formato que você fez está muito interessante.

Luiza: é?

Karoline: sim, é verdade.

?: dá pra fazer esse aí em casa também.

Karoline: isso!

Luiza: eu não consigo fazer em casa, porque é uma comunidade. São trinta e poucas meninas, como que eu vou me concentrar e fazer uma coisa bem com calma em volta daquela folia? Elas vão dizer: po, é isso que você tá melhorando? A forma? [risos] começa assim.... são crica, não tem como. Eu mal consigo estudar em casa.

Karoline: e, Vera, você fez em casa?

Vera: ficou muito infantil, gente...

Luiza: ah, mas você fez... não faz mal....

Vera: eu fiz, mas eu não... eu vou fazer outro.

Karoline: o que chamou a atenção? Qual a fruta que você pegou?

Vera: a mimosa.

Karoline: a mimosa! Você ficou bastante tempo olhando pra mimosa?

Vera: não, eu não fiz nada disso. [risos]

Luiza: um exerciciozinho lá e peguei e fiz o cabinho branco... eu fiz esse esfumaçado aí...

Karoline: veja o que a gente falou: não é necessário fazer o esfumaçado. Porque a gente pode trabalhar a luz e sombra com ranhura, ou simplesmente fazer um desenho sintético... é um trabalho com representação. Não é o abstrato, então é necessariamente retratar o que tá lá, certo? Mas, pode trabalhar luz e sombra de diferentes formas, né? A ranhura. Um sintético, um desenho mais clean, com as linhas....

Luiza: vou refazer.

Karoline: mas, o importante dessa atividade é a observação. O que eu percebi logo na tarefa é que a gente tá assanhado pra fazer e não olha....

Maria: sabe que você falando... esses dias eu fui lá no Jacomar, na quarta-feira das frutas, e o que me chamou a atenção... tinha uma romã lá, sabe? Eu olhava... fui lá na coisa das carnes, voltei... aí fui lá voltar e ver o pão e não sei o que.... a romã... ela era tão bonita, tão chamativa... que parecia que se você pegasse ela assim dava vontade de comer ela... apesar que eu não tô podendo muita coisa... mas uma coisa assim.... agora que você falou de fruta eu me lembrei daquela romã. Vou passar lá pra ver se eu acho a romã. [risos de todos]. Vai ser interessante.

Karoline: aquela cor.... algo lhe chamou a atenção?

Maria: era assim.... sabe? E não era uma romãzinha, era uma que você olhava e...

Bernardo: era um romãozão...

Maria: parecia apetitosa como se você comer ela...

Luiza: aquele detalhezinho.....

Maria: aquele detalhezinho.... aquela corozinha dela... sabe? Muito linda! Olhei, olhei, olhei pra ela e fui embora.

Karoline: era especial.

Maria: todo mundo passava e olhava...

Karoline: muito bom esse exemplo... porque aí a gente entra no que eu tinha planejado pra falar hoje. É sobre leitura de imagens. O que é uma leitura de imagem, como que a gente faz isso? Uma leitura de uma obra de arte ou de uma imagem de uma obra de arte. Quando a gente pega um livro, a gente não tá falando da obra de arte em si, mas de uma imagem da obra, a fotografia... a fotografia da obra, aí a relação é completamente diferente que se eu tivesse olhando o trabalho tal e qual... quando a gente fala em leitura de imagens, o que que vocês acham que pode ser lido?

?: [inaudível]

Karoline: aham, isso aí! Exatamente observar bem, porque aí que tá o ganho com o que a... como que é seu nome?

Maria: Maria!

Karoline: com o que você comentou, então... as frutas lá no Jacomar, aquelas lá lhe chamaram a atenção... você passou.... você tem noção daquele quadrante que é a maçã... mas que foi aquela lá que lhe chamou a atenção... e você ficou parada....

Maria: me chamou a atenção.... aonde que eu tava eu voltava e olhava....

Karoline: exatamente... claro, muito quieta assim pra não chamar a atenção [risos]

Maria: não, aí eu fui com a minha filha pra comprar um tal de suaçu... não....

Karoline: cupuaçu?

Maria: é... até nunca tinha comido.... tive que olhar na embalagem pra... pra cortar e... coisa horrível aquilo. Nossa, se eu tivesse comido aquela romã...

Karoline: pois é, aí tá a diferença do ver e do olhar.... como a gente pode falar... a gente vive... olha... a gente vê tudo, né? Cada.... você tem noção de todas as frutas que tavam lá.... ali na sua visão.... mas você viu, direcionou o seu olhar... você ficou olhando uma em específico... você pode observar vários detalhes... a leitura estética se inicia pelo que vocês fizeram, Amanda e Luiza, quando vocês falaram sobre seus trabalhos.... é quando a gente vê, fala, observa o trabalho... envolve uma experiência estética... com o trabalho que você tá olhando... passa descrevendo. Por que que é interessante a gente, fazer de volta esse exercício de leitura de arte? Leitura de artesanato, leitura do que foi feito num pano de prato, por exemplo... porque a gente desenvolve uma sensibilidade estética... começa a desenvolver uma sensibilidade pras cores, pros formatos, consegue desenvolver essa sensibilidade estética e começa a falar melhor sobre o trabalho que você tá vendo... o próprio trabalho...

Luiza: eu não sei se o que eu vou falar caminha junto com o que você tá falando...

quando eu comecei a pintar pano de prato.... a principio, é simples pintar as flores.... aí o

cabinho e tal... esse negocio que virou um enxame de abelha era pra ser um botão, né? Aí eu comecei a pintar o botão e senti uma dificuldade... porque eu não sei fazer essas coisas, não é só pintar as florzinhas... a flor você pinta ela e pronto! Mas, por exemplo, aqueles botões.... tem detalhes e tudo, né? Ai tava lá pintando e tal... ai, meu deus! Que confusão.... que confusão que eu entro.... já comecei a misturar, aí ela me ensinou umas técnicas... misturar dentro, né? Miscigena...

Isis: miscigenar as cores..

Luiza: exatamente... fazendo a miscigenação da Isis... não me lembro... de repente foi nesse aqui que me surgiu a ideia da colmeia, né? Tipo aquele negocio ali... meu deus... quero ver se vai... então, vamos lá... aí aquele parecia uma borboleta, aí já virou abelha. [risos de todos]

Bernardo: borboleta virou abelha?

Luiza: eu peguei medo de fazer, Karoline. Vou falar a verdade pra você!

Karoline: ahh.... acredito!

Luiza: mas...

Karoline: tem que entrar na gravura...

Luiza: Exatamente... vai indo, vai indo... até que tá saindo... eu não sei se é essa conversa, se é assim, né? Porque como não foi feito numa sentada, foram várias, vários dias, né? Vai umas duas semanas, né? A depender... [risos de todos] é verdade,

Bernardo... de grão em grão a galinha enche o papo... ele não tá pronto, mas... eu vou melhorando, né?

Bernardo: você fica transformando [risos de todos]

[vozes atravessadas inaudíveis]

Luiza: é por letra....

Karoline: mas, gente... você tá falando de uma angustia que todo mundo que passa pelo processo criativo....

Luiza: ãhn....

Karoline: que tá em frente do quadro branco e começa a trabalhar... ou tem definido e não saiu tal queria... tá com raiva, mas vai ter que terminar isso... porque não pode jogar no lixo... ela que comprou, né? Vai contornar o problema e talvez criar uma coisa nova... o processo criativo pode virar algo programado, mas ao mesmo tempo vai ter que estar aberto pras mudanças, não é mesmo?

Luiza: e aceitar...

Karoline: e aceitar, exatamente...

Luiza: ficar satisfeito....

Karoline: tem que aceitar...

Luiza: porque eu não consigo correr [inaudível], né?

Vera: acho que quem pegar...

Luiza:: eu peguei um pano riscado já...

Maria: desde pequena eu risco lá, né? Eu sempre peguei mar, o barco, o sol... luz batendo na água assim, o reflexo... lua sabe? Eu sempre morei perto duma cidade que o rio cruzava... na verdade o rio fica em volta dela, sabe?

Karoline: qual cidade?

Maria: Uruguiana... então é totalmente outro lado... é argentina e tal... então você consegue ver essas nuances, as estrelas... batendo na água assim... é muito lindo... isso foi uma coisa que eu cresci que desde... sempre quando eu chego pra olhar alguma coisa, que tem feira... eu geralmente vou pra esse lado, sabe? Vou pra onde tem mar, uma água... tem barco, tem lua, tem sol... tem flores...

Karoline: é um tema que te interessa?

Maria: é o tema que me interessa... eu gosto... palhaço, assim, eu já não gosto... uma que eu tenho medo de palhaço... porque eu não faço a menor ideia, sabe? Pessoas assim, sabe? Que não... tem pessoas bonitas, mas eu fico olhando assim.... meio torta.... sabe assim? Eu gosto de uma coisa mais definida assim.... e esse lado, quando eu paro.... eu consigo até entrar dentro da pintura, como se eu tivesse lá dentro... aquele bairro, aquela situação, aquela ilha...

Karoline: mas você para um tempo pra olhar o trabalho, né?

Maria: paro, mas se for outro assim eu já falo: “hm, que legal”.

Karoline: “não gostei”, “não gostei”

Maria: não!

[Risos]

Vera: “que legal, tchau”

Karoline: Isso faz parte um pouco da leitura, leitura de imagem, leitura de um trabalho. Você tá me dizendo, de certa forma, que quando você se interessa... o trabalho chama atenção, ou a temática chama atenção... você para pra olhar mais...

Maria: eu paro!

Karoline: isso... aquilo te toca, né? Aquilo fala algo pra você, né? Isso é experiência estética... agora a gente pode fazer leitura de imagem tanto o que a gente gosta, tanto o que a gente não gosta.... quando a gente fala leitura de uma imagem a gente tá saindo do simplesmente “olhar por olhar”, mas prestando atenção... independentemente se a gente gosta ou não gosta... por que a gente muitas vezes vai no museu? Ela viu o museu inteiro, inteiro... e ficou: 5s. 5s prum quadro, 5s pra outro, 5s, 5s... que nem uma máquina... vendo tudo... mas, de certa forma, nada lhe tocou... porque de certa forma... não se preparou pra olhar aquela imagem... o que que é olhar imagem? A gente pode entrar: o que que faz parte de uma leitura de uma imagem? O que que é olhar uma imagem? É deixar que ela te toque, de certa forma, eu mesma gostando ou não... então, o primeiro passo pra uma leitura de imagem, a gente pode pensar... nos aspectos formais: o que aquilo.... do que aquilo tá falando? O que aquilo tá falando? Olha, existe uma mesa no quadrante superior esquerdo.... que está numa cebola, que em comparação está pequenininha... é pequenininha e tem papel no quadrante superior direito... eu to fazendo a descrição dos aspectos formais de trabalho... eu consigo ver que tem cores preto e branco, com lápis e papel... to falando então dos materiais... eu também posso pensar em coisas que me tocam.... o que que esse trabalho me diz além dos trabalhos formais? Olha que interessante, só pra sacanear... “é um alho ou é uma cebola?”.

Maria: dá pra pensar que essa cebola tocou tanto ela que é tão pequenininha... é tão ardida que faz a gente chorar mais... ela desenhou porque cortar essa cebola... primeira coisa... é o que passa assim....

Karoline: outras pessoas... outras coisas... o que que passa? Aí que tá, a variedade... isso não havia me passado pela cabeça... eu ia falar uma outra coisa, ia falar que tá pequenininha. Porque eu gosto, na realidade, de coisas pequenininhas.... no frango, frango assado. Porque... fica mais doce as pequenininhas, não sei porque.... eu gosto....

Maria: a minha mãe gosta só dessas...

Karoline: cada um traz ideias diferentes da observação de um mesmo trabalho... alguém gostaria de falar mais alguma coisa? Da experiência com trabalho?

Liz: eu sou daquela que passa reto, nem olha.. sou preguiçosa, jamais faria essa análise toda... já até cansei de escutar... [risos]

Karoline: vamos tornar a coisa mais dinâmica! Alguém quer falar algum trabalho desse que chamou a atenção? Alguns desses?

Liz: eu gosto de flores, adoro flores... se tem um vaso de flores eu paro.

Karoline: então, olha que interessante um aspecto... além dos aspectos formais que a gente pode pensar no trabalho, tem a parte da produção dele: quais os materiais utilizados? Que também tem uma coisa que.... olha.... dá uma perspectiva diferente ao trabalho... um tipo diferente. Eu falei da cebolinha. Me deu até vontade de comer frango assado com as cebolinhas pequenas... a leitura de uma obra artística não é como uma coisa que o robô faz... o que tá sendo lido não tá no trabalho, mas tá no que a gente tira dele... tá na relação entre expectador e a obra. Isso é muito legal, porque torna uma variação na interpretação dos trabalhos de arte. Monalisa.... cada um tira alguma coisa da Monalisa.... o que faz cada um tirar uma coisa? São pessoas diferentes.... com uma bagagem diferente, com histórias diferentes... com perspectivas diferente que vão ver aspectos diferentes... sobre o mesmo objeto de arte... então, é uma leitura estética gente... que a gente deve atentar naquele quadrinho, se você olhar... eu fiz antes, porque eu não consegui escrever com letra. Leitura de imagem! Nós temos os aspectos que são os aspectos formais... primeiro: é a observação estética que deve fazer isso... parar, olhar, ver um pouco.... prestar atenção naquilo.... que nem você fala “aquela romã me chamou a atenção, né?” para um pouco pra olhar praquilo e aí pensar: aspectos formais, o que eu vejo daquilo? “a cebola, tatatã, é uma mesa...”. a mesa tá limpa, não tá com pó e sujeira... ao menos que eu veja... parece que é uma fotografia.... uma pessoa que tá andando na cozinha e viu aquilo, por exemplo... os aspectos formais do trabalho: foi feito com linhas, sombra... um trabalho mais sintético.... houve luz e sombra, com cores... depois temos aspectos técnicos: como foi feito o seu trabalho? A gente não viu o artista fazer... mas, a gente pode tirar alguma ideia de como feito? Podem ver que foi feito com lápis... já dá pra tirar...

Dalta: com régua, né?

Karoline: talvez... foi feito com régua? Não!

Dalta: não?

Karoline: ela domina!

Luiza: e tá bem retinho mesmo, né Amanda? Dá pra ver que você....

Isis: fez a mão livre?

Karoline: a mão livre! Por onde será que a Amanda começou o trabalho dela?

Dalta: eu acho que pela cebola

Luiza: eu também acho! Até porque eu tava do lado dela! Foi pela cebola, né Amanda?

Eu tava do lado....

Karoline: pra depois colocar espaço...

Luiza: colocar a mesa....

Karoline: isso também faz parte da observação... a gente pensar na feitura...

?: eu não entendi aquela cebola, parece que ela tá suspensa na mesa...

Karoline: suspensa?

?: ou é impressão minha?

Karoline: eu acho que é impressão... sabe por que? Por causa da safadinha dessa luz aqui... fez com luz, mas não com luz direta... não tem uma luz que dê luz e sombra... tem uma luz aqui, uma luz aqui... então, a mesma cebola tem uma luz aqui... uma luz aqui.... uma sombrinha aqui... e nada muito, sabe? Então, por isso parece que tá suspensa. Porque tinha sombra aqui e aqui, não é verdade? Então, temos esses aspectos e temos aspectos da intenção do artista... a gente pode pensar, quando a gente estuda arte, de ver qual que é a intenção?

?: olha, aqui, por exemplo, eu só enxergo o cavalo.... os outros eu nem olho... aqui o rapaz [vozes atravessadas, Bernardo ao telefone e impressões de imagem]

Karoline: vamos, então... falar um pouco sobre leitura de imagens a partir desse trabalho? Podemos fazer? Enquanto a gente faz do nosso exercício... a gente não

consegue muito abordar momento histórico, quando foi feito... porque se trata de um exercício, né? Mas, quando se trata de pintura histórica... tem todo um enredo por trás, não é mesmo? Então, querem passar pra dar uma olhada? Ou a gente fica parado olhando? Trata-se de uma imagem de uma obra de arte... se eu tivesse vendo ela tal e qual na minha frente, a minha relação seria diferente, não é? Nem sei qual é o tamanho dela, se o quadro é desse tamanho só.... vocês iam ficar até decepcionados de encontrar ela no museu com esse tamanhozinho, né? Ao mesmo tempo, se fosse do tamanho, da altura quase dessa parede.... acontece... vocês iam ficar assustados e dizer: “meu deus... é desse tamanho? Eu vim olhando daqui....” mudou completamente meu jeito de ver o trabalho... se é tão gigante assim.... então, essas são apenas uma imagem de uma obra... que tamanho? 70x67.... tamanho daqueles... comuns, né?

Luiza: normais....

Karoline: alguém quer falar sobre a obra? O que vocês estão vendo?

Maria: olha, eu vejo que esse rapaz tá meio sensualizando... né?

Bernardo: na verdade, eu acho que é meio um boiola, né? Isso é um detalhe interessante....

Maria: olha, eu vejo o aspecto dele.... com a boca meio aberta... aquele olhar meio lambido assim... segurando aquela cesta de fruta... é... eu vejo que ele tá assim....

Bernardo: como arte é muito....

Isis: tá tentando conquistar alguém, né?

Maria: é... meio que como um êxtase, sabe? Meio “nossa, vou levar essa cesta de frutas”

Bernardo: pro meu namorado....

Maria: é... [risos] acho que eu nem devo olhar muito na cesta de frutas... é muito bonita, com muitas flores... tem uva... hmmm, adoro uva e pêssego.... nossa, ótima delícia, né?

Mas, eu vejo assim.... não sei se é isso que é pra ver...

Karoline: sim, o que mais vocês querem falar?

Isis: eu penso quanto tempo ele demorou pra pensar isso... porque é trabalhoso, né?

Luiza: e a sombra não tá inteira... não tá assim picotadinha.... totalmente fechou, né?

?: ela tá tipo um pano de fundo, né?

Luiza: é, isso...

Bernardo: mas a perfeição... né? Você diz...

Maria: é... mas, esse trabalho é uma coisa de meses, né? Nem sei quanto tempo demora pra fazer uma obra dessa... mas, eu acredito que seja uma coisa assim... longa....

?: bom eu pra pintar uma flor tô demorando uma aula inteira, então... você imagina um quadro....

Maria: é, você imagina? Uma coisa bem trabalhosa... não sei se eu teria... acho que não....

?: e eu estou sonhando em fazer...

Karoline: você começou a falar que queria sabe como que ele fez... os aspectos técnicos... como será que ele fez?

?: primeiro ele teve que imaginar a cena, né?

Vera: eu imagino que ele tenha um modelo.... um rapaz de modelo...

Maria: é, geralmente eles... eu acredito que eles pegam um modelo direcional... aí tem que ver a luz exatamente... a hora que vai pintar pra saber... pra fazer... essa luz e tal... então, eu acredito que seja assim... e, por onde começa? Primeiro você vai fazer o contexto que é o detalhe do rapaz... e da cesta... porque é nisso, pelo visto, que ele quer trabalhar, né? Depois vai colocando a luz... no caso do rosto dele, né?

Vera: eu não sei se é só o cesto, se não é o rapaz ali no caso também... porque tem muito detalhe ali também... até do corpo...

Maria: na verdade, eu acho que é mais o rapaz...

Vera: é o rapaz....

[vozes atravessadas, inaudível]

Luiza: é uma pessoa, né?

Isis: a pintura, da barba e tudo... como que foi feia, né?

Karoline: o que a gente pode tirar desse trabalho? Que mensagem? Tem alguma mensagem nesse trabalho? Veja, não é que a mensagem está no trabalho.... mas, o que a gente pode tirar dele na nossa observação? Não tem certo nem errado, entendem? Numa leitura não tem certo nem errado.

?: O Bernardo....

[vozes atravessadas, inaudível]

Luiza: é uma oferta... parece que tá assim.... tem outra palavra pra isso, sabe quando você tá assim...quer agradecer uma pessoa?

[vozes atravessadas, inaudível]

Karoline: tá parecendo a pessoa a fruta ali...

Luiza: parece que você quer dar um presente pra alguém... que você quer...

Maria: presente é geral, né?

Bernardo: o que que chama atenção nessa pintura? O que que chama atenção nessa pintura?

Karoline: a leitura de imagem....

Bernardo: o que que você olha nessa imagem?

Maria: os traços...

Bernardo: é igual foto... o que que chama a atenção?

Maria: feminino é feminino...

Amanda eu acho que o pintor tem um certo gosto por esse tipo de retratação.... porque é isso que chama a atenção pra ele...

Bernardo: e ele só desenha homem, né? Só homem...

Amanda e parece que ele era gay mesmo, né?

Bernardo: é....

Karoline: falando sobre o contexto histórico, ele é italiano, do período barroco... ele que vai começar a desenvolver um tipo de técnica que a gente chama de madeirismo, né? Então, Caravaggio é um realista, mas dentro do realismo... tem o barroco, tem o clássico... com nuances de diferença, então... então vocês tem vários elementos que fazem todo sentido quando a gente estuda o barroco... então, a gente tá falando do contexto histórico... vocês falaram que parece uma cena montada... sim, era feito com modelo... primeiro desenho de esboço, desenho por detrás do trabalho, era ser estudado a luz, né? Inclusive, a luz bate de frente pra saltar a imagem dele... é uma afronta...ao mesmo tempo, atrás, ao mesmo tempo... pra fruteira... então... não tá no quadro que tá ali atrás... o que que tá ali na parede.... não... é tudo ofuscado pra dar atenção a essa figura.... é ele e as frutas... e tem aquele olhar que de certa forma pega o expectador, né? Fitando o expectador ou tá fitando a pessoa que pinta, né? Com ar de oferta... de certa forma, me lembrou isso também... não sei se tá oferecendo a fruta ou é eu que tô me oferecendo...

Maria: acho que é os dois, né?

Karoline: então, quando a gente fala de... comparando o que a gente fez da primeira impressão do trabalho com o que agora a gente observou... que a gente fez um pequeno exame da imagem... mudou alguma coisa?

?: a maneira de ver...

Maria: eu tô vendo a mesma coisa... que ele tá se doando...

Bernardo: eu também tô...

Luiza: ah.... se ama, né?



Isis: dar mais, se dar mais...

Karoline: sim...

Maria: interessante que o artista capitou que o menino tá oferecendo tudo, né?

Luiza: é um presente, né?

Maria: é uma junção...

Karoline: olha que a gente nem leu o título! *Rapaz com cesto de frutas*... eu também não li aqui a descrição... que normalmente tem um crítico que vai a análise da obra... em relação ao contexto histórico... os aspectos formais... mas, é interessante ver que mesmo com o contexto histórico... o que os críticos de arte falam e etc... cada um, conforme a sua experiência com o trabalho vai ver coisas diferentes... aí que tá a encrenca disso... porque a leitura que eu faço hoje do... desse.. do Caravaggio é diferente do que alguém faria na segunda guerra mundial, ou em algum outro momento histórico, por exemplo... dependendo do período em que foi feito... da experiência, da observação estética... isso muda... também dependendo do espaço... eu to olhando pra ele aqui ou olhando pro trabalho pessoalmente? Isso a gente pode tirar mais um exercício...

podemos fazer mais um? Rosto... abstrato? Esse rosto eu vi pessoalmente! A experiência estética, a experiência de observação... no trabalho da minha frente... é completamente diferente do cartão postal e disso daqui. Completamente diferente, completamente diferente... então, o que ele faz? Bom... eu não vou falar nada, primeiro a gente vai olhar, né? Então, eu vou induzir... alguém quer escolher algum trabalho?

Luiza: eu queria ter trazido hoje um livro que tem várias ilustrações de pinturas só com lápis... e, é assim... é vale... é deserto... daí tem dunas... eu acabei esquecendo, eu vou trazer na próxima aula... só com lápis... como é que pode ter sabe aquele contorno, forma? Muito interessante...

Karoline: o lápis... ele é um instrumento bem democrático... e você consegue...

Luiza: fazer de tudo, na verdade...

Karoline: tem diferentes tipos de desenho... diferentes...

Luiza: então, ele tem diferentes... deve ter uns cinquenta... uma diferente da outra... só no lápis

Karoline: isso pode chegar [inaudível] só com o lápis...

Luiza: é muito, muito interessante... muito bonito também...

Karoline: é diferente dos que eu tinha visto... isso da carreira dele... é do início da carreira dele... *Aquarela sobre papel*... pegou um trabalho que chamou a atenção sua... pra mim não chamou a atenção, eu gostava daqueles outros...

Luiza: o colorido?

Karoline: aham... então, vamos dar uma olhada... querem que eu passe? Não, melhor deixar aqui, né? Se vocês quiserem se aproximar... normalmente tem dimensões bem grandes, esses trabalhos... é 100x65

Luiza: não tô vendo nada...

Karoline: maiorzinho...

Luiza: o que que é? Uma lichia ali em cima?

Vera: é porque tem várias coisas, né?

Maria: é porque não é nada, é abstrato...

Luiza: ah é?

Vera: mas tem forma... tem... tem um bichinho ali, olha...

Maria: eu vi um passarinho, uma coisa que eu vi ali de longe...

Luiza: Pegue ali de cima pra gente ver... parece aquela borboleta que virou abelha...

[risos] não é verdade?

Amanda a Luiza é especialista nisso...

Maria: olha, o seu trabalho é abstrato...

Bernardo: agora é uma abelha...

Luiza: deixa eu terminar outro.... [risos]

Karoline: a pintura diz tudo! Não é porque eu julgo 'não gostei' que a gente não pode fazer esse exercício... é muito mais fácil a gente fazer uma coisa que a gente gosta e chama a atenção.... que me pescou...

Maria: interessante que de longe você enxerga uma coisa bem diferente... o passarinho que eu tinha visto de longe... quanto eu cheguei perto ele ficou parecendo um beijar flor... porque...

Luiza: um bambi....

Maria: é... parecia uma coisa... parecia um desenhão.... e depois

Vera: não tem forma, provavelmente....

Karoline: o que que vocês veem?

Luiza: dá pra ver várias coisas... eu acho, né?

Maria: eu vejo tons de areia... gelo... com as pinceladas...

Vera: a parte debaixo parece embaixo... reflexo da parte de cima.... né que é?

Luiza: isso...

Maria: parece aquele desenho que você coloca algo embaixo e começa a passar com o lápis? Aí parece que depois... 'nossa, de onde que surgiu aquilo?' parece uma coisa assim....

Vera: parece que tá na água assim, sabe?

Maria: Isso...

Bernardo: uma miragem....

Karoline: é e não é...

Bernardo: é miragem...

Maria: é, porque do meio tem um meio ali sem nada... a [inaudível] tá coincidindo, né?

Karoline: não é bem igual, né? É parecido, mas não é igual...

Bernardo: isso aí tem um nome, né? Esse tipo de pintura...

Karoline: pintura abstrata?

Bernardo: é abstrata isso aí, né?

Karoline: é abstrato.... Holt é um pintor abstrato... um expressionista... ele se enquadra num expressionismo abstrato.... ele é americano... e ela trabalha, mais tarde, vocês vão ver... com manchas de cor.... de modo que.... de verdade, gente.... quando você tá na frente do quadro, que são trabalhos grandes.... aquilo mexe com você.... te chama e te dá angustia, dependendo do trabalho... com uma cor somente.... ou te dá serenidade... ele te chama! O trabalho dele tem várias camadas de cor.... ele trabalha com relação de cor, campos de cor... amarelo, com verde.... mas não é um amarelo ou verde que ele tirou do tubo de tinta, mas um amarelo e verde trabalhado.... que ele mesmo misturou e fez....

Luiza: aquela miscigenação...

Karoline: é... fez uma cor com a palheta dele... mas, então... aspectos formais.... já falaram muitas coisas... parece que existe uma linha aurea, quase como no meio... um pouco pra cima... como se fosse o horizonte, reflete... mas, não reflete tal e qual.... parece uma miragem... tem alguns elementos... de forma... mas, ao mesmo tempo é uma forma que vai se perdendo.... faz sentido isso que eu tô falando?

Vera: faz sentido!

Karoline: cor... o que que tem de cor? O que que gente pode falar de cor?

Maria: uma pessoa aí é o que mais reflete, né?

Luiza: é...

Karoline: tons pastéis? Podemos falar? De repente tem um azulzinho... preto... tem preto preto ali.... tem preto na bota, na linha.... algum é preto, preto.... mas, o pastel predomina.... eu não sei sobre a história específica desse quadro... mas, eu imagino que

esse seja no início da carreira dele.... que ele foi abstraído, abstraído... pra trabalhar com campos de cor...

Amanda eu não gosto muito dos artistas americanos... geralmente fazem umas coisas meio [risos]

Vera: dá pra você virar?

Karoline: e por que incomoda?

Amanda eu gosto de coisa mais detalhada, mais precisa... não gosto muito de abstrato...

Vera: eu gosto... acho super legal....

Karoline: parece uma pintura de parede, mas... vendo pessoalmente.... ele trabalha com manchas de cor....

Isis: eu não vejo sentido nenhum....

Karoline: pessoalmente parece que a mancha de cor...

Luiza: parece que não é difícil fazer....

[conversas atravessadas, inaudível]

Karoline: gente, a relação que eu tenho pessoalmente com esse trabalho é muito diferente da que eu tenho com a com papel... parece, inclusive, que essas manchas aqui pulsam... sendo uma ilusão... parece que elas pulsam um pouco... ou querem sair do papel.... fazem... sabe?

Bernardo: parece um por do sol.... no caso assim... o sol quando tá se pondo.... uma nuvem assim....

Karoline: uhum... então, a leitura a gente pode fazer tanto de trabalhos clássicos quanto... representação.... a gente vai ver... como de trabalhos abstratos...

Amanda: eu já vejo aí um reflexo da cor...

Luiza: é..

Karoline: tem que ir agora?

?: não.... eu tenho que pegar o Vicente Machado, tenho que ir pro Boa Vista...

Bernardo: [ao telefone] Karoline tá, quem gostaria? Silvia!

Karoline: Silvia! Deve ser que era pra vir pro grupo... vocês.... posso deixar a atividade com vocês pra vocês pensarem? Aspectos formais, aspectos técnicos... experiência estética...

Luiza: mas isso talvez não tenha dado um pouco de... como que diz? Fama por que tem fama? Não ficou interessante porque ele já tem um nome?

Vera: é...

Luiza: porque se é um zé ninguém que faz isso a pessoa manda você dobrar e levar embora... é verdade ou não é?

[vozes atravessadas, inaudível]

Luiza: o que que é isso? Você tá louca? Imagina, o que que é isso....

[vozes atravessadas, inaudível]

Luiza: o que que é isso?

Maria: eu gosto de Michelangelo... com aquelas, sabe?

Luiza: né, Karolina? Será que esse trabalho tem... vamos dizer assim... consideração... por ele já ter um nome? Porque vamos falar.... eu sei que você entende.... mas, sem querer ofender.... mas, se a gente pinta uma coisa dessa ninguém vai dar bola.

Karoline: você acha mesmo?

Luiza: eu acho! Com certeza... se você pintar e me trazer uma coisa dessas e falar 'e daí'...

Karoline: você acredita, Luiza... a gente consegue diferenciar o trabalho no modo abstrato ruim, péssimo, de um abstrato bom....

Luiza: esse é um abstrato bom?

[vozes atravessadas, inaudível]

Amanda eles começaram pela forma... eles sabem fazer...

Karoline: começaram pela forma!

Amanda sabem fazer muito bem...

Karoline: eles dominam... eles dominam... então, essa pessoa aqui... ela domina... ela parece que ela não entende de forma...

Amanda você acha que é fácil, mas não é fácil...

Karoline: não é fácil porque o trabalho que ele fez envolve várias técnicas... por incrível que pareça... se você for ver que com outro você não consegue ter uma experiência estética interessante... do papel, da tela...

Amanda por que que eles usam forma, né? Porque era muito parecido com a fotografia, né?

[vozes atravessadas, inaudível]

Karoline: isso... o que a Amanda tá falando é... história da arte é muito interessante... tivemos vários realistas... no período clássico Leonardo da Vinci... no Renascimento, daí Barroco... Rococó e assim por diante... todos representando a realidade... e daí, teve um problema: inventaram a máquina fotográfica. A fotografia, né? Os artistas que antes eram pagos pra retratar famílias nobres, ou retratar o comerciante e etc... o que eles iam fazer? E aí, nesse meio tempo, a arte passou a mudar... não se tinha mais tanto interesse em retratar tal qual... passaram a privilegiar o uso da cor... ou trabalhar a expressividade... falar das expressões... então, o impressionismo... quem já ouviu falar de Van Gogh? Monet? Com aquela pincelada que você vê o risco da pincelada...

Amanda eu gosto desse estilo...

Karoline: o Van Gogh você vê a pincelada... no impressionismo, expressionismo... na época do impressionismo, veio a máquina fotográfica...

Amanda e de perto... você só vê umas pincelas... de tinta... e é desenho...

Karoline: risco... hoje você consegue observar que...

Liz: eu ganhei uns quadrinhos bem desse jeito... e o que que eu vou fazer com isso?

Karoline: você vai mostrar?

Liz: vou, mas são tão pequeninhos...

Karoline: entendem? Então, são diferentes momentos históricos... isso, pra gente fazer uma leitura faz parte... e pra que tudo isso gente? Esse exercício...

Liz: olha... são só pinceladas...

Karoline: são só pinceladas... exatamente! Não são só pinceladas...

Liz: eu vou passando pra vocês...

Luiza: são vários?

Liz: são, desse jeito, olha...

Liz: eu achei mais legal...

Karoline: um bom abstrato, gente

Vera: põe um do lado do outro depois a gente...

Luiza: nossa, mas são bonitos, gente... mas, eles são bem bonitos, Liz.

Karoline: gente, esse encontro nosso... dessa vez... da última vez... fizemos desenhos e tudo mais... dessa vez nós conversamos mais e sobre trabalhos de arte...

Luiza: estamos nos interessando... estamos gostando, né? Pelo visto...

Karoline: eu sei que a primeira vista, é muito bom pegar a mão na massa... a gente gosta e quer fazer isso... e eu acho isso muito importante... mas, é interessante pensar como a gente lê imagem e tudo mais... principalmente porque ontem a gente falou assim: 'vamos ficar olhando dez minutos a fruta...' e já foi logo pro desenho.

Luiza: é verdade... a gente não tem a paciência, né Karolina?

Karoline: faz diferença na hora do nosso próprio trabalho... mesmo que eu faça o abstrato... a minha fonte de inspiração são árvores... eu olhar aquelas árvores, o que que

elas me dizem.... o que que eu posso colocar no papel? Ou, as flores que a Luiza trabalha.... ou, a Vanda que não veio e que faz flores.

Luiza: Vanda danadinha....

Karoline: são tantas formas de [inaudível] que eu posso criar... a leitura de imagem nos ajuda nisso... pensar o que que eu vejo a primeira vista... antes de proibir e falar que não gosta, né? O que que eu vejo? O que aquilo está me dizendo? Pela minha experiência estética... o que será que ele fez? Daí dá pra estudar qual que é a história... se a gente pudesse marcar no final uma visita ao museu...

Luiza: vamos, vamos sim! Acho que seria...

Karoline: é especial... é uma outra relação de trabalho...

Vera: é ótimo....

Liz: Nunca fui ao museu...

Luiza: pra gente aprender como que se olhar, como que se observa...

Karoline: a proposta para hoje foi essa... trabalhar com leitura de imagens... espero que tenham aproveitado e que fiquem com a pulga atrás da orelha... pras próximas.... a leitura de imagem não envolve só obra de arte, mas envolve um monte de coisa... de olhar a maçã, por diferentes ângulos... com as coisas da vida... pra semana que vem, a gente... eu havia planejado trabalhar com tinta, pintura... pra gente trabalhar um pouco mistura de cores... trabalhar com misturas de cores

Luiza: que legal

Karoline: eu queria saber se vocês... exatamente... eu aguardo vocês na semana que vem.... pra semana que vem, pra gente trabalhar com mistura de tintas, queria que vocês pensassem... que vocês fizessem a seguinte tarefa: volta a observação estética! Escolher um elemento da natureza, elemento da natureza... que que é elemento da natureza?

Tanto faz....

Luiza: qualquer coisa, né?

Karoline: qualquer coisa.... e que vocês durante a semana... mesmo sem tempo, pegando ônibus, no CAPS, cuidando de neto, cuidando de filho, lavando roupa e etc olhando pra esse elemento da natureza. Por exemplo, pedra.... onde que tá a pedra, tá no chão? Concreto, na bolinha.... qual que é cor? O que me evoca? Frieza? Pedra me evoca frieza, por exemplo... aí, ficasse pensando nisso.... se der, eu queria... só que vocês não estão fazendo... desenhasse esse elemento da natureza ou escrevesse o que vem na cabeça sobre esse elemento da natureza... frio, cinza, preto, escuridão... solidão... o que vem na cabeça em relação a esse elemento... porque aí na semana que vem a gente trabalha com isso...

Luiza: eu vou levar meu papelzinho e vou escolher um dia de sol pra fazer isso daí... eu adoro sol, claridade...

Karoline: embaixo do sol...

Luiza: vai ficar difícil, mas tem dias que tem... tipo hoje.... fica bem mais animado, né? Eu gosto!

Liz: não gosto de escrever, odeio redação...

Karoline: e desenhar?

Liz: também não....

Karoline: também não?

Liz: como te disse, eu sou preguiçosa. Gosto de tudo prontinho, pra pintar a figura pronta... pra eu ter que desenhar... meu deus! Eu só desenhava quando a pessoa pedia casinha... só!

Karoline: mas pra fazer artesanato você faz muita coisa...

Liz: faço... mas, como eu te falei... vem tudo pronto, né? O crochê você vai fazer, mas você já tá copiando de alguém que já fez...

Karoline: mas você faz!

Liz: faço!

Karoline: do fio você cria...

Vera: você nunca criou coisa?

Liz: se eu fosse desenhar cebola, não ia sair nem cebola nem alho... o limão não ia sair nem limão nem laranja... então, é assim.... sabe...

Karoline: então, eu vou pedir que você só observe...

Liz: aí beleza....

Amanda você nunca criou ponto? Um desenho?

Liz: ah, as vezes sim....

Karoline: então, gente... aqui a gente tá falando... eu trouxe trabalho de pintura, que é mais meu campo... mas isso aqui é pra artesanato... é pra tudo na vida! Pensar e desenvolver aquela sensibilidade.... pela cor... sensibilidade pelas formas... tem tudo a ver como que a gente pode melhorar o nossos trabalhos.... você fala que tem preguiça, mas não tem preguiça... porque você faz! Eu tenho preguiça de transformar um novela num cachecol... não tenho paciência... daí eu falo: não tenho paciência....

Luiza: habilidade....

Karoline: em compensação eu tenho pra ficar na frente do papel e trabalhar com desenho. Percebe? Você não é preguiçosa... você é... tem...

Liz: eu tenho preguiça pra desenha o negócio...

Karoline: isso!

Liz: mas se tiver num carbono...

Karoline: você tem uma forma diferente de trabalho, diferente em relação a material... mas preguiçosa você não é! Porque se não....

Vera: e nem taria aqui também...

Luiza: nem taria também...

Liz: eu preciso me superar...

Karoline: podemos nos encontrar semana quem?

[todos]: Podemos/sim

Karoline: tem algo específico que vocês queiram pra amanhã? Vocês querem que eu traga material sobre leitura de imagem? Ou sobre desenho? [inaudível] se vocês quiserem trabalhar em casa sobre desenho... eu posso trazer alguma coisa... se vocês tiverem interesse.

Amanda eu tenho... pra mim é bom

Karoline: de desenho? Sabe aqueles materiais? De como desenhar? Você tem interesse?

Amanda tenho!

Karoline: exatamente... eu tenho. Posso trazer pra você. Se alguém mais tiver...

Liz: precisa trazer aquelas bandeijinhas pra fazer as cores, ou não?

Karoline: você tem?

Liz: ah, eu sempre vou guardando... em casa eu devo ter umas duas...

Karoline: quem tiver traga...

Luiza: aquelas de isopor?

Karoline: a gente vai trabalhar.... já vou contando? Com guache! Simplesmente... mas, é uma guache super bacana pra gente aprender a misturar cor... criar as nossas cores, né? Muitas vezes a gente usa tudo pronto... ou, tem até medo de misturar cor...

Luiza: verdade

Isis: aquela técnica que eu comecei...

Luiza: é verdade, Isis.

Isis: eu misturo

Vera: eu vou pegar meu papelzinho...

Karoline: pessoal, até semana que vem... obrigada pela presença de vocês... até semana que vem.

Terceiro encontro

Luciana: Eu não conheço todo mundo aqui, né? Primeiro eu vou me apresentar e queria saber sobre vocês. Deixa eu ver que horas são aqui.

Karoline: 9h10

Luciana: 9h10.

?: tudo com o relógio certo hoje!

Luciana: ai, eu tô agoniada aqui porque eu... [inaudível]. Então, eu

Karoline: quer sentar?

Luciana: não, eu quero olhar pra todo mundo. Então, eu sou Luciana, tá? Eu estou aqui na Associação desde o começo, desde antes de a gente ser Associação... eu tinha um ateliê de pintura em tela no centro de convivências. Antes de... nosso objetivo era gerar renda. Então, pessoas que já tinha experiência com pintura em tela... passavam por uma entrevista.... pintavam as obras deles.... então, entravam pra oficina de geração de renda a partir da pintura em tela. Baseado nos princípios da Economia Solidária. Como nosso objetivo era gerar renda, então a gente tinha que ter essa base, né? A gente dialogar como seriam a venda dessas nossas telas. Então, hoje aqui na Associação, a gente se uniu com outras iniciativas também... formamos essa Associação. O que ficou em comum foi a Economia Solidária também, né? Porque os outros grupos também foram dialogando... como que a gente ia poder fazer isso. Eu tô aqui hoje, porque a gente tem um ano de fundação, assim... de quando a gente fez formalmente a Associação... a gente foi tendo muitas demandas, muitas coisas pra participar.... a gente foi visitando muitos CAPS, falando dos nossos sonhos... dos nossos sonhos, do que a gente queria pra esse lugar.. quem era esse lugar.... e, a gente, depois desse um ano... parou pra organizar: como que vai funcionar pra alguém participar dos cursos, participar das oficinas... se essa pessoa quiser se associar, como que vai funcionar... então, a gente tá nesse processo agora e é essa pequena explicaçãozinha que eu vim dar pra vocês. Porque se vocês aqui tão curtindo a oficina e tiverem interesse em dar continuidade a essas atividades daqui, vocês podem continuar com a gente... ainda que acabe a oficina, um grupo se forme... a partir de todo esse conhecimento que vocês trocaram, a gente forma um núcleo. É o que a gente chama na Associação, porque a Associação é Associação mãe. A partir dela vários núcleos, núcleos de fotografia.... núcleo de artesanato, núcleo de grafite e tudo isso. Então, é com esse objetivo que a gente tá fazendo oficinas aqui. Pra que se vocês gostarem do que estão fazendo aqui, vocês quiserem permanecer, vocês vão ter todo nosso apoio pra fazer disso uma atividade produtiva e vocês possam gerar renda. Então, eu não vou tomar muito tempo da oficina da Karol, mais uns 15 minutos no máximo. Eu acho que já é bastante pra eu falar bem rapidinho... porque a nossa ideia ideal seria que isso acontecesse antes de começar a oficina. Qualquer oficina aqui... mas como as oficinas vieram antes da gente se organizar... então eu vou tomar um tempinho dessa oficina de hoje... só pra explicar. Então, assim... se vocês puderem dar uma olhadinha aqui... a gente montou esse fluxo.... esse caminho, pra que fique claro pra todo mundo como que funciona você estar aqui na Associação. Então, aqui tá a Associação, certo? O que que a gente faz nesse momento? Você soube da Associação por algum caminho, soube pela internet, por uma vai, pela televisão, face, por onde for... aí a gente vai... alguns nos conheceram assim... vai até o CAPS, explica qual é a nossa ideia... ou, a gente marca com o grupo e o grupo vem até aqui. Aí a gente conta a nossa história. Igual eu contei aqui. Eu falei bem por cima. Aí, a gente conta essa nossa história...e as pessoas que estavam presentes elas vão preencher uma ficha de interesse...

“eu sei fazer pintura em tela” “ah, eu sei fazer pinturas abstratas” “ah, eu sou marceneiro...” ela coloca. Tem uma ficha de interesse. Se essa pessoa tem interesse em continuar, ver o que a gente tem pra oferecer... ela vem pro que a gente tá chamando de “primeiro acolhimento”. Esse primeiro acolhimento é, então, uma primeira reunião. Explica, como que a gente funciona.... que é na hora de produzir... a partir da economia solidária... como que a gente consegue ver materiais? É... em que lugares a gente vai vender... como que vai distribuir essa renda? A partir da Economia Solidária. Então, só pra vocês terem uma ideia: geralmente o que que a gente faz? Todo mundo que participou da produção, ajudou e pintar paninho de prato, outro fez um crochezinho na mão... na beirada... o outro, enfim, fez... conseguiu os paninhos por um preço mais interessante. O outro ajudou a vender lá na feira da Economia Solidária... todas essas pessoas que participaram, de alguma forma desse processo de produção... vai ser dividido o valor da venda e todos vão receber a sua parte. A gente divide igualmente... porque um dos princípios da Economia Solidária é a horizontalidade. Não tem hierarquização. Eu tô nessa organização, eu tenho um papel... vamos dizer assim... é só burocrático, vamos dizer assim... de tesoureira, assim como o Seu Bernardo... de presidente, [...], de vice-presidente... o [...] de tesoureiro também... são papeis que a gente precisava ter pra entrar nesse nome de Associação. Mas, aqui dentro não tem hierarquia. Então, quando a gente vai trabalhar é uma troca de saberes. “a gente acha que precisa melhorar o acabamento aqui da bolsa”. A gente vai buscar alguém que venha nos ensinar... assim como a Karol ofereceu essa oficina... então, aqui a gente explica o que é a Economia Solidária.... como que a gente trabalha com ela, como que a gente pode levar ela pra nossa casa. Se não quer aqui, tudo bem.. mas, você pode usar isso pro seu empreendimento... algo que você saiba fazer muito bem... queira vender na vizinhança, né? Então, tomem como uma oficina formativa assim... independente de querer ficar na Associação ou não. Então, depois dessa oficina, você já disse: “não, eu quero, eu quero entrar pra Associação” ou “não, não tenho interesse em entrar pra Associação”. Se você não tem interesse em se associar pra Associação, o que que você vai poder fazer estando aqui? A gente tá desenvolvendo isso aqui, tá? Mas, por enquanto, quem não quer se associar... pode sim participar dessas oficinas, dos grupos... dos cursos... porque o que a gente tem pra oferecer aqui... mas... é essa parte que a pessoa vai poder participar, porque não vai poder formar esse núcleo que eu estava falando... porque esse núcleo é pra gerar renda... “então, ah... eu quero só fazer o curso, levar esse conhecimento lá pra pintura, ou usar na pintura de MDF...” enfim, ou trabalhar em várias outras coisas... mas não aqui para esse grupo. Ok! Pode vir e pode participar das oficinas... a gente ainda vai elencar outras coisas aqui bastante interessantes. Por exemplo, vai poder participar de demais atividades da Economia Solidária... que ajuda você a fazer o seu trabalho legal... então, se você... depois dessa oficina... escolher se associar... então, ótimo! Vai entrar pra família! Vai preencher um cadastro, né? De associado. Daí, vai ter um segundo acolhimento. Nada mais é que uma confraternização, é uma festa que a gente vai fazer. Pros novos associados que estão entrando... é uma celebração mesmo.

?: é grande a família?

Luciana: a família... acho que tá batendo, no máximo, uns dez assim... que faz parte assim... mas, tem muito mais gente participando.... claro que... tem muito mais gente que participou por isso aqui e começou a participar das oficinas... o que que aconteceu? Não participou disso aqui. Então, é isso aqui que a gente tá querendo fazer agora. Então, é só explicar pra entender... “eu quero estar aqui”, certo? Então, o que que é? É feita essa confraternização, já é sócio....

Marcelo: Bom dia.



Luciana: bom dia! Tudo bem, Marcelo? Você já é sócio... então, aqui... estando como sócio você vai participar das oficinas, participar desses cursos... você vai poder fazer parte de um núcleo... lidar com outras pessoas... que nem o Marcelo que faz arte com arame... e, se tiver mais gente que faz isso, ele pode fazer um grupo e eles vão fundar um núcleo, tá? De jóias, de acessórios... a partir disso a gente pode trazer outras oficinas... a partir desse núcleo... pra ajudar a melhorar a qualidade do produto deles....  
?: esse... o Marcelo com esse trabalho dele, não poderia entrar no artesanato? Num grupo que a gente falou? Formar um núcleo de artesanato? Porque aí a gente vai ficar com dois três...

Luciana: pode... sim.... sim....

?: por causa dos núcleos....

Luciana: não, foi só um exemplo assim... mas dá pra juntar uma coisa maior e ampliar... entrar dentro do que é artesanato, né? Mas as vezes....

?: não sei se cabe, né?

Luciana: é, mas se, por exemplo, tem muita gente que faz a mesma coisa as vezes vale a pena realmente fazer um grupo....

[conversas atravessadas/inaudível]

Luciana: exatamente... então, esse é só pra ir pensando o que a gente pode fazer... então, aqui.... vai participar de tudo isso... pode entrar no núcleo... pode fundar um núcleo... detalhe, todo trabalho burocrático a gente já fez! Ao longo de dois anos... fazer um estatuto, aí ir atrás de um contador... ir atrás de um CNPJ... tem um regimento... que isso aí tem um modelo pra fazer, no próprio regimento que a gente já tem... pensem nas coisas que vocês querem pra esse núcleo... “esse núcleo a gente não via dividir igualmente, a gente vai dividir por dias da semana que a pessoa participou” é escolha de vocês. Então, participa na produção... comercialização... de todo aquele processo... na distribuição de renda, tá? Além disso aqui... ainda quem... os associados, participam de várias outras redes... que a Associação faz parte... como a Universal... não sei se vocês ficaram sabendo que junto com outras redes, outros parceiros... a gente fundou na segunda-feira, né? Que é uma rede, assim, com vários parceiros que estão nos apoiando. Do fórum de Economia Solidária... do Conselho de Economia Solidária.... com a Trilhas... então, são vários pilares que estão nos dando força... então, chegar até aqui... é um grande passo... assim... pra quem sonha grande, fazer uma coisa coletiva... que acredita que existe uma outra forma de se relacionar com o dinheiro, sabe? Não seja só aquela explorando... ou, ganhando muito em cima do trabalho do outro... mas, que entenda que essa participação conjunta na produção... também pode ajudar a gente a se manter... só que pra isso a gente precisa de vocês.

Silvia: só pra ter uma ideia... chega a dar um salário no mês?

Luciana: a gente.... como que é seu nome?

Silvia: Silvia.

Luciana: Silvia! Então, como eu te falei... a gente fundou no ano passado... em abril. A partir disso a gente começou várias oficinas, tá? Que foi de fotografia, que agora deu uma parada... vai voltar... acredito que no segundo semestre... outras oficinas, inclusive essa. Pra que, a partir disso, a gente forme núcleos... pra que esses núcleos produzam... pra que esses núcleos possam vender. Certo? A partir disso que posso te dizer o que que vai gerar de renda ali... hoje, nós com a Associação... porque nosso carro chefe são as fontes.. são... esses materiais de fontes, bonecos de jardim... que o (...), com a Rusticos... que é o nome da empresa dele... produz pela Associação, junto com a Associação, e pela Associação... então, hoje quando a gente participa das feiras... são essas as peças que a gente vende... já chegaram num ponto de qualidade excelente... em que realmente está pronto pra comercialização... então, assim... a gente ainda tá

trabalhando com dinheiro do nosso bolso... a gente faz um rateio.... ou quem tem mais doa mais... quem não tem doa tempo... pra ajudar nessa produção... e a gente poder dividir a terra. Então, assim, o que a gente tem de referência hoje... aqui no Brasil, o que funciona... disso que a gente tá querendo fazer... tem em Campinas, que ao invés de Associação chama Núcleo de Oficinas e Trabalho... esse lugar... começou assim como a gente e fundou vários núcleos... inclusive, vitrais... eles fazem vitrais pra tudo! Pra tudo. Eles fazem mosaicos belíssimos. Decorativos... jogos de mesa... infinitas coisas. Eles começaram hoje.... pra você ter uma ideia de como eles cresceram... e hoje estão num dos shoppings de mais alto padrão de Campinas... então, assim... te dizer quanto que eles ganham eu não posso dizer porque eu vou... vou conhecer semestre que vem esse lugar, né? Mas, o que que acontece? Eles tiveram que criar uma organização porque muito dinheiro começou a rolar. Então, foi separado por núcleos... foi discutido em assembleia como seria dividida essa verba... então, muitos deles... eles dividiram uma parte administrativa, gerencial pra ajudar a organizar esses núcleos... eles tem sim como um salário, assim... as pessoas que participam também tem... esse salario.... mas, esse salário varia de acordo com a venda... então, tem um valor base que eles já tem vários lugares pra distribuir... porque eles já tem clientela... então, se eles vendem acima daquilo ali, eles recebem acima daquela base... então, assim... por isso que eu falo de um sonho! A gente ainda é pequenininho. Ainda tá começando. A gente tem que ter muita força, mas a nossa intenção é alcançar o que Campinas nos traz de referência. Eles mostraram que é possível fazer isso. Então, eu acho que meu tempo aqui já acabou. Deixa eu ver aqui, já. Então, é isso, gente. Então, assim... vocês vão na oficina.... vocês vão continuar nessa oficina.... eu espero que vocês gostem. A Karol tem muito pra trocar com a gente, né? A gente vai marcar, a gente já marcou, na verdade... o dia 12 de junho... que é daqui duas semanas, tá? Na gente vai fazer essa reunião aqui na Associação. Principalmente...

Karoline: de acolhimento?

Luciana: é! Principalmente pra quem já está participando de oficinas aqui. Pro pessoal da jardinagem, vocês que tão fazendo essa aqui... estão convidados pra essa oficina. Pra vocês verem melhor como que é... o que a gente fez até agora... como a gente vai fazer e como vai ser dividida essa renda... entender um pouco mais dos deveres e dos direitos dos associados... ajudar a gente a construir isso. Porque isso tá em construção e a gente tá fazendo isso junto. Semanalmente a gente se encontra pra pensar como fazer pra chegar lá. Então, daí, depois de passar por aqui... vocês vão dizer: “não, eu quero continuar na oficina... mas não quero entrar na Associação agora... pode ser que mais pra frente” ou “não, eu quero entrar na Associação” e daí, é disso que a gente precisa. A gente precisa da força de vocês pra gente chegar e te dar uma resposta.... olha, o núcleo de jardinagem tá tendo uma renda mensal de, por enquanto, 400 reais por pessoa... eu já não posso te dizer isso.... são pouquíssimas pessoas envolvidas... então, é eu o, [Inaudível], a Isis, Bernardo...

Isis: as feiras são livres?

Luciana: a gente tem feito duas feiras, assim... mensais... que acontecem dentro da PUC... Feira de Economia Solidária da PUC...

?: não é lá no Largo da Ordem, é?

Luciana: não, é dentro da PUC. Mas, a gente já tá em vários caminhos de viabilizar espaços dentro de outras feiras, assim... a gente tá lutando por isso... inclusive... pra conquistar um espaço de Economia Solidária pra todos os empreendimentos, não só pra nós. Então, assim... só grave essa data... marque na agenda pra vocês virem aqui no dia 12 de manhã, é uma segunda-feira.

Isis: 9h?

Luciana: 9h... na verdade, 8h30!

Bernardo: Luciana, dia 12 de junho não é feriado? Não é Corpus Christi?

Luciana: é dia dos namorados...

?: é dia 15 o feriado!

Bernardo: ah sim... eu sabia que era meio perto...

Luciana: então, é uma segunda feira de manhã... vocês marquem as 8h30 que é pra chegar as 9h. porque se marca as 9h, chega 9h30, né? Então, é isso. Então, aproveitem esse curso da Karol. Se vocês tiverem alguma dúvida eu vou ficar até o fim... depois que acabar, pra não te tomar mais tempo.

Karoline: não, se quiserem fazer as perguntas agora... estamos quentes! Se não esquecem...

Luciana: então, mais alguém tem alguma dúvida?

Silvia: eu tenho!

?: só uma coisa... eu estou fazendo refeição lá no Centro POP, Matriz. Tem bastante homem lá. Os educadores pediram se tem como mandar um endereço... pra eles informarem... se tiver algum interessado. As vezes, pode ser que eles queiram se reabilitar, né? Acho que oficina é uma boa. Depois você me passa? Passa... se você puder.... eu deixo...

Luciana: claro, claro.

?:eu deixo com as educadoras lá dentro... porque elas que me perguntaram... tomei café e falei que vinha pra cá, né? Elas perguntaram se dava pra levar o endereço...

Luciana: certo...

?: pra se informarem sobre vocês..

Luciana: te passo sim! Acho que uma coisa importante que deve ficar é claro, assim... é que a gente não é um equipamento de saúde. Que nem o CAPS é... ou outros... ou um ambulatório é... a gente se entende como um apoio. Como um apoio a essa rede. Porque tá a galera lá no CAPS lá... cabo a oficina terapêutica todo mundo senta e não faz nada... fica lá fumando um cigarrinho... fica não sei o que... fica nesse ócio que a gente sabe que é um terror, né? Então, a gente viu que tinha um buraco no meio desse sistema todo... de saúde mental... esse era o nosso lugar... que a gente tinha que ocupar esse espaço com o que a gente sabe fazer... não ficar desperdiçando tudo o que a gente tem pra oferecer. A gente pode ter o direito de não fazer nada, tudo bem. Mas, não por obrigação “ah, eu tenho que estar no CAPS”. Eu faço meu tratamento, faço meu acompanhamento... faço minhas consultas, mas, eu tenho outras coisas na minha vida... a Associação vem pra ocupar esse lugar. Você pode aqui, que nem o [...], né? O [...] ele... bom, eu posso falar porque o [...] é da casa aqui... ele tá, ele fez...ele fica numa unidade de acolhimento... ele frequenta... qual que é o CAPS, Bernardo?

Bernardo: [...]

Luciana: é o [...]. ele veio aqui oferecer... “não, eu sei fazer floreira de pneu! Quero dar uma oficina de floreira de pneu!”. Então, a gente acolheu essa proposta dele... a gente abriu essa oficina pra ele dar... tá saindo coisas lindas dessas oficinas. Só que tem pouca gente. Então, você veja: o quanto que essas pessoas podem oferecer, né? Tem gente que fica lá.. parado sem fazer nada... até esquece o que sabe fazer, né... então, é isso! Só pra gente ter bem claro que nós somos um lugar pra utilizar nossos potenciais, nossas habilidades... aqui a gente quer acolher tudo isso e quer que isso se desenvolva ainda mais... quer incentivar, né? Mas, a gente não é lugar de tratamento. Não tem psicóloga, enfermeira, técnica de enfermagem... se alguém entrar em crise aqui.. não vai ter contenção... porque... não é essa nossa ideia... é uma família. A gente tem que se ajudar. A gente tem que se ajudar. Ajudar e se cuidar. Se alguém ficar nervoso a gente tentar acalmar... se rola um medo, a gente tem que lidar com isso. Nós estamos buscando

como vamos trabalhar juntos! A partir da nossa inteligência coletiva. Não é alguém que vai chegar aqui e dizer “faça assim, faça assado”

Daniel: já tem mais lugares pra vender, assim? Mostrar o trabalho?

Luciana: então, a gente tá desenvolvendo aí... uma ideia que é de colocar na internet.

No Cirandas, mas aí o Cirandas sai do ar... agora parece que voltou pro ar, né Seu Bernardo? Aí a gente já colocou lá... então, agora que voltou a gente quer organizar, bater umas fotos aí pra colocar as coisas na internet... isso é um excelente lugar pra vender e não tem custos, né? Lugar e tal... não precisa estar lá na frente.

Daniel: é uma grande janela, né?

Luciana: exatamente. É pro mundo, né?

?: beleza

Luciana: feito? Então tá, gente... então... até mais. Vou ficar aí até o final, pra qualquer dúvida... tenho que te passar... o que é pra te passar?

?: o telefone e o endereço, pra mim deixar com elas... aí ela manda pros que puderem vir, né?

Luciana: legal. Então tá! Eu só quero pedir uma coisa: eu posso, enquanto vocês tiverem fazendo as atividades, tirarem uma foto? De vocês fazendo? Tudo bem?

?: pode...

Daniel: não...

Luciana: não?

Daniel: não tem problema [risos]

Luciana: não, porque aí a gente coloca lá na página da Associação... que tá rolando a oficina.. vai ser propaganda.. garota propaganda... então, tá bom? Vou ficar participando...

Karoline: gente, olha... nossa roda tá apertada... porque eu imaginei que seria menor... então, vou fazer o seguinte... já são 9h35 e nós temos duas pessoas novas. Duas pessoas novas. A Silvia e o Daniel. Então, da última vez nós fizemos um terceiro encontro... e no encontro anterior... a gente vai fazer mais uma rodada de apresentação, porque é importante a gente se conhecer.. e saber os interesses de cada um... eu vou pedir pra vocês se apresentarem, pra cada um falar o nome, e vocês especificamente... se puderem contar pra gente o que que vocês gostam e fazem... ou faziam... de arte, artesanato... e o que vocês tem interesse....

Daniel: eu sempre pinte... desde pequeno assim... desenhava...igual aqueles quadro que eu fiz ali... faz uns sete anos... aí, primeira vez que eu fiz aqueles ali...

Karoline: qual?

?: aqueles de forma...

Daniel: aqueles ali...

Karoline: qual?

?: aqueles coloridos ali... aquele abstrato ali...

Karoline: isso! Esses três?

Daniel: quatro!

Karoline: quatro!

Daniel: foi a primeira vez que eu pinte em tela... eu já fiz aqueles dali

Karoline: então, aqueles é de quando você era adolescente?

Daniel: é, aham... mais ou menos, né? Tinha base de 21... 22....

Karoline: então você gosta de pintura em tela?

Daniel: aham... eu faço grafite também... letra, tudo...

Karoline: grafite em muro ou é mais no papel?

Daniel: já fiz em muro, mas hoje em dia eu não faço mais.

Karoline: faz no papel...

Daniel: aham... mais no papel

Karoline: nossa, vai poder contribuir muito pro grupo. Que bom. Bacana, legal. E você tá retomando esse trabalho?

Daniel: agora que eu entrei no CAPS e fiquei sabendo que tinha oficina... quero aprender outras técnicas aí, né?

Karoline: e o que que você gostaria que a gente mais trabalhasse na oficina? Quais são suas expectativas?

Daniel: qualquer coisa... quero aprender com vocês, e com você principalmente, né?

Com a turma

Karoline: e tem alguma coisa especifica que você agora....

Daniel: é... eu queria fazer rosto... eu não tenho muita habilidade pra fazer rosto, assim... forma... expressionismo eu acho que é, né...

Karoline: fazer rosto? Desenhar?

Daniel: é... fazer forma... qualquer tipo de forma mais detalhada, assim... mais real, sabe?

Karoline: tá.. você tem mais interesse nisso...

Daniel: aham...

Karoline: tá certo... você normalmente desenha mais abstrato, é isso?

Daniel: é..

Karoline: legal, bom saber.... a gente vai mapeando os interesses... aí a gente vai, na oficina... eu já falei um milhão de vezes, né? Ela tem como objetivo desenvolver o interesse específico de cada um... a gente tá vendo alguns temas, guarda-chuva... eles ajudam a pensar a nossa crítica... ao nosso trabalho pra daí... logo logo... a gente escolher “o que que quero trabalhar especificamente?” “não, meu interesse é mesmo por pano de prato...” e aí, olhar praquilo e seguir em frente.... desenvolver o seu trabalho específico... então, por isso que ter essa roda de interesses é importante. Tá certo. Qual é o seu nome mesmo?

Daniel: Daniel.

Karoline: Daniel, eu sou muito esquecida... então, eu tenho dificuldade de memorizar...

Daniel, essa oficina também faz parte de uma.... eu só consegui... essa oficina faz parte de um projeto de pesquisa! Tem um termo de consentimento, se depois eu puder ver com vocês... Silvia e Daniel... depois já assinar... esse termo de consentimento ele descreve que esse projeto faz parte de uma pesquisa que tem por objetivo avaliar, em que medida, uma oficina de arte tem ou não benefícios pra uma população da rede de atenção psicossocial. Então, nesse termo de consentimento vai estar escrito que tudo que é gravado é transcrito e depois apagado... e, será mantido o anonimato de vocês... então, Daniel não é Daniel nas transcrições. Tem um outro nome. Assim por diante. Essa oficina, tudo isso que tá sendo feito tem por objetivo avaliar em que medida foi ou não foi interessante fazer a oficina, mexer com tinta... mistura de cores... se isso faz ou não faz sentido. Vou passar o termo de consentimento pra você e pra Silvia. Tudo bem?

Daniel: tudo certo!

Karoline: eu tenho que... é importante fazer essa parte burocrática porque ela assegura o direito de vocês, né? Inclusive, se vocês não quiserem mais participar vocês me avisam... aqui tem o meu contato também... porque tudo, em relação a vocês, será eliminado e assim vai. Então, uma via fica com vocês e outra comigo... na que ficasse comigo eu gostaria da assinatura de vocês. Participante de pesquisa, uma rubrica. E aqui atrás também... o nome. Nome de vocês aqui. Tá certo? Eu vou dar pra você e pra Silvia, Daniel. Se você puder se apresentar também, Silvia, por gentileza...

Silvia: Então, eu sou a Silvia. Faço CAPS TM, lá no [...]... no [...] ... eu não tenho muito o que falar sobre pintura, por exemplo... o que fiz de artesanato foi aquele [inaudível]

por exemplo... depois com aquele fio, né? Com barbante... isso foi o mais próxima que eu fiquei, assim do artesanato... gosto, acho muito lindo... talvez não tenha me interessado mais porque não tive oportunidade, né? Mas, eu gosto mais dessas coisas de acessórios... essas coisas assim...

Karoline: que tipo de acessório?

Silvia: bom, bolsa, tapete... você tava falando de pano de prato, né? Detalhes...

Karoline: é, isso faz parte do artesanato, né? ai, o artesanato é....

Silvia: bem abrangente...

Karoline: é o mundo. Você falou que já fez tapete... você já fez com bolsa?

Silvia: sim, mas coisa pra mim, né? Nada, como vocês falam, pra adquirir renda... eu vim do interior, então... eu morava em Francisco Beltrão... então, lá eles também protegem a gente... mas em algumas horas você não tem o que fazer... então, eu mesma me ocupava... eu comprei um rolo e fiz... fiz os tapetes pra casa.. banheiro, mas assim... bem simples... não sei muito detalhe, mas assim... uma coisa que eu acho bacana e é uma coisa que toda mulher gosta. Sempre utiliza. Mas essas que você faz também... muito lindo... acho que a gente tá apostando bem... dá pra desenvolver uma coisa de renda bem....

Karoline: essa oficina não é pra todos se tornarem pintores, nada disso... é só pra gente pensar uns elementos pra cada trabalho... se você vai intimar o seu trabalho com artesanato dos panos... de crochê... eu sei que é uma coisa muito trabalhosa... é por esse caminho, e assim vai... a gente não tá interessado na especificidade de cada um, é uma coisa difícil. Normalmente as oficinas se propõem a algo específico, né? Então, todo mundo vai fazer seu bordado... pintura... vamos ver se essa experiência vai dar certo. O que que você gostaria, tava com uma pulga atrás da orelha e espera da oficina... que você queira trabalhar aqui?

Silvia: a minha ocupação aqui dentro, né? Meu espaço... se eu puder... ter a oportunidade de ajudar nas feiras também... meu profissional, na carteira de trabalho também... é área de vendas, né? Eu gosto de vender. Tenho aptidão meio que pra isso. Espero isso, né? A qualidade e bom desenvolvimento de cada um.. se descubra, né? Eu espero isso.

Karoline: tá certo... a parte da venda...

Silvia: não... eu acho que primeiro a gente precisa do produto lindo e maravilhoso... se você não produzir legal ninguém vai...

Daniel: eu esqueci de dizer que... com as técnicas que eu aprender estar ajudando... fazer parte da Associação, né?

Karoline: porque uma das coisas, além do produto que você falou, Silvia... é muito importante... meio caminho andado, você ser um bom vendedor. Saber falar sobre o que você faz, né? Isso a gente vai querer, também, trabalhar... nessa oficina em específico! Como? Tem uma parte do campo da arte, que a gente chama... que a gente até trabalhou na semana passada... foi leitura de imagem, né? Leitura de imagem é algo que a gente pode fazer de telas, quadro, de uma árvore... ou do que a gente tá vendo simplesmente. Os aspectos formais daquilo, composição das cores, pensar o que o autor tinha atenção com aquilo... todo esse exercício de leitura de imagem, nos ajuda, por exemplo, quando a gente tem um conjunto de trabalhos... olhar nosso trabalho e apresentar pra outros. Então, ah... não é um simples trabalho que eu fiz, assim... que eu não sabia como... que eu não tinha cor... aí eu peguei a tinta que eu tinha. Não! A gente vai vender! É o nosso peixe, né? Então, a gente vai falar assim: eu tenho uma coleção de toalhas de pano com a temática de frutas... então, quem? Você que tem vários desenhos, né? Posso fazer uma coleção, se você for pensar... de panos de pratos que tem a temática de frutas.. eu estudei a composição dos desenhos antes de fazer! Com determinados tipos de cor e

tipos de crochê. Assim vai. Se a gente apresenta nosso trabalho, se a gente consegue apresentar nosso trabalho... saber vender o peixe é uma coisa muito bacana que eu não posso... eu tenho dificuldade nisso [risos] isso é meio caminho andado pra gente comercializar. Mesmo. Então, primeiro trabalho a gente pensou um pouco sobre observação estética que é a gente desenvolver aquele olhar artístico... pra além do cotidiano, que a gente olha pra tudo... mas não presta atenção e vê.... então, a gente trabalhou um pouco com desenho... grafite mesmo, que é a coisa mais democrática do mundo! Fizemos exercício de observação estética de frutas... que é a gente olhar sobre diferentes ângulos o mesmo objeto. Vocês sabem inclusive, né? Semana passada nós não pegamos a mão na massa, mas fizemos exercícios de leitura de imagem, com diversos trabalhos.... hoje, eu pensei, a partir do que você falaram de a gente trabalhar.... comprei material pra gente trabalhar... da gente trabalhar com mistura de cores. Por que trabalhar com mistura de cores? Porque a cor.... seja ela um fio... porque ela pode ser... você não precisa misturar tinta pra fazer uma cor... seja ela na pintura, estrutura no mundo... todo trabalho de arte, de artesanato... normalmente ele tem uma grande importância, que pode trazer o trabalho pra uma categoria inferior... não ficar interessante.... como pode mostrar que tem potência, pra ser comercializado. O que que vocês fazem se a cor do trabalho de vocês ou não... o que que vocês fazem? Podemos começar? Como que você mexe numa cor?

?: cor é o que vai reformular, né? Eu uso a cor pra uma revelação duma leitura, né? A gente vai... pra mim, eu miscigeno as coisas... da maneira do meu estado que eu quero colocar ali. Entende? No tecido...

Karoline: você tá falando das cores do pano de prato?

?: no tecido, num quadro... porque ali você vai colocar a sua imagem... o teu sentimento... é um trabalho sim.

Karoline: mesmo que seja num pano de prato.

?: mesmo que seja num pano de prato... tem que ter um estudo. Por exemplo, vamos fazer um jogo... eu digo jogo, não sei aqui como que vocês falam... um conjunto... né? De pano de prato... pra semana... então, na semana... na segunda feira, então na segunda feira vamos estudar como que vai ser uma segunda feira. Então, vamos pensar assim.. segunda feira a pessoa já passou aquele fim de semana... bem tranquilo, na semana ele vai iniciar uma nova jornada... tem que ver que cor que eu vou colocar pra alegrar essa dona de casa.. entendeu? Vamos ver uma cor viva. Pra ela se animar... pegar aquele paninho... secar louça... então, passar coisas boas! Na pintura. Na pintura. O desenho também... a gente já pode imaginar um desenho alegre, né? Na terça... vai mudando, né? Aí vai dependendo do estudo da gente... eu uso... é meu trabalho. Quando eu trabalhava... porque agora eu já tô aprendendo de novo...

Karoline: mas olha que interessante...

?: eu fazia sim... fazia uma cor entrar na outra... com calma, com cautela... pra ficar assim... uma coisa não lambusada....

Karoline: se for de prata é muito fácil ficar lambusado, né?

?: é... então, tem que ser... eu acho que o trabalho tem que ser... ele pode ser um trabalho singelo, mas... bem feitinho.

Karoline: olha, isso eu acho interessante... que você falou pra mim... ao mesmo tempo que pra você fazer a mistura de cores você pensa no seu estado de espírito, né? Pra fazer as cores, e o trabalho de cores... ao mesmo tempo você pensa como você vai alegrar... como você vai preparar essa pessoa pra...

?: ainda mais pra semana... é bom pegar um trabalho bonito!

Karoline: quando a gente fala de artesanato, eu acho... arte... o trabalho de arte, artesanato... é uma ponte entre o meu expectador... a pessoa que tá consumindo

artesanato e eu.... é interessante... porque quando a gente faz o trabalho de artesanato a gente também tá falando da gente... porque em parte tá falando do nosso estado de espirito... enquanto a gente pinta a gente coloca as nossas emoções...

?: sim!

Karoline: mas também eu tô falando de como eu quero

?: quero que a pessoa sinta esse meu trabalho... vá até a pessoa, né? Inclusive... eu sei muito bem que as vezes a gente não tá muito legal, eu nem pego o trabalho. Quando eu bebia, eu nem trabalhava. Porque eu acho que não fica legal. Entendeu? Não passa coisa legal.

Karoline: uma sugestão... se você não quiser trabalhar diretamente... é bom fazer alguns exercícios de livre expressão... mesmo com papel e grafite... ver o que sai de lá com o exercício.

?: deixa rolar, Karol. Eu fiz assim... uma vez eu fiz um texto comigo mesma... eu fiz uma pintura quando eu não tava legal... pra não olhar depois... aquele dia eu tava assim, sabe? Bem.... tava tudo cinza pra mim. Eu pintei. Até pintei uma camiseta. Tomara que tenha ficado, sabe? Pois digo... não gostei mesmo. “meu deus, como eu tava mal!”. Teve dia que a minha pintura saiu ridícula. Então, aí eu fiquei com mais certeza que... eu manifesto na pintura. Eu manifesto. Meu sentimento.

Karoline: talvez, então... não seja o dia certo pra arte, mas seja o dia certo pra fazer exercício. Desenho... não colocar no pano de prato direto, mas...

?: não perto do fogo, né? Pega uma coisa... uma peça de roupa. Pega aquilo ali pra pintar e ver... depois você bota aquele trabalho num dia bom... tu vê a diferença que dá.

Karoline: e vocês? Como que vocês trabalham com cor no trabalho de vocês? Na arte ou no artesanato de vocês. Quer dar palpite? Ah.... apresente-se! O que você trouxe? Amanda umas caixinhas...

Karoline: isso você fez agora? Ou é de antigamente, Amanda?

Amanda isso foi feito... é um guardanapo... a gente pinta o fundo de branco.... porque ele fica um pouco transparente...

Isis: decapagem, né?

Karoline: é isso que você falou que tava fazendo, ou não? Que você tava fazendo em casa...

Amanda não, esse.. esse eu aprendi no... aonde eu tava internada. Já vi você comentando...

Isis: licença um pouquinho. Esse que ela tava mostrando que ela colou ali... eu vi no CAPS de quando eu tava lá, né? Ela fazia de latinha de mastomate, aquelas Elefante. Elas encapavam assim... depois...por último aquele brilho, né? Dava pra guarda os temperinhos. Depois um lá que mexia com madeira, sabe? Eles faziam o suportezinho, assim... pra colocar na cozinha.

Karoline: mas, me conta: como que você trabalha com as cores nessas caixinhas?

Como que você escolheu a cor? Como que você misturou? Como que...

Amanda é... a gente tem que fazer tudo a mesma cor... porque se fizer aqui vermelho e aqui marrom... vai ficar um pouco escuro demais... tem que saber misturar as cores, né? Tem que fazer cores que combinam.

Karoline: que combinam! Certo... você presta atenção na combinação das cores.

Alguém mais?

Luiza: é.. eu trabalho com harmonia, né? Meu foco é crochê. Corte e crochê, né?

Trabalhar com miolo... porque... eu trabalho com uma cor só... como eu vendo, dependo disso... eu percebo que todo mundo gosta, né? Todo mundo gosta. Quando veem uma coisinha colorida já... você vê! Já ilumina. Então, tem que fazer o centro... tem que fazer o acabamento. Gosto de usar duas ou três cores. Mas que combinem....



Karoline: como que você pensa a combinação? Normalmente é intuitivo, né? Eu imagino...

Luiza: gosto é gosto, né? Mas... não sei... cada pessoa tem um jeito. Eu acredito que a forma que eu faço agrada. De imediato. Eu percebo, assim... no olhar... a gente tem que ter isso, pra quem vende.... você tem que ser meio astuto também, né?

Karoline: como que você faz a cor? Como que você escolhe? Como que combina?

Luiza: enquanto eu estou fazendo um eu já tô pensando no próximo, pra te falar bem a verdade. Eu já tô sabe como? Naquela criação... daí já boto... já tenho uma ansiedade.... de pegar e executar... mas, não sei. Traduzir assim... coisas harmônicas. Uso muito verde.

Karoline: você gosta de verde?

Luiza: o verde! Mas aquele verde barroco, que tem nuances, né? Não é um verde único. Mas, mesmo único é bonito.... um verdinho claro. Não gosto de verde seco, que nem aquele verde bandeira.

Karoline: sim.... por que que não gosta?

Luiza: não gosto... acho ele meio assim...

Karoline: ele grita?

Luiza: não, acho que ele me acaba assim... sabe? Não gosto... meio seco... não sei. Gosto de coisa mais assim... suave e alegre.

Karoline: suave e alegre. Certo! Alguém mais quer falar como mistura? Como trabalha com cor? Você trabalha com corrente, é mais difícil trabalhar com cor. Não tem nuance de cor entre um prata e cobre? Nas suas correntes? Ele que faz as correntes.... qual que é o seu nome mesmo?

Marcelo: Marcelo!

Karoline: Marcelo. Ele quem produz essas correntes. Tem cores diferentes nesse material?

Marcelo: ah... é mais assim... com cobre e o amarelo, né? Que é opaco assim, né? Cor prata.

Karoline: esse aqui seria tipo cobre?

Marcelo: não! Esse aqui é prata e esse aqui é cobre.

Karoline: esse é cobre.

Marcelo: mas, o meu trabalho do cotidiano ele é [hipótese] civil, né? ... tem a pintura, né?

Karoline: ah, você também pinta!

Marcelo: não! [inaudível] eu não trabalho na pintura, mas esses tempos lá no racho.... no racho, digo sítio... os caras pintaram... deu vida pro troço. Tava opaco assim...

Karoline: cor de sujo?

Marcelo: ficou bonito! Foi bem feito, né?

Karoline: que cor que fizeram?

Marcelo: fizeram azul, verde na lateral.... branco... [inaudível]

Karoline: ah, fizeram um a combinação de cor também! Mudou?

Marcelo: ficou bonito. Ficou vivo. Tava apagado o troço.

Karoline: a cor também tem essa função.

Marcelo: ficou bonito o troço. Deu sentido.

Karoline: sim!

Bernardo: eu acho que a cor tem que saber misturar a cor, né? Não é só pegar esse preto e pegar esse roxo... esse cinza aqui, né? Tem que saber o que fazer com a cor, né? O que é bom pros olhos.

Karoline: o que é bom pros olhos! Tem mistura que faz mal... parece que você quer se afastar e outra que te aproxima.

Bernardo: parece que alegre, né?

Daniel: igual mistura que eu gosto de fazer é com branco. Uma cor escura... não precisa nem ser escura... você coloca o branco... mistura.... pegando um pouco... passando assim...

Karoline: então, você gosta de fazer mistura com o branco, é isso? Os tons ficam mais pasteis, é isso?

Daniel: é...

Karoline: tons mais claros...

Daniel: é.. igual a onda... a onda chegando na areia ela fica mais branca, né?

Karoline: mostra pro pessoal, por favor? Você tá falando que tem o azul e aqui tem... o azul claro...

Daniel: é... puxa um pouco... eu deixo molhado e já vai espalhando, né?

Karoline: fica um tom mais claro e assim vai dando profundidade, né? O que tá lá pro final mais escuro.... a gente coloca mais escuro.... a noção de perspectiva que a gente falou tanto...

Daniel: olha, o sol eu coloquei vermelho... não dá pra ver, mas é a mistura do amarelo com vermelho.

Karoline: um tipo de vermelho... aí fica um pouco laranjado.

Isis: eu comprei um conjuntinho de três quadros desse... tem o amanhecer, o entardecer e o anoitecer... porque anoitecer as estrelas, né? Amanhecer é o sol, entardecer o sol até mais, né? E algumas coisinhas que eles colocam pra diferenciar, né?

Karoline: e as cores usadas nesses três quadros? Pro céu! Foram as mesmas? Mudou alguma coisa? O que é que você percebeu?

Isis: pra noite o céu ficou mais azul estrelado, né? Tem a lua também... agora que me lembrei.

Karoline: e o amanhecer e o entardecer saíram a lua? O sol ficou com a mesma cor?

Isis: o sol ficou mais vivo! Não, de manhã ficou mais chegado, chegado, né? Bonito assim... com aquelas gaivotas, né?

Karoline: Sim... tá certo. Alguém mais queria falar como que mexe com a cor no seu trabalho? Então, a gente pensou assim... que a cor é importante misturar...saber que a mistura pode tanto afastar quanto atrair... A Luiza gosta que a cor seja bonita, mas também acalme... já não gostou do verde bandeira... mais alguma coisa, pessoal? Pra falar? Pra gente pensar cor?

Marcelo: meu trabalho eu penso cor... eu trabalho com [inaudível] com som, né?

Destaca, né? Que nem uma cerâmica lá, um porcelanato... junto com outra cor no porcelanato, né?

Karoline: ah é?

Marcelo: é.. pra destacar.

Karoline: eu não sabia. Daí ele friza, fica bonito, né? Tipo assim: fazer uma cerâmica branca, clara, junto com um escuro... aí esfria. Fica bonito.

Karoline: muda completamente dá um...

Marcelo: destaca!

Karoline: um upgrade! O trabalho fica com outra cara....

Marcelo: fica bonito, fica bonito.

Karoline: então, as cores quando bem trabalhadas elas podem levar o trabalho a uma outra... como também, devemos conseguir manejar. As cores, na realidade, como a gente tava falando... na combinação de tecido, na própria mistura... na pintura em muro... nas mais variadas, né? Deixa eu ver aqui umas coisas que eu...

Luiza: em todo lugar na verdade, né? O mundo não é preto e branco. A vida não é preta e branca.

Silvia: tem um detalhe que eu tava aqui pensando... é interessante... a hora que vai pintar, né? Quando você quer colocar uma cor e a cor debaixo tá molhada ela vai se transformar, né? Então, tem algumas coisas assim... quando você quer manter aquela cor... as vezes tem que esperar algumas horas... ou dias pra secar... a cor debaixo pra poder colocar a outra.

Karoline: perfeito! Aí a gente vai entrar num outro tema que eu coloquei aqui... é pensar a especificidade de cada material. Então, dependendo do tipo de tinta ele demanda um maior tempo de espera pra secar e colocar outra camada por cima.... ou vai mais rápida ou mais devagar. Por exemplo, temos a tinta acrílica que todo mundo gosta de usar... a tinta acrílica, essa seca rapidinho... então, hoje em dia se usa muito acrílica... muito óleo... antigamente se usava muito óleo... pintores ficam séculos trabalhando... luz e som.... são varias camadas finas de tintas translucidas... bem fina...

Daniel: aquele vermelho da tela eu acho que ficou 2 ou três semanas pra secar... toda hora que eu pegava ele eu manchava a mão... de todas as cores, o vermelho é o que mais demorava pra secar... eu não sei porque...

Karoline: era acrílica ou era a óleo?

Daniel: óleo... todas tinta óleo...

Karoline: então, óleo demanda mais tempo... dependendo da cor ela pode demorar mais ou menos tempo... a gente tem a acrílica... que seca... pode falar, Liz...

Liz: verde demora muito pra secar....

Karoline: qual quadro?

[inaudível]

Karoline: Curitiba não facilita, né? Porque é uma tristeza trabalhar.... por causa da umidade demora mais... a gente pode usa secante de cobalto, por exemplo. Adicionar na nossa misturinha de cores, o cobalto. Vai ajudar a secar mais rápido. Mas, também não pode ser muito porque se não craquela tudo. Fica muito seco.... perde o brilho. Porque a tinta óleo, em especial... ela tem um brilho especial. Ela faz o que a acrílica não permite tão bem. Então, a acrílica você volta e já pode passar outra... já aquarela... aquarela a gente faz em papel. Ela demanda um tempo maior pra absorver.... pode ser várias camadas translucidas, né? Então, enquanto o acrílico normalmente fica chapadão... cobre tudo... né? Se você coloca o amarelo embaixo, uma azul.... se for grossa a azul a camada... você cobre o amarelo. Não vê nada. Já na aquarela não. Se ela tá lá embaixo ela vai ficar pra sempre. O amarelo debaixo com o azul de cima vai ficar esverdeada aquela parte... vai ficar uma mistura a partir das camadas. Então, dependendo do tipo de tinta que a gente tá trabalhando.... agora eu vou passar pra tinta.... a gente tem formas diferentes de se trabalhar. Mesmo que cada um trabalhe de forma diferente, um é mais específico... outro gosta mais abstrato... outro é mais exatos nas linhas... os tipos diferentes de tinta demandam formas diferentes de se trabalhar. Então, o tempo de espera é uma coisa muito importante em alguns trabalhos, né? Se eu quero que a minha tinta do segundo plano tampe bem a debaixo, eu não posso aplicar com o debaixo molhado... eu vou misturar... eu vou fazer uma cor de burro quando foge. Vai ficar ali... não vai dar o resultado que eu quero. Vai ter que esperar secar pra daí aplicar a tinta por cima. Não vai tampar bem, com o acrílico assim...

?: já não pode ser usada no tecido...

Luiza: não, estraga....

?: o tecido tá naquela que eu falei pra vocês... dá entrada nas cores uma na outra... vai fazendo entrar uma cor na outra.

Karoline: o que acontece com a tinta de tecido?

?: ela não pode ser.... [inaudível]

Karoline: ah, pra você colocar uma ao lado da outra?

Silvia: pra miscigenar?

Karoline: pra miscigenar? Ah...

?: pra miscigenar as cores...

Karoline: antes de?

?: sim! Daí não pode... [inaudível] ela falou muito bem.

Luiza: vai ter aqueles nuancezinhos, né?

?: é!

Luiza: clarinho, médio, forte... isso

Karoline: porque...

?: assim, trabalhando a entrada.. onde tá pegando luz... onde mais sombra, né?

Karoline: então

?: uma folha por cima vai pegar luz, né? Vai ver onde é que ela tá pegando luz. Ou ver a flor... misturando com a outra, com o fundo branco.... não toda a flor, né? Aqui embaixo ela vai sumindo... [inaudível]

Karoline: deixa eu ver o que é que vocês estão me contando... então pra mim trabalhar... se eu quero fazer um pano de prato... o objetivo é retratar a imagem tratada... tem a luz e sombra e tudo mais.... preciso, antes de pegar a tinta e colocar... começar a mexer no pano...eu já tenho que pensar nas cores, já bem preparadas na minha cabeça... se secar, vai aparecer a marca do pincel.

?: pode ficar a cor na outra... pra ficar um trabalho bom tem que ficar parelho as cores, uma entrada na outra...

Karoline: sim!

?: é... não ficar uma cor aqui e outra ali... então, ela tem que ser bem oxigenadinha...

Luiza: tem que ser gradativamente...

Isis: não sei o que eu falei com ele... o sol tá nascendo e a tarde tá se pondo... o quadrinho, o quadro mostra isso.

Karoline: a cor era a mesma nos dois?

Isis: ah, agora não tô lembrando. Em casa eu vejo.

Karoline: em volta...

Isis: é que agora eles tiraram da parede... é de alvenaria... aí foi mexido... mas agora vou por lá e ver...

Karoline: porque... tem vezes que tem nuance o pôr do sol.. o amanhecer, né? Mas, muitas vezes... tentar observar muito bem...

Isis: até porque deu uma descascadinha na hora que eu fui mexer com eles... dei pro pintor lá e ele disse que lidava mais com isso. Por causa da doença dele. Acho que as tintas... não podia mais mexer com tinta.

Luiza: [inaudível]

Karoline: as tintas que demandam diferentes modos de usar, elas são feitas com pigmentos... formas diferentes de aglutinar.... então, a tinta que a gente vai trabalhar hoje pra gente aprender a pensar um pouco sobre mistura de cor.. é guache! Que tem como base a água. Não é tóxica. Nós temos a tinta a óleo, que tem outra base... a tinta acrílica... assim vai... a tinta que a gente vai trabalhar hoje é a guache! A guache... você já ouviram falar na guache escolar, né? Aquelas primeiras tintas que as crianças usam... a minha proposta, hoje, é trabalhar com apenas três cores. Primárias. Na guache. Uma guache profissional. A partir delas... vocês vão ver que é possível sim só com essas três cores numa guache profissional, fazer outras cores diversas. Um milhão de possibilidades. Infinitas possibilidades... que a gente pode fazer com essas três cores. Quanto mais a gente trabalha com essas bases pra fazer cor mais a gente vê que as possibilidades são infinitas. Por que? A gente desenvolve nosso olhar pra diferenças de cor... então, o cara que trabalha muito com tinta.... tem duas cores marrons aqui muito

parecidas... ele vai ver a diferença na hora, assim... enquanto a gente, por exemplo, nem vê... se a gente for ver esses três aqui... dá pra ver a diferença... esses três, eu posso conseguir aproximar mais ainda a diferença entre eles. Vendo, dando uma afastada, a gente pode pensar que é tudo marrom. Tudo preto. Mas, em parte vai dar pra ver que um é mais preto, outro é mais puxado pro magenta... outro preto é mais puxado pro amarelo... outro preto é mais puxado pro... então, são pretos que um esquentam mais... outro esfria mais... um é mais... esse olhar a gente acaba... por que é interessante falar sobre mistura de cor? Quando a gente faz pano de prato... a minha vó faz e ela acabou comentando que ela não usava preto, preto, pro contorno. Porque o preto, aquele do tubo de tinta... ele fica muito marcado, ele fica pesado. Então, ela pegava e fazia uma misturinha entre três cores primárias e fazia um marrom... ficava muito mais leve. É a forma como ela resolvia o pano de prato dela, por exemplo. Assim vai. Então, saber... estudar a mistura de cores, em casa mesmo... ajuda a que? Ajuda a gente a ter mais autonomia no nosso trabalho. Então, quando eu for comprar tinta.. talvez eu possa comprar as três essenciais, as três primárias e eu resolvo.. com aquelas três tintas consigo resolver meu pano de prato. Não preciso comprar, especificamente, um leque de dose cores. Posso misturar e fazer. Posso também salvar o problema de reproduzir uma cor. Poxa, eu fiz a maçã dessa cor e agora eu preciso ver as maçãs que eu não comecei... eu quero o mesmo tom. Eu não peguei do tubo de tinta, eu preparei... o que é muito bom. Como eu vou fazer um vermelho igual? Se eu domino a mistura de cor, então eu vou pegar... vou separar.... “eu quero esse tom de vermelho”. Vou no buraquinho, no meu papel sulfite... isolo a minha cor, certo? Que tem um buraco em baixo... isolo a minha cor... vou começar a ver a mistura de cor e ver se acho o vermelho.... esse vermelho é igual a esse? Não, ainda não. Tá muito claro... então, eu vou adicionar um pouco mais de magenta... pra ver se dá certo... tá parecido? Consegui a cor! Então, eu vou lá e tenho mais autonomia.... consigo reproduzir coisas.... imitar cores. Fiz uma outra vez, eu gostei da cor do livro.... a cor do livro lá um verde diferente, um verde escuro... quase marrom, que eu acho interessante.... vou por... vou copiar essa cor. Gostei. Vou reproduzir. Então, a mistura de cor nos ajuda nisso. Não só pra quem mexe com tinta ,mas pra quem mexe com fio, por exemplo... a gente pensar quais cores combinam... quais cores... o que elas nos passa... o que nos agita mais... quais são mais tranquilas? Combinação que chamam a atenção... ou combinações que combinam mas são mais neutras, né? Tudo isso eu quero falar quando a gente fizer esse exercício com várias tintas guache. A proposta, então, é trabalhar com círculo cromático. Conhecem o círculo cromático? A partir das três cores primárias que o azul, o amarelo e o magenta... falam que o vermelho é uma primária. Não! O vermelho é uma mistura. O magenta a gente consegue fazer mais três cores secundárias... a partir dessas três cores secundárias mais três cores terciárias. Esse é o nosso objetivo de hoje. A partir disso a gente vai pensar um pouco harmonia de cor. Harmonia pelas complementares...harmonia pela análoga... vamos ver. Vamos começar? Já são 10h15. Até as 11h a gente faz isso. Vamos conversar sobre uma tarefa pra gente fazer em casa. Aí, a gente vai trabalhar na semana que vem isso. A partir da guache mesmo, então vamos ver se a gente consegue a mistura..

Daniel: professora, vou ali no banheiro...

Karoline: tudo bem! Mais uma vez: a oficina é super aberta: então, se vocês tem interesses desviantes e quiserem dar outro caráter me falem, tá certo? Vamos lá então. Vamos nos reunir em volta da mesa. Vamos só pegar mais uma mesa. [conversas atravessadas/inaudível]. Gente, aqui tem 3l. quem quiser escrever alguma coisa, fazer anotações.. vocês pegam o papel... aqui.... porque é muito importante...

Luiza: ah, eu trouxe tinta...

Karoline: trouxe?

Luiza: trouxe!

[conversas atravessadas/inaudível]

Karoline: então, vamos puxar a mesa pra cá? Pra todo mundo aproveitar, né?

[conversas atravessadas/inaudível]

Karoline: cada um pode pegar uma folha... gente aqui tem um [inaudível] pra vocês darem uma olhada... hoje eu trouxe sobre impressionistas. Por que? Porque eles trabalham a cor pela ótica, que a gente vai ver... vou falar depois que é bem interessante...

?: eu vou comprar um caderno pra mim e vou pedir emprestado pra copiar de você... você sabe, eu fico correndo...

[conversas atravessadas/inaudível]

Luiza: porque dessa aula aqui.... [inaudível]

?: ela tem uma sabedoria muito grande, né?

Luiza: tem!

[conversas atravessadas/inaudível]

Karoline: então, gente! Temos um problema...

Luiza: vou colocar aqui no teu potinho. É teu potinho esse?

Karoline: é! Cada um vai ter pano... eu peguei jornal, mas não vai precisar. Nós temos.. eu trouxe vários pinceis...

Luiza: nossa, que legal! Agora que eu vi! Eu adoro pincel! Eu adoro pintar, sabia?

Karoline: mas os meus pinceis não estão tão bons...

Liz: é pra desenhar?

Karoline: não! Agora a gente vai simplesmente.... [inaudível]

Luiza: parece tudo criança, né?

Karoline: antes da gente pegar... porque eu mesma falei isso.... eu quero que cada um pegue uma folha dessa e ache um canto na mesa... porque a gente vai fazer o circulo cromático, dessa forma... cada um... esse aqui não precisa... a gente podia aproveitar esse espaço também, né? Eu quero que cada um encontre... escolham um pincel pequeno. Eu ia apresentar os pinceis pra vocês... mas, esse não vai ser o nosso foco... porque não é a prioridade. Porque eu quero que vocês escolham, dentro dessa variedade aqui, pinceis pequenos.... porque a gente vai trabalhar num espaço pequeno. Se a gente sua grande, tem que ter muita tinta pra misturar.

[conversas atravessadas/inaudível]

Karoline: tem pano, você pega e distribui, por favor? Gente, cada um pega um pano de trapo. Fique a vontade. Aí tem mais.

Luiza: não pode pegar pano de prato..

Karoline: não é pano de prato. Deus me livre. É trapo.

Luiza: o que é pra fazer?

Karoline: já falo! Todo mundo escolheu um pincel? Todo mundo tem pano de trapo?

Luiza: quero uma dessa, Silvia. Uma dessa grandona.

[conversas atravessadas/inaudível]

Luiza: deixa eu pegar ali... tem mais a Isis. Entra ali, Marcelo.

Karoline: cada um tem a sua bandeja? A gente vai ter que trabalhar nas mesas também, gente. Tem como trazer.... é, vamos ter que trabalhar nas mesas. Quantas bandejas a gente mais precisa? Vai ter que ter mais.

Luiza: uma toalhinha dessa, né?

Karoline: tem como a gente trazer a mesa da cozinha?

Liz: tá cheia de coisa...

Luiza: a Amanda não pegou uma folha dessa, Karoline.

Karoline: vocês distribuem?

Silvia: vamos pegar esse canto aqui, Karol;. Acho que dá mais um lugar aqui, não dá?

Karoline: aí dá! É que eu tenho que saber quantas pessoas são exatamente... pode ficar... já tem papel... acho que a gente vai precisar mais de prato...

Daniel: não dá pra usar duas pessoas?

Karoline: sabe qual é o problema? É que eu quero que vocês tenham prato pra vocês fazerem a mistura... porque senão... cada um tenha a sua cor....

Daniel: é verdade...

[conversas atravessadas/inaudível]

?: eu vim na quarta também...

Liz: na quarta é o único dia que não dá pra fazer...

Daniel: pincel eu gosto desse aqui...

Luiza: é melhor trazer água num grandão, né?

[conversas atravessadas/inaudível]

?: quer que eu ajude a trazer os copos?

Karoline: falta quantas bandejas, gente? Tem que ver... já escolheu? Ah... obrigada!

Você escolheu? Você escolheu pincel? Uma bandeja, outra bandeja...

Liz: é pra fazer um círculo?

Karoline: não... se quiser fazer o círculo...

Liz: tem que ver o pincel... dependendo, se for um pincel muito grande não dá...

Karoline: é bom pincel fino...

?: mas eu não achei...

Karoline: faz... é pra ter um pra cada um... ou... esse pode compartilhar o pote.

Liz: sumiu?

?: jogaram fora de certo....

Liz: não foi jogado...

?: eu guardei, mas não me lembro, tá?

Karoline: tem algum pote branco? Porque esse não dá pra ver cor direito...

Liz: tem guardado, mas não lembra... ai...

Karoline: falta quantos potes mais, gente? Você tem um? Você tem? Não?

Luciana: dá pra ser esse potinho?

Luiza: [inaudível] né Karoline?

Karoline: é, vamos usar esse potinho... não vai dar... o tanto é...

Luiza: se precisar mais...

Karoline: eu fui mais pessimista... achei que viram menos pessoas... to feliz que vieram mais.... todo mundo escolheu um pincelzinho? Então, hoje a gente não vai fazer um trabalho de expressão. Hoje a gente só vai fazer um exercício de mistura de cor. Mas, por todos os motivos que a gente já falou...ele é interessante também. Então, de quem é esse papel? Quem não tá com esse material ainda? Isis? A Amanda tá aí?

Luiza: a Amanda tem.

Karoline: a Isis tá aí? É azul, né?

Luiza: é!

Karoline: é ruim, mas serve. Por que que é ruim? Porque o azul vai fazer enxergar a cor de outro modo... o azul com outra cor... onde tá o pote azul?

?: ela levou...

Liz: mas, não dá pra usar em duas pessoas cada um?

Karoline: não, porque eu quero que cada um misture.

?: fica mais legal, eu acho, se pintar, né?

Luiza: esse é meu, né?

Karoline: perfeito, perfeito...

[risos]

Isis: o que que vocês tão rindo de mim?

Amanda cadê seu potinho, Isis?

Liz: não estamos rindo de você.... estamos rindo de nós...

Karoline: vamos deixar um potinho pra se quiser colocar água na tinta... sem deixar a tinta suja, né? A gente coloca... tá todo mundo....

Isis: esse aqui...

Luiza: faz aqui... três coisinhas assim...

[conversas atravessadas]

Luiza: esse é teu, Marcelo?

Karoline: vai ficar na textura adequada...

Luiza: acho que todo mundo tem...

Karoline: todo mundo tem agora, gente?

Isis: qual é o nome da cor?

Karoline: Magenta.

Isis: nojenta [risos]

Karoline: você, você tá aqui... tá todo mundo.... Luciana, você quer pegar o papel e fazer aqui?

Luciana: não...

Karoline: perdão, gente. Da próxima vez eu vou melhorar. Nós temos aqui o amarelo primário. Veja, dependendo da marca, dependendo da tinta.. vão ter cores diferentes. O amarelo que eu compro na tinta acrílica... que se chama [incompreensível, nome de cor] e o amarelo limão é uma outra cor. Se eu misturar não vai dar a mesma cor.

Isis: então esse aí é amarelo primário?

Karoline: se chama primário... citro....

Isis: citro....

Karoline: amarelo limão

Isis: amarelo limão

Karoline: traduzindo... temos o azul, esse azul é o cian. É o pigmento de cian.

Magenta. Essas três cores. Com elas, nós fazemos tudo. Com um branquinho se tiver ajuda. Faz mais ainda. E nós não precisamos usar preto nessa vida. Nós temos essas três cores e com isso nós fazemos o preto, se precisar...

Isis: azul ciano...

Karoline: Cian, é com c. E com Y. seguinte, a guache ela tem um jeito mais específico de se trabalhar.. Mais opaca. Ela não tem aquele brilho que a acrílica tem, assim por diante. Mas, ela dá uma boa cobertura. A gente, normalmente, tem preconceito com guache... porque lembra das crianças usando... aquele guache escolar que fica uma mistura... fica uma cor marrom, tudo né? Mas, esse tipo de guache é muito versátil. Os artistas gostam muito de usar porque você consegue uma paleta de cores boa. A guache seca rápido. Então, beleza. Seca em termos rápidos. Vocês podem fazer trabalhos rapidinhos. Seca bem. Você consegue cores muito bonitas. Agora é interessante. Pra vocês trabalharem a guache... como ela é opaca... ela não pode ser muito aguada.... se não ela vai ficar muito opaca... não vai dar um brilho que nem a aquarela dá quando é aguada. Mas, ela também não pode ser muito grossa. Como tá aqui. Então, se vocês precisarem... quando vocês forem vendo... um pouco dessa água limpa.... só essa água aqui que é limpa. Um pouquinho de água, misturar assim pra ver como ela é... agora, quando a gente for fazer a mistura de tinta, gente... preciso que vocês tomem cuidado. O pincel precisa estar limpo. Conforme a gente for.. pega uma cor... passa, certo? Pra gente fazer outra cor a gente tem que limpar o pincel, muito bem. Examina, vistoria no papel. No pano, assim... se tá bem limpo. Daí, faz outra cor.... se não, o resquício da



tinta anterior vai ter pego na outra cor nova e daí não vai dar certo. Então, primeiro a cor mais clara que a gente tem aqui...o amarelo. Eu pensei o círculo cromático.... um círculo, né? Que se organiza com as cores primárias, feito um triângulo. Então, nós podemos colocar o amarelo aqui, o azul aqui e o magenta aqui. Que tal? Então, vamos experimentar o amarelo primeiro? Fiquem a vontade com o amarelo... vocês vejam... peguem um pouquinho do amarelo. Vejam se ele tá muito duro, aí vocês pegam um tico de água.... tem um pouco aqui pra quem quiser... faz a mistura... vocês pegam assim, olha...

Liz: você tá falando pra pegar tipo uma... [inaudível]

Karoline: é, mas esse aqui tá bem aguado já, não precisa... a gente pegar e mistura assim a cor do pincel... olha, que interessante... então, a gente pega lá e faz a bolinha de amarelo, ou quadrado. O que vocês quiserem.

Luiza: no meio ali você diz?

Karoline: porque a gente vai fazer um círculo...

Luiza: fazer uma bolinha?

Karoline: ou círculo, ou quadrado...

Isis: meu papelzinho, Karol... fiquei sem papel

Karoline: tá aqui, olha... é seu!

Luiza: uma bolinha preenchida?

Karoline: é.... que vocês consigam ver exatamente... preencham... não precisa ser uma bola... pode ser um formato qualquer... é que eu não gosto de dar norma... então, eu nunca chamo... exato... poderia ter feito um círculo com compasso... pra deixar mais organizado. Mas, eu não queria. Eu queria que vocês elaborassem... o espaço... como vocês acham melhor. Achei melhor não pegar o compasso. Só uma... só pra ver como organiza a cor.... pode preencher, pode preencher o amarelo... acho que esse é o ideal, mas se você quiser usar esse pode usar... depois de feita a bolinha amarela... a gente limpa o pincel e vamos pra segunda cor primária! É o magenta.

Daniel: magenta é o azul, né?

Karoline: magenta é rosa...

Luiza: cor de rosinha... vermelhinho....

Karoline: limpam bem o pincel? É bom verificar sempre... mesmo tamanho, como se fosse um triângulo, gente... vamos pensar: aqui nós temos o amarelo, daí vamos fazer o magenta aqui do lado e o cyan do outro... mas, vocês podem pensar em como vocês se organizam melhor... aí é o magenta. Isso. Perfeito. Eu peço desculpas porque tem pinceis que não são bons... dão pro gasto, viu? Pincel faz diferença na nossa vida, além da tinta... é verdade. Mas é o que tinha. Então, vamos fazer o magenta... veja, a tinta que vocês estão fazendo agora ela tá bem concentrada. Se vocês quiserem fazer uma mais clara pra ver como é que ela fica... não tão cheia de coisa... porque ela tem uma potencia muito grande essa cor...

Liz: uma gota ou duas?

Luiza: nossa, mas é uma gracinha esse negócio.

Karoline: quer que eu pegue a pipeta pra ir colocando?

Luiza: hein, Karoline... eu amei esse negócio aqui.

Daniel: não achou, seu Bernardo?

Karoline: então, é baratinho.. ela ajuda muito.

Luiza: que coisinha fofa, né?

Karoline: vamos ver... contem muito...

Luiza: que legal...

Liz: esse é azul

Karoline: ah, você queria no azul?

Daniel: pode fazer o magenta sem a mistura? Sem a mistura com água?

Karoline: ãhn?

Daniel: pode fazer o magenta sem a agua ali que você falou?

Karoline: limpa o pincel.... agora, vamos fazer o cyan. Tá limpo seu pincel?

Daniel: tá

Bernardo: tem uns pinceis aqui...

Karoline: é, o teu tá melhor que o meu. Tem pincel melhor, se vocês quiserem... é da Associação, do seu Bernardo.

Daniel: é pipeta o nome disso aí, né?

Luiza: é

Daniel: pipeta [risos]

Karoline: vocês querem pinceis, gente? O seu Bernardo tem aqui. Precisam? Qualquer coisa....

Luiza: legalzinho, né?

Liz: amarelo não dá pra ver muito porque ele é muito claro, né?

Daniel: deixa eu ver o amarelo.... apertado...

Karoline: daí, vocês veem o que? O que que vocês conseguem observar com a mistura? O azul dá pano pra manga! Ele é muito forte. Então, tem que tomar muito cuidado pra dosar ele. Já o amarelo, tem que colocar um pouco mais a mistura. Então, na hora de fazer uma mistura.... todo mundo já fez o azul? Não?

Amanda já

Marcelo: isso aqui é guache?

Karoline: é! Guache profissional.

Amanda é melhor que a acrílex?

Karoline: a pilex é uma marca, né?

Daniel: é.... aquelas que você compra...

Karoline: é que acrílex tem tinta guache, tinta acrílica... é uma tinta de tecido...

Amanda pra pintar o quadro....

Karoline: a acrílex é uma marca, ela tem vários tipos de tinta. Essa é da Talens e ela é guache. Se você fala da guache da acrílex ela...

Amanda mas ela tá demorando pra secar também, né? Não tá secando bem...

Karoline: é melhor porque você consegue fazer um milhão de cores.. tô fazendo só....

Luiza: tô fazendo meio grossinho... acho que é por isso...

Daniel: quanto que é um pote desse aqui?

Karoline: R\$16,50.

Daniel: meu deus do céu

Liz: aquele custa R\$3,00...

Karoline: mas, com esse pote... se você for fazer... aí que tá...o artista é tudo pensado... se eu for fazer. Isso é uma coisa que tem que fazer. Trabalhar só com cartões. Eu produzo cartões... que pode ser pra aniversario, pascoa, natal, não sei o que.... gosta de trabalhar com pinturas em cartão. Cartões são pequenos. Com três tintas primarias eu faço tudo. Todas as cores. Não vale a pena. Porque vai só um pingão de tinta

Luiza: é mesmo... porque ela rende... isso aqui...

Karoline: agora se eu quiser fazer uma tela... primeiro que guache não é pra tela, né? É só pra papel...

Amanda papel ou tecido, também dá?

Luiza: tecido acho que não dá não... passa do tecido... sai, né Karolina?

Karoline: ele tá azul, tá azul.. aí no teu pincel... vamos trocar de pincel?

Marcelo: você pegou meu pincel

Karoline: peguei?

Marcelo: pegou...

Karoline: esse pincel é muito sofrimento você trabalhar com esse pincel.... aqui tem outro também, se o senhor quiser... todo mundo fez o azul? Todo mundo quase?

Liz: só uma pergunta: essa tinta aqui é só pra papel?

Karoline: guache?

Luiza: não dá pra tecido?

Karoline: não, porque ela sai...

Luiza: ela sai...

Karoline: exatamente... a base é água, então ela vai embora. Essa daqui é boa, se você quiser...

Luiza: é bem gordinho...

Karoline: fique à vontade. Gente, deixa eu perguntar... deu pra ver que com cores primárias você tem mais cores aqui, né?

Amanda ah, eu dei uma misturadinha...

Karoline: você já fez mistura! Beleza. Aqui já deu marrom. Ótimo. Então você gravou. Quer colocar... gente, vocês querem anotar, então? Já que não foi feito... cadê a Isis... tá anotando, né Isis? Quais são as primárias...

Luiza: não sabe se ela pinta ou se ela anota...

Karoline: cadê o lápis?

Luiza: tá pesado...

Karoline: cada um anota, gente... primária, primária, primária, pra não se perder...

Daniel: cada um de?

Karoline: é, coloca primeiro, segundo, terceiro... só pra gente não se perder...

Luiza: a gente vai misturando e vai colocando aqui, é isso?

Liz: então, essas todas são primárias?

Karoline: isso.

Luiza: essas três....

Karoline: essas três são as primárias... somente elas, ninguém mais. Elas são as rainhas de todas as cores. Alguém mais precisa de lápis? Tem aqui. Então, agora vamos fazer... gente, antes de fazer as secundárias tem que fazer... tem que esperar um pouquinho....

Luiza: eu vou separadinha assim a minha...

Karoline: é porque senão a gente não vai achar. Toma cuidado. Vamos esperar um pouco.

Luciana: ela já tá seca... quase seca....

Karoline: primária, primária, primária... perfeita... todo mundo tá com primária, gente?

Amanda sim!

Karoline: podemos continuar? Porque é bom todo mundo andar juntos....

Luiza: é verdade

Karoline: ... porque senão a gente vai fazer uma cor...

Luiza: perdão, me perdi....

Karoline: então, nós temos aqui o amarelo, o magenta e o cyan... o que dá amarelo com azul? Amarelo com azul?

?: verde!

Karoline: verde. Então, vamos fazer essa primeira mistura, amarelo com azul... eu preciso que vocês peguem um pouquinho do amarelo com um pouquinho do azul. Azul muito menos do que o amarelo. Pra achar um verde.. primeiro misturar aqui e depois passar no papel.

Isis: amarelo...

Karoline: vai ter que ser trocado....

?: tá muito sujinho....

Luiza: ali tem uma leiteirinha...

Daniel: não sou coxa, mas...

Luiza: aquela aguinha ali...

Isis: amarelo com o que mesmo?

Luiza: com azul.

Liz: ficou vermelho [risos]

Luiza: você tava me acompanhando, é? Então, deixa eu tirar essa partinha aqui... vamos ver...

Isis: amarelo com azul...

Luiza: não pode ter negocinho vermelho, jamais...

Isis: mas aqui no prato?

Luiza: isso, mas aí passa pra cá.

Iris: Karol, olha... esse verde ficou esse verde aí...

Karoline: esse verde... ótimo! Esse verde! Ele é a nossa primeira secundária. Todo mundo fez o verde?

Isis: Karol? Esse aqui ficou azul?

Karoline: verde! Então, essa.. a primeira... então, pra misturar cor é muito bom ter uma luz boa... essa luz tá meio fraca.

Isis:então tá... vou botar...

Karoline: qual que é a melhor luz, gente?

Luciana: olha, água limpa....

Isis: cadê a minha caneta?

Karoline: é a luz de fora. A luz lá de fora. Então, se quiser trabalhar ao ar livre é melhor pra trabalhar cor...

Isis: amarelo....

Karoline: quer deixar sua bolsa aqui?

Luiza: nossa, ficou um verde bonito, hein?

Isis: com azul

Luiza: eu vou até falar. Olha o verde, que lindo.

Karoline: pegar e deixar... porque se não... depois ele vai misturar... é a base de água...

?: bom dia, gente.

Karoline: bom dia! Estamos misturando cor.

?: perdi o horário hoje...

Isis: como é que tá?

Karoline: semana que vem você pode... acho que vai dar também pra fazer mistura... mas venha. A gente tá misturando cor a partir das primárias. É melhor deixar separado, gente.

Luiza: bom dia, moça.

Karoline: porque a gente não vai... elas todas vão ficar misturas....

Luiza: olha esse verde... bonito, né? Eu gostei.

?: só vou olhar....

Luiza: eu gostei...

Karoline: amarelo com azul: verde. Corretíssimo. Todo mundo? Esse amarelo é amarelo limão, mas... amarelo, amarelo... amarelo primário... porque se eu for comparar o amarelo limão... da tinta acrílica... não vai dar...

Isis: mas, aqui dá pra fazer quantos?

Daniel: você colocou mais amarelo que azul.

Karoline: as cores, das tintas que a gente tem por aí... são de diferentes pigmentos.

Tudo uma mistura louca. Então, o mesmo nome da cor... você tem cores diferentes. A tinta acrílica, com o mesmo nome. Por exemplo: limão verde inglês, da tinta acrílex. Se

for de outra, vai dar um verde diferente. Tem gente que gosta da acrílex, tem gente que gosta da cor fixo....

Luciana: tem algum padrão, nas cores, que você... de qualquer marca vai ser igual... você...

Karoline: não, porque depende da qualidade da tinta. A escolar vai ter um monte de branco misturado. Essa tinta profissional, ela vai ter um pigmento cyan-cyan. Não vai estar um outro azul misturado. Um outro pigmento que dá a cor de azul. Então, esse cyan-cyan ele faz uma gama muito grande de cores... mesmo com nome azul... gente, podemos dar prosseguimento? Vocês me dizem.

Luiza: aham

Karoline: temos o... qual é a outra secundária que a gente pode fazer? Fizemos amarelo com azul... agora amarelo com vermelho... amarelo com magenta.... amarelo com magenta dá vermelho... o vermelho é uma secundária.

Isis: amarelo com?

Karoline: magenta. O amarelo com magenta. [conversas atravessadas] o teu vermelho tá aqui, alaranjado....

Iris: alaranjado...coloquei mais amarelo...

Karoline: isso... pode colocar um tico mais de... o vermelho, gente, ele engana bastante. É difícil de conseguir enxergar.

Daniel: acrílico...

Marcelo: é magenta, amarelo....

Karoline: gente, amarelo com magenta dá vermelho.

Daniel: vermelho? Ela tá fazendo um laranja ali....

Karoline: isso... faltou pra equilibrar, um pouquinho de magenta a mais, porque ela tá colocando... o melhor, gente... é a gente misturar cor.... num prato, na nossa bandeja.

Quando a gente tem certeza da mistura, aí a gente coloca...]

Iris: mas, agora já ficou vermelho... não ficou?

Karoline: eu acho que sim... vermelho, vermelho China. Exatamente.

Bernardo: vermelho China

Luiza: vermelho China, essa é nova.

Bernardo: por que vermelho China?

Karoline: não sei, é porque depende.... vermelho da acrílex, por exemplo... é um vermelho [inaudível] vermelho forte...

[conversas atravessadas]

Isabelo: a cor da sua blusa é vermelho...

Karoline: é... vamos ver, vamos comparar as cores... olha, esse meu vermelho tá diferente ainda.... esse aqui tá mais alaranjado...

Luiza: o meu também tá alaranjado... falta um pouquinho de magenta....

Isis: amarelo com magenta

Karoline: assim, observem... a mistura de cor é muito bom a gente fazer porque.... eu sei que não é das melhores circunstâncias, a gente podia ter montado melhor... mas, é um exercício e tanto pra gente. Ficar misturando tinta, gasta tempo.

Bernardo: é magenta com vermelho que dá lilás?

Karoline: não!

Bernardo: o que que dá lilás?

Karoline: o lilás é com azul.

Bernardo: azul. Azul com magenta, né?

Karoline: é! Amarelo com magenta vermelho. Ótimo. Podemos ir pra terceira secundária? O que falta pra nossa mistura?

Iris: o que falta? Azul com amarelo.

Karoline: falta azul com magenta. Azul com amarelo é verde. É o roxo. Exatamente.

Luiza: o meu deu um roxo bem escuro...

Karoline: deu escuro, pois é... não dá pra ver nada... faz ao lado de volta?

Luiza: tá.

Karoline: primeiro mistura!

Luiza: tá... é que eu ainda tô naquela anterior

Isis: magenta com?

Karoline: magenta com azul.

Amanda você pegou as cores primárias?

Iris: aqui... que cor que ficou? Eu não fiz tanto amarelo...

Karoline: aí ficou muito escuro. Você vai ter que refazer. Faz aqui embaixo, né? Essa aí tá parecendo um marrom... pode ser que tava sujo já com três cores, aí ficou... então, a gente vai fazer o roxo. O roxo é azul e magenta. Vamos limpar tudo. Limpar bem o pincel. Isso. Esfrega bem no pano pra ter certeza. Essa tinta é muito potente, gente... não, não... é magenta. É azul com magenta, tá? Ahhhhh, já foi! [risos] [inaudível] Muito bom. Não, não. Magenta. Posso fazer com você?

Luiza: ai, que lindo. Olha lá o que o Marcelo tá fazendo.

[conversas atravessadas/inaudível]

Isis: amarelo com o que mesmo que fica roxo? O meu tá só saindo verde...

Karoline: aqui, gente é muito bom se a gente fizer assim... pessoal, pra gente mexer com tinta é bom a gente lembrar de misturar bem a tinta no pincel. Se não, a gente tem metade do pincel de uma cor...

Luiza: de uma cor, é verdade...

Karoline: na hora que você passa... fica aquela coisa lambida

Luiza: já tive essa experiência...

Karoline: é usada bicor, bicolor, né? Então, a gente pega um tipo de azul aqui... vamos fazer aqui. Olha como... chegamos no roxo, gente?

Iris: aham...

Liz: era pra ser roxo...

Karoline: esse teu roxo tá um pouco azulado. Talvez essa secundária, terciária, é bom por um pouquinho mais de magenta na sua mistura.

Amanda é porque o magenta...

Liz: tá, essas são as secundárias?

Isis: pode escrever já secundárias?

Karoline: pode escrever.

Daniel: é um azul petróleo.

Isis: olha que roxo lindo. Roxo lindo. Roxo lindo esse roxo.

Karoline: isso, ele tá bem fechadão aqui

Isis: eu vou abrir....

Karoline: se você quiser fazer aqui...

Isis: eu vou dar uma aberturinha....

Liz: o meu foi pro azul

Karoline: se vocês deixarem menos grossa a tinta, daí vai aparecer melhor o roxo... se não, ele vai ficar muito fechado e a gente demora muito pra aparecer....

Daniel: magenta tá acabando aqui, por isso que saiu essa cor.

Karoline: vamos colocar mais. Temos bastante tinta, por acaso. Eu tenho reserva aqui... então, olha, eu vou te falar uma coisa... qual é o seu nome mesmo? Eu sou muito esquecida.

Marcelo: Marcelo

Karoline: Marcelo, eu gostei muito que você veio. Marcelo veio no primeiro encontro, mas não pode vir no segundo, né? Eu, na minha parte de formação de pintura... eu me incomodava muito, porque... com os exercícios de fazer a paleta de cores, sabe? Fazer o círculo cromático e etc. eu já partia logo pra expressão. Que nem você. Eu dava um jeito de pegar e já desenhar no canto, sabe? Pra mim era muito...

Marcelo: agora ficou bom...

Luiza: olha, ficou mais claro... mas, mesmo assim tá escuro, Camila, Karolina...

Karoline: tá escuro...

Luiza: tá escuro ainda, né?

Karoline: aqui?

Luiza: é

Karoline: tá escuro. Vou colocar mais magenta, posso?

Luiza: pode

Karoline: limpa o pincel pra fazer, tá? O teu pincel tá sujo, tá? Porque ele tá indo pro marrom. Vamos fazer de volta a mistura

Luiza: certo

Liz: o meu tá muito próximo do azul, por isso eu escrevi ali...

Luiza: tá virado já aqui...

Karoline: vamos trocar a água também

Luiza: tá. Obrigada, Karoline

Karoline: gente, a coisa mais fácil é misturar... gente, é muito legal misturar.. é bom, a gente antes de fazer... por exemplo... prato... a gente tem sempre o anseio de não errar, certo? Porque, poxa vida, tá gastando pano de prato... o negócio tem que dar certo. Então, antes de fazer o pano de prato, que tal fazer exercício com as cores no papel? Pra ver que cores que eu posso fazer e fica bom... no papel... aí a gente se arrisca. Posso fazer amarelo, um pontinho amarelo laranjado... fica um amarelo com marrom... antes de ir direto no pano de prato.

?: isso é um vermelho tijolo, né?

Karoline: esse vermelho?

?: é

Karoline: se quiserem deixar vermelho, vermelho... talvez um pouco mais... se quiser tentar um vermeho vermelho. Alguém precisa mais de cor?

Marcelo: puxou pro azul agora...

?: joga o que? O azul com? Verde?

Karoline: melhor limpar o pincel... coloque mais magenta... mas, misture aqui a tinta... pra depois... pegue aqui na lateral porque ele já tá molhado, já tá carregado.... se você colocar do lado aqui vai ter que colocar muito magenta... aí você faz... não tem problema... [inaudível]

Luiza: é uma coisinha que dá trabalho...

Karoline: agora, a gente pode fazer um milhão de cores com essas cores, com essas tintas primárias, gente... é mágico, mesmo... quer que eu te ajude aqui, Luiza?

Luiza: pois olha

Karoline: você quer fazer o roxo?

Luiza: o roxo... mas tá marronzinho...

Karoline: tá marrom.

Daniel: alcança ali pra mim o azul?

Karoline: qualquer coisa, gente, a gente para nessa e daí a gente continua na semana que vem.... mas, vamos ver se a gente consegue fazer as terciárias... pra semana que vem a gente...

Luiza: caminhar..

?: qual a terciária que você quer?

Karoline: vamos lá.... azul com magenta. Esse tá lindo. Desculpa.

?: magenta?

Karoline: é... azul com magenta é o roxo.

Luiza: é que eu não cheguei no roxo ainda...

?: ah... você tá tentando sair do roxo.

Karoline: não, aqui tá o roxo.

Luiza: olha que lindo

Karoline: a questão é que o pincel tem que estar muito limpo, não tem segredo.

Luiza: tá

Karoline: ou mais água... cadê a pipeta?

Luiza: cadê?

Karoline: um tico de água... você viu aqui que quando eu passei ficou raspando? Não tá bom...

Daniel: agora deu...

Luiza: uma gotinha?

Karoline: isso!

Daniel: ficou um roxo azulado, não sei porque...

Karoline: quando a gente mexe com tinta é uma experiência estética, gente... a gente olha a cor e sente a cor. Vê se tá áspero, se precisa de mais água... se tá... assim vai...

Luiza: nossa, ele tá lindo! Obrigada. Agora posso escrever? Do lado?

Karoline: pode, aproveite e...

Luiza: olha que lindo....

Karoline: todo mundo? Quer fazer um roxo?

Marcelo: tá aqui, não é esse?

Karoline: tá meio escuro, talvez ele esteja meio escuro...

Daniel: roxo é difícil chegar, né?

Luiza: tá todo mundo... com um pouquinho de dificuldade...

Karoline: tá meio sujo..... vamos tentar fazer? Tem problema?

Marcelo: por favor

Luiza: olha que roxo lindo o teu, Liz.

Karoline: qual é a tua paleta, essa?

Luiza: dá pra ver que é um roxo, né?

Karoline: já tá misturado, vamos colocar magenta de volta...

Luiza: não precisa ficar se esforçando muito pra entender...

Isis: eu fiz um roxo e um marrom com ele...

Luiza: fiz vários até chegar no roxo...

Amanda eu só vou se for lá fora...

Isis: eu não cheguei ainda... não cheguei no roxo ainda.

[conversas atravessadas/inaudível]

Luiza: vim sem óculos hoje e tô me batendo... eu não enxergo muito legal.

Karoline: você quer azul com magenta, né? Esse é magenta, certo?

Luiza: tá crescendo? O meu também cresceu, Amanda.

Karoline: cuidado pra não pegar sujo, se não vai dar marrom.

Amanda o meu tá diminuindo... eu comecei com o amarelo...

[conversas atravessadas/inaudível]

Karoline: se eu junto as três...

[conversas atravessadas/inaudível]

Karoline: olha, posso colocar aqui o roxo?

Luiza: olha que lindo. Ele fez tipo uma legenda ali.





observando um elemento da natureza? Diferentes perspectivas? Quem pudesse... desenhar, ou escrever... ou mesmo só observar...

Liz: eu só observei..

Karoline: só observou... mas, tá colhendo elementos? A gente vai trabalhar com isso semana que vem, tá certo?

Amanda: tem um tronco de árvore que tá fazendo a minha alegria....

Karoline: continue olhando.... pra pensar que você tá louquinha, louquinha, louquinha. Continue olhando. Semana que vem a gente trabalha com isso e faz as terciárias.

?: a fruta que eu falei que ia desenhar, peguei um cacho de banana e coloquei em cima da mesa

Bernardo: comeu?

?: quando eu voltei só tinha o cabinho... [risos de todos]

Karoline: isso. Vou deixar aqui papel e tinta. Vocês querem marcar o horário que vocês vão estar aqui na Associação? Você quer voltar? Quer deixar comigo? Ou quer ficar com você?

Iris: esse aí deixa com você. Esse.

Karoline: quer que fique comigo? Tá. [inaudível] quer fazer de volta? Faça mais desenhos. Porque cada desenho nos traz elementos diferentes do elemento... do teu elemento água.

Iris: tá, tá bom.

Karoline: eu sei que você tá atrasada, não é mesmo?

Iris: não, agora tá normal. Se você quiser vir, marcar com ela de fazerem, fiquem a vontade

Luiza: quinta feira

Bernardo: de manhã, quinta-feira de manhã... sexta

Luiza: deixa eu ver o trabalho dela, o que ela desenhou?

Karoline: fica com vocês, depois vocês me dão

Bernardo: que dia vocês podem vir?

Luiza: o que você desenhou?

Iris: é....

Karoline: é um elemento da natureza. Água você quer mostrar?

Luiza: mostra pra nós

Iris: é um desenho simples que eu fiz, sabe? Água

Luiza: olha, é uma cachoeirinha.

Karoline: ela observou....

Luiza: conchinha...

Karoline: tudo isso é interessante porque... gente!

Luiza: ela escreveu atrás...

Karoline: escreveu sobre o elemento água. Tudo isso faz parte da observação estética que a gente utiliza depois pra pensar o nosso trabalho. Eu vou desenhar o pano de prato por qual motivo? Fruta? Eu vou desenhar pra essas frutas. Pra fazer uma fruta bacana.

?: tem que ser natureza?

Karoline: um elemento da natureza...

Luiza: tem que esperar secar pra guardar...

Karoline: quer guardar e me trazer na próxima?

Bernardo: deixa eu falar um negócio, se vocês quiserem vir aqui... o dia que não tem curso aqui de manhã.... de tarde não tem. Dia nenhum. Se vocês combinarem, qualquer dia desses... agora se quiserem vir segunda de manhã... segunda de tarde... quinta... quinta não tem nada.

Iris: quinta feira de manhã que eu posso vir mais. Na outra quinta, nessa eu tenho dentista.

Bernardo: mas só avise que vocês.... mas, geralmente nós estamos por aí... quinta feira... sempre tem alguém aqui. Fiquem à vontade.

Iris: tchau pra vocês

Bernardo: tchau

Amanda deixar, então Karolina....

Karoline: se quiser pode levar. Quem for deixar, deixa o nome atrás.

Isis: Karol, o que achou desse roxinho?

Karoline: perfeito

Isis: perfeito?

Karoline: roxo, roxo. Então, observe aqui... aqui, nós temos um triangulo. As primárias. Aqui, nós temos um outro triangulo. São as secundárias. 1, 2, 3, 4, 5, 6... nós temos as terciárias... então, do vermelho, que é uma secundária... com o amarelo que é uma primária

Amanda então eu

Karoline: vermelho, laranja.... mas, é bem simples. Você faz o círculo, com as primárias... a continuação do círculo com as secundárias... daí, você pensa assim... das secundárias eu tenho o vermelho... o vermelho é a mistura.... você tá racionalizando a cor. O que é interessante? A gente mistura a cor com uma intenção. É super bacana. Mas, quando a gente pensa a cor a gente tá... porque... pensando... quebrando a cabeça. A gente tá racionalizando. Então, é legal trabalhar das duas formas com a cor. O vermelho é feito de amarelo com magenta. Certo? Então, amarelo com magenta dá vermelho. Um tico mais de amarelo dá laranja. Então, terciária. Temos aqui o vermelho com uma secundária e o magenta, que é uma primária. O vermelho é amarelo com magenta. Com um tico de magenta a mais dá vermelho, eu chamo de vermelho cereja. Ele dá o rosado escuro. Então, outra terciária... temos cyan primária... roxo de secundária... roxo é feito de magenta e azul... magenta e azul, com uma queda de azul fica azul escuro...

Amanda nossa

Karoline: azul escuro... temos o roxo de volta e assim vai. Aí a gente faz as terciárias...

Amanda eu queria descobrir um que desse uma corzinha de pele...

Karoline: você quer o segredo pra cor de pele? A cor de pele, normalmente... o cor de pele, você demanda um pouco do branco

Amanda eu não tinha branco...

Karoline: o branco é importante ter... porque daí você consegue isso daqui... você vai afinando... você coloca, talvez, um tico de azul fechado...

Amanda eu compro a óleo pra fazer pintura...

[conversas atravessadas/inaudível]

Amanda então, vou fazer um cor da pele pra minha bailarina...

Karoline: pegue... fica aguado, fica um aguado... mas, precisa de branco. Branco é bom ter. preto não precisa, mas branco precisa.

Amanda pois é...

Bernardo: isso aqui depois você vai ouvir? Deve dar uma zumbideira, um monte de gente conversando...

Amanda bla bla bla bla bla bla

Karoline: como eu vou fazer pra transcrever tudo isso, né? [risos] Então, encerramos a oficina. Semana que vem terciarias e trabalhar o elemento da natureza. Fechado? Vamos fazer isso?

Quarto encontro

Karoline: Bom dia, tudo bem?

Alguém: bom dia...

Karoline: opa, bom dia. Bom dia, tudo bem? Veio pra Oficina de Artes?

Homem 1: vim, só não sei [inaudível]...

Karoline: é aqui mesmo. Vamos pegar uma cadeira?

Homem 1: tem uma aqui, olha...

Karoline: vamos pegar essa. Daí tem mais alguém lá? Pode pegar essa aí, sim...

Homem 1: essa?

Karoline: isso... Tudo bem?

Homem 2: tudo bem.

Karoline: Chegou como até aqui?

Homem 2: pelo [CAPS]

Karoline: [CAPS?], que bom. O quê que falaram da oficina?

Mulher: não lembro...

Homem 2: [inaudível] ver como funciona...

Karoline: ver como funciona...

Mulher: [ruído] [inaudível]

Karoline: ah da sua? Do seu grupo?

Mulher: é...

Karoline: então, gente, queria dar bom dia pra vocês. Vocês vieram mesmo com a chuva. Vamos fazer a nossa manhã valer a pena. Bom dia!

Todos: bom dia...

Karoline: vamos puxando aqui cadeiras, que a gente já aumenta o nosso grupo, que já é nove e quinze, né? Então passando a lista de chamada; nós temos um novo integrante, e esse é o nosso quarto encontro da oficina. E a oficina ela é pequena, ela tem oito encontros no total. E... ela tem o objeto principal de aperfeiçoar o trabalho de arte de cada um em específico. Então agora a gente não tá trabalhando no que cada um faz, mas estamos trabalhando com umas coisas que fazem parte de qualquer trabalho de arte e artesanato. Então saber olhar o nosso trabalho, fazer uma melhor avaliação do nosso trabalho, o que pode melhorar ou não, ver cor. E hoje, como a gente vai dar prosseguimento ao trabalho da semana passada, de mistura de cor. Então como que a gente pode... tô pensando aqui num... rosinha claro, antigo, sei lá o quê... como que eu peço e consigo fazer essa cor misturando tinta, misturando as três primárias, por exemplo? Ou como que eu posso combinar cor? Esse amarelo-limão combina com que tipo de cor? Posso fazer quais tipos de combinação pra... pra deixar a cor muito chamativa ou deixar a cor mais neutra? E assim vai... então, a gente tá fazendo estudo de cor e aí a partir, acho, da semana que vem a gente vai começar a pensar o trabalho de cada um específico, né? E... eu queria saber, então, se você... a gente sempre fez uma apresentação, sabe?, a gente perguntou o nome de cada um, o/qual/o quê fazia de arte, o quê que levou pra oficina e o quê que espera da oficina. Se você pudesse falar um pouco, tá bem? Seja bem-vindo, viu?

[trecho de áudio inaudível]

José: o meu é José... a minha [ruído] mandou eu vir, porque eu tava precisando ocupar meu tempo. E ela [ruído]... pra eu aprender, eu observar [ruído], [ver se encontro algo que gosto]...

Karoline: e você faz, já fez, tem interesse em trabalho de artesanato ou arte?

José: pra mim mais artesanato, né... [ruído]

Karoline: o que você fazia de artesanato?

José: eu fazia cesta de papel...

Karoline: cesta de papel?

José: é... o papel [inaudível], você enrola ele...

Karoline: ah! Aquele papel que fica duro?

José: é...

Karoline: e você gosta de desenhar? Gosta de pintar também?

Homem 1: ó, isso foi [gerado] lá no banheiro lá, que tá aberto...

Mulher: obrigada...

[ruídos/risadas]

Karoline: se for lá no banheiro, vai [atacar] o banheiro [risos]...

Mulher: [risos] o banheiro da alegria...

Karoline: pode falar, desculpa...

José: não... nunca desenhei... mas quem sabe, né?

Karoline: então você faz trabalho com... você fazia cestas? E você gostava de fazer isso?

José: sim...

Karoline: você fazia pra vender? Ou pra...

José: não, só no trabalho mesmo...

Karoline: no trabalho... Era um grupo de?

José: era um grupo que fazia artesanato pra... doações...

Karoline: ah que bacana! A Amanda também participou de um grupo que trabalhava com peças de artesanato, só que com um grupo de crianças... pra trabalhar com crianças...

José: hum...

Karoline: e o quê que você teria meio em relação à arte, artesanato, que queria que a gente trabalhasse na oficina? Consegue pensar em alguma coisa agora?

José: não...

Karoline: não? O quê que você queria ver? Queria dar prosseguimento ao seu trabalho de cesta... da cesta que você fazia?

José: bom, eu ia ver aqui na turma o quê que tão fazendo, quais que...

Karoline: certo. Nosso trabalho nós estamos vendo alguns pontos pra... a gente não tá aprendendo a pintar, mas a misturar, a desenvolver nossas atividades de mistura de tintas, que pode ser aplicado tanto ao trabalho de bordado, ao trabalho de pintura de pano de prato e assim vai, sabe? É pra gente pensar a cor, pensar a observação do trabalho de arte e artesanato e a forma como se faz. É... desculpa pela repetição, mas é sempre importante a gente... né?, deixar todo mundo antenado no programa... e queria saber como que foi, como que vocês passaram a semana? E como que foi a ... atividade?

Mulher: eu não vim [inaudível], mas tava ótima a renda...

Mulher 2: é, eu não vim algumas vezes, mas a gente tá vindo mexer... mas daí a gente ficou na dúvida daquela do papel branco, né?

Karoline: é, eu levei...

Mulher 2: nossa, tava [virando] [inaudível]...

Karoline: desculpa, gente, eu vi, eu pensei "quê que eu tô fazendo com esse papel?"

Mulher 2: é, minha [filha] viu esse do papel e ela queria mexer. Então, a gente tava incentivando a menina, né, tal... e cadê o papel... mas daí ela acabou fazendo um trabalhinho... ela deve ter o quê... mas eu mesma não mexi, sabe? Porque, né, sempre tem outras atividades...

Karoline: sim, não mexeu, não teve interesse?

Mulher 2: não, interesse eu tive, eu não tive foi tempo. Porque o tempo foi passando, né?

Karoline: que foi [inaudível], né, perdão?

Mulher 2: não, imagina... [isso vendo], eu fiz também o bico do pano de prato...

Karoline: ah você trabalhou no pano de prato...

Mulher: foi, né?

Karoline: tá. E alguém mais fez em casa? Pensou na tarefa de casa? De pensar um elemento da natureza?

Mulher: da natureza, né...

Karoline: a gente pediu pra tarefa que se quisesse, no Associação, poderia continuar esse trabalho, e escolhesse, na sua rotina de casa, um elemento da natureza pra ficar observando... por diferentes ângulos. Observar, por exemplo, o sol. Observar o sol de manhã, à tarde, ao entardecer, à noite e assim vai... pra gente trabalhar em sala, pra gente trabalhar aqui. Alguém? Vocês pensaram num elemento? Da natureza?

Homem: não deu tempo...

Karoline: não? Teve que trabalhar?

Homem: trabalhei com a minha esposa, cuidando...

Karoline: outra atividade... Amanda? Amanda? Você pensou, escolheu um elemento da natureza?

Amanda não...

Karoline: Acabou não... e me conta, parece que quando eu falo elemento da natureza parece muito longe? Ou... não é muito interessante? O quê que... o quê que eu poderia melhorar nessa proposta?

Amanda eu tenho uma preguiça de fazer uma narração do negócio...

Karoline: aham...

Amanda: eu tentei no primeiro dia... depois sou preguiçosa para isso... por isso que não fiz...

Karoline: e você observou? Escolheu algum pra ficar observando?

Amanda: ai, eu observo tanto a natureza, tanto... e a gente vai ter aula de jardinagem na terça, né? Então, assim, pra descrever ela pra mim é difícil, né? Pra olhar ela é maravilhoso, agora se eu tiver que falar dela, esqueça...

Karoline: esqueça? Ah... certo... Daniel, você queria falar alguma coisa? Você trouxe a análise do que você tinha feito?

Daniel: aham...

Karoline: trouxe? Que bom.... E....

Daniel: mas tenho que folhear ela aqui...

Karoline: aham. E você escolheu a água, né?

Daniel: sim...

Karoline: eu queria que a gente iniciasse com um aquecimento que, muitas vezes quando a gente pega no papel ou pega no nosso trabalho, a gente tá meio... ou tenso ou não tá aquecido. E é muito legal de vez em quando a gente fazer, até quando a gente não tá bem, pra gente se sentir bem assim, antes da gente pegar no pincel ou pegar no mãos à obra, fazer uma atividade de aquecimento. E a atividade de aquecimento pode ser variada, pode ser das mais diversas. Eu queria fazer uma atividade de aquecimento com vocês a partir do elemento da natureza que vocês escolheram. Mas... como a gente não escolheu em casa e ficou observando, vai ficar pra próxima, então. A não ser que você apresente o que você fez, Amanda... Iris...

Iris: ah... quê que eu fiz... eu fiz, olha, fiz [inaudível], sabe...

Karoline: é água...

Iris: água... ela passa sob a ponte, daí a cachoeira... bem simples...

Karoline: aham... é a cachoeira, tava com o guarda-chuva. E o quê que mais chama atenção, você ficou observando toda semana a água? Ou foi um momento daí... como foi?

Iris: não, eu fiz... a gente lida com a água direto, né? Mas assim, né, mas...

Karoline: e o quê que chama mais atenção da água?

Iris: água é indispensável pra tudo, né?

Karoline: aham... ah, quer ler ou quer falar? Fique à vontade...

Iris: água é um elemento indispensável para todos os seres vivos habitantes da natureza. Sem sua existência não há vida. Houve uma ocasião que ficou alguns meses sem chuva e com mais um dia de sol, minha colega disse: “espero não chover, pois preciso lavar a roupa e secar”. Porém, ela parece para pensar... “sem a chuva não poderei ter água para lavar essa roupa”, e precisamos de [inaudível] para todos os fenômenos da natureza...

Karoline: e precisamos e recorremos ao criador para todos fenômenos da natureza? Que bonito o que você falou. E você falou várias coisas. Esse trabalho que a Iris fez, gente... Tá mundo ouvindo, gente? Essa chuva atrapalha aí atrás. Esse trabalho que a Iris fez, de ficar observando, ela escolheu a água, ficar observando a água; ela pensou em diferentes aspectos e características que ela é vital pra viver, que não é só a água [que] é importante, que existe um criador por detrás, “a água inclusive que não me chova, senão não vou secar, não vou conseguir lavar roupa” e assim vai. Essa diferente observação de um objeto que ela fez, em diferentes momentos, nos ajuda quando a gente for ver, por exemplo, o nosso trabalho de arte. Eu gosto, por exemplo, de trabalhar com cestas de papel, de canudinho, de papel machê que chama? Não? De papel, né? Eu faço cestas de papel, mas eu gosto de pensar os diferentes formatos de cesta, posso pensar diferentes formatos de cesta para ela ficar mais atrativa, mais interessante. Se eu observo diferentes jarros, por exemplo, que eu tenho na minha casa, os jeitos, tipos e formas de potes que eu possa ter, eu posso dar formas diferentes para eles, para essa cesta que eu tô fazendo. Não simplesmente, não só aquela cesta padrão que a gente faz, posso pensar uma alça grossa aqui, uma alça com um rabicozinho aqui, posso pensar a cuia da cesta bem gorda, bem volumosa, ou fininha, estreita. Quando a gente observa um objeto escolhido por diferentes ângulos, essas coisas vão pipocando, e isso pode ser aproveitado para o nosso trabalho de arte. É um exercício que é bom. A gente escolhe um [inaudível] de exercício para dar prosseguimento a pintura, mas você pode pro pano de prato, pra tudo, sabe? Ele é bem útil, gente. Pra corrente também pode ser utilizado. Então tá certo; Iris, muito obrigado por você apresentar. Alguém mais gostaria de falar sobre elementos da natureza? Amanda, queria falar alguma coisa?

Amanda é que em casa ficava mais [comendo] assim...

Karoline: você veio aqui durante a semana?

Amanda: sim, é... não... é que eu tava com uma [pessoa]...

Karoline: bom, então eu pensei assim, já que nós não terminamos a mistura de cores, que era das primárias às secundárias e terciárias, eu pensei a gente fazer junto agora aqui de volta, o mesmo exercício. Por quê? Não é repetição, não; quanto mais a gente mexe com cor, mais a gente domina, não é verdade?

Pessoa externa:: quinta-feira eu vim aqui fazer, mas eu não tive papel...

Karoline: ai meu deus...

Pessoa externa:: falei pra pessoa, e deu onze horas e...

Mulher 2: e a [...] fez uma obra de arte...

Pessoa externa:: é...

Karoline: então depois nos mostre, porque infelizmente eu levei o papel...

Mulher 1: eu ainda pensei [inaudível]...

Karoline: me desculpa, gente, isso não vai mais acontecer. E daí, mas vocês fizeram?

Pessoa externa:: não...

Karoline: não?

Pessoa externa:: como que...

Karoline: e isso aqui? É atividade passada?

Pessoa externa:: é atividade passada...

Mulher:, é, atividade passada...

Pessoa externa:: do Marcelo, do pessoal...

[trecho inaudível]

Karoline: podemos conversar sobre isso semana que vem? Então tá...

[ruídos]

Karoline: você mostra e daí ele sobe?

Daniel: aham...

Karoline: legal, legal, Daniel... vamos ver isso... então semana passada, porque depois vamos trabalhar um [inaudível] [do que cada um faz]. Então semana passada a gente fez isso... como que é seu nome mesmo?

José: José...

Karoline: José. Desculpa, viu? Minha voz tá alta o suficiente ou tá muito baixa?

Mulher: tá alta, mas eles tão falando muito alto também...

Karoline: então temos aqui, semana passada a gente se propôs iniciar o círculo cromático, que é a partir das cores primárias. Quais são?

Todos: amarelo, branco, azul [ruídos]

Karoline: é... as primárias são as três, é... amarelo, azul e magenta...

Mulher: é...

Karoline: esse azul se chama azul ciano, que daí a gente pode...

Mulher: [amarelo ciano]...

Karoline: exatamente. Aqui nós temos as primárias; a partir delas a gente pode pensar mais três secundárias, agora sim... verde, vermelho e o roxo... aqui! E a partir dessas podemos usar mais seis terciárias, que a gente vai fazer e hoje, a partir de uma atividade de observação da natureza.

Iris: essas bolinhas gordinhas aqui são do teu?

Karoline: e dessa vez, gente...

Mulher: a bolinha tá bem viva, né?

[ruídos]

Karoline: tá bem linda... querem passar para dar uma olhada? Esse daqui... esse daqui...

Mulher: eu achei...

Daniel: esse aqui é meu...

Karoline: esse aqui?

Daniel: é...

Pessoa externa:: que bonito que tá, Daniel... as bolinhas têm o mesmo tamanho...

Karoline: [inaudível], as três primárias, as três secundárias é tudo [inaudível]...

Pessoa externa:: essa é da... Amanda...

Karoline: Amanda, que já tá [ruídos] dando umas misturas...

Amanda: umas misturas, mas saiu só...

Karoline: e esse seu tucano? E a Liz? E a Isis?

Amanda: a Isis não veio hoje, mas vem semana que vem? Quem sabe?

Karoline: ah [ruídos] temos aqui da Isis e da... Silvia. Silvia também não veio hoje, por causa da chuva. Ela mora lá longe... então é isso, vamos iniciar. Dessa vez eu pensei "eu faço junto", vamos fazer no papel, e vamos fazer um círculo cromático mesmo, redondinho, pra gente ficar bem claro qual é qual a mistura das cores. E daí também eu



queria dar alguns toques de como a gente trabalhar com tintas; a gente pega um pouquinho, um pouquinho, um poquinhinho pra testar, senão a gente já mistura tudo e fica aquele monte de tinta que a gente não consegue tratar e assim vai. E é sempre importante, pra gente isolar bem a mistura de cores, a gente limpar bem o pincel. Então água pra limpar, verifica lá no... tecido, senão a gente vai fazendo um marrom rapidinho. Beleza? Não sei se temos... posso deixar aqui? Depois posso fotografar o trabalho de vocês?

Iris: claro...

Karoline: vou deixar aqui. Todo mundo assinou, gente? Ou tem quem mais pra assinar?

Mulher: elas não assinaram...

[ruídos]

Karoline: então vamos para a mesa. Temos quantas pessoas e quantos papéis? Acho que vou pegar mais papel...

[ruídos/falas sobrepostas]

Vera: a [tolha] tá molhada?

Pessoa externa: a sua [toalha] tá molhada, Vera?

Vera: ã?

Karoline: gente, a gente vai ter que caber nessa mesinha. É um exercício, vamos lá...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: gente, cada um tá com um papel? Quantos faltam agora?

Mulher: vou botar seu nome agora, tá?

Karoline: quantos faltam, pessoal?

[ruídos/fala sobrepostas]

Pessoa externa: eu gosto de ficar sentada...

Mulher 2: eu também gosto de ficar sentada, mas aí...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: pessoal, quantos mais? Quantas pessoas faltam? Cada um fique numa bandejinha, pegue sua bandeja e seu papel, pra gente ver se é suficiente. Essa daqui é minha, por exemplo, quantas mais faltam? Da Sofia... dele... de quem mais?

[ruídos/falas sobrepostas] quantos mais pratos a gente precisa, gente?

Iris: acho que não precisa, Karol...

Vera: é, dá pra ir usando...

Iris: aqui, esse meu aqui não pode usar?

Karoline: não, cada um tem que ter um...

Vera: tem que ser o seu, né?

Karoline: porque senão você não vai você mesmo misturar sua tinta...

Iris: então eu mesma preciso de um aqui que eu não tenho...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: todo mundo assinou? Então vamos lá, rapidinho... vamos agilizar isso... amarelo... [ruídos/fala sobrepostas] amarelo, amarelo, amarelo... por que que eu paralisei, Jesus amado?

Daniel: na frente já dá para analisar já...

Karoline: então vamos fazer juntos, gente. É difícil que cada um tem um jeito de trabalhar, mas vamos tentar, seguindo os passos todo mundo, fazendo junto...

Iris: esse é o magenta, então?

Karoline: o magenta, uhum... esse é o magenta... isso é guache. Guache tem características próprias, diferentes da óleo, por exemplo, da acrílica. Mas essas primárias elas são uma maravilha, porque elas são uma guache profissional e você consegue misturar e fazer uma paleta infinita de cores...

Iris: qual que dá a marrom?

Karoline: a marrom? Marrom é a mistura das três primárias, mas você pode fazer marrons tonais. O que é isso? O marrom quente, que tem um vermelhinho mais... o marrom frio, que tem mais azul. E quanto mais a gente trabalha com cor, mais a gente consegue ver as diferenças. Por exemplo, a pessoa que, eu, eu fiz um curso sobre cor específico. Antes eu conseguia, pra mim, juro, eram três marrons iguais; daí depois olhando, olhando, trabalhando com cor, a gente consegue ver que não, são três marrons diferentes. Um é mais pra cá, outro mais pra lá, um mais amarelado, um mais terroso e assim vai... Temos agora suficientes bandejas?

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: mas aonde você vai ficar? Você tem que ficar na mesa. Vamos dar um jeito...

Mulher: o magenta é o amarelo?

[ruídos/falas sobrepostas]

Vera: eu vou tirar esses... posso tirar esses que são?

Iris: não, cada um tem que ter um...

Vera: não, esses aqui são os antigos...

Amanda: não, acho que não...

Iris: olha ali, ela pode pegar o amarelo...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: quem tá sem? Mais alguém precisa? Alguém tá sem bandeja?

Mulher: eu

Karoline: essa aqui não é sua?

[inaudível]

Karoline: quer trocar? Fica aqui com essa... eu gosto de fazer nesse grande... o pano a gente vai ter que dividir e a água também...

Pessoa externa: pode cortar esse aqui?

Karoline: pode cortar, se quiser...

Vera: qual a espessura do pincel? Não precisa ter espessura, então?

Karoline: não, nós temos variados, cada um escolhe conforme seu desejo e disponibilidade...

Daniel: hen, com o seis b, é sempre com esse aqui que faz o contorno antes do desenho?

Karoline: o seis b? Depende. Ele é bem forte, ele fica bem grosso...

Mulher: ele é bom para controlar mão...

[risos/falas sobrepostas]

Karoline: o grafite do seis b você pode, ele é um grafite bem forte. Então ele fica bem pretão. Tem um que é mais pretão ainda, acho que é esse daqui. Qual que é? Oito b...

Daniel: oito b, deixa eu ver...

Karoline: é, pra quem gosta de trabalhar com desenho é muito [ruídos/fala sobrepostas]...

Vera: [ruídos/fala sobrepostas] pra grafite, aqueles desenhos...

Daniel: com sombras... daí dá pra tirar, pra sombrear por dentro também, né?

Karoline: dá, ou você pode fazer com riscos, rachuras que chama. Gente, vocês façam, por gentileza, um círculo bem leve com o lápis, só pra gente fazer o círculo cromático mesmo.

Mulher: alcança um lápis pra mim...

Karoline: se vocês quiserem, façam a linha própria ou façam com molde, vocês fiquem à vontade. Vocês querem o molde?

[ruídos/falas sobrepostas]

Vera: círculo grande?

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: ó, eu vou fazer um círculo aqui, fiz o meu círculo aqui, só pra gente não... pra gente fazer um círculo cromático mesmo e não se perder, beleza? Então nós vamos ter aqui...

Pessoa externa:: nossa, eu não tenho uma folha nova...

[risos]

Karoline: você precisa de uma folha nova?

[risos/falas sobrepostas]

Iris: agora que você percebeu? [risos]

Karoline: alguém quer lápis de cor? Alguém mais precisa? [ruídos/falas sobrepostas]. Observem, vocês repararam alguma coisa no papel? Nós temos dois papéis, papel de cores de diferentes?

Pessoa externa:: dois tons de... pega o [cinza] ali pra mim...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: não foi de propósito. Eu comprei errado, e abri agora e veio creme. [risos] mas é interessante que a gente vai diferenciar, como fica o amarelo no amarelo, como fica o amarelo no branco. Esse é o creme, o papel creme. Ah, observem o seguinte: vocês tão usando papel do lado certo ou não? O que tem mais ranhura é o lado certo. Tem um que é mais liso, tem um que tem mais ranhura. Esqueci de avisar isso...

[ruídos/falas sobrepostas]

Iris: o meu não tá muito com cara de círculo...

Karoline: não tem problema...

Iris: olha o círculo da [...] que redondinho...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: gente, então, vamos lá, vamos só separar os ponteiros dos relógios das nossas cores, beleza? Aqui em cima vamos por um ponteiro, e aqui outro, como se fosse um triângulo. E aqui outro. Faz só um risquinho pra gente saber onde que vai colocar a cor. E daí vamos fazer um outro triângulo de cima pra baixo. E daí nos meios a gente faz mais um ponto...

Pessoa externa:: vixe, agora me perdi...

Karoline: aqui, triângulo, triângulo... por que que a gente tá fazendo? Porque da última vez a gente deixou mais aberto, né?, e daí fica mais difícil quando depois a gente quer saber “como fiz aquele laranja mesmo?”. Daí quando tá no círculo a gente já entende. Então vamos lá, pessoal. Eu vou escolher meu pincelzinho camarada. Cada tem um seu pincel? Cada um tem sua água? Essa água limpa que não será misturada com nada, que se a gente precisar deixar a nossa tinta um pouco mais mole a gente coloca. Antes... normalmente é bom colocar uma gotinha ao lado de cada um, que daí a gente pega, se for necessário. Porque essa tinta, ela tá mais sequinha, então a gente coloca, ela fica bem grossa. Na verdade, Amanda, você que sabe mais. Então eu vou pegar, vou colocar um pouquinho de água, vou verificar se meu pincel tá limpo, né, gente. Verifiquem isso, e usem a toalhinha, se precisarem. Verifica, dá uma esfregadinha aqui na água...

Iris: meu relógio, acho que tá faltando dois ponteiros de cada lado...

Karoline: fez o...? vamos ver o quê que falta no relógio da Iris...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: não... quantos ponteiros? Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze...

Iris: tá faltando dois, então...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: faz triângulo, triângulo...

Iris: quantos que é?

Várias: doze...

Iris: um, dois, três...

Karoline: doze, que nem um relógio...

[risos/falas sobrepostas]

Karoline: você ajuda a Iris, por gentileza, Amanda?

Daniel: deixa eu ver aqui...

Karoline: quem não precisa, quem já tá assim, quem já tá mais fácil para fazer assim não precisa fazer o relógio. Posso te ajudar a fazer o? Ah você já fez. Que beleza! Essa luz não colabora, dá pra gente acender essa?

Iris: dá, acende essa direto...

Daniel: mas acende aquela outra lá, melhor...

Karoline: é, ajuda, ajude um pouco. A luminosidade é tudo pra gente quando a gente faz mistura de cor enxergar. Essa não é das melhores; o que é melhor é quando a gente tá lá fora, na luz natural. Então, gente, quando a gente pega pra misturar, quando a gente vai trabalhar com tinta a gente mistura um pouco o pincel, pode até fazer aqui um molhadinho, enxugar um pouco. Vamos escolher o amarelo primeiro? A gente pega um pouquinho só, gente. E mistura aqui, ó, um pouquinho... não precisa passar em todo. A gente pega um pouquinho, faz uma misturinha aqui. Olha que interessante, a gente observar que tipo de pincel que a gente tá usando, o meu é redondinho, né?, tem outros que são chatos. A gente muitas vezes pode rodar o pincel para que a mistura corre bem, porque muitas vezes a gente pegou numa parte do pincel a cor, mas no outro não; ou pegou noutra parte, outra cor. Daí fica um mix de cor sem a gente ter uma exatidão. Então eu vou fazer o meu amarelo aqui. Fiz o meu amarelo. Essa, será que tá bem limpo esse pincel, acho que tá, né? É, acho que tá, acho que tá, acho que tá...

Daniel: um círculo?

Karoline: isso, não precisa fazer no grafite, porque o grafite pode tirar um pouco da cor. Se quiser fazer um pouco embaixo, do lado. Primeiro, usa o amarelo. Depois podemos tentar o magenta. Vamos pegar um pouquinho. Um pouquinho, ó, gente. Pega um tiquinho daqui do lado e faço aqui minha mistura. Se a gente fizer muito grosso, ele tem uma boa cobertura, a gente nem consegue ver a cor, que ele fica preto de tanto magenta. Não foi isso que aconteceu semana passada?

Mulher: uhum...

Karoline: pronto. Vou fazer o meu magenta aqui, com um triângulo. Vou fazer aqui meu magenta. Vamos ver. Isso, vou fazer aqui.

Amanda: faço pra fora?

Karoline: como você quiser. Se for pra fora, fica maiorzão. Tem mais espaço, vai conforme teu magenta. Eu vou limpar meu pincel agora...

Daniel: o magenta vai no triângulo, então?

Karoline: isso, triângulo...

Daniel: embaixo, aqui?

Karoline: um, dois, três, um, dois, aqui. Eu acho que é aí, se der errado...

Iris: ai, eu fiz no lugar errado?

Karoline: não, tá certo...

Vera: tem que ser no terceiro...

Karoline: isso, terceiro. Um, dois, três...

Iris: sinto muito, mas o meu ficou lá...

Karoline: tudo bem? E a gente faz o mesmo com o [ruídos/falas sobrepostas]...

Iris: não vou nem perder o tempo com o [ruídos/falas sobrepostas]...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: então vamos lá... esse círculo...

[ruídos/falas sobrepostas]

Iris: e agora o azul, onde você tá pintando o azul? Pinta na mesma direção do rosa, pode ser?

Karoline: pode..

Iris: pode ser na mesma direção do rosa?

Karoline: pode, tem que ser no triângulo, um, dois, deixa eu ver aqui... [ruídos/falas sobrepostas]... deve ser, vamos lá...

Amanda: é no triângulo...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: não, eu acho que a gente fez ao contrário, vamos ver. Acho que eu embananei, gente. Tinha que ser lá embaixo...

Iris: é, tinha que ser aqui, colocado primeiro...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: ah meu deus... vamos ter que fazer de volta. Desculpa, gente...

[ruídos/falas sobrepostas]

Pessoa externa:: acho que a gente tem que fazer primeiro os três riscos e deixar quieto...

Karoline: pronto, tem que ser aqui, mais pra baixo. Desculpa, gente.

Vera: era o quarto, então?

Karoline: é... acho que é. Porque, vamos ver como que vai ficar. Gente do céu, eu sempre faço isso, mas no círculo fica muito certinho...

Luiza: eu sei, mas eu acabei acertando...

Karoline: perdão, viu...

Amanda: e se deixar aqui?

Luiza: vou pensar...

Karoline: daí depois você coloca o [certo] aqui...

Iris: e daí a gente vai fazer a mistura e deixar?

Karoline: vamos. O quê que vocês querem fazer primeiro?

Pessoa externa:: o que você quiser...

Karoline: não... alguém escolhe?

Amanda: magenta, então?

Karoline: não, magenta já tá aí...

[ruídos/falas sobrepostas]

Mulher: marrom laranja...

Karoline: não, marrom é terciária, não vamos fazer marrom ainda...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: vamos fazer o verde, então... verde é o quê?

Amanda: é azul com amarelo...

Karoline: isso. Vamos pegar o amarelo, um tico de azul...

Luiza: ó meu ficou... deu certo?

Karoline: deu...

Pessoa externa:: o amarelo, um tico de azul, depois...

Karoline: e aí, ó, gente, mexendo bem esse pincel... pra que a mistura fique bem feita. [inaudível] esse que a gente pegou, que tem um tico de amarelo sobrando e assim vai. Amarelo... aqui vai meu verde...

Amanda: esse verde pode ser mais escuro?

Karoline: pode... o meu tá muito aguado, vocês percebem? E ele vai ficar opaco, porque a guache não tem uma cobertura que nem a aquarela que gosta de...

Daniel: no segundo... aqui no...

Luiza: é do lado do azulzinho, é assim que faz?

Karoline: é entre o azul e o amarelo, é o verde. A gente fez... aqui vai ficar o verde...

Daniel: aqui?

Karoline: aqui... porque é entre esses dois, deu errado.

[ruídos/falas sobrepostas]

Iris: joga um pouquinho mais de amarelo...

Karoline: gente, vocês tão achando interessante, é difícil, ou não tá fazendo?

Luiza: eu acho interessante..

Karoline: porque, gente, o negócio é o seguinte. Estou mexendo com as minhas tintas acrílicas lá pra fazer meu quadro, ou tô mexendo no meu pano de prato, vou testar essas cores pra ver até onde elas podem ir e pra depois pintar. Testa primeiro no papel pra depois passar pro pano de prato, pra não gastar pano de prato...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: todo mundo fez o verde? Beleza. E qual outro que vocês querem fazer? Me falaram do vermelho, é isso mesmo? Então é amarelo...

Daniel: yellow...

Karoline: e magenta... é, o vermelho costuma ser difícil de fazer. Porque muitas vezes fica ou laranja, laranja é uma terciária...

Pessoa externa:: pois bem, não tá dando pra enxergar muito bem, mas eu acho que ficou laranja...

Karoline: acho que sim, mistura melhor aqui... faz mais uma, mais um exercício. E vai acrescentando, você olha e vê "ah precisa mais de uma"...

Mulher: aqui já tirei...

Karoline: mas cuidado, se você pegar um tiquinho pra cá vai ficar [pintadinho] com magenta...

Pessoa externa:: tenho que ir virando, pegando do outro lado...

Karoline: isso. Então eu vou colocar aqui meu vermelho. O meu relógio não deu certo, pessoal, tamo fazendo aproximado. Temos aqui um vermelho...

Mulher: ficou rosa...

Karoline: porque tem muito magenta...

Pessoa externa:: põe mais amarelo...

Karoline: é... melhor limpar o pincel bem, e secar e daí pegar um tico de amarelo pra misturar. Se precisar de água, [pipeta]...

Luiza: ele fica do lado do... magenta aqui, né?

Karoline: isso, mas ele fica entre o amarelo e o magenta...

Luiza: aqui, então....

Karoline: coloca aqui, melhor aqui...

Luiza: mas aqui vai ficar laranja...

Karoline: é, mas eu fiz assim, vai... [ruídos/falas sobrepostas]...

Iris: não é pra ficar laranja...

[ruídos/falas sobrepostas]

Luiza: eu vou por aqui pra seguir aquele lá, tá?

Karoline: tá bom...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: no círculo, a gente entende a cor como ela foi feita. Isso que é legal. É tipo, assim, como que a gente chama o nosso... a nossa cola da cor. "Ah, como que faz aquele amarelo?", aí você faz [inaudível]...

[ruídos/falas sobrepostas]

Mulher: como que faz a cola da cor? Eu me esqueci...

Karoline: ah não, não. É que nem a nossa cola pra saber, a cola da escola, pra saber como faz a cor. Se a cor [ruídos/falas sobrepostas]...

Luiza: eu vou escrever aqui, do lado de fora..

Iris: eu tive que escrever, porque ainda não aprendi a fazer o negócio aí...

Nvou escrever porque acho que sou meio burrinha...

[risos/falas sobrepostas]

Luiza: beabá... a, b, c, d, e, i...

Pessoa externa:: meu beabá tá começando lá no Z...

Karoline: todo mundo fez o vermelho? Beleza, então, vermelho. Se você achar teu pincel ruim pode pegar outro, viu, não se preocupe...

Amanda: mas tem outros aqui. Esse aqui...

Karoline: se achou o pincel ruim pode pegar. Ó, esse daqui é chato, talvez você goste mais, ache melhor. Se você quiser, né, se você quiser...

Pessoa externa:: ih cadê meu pincel?

Luiza: [de quem é esse pincel?]

Karoline: [inaudível] então volta, volta, esse é... [ruídos/falas sobrepostas]...

Pessoa externa:: dá licença, então, que esse aqui é meu [risos]...

Karoline: desculpa. Ele tava tão limpo, eu pensei que nem foi usado...

Homem: [Simone], esse aqui ficou bom?

Karoline: ficou, ficou perfeito...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: Amanda, quer vir cá explicar? Gente, a Amanda vai explicar; a Amanda fez o triângulo aqui que eu queria dizer, só que eu não quis desenhar. Conecta as secundárias com secundárias, e as primárias com primárias. Fez o triângulo das primárias, e agora ela vai fazer o triângulo das secundárias, que falta uma cor. Qual é?

Pessoa externa:: o roxo?

Amanda: o roxo, né? Que vai aqui...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: então, o roxo, gente, daqui a pouco vamos tocar as tintas por terciárias...

Luiza: trocar a aguinha...

Karoline: é... de volta. Vou pegar com a minha pipeta um tico aqui, misturo o magenta, cuidado pra não misturar o verde... [ruídos/falas sobrepostas]... o quê que tem que tomar cuidado: não pode misturar o vermelho com o azul, se não dá marrom; tem que misturar o magenta com o azul...

Pessoa externa:: [inaudível] pra dar o roxo?

Karoline: pra dar o roxo...

Iris: eu acho que deu roxo, mas eu não tô enxergando daqui...

Luiza: magenta que dá roxo. Magenta fica bem azul, né...

Pessoa externa:: olha quanto que tem que passar pra dar o roxo...

Mulher: foi lá em baixo, né?

Karoline: isso, vamos terminar o triângulo. Triângulo, triângulo...

Mulher: aqui precisa mais de magenta, né?

Karoline: precisa, sim. Magenta! Cuidado pra não ir pro vermelho...

Luiza: nossa, que lindo que virou teu roxinho...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: mas ele tá aguado, tá aguardo...

Pessoa externa:: mas o roxo tá [inaudível] assim?

Karoline: ele tá muito ver, muito magenta... se quiser colocar na pipeta uma água no azul, porque [ruídos/falas sobrepostas]...

Pessoa externa:: olha, no branco ele ficou roxo, mas no amarelo ele não ficou...

Karoline: quer que bote um pouco de água pra ver?

Luiza: falta mais azul no meu, acho, né?

Karoline: cuidado pra não, talvez esteja misturado com o vermelho. E daí vai ficando marrom...

Luiza: botar um pouquinho de água?

Karoline: é, vamos ver como ele fica...

Luiza: preciso do magenta, Karol. Vou botar pra ver como ele fica. Ô meu Deus...

Karoline: posso só...

Luiza: pode...

Pessoa externa:: agora preciso do azul...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: eu acho que ele tá com a cor meio suja; acho que foi [ruídos/falas sobrepostas]... mas por essa água será?

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: experimenta, vamos limpar o pincel...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: tá escuro... acho que tá indo pro azul... tinha que, mistura mais magenta...

Daniel: como que é? Eu perdi, eu parei no vermelho. Como que eu vou fazer o esquema da água lá?

Karoline: vermelho, daí a gente fez, você fez já verde e agora vai fazer o roxo...

Daniel: o roxo é o magenta e o...

Karoline: amarelo!

Luiza: o dele ficou tudo azul, olha... foi uma gotinha do magenta...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: magenta, olha, ele tá com bastante azul...

Vera: acho que tem que ser um pouquinho mais de azul. Ficou meio marrom ali... talvez por um pouquinho de água...

Karoline: se quiser trocar o pratinho ou por mais água da pipeta, tá, pra não deixar ficar tão forte...

Pessoa externa:: tá, depois que terminar esse aqui vamos trocar nossa água...

Karoline: vamos lá, pra começar as terciárias só limpando a água mesmo. Vamos trocar tudo...

Amanda: agora ficou mais com cara de...

Karoline: ficou, ficou bom o seu...

Daniel: é amarelo e magenta dá laranja? Amarelo e magenta...

Mulher: ó, o meu ficou escuro também...

Daniel: magenta é azul?

Karoline: magenta é azul pra dar roxo...

Daniel: ah, o magenta eu pensei que era o vermelho...

Karoline: amarelo e magenta dá vermelho

Luiza: o magenta é o vermelho, bem magenta, Daniel. O vermelho [inaudível]

Karoline: [inaudível] pra você enxergar melhor. Tá parecendo preto. Que tal você deixar. Ah! Com essa chuva, que tal você deixar...

Luiza: põe embaixo...

Karoline: onde tá seu pincel?

Luiza: tá aqui. Ai, vocês são interessados...

Karoline: a gente vai trocar todos os potes, né, gente. Essa água tá muito suja...

Luiza: nossa, Deus abençõe...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: é desse [inaudível] que você tá falando?

Luiza: é, desse que eu tô falando....

Karoline: tá, vamos colocar mais água pra conferir. Eu acho que ele tá meio sujo. Sujo eu digo o quê, que foi um amarelo ali, e daí ele...

Luiza: aaah



Pessoa externa:: mistura um vermelho com amarelo, dá um laranja..

Luiza: agora ele foi...

Karoline: ficou?

[ruídos/falas sobrepostas]

Pessoa externa:: ah eu vou tentar fazer outra coisa, [parar] de fazer já...

Luiza: ah olhe que diferença...

Karoline: vamos trocar a água, gente? Fazer um mutirão pra trocar água, jogar lá fora e depois...

[ruídos/falas sobrepostas]

Daniel: magenta é... é o magenta...

Vera: azul dá o magenta...

Luiza: não, magenta, não. Magenta é vermelho...

Karoline: então vamos lá...

Iris: na verdade ele não é vermelho ainda, ele é magenta...

Vera: vermelho magenta, né...

Pessoa externa:: o vermelho dá o [camarelo]. Só que daí ele faz o vermelho, só que já não deu certo

Amanda: mas qual que ela tinha errado? Ela tinha errado o...

Mulher: esse aqui tá errado...

Daniel: aqui é onde vai o roxo?

Luiza: você vai fazendo...

Karoline: calma, gente...

Amanda: você vai no triângulo das primárias...

Pessoa externa:: no verde, o verde... o vermelho e o roxo...

Karoline: desculpa, gente, é que eu sempre faço sem fazer relógio. Eu acho muito mais... daí eu resolvi fazer relógio, pra ficar mais fácil, mas daí...

Iris: aí embananou...

Karoline: é, perdão...

Iris: imagine, o importante é a mistura...

Karoline: então vamos colocar água nos potes que estão. Damiris, pode dar esses que tã. Essa é água nova?

Iris: água nova? É a mesma

[ruídos/falas sobrepostas]

Luiza: vou pegar mais um pra nós...

Karoline: mas depois que tiverem todos feitos, a gente refaz o triângulo certinho; que daí vocês vêem a bolinha certo...

Iris: então, não vou fazer o triângulo ainda...

Karoline: é, espera, isso...

[ruídos/falas sobrepostas]

Iris: então, vou lá buscar. Tem um resto?

Karoline: vamos indo. Vamos ver se ela [inaudível], você não quer mais um pra começar?

Mulher: [inaudível] meia horinha....

Karoline: ó, aqui tem papel, você pega aqui o lápis, [ruídos/falas sobrepostas], pra guardar. Você [inaudível]... pra guardar...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: tá todo mundo pronto?

Luiza: você vai também, né?

Pessoa externa:: aqui com vocês eu me sinto melhor, porque eu não fico com a [mão colada lá atrás]...

Karoline: tá todo mundo pronto? E aí, gente? Como que a gente faz as terciárias? Vamos começar pelas terciárias mais clarinhas? Que é o laranja, por exemplo? Laranja! Como que fazemos? As terciárias são: um tico da secundária e um tico da primária. Vocês querem escrever embaixo da cor qual que é primária e qual que é secundária?

Iris: quero...

Luiza: seria bem bom, né...

Karoline: então vamos lá. O amarelo, primária; o azul, primária; e o magenta, primária; vermelho, secundária; roxo, secundária; verde, secundária. Vocês querem fazer um, dois?

Vera: o verde é secundária?

Karoline: verde é secundária...

Vera: tá, então agora nós vamos fazer as terciárias?

Karoline: isso...

[ruídos/falas sobrepostas]

Mulher: pode pegar um [pretinho] desse?

Karoline: isso, isso mesmo... todo mundo escreveu? Vamos fazer o laranja?

Iris: vamos...

Mulher: quando você errar, você faz assim ó...

Daniel: eu já tenho o laranja pronto ali...

Iris: laranja é vermelho com amarelo?

Pessoa externa:: é que esse azul aqui que tá de bobo no meio...

Luiza: eu também acho que já tenho azul demais...

Karoline: sim, porque a minha [ruídos/falas sobrepostas]...

[ruídos/falas sobrepostas]

Iris: o meu magenta é [inaudível]?

Karoline: o nosso círculo [será] uma ameba...

Iris: uma ameba...

Karoline: que vai ser maleável...

[ruídos/falas sobrepostas]

Luiza: tá...

Karoline: porque esse [devia] tá aqui. Aí você vai fazer o magenta [com o] vermelho

[ruídos/falas sobrepostas]

Iris: ah o laranja e o amarelo com o magenta, né?

Karoline: não, amarelo com laranja dá vermelho...

Amanda: dá vermelho...

Karoline: o laranja é vermelho com amarelo... então vocês procuram, onde que tá meu vermelho...

[ruídos/falas sobrepostas]

Iris: esse já é terciária, onde que coloca a ...

Luiza: boa pergunta, Iris...

Pessoa externa:: eu sempre perco o vermelho com o amarelo. Ah, acho que aqui. No papel amarelo com vermelho, vai ficar o laranja ...

Luiza: é, põe aqui, do lado daquela segunda...

Iris: é, vermelho com amarelo dá laranja...

[ruídos/falas sobrepostas]

Vera: qual que é agora?

Iris: agora é o laranja... olha aqui, ficou bem laranjadinho...

Luiza: ficou... olha o meu...

Karoline: gente, nós temos a Silvia aqui...

[ruídos/falas sobrepostas]

Mulher: Karoline, aqui seria o laranja?

Karoline: entre o vermelho e o amarelo... corretor, perfeito, gente, estamos evoluindo...

Luiza: ah muito bom...

Mulher: puxa, não entendi nada. Onde que é o vermelho?

Pessoa externa:: entre o vermelho e o amarelo fica o laranja... e o amarelo com vermelho. Cadê o teu vermelho misturado? Aí você põe o amarelo ali, não carrega. Aí, vai misturando...

[ruídos/falas sobrepostas]

Iris: esse daí já terciária, né? Que já misturou o vermelho com o amarelo...

Karoline: isso, terciária... se quiser escrever, pode escrever. Vamos fazer um laranja radiante. Veja, se tiver um tico de azul na sua vida, na sua tinta, daí já vai pro marrom. Vai ficar, não vai conseguir daí...

Pessoa externa:: tá, vermelho com amarelo dá laranja. Aqui vai ser o quê? Verde com...

Karoline: todo mundo fez o laranja? Já vou. Todo mundo fez o laranja? Qual a próxima terciária que vocês querem?

Iris: marrom...

Karoline: marrom é só depois...

Iris: ah é mais ainda...

Karoline: aham, é só depois. É verdade... [risos]... o quê que dá verde com vermelho [ruídos/falas sobrepostas]... vamos fazer então. É... a gente fez magenta, fez vermelho com amarelo, podemos fazer agora vermelho com magenta. Vamos fazer vermelho com magenta, gente? Agora, cadê?

Iris: vermelho tem...

Karoline: vai dar um vermelho cereja, um vermelho pegando pro magenta. É difícil...

Pessoa externa:: cereja?

Karoline: tipo cereja. Estamos dando esse nome, mas vocês podem dar um nome variado. É um vermelho que quase é magenta, mas não é...

Pessoa externa:: com quê? Vermelho com o quê?

Karoline: vermelho com magenta...

Vera: será que é esse aqui?

Karoline: acho que tá vermelho... precisa um pouco mais de magenta...

Iris: então vermelho e aí...

Karoline: molha um pouco teu magenta com água aqui. Pega a pipeta...

Iris: amarelo com magenta dá [verde]...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: quer espalhar um pouco no pra gente fazer o teste? Veja, essa com essa dá diferença, né? Se você quiser fazer um teste e colocar mais um tico, mas acho que tá bom. Experimenta. [ruídos/falas sobrepostas]. Então onde que eu vou colocar isso? Eu vou achar o vermelho e o magenta e vou colocar aqui no meio. [ruídos/falas sobrepostas]. Se ficar igual, tem que refazer; quer dizer que precisa de mais magenta...

Amanda: e agora? Dá uma olhadinha aqui...

Karoline: vou dar uma olhadinha. Deixa eu só...

Amanda: esse aqui é o vermelho, né...

Karoline: esse é o vermelho...

Iris: eu vou voltar. Eu tô com sorte, tô com o papel branco e com o amarelo, então agora vou fazer um teste nos dois [risos]...

Karoline: pronto, cheguei. Você precisa fazer o vermelho cereja? Olha, o ruim é que a luz não contribui. Então você pega e levanta aqui e olha contra a luz pra ver. Ele ainda tá muito avermelhado. Coloca um pouco mais de magenta pra ver o que acontece...

Mulher: quem tá com a pepita?

Karoline: tá rosa... talvez um pouquinho mais...

Iris: precisa de mais magenta...

Pessoa externa:: mas essa cor aqui, olhe, Karol...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: vamos comparar com o vermelho. [ruídos/falas sobrepostas]. Vai começando a dar um nó na gente, não é isso? Vai dando um nó, vai dando um nó...

Daniel: o laranja vai aqui?

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: talvez pegar um pouquinho do magenta só pra ver onde ele vai...

[ruídos/falas sobrepostas]

Daniel: ah o laranja tá entre o amarelo e o vermelho...

[ruídos/falas sobrepostas]

Pessoa externa:: Daniel, não faz pergunta difícil, Daniel...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: é que essa luz não colabora

[ruídos/falas sobrepostas]

Luiza: ó, tem gente procurando sua pepita. Tua pepita...

[risos/falas sobrepostas]

Mulher: por algum dinheiro dá...

Luiza: o quê você quer?

Mulher: aquela...

Karoline: ó, tá meio-claro, então vamos pegar. Posso te ajudar? [ruídos/falas sobrepostas]. Vamos pegar um pouco de magenta. Como já, vamos pegar um tico, vamos fazer que nem [ruídos/falas sobrepostas]. Vou roubar o amarelo aqui...

Pessoa externa:: eu tô perdida aqui, não sei o quê...

Karoline: é o magenta com o vermelho, mas o vermelho é feito com o amarelo, entendeu?

Pessoa externa:: é...

Iris: nossa, Karol, tá dando nó já na cabeça...

Luiza: nossa, se fosse só na cabeça...

Karoline: é que nem, a gente pode fazer que nem uma conta de matemática. Amarelo +, por exemplo, amarelo + magenta = vermelho...

Iris: essa [ideia] já é vermelho?

Daniel: não...

Karoline: + magenta dá um vermelho cereja. No final, tudo é feito com as três primárias. Mas a gente vê diferenças, e pra não transformar tudo em marrom, a gente faz primária, secundária e terciária...

Luiza: ah tá. Essa é terceira também, né?

Karoline: é. Ele tá com uma queda pro magenta. Acho que agora tá bom...

Mulher: então seria um vermelho, como é que poderia dizer...

Karoline: o vermelho com magenta...

Daniel: laranja é secundária?

Mulher: é vermelho mais magenta...

Iris: onde que fica o vermelho? Onde que coloco o vermelho, ele com magenta?

Karoline: você tá com alguma dúvida? Como que você fez?

Mulher: vermelho...

Karoline: primárias e secundárias, que tem o vermelho. O vermelho tá aqui?

[ruídos/falas sobrepostas]

Pessoa externa:: o meu deu bem parecido com a tua também...

Daniel: vermelho, azul, amarelo...

Karoline: é, é magenta, magenta. É que a gente sempre aprendeu que vermelho é primária, né? Isso, e aqui vem... vermelho... [ruídos/falas sobrepostas]... e o roxo... isso. O roxo aqui dá pra ver que tem uma mistura de base que você vê que é roxo. Agora aqui parece mais [ruídos/falas sobrepostas]. Posso fazer o [inaudível], se você quiser...

[ruídos/falas sobrepostas]

Luiza: vermelho com magenta?

Pessoa externa:: vermelho com magenta. O vermelho que foi o resultado com...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: se quiser colocar o roxo aqui pra baixo pra gente ver o resultado do círculo...

Pessoa externa:: daí você vai pega o vermelho com o magenta e...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: tá aqui eu acho. Esse aqui é seu? Se quiser molhar com um pouco de água. E daí colocar aqui que você faz [ruídos/falas sobrepostas]... daí só pra ficar organizado...

Luiza: o vermelho com magenta, tá...

Amanda: esse é o roxo, laranja. Vermelho com amarelo dá laranja...

Karoline: todo mundo fez esse gente, ou falta?

Pessoa externa:: eu fiz...

Karoline: fizemos o cereja. Cerejinha do bolo...

Iris: esse vermelho com magenta é terciário, né?

Karoline: vermelho com magenta é terciário...

Daniel: nossa, um monte. E qual que é agora?

Karoline: agora qual que, vamos continuar com o magenta? Fazer magenta com roxo, gente, pra ver o quê dá?

Daniel: nossa, mas gostou do marrom, hen [risos]

Iris: tem um monte de gente que quer esse marrom...

Luiza: calma, esse último que a gente fez foi vermelho com magenta, né?

Karoline: não, não é, an?

Luiza: esse último que a gente fez...

Karoline: vermelho com magenta. Agora gente vai. Ah, laranja. [ruídos/falas sobrepostas]. Agora a gente vai fazer magenta com roxo...

Pessoa externa:: coloquei vermelho achando que era verde...

Karoline: vocês conseguem encontrar o roxo do de vocês? Senão a gente vai fazer mais...

Daniel: o roxo e o magenta?

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: ele vai ficar um roxo avermelhado. É uma cor linda...

Daniel: magenta é o rei...

Karoline: pra esmalte de unha essa cor...

[ruídos/falas sobrepostas]

Iris: essa tá muito artificial...

Luiza: será?

Vera: vai ficar assim, ó?

Iris: cadê tua pretinha?

Karoline: ê, vamos ver, vamos lá.

Pessoa externa:: vai dar o quê? Mesmo assim tem duas cores. O roxo tá bem igual...

Karoline: vai dar roxo avermelhado...

Pessoa externa:: vai fazer de novo..

Karoline: o roxo é a magenta...

Pessoa externa:: o roxo é a magenta com azul...

Luiza: eu tenho que pegar mais magenta...

Pessoa externa:: bem na ponta do [nariz] dele...

Daniel: calma, Iris, calma, calma...

Karoline: posso pegar pra misturar?

Amanda: pode...

Karoline: é, sempre bom, a gente olha, se tiver na sombra não dá pra ver. Aí pega e levanta a bandeja...

Vera: ai o meu deu verde...

Pessoa externa:: credo, ficou cor-de-rosa...

Karoline: foi o magenta...

Iris: ficou cor de uva...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: isso, exatamente, pode colocar...

Mulher: eu vou por onde aqui? Um do lado do outro?

Karoline: entre o magenta e o roxo. Aqui tá, onde tá o magenta? O magenta. Não...

Daniel: aqui?

Karoline: não, cadê o roxo?

Daniel: aqui que é pra colocar?

Pessoa externa:: e...

Daniel: aqui que é pra colocar o magenta com o roxo?

Karoline: só um momento. Tô respondendo aqui e já vejo. É aqui. Ele fica aqui...

Pessoa externa:: ele fica do lado do roxo, né?

Karoline: ele fica entre o magenta e o vermelho. Desculpa. Não, é aqui. É magenta. Isso aqui é roxo, né?

Iris: é...

Karoline: e isso aqui é azul, né? É que nós estamos [inaudível] em círculo. Então é aqui entre esses dois...

Iris: posso deixar aqui?

Karoline: pode deixar...

Daniel: aqui, então?

Karoline: hum, não sei. Estou na dúvida, só um momento. Só um momento, Iris, desculpa...

Daniel: não, tá tranquilo. É tanta pergunta, né...

Karoline: pode falar. É entre o roxo e o magenta? Esse é roxo e entre o magenta. Isso...

Daniel: aqui? E aqui?

Karoline: isso...

Vera: deu tipo uva, o...

Karoline: o teu tá precisando mais de... roxo. Ele tá muito magenta...

Daniel: de roxo?

Vera: olha...

Daniel: ah, verdade...

Vera: tem que ser mais do outro...

Daniel: então, pra chegar no roxo qual que é mesmo?

Karoline: roxo é azul e magenta. Quer dizer, precisa de mais azul, entendeu?

Daniel: aham...

Iris: tá, e esse aqui?

Karoline: vamos ver aqui, só um momento. Posso fazer um desenho, por favor?

Iris: roxo... azul, magenta...

Karoline: esse, fechou. Daí nós temos o verde com o vermelho. O vermelho com magenta ele tinha que ficar... vermelho...

Luiza: ó, Iris...

Karoline: esse aqui tinha que ficar aqui, tá bom, Iris?

Iris: hum, tá...

Karoline: posso deixar ele aqui? Posso fazer uma seta?

Iris: pode...

Karoline: se você quiser pegar e por ele aqui rapidinho, você pode, tá?

Vera: você me deixa louca...

Iris: tá, então vou fazer outra...

Karoline: isso. E por isso tava dando errado. E daí esse aqui, e no lugar dele fica o ro... esse magenta com roxo...

Vera: magenta com roxo dá vinho, é isso?

Karoline: é...

Vera: tá, então empresta ali pra mim...

Luiza: me alcança o [tê]...

Karoline: igual a Iris falou, cor de uva...

Vera: mas daí será que se ficar por cima desse vai ficar ruim, né?

Karoline: não, coloca do lado. Porque se você colocar por cima não cobre bem. Você coloca aqui ou aqui, onde você achar melhor. E daí esse aqui você viu, né? Precisa mais de água; um tico de água, pelo pincel estar raspando. Esse aqui vai pra cá...

Iris: ficou minha cor preferida...

Karoline: esse aqui tá precisando um pouco mais de magenta. A questão é a dose, gente. Pode lavar bem o pincel. Ih, a pipeta tá suja. Pode lavar bem o pincel. Não precisa de azul...

Daniel: não?

Karoline: não. Pode lavar o pincel bem lavado e esfregar bem no pano...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: já tô indo, gente...

Vera: aqui eu posso escrever vermelho com roxo?

Karoline: vermelho com roxo. Super limpo...

Luiza: não vou por água...

Karoline: esse aqui já é pra, entre...

Mulher: amarelo, azul...

Karoline: então vamos lá, nós temos...

Vera: esse aqui tá misturando demais...

Karoline: roxo com magenta, é isso? É isso daqui, gente. Isso daqui com um tico de azul. Tá perfeito. É isso aqui com um tico de azul...

Luiza: é a mesma cor que ficou o meu...

[ruídos/falas sobrepostas]

Daniel: é bom pegar a luz, né, pra [inaudível] [direitinho]...

Karoline: é bom enxergar na luz. Aqui só precisa de um tico do azul pra complementar...

Daniel: azul? Mas pode por aqui em cima que dá certo?

Karoline: não, não coloquem em cima, gente, coloquem ao lado. Porque em cima uma cor mistura com a outra, daí dá confusão...

[ruídos/falas sobrepostas]

Pessoa externa: [inaudível] sentar no colo dela, que ela tá de pé, não vai aguentar...

Mulher: agora eu preciso de...

Pessoa externa: vocês tão de pé...

Karoline: [inaudível] é uma atividade difícil, sabe?

Pessoa externa: bota difícil, né?

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: mas depois quando vocês forem mexer com tinta é outra coisa, sabe?

Luiza: aqui deu roxo com magenta, né?

[ruídos/falas sobrepostas]

Pessoa externa:: olha, eu tô gostando...

Karoline: preciso falar com alguém? Ou tá tudo bem?

Daniel: olha, esse aqui tá...

Karoline: esse tá magenta. Vamos ver. Você fez o teu roxo com magenta? Quê que deu? Posso fazer o, posso pegar o seu vermelho?

Iris: tem que pegar, limpa bem o pincel...

Karoline: então vamos fazer assim, pega o vermelho e vamos fazer um triângulo diferente...

Iris: aí sabe o quê que dá pra você fazer?

Karoline: vermelho com verde [ruídos/falas sobrepostas], e aí a gente precisa de um azul. [ruídos/falas sobrepostas]. Então nós temos um [inaudível] triângulo aqui, certo? Posso anotar secundária? Secundária pra não se perder...

Amanda: laranja, laranja. Primeiro você tem que fazer o vermelho, que é o magenta com amarelo.

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: primária, primária...

Amanda: Ó, você tá usando muito. Esse é o problema. Você tá pegando muita coisa...

Karoline: agora a gente precisava fazer, ele tá fora de lugar, esse vermelho precisava tá ali, entendeu? Mas não tem problema, não tem problema.... [ruídos/falas sobrepostas]... então a gente vai fazer roxo com vermelho pra fazer aquele tom de [rosa]... [ruídos/falas sobrepostas]... você tava tentando fazer isso?

Homem: tava... o [Joel] não deixou eu esquentar a água. Você viu que não tava quente?

[ruídos/falas sobrepostas]

Iris: quem que é Joel?

Homem: Joel é aquele senhor...

Iris: senhor?

Pessoa externa:: quem que é Joel?

Karoline: ah você já fez, você já fez!

Iris: quem que é Joel?

Karoline: [inaudível] fez. E é uma terciária. Vermelho e o roxo... [ruídos/falas sobrepostas]... você pode escrever, então, escreve aí, vermelho e roxo...

[ruídos/falas sobrepostas]

Homem: não, acho que ele tava umas aulas atrás, porque não é possível. Tava com [tererê]...

Pessoa externa:: ah não lembro...

Daniel: e [inaudível] se quiser fazer esse risco de uma vez só?

Karoline: você pode...

Homem: não, eu deixei lá esquentando...

Luiza: Karoline,

Homem: eu deixei lá esquentando, mas de repente ele veio com a térmica e com a panela na mão. Tá bom, tá bom...

Pessoa externa:: ele nem sabe tomar...

Homem: é...

[ruídos/falas sobrepostas]

Daniel: não, a [inaudível] foi a última, foro o roxo...

[ruídos/falas sobrepostas]



Iris: qual que você quer? O vermelho com o roxo...

Homem: nossa, essa é...

[ruídos/falas sobrepostas]

Iris: vermelho com roxo dá, acho que [ruídos/falas sobrepostas]...

Luiza: esse aqui que deu, né, Iris...

Iris: é, esse daqui...

Daniel: esse daqui ó...

[ruídos/falas sobrepostas]

Luiza: [faz] outro, claro que eu fiz, lembra?

[ruídos/falas sobrepostas]

Daniel: bem águado, né? [ruídos/falas sobrepostas] esse roxo aqui não ficou muito bom. Esse aqui também, não. Esse como roxo acho que não ficou muito bom...

Luiza: não. Bom ficou esse meu último triângulo. Veja se tá certo, esse daqui é ó...

Karoline: esse é o triângulo que fizemos com. Meu deus do céu, oh...

Iris: [risos] quando a gente conversa...

Karoline: vermelho e roxo...

Luiza: vermelho e roxo. E daí elas são terciárias, é isso?

Karoline: são terciárias, porque vermelho [ruídos/falas sobrepostas]...

Daniel: ah ela tem...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: mas não tem problema. [ruídos/falas sobrepostas]. Você não quer escrever pra não se perder?

Luiza: terciária, exatamente...

Karoline: e agora? Quê que cor que a gente vai fazer?

Pessoa externa:: vermelho...

Luiza: vermelho, não, é...

Pessoa externa:: amarelo...

Luiza: vermelho com roxo, né?

Iris: perdão...

Karoline: o quê?

Luiza: essa última aqui...

Karoline: ah, magenta com roxo. Vou fazer aqui com vocês...

[ruídos/falas sobrepostas]

Pessoa externa:: calma, calma...

Luiza: magenta e roxo...

Vera: [inaudível] tá, esse é o roxo com magenta...

Daniel: magenta e roxo. Tá, agora depois do magenta e uva, é magenta e roxo?

Karoline: oi? Desculpa, já...

Daniel: tamo pulando pra outra ou não?

Karoline: todo mundo resolveu esse problema? Só deixa eu ver. Todo mundo resolveu o problema? Ou ainda tá faltando? Ou alguém tá?

Pessoa externa:: três, seis, nove...

Mulher: preciso de uma folha...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: a gente precisa de uma ajuda, gente. Eu preciso trocar essa água da pipeta aqui. Vamos pegar o [cantão]?

Mulher: vamos...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: gente, vamos limpar essa água. Todo mundo limpando...

[ruídos/falas sobrepostas]

Daniel: ó, qual é essa aqui?

Iris: essa é laranja...

Daniel: coloca aqui...

Vera: é só jogar elas ali na...

Iris: amarelo...

Amanda: não, a diferença é que...

Iris: isso...

[ruídos/falas sobrepostas]

Iris: agora vai pegar o vermelho...

Homem: eu tô esquentando a água...

[ruídos/falas sobrepostas]

Pessoa externa:: vai esfriar...

Homem: você joga de novo, ela esquentava...

Mulher: pode deixar que eu sei o que eu tô fazendo...

[ruídos/falas sobrepostas]

Amanda: calma aí, esse aqui que é uva, né?

Daniel: uhum...

Amanda: uva com esse laranja aqui que dá... [ruídos/falas sobrepostas]... tem outro que a gente ainda não fez que vai vir aqui...

Iris: qual que é agora que ela falou pra misturar? Agora a gente vai começar o quê a misturar?

Luiza: ainda não fez...

[ruídos]

Karoline: vamos terminar isso? Porque depois nós temos que conversar sobre as combinações...

Amanda: agora cheguei no verdão aqui...

Karoline: ah, já?! Vamos ver que verde é esse...

Luiza: [inaudível] com magenta?

Amanda: não, não passa...

Pessoa externa:: não fica assim [inaudível]...

Amanda: não, só um pouco...

Pessoa externa:: quer água aí, Amanda?

Amanda: quero...

Luiza: tem mais alguém sem água aí?

Karoline: e temos que ter bom [toque] para a água, que a água tava suja na pipeta. Não pode ficar suja...

Pessoa externa:: cadê a pipeta?

Karoline: aqui, ó, tava com a Amanda

Luiza: agora o [ruídos/falas sobrepostas] é a pipeta...

Todos: [risos]

Karoline: temos aqui uma [inaudível] no chão. Vamos lá minha gente...

Iris: tá, agora vamos pra qual?

Karoline: vamos lá, vamos ver. Aqui temos a minha terciária...

Luiza: ó meu último triângulo, Amanda. Eu tô vendo se [risos]...

Pessoa externa:: o verdadeiro rosa...

Iris: [risos]

Daniel: astrologia...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: agora nós temos, entre o roxo e o azul...

Luiza: é roxo e magenta...

Karoline: agora vamos fazer o roxo-azul, pra ficar um azulado meio roxo, entendeu? Você já fez aquela vez...

Daniel: ah aqui, então tá, beleza...

Karoline: isso...

[ruídos/falas sobrepostas]

Luiza: ai que lindo, olha que lindo o da Amanda, que benção...

Karoline: fica um azulado muito bonito, porque fica um azulado [quente]. É bem bonito esse azul, eu gosto bastante...

Vera: deixa eu ver seu roxo?

Pessoa externa:: quê? Nem roxo eu fiz ainda...

Iris: gente, o roxo e azul fica esse?

[ruídos/falas sobrepostas]

Mulher: você fez do outro lado, Iris. Você viu, você trocou...

Pessoa externa:: quê que vai dar o roxo com azul? Meu deus...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: é roxo com azul, você fez certinho. Cuidado pra não misturar com o amarelo, senão fica marrom...

[ruídos/falas sobrepostas]

Iris: é mistura de roxo. Aqui é o roxo...

Pessoa externa:: quê que vai dar o roxo com azul, Amanda?

[ruídos/falas sobrepostas]

Pessoa externa:: o quê vai dar o roxo com azul, Karol?

Karoline: aqui tá roxo. Vai dar um tipo de azul. Deixa eu ver seu roxo, tá parecido com o...

Mulher: fica assim ó?

Iris: tem que dar. Você tem que misturar, na verdade, esse material... só não sei onde coloca...

Pessoa externa:: então, mas daí o roxo com azul que a gente tá fazendo agora? Vai dar azul?

Amanda: vai dar um azulzinho. O que tem que fazer é misturar o roxo com azul agora. Fazer uma outra cor...

Luiza: o roxo com magenta deu esse daqui, Amanda. Vai me dar um siricotico...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: já já eu vejo. Espera aí, deixa eu terminar aqui....

Amanda: isso, vai fazer o azul com verde e vai dar esse daqui...

Karoline: então, já vejo...

Iris: será que esse é aqui mesmo?

Luiza: olha o da Amanda que lindo, que lindo...

Pessoa externa:: pois é...

[ruídos/falas sobrepostas]

Luiza: o azul, né?

Pessoa externa:: não, o azul, não, se for azul...

Mulher: o vermelho, o verde...

Luiza: tá aqui na primária, que ver, tá aqui minha primária. Primária, primária e primária, tá? Feito. Aí errei os lugares, eu já comecei a entortar, ó. Mas tá certo...

Karoline: isso, gente, esse azul é tipo, a Iris descreveu muito bem, esse azul é tipo caneta bic...

Luiza: é [risos]..

Karoline: é azul tipo caneta bic. Você chama de azulão?

Pessoa externa:: é, azulão...

Luiza: caneta bic...

Karoline: pra mim é mais caneta bic...

Iris: é esse e aonde que é...

Luiza: é secundária, secundária...

[ruídos/falas sobrepostas]

Vera: é entre roxo e azul...

Luiza: não, ele é azul com a magenta...

[ruídos/falas sobrepostas]

Iris: mas aqui ficou um azul mais escuro...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: detalhe, estamos todos em pé, hen. Então vou fazer rapidinho o verde...

Amanda: se você fez como a gente, então você fez...

Luiza: o [verde] com magenta? O [verde] com magenta, é uma secundária...

[ruídos/falas sobrepostas]... os dois [casais] deu essa daqui... [ruídos/falas

sobrepostas]... deu cereja? Aqui ó, o meu magenta deu assim [ruídos/falas sobrepostas].

Não, não, vê aqui, foi vermelho com magenta...

Pessoa externa:: roxo... roxo com azul?

[ruídos/risos/falas sobrepostas]

Karoline: roxo com azul. [ruídos/falas sobrepostas]. É o azulão ou caneta bic...

Daniel: é...

Karoline: onde tá teu roxo?

[ruídos/falas sobrepostas]

Luiza: ah o verdinho, Iris?

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: sujou de volta a água da pipeta. [ruídos/falas sobrepostas]. Lembra que eu falei de não sujar a água da pipeta...

Iris: [risos] você ficou bravo?

Daniel: não, mas...

[ruídos/falas sobrepostas]

Luiza: a [...] tá ali rachando o bico...

Pessoa externa:: de falar de mim pelas minhas costas...

Karoline: gente, já perceberam que só faltam os verdes?

Pessoa externa:: cadê teu roxo?

Amanda: [inaudível] o verde, o azul...

Iris: era vermelho com azul ou roxo?

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: vamos limpar e fazer separado [ruídos/falas sobrepostas]. Espera.

Pessoa externa:: é azul escuro...

Vera: não tem azul escuro...

Karoline: gente, gente, podemos ir para os verdes? Ou falta ainda?

Iris: ó, olha aqui, o roxo com roxo deu azul claro...

[ruídos/falas sobrepostas]

Pessoa externa:: pode olhar...

Karoline: esse aqui é o roxo? Ah tá...

Luiza: aqui, né, querida...

Vera: eu coloquei aí...

Karoline: agora que a gente pode fazer, gente, pegar o azul ciano puro e misturar com verde. Vai dar um verde escuro...

Mulher: eu já tinha feito isso...

Karoline: é. Agora não é, você já fez...

Pessoa externa:: Karol, é o quê?

Karoline: azul com verde...

Pessoa externa:: eu tô escutando, ó...

Vera: azul com verde é pra dar o quê?

Karoline: um verde escuro...

Vera: verde escuro...

Mulher: que dia que é hoje mesmo?

Todos: seis, seis de junho...

Karoline: é um verde escuro tipo esse daqui ó. É um verde turquesa que se chama?

Vera: assim?

Karoline: podemos dar o nome de turquesa? É... ele precisa mais de azul. Um tico mais de azul. E mistura, coloca mais um poquinho de água pra misturar assim, até ficar bom... Isso!

Vera: deu um verde...

Karoline: isso, aham... azul com tantantan dá esse daqui...

Luiza: esse azulão, ele é azul com?

Pessoa externa:: azul com verde. Não, esse é o roxo...

Luiza: azul com roxo, né?

Pessoa externa:: esse é verde. É, azul com roxo...

Vera: coloca ele entre o amarelo e o verde-limão?

Karoline: não, entre o verde e o azul...

Luiza: essa já é quarta, é quarta...

Pessoa externa:: aqui o azul não cabe, vou no roxo...

Karoline: isso...

Pessoa externa:: essa é a quinta, né?

Luiza: isso...

Karoline: essa é [ruídos/falas sobrepostas]. Precisava de um pouco de azul, pra fazer um turquesa. Então tá bom, se quiser colocar um tico de azul pra ficar...

[ruídos/falas sobrepostas]

Iris: esse com esse dá o...

Vera: é, azul com roxo...

Iris: o verde...

Karoline: vocês perceberam...

Pessoa externa:: vai dar esse verde bonito aqui, ó...

Karoline: que em algumas cores nós temos mais dificuldade do que outras?

Vera: verde água ou escuro?

Karoline: eu acho que os verdes acabam sendo mais fáceis de misturar do que os amarelos, os vermelhos...

[ruídos/falas sobrepostas]

Iris: verde escuro, quarta ou quinta...

Karoline: é assim com os roxos?

Mulher: Karol, um tico desse com esse?

Karoline: isso...

Iris: não, é assim ó... não é um azul piscina?

Vera: é um verde aguado...

Pessoa externa:: o meu é azul escuro, ó...

Luiza: não, já falei que não...

Karoline: hum, esse e esse tão diferentes. Vamos ver porque será...

Luiza: o meu também tá mais clarinho...

Karoline: falta mais azul. Ele precisa de verde...

Pessoa externa:: precisa de verde...

Luiza: precisa de verde ou precisa de mais azul?

[ruídos/falas sobrepostas]

Mulher: verde e amarelo dá qual?

Iris: esse e esse aí de cima. Verde e amarelo vai dar ou [ruídos/falas sobrepostas]...

Karoline: onde que tá o azul? Vamos pegar aqui...

Iris: primeiro, segunda dá terceira, que é turquesa...

Luiza: aham...

Karoline: gente, esse exercício é de se cansar, né?

Luiza: não...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: e aí nós precisamos misturar o verde com o amarelo, vai ficar um verdinho...

Iris: limão...

Vera: mas a gente já fez ele, não fez? Qual que a gente fez?

Karoline: não, talvez você tenha feito antes...

Vera: ai meu Deus...

Karoline: quê que houve? São 12 cores, no final...

Pessoa externa:: mas não tá contando no 11?

Karoline: tava no 11 e agora esse é o [décimo segundo]. Tamo indo pra décima segunda. Verde-limão eu acho tão...

Pessoa externa:: mas então quê que eu tô fazendo? [ruídos/falas sobrepostas] Eu tô no 10. qual que vai ser agora?

Karoline: o verde-limão...

Daniel: qual a cor depois do verde?

Vera: o verde-limão mistura o quê?

Iris: eu tô perdida também...

Karoline: amarelo com verde...

Luiza: ó, vai acompanhando...

Vera: amarelo com verde agora?

Luiza: esse daqui...

Homem: eu fui ali fazer o chimarrão, parei nesse, né?

Karoline: tá, então só um momento, [Marco], você parou...

Pessoa externa:: assim?

Daniel: depois do uva...

Karoline: isso, eu acho que não tá bem misturado tudo, mistura bem. Se quiser...

Luiza: esse é aquele que a gente fez o verdinho ali como...

Karoline: você fez essa primária, aí você fez essa secundária, aí você fez essa terciária, o azulão. Esse é roxo? É roxo. Você não fez o azul bic. O azul bic, digamos assim, ou azulão, é o roxo com azul. Que era aquele lá que você tinha feito, lembra?

Daniel: é, esse aqui, então, você falou que era esse...

Karoline: isso, é sim. Esse. E agora nós temos o azul com verde. Daí você tira esse daqui que você [errado], né, e o azul com verde, que ele vai dar um azul turquesa, um verde água...

Pessoa externa:: Karol...

[ruídos/falas sobrepostas]

Iris: 12, então fechamos...

[ruídos]

Daniel: aqui que vai o azul e o verde?

Mulher: isso...

[ruídos]

Karoline: e aí, como tá indo? Posso ver? Precisa de ajuda? Tem alguma dúvida? Quer fazer alguma coisa em que posso te ajudar?

Amanda: verde-limão que ela falou é... é azul com verde?

Pessoa externa:: é verde com amarelo...

Amanda: é verde com amarelo...

Karoline: e o azul bic...

Pessoa externa:: é, ela falou verde com amarelo...

Karoline: que é o roxo com azul...

[ruídos/falas sobrepostas]

Luiza: eu cheguei atrasada, cheguei atrasada, o quê que é esse último? É amarelo com o quê?

Pessoa externa:: amarelo com verde, vai dar verde-limão. Terminei...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: [inaudível] ficou longe demais. A gente vai sempre observar que tá muito longe. Esse é o azul bic, tá vendo? Isso, mais um tico. É, é um azul com roxo...

Luiza: bem clarinho, né?

Karoline: é terciária. Amarelo, [é, vai] verde com amarelo...

Iris: agora é a hora, porque [senão não faz]...

Karoline: coloca mais amarelo. Ele ficou parecido com o verde normal, né? E aí, gente, como estamos indo? E acho que terminamos os círculos de vocês com [o verde]...

Vera: o meu tá terminando. O meu faltou uma cor...

Mulher: marrom...

[risos]

Luiza: marrom, não...

Daniel: esse daqui é o verde que você queria...

Karoline: é, é, isso...

Daniel: esse que era o verde?

Karoline: esse é o turquesa. Azul com verde, turquesa. Agora falta o verde-limão, amarelo com verde. Gente, isso daqui não é pra aprender a mexer com guache. É mais pra gente saber a misturar cor de tudo quanto é jeito, até na pintura de parede...

Iris: sim, você leva pra tudo quanto é canto...

Daniel: e a óleo também dá pra fazer isso ou não?

Karoline: a óleo você não vai ter as primárias. Você vai ter diferentes tons, mas você mistura também conforme. A óleo trabalha com diferentes pigmentos, né? Aí tem vermelho-chinês, verde sei lá o quê...

Luiza: ai que bonita...

Karoline: vermelho sei lá o quê e sei lá o quê. Então, eles, misturando com o amarelo vão dar tons diferentes. Mas o esquema, a lógica de mistura, é a mesma, sabe? A lógica de mistura é a mesma, mas você não vai ter as primárias...

Daniel: ah, tipo, o azul de fora vai ser um azul tantantan...

Karoline: vai ter o azul cobalto, o azul da Prússia, o azul ultramar, e cada um desses misturados com outros vão dar cores diferentes. Mas a mistura é a mesma, [entende?]...

Daniel: aham...

Karoline: mas vai ter uma paleta... que beleza. Então nós temos, todos têm 12 cores?

[ruídos/falas sobrepostas]

Iris: um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, o meu tem treze [risos]...

Vera: e o marrom, gente?

Karoline: então, o marrom pode ser a coisa mais simples. É a cor de burro quando fuge, [ruídos/falas sobrepostas], são os três misturados [ruídos/falas sobrepostas]. Isso, tá vendo, olha aqui, tá vendo esses três aqui? Vocês vêem diferenças entre esses três tons?

Todos: sim...

Mulher: é que um é mais forte que o outro...

Karoline: qual é a diferença de cada um? Desse pros outros? Qual a diferença desse?

Amanda: é mais pro preto, mais pro escuro...

Luiza: claridade só mesmo...

Karoline: mais escuro? E esse daqui?

Pessoa externa:: meio roxo, meio...

Iris: mais claro...

Karoline: e esse?

Mulher: mais [prateado]...

Vera: esse tá entre o escuro e o claro...

Karoline: aham, esses aqui são nada mais nada menos do que marrons tonalizados. O quê? Eu peguei as minhas terciárias e misturei. Então fiz esse aqui, que vocês falaram que era mais escuro, ele tem um pouquinho de magenta. Um pouquinho de magenta. Ele é a mistura dos vermelhos com os azuis. Então eu não preciso por preto na minha tinta, eu posso fazer o meu preto. É um marrom que chega a ser preto, não é mesmo? Eu não preciso comprar marrom pra fazer pano de prato, eu posso fazer. Eu não preciso comprar preto pra fazer pano de prato, eu posso fazer...

Iris: esse era pra ser roxo, mas não ficou roxo...

Karoline: não preciso comprar preto. Preto é uma cor que mistura de tudo, né? Esse daqui já é uma mistura, é um marrom que é uma mistura dos azuis, os azulados, e os verdes. E ele fica mais chapado pra cinza. E esse aqui em cima, fica mais parecido com o marrom, porque tem um quê de amarelo...

Luiza: aham...

Pessoa externa:: hum...

Karoline: tem um quê de amarelo...

Luiza: provavelmente...

Karoline: então, agora fiquem à vontade para misturar os marrons. Vocês querem experimentar fazer marrom? Fiquem à vontade. A gente não vai tá calibrando porcentagem por porcentagem, mas vocês podem fazer pic pic; vão estudar os marrons...

[ruídos/falas sobrepostas]

Pessoa externa:: vou fazer com o verde...

Karoline: e daí a gente já vai conversar...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: isso vai, olha!

Pessoa externa:: o meu ficou verde cocô...

Karoline: todo foi, é, não foi todo mundo que escreveu na lista de presença, né?

Amanda: ah eu não coloquei o meu ainda...

Iris: qual que é esse? [inaudível]

Luiza: ah que legal...

Pessoa externa:: eu tentei misturar três cores pra fazer um marrom, ficou verde cocô...

Iris: o meu ficou roxo...

Karoline: é... ficou verde cocô. E agora? Vocês já pensaram “eu quero um marrom x”?

como eu vou fazer pra chegar no marrom x?

Daniel: deu verde compostagem de, verde compostagem de mascavo com bosta de cavalo...

[risos/falas sobrepostas]

Karoline: tá bem verde água...

Iris: isso aí tá verde...



Pessoa externa:: tá esterco...

Daniel: tá esterco...

Karoline: ó, pra dar marrom, tem que misturar o magenta ou o verde...

Iris: tá um verde fertilizante...

Karoline: e ele tá muito [inaudível]. Se você quiser, experimenta fazer isso...

Iris: quais três cores que você colocou?

Karoline: oh, ficou marrom...

Pessoa externa:: o seu ficou marrom...

Amanda: amarelo, magenta e azul...

Karoline: alguém mais não escreveu na lista? Alguém não escreveu na lista?

[ruídos/falas sobrepostas]

Luiza: olha que marrom lindo...

Karoline: gente, queria conversar um pouco com vocês. Se vocês quiserem sentar, cada um no seu...

Pessoa externa:: ah...

Karoline: não tá cansada de ficar em pé?

Daniel: esse aqui ficou...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: tão prestando atenção em mim? Porque eu quero falar sobre um exercício que normalmente a gente pode fazer. Pra quem quiser se aprofundar nisso, então vamos pegar e estudar o círculo cromático. Cada um tem o seu aí. Alguns deram mais certo, outros mais [ruídos/falas sobrepostas] não tem problema...

Pessoa externa:: aí você acrescenta uma [foto]...

Karoline: gente, o círculo cromático, como a Amanda falou, é uma cor que faz triângulo. Tem vários triângulos...

Daniel: o marrom pode ir aqui no [seis]?

Karoline: o marrom não é uma terciária, o marrom já é uma quaternária...

Daniel: ah vou por aqui no meio...

Karoline: é, ou lá longe pra não confundir. Então a gente pode fazer triângulos, gente, entre as primárias, as secundárias e as terciárias...

Pessoa externa:: o meu círculo não deu certo, não...

Karoline: terciária, terciária, terciária, terciária, terciária. Vocês conseguem ver isso no de vocês? Ou tão as terciárias?

Luiza: eu consigo. A primária...

Pessoa externa:: eu consigo por causa que eu escrevi...

Luiza: porque eu marquei, né...

Pessoa externa:: é, eu também, escrevi...

Karoline: conseguem pensar como, a partir do círculo que fizeram, vocês conseguem ver como que foi feito a mistura de cada um? Por exemplo, vermelho cereja, como que eu faço meu vermelho cereja?

Iris: é vermelho magenta com vermelho...

Karoline: isso, pelo círculo vocês têm onde tá a localização. É uma cola, pra [inaudível] serve como uma colinha. Putz, tô me embanando aqui, tá virando cada vez mais cor de burro quando fuge, lavo meu pincel bem, troco de água, respiro fundo, vou [pra nova], vamos pegar as primárias de novo, ver o meu círculo cromático, e eu quero verde-limão. Como que eu faço? O amarelo com verde, mas é mais pro amarelo. E assim vai. Os marrons, a mistura de tudo. E agora se a gente for pensar a mistura, a combinação de cor? As combinações de cor podem fazer com o que o teu verde-limão, verde-limão é aquele chama, né, ele é gritante, fique calmo, calminho, sem chamar tanta atenção, mais discreto na pintura - podem se sentar, se quiserem aqui, fiquem à vontade - ou que ele

fique piscando pra você. Isso depende da combinação de cores que a gente faz. E os impressionistas, que eu trouxe o livro aí, fazem muito bem isso. Os impressionistas, não sei se vocês viram no livro, eles fazem uma pincelada grossa, eles fazem o laranja [parecer] um roxo, por exemplo. Ao invés de fazer tudo, quando a gente viu os clássicos, que fazem tudo degradê, fazem toda forma a partir da luz e sombra, os impressionistas vão lá e passam uma massa de tinta grossa de uma cor e do lado, uma outra. E a partir disso eles colocam, fazem a luz, a sombra e o volume. Onde que tá o livro, pra gente mostrar só a capa?

Pessoa externa:: ali ó...

Mulher: aqui...

Karoline: porque que eu tô, fui falando bem disso? Vou pegar aqui. Só a capa dele. Olha aqui...

Luiza: lindo...

Karoline: como que é feita a sombra, [sem preto], a sombra desse lugar?

Iris: preto... embaixo desse azul você enxerga um cor-de-rosa, né, do azul. É tipo pink, daí tem o verde...

Karoline: eu vou passar pra vocês, vocês observarem melhor. Aqui tem outras, é, outros exemplos, mas eu tô pegando da capa mesmo. Os quadros, as sombras ele fez com tons de marrom, não usou preto. E aí um roxão, um azul [caneto], um roxão, e lá na luz usou o amarelo. Então eles fazem com pinceladas misturadas de cor; eu não vou misturar a cor pra fazer o degradê da pintura clássica, eu vou simplesmente...

Luiza: na tela mesmo?

Karoline: na tela mesmo. E isso cria uma, chama a atenção mesmo. Então eu vou mostrar pra vocês, vou passar pra vocês. E a Amanda comentou muito bem um dia desses, que os impressionistas surgiram justamente no período moderno em que a máquina fotográfica foi inventada. Então os artistas da época, que sobreviviam também, fazendo retratos das famílias, tavam perdendo emprego. Porque a máquina fotográfica fazia isso muito rápido e muito barato. Então por isso eles também desenvolveram outras formas de pintar, por exemplo, isso. Se fosse em outra época, antes da fotografia, isso não iria acontecer...

Homem: marrom-marrom, marrom escuro...

Karoline: então pra gente pensar a combinação de cores, gente, nosso círculo cromático. Se aproxegue, fique à vontade. A gente pode falar em harmonia, harmonia cromática. A gente pode pensar em harmonia em diferentes formas. Podemos pensar em harmonia monocromática; o que é monocromática? Mono é uma, uma cor. Quando é monocromático é quando você quer deixar tudo bem calmo. Por exemplo, peguei meu verde-limão, peguei meu verde-limão e, por exemplo, o branco, e fiz uma escala de verde-limão até branco. No tipo de limão que cheguei, do mais clarinho, mais clarinho, mais clarinho. Isso eu posso trabalhar pra não deixar meu verde tão agressivo, tão chamativo, posso trabalhar assim, com várias escalas, de verde até o branco. Um verde de, um trabalho de harmonia cromática com uma cor só. Podemos pensar também cores análogas. O quê que é análogo? Uma cor primária, por exemplo, temos aqui o magenta, com as suas duas secundárias, então temos o magenta, o roxo e o cereja. São cores que combinam entre si. Ou, por exemplo, que outras cores análogas que nós temos no nosso círculo cromático?

Amanda: o [inaudível] que vem do azul mais forte, azul piscina e...

Karoline: esse?

Amanda: é...

Karoline: esse e esse. Pega os três. Pega a primária. Qual que seria a primária? A primária é o azul. Isso. É esses três. Análogo é a primária com as duas secundárias, um

do lado do outro. Outro, o amarelo, com o laranja e o verde-limão. São cores que também têm uma harmonia. A gente pode fazer um trabalho com elas. Podemos também pensar nas cores complementares, e aí que estão os impressionistas nisso. Se você vê o quadro impressionista, ele tá rodando aí?

Luiza: tá...

Karoline: isso. Os impressionistas eles trabalham com, exatamente, com as cores complementares. Que é o quê? Complementar são as opostas. Qual é vindo, fazendo o círculo certinho, qual é a oposta [à minha] ao meu vermelho? Tenho meu vermelho aqui, qual é a cor oposta a ele?

Amanda: o azul turquesa...

Karoline: esse aqui, né?

Amanda: é, o turquesa...

Karoline: é, o azul turquesa. Exatamente. Eles se balançam, eles se equilibram muito bem. A gente pode combinar as cores pensando as coisas da [na]. É, complementares a gente chama. O azul com o vermelho. Quer dizer, o vermelho vermelho com o turquesa. E assim eles combinam muito bem. É, então vamos tentar uma outra: verde-limão com roxo. Verde-limão com um roxinho claro. Vocês podem observar no [placar] do pessoal que faz publicidade, propaganda ou nas pinturas, que eles usam muito mais a combinação de cores complementares. Que é justamente ver o oposto...

Iris: pra chamar atenção mesmo...

Karoline: pra chamar atenção. Dá um contraste, mas é um contraste que fica melhor. Por exemplo, esse contraste de, vamos ver, vamos ver, de cereja com o azul verde turquesa, né?

Iris: é, combina...

Karoline: ele está muito mais equilibrado do que se fosse esse com um azul. Ele se equilibra mais. Então, gente, se tiver com dúvida do que misturar e etc, a gente muitas vezes na pintura, no trabalho artesanal, trabalha com a nossa intuição qual o melhor caminho, e isso é muito bacana porque a gente experimenta bastante com a nossa intuição, mas também podemos pensar a cor, quebrar a cuca. Pega lá o círculo cromático e vê, posso combinar com, a mesma cor, que é o branco monocromático, posso pegar as análogas, que é a primária mais as secundárias, e posso simplesmente pegar a complementar, o oposto delas no círculo. É, bom, o livro tá aí, né? A gente pode, você consegue ver, por exemplo, na capa do livro, as complementares, a combinação de cor por complementaridade?

Pessoa externa: eu?

Karoline: é. Porque vindo de longe aquele que parece preto é, na verdade, um roxo escuro...

Luiza: é um roxo escuro...

Iris: é, Karol, você pode repetir, por exemplo, as análogas?

Karoline: sim, a gente pode fazer combinação, se quiser eu posso depois colocar no giz no quadro, na semana que vem...

Luiza: opa...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: harmonia monocromática tananananam e a gente recapitula isso...

Luiza: é, senão fica confuso...

Karoline: isso, perfeito. O que eu queria fazer com vocês hoje e não deu tempo de volta, e quero ver se vocês querem fazer semana que vem é: hoje pensarmos cor, quebramos a cuca [ruídos/falas sobrepostas], pra semana que vem vocês escolham de fato um elemento da natureza, que eu já pedi várias vezes, né...

Pessoa externa: mas trazer pronto ou fazer aqui?

Karoline: fazer aqui. Mas se vocês puderem, quanto mais observação vocês fazem do objeto de vocês, melhor vai ficar o trabalho de vocês. Então é bom escrever, desenhar. Mas se vocês não puderem, só observem. Mas o melhor é trabalhar mais. Se quiserem fazer mais. Então vamos escolher um elemento da natureza e a gente vai representar ele a partir da tinta...

Mulher: então a gente vai desenhar a partir das cores que a gente criou?

Karoline: isso, vão ter que fazer tudo de novo. Vão ter as primárias, as secundárias... vão ter que se virar com as primárias. E é uma proposta que não é preciso fazer uma pintura de representação, mas pode ser abstrata. Eu quero que vocês pensem nas características dos elementos da natureza que vocês escolheram. Então essa chuva que cai agora no chão eu fico, eu me lembro, da sensação de [que saco], do úmido, molhado. Esse úmido... que palavras me surgem desse úmido. E assim vai. Assim, semana que vem a gente vai trabalhar com isso, com elementos da natureza que vocês escolheram e com a pintura. E além disso, bom, vou ter que deixar pro sexto encontro ou semana que vem, tragam semana que vem, se der tempo, ótimo, um trabalho de arte, de artesanato de vocês, que vocês mais gostam, que vocês já fizeram. Se são muitos, se são muitos trabalhos que você gosta, vou ter que escolher um, pensar porque que vocês gostam tanto desse trabalho. Tá bom? Então observação, não esquece pra gente, escolham um elemento da natureza pra gente trabalhar em sala a partir da pintura, e escolha da arte, do artesanato, de vocês que vocês mais gostam. E daí a partir disso a gente só vai trabalhar em cima disso, do trabalho de vocês...

Daniel: tá, trabalho de artes, como que é? Nosso ou de qualquer?

Karoline: qual é... o de vocês. O que você já fez, no seu trabalho de pintura que você faz, né, qual projeto que você fez que você mais gosta, você traz. Ou da sua cesta. Ou da sua corrente. Vamos tentar trabalhar com isso também semana que vem, se não der tempo, daí deixamos para a próxima. Mas tragam. E gente, qual o objetivo disso? A gente não tá querendo que todo mundo vá trabalhar com guache. Mas é um exercício de, primeiro, a gente saber racionalizar a cor, como que eu vou reproduzir a cor que eu tô pensando. Então amanhã, aí eu pensei “a água me lembra azul X” ou me lembra um cinza, porque esse céu de Curitiba é cinza, água em Curitiba tem tudo a ver, pra eu pensar esse cinza, como que eu vou reproduzir, como que eu vou alcançar esse cinza misturando minhas cores primárias? É eu dominar a cor, não ela me dominar. Tipo, cheguei nesse cinza aqui e vai esse mesmo porque tô com medo de misturar mais. Bom, espero que tenham gostado, no próximo encontro vou pedir a ajuda de vocês pra gente limpar os pincéis e a água...

Pessoa externa:: ah, imagina...

Karoline: beleza. Então é isso, só recolher a água. Vocês querem fazer alguns comentários?

José: ah eu quero. Pra fazer uma mistura assim [ruídos/falas sobrepostas]...

Luiza: ah ficou o quê?

[ruídos/falas sobrepostas]

Amanda: a você me conta qual desses, daqui ou esse aqui e eu vou lá...

Luiza: esse daqui...

[ruídos/falas sobrepostas]

Luiza: esse daqui é lindo...

Amanda: ah esse eu misturei amarelo, com verde e azul...

Luiza: nossa, muito lindo mesmo...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: vocês tem mais perguntas? Tem questionamentos? Tão gostando? Tem coisas que vocês gostariam de ver ainda? Você tá deixando assinado aqui?

Mulher: sim, deixei assinado e coloquei a data...

Karoline: tá, então tá bom...

[ruídos/falas sobrepostas]

Todos: tchau, até depois, tchau...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: talvez seja interessante, pode falar...

Homem: porque eu ganhei uma tabuleta daquela de aquarela, e lá tem umas pastilhas de cores, que são umas plaquinhas duras. Só que daí agora, só que tem umas plaquinhas que é [pra mim fazer] misturas, não é pra eu usar elas sem nada...

Karoline: você pode misturar com água. Ela é aquarela?

Homem: é aquarela, só que eu não tinha uma...

Karoline: uma instrução?

Homem: [inaudível]

Karoline: e aquarela é isso mesmo, é bem aguado. Daí você pode misturar e fazer tanta cor...

Homem: [inaudível] que eu poderia fazer mais cores e eu não sabia...

Karoline: não sabia, e é uma coisa que tinha que ser trabalhada em sala de aula, né, em escola etc, porque é tão bacana..

Homem: não sabia...

Karoline: e artesanato é [vivo], porque o artesão não precisa ter todas as cores do mundo. Ele pode fazer...

Homem: sim. É que, assim, também faz tanto tempo isso. [ruídos/falas sobrepostas].

[Foi uma época] que eu tava muito. Agora tô [ruídos/falas sobrepostas]...

Karoline: que legal, seu [inaudível]. Então te espero semana que vem, à 1h. Ah isso é marrom marrom. Ótimo. Você fez o seu marrom como?

Mulher: eu peguei bem pouquinho de amarelo, bem pouquinho de azul e bem pouquinho de mangeta, e misturei daí...

Karoline: e fez, exatamente. Deu pra fazer vários tipos de marrom, né? Você colocou seu nome atrás?

Mulher: coloquei...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: muito obrigado...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: gente, vocês estão, vamos ver, dá pra aproveitar essas tintas que estão aqui?

Luiza: não, tem tudo que...

Daniel: não consegui fazer nada de marrom...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: gente, vocês têm alguma pergunta? Vocês querem que eu deixe o livro mais um dia aqui pra vocês...

Iris: eu nem vi...

Karoline: você vai ver, se eu deixar...

Iris: eu vejo. Mas é melhor você levar, porque é um livro, assim, muito caro esse livro...

Karoline: não, mas eu deixei ele aqui essa semana. Porque queria que vocês folheassem e pensassem as cores pro trabalho. Vamos fazer isso?

Iris: vamos ver, eu quero, deixa aí...

Karoline: então, semana que vem a gente. Então outra tarefa, olhar o livro pra gente conversar no início do encontro...

Daniel: aquele que você deu, de elemento da natureza, pode ser esse aqui ó?

Karoline: pode ser, Daniel. Mas tem um que é a obra que você fez que você mais gosta. O elemento da natureza é pra você escolher e ficar observando...

Daniel: ah não pra pintura assim?

Karoline: não, você vai fazer em sala de aula...

Daniel: não pra observar e fazer. Esse aqui é aqui, né? O mar, o pôr do sol...

Karoline: O mar, o pôr do sol, que bonito, mas é o elemento da natureza eu quero que você escolha e fique observando a semana inteira pra gente trabalhar em sala, no encontro, na oficina...

Daniel: tem um pinheiro lá no meu condomínio lá, uns pinheiros, umas árvores. Ia ser legal, não pra fazer, então? Só pra observar?

Karoline: é, se você quiser você já desenha o pinheiro, se você escolher o pinheiro, você vê ele de um jeito diferente...

Daniel: à noite?

Karoline: isso. Você bem perto do pinheiro e você longe, você encostado na aspreza, ver o pinhão de baixo, se você interessa pelo pinhão ou pela gripa. Observar sob diferentes ângulos. A gente fez isso no nosso primeiro encontro quando foi falar sobre [ruídos/falas sobrepostas], e daí a gente trabalhou bem isso, mas você não tava. É no mesmo sentido, você observar um mesmo objeto sob diferentes ângulos em diferentes momentos. Quanto mais a gente faz isso, mas a gente vai aprender sobre ele e vai tornar o nosso trabalho bem rico. Então tá certo...

#### Quinto encontro

Karoline: queria saber como que foi a semana de vocês em relação ao trabalho, as tarefas que eu pedi para vocês fazerem. Você tava aqui semana passada?

Homem: Tava...

Karoline: então, se vocês quiserem falar... tinham duas tarefas, né? Uma que era escolher um elemento da natureza, ou seja, uma coisa da natureza e observar sob diferentes ângulos, e a outra tarefa era escolher um trabalho de arte ou artesanato de vocês, que vocês mais gostam, pra trazer pra gente...

Isis: era pra eu ter fotografado, mas eu esqueci de fotografar. Eu ia trazer um, como que posso dizer, uns galhos com umas folhas...

Karoline: galhos com flores? Era um específico que você escolheu na sua casa?

Isis: é, em casa sempre tem aqueles arbustos com flores e tal. Mas não a peça toda, só um arbusto...

Karoline: só um arbusto assim...

Isis: é, bem...

Karoline: e você ficou observando muito tempo? Como foi?

Isis: é, fiquei olhando e me encantou, achei bonito, interessante. Uma mensagem bonita pra você transformar assim num desenho...

Karoline: num desenho. Aham. Então a beleza que fez você escolher?

Isis: é, eu gostei...

Karoline: e você ficou observando, assim, sob diferentes perspectivas?

Isis: é, eu acho que, tipo, é... é que eu passo por ele muitas vezes, né? Então um dia tava chovendo, um dia tava sol, mas ele continuava bem florido, sabe? E isso me chamou atenção, eu falei "nossa"...

Karoline: aham, ele persistia naquele tempo...

Isis: é, sempre florido. Eu pensei "nossa, pode mudar o clima e tudo, mas ele continua ali daquele jeito". Então, achei interessante...

Karoline: ah legal. Tem um nome essa flor?

Isis: ah não sei, não tem um nome. É tipo um arbusto pra jardim, sabe?

Karoline: ah arbusto pra jardim. Mas...

Isis: é, numa praça...

Karoline: uma praça que você sempre passa e daí você escolheu ele. Você parou na praça pra ficar observando ele? Ou você andava olhando?

Isis: não, eu só passei e daí me chamou atenção. Porque é difícil eu ficar, sabe? Não saia em função só disso. Daí eu aproveitei e juntei as coisas...

Karoline: juntou as coisas...

Isis: eu achei ele diferente e bonito...

Karoline: aham. Legal. Vamos ver como a gente vai passar pra pintura. Você fez algum desenho, alguma coisa?

Isis: não, ainda não botei ele no...

Karoline: e qual a característica que mais chamou atenção nessa flor?

Isis: os dois tons, né? De ver as folhas verdes e as flores meio rosas...

Karoline: meio rosa?

Isis: é, uns tons, um rosa mais escuro, um rosa mais clarinho, sabe? Mais claro...

Karoline: ah, um rosa pra roxo? Rosa rosa?

Isis: um rosa mais pro rosa bebê, assim...

Karoline: rosa bebê...

Isis: rosa mais clarinho...

Karoline: então pro teu trabalho a cor vai ser um aspecto importante?

Isis: vai, porque no rosa dá pra fazer duas coisas, né? O mais claro e o mais fortinho...

Karoline: que nem você viu na flor?

Isis: é. Como ele era...

Karoline: então o que te chamou atenção foi que ele aguentou o tempo?

Isis: é, ele persistiu florido [risos]...

Karoline: tá certo. E vocês? Me contem. José, você escolheu alguma coisa da natureza pra observar?

José: ontem eu observei, mas eu vi assim, né, o tempo. Bem cinza...

Karoline: o tempo? As nuvens ou o céu?

José: meio, eu vi o tom assim de cinza claro azul misturado. Mas a única coisa assim que...

Karoline: uhum, o céu. Tem algo específico, se era nuvem, se tava chovendo...

José: não, é que eu parei assim e fiquei pensando na tarefa, né?...

Karoline: aham...

José: tava na sacada de casa e fiquei pensando o que eu ia observar. E eu fiquei olhando pro tempo só.

Karoline: O quê que chamou atenção nesse tempo?

José: ah ontem tava frio, né? E geralmente escuresse e fica um tom cinza assim ou é pra chuva ou vai esfriar muito, né? E fiquei pensando, quando fica nesse tom cinza assim, nunca esquentada, né?

Karoline: nunca esquentada..

José: não...

Karoline: fica que nem sapo. E tinha tons diferentes de cinza ou era tudo uma cor chapada só? Como que era?

José: não, tinha tons diferentes...

Karoline: era um escuro embaixo e claro em cima, ou ao contrário? Como que era?

José: eu observei assim que você olha, ali de casa dá pra ver bastante que é no alto, né?, então você observa bem o céu, não vê só uma parte. Então vê bem legal assim. Mais claro, vai escurecendo, clareia, entendeu? Mas é tudo cinza, cinza escuro e claro, só...

Karoline: sim, cinza. E tem alguma emoção, uma sensação, que te traz esse cinza? Do frio você falou; mais alguma coisa?

José: frio e tempo pra chuva, né?

Karoline: tempo pra chuva. É tempo pra chuva. Mas aqui não tá chovendo. Aqui é um instante antes da chuva [risos]...

José: não, mas choveu à noite...

Karoline: é verdade. Eu não vi, mas vi que tava molhado lá fora...

Mulher: mas eu acordei bem cedo hoje, era umas seis horas, e daí tava barulho lá fora de água. Os carros passando e...

Karoline: ah não era da chuva caindo era dos carros...

Mulher: mas dava pra sentir que tava aquela garoa, sabe?, molhada. E eu nem levantei pra olhar, só depois...

Karoline: só depois. E Iris?

Iris: ah eu tava na fila do posto na semana passada e o nascer do sol, a coisa mais linda, aquelas nuvens assim, a coisa mais linda, sabe? Tavam bem trabalhadas assim, sabe? Depois aqui daí e daí tinha uma árvore alta assim tudo, dava até pra fazer uma pintura olhando daqui de lá; de tão lindo que tava...

Karoline: aham. Do amanhecer? Do pôr do sol?

Iris: do pôr, do nascer! Do nascente...

Karoline: do nascer do sol...

Iris: nascer do sol, nascente do sol [risos]...

Karoline: e quais eram... normalmente nascer do sol fica um contraste grande entre o céu e a paisagem. Que cor que tava a paisagem geral? Era um posto de gasolina?

Iris: não, era um posto de unidade de saúde...

Karoline: ah era o postinho, unidade de saúde [risos]...

Iris: unidade de saúde. É, a gente fala postinho...

Karoline: [risos]. Então, Iris, era o posto de saúde e o céu ele tinha que cor nesse amanhecer que te chamou atenção? Ele tinha azul ou era só amarelo?

Iris: amarelo com vermelho e azul, sabe? Tava lindo...

Karoline: o que mais te chamou atenção?

Iris: me chamou atenção que tava diferente assim esse nascente do sol, sabe? Bem assim bem... tava lindo. Lindíssimo. Não sei explicar, de tão bonito que tava...

Karoline: pode, pode tentar. Quer explicar? Pode tentar explicar, não tem problema...

Iris: e daí também, e daí também já vi o pôr do sol também na cor preto, cinza escuro e laranja. Também achei muito bonito..

Karoline: muito bonito. E aquele que você tinha escrito sobre a água?

Iris: ah tá, tá aqui...

Karoline: qual que você quer fazer hoje? Que a gente vai representar na guache a coisa da natureza. Você prefere fazer sobre a água, sobre o amanhecer?

Iris: acho que sobre o amanhecer...

Karoline: o amanhecer?

Iris: uhum...

Karoline: a água você tinha lido, né? Então tá certo, vamos fazer sobre o amanhecer. Vamos deixar guardado a água, então. Você prefere o amanhecer ou a água?

Iris: prefiro o amanhecer...

Karoline: o amanhecer. Tá certo. Por que você prefere o amanhecer?

Iris: ah porque tá bonito assim, porque... eu gosto dos dois. Mas eu prefiro hoje o amanhecer...

Karoline: aham. Tá certo. Todas essas perguntas eu faço, são como se a gente tivesse fazendo o exercício para pensar o objeto de arte, o nosso objeto que a gente vai, que é



nossa inspiração pro nosso artesanato, por exemplo. A gente fica: “por quê isso?”. Porque muitas vezes vem o nosso comprador e fala: “ah, rapaz, você só faz banana e maçã”, e daí você comenta como a tua banana e maçã são muito mais interessantes que as bananas e maçãs por aí, que são desenhadas. Porque você reparou nos tons de cores delas e assim vai. Então essas perguntas, parece, é um exercício que parece bobo, mas no fundo serve de, pra gente começar a olhar nosso trabalho e perguntar: “por que isso, por que aquilo?”, né?, e compreender os nossos gostos. Porque muitas vezes a gente escolhe, mas a gente escolhe pela nossa experiência estética, né?, “eu gostei, não gostei”. Mas atrás do “gostei, não gostei” tem outras características: “a cor me chamou mais atenção” ou “durou na chuva”, né, “passou tempo e a folha e a flor continuavam firmes, não tinham se desmantelado”, porque tem flor que não dura, né?, dura só uma noite, ou tem flor que só abre à noite e de dia tá fechada, tem diferentes tipos...

Iris: é...

Karoline: então a gente vai crescendo nosso argumento em relação ao nosso trabalho. Porque que eu fiquei perguntando. E Luiza...

Luiza: ai, difícil escapar [risos]...

Karoline: você escolheu? Fez a observação?

Luiza: então, não. Eu sentei, observei, mas eu não desenhei, não fiz a minha tarefa. Mas eu observo bastante, porque eu acordo muito cedo, né?, então já tem janela aberta e eu fico olhando. Agora, o tempo tá bem nublado, sempre cinza. Dá uma tristeza. Não gosto muito de cor assim, sabe?, cinza. Me dá um pouco, tipo, de depressão. Então tem muitos galhos lá no terreno que eu moro, caídos, e tem troncos assim cortados. Aí eu fiquei observando o tronco em si, sabe?

Karoline: aham...

Luiza: sabe aquele cinza? Vários nuances de cinza. Então, tá tudo cinza, na verdade...

Karoline: mas quando tá tudo cinza que você consegue ver os outros...

Luiza: é o dia [inteirinho] [falas sobrepostas]... o tronco assim tem vários, cinza branquinho, cinza cinza, cinza mais escuro...

Karoline: com os musgos?

Luiza: é? Isso. Daí tem aqueles buraquinhos escuros. É bonito, é bem bonito. Principalmente de amanhã. Eu gosto mais da parte da manhã, porque parece que a gente tá mais animado pra tudo. Tem mais fôlego, mais vida, mais ânimo, né?, mais vPessoa externa. E daí chove um pouquinho, de manhã também tem o orvalho, né?, e parece que fica mais vivo o cinza, mais animadinho. Eu até pensei em desenhar, vou te falar a verdade, mas o que [ocorre], né? Eu moro na comunidade e... eu achei bonito, apesar de ser uma cor assim meio triste, né?, eu observei e pretendo até desenhar, se eu tiver o dom de fazer exatamente como eu enxergo. Bem bonito...

Karoline: que interessante. Pegamos diferentes coisas...

Luiza: interessante, né?

Karoline: pegamos diferentes ideias, diferentes cores. Tem cinza, os dois têm cinza...

Luiza: eu notei também quando ele tava falando, “mas nossa eu vou falar de cinza também”, porque é o que mais tem nessa época. É tudo cinza...

Karoline: mas ao mesmo tempo vocês dois falam do cinza de maneira diferente, né?

Luiza: é, pois é [ruídos/falas sobrepostas]...

Karoline: bom dia, seu Bernardo...

Bernardo: bom dia...

Karoline: vieram poucas pessoas hoje. Será que aconteceu alguma coisa?

Bernardo: é o frio...

Karoline: o frio? É?

Bernardo: [risos] talvez...

Karoline: bem, veio o pessoal...

Bernardo: [inaudível] tá por aí?

Karoline: a [...] tá fazendo feijão. Saiu correndo pra ver o filho dela, o neto, que chamou em casa, mas ela volta...

Bernardo: ah tá...

Karoline: mas ela volta...

Bernardo: legal...

Karoline: então, cinza de diferentes maneiras. O cinza que você percebeu, né?, o cinza do céu e o cinza da terra, digamos assim...

Luiza: do tronco...

Karoline: do tronco, que têm características diferentes. Normalmente a gente só, quando a gente vai fazer alguma coisa cinza, a gente não para pra ver o nosso ponto de inspiração, a gente faz o cinza rapidinho, “ah esse daqui é o cinza”. Pega um cinza qualquer e faz pra tudo quando é coisa o mesmo cinza. E quando a gente pensa na nossa fonte de inspiração, pra daí criar o cinza, nossa, daí você, o teu trabalho tem muito mais vida, sabe? Fica muito mais rico, chama muito mais atenção e assim vai. Você trabalhou o cinza. Bom ver vocês. Antes da gente partir pra nossa pintura, que é nossa atividade de hoje, que eu tinha falado semana passada, de pegar um papel, bom, vou explicar depois. Melhor lembrar antes a questão da harmonia de cores, que vocês falaram pra mim que queriam trabalhar. Vamos resgatar isso daqui?

Luiza: vamos, vamos, sim...

Karoline: não sei se é... todo mundo tem sua, você tinha um pequeno e um grande, né?

Luiza: eu tenho uma pequena, mas eu tenho um grande também. Só não achei ele, acho. Mas você sempre bota o nome, né?

Karoline: é esse?

Luiza: não, [onde tá] o nome? Não, não é esse, não. Mas o meu grande é o único antigo. É esse mesmo, né?

Karoline: você trouxe?

Luiza: ele tava aí...

Karoline: ué. Isis, tem esse grande, opa...

Luiza: não, não é dessa aula, é da nossa primeira aula...

Karoline: nossa primeira aula...

Luiza: nossa primeira aula, é...

Karoline: só tem esse grande. Será que não tá com você, então? Ou eu perdia...

Luiza: não, ele deve de estar por aí. Só que ele era pequeno...

Karoline: ah ele era pequeno?

Luiza: era daquele dia do tucano. Ó, é esse que a gente continuou...

Karoline: você ficou como pequeno, né?

Iris: é, esse foi do dia do tucano, esse aí foi...

Luiza: esse daqui é do dia do tucano?

Iris: não, esse, não. Esse grande aí...

Luiza: então, do dia do tucano eu tenho. A não ser que ele seja pequeno...

Karoline: eu acho que você fez um pequeno aquele dia...

Luiza: mas eu sempre marco na...

Karoline: só vou procurar aqui ver. Marcelo, não, não, Luiza, Maria, esse não é seu, né?

Luiza: não, não...

Karoline: então de quem que é esse?

Luiza: não sei...

Karoline: não tô achando. A gente já procura depois...

Luiza: a gente já procura depois...

Iris: vocês viram o que é o contraste das cores, né? Parece que tá dentro de tudo assim nessa...

Luiza: é...

Iris: faz do jeito que fica, né?

Luiza: nossa, parece até que dá pra pegar assim, né?

Karoline: me fale mais sobre esse contraste...

Iris: aí eu acho a coisa mais, eu acho coisa muito bem pintada assim, porque dá pra ver que daí o miolo da flor tá lá dentro, tem as sombras e tudo que deixa parecer isso, né?, várias folhinhas. Se não fosse assim, daí então não parecia isso...

Karoline: ah você tá falando que tem um volume, né? Que e a pétala, onde tá vermelho mais forte, tá pra fora, e daí tem o miolinho que dá pra ver que tá mais dentro, mais pra dentro, mas que dá pra ver que não é um miolo reto, é um miolo gordinho, vermelho. É isso que vocês tão falando?

Luiza: uhum, dá pra ver o contorninho, né?

Karoline: e a folha que tem sombra aqui...

Iris: que é por dentro e é por fora, dá pra ver...

Karoline: ó, [aqui dá pra que a luz tá pra fora e a pétala tá assim. Não é um folha]...

Iris: é...

Karoline: não é uma folha chapada. A gente trabalha bem volumes, né? [ruídos] Ver que, ele trabalhou com que cores? Vermelho...

Iris: vermelho, verde...

Luiza: vermelho, verde e branco, né? Tá vendo como tem branco ali?

José: são vários vermelhos ali...

Karoline: vários vermelhos...

Luiza: mas aí foi trabalho, né?

Karoline: vários vermelhos, exatamente. Então aqui são vermelho e verde, que normalmente são...

Iris: e tem até as gotas ali, né? As gotinhas de água. Ali, dá pra ver, nas folhas da flor...

Luiza: tem...

Karoline: sim. Ele acaba sendo bem detalista...

Luiza: é o orvalho, né?

Karoline: então, a gente pode começar a pensar sobre harmonia de cores olhando esse trabalho, que trabalha com verde e vermelho, que são cores contrastantes. Se a gente for ver no círculo cromático que a gente fez, e aí eu queria ver com vocês, gente, eu peguei, se vocês quiserem, porque muitas vezes o círculo cromático não ficou exato e etcétera, se vocês quiserem se organizar a partir de um pequenininho assim e escrever qual é cada cor aqui, você escolhe. Posso? Você quer?

Luiza: eu gostaria...

Iris: quero...

Karoline: ele é pequenininho e vocês podem colocar [tal] um, dois, três, quatro, e colocar uma legenda...

Luiza: deixa eu colocar meu óculos...

Karoline: por exemplo, amarelo mais azul é igual a verde. Daí... meu deus. Tem mais, tem mais...

Luiza: [inaudível] fica bem certinho, né? Porque aquele meu tá um fracasso...

Karoline: não. Gente, e o mais legal é que quanto mais a gente mexe, mais a gente, não é um exercício que vai. Agora, eu percebi, foi cansativo fazer as terciárias, né? Quebramos a cuca...

Luiza: aham, nossa mãe...

Karoline: quebramos a cuca...

Luiza: mas aprendi o quanto podemos modificar as cores e criar, como é que é, com três. Nossa, eu fiquei espantada...

Iris: aqui a gente faz um, dois, três, né?

Karoline: a gente cria autonomia, né, pra trabalhar com cor. Não, Iris, nesse daqui a gente pode colocar só se você quiser a legenda, você pode fazer em casa, em relação à quais as cores primárias, secundárias e terciárias e escrever a legenda. Por exemplo, esse é o amarelo. Aí você põe esse aqui é o um, o um e o amarelo, e vai pondo a legenda. Mas acho que um, dois, três não, acaba não funcionando. Eu vou acabar falando um pouco sobre as cores. Eu fiz aqui um círculo cromático sem cores...

Luiza: coisa mais linda, olha, Iris...

Karoline: apenas com números, só pra gente lembrar aqui. Nós temos três primárias, quais são?

Todos: amarelo, ciano e magenta.

Karoline: isso, amarelo, ciano e magenta. O vermelho é secundária. Não é primária...

Luiza: isso...

Karoline: muita gente fala que ele é primária, é secundária...

Luiza: a gente pensa errado, né?

Karoline: não, é que nos falamos sempre que vermelho é primária. Então temos três primárias, um, dois, três. No nosso círculo cromático, fazer um triângulo. Aí aqui vocês podem achar o triângulo, se for preciso...

Luiza: a gente vai escrevendo igual tá você ali?

Karoline: oi?

Luiza: a gente vai escrevendo igual tá o teu?

Karoline: se você quiser escrever, pode escrever...

Luiza: tá...

Karoline: a gente tem três primárias. A gente pode fazer um triângulo...

Luiza: aham. Eu fiquei contando lá pras meninas ontem no [quadro] sobre isso daqui, mas eu não tinha isso na mão pra explicar...

Karoline: ah você vai levar...

Luiza: ah eu vou levar, boa ideia...

Luiza: e elas ficam ouvindo...

Karoline: ficam, e me conte...

Luiza: e ficam interessadas, “mas o ciano é azul”, “é, mas é ciano que a gente fala”, é, que nem o vermelho, é magenta, daí que a gente vai fabricar o vermelho, né?

Karoline: isso...

Luiza: mas eu não tinha uma noção precisada...

Karoline: porque o magenta, esse vermelho, ele já é uma mistura de cores. Quando a gente fala desse ciano que é primário, é um azul com, do pigmento ciano que é primário. Isso daqui também é azul, só que daí já é um azul secundário; já é um azul mistura...

Luiza: misturado. Mas então, e daí a gente vai contar, mas esquece, esquece quem que é misturado com quem, na verdade, né?

Karoline: é, sim. É de quebrar a cabeça. Exatamente, de quebrar a cabeça. Então temos aqui as primárias, fazendo triângulo, e temos aqui as secundárias fazendo triângulo também...

Luiza: uhum...

Karoline: pessoal, se precisarem que eu pare e que eu vá até, vocês falam. A gente fez uma estrelinha. Isso, Iris, muito bom, as secundárias. E pra quê que serve tudo isso, gente? Com isso daqui a gente já tem, com o círculo cromático a gente consegue saber como as misturas são feitas, como a gente pode conseguir certas misturas. E além disso

a gente pode saber, se a gente tiver com alguma dúvida, como combinar cores, por exemplo, segundo meu objetivo, segundo o objetivo de cada um. Por que eu falo isso? Claro, quando eu estou pintando eu faço trabalho muito intuitivamente. Sou bem intuitiva, né? Eu não fico pensando, quebrando, vendo aqui “ai qual é o meu círculo cromático que vou usar?”. Não, primeiro eu vou fazendo, vou fazendo. Mas se eu tiver alguma dúvida, se eu ver que não tá legal isso daqui, eu posso pegar e usar meu círculo cromático como uma cola, de certa forma, né?, como um gabarito, pra ver “o quê será que eu posso mudar na minha cor pra combinar mais? Ou pra ressaltar tal cor?”, e por assim vai. Então nós temos aqui as primárias, fazendo triângulo, as secundárias fazendo triângulo, e nós temos as terciárias nas extremidades. Então aqui a gente vê como a gente faz as misturas das cores...

Luiza: uhum...

Karoline: as primárias, entre as primárias, temos uma secundária. Então misturando duas primárias temos uma secundária. Misturando duas primárias aqui, temos uma secundária. Misturando duas primárias aqui, temos outra secundária. Todo mundo acompanhou?

José: eita...

Karoline: e misturando outra primária com outra secundária, nós temos uma terciária...

Todos: uhum...

Luiza: hum, é mesmo. Bem colocado, né?

Karoline: então, como que eu faço, olhando o círculo cromático de vocês, como que eu chego no, pegar uma terciária, como eu chego no laranja?

Luiza: cadê meu laranja? Tá trocado...

Karoline: qual é a primária que eu utilizo pro laranja?

Luiza: vermelho...

Iris: com amarelo...

Luiza: e amarelo...

Mulher: magenta?

Karoline: o magenta é primária, mas se eu for ver no círculo, eu utilizo a primária amarelo e a secundária vermelho...

Luiza: vermelho...

Karoline: olha aqui, é essa daqui, o laranja. Laranja, né? Então...

Luiza: ai, verdade. Usa a primária com a secundária...

Karoline: então o círculo cromático serve pra gente racionalizar a cor, né? Vamos quebrar a cuca. Então é aqui. A gente usa uma primária com uma secundária, que dá laranja. O azul caneta bic, que a gente falou; qual outro nome que vocês deram? Quer lápis?

José: a borracha...

Luiza: laranja é o amarelo, que é primário, com o vermelho que é. O quê que ele quer?

Karoline: uma borracha...

Luiza: vixe, não trouxe meu penal. Vermelho que é secundária...

Karoline: depois eu acho. Como que a gente faz o azul caneta, então?

José: posso usar esse aqui, então?

Karoline: pode, fique à vontade. Como que a gente faz um azul caneta bic?

Mulher: com o ciano...

Karoline: o ciano, primária, com...

Mulher: roxo...

Karoline: secundária...

Mulher: secundária...

Karoline: isso. Isso dá o azul. Perfeito. Estaria aqui, por exemplo, né? Entre uma primária ciano e um roxo secundário.

Luiza: roxo, secundário. Tá certo. Eu tô marcando porque...

Karoline: isso...

Luiza: ai, é pra marcar nesse pitoco?

Iris: eu tô marcando aqui, mas...

Karoline: como vocês quiserem. Isso aqui é material pra vocês terem pra vida de vocês...

Luiza: ah então vou marcar aqui, que fica bem melhor...

Karoline: o que vocês acharem melhor. Tá claro isso, gente? Ou a gente faz mais exercício assim?

Luiza: não, tá bem bom. Acho que agora que vai começar a abrir um pouquinho, né?, porque tô [entendendo] alguns aqui, algumas anotações...

Karoline: ah sim. Eu falei: “vou deixar as tintas, quem quiser fazer em outro período de volta”...

Luiza: pois é...

Karoline: o pessoal nem [conseguiu]...

Luiza: não, eu nem vim...

Iris: quarta-feira à tarde, se tiver, que horário que tá aberto aqui daí?

Karoline: vou perguntar pro Bernardo aqui depois...

Iris: ah tá...

Karoline: então, outra terciária, que é secundária e primária, e assim vai. E a gente consegue fazer as cores. E agora falando sobre a mistura de cores. A mistura de cores, não, a harmonia de cores. Nós temos a harmonia, alguém sabe? Eu, a gente falou sobre a harmonia monocromática, alguém quer explicar? Silvia?

Silvia: livre? [uma sombra, outra é curva]...

Karoline: então, livre ainda não. Harmonia monocromática; mono, um; monocromática, uma cor. É a cor e a sua escala. Até...

Luiza: suas nuances?

Karoline: o preto ou até o branco. Então nós temos aqui um exemplo. É uma escala que não deixa, não faz [inaudível]. É uma combinação de cor, a harmonia monocromática que acalma o olhar, certo? São as tonalidades diferentes de uma mesma cor. Então eu pego meu verde-limão e vou fazer o degradê até o branco, ou degradê até o amarelo, ou degradê até o verde, que é a [fonte] dele, certo? Esse verde-limão com um pouquinho mais de branco, um poquinho mais de branco, um poquinho mais de branco, até ficar branco e eu não conseguir mais ver diferença. Então eu estou combinando cor sem chamar atenção pra diferença entre elas. Isso é uma combinação que acalma, não grita aos olhos, que não. Ó, vamos ver aqui. Onde que tá, gente? Tinha um exercícinho. Ah tá aqui. Então quem quiser fazer em casa, um exercício muito legal é esse daqui. Opa, tudo bem, bemvidos...

Mulher: tudo bem?

Karoline: a gente tá continuando...

Todos: bom dia, tudo bem?

Bernardo: antes tarde do que nunca...

[risos]

Karoline: isso é muito bom. Beleza. Muito obrigada. Sentem. Peguem uma cadeira. A gente tá falando agora, falamos sobre mistura e estamos falando agora sobre harmonia das cores. Sobre harmonia monocromática. Por exemplo, eu tenho um preto. Esse meu preto aqui foi feito com vermelho e verde. Sabe aqueles, sabe esse preto aqui que a gente trabalhou?

Luiza: aham...

Karoline: que eu fiz aqui? Não são preto do pigmento, são pretos produzidos com mistura, mistura das três primárias. Então meu preto eu fiz com vermelho e com verde, eu vou fazer uma escala, que parece com preto, e vou fazendo uma escala até o branco. Então eu tenho, um poquinho mais claro e tan tan tan tan tan até chegar no branco...

Iris: aham...

Karoline: harmonia monocromática é usar essa cor, e essa, essa e essa, elas combinam entre si. Ficam harmoniosas. Se eu quiser, em casa, pra melhorar o meu olhar pra cor, eu posso fazer esse exercício, pra qualquer cor. Isso, gente, é um exercício muito bacana pra quem quer enxergar melhor as cores. Eu pego meu verde-limão e vou fazendo uma escala com o amarelo, que o limão, o verde-limão, é feito com o verde e o amarelo. O verde-limão com um poquinho de amarelo, um poquinho de amarelo, um poquinho de amarelo, um poquinho de amarelo, aí misturo, um poquinho de amarelo, amarelo, amarelo, amarelo, até ficar super amarelo; daí eu fiz uma outra escala. Daí a gente consegue ver a quantidade de cor que a gente consegue fazer. A gente consegue ver cada vez mais diferenças entre as cores. Certo? Então isso é um exercício pra quem quer dar prosseguimento, por favor, fique à vontade. Outro tipo de harmonia é pelas análogas. Querem? Quem quer falar? Pode ser [inaudível]. Ah aqui vocês conseguem ver melhor, né? Harmonia pelas análogas. Análogas seriam uma primária e a sua secundária, as secundárias que estão ao seu lado. Temos uma primária aqui? Temos uma secundária aqui? E os seus respectivos bebês. Então as duas secundárias e as duas terciárias. Temos uma primária aqui, uma primária aqui e as duas secundárias. Então é a central e as do lado. Compreendem?

José: uhum...

Karoline: então vamos ver aqui no nosso círculo cromático. Nós temos uma secundária principal, nosso vermelho, eu eu posso usar, fazer uma harmonia análoga com o meu laranja e o meu vermelho cereja. Vou usar esses três. Também não grita. É, percebam que acaba não gritando. A combinação acaba não gritando. Claro, são cores muito fortes, mas elas ainda não fazem um contraste muito grande. Ou eu posso, qual outra harmonia de análogas eu posso fazer?

Isis: o azul com o roxo ali, talvez?

Karoline: aqui?

Isis: é...

Karoline: uma secundária, o violeta, e o azul bic. Esses três. Tá vendo? Isso mesmo, isso mesmo...

Iris: o azul com verde?

Luiza: esse é o azul [inaudível]...

Iris: acho que é...

Karoline: nós temos esse da primária e da secundária. Nós temos...

Luiza: não seria esse verde aqui com esse azul aqui que deu essa?

Karoline: esse, esse com esse deu essa. Exatamente. Então nós podemos pegar essa secundária e essas duas terciárias. As três. Faz uma escala tonal. Fazem uma escala tonal. Uma escala de cor. Faz assim “uuh” ou faz assim “uuh”, ou faz assim “uuh”, funciona. Você pode fazer vários recortes no nosso círculo cromático. Tudo certo? Dúvidas? Por favor...

Luiza: já deu três, né? Ou quatro?

Iris: [não] por enquanto...

Luiza: o verde-limão, você já deu três aqui, né?

Karoline: exemplos?

Luiza: é...

Karoline: ah sim, são exemplos. Mas o interessante é vocês saberem a regra. Como que é a harmonia análoga. A análoga é a secundária com as suas terciárias, ou a primária com as suas secundárias, né? Então por exemplo, o vermelho com as suas terciárias...

Luiza: pode ser também a primária com as laterais, né?

Karoline: sim, aham. Ó, assim ou assim...

Luiza: aham, certo. Tem que usar sempre três, né, Karoline?

Karoline: sim...

Luiza: tá...

Karoline: análoga envolve três, uma principal e as outras derivadas. Nós temos um outro tipo de harmonia que se chama harmonia pelas complementares. É essa do livro, da sombra. Vamos pegar o livro. Me expliquem, o quê que é harmonia pelas complementares?

Iris: a gente não tem borracha aqui?

Luiza: pois é, que pena...

Karoline: vamos, gente, antes de começar a pintar, qual que é...

[inaudível]

Karoline: tem, tem sim, ou você quer esse aqui? Precisa de ajuda? Pode ser no sulfite mesmo?

Pessoa externa: não, é só pra ir desenhando...

Karoline: gente, as complementares são o quê, então? Nós temos o círculo cromático, nós podemos fazer retas, cruzando o círculo cromático. A cor complementar é justamente a sua reta. Então, nós temos aqui o três que vai cruzar lá o outro três. Cores complementares. Nós temos um três aqui que vai cruzar lá o outro três. Cores complementares. Nós temos aqui outro três e cruzamos e fizemos as complementares. Então nós podemos fazer assim uma reta. Uma reta do laranja. Laranja, chegue lá ao seu fim. Ah, chegou, chegou. Chegou aqui. O laranja é complementar do azul bic, percebem? Verde-limão, chegue lá na sua complementar. Tã-tã, é o roxo. Roxo não, é o violeta, é? Verde-limão é o violeta. Verde-turquesa ou azul-turquesa, chegue na sua complementar. Tã-tã, é o vermelho-cereja...

Luiza: meu deus, desculpe...

Karoline: isso, apaga lá. Luiza, esse tipo de harmonia choca um pouco, choca mais o olhar, chama mais atenção pra diferença entre as cores, mas também harmonioso. É um outro tipo. Percebem como é? A gente atravessa. Vamos atravessar ou podemos também combinar, qual que vai pro outro lado do amarelo? O roxo, tá na reta. Qual que vai pro reto do azul? Vermelho. Gente, vamos então pegar o livro? Era isso que eu tinha falado do Monet, vocês deram uma olhada? Não? Saíram correndo. O quê que chamou atenção?

Mulher: [só essa questão da sombra]...

Karoline: como que ele representa essa questão da sombra aqui. Olha como ele fez a sombra, ele não usa preto, não usa o pigmento preto. Ele trabalha. Esse preto, na realidade, se você for ver, se você fizer um buraquinho no papel, e esse é outro exercício muito bom. Quero pegar, eu fiz uma cor no meu pano de prato, não consigo imitar ela, tô tentando fazer, como que eu faço pra chegar nela? Primeira coisa, pega o papel sulfite sem nada e fazer um buraquinho nele. Daí você vai lá e chega na cor, pra daí começar a tentar, aí você tenta caneta bic, azul; você vai tentar? Não, esse verde ainda tá muito claro, [inaudível], não, até chegar a cor. Porque quando você tiver a figura toda, essa corzinha minha misturado no todo, as cores se misturam; é mistura ótica, você não consegue ver essa cor isolada direito. Você pega lá e isola. Então se você for olhar isso daqui, que lá de longe é preto, você vai olhar, aquilo ali é um verde-turquesa escuro...



Luiza: é tipo um azul diferente, né?

Karoline: é, e isso aqui que parece bem pretão, você vai ver que isso aqui é roxo na luz...

Luiza: é...

Karoline: isso aqui é roxo roxo, tem até magenta, um pouquinho de magenta ali. Essa sombra é magenta, não é preto. Essa sombra é roxo, não é preto. Querem dar uma olhada? Fazer esse? Querem,? Se vocês quiserem fazer esse exercício. Percebam que é diferente se a gente olhar...

[falas sobrepostas]

Luiza: [inaudível] se a gente olhar dessa forma, misturar ali do ladinho...

Karoline: isso. É muito boa. Uma forma muito boa de você pintar. Faz uma [inaudível] numa folha branca, aí você suja essa folha, e coloca cor...

Luiza: até achar a medida certinha, né?

Isis: Karoline, ele tem o final do dia, né? Um amanhecer bem, bem daquele que tá indo embora, né?

Karoline: é, é um amanhecer ou um pôr do sol. É um amanhecer ou um pôr do sol? Estamos na dúvida. Mas as cores vibram, né? Porque o impressionismo, como eu tinha falado ontem, como retratar isso, a mistura não é feita muito na palheta, pra fazer tudo uniforme; a mistura é feita assim, você vê o traço do pincel, né?, vejo a pegada do pincel. Isso dá uma outra cara pra pintura, então é uma esfera vibrante, e ao mesmo tempo eu consigo, ele faz as formas pelas diferenças de cor. Então ele não faz o degradezinho da cor, ele não faz degradezinho pro amarelo, pro roxo, pro amarelinho mais branquinho, pro amarelinho, pro amarelinho, não, ele faz os choques de cor...

Silvia: nada é muito tradicional ali, né? Os tons são os que ele criou mesmo, né?

Karoline: ele, na época, os impressionistas usavam do tubo, porque os tubos têm várias cores. Isso chama mistura óptica, que você mistura, você não mistura tanto na palheta, mas você mistura...

Isis: na tela...

Karoline: é, direto na tela, um ao lado do outro. Daí quando você vê, pela tua visão ocorre a mistura. Então eu não vejo, eu vejo preto, mas se eu for isolar a cor, na realidade é um roxo. Tem até magenta naquela sombra, e assim vai. Então o que a gente vê, de certa forma não é exatamente o que a gente vê, se a gente for examinar é outra cor. Ó, você pode fazer a combinação, a mistura de cores, a combinação de cores por mistura por pigmento ou choque de cor. São formas diferentes de trabalhar, não tem certo nem errado. Isso é só um exemplo pra gente pensar as [combinações adequadas]. Então pra gente entender o roxo [ruídos], que fez com quê? Com o laranja e amarelo, com laranja e amarelo, e assim vai...

Maria: Karol, sabe o que eu queria perguntar pra ti? É, dá pra trabalhar com a guache comum?

Karoline: a guache comum você não vai conseguir fazer essa palheta de cores...

Pessoa externa: de cores...

Karoline: é, porque a guache comum, a escolar, ela tem uma mistura de pigmentos outros, pra fazer o azul, pra fazer o rosa...

Maria: é que, pra eu comprar, é só chegar e falar “guache...?”

Karoline: essa marca se chama guache profissional...

Maria: guache profissional...

Karoline: é, Talens é o nome dela, a marca. Guache profissional Talens. Mas você, dominando as cores, você pode trabalhar com a escolar, e você testa o quê que a guache escolar consegue lidar. A guache escolar vai me dar alguns tons de verde, ela vai me dar

menos cores limpas, ela vai fazer rapidinho uma cor de burro quando foge, porque ela tem já uma mistura grande...

Bernardo: que cor que é cor de burro quando foge?

Karoline: é essa daqui [ruídos/risadas], é tipo um marrom, uma mistura [risos]. A gente fala que cor de burro quando foge é bonita. Todo mundo tem preconceito, mas ela pode ser bem bonita...

Isis: eu gosto, acho que pode ser uma cor bem natural...

Karoline: isso, bem natural. Me lembra do tronco, um pouco...

Maria: isso é uma coisa que a [...] queria saber, daí eu pensei “vou perguntar”

Karoline: é, dá pra usar guache escolar. Vai dar uma paleta de cores. Só que você não vai ter cores tão limpas, tão puras quanto essa. Aqui você consegue um milhão de cores...

Isis: e essa tintura, dá pra você colocar em tecido também?

Karoline: não, a guache é feita pra...

Isis: pra tela só...

Karoline: nem tela, papel. Porque a guache é pigmento e água, né? Ela lava, ela não...

Luiza: daí já pinta todas as outras...

Isis: entendi...

Maria: essa guache, no caso, é uma pré, pra você chegar naquilo que é seu objetivo. Quem não tem experiência pra trabalhar na tela, vai ali trabalhando no papel, vê como é que é, tal, até chegar na tela...

Karoline: nossa. É, é. É isso. A nossa atividade aqui não é pra gente aprender a mexer com guache, é um exercício de cor. Eu usei a guache porque essa guache dá um leque gigantesco de cores. Mas claro, vou trabalhar com tela, vou trabalhar com acrílica, vou trabalhar até com massa corrida, vou trabalhar com tinta a óleo; e lá eu vou ter cores diferentes, não vou trabalhar com primárias, vou ter outras. A lógica de misturar as cores é a mesma, e a lógica de combinar cores é a mesma. Pergunta, se eu quero produzir uma harmonia de cores, eu vou produzir a partir desse leques, e eu vou pensar nessa mesma lógica. Sim? Então, você tem mais alguma, queria conversar mais sobre harmonia ou podemos partir pra atividade?

Luiza: pra mim pode partir...

Isis: harmonia então é uma terciária com uma... não, é só a terciária inteira, só com a terciária?

Karoline: o quê que é? Você pode repetir? Harmônia o quê?

Isis: é, são as complementares que são terciárias com terciárias?

Karoline: as harmônias complementares, não. São as opostas. Eu tenho aqui meu leque. Eu tenho 12 cores, certo? Um, dois, três... daí eu posso traçar várias retas de viagem, o amarelo com o roxo, o vermelho tantantan, o tantantan...

Isis: essas que vão gerar as harmônias complementares?

Karoline: isso...

Isis: hum, tá...

Karoline: são as minhas retas. Você pega um papel e tututututu. Eu testei aqui e dá certo, nós fizemos já as terciárias?

Silvia: [ruídos/falas sobrepostas] terciárias?

Karoline: ontem, ontem não. No encontro passado...

Silvia: não, aquelas que a gente fez foram secundárias. Eu tava aqui...

Karoline: você não veio na semana passada, você tava acho que doente...

Maria: você não veio terça passada, não...

Luiza: ela tava no CAPS...

Silvia: eu não fico doente...

Karoline: então você não. Tava no CAPS?

Silvia: tava no CAPS...

Karoline: mas pode por. Deixa a tinta pra você fazer, se você quiser...

Silvia: eu não lembro mais, meu bem. Eu te fiz esse curso que eu falei...

Karoline: de combinar? [ruídos/falas sobrepostas]...

Silvia: as meninas passam pra mim...

Karoline: então vamos lá. A atividade é a seguinte. Vocês falaram sobre a atividade da natureza, da água, de alguma coisa da natureza. Ih, faz muita diferença [ruído]. Eu quero que vocês representem, no papel. [ruído]. Quero que vocês representem aquela coisa da natureza que vocês escolheram no papel, a partir daquele [elemento] que chamou atenção pra vocês. Precisa ser uma representação, ou seja, certinha do que eu vi? Não precisa. Se você quiser fazer com o abstrato, pode ser. O importante é você pensar aquela característica que te chamou atenção pra você explorar isso no papel. É um exercício que você vai tá, vai fazer você pensar “como que vou fazer tal cor a partir das três cores primárias”, né? Vai trabalhar a cuca nisso, em que como produzir essa cor...

Isis: nós não abrimos nenhuma pro rosa, né?

Karoline: ah vamos. Vamos trabalhar agora com o branco, que dá novas opções de cores. Só o preto que não, que a gente consegue fazer o preto com as três. Então eu preciso o seguinte, que vocês pensem também: não precisa ser só [representacional], pode ir pro abstrato; pensem a figura em relação, se for representacional, a figura em relação ao fundo, aonde que eu vou colocar? Vou colocar no canto? Vai ser um troço grande, um troço pequeno? Tudo isso a gente pensa conforme a gente quer expressar. Se aquele negócio me dá frio, que tipo de cor que eu uso, que me dá mais, que dá a sensação de frio, e assim vai. A questão do espaço, o tamanho do papel; eu trouxe, vamos trabalhar com esse grandão? Mas ninguém é obrigado a trabalhar com esse papel padrão. Se vocês querem, conforme, por exemplo, a minha flor que eu observei é muito delicada, ela é singela, eu quero fazer ela aqui, num quadradinho, justamente pra dar a sensação de relicário, sabe? De delicadeza. Então eu vou trabalhar com meu quadradinho bem pequeno. Tudo pode ser pensado, sabe? Então a gente não pega e escolhe o pincel qualquer um, a gente vai conforme o tipo de trabalho. Se é um trabalho [inaudível] maior ou menor e assim vai. Então tudo é pensado. Vamos com calma fazer nossa atividade. Eu queria hoje antes fazer uma atividade de aquecimento pra pintar. Vamos ver se, dependendo do horário a gente faz. Muita gente vai assim tudo travado, a gente vai com a ansiedade de colocar o pincel, “quero pintar, quero pintar”. E vai também meio travado. Quando a gente faz um alongamento ou descansa o nosso olhar, dá um resultado melhor, sabe? Então a gente pode fazer um exercício. Então vamos lá. Vamos ter que, vamos limpar essa área aqui, dos papeis...

Iris: esse aqui dá pra guardar?

Karoline: tirar os livros. Cada um guarda o seu, cada um guarda o seu papel, pra, se quiser levar pra casa..

Iris: e esse aqui? A gente guarda também?

Isis: eu vou deixar junto...

Karoline: sim...

Isis: não tem como você fazer uma pasta pra cada um de nós, né, pra deixar aqui?

Karoline: eu posso guardar. Se você quiserem me dar pra guardar, eu guardo...

Isis: que daí quando tiver mais trabalhinhos daí a gente... eu coloquei o nome...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: gente, vamos acelerar, então. Eu preciso que vocês assinem a lista de presença, é importante. Acelera aí. Pra gente não perder tempo...

[ruídos/falas sobrepostas]

Iris: eu tenho que ir...

Karoline: que horas você tem que ir? 11H?

Iris: é...

Karoline: você tem uma hora pra pintar...

Isis: eu tenho meia...

Karoline: vamos correndo. Gente, me distribuam os papeis por gentileza. Cada um veja o tamanho que quer de papel. Entendam, aqui vocês estão trabalhando como artistas e artesãos, tudo é pensado, não existe uma regra. Por que que eu vou fazer nesse papel padrão? Não preciso fazer nesse papel padrão. Tudo tem um por quê. Vocês escolhem, autonomia pra isso. Vocês querem fazer tudo nesse padrão? Não querem cortar o papel, fazer...

Isis: não, eu acho que esse papel é bom, não? O que você acha?

Karoline: vocês que sabem. Depois vocês me justificam. Então tá. Muito obrigada pelas bandejas...

Maria: eu fui juntar lá em casa...

Karoline: é muito melhor. Esse prato que a gente tava usando ele não era branco branco, ele era cinza. E esse cinza já ocupa, já. Vamos, gente, preciso que alguém me ajude a colocar água. Quem vai poder ajudar?

Luiza: eu vou buscar...

Maria: como que a gente faz essa [inaudível] cor do pinheiro? [dessa pontinha do pinheiro?]....

Karoline: depois já conversamos, eu preciso. Por isso que era bom fazer o exercício em casa; pra estudar. Quantas pessoas somos? Cinco? Podem ir me ajudando gente, pra gente. Vamos pegar água lá? Luiza vai pegar água. Um, dois, três, quatro...

Iris: esses aqui também ficam na [água]?

Maria: como que você vai ajudar se você não sabe...

Luiza: eu vou pegar um pouco de água, você me ajuda?

Karoline: isso, ela precisa de ajuda. Se alguém mais quiser ajudar, gente, precisa de bastante água. E, eu quero saber, vocês trouxeram pelo menos o trabalho de arte artesanato de vocês, que vocês consideram mais relevante?

Maria: ai deus...

Karoline: gente, isso é muito importante, a gente vai começar a trabalhar com isso...

Bernardo [inaudível] tá ruim sair de casa...

Karoline: pois é. Porque agora o bicho vai pegar, porque agora a gente vai começar a ver o nosso...

[falas sobrepostas]

Maria: [inaudível] opa, desculpa. Mas e se o nosso trabalho não tiver nada a ver com pintura?

Karoline: não precisa, não precisa ter...

Maria: ah então eu trouxe...

Karoline: não, mas você tem que pensar se você tem, o que você mais gosta, que depois a gente vai conversar sobre isso, sobre o que vocês mais gostam. Tem que ser o que vocês mais gostam mesmo...

Maria: eu trouxe, eu trouxe...

Karoline: ótimo, vamos ver se dá tempo de conversar, senão fica pra semana que vem...

Maria: vem, filha, vamos lá ajudar a tia...

Isis: hoje a gente vai trabalhar com as mesmas coisas o [dia inteiro]?

Karoline: isso. Dessa vez a gente vai [cuidar], né? Que é uma atividade expressiva, não somente de repro..., de exercício de cor. A gente vai se expressar nisso...

Isis: preciso desenhar primeiro, com lápis? Ou já pintando?

Karoline: tem que ver como vocês preferem trabalhar. Tem gente que gosta, prefere fazer exatamente o quadro, que gosta de desenhar, e tem gente que trabalha mais intuitivamente, sem desenho. Depende. Não existe regra. Eu não sei como você trabalha, como você normalmente faz?

Isis: eu acho que vou precisar fazer um esboço primeiro, pra...

Karoline: aqui temos papel sulfite, se você quiser usar papel sulfite antes. Quer papel sulfite? Lembre-se, gente, é a mesma regra pra, vamos esperar todo mundo chegar, pra pegar no pincel. Oba obrigada. Gente, pra pegar o pincel, sempre, agora nós vamos, cadê? Sumiu o negocinho, não tava..

Luiza: aqui, a pipeta...

Karoline: coitada, sumiu, estamos sem pipeta...

Luiza: [eu tenho lá em casa], esqueço...

Karoline: agora temos que ter um pincel, pra gente meio que molhar e deixar a água cair assim, já que estamos sem pipeta ou conta-gotas...

Luiza: da outra vez ela já não apareceu, lembra?

Karoline: verdade, eu tava usando outro, daí acho que perdi...

Luiza: senão você...

Karoline: então, gente, como que a gente faz? Luiza...

Maria: tem um pedaço de sulfite pra ela fazer?

Karoline: ela quer um pedacinho? Quer? Então tá bom...

Maria: vem cá que a mamãe te ajuda...

Karoline: mas enquanto, é, o quê que você perguntou?

Maria: o sulfite pra ela...

Karoline: ah sim, tá ali, já pego. Lembre-se antes de pegar a mão na massa, respira fundo, fica, faz até um alongamento de cabeça. Respira fundo. Sem pressa. Sem sede ao pote. [risos], faz uma ginastiquinha com a mão que tá gelada. Cada um faz o seu. E, pra misturar tinta, gente, lembre-se: papel, pincel limpo. Essa tinta ela é bem concentrada, então a gente coloca água antes em cada uma, pra dar uma pegada, uma águaada se precisar. Se coloca o pincel assim nessa tinta como tá, é muito pigmento, né? Então tá bom. Vou pegar a sulfite...

[ruídos]

Luiza: pegou um pincelzinho pitoco, né, Iris...

Iris: quê que eu tô fazendo, é...

Luiza: que lindo seu laranjinha

Karoline: você pegou papel, Iris? Posso te dar um papel menor?

MariaMaria: pode, pode, sim...

Karoline: agora, o tamanho do papel já é uma das coisas que a gente deve pensar em como fazer. Não precisa ser no padrão. A gente pode usar um pequenininho, um maior. Mas senta aí, que eu já preparo um pra você. A sua mãe já vai começar a trabalhar à vontade, daí você sente aqui ao lado e começa a trabalhar com ela também...

Maria: pode sentar...

Karoline: vocês sabem que [inaudível], eu não passei ainda. Que coisa...

Maria: ou você prefere ficar em pé?

Luiza: [risos]

Karoline: alguém mais quer folha sulfite pra rascunhar?

Isis: só isso, obrigada...

Karoline: todo mundo concentração. Quer cortar?

Maria: deixa a tia cortar...

Karoline: todo mundo, gente, concentração. Ai que bom [ruído]. Concentração no seu, na sua coisa da natureza que escolheu, certo? Ó, já misturou. Eu vou pegar um outro, que ele tá amarelo...

Luiza: é, mas aqui é de amarelo mesmo...

Karoline: ah então não tem problema...

Luiza: não...

Maria: profê, eu posso pegar a tintinha pra mim?

Karoline: ah pode, pode, eu pego pra você, nem es quente. Ou você pega, tanto faz. Tutututu...

Maria: a profê já pega para você...

Karoline: é, [a partir daqui a gente vai] cortando...

Maria: ó aí, ó. Isso aqui. Um pouquinho mais pra lá. A gente joga um pouquinho de água aqui. A gente põe no cantinho um pouquinho de água, ó, tá vendo. Aí você pega um pouquinho da tinta e põe naquela aguinha lá..

Karoline: pra quem vai?

Maria: é pra mim. Aí. Vou pegar um pano...

Karoline: isso...

Maria: ó, tem que ser bem...

Karoline: é um momento de concentração, de foco no seu, no, na coisa que vocês escolheram...

Maria: tá bom? Então lava o seu pincel...

Karoline: eu estou aqui, qualquer coisa vocês falam comigo. Se vocês acharem os pinceis muito ruins, tentem outros, que esses têm uns pinceis muito ruins...

Maria: tem que lavar...

Karoline: ó, se quiser mais molinho, tem molinho. Muito bem

Maria: tem que tirar toda tinta que a mãe deixou. Aí você põe um pouquinho de água... [ruído]

Karoline: a gente tá trabalhando a partir da tarefa de casa, que era pra escolher alguma coisa da natureza que você fez a observação. Mas você não fez a observação, né?

Silvia: eu fiz...

Karoline: o quê você fez? Me conta...

Silvia: folhas

Karoline: tem um tipo de folha específico? O que te chamou atenção nas folhas?

Silvia: elas tavam coloridas assim, meio avermelhadinhas, meio amareladinhas. Sabe quando ela tá naquela fase?

Karoline: no outono?

[ruídos/falas sobrepostas]

Maria: você não pois o branco aqui, né?

Karoline: não puis. Já vou pegar. Eu preciso de um palito...

Silvia: elas tão com mais texturinha porque tão...

Iris: ah tá

Karoline: opa, coloquei muito pra cá. Peço perdão, porque fica, tem que tomar cuidado com o dedo...

Iris: aham...

Karoline: [inaudível] esse dado, pra não sujar esses baldes de outras cores. Que se não. Vamos pegar uma cadeira pra você...

Silvia: não precisa, não. Gosto de ficar [no meio]...

Karoline: isso. É uma coisa, tem gente que gosta de ficar de pé, de sentar. Isso faz muita diferença, porque é uma forma diferente de você se relacionar com o papel...

Maria: eu também gosto de ficar de pé...

Karoline: eu gosto...

[ruído/falas sobrepostas]

Karoline: mas você faz sentado ou faz com o papel?

Silvia: de pé...

Karoline: o papel fica na parede?

Silvia: às vezes eu fico...

[ruído/falas sobrepostas]

Karoline: então...

Isis: eu vou primeiro. Eu vou fazer. Depois eu vou pintar. Aí depois eu vou passar ele...

Karoline: aham, fique à vontade...

Isis: o que você acha?

Karoline: o que você achar melhor...

[ruído/falas sobrepostas]

Karoline: tá bom, tá certo. Mas se quiser vir aqui fazer a tarefa, a Associação tá aberta pra isso...

Isis: tá bom, tá bom...

Karoline: ó esse céu...

Iris: é, eu não. Eu queria fazer o azul claro, mas daí tem que ter o branco, né...

Karoline: tem o branco. Vamos pegar aqui um palitinho que eu acho que deve ter. Vou pegar. Mas também não precisa necessariamente de coisa. Deixe mais aguado o azul pra ver o que acontece...

Iris: ah então tá...

Karoline: experimenta. Experimenta e me fala. Será que eu posso pegar esse...

Maria: pode...

Karoline: posso será?

Maria: pode, pode pegar...

Karoline: depois a gente limpa e devolve. Ó, eu posso experimentar fazer esse azul? Preciso de uma água limpa, né?

Iris: aham...

Karoline: depois a gente tem que falar sobre a limpeza dos pinceis. Pincel assim ele estraga...

Iris: aham, tá legal. Tá bom, tá bom...

Karoline: ó, vou deixar aqui. Ó, mas se quiser bem clarinho, vamos ver como que fica esse, e daí tem o branco...

Iris: aham...

Karoline: percebe, que a gente tem umas partes mais carregadas, outras menos...

Iris: é...

Karoline: olha a diferença de tratamento. Ele fez “fiiiu”, fechado, né?, em relação aos outros...

Iris: e tá bonito, né?

Karoline: tá. E são tudo formas diferentes. Não tem certo ou errado, gente. Aqui é um exercício mesmo. Da gente experimentar o trabalho com cor. Mas olha, eu tô gostando da mistura que vocês tão...

[falas/sobrepostas]

Luiza: é só você fazer. Faça o verde. Você pode fazer...

Maria: agora você molha o pincel, lava ele, e pinta da cor que você quiser...

Karoline: você precisa de verde?

Criança: eu tô pintando, mãe...

Karoline: ruim que a gente não tem tantos verdes assim. Ó, fica um paninho pra você; e a gente pode limpar o pincel e fazer o verde com o amarelo e o azul, né?

Iris: uhum...

Karoline: se quiser colocar água, que ele tem muito pigmento. Posso colocar aqui? Quer água? Tem muito, muito, muito pigmento mesmo. Posso pegar e fazer um verde aqui pra você?

Iris: uhum, sim sim...

Karoline: daí você vê qual verde que você quer. Se quer mais verde-claro, daí tem o verde mais escuro. A guache, ela requer que você trabalhe a cor na palheta, mas antes de colocar no papel. Porque ela não é que nem a óleo, por exemplo. A óleo ela se mistura bem numa camada de baixo com uma de cima, daí ela vai. Mas a guache, ela precisa que você misture antes da palheta. Você viu que eu coloquei o branco?

Iris: colocou?

Karoline: se você quiser, fique a vontade...

Iris: aham...

Karoline: tá tão branco que não dá [risos]. Tá escondido. Vocês repararam o horizonte de Piraquara?

José: não...

Karoline: não? Parece um horizonte de montanhas. Pertence...

José: é que dali de casa dá pra ver...

Karoline: dá pra ver? Né? Que são as montanhas ali mesmo. Ai que legal. É, exatamente. Eu pensei “ah de Piraquara”, por causa das montanhas. Que bonitas. Pense, qual é a característica do elemento da natureza que prestou atenção pra você. Que mais chamou atenção. Como que posso representar esse. Podem ir com calma...

Maria: tá bom. Filho, não esquece que você tem que misturar a cor. Colocar a aguinha que a mãe falou e um pouquinho de amarelo e misturar lá, tá bom?

Karoline: quer fazer um laranja?

Maria: olha lá o que a profê vai te dar..

Karoline: ó, faz assim, um pouquinho do amarelo, a gente vai pegar um tico de vermelho. Quer dizer, magenta. Tá precisando de água. Vou colocar um pouquinho de água. Opa. Um tico de verde. Serve esse? Ou você quer um laranja mais limpo? Isso ficou sujo porque, esse ficou mais assim, sabe por quê? Porque o pincel tinha um tico de azul, daí misturou com o azul. Agora a gente limpa o pincel. Agora sim, você vai ver o laranja que vai dar. Vou pegar mais água limpa. E um tico de vermelho, magenta. Mais amarelo. Se quisesse mais amarelado, dava pra fazer mais amarelado. Você que sabe. Quer vermelho? Sabe fazer o vermelho? Vermelho é assim. Tá um laranja aqui. Se quiser, dá pra fazer vermelho mesmo. Que mais que dá pra fazer. Ó tá chegando no vermelho. Ó, agora chegou no vermelho. Dá pra fazer várias cores. Igual o laranja. Se quiser. Se quiser fazer [tal], fique à vontade, você coloca um pouco mais de água. Fique à vontade. Gente, como tá indo? Todo o mundo tá. Podem ir com calma...

Iris: ó que bonito, bem diferente, né?

Karoline: é, aham, Dami. O que você escolheu?

Maria: é, eu escolhi um [falas sobrepostas] em cima das árvores e tava escurecendo e bem assim, no que saia a terra e começava, tava um laranja meio terra, tão bonito assim a cor do céu. Aí assim falamos que íamos reproduzir. To tentando...

Karoline: quer, você quer, quer que fique mais largo. Será que você não quer que, por um pouco mais de água, será que não ficaria mais como você quer?

Maria: mais água? Cadê meu...

Karoline: não, vê se você se interessa. Experimente. Ou com um maior. Ó, esse, vê se você se interessa; pra cobrir essa pare. Você queria que estivesse coberta?

Maria: não sei, eu faria. O que que você me diz?



Karoline: tá, me diz isso. Vamos experimentar, que eu não sei se é isso que você. Ó, se você quiser dar uma cobertura melhor. Você fez aqui [ruído], você pega aqui, daí você faz outros, não só. Daí você, tenho que pegar mais água. Veja se é isso que você tá interessada...

Maria: uhum...

Karoline: daí ele dá uma cobertura melhor. Eu não vou apagar aquele azul, mas eu vou deixar mais cheio, ele vai dar uma uniformidade, percebe?

Maria: sim

Karoline: não sei se é isso que você. Ó, deu. Pego aqui, daí, e uma parte eu deixo em branco e a outra. Aí eu faço outros movimentos, não só pra lá. Veja se você se interessa por isso...

Maria: aham...

Karoline: talvez não. Veja...

Maria: não. Eu gostei. Ó, mas eu não sei pintar...

Karoline: ó, coloca mais água. É que, vocês vêm o pincel, a guache ela demanda também uma [inaudível]. Que a gente [inaudível], você pode colocar, né?

Maria: hum, legal, gostei...

Karoline: por que acho que, essa ranhura aqui você não tava gostando, né?

Maria: é...

Karoline: você consegue diminuir um pouco, pro roxo? Se você quiser, você pode diminuir mais lances. Quer deixar mais escuro? Você quer que fique mais pro preto?

Maria: não, assim tá bom...

Karoline: porque se você quiser, você pode pegar mais esse azul, pra ficar aquele bic, mas o bic já tem ali. Você pegar um tico de magenta, mas um tico, pra criar um preto-marrom...

Maria: aí você tem que pegar um pouquinho de cada cor daquele lá...

Karoline: e se você quer ressaltar essa [ruído/falas sobrepostas], é interessante deixar assim...

[ruído/falas sobrepostas]

Maria: é, vai misturando, igual a mãe fez. Tá vendo? Aqui ó...

Karoline: por exemplo, sabe quando ele pula assim e você quer que ele fique quadrado. [ruído/falas sobrepostas]. Porque tem vezes, tem quadros que a pessoa, a centralidade, centraliza bem, né?, o vaso tá aqui ou, por exemplo, a flor fica aqui do lado. [ruído]. Também não tem certo ou errado, é conforme você quer. Tudo a gente tem, pode ser pensado. Como tá?

Silvia: tá indo aqui...

Karoline: pode falar, tá chata essa guache pra você que trabalha bastante com óleo? Pra gente se adaptar às variações, precisa de...

Silvia: não. Eu queria fazer uma [árvore] aqui...

Karoline: então você vai ter que [secar] um pouco. Uma árvore..

Silvia: pra secar um pouco [ruído/falas sobrepostas]...

Karoline: ah que cor bonita essa...

Silvia: aham...

Karoline: que debaixo do verde ficou um laranja escuro...

Silvia: é. Essa era a folha que eu tinha visto. Eu vi assim. Essa árvore e as folhas caindo...

Karoline: enquanto seca dá pra pensar o céu, que tal?

Silvia: é, o céu eu quero pensar uma tardinha, entendeu?

Karoline: aham. Você já experimentou fazer uma guache um pouquinho mais aguada pro céu, o branco? Quer usar o branco? Tá aqui. Acho que eu vou colocar um pouco de branco pra cada um, pra fazer um teste, ver o que vocês acham...

Maria: acho que sim. Essa parte a gente. Pare de chocoalhar a mesa porque as pessoas tão usando, filho, não pode...

Karoline: branco. Se quiser usar o pincel maior, deixar bem aguado...

Luiza: [risos] o jeito dele...

[ruído/falas sobrepostas]

Karoline: aqui. Tá bom?

Luiza: tá cheio. Tá ótimo...

Karoline: esses palitos não permitem tanto. Posso colocar branco pra você, se você quiser?

José: pro cinza tem que puxar qual? O branco?

Karoline: o cinza, você não precisa de branco pra fazer cinza. Mas você pode usar. Com o branco ele fica mais chapado, ele não fica [esboçado]. Você quer fazer que tipo de cinza?

José: um claro e um escuro...

Karoline: é, então vamos ver. Pensa lá no cinza que você viu no céu. É um cinza mais pro marrom? É um cinza mais pro verde? Pro preto? Porque lembra que a gente tem vários tipos de cinza, do céu?, pode ser diferente do cinza lá do tronco de árvore, como que é esse cinza? Como que é esse cinza?

José: cinza claro

Karoline: ó, a gente tem aqui uma cor que você fez que é quase um cinza, né? Se você colocar, deixa eu ver, vamos ver como que fica a mistura de tinta. Um tico de magenta. Vamos sujar essa cor pra fazer o cinza. Porque o cinza é fruto, assim como o marrom, de todas as cores. Coloquei um tico de amarelo e ficou mais terroso. Colocar mais verde, coloquei amarelo e ciano. Agora tá um cinza. Se você quiser testar, pra ver como fica esse. Se você deixar bem aguada, esse pincel aqui, ó, de bolinha, ele chupa bastante água. Se você deixar bem aguado, você pode ver como fica, mas se você quiser. Quer? Quer deixar aqui? Você gosta disso ou não. Tem que ver como você pode adicionar depois, o branco...

José: tá preto...

Karoline: tá muito escuro, né? Você quer? Se você quiser, adiciona mais água que ele faz "schhhh". Quer [salvar]? Você não gostou, você faz assim rapidinho, que daí depois coloca o branco e aí não aparece. Ó, tá ficando cinza, certo? Só usa [aguada], como se fosse uma aquarela. Você pode trabalhar com [falas sobrepostas] dá pra alterar. E aqui a gente já arruma com branco. Agora ficou assim. Mas tá um cinza muito magenta, muito, acho que a gente pode colocar o amarelo pra ele fechar. Ó, aí. Daí você pode experimentar e criar. Você quer um pouco? Ó, aqui você pode colocar mais branco, que fica mais. Aí você pode colocar mais água. Pode aguar bastante. Veja, esse seu pincel é duro; daí ele fica difícil. Se quiser deixar um pouquinho, provar com o pincel mole pra fazer o céu, fique à vontade. Dá pra inventar um milhão de cinzas. Pensa lá no cinza que você viu ou se você [inaudível] no cinza aqui. Tudo bem?

Luiza: tudo bem...

Karoline: quer fazer alguma pergunta, alguma coisa assim?

Luiza: não, por enquanto, não. Obrigada...

Karoline: estou aqui quando precisarem de mim...

Luiza: uhum...

Isis: Karol, [inaudível] passar na próxima aula?

Karoline: você vai passar ou vai pintar direto?

Isis: aí tipo esses [inaudível]...

Karoline: direto. Não quer começar? Então você vem aqui pra pintar algum dia? Que semana que vem a gente não vai pintar. E aí a gente vai falar sobre os trabalhos. Você vem aqui pra trabalhar com tintas? É...

Luiza: a gente até ajudando a organizar...

Maria: [inaudível] uma floresta...

Luiza: que bom, Iris, que isso tá enxergando, de longe assim. Tem que botar um laranja lá. Um campo, um campo lá no fim do horizonte? Você não tem essa visão? [risos]

Iris: foi...

Silvia: você me alcança o branco pra fazer?

Luiza: quinta vai ser tudo fechado, né, Dei? Eu não tenho nem minha aula de inglês

Maria: é feriado, né?

Iris: eu não venho nem pra cá...

Luiza: e lá na comunidade vai tá tranquilo de vir, porque meu menino [ruídos/falas sobrepostas] vou ver, tá, se conseguir eu venho. [ruídos/falas sobrepostas] Cadê meu pano? [ruídos/falas sobrepostas] Karoline... [ruídos/falas sobrepostas] eu preciso de um pouco de amarelo...

Karoline: olha que legal esse céu cinza...

Luiza: nossa, que lindo, como ela conseguiu isso?

Karoline: é um cinza que não é [de todo tinta] [ruídos/falas sobrepostas]...

Luiza: não, é uma criação dele mesmo, né?

Maria: Karolzinha, lambuzei meu céu aqui, socorro...

[risos/falas sobrepostas]

Luiza: tá bonito. Eu já vi esse desenho antes lá no [Altenberg] [risos]. Só que era tudo em tom amarelo [risos]. Eu preciso de um amarelo...

Maria: amarelo? Ali ó...

Luiza: é, alcança pra mim? Eu [não tô com meu óculos], eu não, é um pepino...

Silvia: ai senhor. [ruídos/falas sobrepostas] Socorro, Karol...

Luiza: nossa...

Karoline: tô indo...

Silvia: socorro. Estraguei meu céu, ai...

Karoline: essa aqui? Essa é a última. Mas eu posso trazer semana que vem...

Iris: tá bonito...

Luiza: eu também gostei...

Iris: tá bonito teu céu...

Luiza: eu também gostei...

Karoline: tá bom, guardo, sim. Essa é a última da minha pasta, mas eu trago. Você viu que eu deixei o xerox?

Bernardo: não...

Karoline: uhum, e a lista de presença tá ali embaixo...

[risos/falas sobrepostas]

Karoline: socorro... [risos/falas sobrepostas]. Esse azul?

Silvia: esse azul [ruídos/falas sobrepostas], muito...

Karoline: escuro?

Silvia: marcante assim, [queria mais pro marrom]...

Karoline: é à noite? Mas qual...

Silvia: não, um entardecer eu gostaria...

Karoline: qual é a cor que você queria?

Silvia: eu queria um cinza...

Karoline: esse azul, ele é muito claro, né? Parece céu de brigadeiro, parece falso, você quer um azul verdadeiro...

Silvia: é...

Karoline: você quer um azul meio cinza?

Silvia: eu queria assim tipo um entardecer, mas não uma, uma, um entardecer claro, sabe?

Karoline: vamos pegar aqui [ruídos/falas sobrepostas], eu peguei o vermelho e fiz um pouco de cinza. É meio cinza essa cor que você quer?

Silvia: é, seria assim, uma coisa meio...

Karoline: posso passar?

Bernardo: que coisa mais bonita. [risos]. É Picasso?

Luiza: [risos/falas sobrepostas] [por caso deixou de existir]?

Maria: o Picasso se virou no...

Luiza: túmulo...

[risos]

Bernardo: a Dai é foda, a Dai é foda...

Karoline: ó, ficou magenta, mas por quê? Eu vou pegar o amarelo e fazer o vermelho, daí eu vou abaixar com o azul. Fazer uma mistura. Vamos lá...

Silvia: aham...

Karoline: me fale mais sobre isso que você quer e não tá conseguindo chegar...

Silvia: é assim, é tipo um entardecer, mas é um entardecer claro; por baixo, uns raios de sol, entende? [ruídos/falas sobrepostas]...

Karoline: tá, mas o seu foco são as folhas ou o entardecer?

Silvia: não, as folhas já tão aqui. Eu olhei assim, quer dizer que eu olhei todo o quadro, entendeu?

Karoline: ah sim, não foi só um elemento...

Silvia: não foi só um elemento...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: ah sim, é que você falou eu pensei que fosse uma coisa...

[ruídos/falas sobrepostas]

Silvia: pode por um azul, se você quiser...

Luiza: nossa, Iris, que lindo...

Iris: [inaudível]

Luiza: eu gostei...

Karoline: você pode passar por cima [com essa cor], que vai cobrir...

Silvia: isso, você chegou no ponto, você conseguiu pegar minha ideia

Karoline: daí você pode explorar. Se você quiser que fique um pouco mais, vou pegar um pouco de amarelo [pra fazer par] com esse cinza...

Maria: deixa eu...

Karoline: explora esse que você tem com sua tinta. Essa tinta você pode fazer miséria com as cores, mas ele não tem a textura da óleo e da acrílico. Então a gente tem que se acostumar...

Silvia: sim...

Karoline: esse é um pouco de amarelo, esse aí. Como que é pra cá [inaudível]?

Silvia: tá aí, o [inaudível]...

Karoline: porque depois você vai...

Silvia: isso...

Maria: ó, a mãe pode usar aqui? Ó, solução [inaudível], não vai colocando nos dedos. Cadê o coisinho do branco?

Karoline: você vai, depois de seco você pode passar outra, né? Lembrando que a guache [ruído/falas sobrepostas] ele vai misturando, né?

Luiza: misturando a cor, uhum. [ruído/falas sobrepostas]. Tem que ir traduzindo...

[risos]

Karoline: oi?

Luiza: as nossas aulas têm que traduzir...

[risos]

Luiza: bota lá no quais são seus intenções...

Maria: vou fazer umas estrelas pro pessoal, pra botar lá no céu...

Luiza: ah olha lá, tô falando. Põe uma flechinha e o nome do quê que é do lado...

Maria: ah então acho que é isso...

Luiza: é, já pensou daqui alguns anos, “meu deus, eu estava sentada do lado dela pintando” ...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: gente, se foquem na coisa da natureza específica que vocês escolheram, se é o céu, ou se é o [entardecer], ou se é a flor. Qual que é o objeto específico? Parece que vocês tão prestando atenção em tudo ao mesmo tempo. Mas presta atenção naquela coisa específica que vocês. Opa, eu tô sujando. Não?

Luiza: é normal, Karoline, é normal...

Karoline: ai, minha mão tá suja, eu vou lavar. Vou correndo pro banheiro lavar enquanto vocês ficam trabalhando. Me fale, o quê que você tá fazendo? É uma árvore?

Criança: uma árvore...

Karoline: que bonito seu cabelo. Se você quiser, mistura mais um pouco de água nesse pincel e coloca nesses tons de verde. O quê que você quer fazer mais?

Maria: ai não...

Karoline: coloca mais água. Não sei se tá misturando, coloca um pouco de água pra misturar junto que daí não fica tão duro aqui. No que eu posso te ajudar?

Maria: fala, [criança], se não a tia não tem como saber o que você quer...

Karoline: o quê você quer?

Criança: eu quero fazer um cinza...

Karoline: um cinza? Vamos lá cinzinha, cadê você?

Maria: ó, aqui tem branco...

Karoline: mas ó, esse aqui já tá quase cinza...

Luiza: nossa, tá lindo lindo. Olha só, quê que é esse branquinho? Vira pra cá...

Maria: era pra ser umas estrelas...

Luiza: ai eu não acredito. Cara, você é muito dez. Eu amei...

Maria: eu gosto muito dessa cor...

Luiza: qual cor?

Iris: essa roxa?

Maria: qualquer cor, se eu tô pintando a lápis, se eu tô pintando com outra em cima, sabe? Eu sou muito de

Luiza: tem mais água, Iris, se você precisar...

Iris: tá bom, obrigada.

Luiza: deixa eu ver de longe, o quê que isso serve...

[ruídos/falas sobrepostas]

Luiza: ai eu gostei, estou bem satisfeita. Parece uma tempestade. Venha, venha, venha ver...

Karoline: muito bom, de vez em quando pegar, sair, daí voltar...

[ruídos/falas sobrepostas]

Luiza: não vou botar o dedo, senão vai manchar minha tela [risos]...

Karoline: ele tá bem vivo, né? Que legal...

Luiza: também achei. Não sei se as medidas foram...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: ah você quer falar sobre o cinza...

[ruídos/falas sobrepostas]

Luiza: mas dá impressão de ser um campo assim, né?

Karoline: dá, dá impressão. Mas isso é algo que você viu ou você...

Luiza: mas é que eu sempre tenho [mel]...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: me fale, e você saiu do seu tronco?

Luiza: é, saí, sim...

Karoline: do seu cinza...

Luiza: é que isso é uma coisa que me anima mais. É um campo, é como se você fosse lá longe, naquela coisa ali linda, entendeu?

Karoline: sim. Me conte, quando que você resolveu sair do teu...

Luiza: muitos anos atrás, mais de 20 anos atrás, quando eu me internei ali no [inaudível], que eu já fiz um campo desse. Mas ele tinha um outro tom. Era um tom acho que mais pastel. Então agora acho que tô mais animada, mais alegre, que eu acho que tá assim vivo...

Karoline: não, mas e agora? Quando você tava fazendo teu e resolveu fazer o campo. Quando foi isso?

Luiza: ah não [brilha] [ruídos] um tronco, sabe aqueles céus? São tons que me deixam mais lenta...

Karoline: o quê?

Luiza: cinza assim, essa coisa me deixa lenta. Claridade. Eu gosto do claro...

Karoline: gente, é muito interessante ver isso que a Luiza falou que as sensações, que as cores nos passam. E que também a gente vai passar, conforme a gente trabalhar com as cores, pra pessoa que comprar o nosso trabalho, né?

Luiza: uhum uhum, só que é bonito o cinza, o tronco como que eu vi, né? É tipo uma natureza morta...

Karoline: você quer ir lavar o pincel?

Iris: não, agora, não, eu vou passando ali...

Karoline: entendi. E me conte, qual que é o teu nome mesmo?

Maria: Maria, você já?

Karoline: [ruídos/falas sobrepostas] você falou que queria chamar atenção [ruídos/falas sobrepostas]...

Maria: o anoitecer, [muito fofo] [ruídos/falas sobrepostas] a luz entrando da noite, sabe? [ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: o quê que mais te agradou no trabalho?

Maria: o que mais me agradou [ruídos/falas sobrepostas]...

Karoline: achei bonito. Mas eu acho, se você quiser [ruídos/falas sobrepostas], o degradê...

Maria: tem que ver se eu consigo fazer...

Karoline: dá pra trabalhar mais o degradê...

[ruídos/falas sobrepostas]

Maria: eu queria um tom de terra, não tom de terra assim. Mais leve. Assim mais claro...

Karoline: alaranjado?

Maria: é, isso, alaranjado...

Karoline: isso daqui tá indo pro marrom...

Maria: é, e eu não consegui fazer o alaranjado, sabe?

Karoline: e aqui [termina abrupto] entre o azul e o laranja, né?

Maria: meu amor. Aham, ficou lindo...

Karoline: e outra coisa que você pode ver é esse coqueiro, quando vem a luz de trás...

Maria: não era coqueiro [risos]...

Karoline: não era coqueiro?

Maria: não [risos], eram os pinheiros, que eu perguntei pra você como que fazia, que eu não sei...

Karoline: hum, são as araucárias?

Maria: é...

Karoline: umas araucárias...

Maria: eu fiquei olhando com a [...] e falei “[...], tira foto”. Só que quando a gente mudou, eu tava dirigindo, quando a gente mudou assim de local, uma que já tinha mudado a luz de onde gente tava, a gente tava lá no aeroporto, e daí ele já tinha dado outro tom, sabe? E ela não conseguiu tirar foto. Eu pensei “bom, já vai dar [problema]”...

Karoline: e você experimentou desenhar?

Maria: então, eu tentei ali desenhar...

Karoline: porque ali o. Então, quando a gente vê assim, eu tenho a impressão de que é um coqueiro...

Maria: aham...

Karoline: porque dá impressão que ele tá com as folhas caídas...

Maria: folhas caídas...

Karoline: e a araucária é justamente o contrário...

Maria: é, eu sei. É verdade, ela é aqui, né, guria?...

Karoline: por isso que a observação e desenhar é importante. Porque a gente vai desenhando e desenhando, né? Observando, observando, observando. E desenhando a gente vai conseguindo representar melhor...

Maria: o que, guria?

Karoline: então eu tenho a impressão, esse aqui até, fica...

Maria: é...

Karoline: mas ele é pra cima, né?

Maria: é, e na verdade, agora que você falou foi que eu me lembrei, que realmente é assim a cachopa da araucária. É verdade, ficou parecendo um pinheiro, um coqueiro. Ah mas eu acho que, esse aqui já não tem como mudar, esse aqui até daria pra dar depois, que ela secasse, uma estruturada, né, uma erguida. Mas esse aqui já não. Porque na verdade a árvore não é uma coisa pra se destacar. O destacado é o, teria que ser o fundo...

Karoline: teria que ser o fundo...

Maria: essa árvore ela, ela poderia até sair daí...

Karoline: então, com a guache. Meu deus. Vamos, gente, vamos nos reunir aqui pra limpar o pincel, limpar o material?

Maria: Luiza, Dei.

Silvia: o meu ficou muito simples...

Karoline: não, ele tá muito bonito, tá muito alegre...

Maria: olha lá o da tia...

Karoline: pra fazer o laranja mais forte e etecétera você consegue, mas você precisa de um pincel muito limpo. Senão ele já vai pro terroso, aí ele fica terra e não era o que você queria fazer. Muitas vezes você consegue fazer com um tico de branco, mas eu

acho que esse pincel tá sujo. E esse pincel é duro. Pessoal, vocês venham pra gente conversar o último...

Maria: Luiza, Dei. Fala que a tia tá falando...

Karoline: posso tentar? Vamos ver se não fica mais vivo...

Maria: pode...

Karoline: você quer mais relusente o laranja?

Maria: não, pode passar por cima, porque ele tá escurecendo. Ele tem um tom de laranja, né, mas...

Karoline: e aonde que tá o laranja vivo? Por isso que é interessante observar, observar, observar. Porque daí na hora de pintar a gente tem a certeza do que a gente. Então aqui a gente tem que depois, fazer de volta a linha do preto...

Maria: aham...

Karoline: tá certo?

Maria: eu falei pra [...], “a gente vai ter que voltar aqui e ficar esperando pra tirar foto” [risos]...

Karoline: é...

Maria: agora no inverno é bom, por causa que você consegue ver esse tipo de céu...

Luiza: nossa, que lindo o da Maria. Você completou?

Karoline: agora no inverno...

Maria: é, você consegue ver bem massa assim. Oi, amor, não, não, agora chega...

Karoline: gente, Luiza, você ela, por favor, a Dai

Maria: a Dai...

Luiza: a Iris?

Karoline: a Dai, Iris. Pra gente fechar o nosso grupo. E assim vai, você pode ir fazendo até dar certo. Você tem várias coisas que você, a guache que manda, mas claro você vai fazendo devagar, devagar, vai parando nas partes...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: o pôr do sol, eu penso, o branco parece até mais [fino] do que é, por causa da luz que vem de baixo, de trás, né? E, pra dar questão de profundidade, tem uma luz aqui, né? Atrás do pôr do sol...

Maria: sabe o que eu ia perguntar pra ti, e se eu fizesse primeiro eu pintasse todo céu de fundo e depois pegasse um preto-marrom assim e fizesse [ruídos/falas sobrepostas]...

Karoline: [ruídos/falas sobrepostas] é, ficaria legal assim. O preto ficou legal porque ficou preto. Gente, vamos então, seguinte, já são dez pras onze e além de conversarmos sobre o que fizemos, a gente precisa cuidar do espaço, porque é um espaço comunitário. Então não limpeza só dos materiais, mas a limpeza da sala e organização da sala...

Luiza: certo...

Karoline: é, pros pinceis é importante, gente, a gente não deixa os pinceis assim, isso faz muito mal pro pincel, ele não dura. A gente sempre pega, tira e deixa fora. Como que...

Iris: mas e...

Karoline: pode falar...

Iris: pode falar depois eu falo...

Karoline: como que vocês limpam o pincel em casa, normalmente?

Iris: com água, corrente...

Karoline: só água?

Iris: só água...

Karoline: gente, é muito bom isso pra qualquer tipo, e principalmente daí, pra qualquer tipo. Quanto mais forte a tinta, mais cuidado tem que ter. Nunca então deixar assim, porque vai entortando, vai apodrecendo. Pegar sabão de pedra, molhadinho, fazendo



bastante espuma. Vocês vão ver que os pinceis, que nunca lavam com sabão, vão tá com uma cor, vão sair escuros, vão sair cinza, vai sair espuma cinza. Então fique lá tictictic e depois com água, limpa de volta. Sempre assim, fazendo espuminha com sabão e assim vai sair. Isso é muito importante pra manter o pincel limpo e você usar bem e não sujar a tinta, e pra conservar o seu pincel. Então me dá pena de ver pincel assim, mergulhado dentro. Não façam isso, porque estraga, né?

Maria: o que geralmente a gente faz, né?

Karoline: é, não deixem. Geralmente aqui entorta, melhor deixar fora, meio sujo, né? Tirar um pouco do excesso, tá? Seguente, vocês fizeram suas pinturas e eu acho que vocês querem continuar...

Luiza: queremos...

Karoline: tá. Posso deixar as tintas pra vocês fazerem? Sim. Eu preciso que semana que vem a gente vai apresentar nosso trabalho a partir dos aspectos formais do nosso trabalho mesmo, de leitura de imagem, como a gente apresenta. A gente vai ver o que deu certo, o que não deu certo no nosso trabalho que a gente quer mudar. Vamos ser críticos em relação ao nosso trabalho, como corrigimos também. E eu quero que, semana que vem, urgentemente, porque eu pedi semana passada e ninguém trouxe, escolham um trabalho de arte artesanato de vocês que vocês consideram o mais bonito, o que vocês mais gostem...

Luiza: então tá. A gente tem que trazer ele?

Karoline: é importante. Se ele for muito pesado...

Luiza: trabalhoso...

Silvia: pode ser um crochê também?

Karoline: pode...

Silvia: mas daí o crochê...

Karoline: a tua cesta, você promete que traz? O teu trabalho que você mais gostar, que você tiver em casa...

Luiza: porque tem gente que não tem...

José: [inaudível]

Silvia: mas traz um pano de prato...

Karoline: porque a gente vai começar a pensar o nosso trabalho e o nosso projeto. O quê que a gente quer continuar produzindo. Porque querendo ou não esse é um trabalho, essa é uma oficina de aperfeiçoamento do nosso trabalho de arte artesanato. Então a gente agora vai começar a pensar no nosso trabalho. De certa forma, se olhar no espelho. Porque a gente estudou como a gente faz a observação, como que a gente lê um trabalho, como que a gente mistura a cor, e agora vamos olhar o nosso trabalho...

Maria: o meu trabalho eu trouxe, vou montar, ó...

Karoline: esse? Ai que fofo...

Luiza: que fofo

Karoline: você que tá fazendo?

Maria: eu que tô fazendo. Não terminei ainda porque não tinha o coisa de cola quente não quis ligar lá...

Karoline: que fofo. Daí você...

Maria: é pras gurias...

Karoline: e as amigas vão querer, todas...

Maria: já pediram [risos]...

Karoline: então, quem vai querer trabalhar com tinta ainda durante essa semana? Se eu deixar aqui?

Iris: eu...

Silvia: eu também vou querer. Porque eu vou ficar aqui quinta, sexta e sábado...

Karoline: você vai querer trabalhar em cima disso?

Silvia: acho que esse tá pronto já...

Karoline: se você quiser, é do seu agrado esses pontos brancos ou você vai...

Luiza: pois, isso que eu tava pensando agora. Melhor pintar tudo, né?

Karoline: se você quiser....

Luiza: eu vou olhar ele novamente...

Karoline: espera o tempo, mistura a tinta, faz um teste no papel sulfite. Luiza, testa no papel sulfite ver se você gosta da cor, pra daí trabalhar...

[ruídos/falas sobrepostas]

Maria: filha [ruídos/falas sobrepostas] agora nós vamos limpar...

Karoline: vamos deixar as tintas aqui. As tintas aqui. Tem uma bandejinha ali que dá pra usar, que a Silvia não usou. É pecado jogar essa tinta no lixo. É só colocar um tico de água...

Luiza: ela volta, né?

Karoline: ela volta, [é linda maravilhosa]. Então vocês querem. Quem não terminou...

Luiza: digamos que fique 10 dias o potinho dela...

Karoline: sim, talvez ele rache...

Luiza: é só por uma aguinha que ele volte?

Karoline: sim, talvez a tinta rache, mas ele volta...

Luiza: mas não tem problema, né? É guache...

Karoline: aham. É, então, deixo aqui. Vocês, quem que quer que eu guarde o trabalho, querem levar pra casa?...

Maria: eu vou deixar o meu secando...

Silvia: eu vou deixar o meu...

Karoline: então não se esqueçam da atividade, trazer o trabalho de arte que...

José: mais gostam...

Karoline: tragam que a gente vai trabalhar com isso depois. Gostaram da experiência de criar cor? De a partir da cor? Eu achei interessante que vocês pegaram um elemento da natureza e resolveram retratar tudo em volta...

Maria: primeiro eu pensei num fogo, mas depois eu vi esse e fiquei "ah"...

Luiza: e eu que tava um tronco caído e acabei em campo, pronto...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: me conte, você fez uma tela sobre amanhecer. Bom, conversamos semana que vem. Você vai voltar, ou é pra eu levar?

Luiza: é, mas era um campo

[ruídos/falas sobrepostas]

Iris: essa semana as meninas ainda não vêm, né?

Karoline: não sei, quem que viria?

Iris: pensei na sexta, quinta eu não posso, quarta é difícil pra mim...

Karoline: então na semana que vem, você vem quarta? Você terminou ou você queria fazer mais coisas no seu trabalho?

Iris: se for pra fazer mais coisas, só se [ruídos/falas sobrepostas] mais coisas, né? É, deixar melhor a estrada, deixar melhor a ...

Luiza: eu tô gostando, eu tô gostando. Tô achando bem interessante...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: então eu encontro vocês semana que vem?

Luiza: tem bastante conteúdo, ele é bem objetivo...

[ruídos/falas sobrepostas]

Karoline: e esse verde?

Maria: tchau, tchau...

José: é a natureza embaixo, pequena, são os vasinhos [ruídos/falas sobrepostas]. Aparece mais...

Luiza: ficou lindo, lindo, lindo...

Karoline: eu gostei muito dessas misturas de cinza que você fez. Você fechou bem nas montanhas, porque quando a gente tá vendo, as montanhas são fechadas mesmo de cor, não tem [radiação] nelas...

José: elas são tipo um um azul, um azul as montanhas..

Karoline: ao mesmo tempo eu acho que o verde você poderia trabalhar a variação. Ai que legal. Quer levar pra casa ou quer deixar aqui pra secar? [ruídos/falas sobrepostas] essa variação...

José: uhum, um azul e verde mais claro, né, na vegetação...

Karoline: aham, pra criar a ...

José: mais ou menos no tom que eu fiz esse aqui, também tinha que fazer embaixo...

Karoline: não, conforme o seu, conforme for o que você viu. Esse céu me parece frio, que foi o que você queria passar. É, ele tá frio. Estão vindo nuvens lá da praia...

[ruídos/falas sobrepostas]

José: esse aqui eu deixo guardado?

Karoline: você quer deixar guardado ou você quer levar pra casa?

José: posso levar...

Karoline: você quer levar? Você que decide se quer levar...

José: vou deixar secando, então...

Karoline: talvez eu leve pra casa, mas [ruídos/falas sobrepostas]...

Sexto encontro

[Conversa inicial]

Karoline: Então, me conte. Seguinte, Seu Joel, como a gente falou começa agora o sexto encontro e a gente sempre pergunta de início... Do primeiro encontro, a gente teve uma roda de conversa perguntando o que a pessoa fazia ou faz de arte, artesanato e qual é o interesse na oficina, o que gostaria de aprender e aprimorar na oficina.

Joel: Então, eu... na reunião que nós tivemos no dia 12 aqui, né? Eu pus lá no meu cadastro lá que eu gostaria de aprender com [trecho incompreensível] a ponte, né? E daí também falei que das [trecho incompreensível]. E também daí eu me inscrevi também que eu gostaria de aprender a pintura em tela, essas coisas. Eu faço artesanato, sabe? Parece que eu mostrei pra você.

Karoline: Acho que não. O que o senhor faz de artesanato?

Joel: Eu faço porta-chave, porta-caneta... Faço várias coisas de madeira.

Karoline: O senhor trabalha com marcenaria?

Joel: Não.

Karoline: Mas o porta-chave de madeira o senhor... já vem a caixa e o senhor prepara?

Joel: Não, eu que preparei. Inclusive esse padrão eu que criei, né? Em todo lugar que eu vou nunca vi daqueles porta-chave que eu faço. Então, daí eu criei, comecei, deu certo. Ensinei já vários lá no Caps também. E porta-caneta, ah, vários tipos. Se eu vejo alguma coisa assim de artesanato de madeira, bonito, assim... Eu guardo aqui, vou e faço.

Karoline: E vai e faz em casa, né? Do seu jeito, né?

Joel: É!

Karoline: E o teu interesse por pintura... O senhor já pintou? Por que tem interesse em pintura?

Joel: Não, porque eu admiro, sabe? Eu acho bonito. Eu ia iniciar lá no Centro de Convivência, sabe?

Karoline: Ah, o senhor participou do Centro de Convivência?

Joel: Participei. Daí, eu não me adaptei muito bem daí era pra mim ir pra canto, né? A gente... Até tem a menina lá que ensinava, eu falei pra ela que ia continuar e não continuei... Era pra gente formar um coralzinho lá, né? Então eu via lá os quadros bonitos, da imaginação deles, da criatividade e sempre, sei lá, sempre admirei. Esses tempos eu vi um cara fazendo uma paisagem olhando naquelas [trecho incompreensível] lá no Bairro Alto. E eu gostaria de aprender, né?

Karoline: E o senhor já fez alguma vez? Teve a oportunidade?

Joel: Não, uma vez eu fiz umas árvores...

Karoline: Mas não se arriscou em casa como o senhor se arrisca no artesanato?

Joel: É.

Karoline: Legal. Olha, Seu Joel, essa oficina tem o objetivo de aperfeiçoar, qualificar o trabalho individual de cada um. Então aqui tem gente que faz trabalho com pano de prato, o pessoal que faz trabalho com pulseiras, colares, com [trecho incompreensível] de metal. E tem gente que pinta tela, que tem mais interesse em tela... Então assim vai, bem variado. No início a gente viu um pouquinho sobre técnica de desenho e sobre observação estética, então como a gente observa nossa fonte de inspiração, sobre diferentes ângulos e tudo mais, e depois a gente viu um pouco sobre como a gente lê o trabalho, ou seja, como que a gente fala sobre uma pintura ou sobre o nosso trabalho, como a gente apresenta. Daí depois nós também vimos um pouco sobre mistura de cor, então a gente trabalhou com três cores básicas, primárias para criar as secundárias e as terciárias. E, ontem inclusive nós trabalhamos com isso e observação estética. Então, a gente fez a atividade de escolher uma fonte de inspiração da natureza, uma coisa da natureza, daí as pessoas observaram por vários ângulos bastante aquilo, pra daí no último encontro pintar isso no papel com guache, utilizando só as três cores primárias. E saiu coisa muito legal com as cores. Então, essa foi a nossa atividade que a gente fez no último encontro. Aí a gente vai dar prosseguimento com isso hoje, e também vamos começar a ver o trabalho de cada um que a gente pediu que cada um trouxesse o trabalho que mais gosta pra gente conversar. Beleza? Então, seja bem Karoline vindo Seu Joel.

Joel: Obrigado.

Karoline: Então, é a Luiza, Liz, Marcelo, Iris, José e Amanda. Se quiserem comentar alguma coisa sobre a experiência de vocês...

Marcelo: As cores, né? Isso foi legal, né? Três cores, amarelo, azul e magenta... Você faz todas as cores.

Karoline: Só com três cores você consegue fazer uma paleta incrível e daí a gente aprende a misturar. "Como que eu vou fazer meu verde? Como que eu vou fazer uma verde.

Karoline: claro? Uma verde escuro?"

[Inaudível] [Conversa paralela]

Karoline: Então, gente, eu queria que nessa primeira parte da oficina a gente se dedicasse pra fazer uma leitura de imagem do nosso próprio trabalho que fizemos na semana passada. Pode ser? E daí, as pessoas que não vieram participam, fazem comentários: "opa, eu não vejo isso... eu vejo isso... eu vejo mais aquilo." Tudo isso faz com que a gente fique mais apurado pra falar sobre a arte, falar sobre o artesanato, perder a vergonha de falar, dar uns pitacos, mas de modo artesão, de artista. E não do "gosto, não gosto".

Marcelo: Não criticar, né?

Karoline: Como assim não criticar, Marcelo?

Marcelo: Não procurar defeito, sei lá.

Karoline: É, o interessante é ver o que a gente pode melhorar, os aspectos interessantes e ver o que não é interessante, e o que a gente pode melhorar, e assim vai.

Marcelo: Construir, né?

Karoline: Construir.

[Conversa paralela]

Karoline: Bom, gente, agora podemos iniciar. Quem gostaria de começar a falar sobre o seu trabalho? Pra falar sobre o seu trabalho lembre que [inaudível] técnicas sobre leitura de imagem que é interessante falar sempre... quando a gente fala, olha pra uma imagem... então, o que a gente pensa? Aspectos técnicos... O que são os aspectos técnicos?

[Inaudível - latidos de cachorro]

Karoline: Isso, os técnicos [inaudível] mais simples é guache, é tinta óleo... Primeiro, é tinta ou lápis? Ver com quais materiais foi feito, como foi feito. Então, é uma guache, feito com que tipo de pincel, que a gente pode ver pelas grossuras lá da pincelada e assim vai. Os aspectos formais... O que são?

Voz feminina: As formas.

Karoline: Isso, aspectos formais é de certa forma fazer uma primeira leitura da imagem... Vou pegar a da Isis que não tá aqui... É, eu vejo que existe uma concentração [inaudível] de três cores aqui, o azul, o verde e o marrom, certo? Eu vejo que existe uma linha que divide ao meio, um pouco mais abaixo, o céu ocupa grande parte do trabalho, e daí existe um horizonte verde e uma árvore do lado direito inferior, e assim vai... Eu vou ler o óbvio do trabalho. Sabe o que a gente pensa "ai, é tão óbvio [inaudível] a falar sobre o óbvio"? é isso. Outros aspectos formais então: tem folhas, além da árvore bem no canto direito tem as folhas, eu imagino agora que sejam folhas secas. Intenção do artista, a gente pode pensar sobre quais foram as intenções do artista e como vocês artistas que vão falar sobre o próprio trabalho... [trecho incompreensível] qual que era o meu objeto de inspiração, o pôr do sol, as nuvens, qual era a característica que tinha chamado a atenção e de que modo você colocou aquela intenção no teu trabalho. Então, era aquele frio, a Isis por exemplo me contou que era o vermelho, aquelas cores das folhas secas do outono que chamaram muito atenção, essas folhas típicas do outono daquela árvore canadense que tinham chamado a atenção. De que modo ela colocou isso na pintura dela, e a partir disso pensar a experiência estética. O que me chama a atenção na pintura? O que me agrada? Se me agrada, porque? O que não me agrada? O que eu não gostei e porque? E a partir disso a gente vai pensar e assim vai o trabalho, beleza? É um exercício mas que a gente vai melhorando nossa fala sobre o nosso próprio trabalho quando vai fazendo isso. Quem quer começar? Seu José? Só se você quiser. Você pode só mostrar? Então, ele fez a observação estética de um elemento da natureza, de uma coisa da natureza e trouxe pra pintar aqui com as três cores primárias.

José: O aspecto técnico eu usei a tinta guache e o lápis [trecho incompreensível] fazer a moldura. Aí o aspecto formal eu usei as cores, o azul e o amarelo, e usei as três primárias pra fazer o tom das outras cores.

Karoline: E que cores que predominam aí?

José: Aqui eu usei o verde, as montanhas eu usei o azul quase marinho, um azul forte e o cinza, cinza claro e escuro, e em cima eu usei o marrom também. E a intenção minha é trazer a paisagem e a professora passou pra nós observar né, eu observei um tempo meio cinza de chuva.

Karoline: O que tinha te chamado atenção nesse tempo frio, de chuva?

José: Quando eu observei eu vi o tempo cinza mas só mais pra chuva, não tava frio, né? Hoje já... Então, esse tempo cinza ele além de ser chuvoso pode trazer o frio também.

Karoline: E me conte, você olhando pro seu trabalho, quais foram suas impressões sobre ele?

José: Sei não.

Karoline: O que você gostou dele?

José: Ah, pelo primeiro trabalho ali tem muito a melhorar ainda, né? Aqui só foi uma intenção que eu passei, mas pra um principiante que tá querendo aprender a pintura acho que uma nota 3.

Karoline: Veja, gente, acho que vocês tiveram um resultado muito bacana, porque vocês estavam só com as três primárias e foi um tempo bem curto de trabalho, foi uma hora, acho que um pouco menos que sobrou pra pintar e vocês rapidamente, não tão rapidamente porque é importante pensar antes de ir direto pro papel, vocês trabalharam de uma forma muito interessante em diferentes aspectos. Mas eu queria saber, o que chamou atenção? O que você gostou da sua pintura, que você falou "nossa, isso tá bonito"?

José: Sei lá... O céu cinza não ficou do jeito que eu queria, mas...

Karoline: O que você queria no céu?

José: Ah, um cinza mais fechado, é que na primeira vez não saiu do jeito que...

Karoline: Você queria fechar ele todo cinza e não deixar as partes brancas, isso? Olha, se você quiser continuar você pode fazer o cinza de volta e fechar, a guache permite que você feche. Daí você pode fazer uma aguada pra dar um cinza claro e daí fazer uma parte da tinta com mais pigmento pra dar uma cobertura maior onde não tem, onde tá branco, e assim vai. E eu gostei, o que você acabou fazendo, veja, o teu objetivo foi pensar as nuvens e você deixou bastante espaço pra isso, justamente pras nuvens, você não acabou fazendo bastante mato, bastante campo, bastante montanhas, podia ter deixado as montanhas bem altas e deixado um tico de nuvem, não, você quis destacar aquele cinza, isso foi bacana. E a outra coisa que me chamou atenção em relação a perspectiva é que você viu que lá as montanhas, daí eu até perguntei "é lá perto de Piraquara o horizonte no fundo?" Porque quando a gente vê no fundo, olha no horizonte por exemplo as montanhas elas ficam escuras perto do céu, você trabalhou. O que poderia ser... se você quisesse continuar, você disse o cinza do céu... Perfeitamente a guache permite que você trabalhe em cima de fechar mais, as montanhas se você quiser é legal esse aspecto de fazer tudo chapado, você fez uma... porque quando tá bem lá no fundo parece uma cor chapada, mas se você quiser você pode pensar outros tons do roxo. E esse verde também se você quiser você pode também trabalhar, pensar outras cores além desse tom de verde. Mas você viu que você trabalhou tudo com um verde só, né? Já com as três primárias você consegue fazer um milhão de verdes, então se você quiser você pode pensar um verdinho mais musgo, um verde mais pro marrom, um verde com um pingo desse daqui que vai dar uma gradação maior entre a montanha e o campo, pra não ficar chapado o campo e montanha, aí você pega... como fez essa cor... um tipo de verde vai fazer um marrom mas que dialoga, daí eles vão se fundir mais, não deixarem uma linha tãa dividida. Olha, achei muito bacana Seu José. Enfim, as tintas estão aqui se você quiser vir de volta e experimentar e continuar. Essa atividade ajudou um pouco... quando você pintou você ficou várias vezes pensando como era aquela imagem tua da nuvem, do nublado? José: É, quando a gente tá trabalhando a pintura a gente vai lembrando, né? Vai lembrando e vai fazendo.

Karoline: E tem vezes que... coisas que me acontecem que eu observo bem justamente na pintura quando eu vou, daí eu vejo, puts, me falta observar melhor tal coisa, por exemplo vou desenhar uma mão, eu sei o que é uma mão eu falo "ai, como que é tal parte mesmo daquele ângulo, se eu tivesse observado melhor daí achava [trecho

incompreensível]". Então, a observação tá muito ligada em como a gente vai criar a nossa pintura, e assim vai. Espero que a experiência tenha sido interessante, José. O que você pode me dizer?

José: Pelo começo foi legal... vou continuar.

Karoline: Obrigada, José. Quem mais? Luiza venha.

Luiza: Então, eu fiz esse daqui. A minha ideia é de um campo que você avista assim ao longe, e eu já havia retratado esse quadro há muito tempo atrás lá no [trecho incompreensível] só que de outra forma. Assim, claro, com outras cores e tal, porque eu gosto disso, parece que é uma coisa que me dá... sabe assim, eu vejo longe, né? E as cores também, o verde principalmente, e amarelo e um pouquinho de vermelho. Me dá assim uma alegria, uma coisa assim que eu gosto muito, eu me sinto bem. Então, eu sempre que... eu não tenho assim muito talento pra pintar mas eu gosto. O outro tava melhor francamente [risos] mas, eu não me importo, o que importa é a ideia. Então...

Karoline: Gente, esse foi um exercício, vocês tiveram menos de duas horas pra pintar, olha os resultados...

Luiza: Não, mas é muito tempo que eu não mexo com pincel, eu mexia bastante, sabe?

Karoline: E me conte, sobre os aspectos técnicos.

Luiza: Então, técnicos é sobre a mistura, a miscigenação?

Karoline: Também, isso. Você fez com guache? Como que você trabalhou com o pincel?

Luiza: Então, eu misturei da forma que você ensinou. Eu misturei o verde, misturei o amarelo e o magenta pra adquirir esses tons. Mas realmente ele tá muito assim acho que [trecho incompreensível] ele poderia ser mais longe se eu tivesse pego... Ó, feito assim de forma que eu pudesse mais...

Amanda A profundidade.

Luiza: Isso, a profundidade.

Amanda Que eu não sei trabalhar também. A profundidade

Luiza: É... dá a impressão de ir lá longe, né? Eu fiz muito acho que...

Karoline: Veja, essa é uma queixa sua, que você queria melhorar...

Luiza: É, eu gostaria.

Karoline: Olha, eu achei muito bacana como você fez em pouco tempo. Repare a diferença, o Seu José trabalha com cores chapadas, né? São estilos, não tem certo e errado, bonito e feio. Ficou muito legal a montanha chapada. Já a Luiza ela lembra os impressionistas, ela faz com vários tons de tintas, com riscos, riscos... A gente vê [trecho incompreensível] de pintura é justamente a partir do gesto, a gente vê a pincelada, vê pincelada, vê pincelada e a partir disso que cria a imagem. O José não, é da cor chapada, que também é muito interessante. São aspectos diferentes. Eu acho que... Bom, a questão da perspectiva pra dar profundidade no trabalho, a gente pode pensar na perspectiva e nesse caso quando você vê que é tudo... O céu é [trecho incompreensível] vermelho ou não?

Luiza: É, a intenção era o céu... Mas quem tava perto de mim que falou, eu não me recordo quem que falou, ele deu até o nome pra...

Voz masculina: [trecho incompreensível]

Luiza: Isso, acho que era você talvez. Então, aí ficou como se aqui tivesse várias, né? Lá longe, que não tá tão longe...

Karoline: Isso é uma flor?

Luiza: É uma flor.

[Vozes atravessadas]

Karoline: Então, eu acho que ele tá realmente muito interessante. Primeiro, combinação de cor, você tá trabalhando com a harmonia pelas complementares, o verde em relação ao vermelho, por exemplo. Lembra quando a gente tinha o círculo [trecho incompreensível] Foi de modo intuitivo, mas o verde e o vermelho eles dialogam como complementares, isso dá um destaque. Muito bacana. Pra você criar então esse horizonte já que você não tem o céu pra fazer a linha pra pensar a perspectiva... Lembra quando a gente fez o desenho? A gente pode fazer... a gente faz a ilusão da perspectiva por meio das cores. Então, você fez num primeiro momento essa, certo? O que foi o que deu pra fazer no momento. Você pode agora trabalhar em cima com mais cores, explorar a tua paleta. Na verdade, Amanda, explorando a paleta você vai longe com isso. Então lembrando que o que tá mais no fundo é mais escuro, ao mesmo tempo você não trabalha com cores chapadas que nem o José, né? Então, você tem que variar esse verde escuro aqui no fundo. Variar. Tem várias cores de verde escuro que você pode arranjar, de repente pode ser um ferrugem que é um amarelo amarronado escuro, percebe? Mas que tem uma certa luz, e daí combina com o verde escuro e assim vai. Então, a tua perspectiva ela pode ser construída pelo meio das cores, se consegue muito bem trabalhar em cima. Se quiser, eu deixo aqui, se você quiser investir no seu exercício você pode explorar.

Luiza: Do seu horizonte...

Karoline: É, só explore melhor sua paleta e daí você continua. Por exemplo, essas partes brancas você pode colocar cor aqui, nem que seja o branco. Eu imagino que na tua tela que... Você fez a óleo?

Luiza: Eu não me recordo, faz muitos anos.

Karoline: Mas ela tinha branco?

Luiza: Ela tinha verde, amarelo... E ficou tipo um [trecho incompreensível] lá longe que deu a impressão de ser um campo de trigo...

Karoline: Ah é... Outra coisa, a gente tinha poucas opções de pincel, certo? Pra gente pensar, você trabalha com o gesto, então o traço do seu pincel aparece, o do José não. O seu traço aparece. Então, assim, pra criar uma variedade, é interessante se pegar um pincel fino pra fazer o triguinho, o capim do trigo, né? E onde é o mato mais grosso, pegar o outro pincel, e assim vai. Então, ó, o artista, o artesão ele pensa tudo que ele faz pra ter um trabalho de qualidade... O trabalho do artesão ou do artista... de qualidade... ele pensa muito no que ele faz intuitivamente, mas também quando dá problema ele pode racionalizar tudo, certo? Então, variar cor e pincel como você trabalha o gesto. Muito bacana. Eu fiquei muito contente... Espero que vocês tenham ficado contentes também com os trabalhos, tenha valido a pena o exercício, né? E aí, Iris?

Iris: Ah, então, os aspectos técnicos, eu usei o pincel e as três cores primárias, né? E os formais daí, eu...

Karoline: O que você vê? O que você vê do que você pintou?

Iris: Ah, eu vejo o céu, daí o sol... daí tornou tudo...

Karoline: O que você na sua pintura?

Iris: Eu vejo ainda que precisa melhorar, tá muito precária ainda. [Risos]

Karoline: Descreva, descreva o que tem lá.

Amanda Uma coisa alegre.

Karoline: É, Iris, teu trabalho é muito alegre. Ele tem uma simplicidade mas uma alegria. Ele é mais espontâneo, mas ele é muito feliz, ele é alegre. Existem trabalhos de artesanatos e de arte que vão por esse caminho e eles se dão muito bem, sabe? É interessante a gente reconhecer os diferentes caminhos que cada um resolve, né? Então, me conte, o que você vê aqui? Descreva. Só descreva o que você está vendo.



Iris: Pois é, eu fiz o... dá pra ver que só faltou desenhar o sol ali, né? Mas daí o sol predominou tudo, né? Daí o céu, as montanhas... Só que daí a montanha ficou do lado inverso [risos], devia ter ficado do outro lado, né? As montanhas ali, a estrada ali...

Karoline: Mas qual é teu objeto de... a coisa da natureza que você escolheu observar?

Iris: Ai, eu escolhi o pôr do sol.

Karoline: O pôr do sol.

Iris: Tava bem bonita aquela manhã, sabe? Mais bonita do que o meu desenho...

Karoline: Era manhã ou noite?

Iris: Era manhã.

Karoline: Então, o amanhecer do sol.

Iris: Amanhecer do sol. Daí ficou amarelo, mas porque daí não é tão amarelo o dia, né? Quando tá amanhecendo não, né? Só lá no céu. Mas depois que começa, né?

Karoline: Sim.

Iris: O amarelo predominar mesmo.

Luiza: Parece o caminho do litoral, não é verdade? Dá essa impressão. Pra mim dá, nossa...

Karoline: Tá descendo a serra...

Luiza: É, por aí.

Karoline: Pra chegar num lugar idílico... Idílico eu digo um lugar calmo, gostoso de ficar, não parece que tá indo pra um lugar ruim, parece que tá indo pra um lugar bem tranquilo, que você vai descansar... E, me conta, Iris, então você que era o amanhecer. Aqui você fez [trecho incompreensível] daí você fez a árvore, você tinha falado das maçãs, do céu... O que eu vi muitas vezes de vocês... que vocês escolheram uma coisa da natureza e que daí quiseram representar coisa da natureza num contexto. Então, o céu no contexto das montanhas, etc... a Luiza que tinha escolhido os galhos secos, daí mudou pro campo... a Iris que tinha escolhido o amanhecer, mas que [trecho incompreensível] todo o contexto, mas isso é a mesma coisa do que todo mundo. E sobre o amanhecer... O que te chama atenção que você queria trabalhar mais? Você falou que o amanhecer é bem pequeno de manhã, né? Ele não ocupa todo o espaço, é isso?

Iris: Isso, só que naquela manhã eu vi quando eu tava olhando ele tava grande... ele tava assim bem bonito, só que não... eu não soube desenhar como uma perfeição que Deus fez, né? Mas assim, o que eu fiz foi esse, né?

Karoline: E você gostou?

Iris: Ah, é, médio. Médio.

Karoline: O que você mais gostou?

Iris: O que eu gostei mais? As nuvens.

Karoline: As nuvens? Ah, legal.

Iris: Daquele lado ali.

Karoline: Aqui? Por que você gostou mais nuvens assim?

Iris: Porque acho que ficou mais natural.

Karoline: Mais natural, que você conseguiu uma representação... E o que você menos gostou?

Iris: Ah, daí eu tenho que arrumar aquela assinatura ali que fiz muito grande, só tinha pincel grande. Eu tenho que arrumar, passar um branco aí, daí tentar passar o amarelo em cima e fazer com lápis ou a caneta a assinatura.

Karoline: Então, ó, Iris...

Iris: Fazer o sol ali. Fechar melhor esse caminho, essa estrada...

Karoline: Bom, a impressão que eu tive, Iris, é que você foi muito para a paisagem e o sol que você ia trabalhar, que era teu elemento ficou mais de lado, eu acho que dá pra

fazer bastante coisa ainda no sol. Agora, você tem um trabalho de tinta bem livre, mas livre e que é muito interessante. Veja, essa nuvem, gostei muito. Você falou que conseguiu um resultado... Olha, ela fez uma [trecho incompreensível]... A Luiza... uma coisa nova em relação ao José e a Luiza... Percebe que aqui tem um pouco de mais concentração de tinta? Ela faz um risco aqui com o azul um pouquinho mais aguado, pra contorno de nuvem em relação ao amarelo, e aqui tem uma [trecho incompreensível], certo? Então só com um tom, só com um tom ela conseguiu vários... Porque você uma hora pegou uma concentração de [trecho incompreensível] outra hora pegou um pouco menos, e enfim... Ficou muito bonito isso daqui, isso daqui é uma parte rica do seu trabalho, e ali tem um tico de amarelo embaixo que pegou e fez um tico de verde. Essas coisas de sobreposição podem ser exploradas e é nota dez.

Iris: Sabe o que eu me perguntei? Por que será? Podia ser inverso, poderia ser a natureza azul e o céu verde, por que será que não é, né? Uma vez [trecho incompreensível] perguntei isso lá em casa, sabe? Daí uma vez [trecho incompreensível] falou que os cientistas querem saber porque o céu é azul e a natureza é verde.

[Risos]

Karoline: Mas se você quiser, você pode experimentar...

Iris: Vou questionar com Deus agora as coisas, né? Se ele fez assim, né...

Karoline: Mas tem vez que o céu até que... não, o céu parecer verde é mais difícil, né? Mas ó, vendo assim, nesse tico... de amarelo que tava por baixo, ele criou... ele não criou um verdão, ele criou um azul mais... um azul um pouquinho esverdeado, que deu uma outra cor pra tua nuvem, sabe? Deu uma outra sombra, que tá embaixo tem mais sombra... Isso é muito interessante, isso tem que ser valorizado, aproveite isso, sabe? No seu trabalho. Agora, o sol você pode... o sol que é teu elemento escolhido você pode dar mais atenção pra ele. Você falou que você não gostou desse amarelo, né? Você falou que você não gostou, queria trabalhar mais no amarelo, isso?

Iris: Esse laranja e esse amarelo.

Karoline: E o que você queria fazer nele?

Iris: Ah, tá muito... é que fiz muito rabiscado, podia ter feito mais, uma coisa mais organizada, né?

Karoline: Num sei... Rabiscado é um jeito. Rabiscado eu digo mais espontâneo é uma das formas de trabalhar, uma das formas, não existe certo e errado. Mas, o que você gostaria de...

Iris: Mas quando eu olhei assim ele estava assim, sabe? Todo... esse amarelo e esse laranja predominando assim... É bem...

Voz masculina: Era de manhã isso que você viu?

Iris: É, foi de manhã.

[Vozes atravessadas]

Voz masculina: [...] logo que eu olhei eu disse, eu pensei comigo "ela aquele dia essa paisagem", foi bonito mesmo assim, sabe? Esse laranja assim, e o amarelo predominando que o sol tava nascendo por de trás das montanhas, então ele reflete assim, né? Aquele desenho bonito, sabe? Até eu pensei "puxa, se eu tivesse com o celular de tirar foto..." [vozes atravessadas] É, ficou bonito.

Karoline: Iris, olha que legal, ele vendo o seu trabalho lembrou do dia...

Voz masculina: É.

Karoline: Viu?

Iris: A intenção, né?

Karoline: O que você, se quiser, pode fazer é que [trecho incompreensível] partes brancas, tem vezes que pra branco não é problema de jeito nenhum, por exemplo, aqui

essa nuvem que tem um espaço branco entre o amarelo e o azul, ele dá um destaque pro azul e o amarelo, se deixa um espaço em branco... a nuvem salta, isso pro teu trabalho tá muito interessante. Eu gostei muito da nuvem, dessa parte aqui. Mas, aqui quem sabe, você pode pensar outras cores, mistura o azul, o laranja, pensar num amarelinho claro, tem que ver como que é esse teu amanhecer e você pode trabalhar mais, pode explorar. E agora que tá seco ele vai super bem. E é bem idílico, ele é bem feliz, também tem os pássaros voando, né? Esse amarelo que você escolheu, você escolheu pra fazer o resto da paisagem, você quer ficar com ele ou você queria mudar?

Iris: Se eu fosse mudar eu queria mudar pro azul claro, mas daí teria que passar o branco de certo pra voltar ao natural e depois, será que vai dar certo? Ou então deixar assim, esse amarelo mesmo...

Karoline: Eu gostei bastante do amarelo, ele lembra o trabalho do [trecho incompreensível] que é mais espontâneo, singelo também... mas é, ele ficou interessante.

Luiza: Acho que ele dá bem claridade também, né?

Karoline: Dá claridade. Ele deixa feliz e leve o seu trabalho. Tem que ver se é isso que você queria passar, aí que tá. A gente fala que o trabalho é [trecho incompreensível - vozes atravessadas]. Tem que ver se é isso que você queria, se não é isso que você queria daí tem que mudar. E assim vai. Teu trabalho [trecho incompreensível] e ele dá um ar de felicidade, mais leve pro teu trabalho. Claro, o teu interesse não foi fazer que nem a Luiza, ela falou assim "eu queria que tivesse mais profundidade", né? Com perspectiva. Já a Iris não tem essa preocupação de ter aquela profundidade ali. Tem uma estrada e tem um quê de profundidade, mas ela não tá com a necessidade de que "não, que esse amarelo tem que ter o horizonte, que ali tem que estar mais escuro, aqui tem que estar mais clarinho, e mais claro..." Tá muito alegre.

Luiza: Verdade, tá uma alegria mesmo.

Iris: E essa janela dá pra ver a serra lá, como é linda a serra, uma hora tá bem azul outra hora tá azul claro, outra hora tá...

Karoline: O José também que viu a serra, né?

José: O interessante é que você usou bastante cores, eu usei acho que umas seis cores só e aí as [trecho incompreensível] trabalhou com várias cores, mais de doze, eu tava observando. O meu só deu seis cores aqui, e o dela, você trabalhou com uma infinidade de cores.

Karoline: É verdade.

Iris: E você fez esse cinza sem usar o branco ou você não usou o branco?

José: Não usei o branco.

Iris: Ah, então esse cinza ainda não fiz.

Karoline: É, isso. Ela tem uma variedade mais de cor no trabalho, mas dependendo não é problema usar menos cores, o mais importante é ter essa cor. Por exemplo, esse cinza aqui teu, se você quiser mostrar pro pessoal, posso pegar? Esse cinza, você tem uma variedade de cores de cinza bem interessante, você pode pensar mais ele aguçado [trecho incompreensível] pra completar o branco [trecho incompreensível] chapado, né? Mas tem o cinza que... se eu for contar os tipos de cinzas que você tem aqui dentro dá vários.

Iris: Tem o cinza claro, o cinza escuro, o cinza médio...

Karoline: E o cinza é difícil de fazer, né? Porque é uma terciária, pode ser até quartenária porque ele envolve as três primárias, ele é mais difícil de você conseguir distinguir as nuances... você inclusive [trecho incompreensível] Seu José, você tá com vários tons de cinza na sua [trecho incompreensível]. Qual é o cinza mais claro, o cinza mais escuro do cinza do cachecol? [risos] Tá que nem a sua nuvem, olha. Observa. O

cinzas, né? O cinza daqui, o cinza mais claro o senhor ainda não tem, talvez aqui... Agora, com esse verde aqui bandeira talvez esteja muito bandeira, daí você pode pegar a [trecho incompreensível]. Mas é interessante também o estilo [trecho incompreensível] que faz, clean, digamos mais limpo, assim o trabalho, sem tanta variação, mais lisas as cores. São diferentes estilos. Então, o exercício foi pra gente pensar, sabe? A gente pensa o que eu gostei, o que eu não gostei, o que eu posso fazer diferente, como que eu falo do meu trabalho. Foi bem [trecho incompreensível], a Silvia ela fez semana passada na oficina, ela só desenhou num outro papel, daí ela... pra estudar a flor, daí ela veio na quinta-feira pintar, e...

Luiza: Ficou muito lindo o trabalho dela.

Karoline: Ficou delicadíssimo, né? Mas eu vou ter que esperar semana que vem pra ela apresentar o trabalho dela.

[Vozes atravessadas]

Luiza: Nossa ficou lindo, né?

Karoline: E alegre.

Luiza: Ficou bem centrado, né?

Karoline: É. Uma das preocupações dela era se ela ia fazer assim ou assim o trabalho... na horizontal, na vertical, então essas coisas também são todas pensadas por vocês. Qual é o tamanho do meu trabalho? Posso fazer um trabalhinho assim ó num quadradinho pequeno e ser nota mil o meu trabalho.

Voz feminina: Talvez mais delicado, né? Não sei...

Karoline: É, e olha, eu vejo assim diferentes coisas de pincelada. Então ó, como se isso fosse o meu pincel, aqui ela esfregou assim fez \*plick\*, tem uma pequena pontinha, né? Um tá mais grosso, aqui quase não tem tinta. Aí ela varia o modo como ela trabalha com o pincel, né? A força como ela aplica, uma hora vai ser [trecho incompreensível]... Bom, mas quando ela for falar daí a gente conversa sobre...

Iris: E esse aí tem que ser o pincelzinho... Como que ela achou o pincel pequenininho? Ou ela trouxe?

Karoline: Tava aqui eu acho.

Luiza: Da outra vez tinha tanta gente que não tinha...

Karoline: Muita variedade. É. Exatamente. Bom, a ferramenta de trabalho é importante também. E daí a Isis também vai falar do trabalho dela que ela falou que ia continuar, se ela quiser continuar, eu deixo a tinta aqui... Gente, pro nosso próximo passo eu posso reunir daí depois eu tiro foto daí entrego de volta? [Conversa paralela] Agora, eu gostaria da gente falar sobre a tarefa que eu liguei pra todos... Então, eu pedi pra trazer o trabalho que vocês mais gostam, ou que no momento vocês mais gostam que a gente também faria, né? Que vocês me falassem, mostrassem e falassem também seguindo essas coisas aqui. Essa lista de coisas. Pode ser? Quem quer começar?

Iris: Esse aqui eu fiz... esse aqui é coisa que eu faço mas né... Ó, esse aqui fiz o ano passado. Esse aqui faz muitos anos que eu fiz por isso que eu trouxe.

Karoline: Nossa, que coisa incrível.

Iris: Faz muitos anos que eu fiz. E esse aqui eu pinte quando eu tava no Caps lá.

Karoline: Então você trouxe várias coisas... Que bonito.

Iris: Eu costume desenhar sempre essa...

Karoline: Essa montanha? Que bonito. Iris, ah, sobre a sua assinatura no teu trabalho. É, tem vezes que... você tem que pensar se a sua assinatura você quer fazer... tem vezes que você nem precisa assinar, é conforme seu interesse. Agora que você já fez grande, eu deixaria, se não você vai colocar o branco lá, vai parecer como se fosse um corretivo. Então, você fez a sua assinatura... eu esqueci de falar sobre a sua assinatura que você tinha comentado que você não gostou, que você ia apagar, né? A tua assinatura tá pra

cá, eu até deixaria, porque se não vai parecer um corretivo, se não você vai colocar uma argamassa branca aqui e daí vai aparecer um levantado aqui e daí vai ficar grosso. Então, eu deixaria assim. [trecho incompreensível] chamar sua atenção, você pode fazer grande, você pode fazer assinatura gigantesca, pequena, nem fazer. E pensar exatamente a cor, se você não quer chamar a atenção você podia fazer até um amarelo alaranjado, pra ficar não tão... porque se você for ver você pegou quase que as complementares, né? O roxo com o amarelo, daí o nome apareceu bastante. Se for ver, ele tá um círculo cromático, o amarelinho... esse amarelo e o roxo eles estão, estão quase como complementares, né? Por isso que chama a atenção. Eu acho que eu deixaria.

Iris: Essa chaleira que eu pinte, que eu desenhei aqui, eu... ela era pequenininha, eu ampliei daí, sabe? Fui desenhando ela maior.

Karoline: Bonita. Então esse trabalho você gosta muito. É pintura guache?

Iris: É tinta, acho que é tinta Suvinil, de fosca.

Karoline: Suvinil?

Iris: Ahã. Agora aquele lá, os grandes... agora as frutas eu acho que é tinta guache, as de potinho, aquela de plástico.

Karoline: Não sei se é acrílica...

Voz masculina: É acrílica.

Karoline: Ou se é uma guache mesmo... E isso daqui?

Iris: Ah, esse daí de trás fui eu, esse aí.

Karoline: Esse daqui foi você?

Iris: É, foi.

Karoline: Tá inacabado?

Iris: Tá, inacabado.

Karoline: Foi você que fez o desenho?

Iris: Foi.

Karoline: Mas foi uma cópia?

Iris: Não, eu que fiz porque ele tava... eu que fui desenhando e fiz isso daí.

Karoline: Isso daqui não tá pronta mas é lindo. É bem linda. Você tem um bom traço de desenho pelo o que eu vejo.

Iris: Eu gostei desse passarinho.

Luiza: Que legal, tem até um laguinho pro peixinho.

Karoline: Gente, esse teu trabalho... Você já viu falar sobre um artista chamado Marc Chagall? Já ouviu falar?

Iris: Não.

Karoline: Ele veio um tempo pro Brasil, e ele trabalha também sonhos, e tem um aspecto assim de onírico, de sonhos. Daí, por exemplo, tem o pássaro... Sim, se a gente... se quiser fazer um trabalho realista, o pássaro ele tem que ser desse tamaninho... tem que ser assim... Mas, ele faz assim com sonho, ele conta uma história na pintura e lembra bastante.

Iris: Essa cor de céu eu também gostei. Esse azul aí.

Karoline: Esse azul. Lembrando que teu papel é pardo, né? Daí ficou escuro porque ele fez pouca... fez uma tinta fina, né? Com o papel pardo daí ele fechou mais. Que bonito. Então, você gosta muito de trabalhar com pintura?

Iris: Gosto.

Karoline: Você trouxe várias coisas, você trouxe o de crochê...

Iris: É, o crochê que eu faço assim... não sou uma crocheteira talvez que nem ela ali, né? Mas eu faço alguma coisa, eu faço.

Luiza: Lindo teu trabalho, muito bonito mesmo.

Iris: E tricô também eu comecei a fazer no... os dois pontos básicos, né? Daí esse aqui tirei da revista, essa trança aqui, sabe? Fui olhando e fazendo, daí até do lado do avesso ela corre aqui, né? Aí eu preguei... na época quando eu era mais magra, porque quando eu fiz essa blusa aqui eu não tomava nem medicação, então essas medicações engordam muito, incha muito, né? Daí essa blusa tava bem boa pra mim, mas agora... agora que tô assim mais cheia, mais gorda.

Karoline: Sabe, tá cada vez mais raro esses... pessoas que fazem. É um trabalho de grande valor.

Voz masculina: É, esse é um trabalho artesanal mesmo. Porque hoje em dia existe máquina, põe ali e \*imita som\*, pronto, já tá pronto.

[Vozes atravessadas]

Karoline: E Luiza (provavelmente confundiu o nome), me conta, qual desses três trabalhos, são três diferentes tipos, qual é o mais recente seu?

Iris: O mais recente? Foi esse aqui. Esse aqui fiz também, mas quando tava no primeiro Caps que eu fiz.

Karoline: Esse aqui você fez faz quanto tempo?

Iris: Esse aqui foi o ano passado.

Karoline: Ano passado. E, Iris, me conte, porque são três tipos de diferentes de arte, artesanato, né? Se for pra escolher um que você queria durante a oficina, de seguir um projeto com a gente, qual que você escolhe pra trabalhar? Você já sabe?

Iris: Ai, eu acho que a pintura.

Karoline: A pintura? Porque pintura?

Iris: Porque eu gosto de pintura. Aliás, eu gosto dos três na verdade. [risos] Eu gosto dos três, mas daí... acho que a pintura, né?

Karoline: Então tá certo. E tem uma temática que você se interesse mais? Eu vi que você gosta, você fez natureza [trecho incompreensível] mas você faz muita a paisagem com animal, e horizonte. Tem uma temática da pintura que você se interesse mais? O que você gosta de pintar?

Iris: Ah, gosto de pintar flor, gosto de pintar a natureza, animal também, gente. Eu gosto de inventar, criar, fazer assim, sabe?

Karoline: Inventar rostos?

Iris: É.

Karoline: Iris, eu tô forçando isso porque a gente vai trabalhar com a argila a partir de um trabalho único que a gente escolher. Então, entre essas duas pinturas, qual que você acha mais interessante pra gente continuar a temática no momento? A chaleira ou a sua pintura de paisagem?

Iris: Da paisagem.

Karoline: Essa paisagem? Então fique com essa imagem na mente pra gente depois pensar na argila. Tá certo?

Iris: Você sabe, eu fiz um patinho de argila, só que daí na hora de colar as asinhas tinha que ter o palito, né? Aquele palito pra colocar entre a asa e o corpinho pra não cair, depois eu pinte com tinta de tecido.

Karoline: Você chegou a queimar? Você queimou a tua cerâmica?

Iris: Não, o que eu fiz com ela?

Karoline: Não, se você queimou... é que normalmente a argila depois seca e a gente queima.

Iris: Não, não.

Karoline: Então você fez um patinho? Ah, que bacana. Tá certo. Você tem o patinho ainda?

Iris: Eu não tenho, ficou lá, daí não sei o que eles fizeram.

Karoline: Então, incrível a sua diversidade de trabalhos. E focamos esse trabalho aqui pra gente dar prosseguimento na argila, tá bom?

Voz feminina: Tem como queimar a argila aqui?

Karoline: Aqui não.

[Vozes atravessadas] [Conversa paralela] 52:58 à 55:11

Karoline: Mas então, me conte, quem é o próximo que vai falar sobre o seu trabalho?

Quem quer começar? Quem quer falar?

[Vozes atravessadas] [Conversa ao fundo - incompreensível]

Karoline: Então, gente, quem vai falar primeiro sobre seu trabalho? A segunda pessoa? Fala, Marcelo. Pode começar.

Marcelo: Eu trouxe alguns, né.

Karoline: Escolha o que você mais gosta, pra você me falar esses aspectos aqui... A gente vai manter isso daqui.

[Conversas ao fundo - incompreensível] 56:33

Marcelo: A maior obra é esse aqui ó.

Luiza: Nossa, olha só.

Karoline: A obra que... maior ou que você mais gosta?

Marcelo: [trecho incompreensível] esse aqui é uma [trecho incompreensível]... Baseado nos filmes...

Luiza: É mesmo, do Rei Arthur, né?

[Vozes atravessadas - incompreensível]

Marcelo: Então, eu levei tempo... meses fazendo.

Iris: Imagina o peso disso aí.

Luiza: Nossa, ele é muito pesado.

Karoline: Gente, minha nossa!

Marcelo: É o ponto, né. É o ponto [trecho incompreensível]. Com esse ponto aí eu faço brinco, eu faço...

Karoline: O que você mais gosta de fazer com esse material? São os trabalhos pequenos de brinco, etc ou são as roupas?

Iris: Imagina ganhar um tapa de uma luva dessa.

[Risos]

Marcelo: O que eu puder fazer, né.

Karoline: O que você puder fazer? Varia do teu gosto ou tem algo específico?

[Vozes atravessadas - incompreensível]

Luiza: Esse daí é maravilhoso.

Karoline: Ah, e são colares, não são?

Marcelo: Não isso aqui é uma mandala, isso aqui é a criação do mundo. O mundo é uma bola, né? E o sol, a lua, os planetas. Esse aqui, esse movimento aí ele vai contando a história, se você procurar no Google "mandala"...

Karoline: O que eu vejo, Marcelo, é que embora seja um material só, como se chama isso mesmo?

Marcelo: Malha.

Karoline: Malha. Embora seja feito tudo com malha, né? Tem um mundo gigantesco de coisas que você pode, existe o mundo então da parte de bijuterias, né? Joias, bijuterias...

Marcelo: Malha.

Karoline: Sim. Tem a parte das malhas que eu posso falar de vestimentas, e tem a parte também de objetos. Objetos como esse, que são inclusive pra... são objetos táteis, né? Pra mexer, mas também de arranjo, de enfeite.

Luiza: É, de decoração. Isso aqui é uma peça de decoração muito linda.

Karoline: Então, isso eu vejo nas feiras, é uma coisa que eu ainda não vi nas feiras.

[Vozes atravessadas]

Karoline: E me conte, Marcelo, o que você mais gosta no momento? Que você gostaria de dar prosseguimento, uma coisa específica. Porque a gente viu que tem vários campos, tem a parte das roupas, das mantas, tem a parte das bijuterias e das joias, que são coisas específica como os adereços e pulseiras, e assim por diante. Tem a parte dos objetos... Se fosse no momento, o que você tá mais gostando que você quer dar prosseguimento?

Marcelo: Ah, eu tenho trabalho muito com a malha turca.

Karoline: A malha turca. Você gosta? Fale sobre a malha turca. Qual é a diferença da malha turca pro resto?

Marcelo: Mais bonito, né? Tem mais beleza ali, é mais [trecho incompreensível] eu posso fazer cores...

Karoline: Qual é a malha inglesa?

Marcelo: É essa aqui.

Karoline: Cores porque essa daqui só vende uma cor?

Marcelo: Não, essa aí é muito simples. Essa aqui já mais "detálica". Ó.

Karoline: A forma como se unem os elos, isso?

Marcelo: É.

Karoline: Isso se chama então malha...?

Marcelo: Malha turca. Não fui eu que inventei não, isso já existe, só reproduzi.

Karoline: E esse é malha...?

Marcelo: Malha inglesa.

Karoline: Tem outro tipo de malha aqui?

Marcelo: Malha inglesa.

Karoline: Realmente, ele dá outro...

Marcelo: É, o material aí ele já um material bom, né? Que essa aqui é um alumínio de fio de alta tensão que eu resgastei no lixo e reaproveitei... Esse material aqui já é comprado, já é... [trecho incompreensível] um material caro.

[Vozes atravessadas - incompreensível]

Karoline: Agora, se a gente fosse seguir o projeto de trabalho, o que você iria dar prosseguimento? Que iria pensar agora a começar a fazer, com malha inglesa ou malha turca? Fazer joia ou fazer objeto?

Marcelo: Ah, fazer uns brincos diferentes.

Karoline: É isso que você tem interesse no momento?

Marcelo: É, só que com a malha ele fica muito pesado. Então eu tenho que dar um jeito de usar um arame mais fino e tentar fazer o [trecho incompreensível], eu vou tentar fazer uma peça que não fique muito pesado e que fique bonito, chamativo, grande.

Karoline: Você tem alguns brincos aí que você já fez pra mostrar pra gente?

Marcelo: Eu não trouxe mas eu tenho vários.

Karoline: Então, agora você tem interesse de começar a fazer brincos ou?

Marcelo: Não, na verdade... eu faço corrente, né? Então, a partir da corrente eu posso fazer outras coisas.

Karoline: Outras coisas. Daí você utiliza...

Marcelo: Só que nem gargantilha que tem uma gargantilha aí [trecho incompreensível]... Mas, é que fica pesado, né?

Karoline: E daí não é confortável justamente pra mulher... Mas, Marcelo, me conte, o que você... É um mundo gigantesco, inclusive acho que é um dos artesanatos que a gente menos conhece do grupo, eu acho. O pano de prato a gente... uma familiaridade, pintura, uma familiaridade... Mas isso daqui é uma coisa muito original perto daquilo



que... a gente conhece. O que você tá a fim, tem interesse de dar continuidade hoje? Pra pensar o prosseguimento da oficina...

Marcelo: [trecho incompreensível] argila?

Karoline: Não, a argila vai ser um exercício de volta, que eu vou falar depois. Não é pra pensar na argila. Agora, ultimamente, você tá pensando que você quer trabalhar como? Trabalhar com bijuteria? Ou trabalhar com objeto? Ou trabalhar com roupa? Eu chamo de roupa, mas isso é manta?

Marcelo: É, sim, malha. Fazer assim, objetos.

Karoline: Objetos. Quais tipos de objetos? Mais figurativo? Porque eu vejo aqui um objeto que é lúdico, que existe uma brincadeira, e tem uma parte de representação da natureza.

Marcelo: Formas. Com formas.

Karoline: Você já tem vários bichos? O que você anda fazendo?

Marcelo: Aranha.

Karoline: Morcego, não?

Marcelo: Não, aranha.

[risos]

Karoline: Vocês já viram?

Marcelo: Esse foi o mais massa que eu fiz.

Iris: Você faz coruja?

Marcelo: Olha, eu tenho que ter uma referência... Se eu não... eu tenho que ter uma referência porque isso daqui não é uma criação minha não, eu copieei, na verdade eu peguei um objeto desse na feira e fiz uma leitura dele.

Karoline: Ele tinha feito com arame?

Marcelo: Com arame. É, eu achei muito legal daí eu peguei e fiz uma leitura dele por onde começa, onde que tem o início do arame.

[Vozes atravessadas]

Marcelo: [...] Daí ele quis me ensinar, daí ele começou a fazer a pinça. Daí eu falei "não, eu vou te comprar a peça", mas eu sei que começa pela perna do lado direito, eu vou aqui faço as pernas, faço a pinça, volto faço a antena, outra antena, outra pinça, outras pernas, a calda, o ferrão, volto e [trecho incompreensível]. É um arame só.

Karoline: É um arame só?

Marcelo: É. Entendeu como é? Começa desse lado, vai, volta, vai, volta e essa foi a leitura que eu vi lá, e ele tentou me dar um ensinamento, aí ele pegou e começou pela pinça, aí eu peguei e falei "não é pela pinça, se não daí eu vou ter que voltar pra trás..."

Karoline: Tem toda uma lógica por detrás, né? Engraçado é que você falou que "ai, eu vou descobrir como é" que nem a Luiza falou, quando é o crochê, o tricô, de que ponto é esse? O artesão já vai lá vê o... [trecho incompreensível] examinar onde que tá o início, que tipo de [trecho incompreensível] pra desvendar. A pintura a mesma coisa, gente. Então, você gostaria de dar prosseguimento a trabalhos com...

Marcelo: Objetos.

Karoline: Com objetos. Objetos, quais? Ou quais outros objetos?

Marcelo: Objetos de decoração. Na verdade, quando eu faço isso eu procuro... eu não tenho, eu não tenho essa informação, eu vou buscar. Eu não tenho, isso aqui eu aprendi com um guria, a malha eu aprendi eu aprendi com uma guria, a malha turca com outra guria... Esse aqui que peguei com um cara e eu aprendi olhando pra ele e...

Karoline: Posso ver? [Conversa ao fundo] E, Marcelo, tem alguma temática que eu quero que você pense... Pense, o que eu tô a fim de [trecho incompreensível] do meu projeto, pensando o projeto na oficina adiante, certo? Se você quiser você vai na oficina e daí leva... Leva pra dar continuidade. Qual é a temática? Você falou que você quer

fazer objetos. Qual é a temática de objetos que você tá a fim, tem interesse de continuar a fazer? Bichos? Bichos peçonhentos? Ou você quer fazer bichos gigantes? Elefantes, girafas, etc? Da África, por exemplo. Quais são os bichos? Os bichos pequenos? Gafanhotos, aranhas, besouros, moscas? Escorpião?

Marcelo: Essa resposta eu não tenho. Eu não tenho essa resposta assim sobre o que vou fazer.

Karoline: Tá, porque você vai... Mas você consegue pensar pra próxima oficina o que você tem interesse? Você poderia, por exemplo, aí eu queria muito fazer uma aranha... uma coisa que você ainda não fez, e pensar e batutar, batutar, batutar, tentar com o arame, e tentar até ir, ou procurar na internet, ou capturar uma aranha, colocar ela no pote...

Marcelo: Na verdade, quando eu não consigo fazer, quando eu não tenho certeza de fazer a peça eu não vou usar o material... eu vou usar o material lá de obra lá, que eu trabalho em obra...

Karoline: Sim. Pra tentar...

Marcelo: Se der errado não vai quebrar. Que nem o escorpião, se der errado, se eu tiver que voltar pra trás vai quebrar o arame, eu vou perder o arame...

Karoline: Então, essa é uma coisa importante, por exemplo, a pintura de pano de prato, a temática... Tem uma temática de composição com frutas, eu não vou pintar direto no meu pano de prato e ficar testando... Errei, errei e vou gastar um pano de prato, não dá. Então, eu vou fazer vários esboços de composição com o pano de frutas, vou testar tinta várias vezes, com pano de chão, né? Eu pego e vou testando as várias composições pra daí... Depois de fazer vários esboços de vários tipos de composição, aí pego e faço no oficial. A mesma coisa você, Marcelo. Faz no material comum, pra dar daí fazer no material bom. Você conseguiria? Então, quero que você pense pra semana que vem o que você... que temática você gostaria de dar prosseguimento.

Marcelo: Eu... assim, fazer e trazer uma peça, assim fazer um coisa?

Karoline: Se você quiser fazer, ótimo. Mas [trecho incompreensível] chegou o momento que a gente vai ter que olhar pra si e seguir a partir do projeto de cada um, certo? A gente vai conversar e aperfeiçoar e assim vai. Mas, quero que você... Se você puder fazer, ótimo, se não puder, paciência, mas quero que você escolha que temática você tem interesse em dar prosseguimento. Se você já tiver uma coisa temática melhor, então se você decidir fazer animais peçonhentos, você traz já coisas que você tenha mais peçonhento, traz o material com o que você trabalha e assim vai. Tá?

Marcelo: E isso pro próximo encontro?

Karoline: O próximo encontro você traz a temática, se quiser traz o objeto feito. Traz o objeto feito. O que você tem de objeto feito daquilo que você quer dar prosseguimento, que você gosta muito e quer continuar. Tá bom? Olha, é um campo gigantesco, né? A gente pode fazer um milhão de coisas.

Marcelo: Na verdade, eu sempre tô mudando, não tem uma coisa só.

Karoline: Sim. Concordo. Mas veja, Marcelo, pro artesão ter um ritmo de produtividade... Normalmente ele tem vários projetos, certo? O projeto x... Por exemplo, eu que trabalho com garrafas pet, eu tenho meus vasos... porque eu tenho um centro de distribuição que eu consigo coletar várias garrafas pet, por exemplo. Eu posso fazer... Eu tenho minha coleção de vasos de garrafa pet, tenho minha coleção de... vasos de garrafas pet, o que mais eu posso fazer? Caixinhas de garrafa pet, tem minha coleção de bolsa de garrafa pet, por exemplo. Certo? Tenho três projetos. Então, eu tenho que ter uma produção de cada uma pra conseguir, por exemplo, numa feira, vender o produto de qualidade daquilo. Porque muitas vezes o primeiro não vai sair bacana. Hoje a gente testou com o material ruim, daí depois de fazer alguns de material ruim, a gente

faz com o bom, e não adianta só ter um porque daí se eu tenho um e vou vender daí eu fico sem de mostruário. Então, é bom ter vários, sabe? Não precisa se fixar só naquilo, no projeto. Mas é bom ter projetos firmes, bem estabelecidos do que eu vou fazer. Pra ter um mostruário do meu trabalho, daí assim a gente se mostra como artesão. Não uma pessoa que fez assim, quando deu tempo, etc; não, a gente... eu faço isso e esse é meu preço...

Marcelo: É, o esquema é fazer objetos que [trecho incompreensível] pequenos. Eu cheguei a fazer um brinco disso aqui, fiz ele desse tamaninho assim... Mas olha, do tamanho de uma bolinha, que girava.

Karoline: Que gira? Que bacana! E vendeu?

Marcelo: Não, não, eu não vendi porque eu não... minha fonte de renda não é isso, minha fonte de renda é meu... eu trabalho em obra que é... nesse caso é artesanal...

Karoline: E, Marcelo, a outra coisa que muitas vezes na hora da nossa produção a gente vai com a pergunta "ai, vai vender? Eu vou fazer tal coisa pra vender porque o resto não vende". Pense primeiro o que você gosta, o que você quer dar prosseguimento no trabalho que você tem vontade de fazer, e daqui a pouco a gente pensa sobre a viabilidade de venda disso, certo?

Marcelo: Certo. Então, fazer pequenos, quanto menor mais massa. Que é o uso pessoal, né?

Karoline: Mas tem que ver se é o seu interesse. Primeiro, veja o que você quer fazer, que você tem vontade, garra de fazer durante várias vezes o teu projeto, que a gente vai fazer o projeto de cada um, certo? Pensa no teu projeto, no que você tá com vontade de dar prosseguimento... São os bichos peçonhentos? Uma cobra? Porque esse material gesticula se você faz uma roda de malha... Mas isso foi só uma, uma coisa minha.

Marcelo: Não, é, às vezes vou um pouco mais longe. Na verdade eu posso fazer um [trecho incompreensível] fazer uma mini-saia [trecho incompreensível] me pediu só que dá muito trabalho. Faz um mini-saia pra minha namorada, daí vai revestir com pano por dentro, sei lá... Cria um roupa de uso mesmo.

Karoline: E veja, tem o perfil... E daí tem o perfil de pessoa que... Imagine, você vê estilistas que fazem com diferentes materiais e assim por diante. Mas, Marcelo, você tem que pensar, veja o que você tá a fim de fazer. A Iris falou que agora nosso projeto é a pintura, a Iris vai focar na pintura. Ela vai fazer crochê, etc; mas na oficina daqui o importante é a pintura, é isso? Se mudar de ideia você avisa, tá certo? Então, beleza, Marcelo. Obrigado por ter trazido teu material, viu? A gente aprendeu um monte com você... A gente vai pensar, o que eu posso melhorar no meu trabalho, o que tá interessante, o que não tá, assim a gente vai crescer. Quem é o próximo a falar? Quer falar, Liz?

Pessoa externa: Eu posso falar?

Karoline: Qual é seu nome mesmo?

Pessoa externa: Pessoa externa. Então, o meu [trecho incompreensível - ruídos]. A principal atividade [trecho incompreensível] aquele quadro lá fui eu que fiz, aquele que tá... [Ruídos]

Karoline: Qual? Esse daqui?

Pessoa externa: Esse do Charles Chaplin.

Karoline: Ah, o Charles Chaplin foi você. Ahã.

Pessoa externa: Mas o meu forte é as [trecho incompreensível], só que eu levei um toco daqui, caiu a árvore e eu cortei um toco. Aí eu coloquei ele perto da minha bancada antes de ir pro serviço, daí ele ficou lá uns quinze dias. Todo dia que eu passo por ele, eu olho pra ele...

Karoline: Toco de que tamanho?

Pessoa externa: Ah, um metro.

Karoline: Você levou pra casa?

Pessoa externa: É.

Karoline: De carro?

Pessoa externa: De carro. Aí eu falei eu vou fazer uma fonte com ele. Aí ficou uns quinze dias, eu olhei pra ele eu falei não, tenho que diminuir o tamanho dele... Aí eu peguei, [trecho incompreensível] uma serra, diminuí ele e pus dentro dessa bacia aí, em cima da bancada... [trecho incompreensível] não, vou trabalhar ele um pouco, vou tirar essa casca, vou dar uma ajeitada nele. Daí tirei a casca, ajeitei ele, [trecho incompreensível] aí eu olhei por trás dele, eu falei tenho que tirar esse pedaço aqui de trás aqui que não vai dar certo, tem que tirar. Aí já tava aqui já... Aí eu falei não, agora já tá aqui eu vou montar ela, vamos ver como é que ela fica. Aí eu acabei de montar ela.

Karoline: Ah, você finalizou? Você instalou? Ou ainda?

Pessoa externa: Só falta a pintura agora.

Karoline: Que bacana. E veio com uma peça bruta, né? O tronco que caiu. Podemos passar?

Pessoa externa: Ela virou isso aí ó.

Karoline: Que bacana.

Pessoa externa: Agora falta envernizar, vou trabalhou um verniz aí, né?

Karoline: E ela tá presa no suporte? Não tomba? Não cai?

Pessoa externa: Ela tá colada.

Karoline: Foi aqui? O senhor trouxe pra cá, Pessoa externa?

Pessoa externa: Não, tá em casa. Agora eu vou pintar ela, vou pintar de três cores.

Karoline: Então, Pessoa externa, você tá fazendo... Você continua no teu projeto de fonte que já tá bem desenvolvido, e agora tá trabalhando com outros materiais, não só cerâmica mas a madeira bruta, é isso?

Pessoa externa: Isso.

Karoline: Bacana. O que você pode pensar é começar pela... Eu imagino que já [trecho incompreensível] todas as madeiras que estão por aí, né?

Luiza: Eu acho que ele não pode tombar árvore, né?

[Vozes atravessadas / Ruídos]

Pessoa externa: Não, se eu ver um troco [trecho] vem na minha cabeça...

Karoline: É. Pensar as formas dos troncos que são mais ou menos interessantes, né? E assim vai. Bacana. Se quiser continuar na oficina, daí nas próximas semanas a gente continua conversando.

Pessoa externa: Quando mais ele é envelhecido mais eu gosto, né?

Karoline: Mais envelhecido?

Pessoa externa: Mais enovelhecido [trecho incompreensível - vozes atravessadas]

Karoline: Sim.

Pessoa externa: Aí limpei, deixei tudo... Só o [trecho incompreensível]... Fiz oito fontes, acho, umas oito fontes.

Karoline: Tá certo. Bacana. Então, Pessoa externa, se você quiser continuar, se puder vir na oficina daí a gente pode... Talvez, em conversa em grupo muitas vezes... em troca de grupo, a gente cresce junto enquanto artesão, artista, sabe? Um dá pitaco pro outro, ou vê coisas que não tinha pensado... Se quiser vir, é bem... A gente vai gostar da sua presença.

Pessoa externa: A minha ideia é ensinar...

Karoline: Fonte.

Pessoa externa: Fazer uma fonte. Ensinar a fazer. Eu tô juntando um dinheiro aí que foi vendida as duas, daí só falta pegar [trecho incompreensível]... Aí eu vou comprar o material e daí vamos ver se juntar uma turminha aí pra brincar aqui...

Karoline: Bacana. Legal.

Luiza: Boa ideia.

Pessoa externa: Ela tem uns [trecho incompreensível] que tá guardado, uns troncos que tão lá...

Karoline: E quem é o próximo a falar?

Liz: Eu.

Karoline: Só antes uma coisa. Isso então a gente tá começando a pensar o nosso próprio trabalho, o projeto que a gente pode dar prosseguimento, pode ver que ó, a gente acaba fazendo várias coisas interessantes, daí a gente tem que pensar assim, qual o projeto que a gente vai querer se dedicar mais aqui na oficina e depois que a oficina acabar eu penso que pra pessoa continuar fazendo, pra ter um repertório, digamos assim, uma quantidade boa de coisas feitas e artesanatos feitos, pra quem sabe, vender e assim vai. Mas não precisa pensar primeiramente no consumidor, se isso vai vender. Primeiro, vamos pensar no que gosta de fazer, que tá a fim de fazer, porque se não tiver a fim de fazer, minha filha, o trabalho fica horrível. Num vai, né? Então, se vai fazer brinco... Pensa no que você tá a fim de fazer, Marcelo. A temática, o tipo de trabalho e a temática. Pronto, Liz, pode ir.

Liz: Bom, olha eu não sei falar dessas coisas, eu só vou expor...

Karoline: O que você faz? Você escolheu o que você mais gosta?

Liz: Eu queria me ocupar com alguma coisa, aí eu não sabia bordar, eu comprei um livrinho, um pano inteiro, cortei umas toalhinhas e fui tentar aprender bordar sozinha.

Karoline: Isso é de quando?

Liz: De agora. Do ano passado. Aí, eu resolvi pintar na tela. Aí eu falei, vou ver o que dá, né? Um que eu já bordei e vou pintar. Aí, está saindo isso aqui. Ainda não está terminado, porque ele não secou ainda então não dá pra eu dar continuidade, porque se não borra tudo que eu já pintei.

Karoline: E você tá fazendo esse em casa?

Liz: Sim, em casa. No Lineu eu faço um mais complexo, com aquelas outras misturas lá.

Karoline: Ah, eles também tão trabalhando isso?

Liz: Sim. Daí lá [trecho incompreensível] já pro final já saiu outro. Porque daí lá eu fiz primeiro o fundo, né? Aí não ficou muito legal... Aí, depois eu coloquei umas flores por cima onde era fundo, mudei bem o desenho.

Karoline: Que bacana. Me conte, Liz, o que você tem interesse agora com o projeto? De focar na pintura ou no bordado?

Liz: Pintura. Amei fazer bordado, mas esse assim é pra fazer em casa, sabe? A hora que eu tô assistindo novela porque eu não preciso me concentrar, né? É só, tá ali o risco, pego a agulha e faço. Aí eu posso conversar, eu posso assistir que não tem problema, não me tira o foco. Agora, que nem a pintura, eu preciso mais foco. Não tem como você ficar olhando pra um monte de coisa e pintando, né? Então eu quero concentrar na pintura.

Karoline: Mesmo se for pra fazer em casa também?

Liz: Mesmo se for pra fazer em casa. Meu sonho é pintar à mão livre. Olhar pro quintal, saber desenhar um pé de goiaba que... aquilo que eu te falei, eu nunca gostei de artes, nunca. Agora, esse ano que eu comecei a "loquiar" de fazer essas coisas. Se eu tivesse vindo na primeira aula que você pediu pra desenhar uma fruta eu tinha saído correndo...

Karoline: [Risos]

Liz: Gente, eu nunca desenhei. O máximo que eu desenhava nas aulas de educação artística era aquela casa sem chão, só.

Karoline: E agora você tá interessada? Que bacana.

Liz: Sim, sim, nossa, eu olho pro quintal e não me conformo que eu não sei desenhar aquilo.

Karoline: Mas você tenta?

Liz: Não tento, ainda não.

Karoline: Então... vai ter que trabalhar a coragem, né? E sem medo de errar.

Liz: Eu sou meio insegura pra isso. Eu tenho muita insegurança. Qualquer coisa que você me peça pra fazer, eu não tenho segurança pra fazer.

Karoline: É que daí tem a sua cobrança pra que aquilo seja tal qual você pensou... E eu vou contar, ninguém... Se a gente fica naquela cobrança daí não sai.

Liz: Então, daí eu prefiro trabalhar um negócio espontâneo. Me deu vontade de fazer, aí eu vou... Daí eu acho que é aquela hora. Sabe? Mas, assim, de desenhar ainda não entrei nesse negócio...

Karoline: E me conta, da pintura, você se dedica... Você tem essa pintura [trecho incompreensível] tá fazendo no Lineu... Essa temática que você que pegou do pano de prato, copiou o pano de prato à mão livre?

Liz: É, com carbono.

Karoline: Ah, você copiou com papel carbono.

Liz: Aquele lá no Lineu foi à mão livre, né? Eu tive que ampliar o desenho, daí...

Karoline: E fez no papel carbono. Você... [Conversam sobre o frio] É... A temática de flores, o floral, você gosta bastante? Ou foi o acaso assim que você resolveu escolher?

Liz: Não, eu gosto, gosto mesmo. Gosto de flores, eu acho alegre.

Karoline: Ahã. Então, me fale então sobre esse quadro que eu acho que esse pode ser o caminho, o teu start pro projeto.

Liz: Ah, eu queria uma coisa [vozes atravessadas].

Karoline: Isso é acrílex?

Liz: É a óleo.

Karoline: A óleo tem um brilho mais legal.

Liz: Isso.

Karoline: É chapa? Porque demora a maior... Eu pelo menos, eu gosto muito de trabalhar a óleo, não gosto de...

Liz: É, lá no Lineu eu comecei com a acrílica, eu achei assim tão desbotado, não tem vida aquilo.

Karoline: Você achou desbotado...

Liz: Não tem vida, não tem brilho.

Karoline: E você tá trabalhando sempre a mistura de cores pra fazer?

Liz: Agora sim, agora já consigo... [risos]

Karoline: Agora desde quando?

Liz: Ó, esse verde, é só um verde. Eu fiz todos os outros tons.

Karoline: É. Se a gente for ver lá o círculo cromático é a harmonia monocromática que é um tom, uma cor com vários tons, até o branco, por exemplo. Este, este e este...

Liz: E ainda faltam os cabos, os cabinhos. E as flores, eu jamais faria isso, eu pintaria só de uma cor, né? O amarelo com vermelho, com um pouquinho de branco, eu não faria...

Karoline: Como assim só uma cor?

Liz: Só uma cor, eu achava muito estranho misturar as cores.

Karoline: Você tá falando fazer uma de amarela, a outra vermelha? Ou você...

Liz: Não, ela na mesma ali.

Karoline: Ah, misturar a cor na paleta pra colocar...

Liz: Isso. Eu achava muito estranho isso. Agora, agora se eu não misturar eu acho estranho.

Karoline: Acha estranha. Ahh, é que a gente vai se conhecendo, né? Entende, tem trabalhos que funcionam super bem limpinhos, eu digo monocromáticos, por exemplo, o fundo... uma cor chapada, cor chapada, cor chapada, pode funcionar bem; mas tem outros que requerem essas nuances. E como que vai ficar o fundo? Você vai colocar os cabos?

Liz: Isso, vou colocar os cabos e aí acho que vou consertar um pouquinho melhor essas flores, porque como eu deixei pra fazer o fundo depois, acabou estragando um pouquinho as pétalas.

Karoline: E faz quanto tempo que você tá nessa pintura?

Liz: Um mês.

Luiza: Nossa, que demora, né, fia?

Liz: Demora pela secagem.

[Vozes atravessadas]

Karoline: Gente, tinta óleo é [trecho incompreensível] pinta a óleo porque a gente se obriga a esperar, esperar. Daí você se obriga a ficar olhando pro trabalho várias vezes pra ver se já secou, e a esperar, esperar, pra daí

Liz: E borrar né, porque cada vez você taca o dedo lá pra ver se ele secou... [risos]

Karoline: Que bacana! Olha, me conte aqui sobre [trecho incompreensível] fala sobre os aspectos técnicos, acrílica, você trabalha com uma cor por enquanto chapada no fundo, eu gostei muito dessa cor que é uma mistura, ela realçou as flores e assim por diante. A gente vê, a gente com o olhar mais experiente a gente vê mais longe assim o que é uma cor mais... que não foi trabalhada, pra uma cor que foi misturada na paleta, ela se torna mais interessante pros olhos, sabe?

[Vozes atravessadas]

Luiza: Você fez o fundo primeiro?

Liz: Não, esse foi meu erro. Primeiro, pinte as flores...

Karoline: Ah, primeiro pintou as flores?

Liz: Por isso que eu estraguei, tinha que pintar primeiro o fundo...

Iris: Esse verde você fez o fundo e as folhas tudo com um verde só?

Liz: Um verde só, o verde escuro. O verde escuro foi misturando o verde com o amarelo, com brando pra dar outras tonalidades.

Karoline: Se for falar dos aspectos formais, Liz. Nós temos, os aspectos formais da tua pintura, o que você vê? Descreva o que você vê.

Liz: Ah, eu vejo um [trecho incompreensível] alegre. É aquilo que eu queria. Só que não foi à mão livre, mas mesmo assim, eu gosto.

Karoline: O que você queria? Flores, um arranjo floral...

Liz: Isso.

Karoline: Ele vai estar solto?

Liz: Vai, vai ficar solto.

Karoline: E sobre a sua intenção, você falou que queria fazer um arranjo [trecho incompreensível] ou você queria mudar alguma coisa nesse?

Liz: Não, eu queria ver como é que ele ia ficar, né? Porque o risco é pro bordado, ia fazer um bordado, não a pintura.

Karoline: E você tá trabalhando de uma forma completamente diferente mas um mesmo tipo?

Liz: O mesmo tipo.

Karoline: Que não pode riscar, que daí não dá certo.

Liz: Então, aí você vê. Eu acho que esse, esse arranjo ele fica mais bonito num bordado. Mas eu tinha que ver, né? Tinha que tirar a dúvida.

Amanda Posso dizer uma coisa? Eu acho que você misturou estilos aí. Você colocou o fundo chapado e as flores com detalhes mais...

Liz: Em relevo.

Amanda É. Como uma realidade, né? Mas o fundo ele não [ruídos]...

Iris: Do vermelho vocês fez o rosa? Ou do rosa você fez o vermelho?

Liz: Não, não tem o rosa.

Iris: Aquele lá é rosa, ó.

Liz: São tudo vermelho.

Luiza: Esse daí é rosa...

Liz: Eu fui misturando as cores...

Iris: É, tem vermelho, tem rosa... Mas acho que dos outros.. você fez do vermelho o rosa, do rosa o vermelho, não sei...

Liz: Ó, eu só peguei um tubinho branco, um amarelo, um verde, um vermelho. Aí deu todas essas cores aí.

Karoline: Liz, que interessante. Veja, tinta a óleo é o trabalho que demanda tempo, processo, certo? Eu sugiro que enquanto você passa a observar as flores, os arranjos, por aí, agora que você tá falando que você tem interesse, observe e olhe. Arrisque-se a desenhar sem medo, sem medo mesmo, de modo espontâneo.

Liz: Vou fazer isso.

Karoline: É, você falou então que você gostaria de dar continuidade a esse trabalho, então, pintura a óleo por enquanto, temática floral pelo que eu vejo... Bom, a Amanda comentou que existe uma diferença entre essa cor pra como tá sendo do fundo em relação como é feito as flores. Eu vejo o seguinte, na óleo demanda tempo. Você pode [trecho incompreensível] e trabalhar diferente o fundo, ou vice-versa. O que você pode, quem sabe fazer, é pensar as flores, o degradê das flores, trabalhar antes, testar a paleta num tom de amarelo e laranja que deu pra fazer, que talvez aqui não esteja tão da forma como você queria, ou tá numa forma mais brusca. Por exemplo, esse vermelho ele salte, ele tá aqui mais chapado, ele salto em relação a esse amarelo, né? Se tivesse um pouquinho, um [trecho incompreensível] ia ficar mais degradê, não tão saltado. Mas tem que ver conforme seus interesses, e a gente continua conversando...

Liz: E olha que coisa boa, eu posso corrigir... A tinta óleo.

Karoline: É, não é que nem a guache... A guache, por exemplo, a assinatura ficava difícil, mas na óleo dá pra fazer melhor.

[Vozes atravessadas]

Luiza: Porque é mais certo, você refaz em cima, né?

[Vozes atravessadas]

Karoline: A óleo demora... A óleo faz com que você observe mais...

Iris: Sabe que eu fiquei impressionada com um quadro que eu vi... de uma amiga minha da igreja, ela fez um quadro, o filho dela casou no México, então foi feito lá, do casal, sabe? Mas parece realidade. Parece que tiraram foto mesmo, pintura à mão. Coisa mais linda.

Liz: Quando eu chegar naquele tom ali ó, que eu conseguir pintar igual aquele [risos] aí eu vou ficar feliz. Eu amo esse quadro, as nuances dele.

Karoline: Mas então, tá muito interessante como tá aí. Então, você vai começar por isso, eu queria que você pensasse o seguinte o que você não gostou, o aspecto que você não tá gostando do seu trabalho que você queria mudar.



Liz: Olha, não sou muito de corrigir. O que eu faço, eu já planejei, então eu não gosto de ficar mudando e corrigindo... A única coisa que eu vou mudar aí, eu quero consertar as pétalas, estão me incomodando...

Karoline: E você já sabe como?

Liz: Eu sei que a natureza não é perfeita, ela...

Karoline: Você já sabe como?

Liz: Ah, depois que secar o verde, daí eu vou pintar elas de novo.

Karoline: Não, não, é que cada um a gente vai estar perguntando o que gostou, o que não gostou e como que a gente pode modificar... Esse fundo me chamou muito a atenção, ele é uma cor de mistura, e ele é calmo e ressalta as flores.

Liz: Não, e daí eu fiz só um pouquinho, né? E ele ia acabando e eu pensava assim, como é que eu vou acertar ele de novo?

Karoline: Ahhh! Acho que eu falei a semana passada, não sei se eu falei pra vocês, faz um buraco no estilete da tua folha branca, daí você \*psss\*, aqui tá o buraco, certo? Faz a mistura, tá igual? Não. Falta mais. Tá igual? Não... Que daí você centra... Quando a gente faz muita mistura a gente não consegue ver a cor direito.

[Vozes atravessadas]

Liz: Porque daí volta, né?

Karoline: É! Isso. [trecho incompreensível] com a unha, né? É, não precisa de estilete, nada disso...

Luiza: Nossa, mas tá divino.

Karoline: Obrigada por trazer. Tá alegre!

Luiza: Mas daí como que você passou pra cá? Você copiou? Como que você passou?

Liz: Foi, com carbono.

Luiza: Ah, com carbono. [risos]

[Karoline Pergunta se Joel foi embora, pois irão trabalhar com argila. Pede para que tragam os trabalhos que mais gostam na semana que vem.]

Luiza: Eu gosto desse trabalho que a Amanda vai falar.

Karoline: José, quer começar? Quem começa?

Amanda Eu posso falar. É, eu pego umas caixinhas assim, né? [Vozes atravessadas]

Karoline: Só um momento. Você constrói a caixa? E ela faz a caixa a partir do que ele...

Amanda Eu não sou boa em construir caixa.

Karoline: Ela trabalha a partir da caixa feita. A Amanda ela acha as caixas...

Amanda Então ó... Elas são desprezadas, as caixas às vezes porque tem algum defeito, né? Daí eu conserto e pinto por cima quando tem uma lasca alguma coisa assim, e então não dá pra ficar fazendo assim, né? Eu tenho alguma coisa de experiência, mas é melhor ser feito a caixa decente. E daí eu pinto, depois eu coloco um guardanapo, com um guardanapo. Então, é pintado de branco por baixo, né? Aqui se fosse colocar guardanapo eu pintava de branco porque ele é transparente e daí eu pus um glitter aqui... Aqui eu também pus isso pra ficar mais fácil de abrir e uma... tipo uma bijuteria [ruídos] a gente vai agregando coisas pra ficar mais bonito. Pinteí por dentro e por fora, daí esse aqui fiz ao contrário, devia ter posto aqui.

Luiza: Mas daí essa pintura em cima é você que faz, Amanda? Isso é um guardanapo?

Amanda É um guardanapo.

Luiza: Sim, mas como que ele tá colorido? Ah, ele já é assim.

Amanda Ele é assim. Aí ele é com quatro assim, tudo igual. [Vozes atravessadas]

Luiza: Porque eu coloco tecido, Amanda, sabe?

Amanda Pode colocar papel de presente, né?

Luiza: Eu ponho tecido.

[Vozes atravessadas]

Iris: Passar verniz por cima, né? Dá pra passar verniz.

Karoline: Esse trabalho de caixa ele tá pronto, Amanda?

Amanda Esse tá pronto. Esse tá no processo. Eu tenho um outro que tá pronto também. E esse aqui tá feito a caixa... [trecho incompreensível - voz ao fundo]. Esse daqui... é que eu tenho uns giz de cera pra pintar também. Então, a gente só vai colocando o que já tá pronto, esse não tem muita criatividade, até descolou aqui. Então, ia colocando coisas, aqui também a gente colocou isso aqui com cola quente. Isso aqui é uma fita.

Karoline: É decoração de caixas? Qual deses que você...

Amanda É, essa caixa foi feita, ó. Não tem problema. Mas achei que ela ficou muito grossa.

Karoline: Você trabalha então... Isso não é só decopagem, né? Porque envolve não só colagem de guardanapo mas... Mas envolve outros adereços, né?

Amanda É. Eu vou colocando tudo que tem lá. Alguma bijuteria, né?

Karoline: Que lindo. E Amanda, me conte, você gostaria de dar prosseguimento nisso ultimamente?

Amanda Eu gosto de fazer isso ultimamente, eu já fiz pintura também, mas agora eu tô gostando mais de fazer isso.

Karoline: E com... a partir das colagens, e dos diferentes materiais que você agrega na caixa... E tem alguma temática específica? Varia?

Amanda Eu gosto de fazer assim trabalho infantil como se fosse pra criança, né? Palhacinho, bonequinha.

Karoline: Essa com [trecho incompreensível] foi você que colocou?

Amanda Foi. Aí também dá pra fazer a bijuteria e colocar aqui, né? Essa aqui o zíper... Já não seria...

Luiza: É, eu botei o zíper uma vez, aquela caixinha do algodão é um caixinha mole, né? Então, enchi com cola por dentro, daí enchi com tecido e coloquei um zíper assim... Ficou muito linda. Consegui vender, claro, rapidinho. Ficou muito... [Vozes atravessadas] Geralmente eu vendo meus trabalhos.

Amanda Mas assim, que nem esse era um imã de geladeira, caiu o imã, né?

Karoline: Você pode aproveitar...

Luiza: Isso. Dá pra aproveitar, né Amanda. Eu guardo todas essas coisinhas também.

Karoline: Ah, virou um urso. Ele era o que?

Amanda Ele era só o contorno assim. Porque foi uma outra madeira que foi feito que nem aquela lá, né? De vazado, daí sobrou o urso da madeira.

Karoline: Daí você aproveitou... Que bacana. E Amanda, você gostaria de dar prosseguimento nisso, me conte. Dos trabalhos que você faz, o que mais lhe chama a atenção que você interessante?

Amanda Eu gosto muito disso, eu gosto mais disso. Parece mais simples do que pintura, eu admiro tanto detalhe, dedicação e gastar tempo, mas eu prefiro ver rápido o resultado.

Karoline: E qual caixa no momento que você mais gosta?

Amanda Eu gosto mais dessa. Eu fiquei pensando mais coisas pra fazer, né? Mas eu fiz errado, foi uma das primeiras, porque eu pus a tampa...

Karoline: Ah, a tampa, mas mesmo assim você gosta mais dessa?

Amanda Eu me atrapalhei bastante nela, eu coleí coisas depois eu desisti, tirei e aqui também.

Karoline: Foi uma das primeiras... Os trabalhos que tem história, que a gente custa pra fazer, eles tem muito... eles acabam tendo bastante valor que você faz e desmancha, faz e desmancha, corrigi e assim vai, até...

Liz: Eu lembrei de uma bandejinha que eu fiz de papelão, aí com o papel crepom, aí passo cola. Ficou bem interessante, nem lembrei de trazer.

Karoline: Não, mas é o que nos chama atenção no momento pra dar prosseguimento, Liz. Porque aqui a gente vai...

Liz: [trecho incompreensível]

Karoline: Agora é o que vocês estão a fim de fazer. A Amanda tá a fim de fazer caixas, então beleza, Amanda. Obrigada por nos mostrar. E o que você acha que você poderia, que não tá legal que você gostaria de mudar?

Amanda Que nem aquele ali tá bem descoladinho por dentro, né? Porque ela tinha um problema, e agora eu acho que [vozes atravessadas] é melhor ele fazer as caixas que são certinhas...

[Vozes atravessadas]

Karoline: Pegar as caixas feitas. Viu, Seu Joel, a Amanda acabou de falar que seria interessante fazer o diálogo entre a produção de caixas e a construção das caixas.

Joel: Óia, eu pensei em trazer meu porta-chaves, porta-chaveiro que inclusive eu fiz ele... Que é assim ó, vou desenhar aqui mais ou menos pra você... Aqui, eu faço assim, aqui, né? Daí eu faço isso aqui, isso aqui, né? Aqui. Aqui. Certo? Aqui é a coisinha dele onde vai os ganchinhos, quatro ganchinhos aqui pra pendurar a chave. Aqui eu faço uma janelinha, certo? Outra janelinha aqui e a portinha aqui. Certo? E aqui eu ponho um papel que nem esse que eu tenho lá um catálogo eu recorto bem certinho, colo atrás aqui. Tá. O telhado eu faço com coisinha de pino, sabe? Eu pego um por um, sabe? E vou colando. Fazer o telhadinho. Então dá a impressão que é um telhado de verdade. Então eu envernizo, eu tenho verniz próprio. Então eu envernizo esse telhadinho, certo? E aqui é uma peça só, daí aqui é duas pecinhas, aqui mais uma pecinha, então, uma, duas, três, quatro, cinco, são seis pecinhas. Mais ou menos. E eu faço qualquer tamanho. E daí tenho a criatividade que eu posso fazer assim, e aqui fazer mais uma base aqui, essa base vai por trás, um pocinho, um mini-pocinho, sabe? Antigo, ele é redondo. Ele é um caninho de papelão. Eu faço o pocinho assim, a coberturinha dele aqui, a manivelinha... E aqui eu revisto ele de pedrinha, pedrinha branquinha, ou revisto de outra coisa. E o telhadinho do mesmo material.

Karoline: Traga pra gente semana que vem! Se o senhor vier semana que vem.

Joel: Eu vou trazer.

Karoline: Que bacana.

Joel: Eu fiz uma casa de uma... uma casa tipo de campo, sabe? Uma casinha com área, sabe? Aí o que eu fiz... Eu faço uma casinha assim mais ou menos, menor que essa folha aqui, sabe? A casinha, ela faz uma areazinha, eu faço a cerquinha de palito, palito de sorvete, pinto de branco a cerquinha, eu faço portãozinho, e aqui eu faço uma calçadinha, uma garagemzinha, eu tenho até uns carrinhos desse tamaninho pra mim por assim, sabe? E, então, daí... Ah, eu tenho... eu ganhei mais ou menos uma caixa cheia de tinta e grafiato... ou com massa corrida, eu coloro a... a massa é branca...

Karoline: Pinta a massa branca e daí usa.

Joel: Daí eu faço textura.

Karoline: Ahhh! Ainda por cima textura.

Joel: Nas parede assim. E, em volta, na entrada eu ponho, eu faço o pó de serra verdinho como se fosse uma grama, do jardinzinho.

Karoline: Seu Joel, traga semana que vem pra gente ver. E mais uma pergunta que a Amanda tinha... o senhor faz caixa? Essas caixas o senhor faz também?

Joel: Faço.

Karoline: Porque a Amanda falou que...

Joel: Eu uso esse material que é o mdf.

Karoline: O senhor constrói a caixa?

Joel: Eu só não tenho a dobradiça.

Karoline: Sabe porque? O senhor tem o seu projeto, mas tem assim ó, a Amanda tá interessada em dar prosseguimento no trabalho com caixas dela, só que ela tá com problema que ela tá usando no momento caixas recicladas, que normalmente tem problemas, né? E se tivesse como fazer um diálogo pela [trecho incompreensível] do senhor construir caixa e ela pintar, e assim vai, é possível de ver no futuro...

Joel: Então, eu posso trazer até um material um pouco de mdf, tá lá no Caps, mas é tudo meu lá, até as tintas que tem lá foi doação, né? Eu saí e ganhei as tintas, sabe? Tá tudo lá. E daí eu fiz uma casinha assim tipo, sabe dessas casinhas que você põe assim pros passarinhos ir e entrar...

Karoline: Mas seu Joel, traga semana que vem. Aqui agora, a gente tá em cima do laço que é 10h30 e já são quase 11h, e o seu José precisa da última fala. O senhor traz semana que vem. Escolhe o teu objeto, o teu artesanato que o senhor mais gosta pra continuar, pra gente continuar trabalhando com ele na oficina. Muito obrigado. E José, o senhor consegue falar um pouquinho sobre o seu trabalho?

José: Se quiser eu eu fale semana que vem...

Karoline: Não, nos fale. Me conte.

José: Esse trabalho aqui é feito com revista, né?

Karoline: Você fazia no trabalho voluntariado, não era?

José: Eu fazia.

Karoline: Esse é recente?

José: Esse aqui eu fiz agora, essa semana, eu vim trazer pra mostrar que esse aqui é rápido.

Karoline: É rápido? Rápido para quem sabe fazer... Só é rápido pra quem sabe fazer, quem é o artesão.

Iris: Dá pra fazer um porta-algodão, um porta...

José: Ele é pra fazer assim, fazer os canudinhos, você pega um palitinho, uma vareta... Você pega aqui ó, você vai enrolando aqui ó, você vai enrolando, daí você já vai fazendo os canudinhos.

Karoline: É na diagonal?

José: É. Aí aqui no finalzinho dá um pingo de cola, aí você puxa, aí já tá feito os canudos. Aí através desses canudos você começa a fazer o trabalho.

Karoline: A trançar?

José: Você trabalha... com três, com quatro, depende do tamanho... Se você quiser fazer num lugar grande... [trecho incompreensível] quanto mais você fizer, melhor, porque depois você vai emendando as pontas... Aí você coloca aqui, e aí você cruza um por cima outro por baixo... um por baixo. E aqui a mesma coisa também, e aí quando fez os quatro embaixo aqui aí você a sair...

Karoline: Nossa, mas me conte, tem diferentes tipos de trançados? Por exemplo, eu posso colocar mais... verticais?

José: Aí é base embaixo... Se você quiser sair com oito dum lado, oito do outro também. Quanto mais...

Karoline: Que bonito.

José: Aí no finalzinho vai fazendo acabamento e depois você pinta de verniz daí ela fica bem firme.

Karoline: E daí pra [trecho incompreensível] nas cores, dá pra deixar a cor da revista... O senhor falou "é bom fácil" mas é fácil pra quem entende a técnica e quem faz... o artesão.

José: Eu pensei que ia ser só um trabalho aí eu trouxe vários canudinhos, aí cada um ia começando fazer pra ter uma noção...

Karoline: Ahhh, pra gente ter uma noção! Seria legal... Você queria deixar aqui caso semana que vem você fosse... É...

José: Na outra terça...

Karoline: É... Vamos pegar sempre aquela última prateleira que tá vazia aí a gente deixa...

José: [vozes atravessadas]... aí o dela também, mais rápido, e esse aqui é o mais rápido... esse aqui eu fiz ele em... acho que deu uma hora.

Karoline: Sério? Com os rolos?

José: É, fazendo o rolo e montando.

Karoline: Impressionante. José, então me conte aqui sobre os aspectos técnicos, o senhor descreveu a tua técnica que você faz. Os aspectos formais, você consegue fazer de diferentes tamanhos, formatos, dá pra fazer muita coisa...

José: Dá pra fazer muita coisa.

Karoline: E o que o senhor gosta de fazer? Que o senhor acha bonito? É este aqui?

José: É... Eu fiz um pequenininho que é mais fácil de mostrar, mas dá pra... aí o modo que você faz do fundo... Aí depois você pega uma tigela grande, ou se quiser fazer, tipo aquela forma de bolo, também dá pra fazer, aí você faz um fundo e depois... coloca ali a forma que você quer e vai puxando...

Karoline: E tem um trabalho específico que você mais gosta? Que o senhor fez?

José: Uma chaleira. Só que a chaleira demora tempo...

Karoline: Você pode trazer a chaleira?

José: Mas eu deixei no Caps pra vender, né?

Karoline: Ah, tá certo. Você traz uma foto? Você tem uma foto dela? O senhor fez uma chaleira dela...

José: [trecho incompreensível] quando tiver na altura, aí você coloca os palitos...

Karoline: E qual é o tamanho da chaleira?

José: Ela é bem grande.

Karoline: Nossa. E, me conte. Pense, então, pra semana que vem, José... Fica como tarefa pra todos, quem ainda não escolheu, qual trabalho... Você tem esse tipo de técnica você pode fazer muitas coisas, né seu José? Qual o tipo de trabalho, temática, que o senhor gostaria de fazer? Isso aqui dá até pra fazer... A gente tá falando sobre objetos de decoração, mas dá pra fazer...

Marcelo: Chapéu! Ia ficar bacana...

Karoline: Então, veja, pense o que você... Tá a fim de criar como projeto... Ficar nos objetos? Ir pra roupa? Quais tipos de objetos? Objetos de escritório? Objetos decorativos de cozinha? Ou fazer objetos de enfeite como a chaleira, a panela, até pra criança e assim por diante... O que você tem interesse? Você já tem uma...

José: Fazer bastante cestinha, né? Pra colocar óculos... Mais pequena pra colocar...

Karoline: No Caps? Do Caps que você fazia? E era todo mundo que fazia ou você mesmo...

José: Hoje eu tava olhando aqui ó, cada um apresentou um trabalho, lá no Caps lá tinha várias oficinas, que nem no caso lá, eles falaram sobre uma pintura, sobre pintura. Nem todos interessou na pintura pra mim aqui, mas aí quando chega lá, fala não, lá na oficina, lá tem oficina de pintura, tem a oficina de arames pra trabalhar com outras... com bordado, aí aparece mais gente... Mais gente pra vir... Porque daí a pessoa não interessa numa coisa mas interessa na outra.

Karoline: É, essa oficina não é pra gente formar o grupo de arame, de... mas é pra que cada um traga e aperfeiçoe. Então, olha! Que bacana! Gente, eu tô muito contente de

vocês terem trazido. Luiza... e o pessoal que tá comendo pinhão no [...]... que vai semana que vem apresentar os seus trabalhos, né? Então, quero que vocês pensem. Quem não tem definido, escolha qual é o objeto que quer dar prosseguimento, mentaliza bem, ou traz... Se você tiver, puder trazer a cesta que você quer, melhor trazer. Ou você traga qual a temática pra gente trabalhar semana que vem nesses projetos com argila... Semana que vem a gente trabalha com argila. Ouve o pessoal do [...] e trabalha com argila. A argila é um exercício, a gente não vai virar ceramista, a oficina não dá conta, mas a gente vai mexer com argila pra...

José: Então no caso traz um vaso pra montar um vaso de argila?

Karoline: Talvez sim, talvez não. A semana que vem a gente quer ver como a gente transpor a nossa ideia, a ideia que eu tenho do meu trabalho, por exemplo, meu tipo de pintura, a pintura que eu faço [trecho incompreensível], transpor a minha ideia de pintura pro tridimensional por meio da argila. Mas antes disso, só pra escolher o objeto que você quer dar prosseguimento, que você mais gosta. É melhor, Marcelo, você trazer objeto, eu gosto muito desse eu quero dar prosseguimento a partir desse... Né? Se você quiser o bicho que você quer continuar fazendo, né? Você também, José, se puder trazer. A Amanda trouxe a caixa e assim vai. Olha, muito obrigado, pessoal!

#### Sétimo encontro

[Conversa inicial / Conversa ao fundo]

Karoline: Gente, pra nossa atividade vai sujar a mão naturalmente, preparem-se. E a gente tem tudo isso de rolo e argila, vocês podem ficar à vontade com o tamanho que vocês querem criar. Certo? Eu vou tirar um pouco pra mim pra eu falar, mas não tem... depende do que você quiser trabalhar, você pega mais ou menos. Amanda? Quem se arrisca? Fique à vontade. Pode pegar o quanto você quiser. Gente, aqui eu trouxe o que, eu trouxe bem pouca coisa na realidade, só pra apresentar os materiais. A gente pode trabalhar com argila... Na realidade, a pessoa que eu tenho muita... que fez o meu contato com a argila foi a minha vó, ela é ceramista. Então, ela tem um mundo de coisa de argila, e ela faz pintura só que com tinta da terra. Então, você pinta... Aqui é molhado, seca, daí depois você queima daí aparece a cor. [trecho incompreensível] você pode trabalhar com... tem algumas pequenas técnicas que a gente pode pensar pro trabalho. Fiquem à vontade, gente. Isso. Pode pegar bastante, menos... Aqui tem mais fio pra vocês cortarem pra vocês abrirem rolo... Vai se molhar, vai se sujar, faz parte. [Silêncio] Podem gastar bastante, eu comprei... Fiquem à vontade. Então, a gente vai... Existem duas técnicas básicas que normalmente a gente pode trabalhar. Uma é por fazer trabalhos por placa, então a gente faz... a gente pode pensar fazer placas com rolo na massa de pão, por exemplo.

Voz feminina: Parece massinha de criança, né? [risos]

Karoline: Mas é natural! A gente pode pensar em placas...

Luiza: Esse aqui é um balde, é pego e daí é trabalhado...

Karoline: É argila, exatamente. Eu comprei [trecho incompreensível].

Luiza: Já é trabalhado, né.

Karoline: É, o barro que já tá preparado, já tá bom. Mas aí, gente, é um mundo. Por exemplo, se você gosta de fazer esculturas, faz peças grandes, você coloca, por exemplo, tal que minha vó faz, de modo que sua peça não desmonte quando se faz [trecho incompreensível], você coloca pó de... argila seca, de cerâmica queimada dentro da sua argila pra que daí ele fique mais misturado o seu trabalho, e assim vai. Então, a

gente pode pensar os trabalhos a partir de placas... Pode pegar bastante. É bastante pra você, Iris? Fique à vontade.

Iris: Essa argila com o tempo mesmo fechadinho ela seca, né?

Karoline: Vai secando, muito rápido, inclusive. E o trabalho, por exemplo, como se faz pra dar brilho na cerâmica? Então, vamos falar rapidinho umas pequenas técnicas de modelagem, pra daí a gente pensar como que a gente pega e passa a imagem, passa o que a gente tem no nosso trabalho, o que a gente quer do nosso trabalho pro tridimensional. Fique bem à vontade, gente, pra sujar a mão... A gente pode trabalhar por placas e a partir das placas ir montando um trabalho, por exemplo. Eu tô sem uma faquinha aqui... A gente pode pensar... Uma das técnicas é trabalhar com placas, vou fazendo com o rolinho, várias placas... por exemplo, vai cortando e eu posso montar um casa, e assim vai... Daí você cola as arestas, isso é uma forma de pensar também o trabalho de argila. Certo? Trabalhar com placas, por exemplo, faz várias plaquinhas e você vai unindo as placas. Outro modo que você pode pensar são rolinhos pra construir o volume. Então você vai fazendo várias minhocas, daí eu me lembrei dos palitos... E a gente vai juntando as minhocas... Então, por exemplo, minhoca, minhoca, minhoca. Se vocês tem... quem gosta de ficar sentado, fica sentado, quem gosta de ficar em pé, fica em pé. Então, por exemplo, eu vou querer fazer um cesto assim desse modo bem bruto, certo? Isso. Eu vou fazendo assim, daí depois eu pego e uno mais um rolinho, gente. Vou fazendo uma cobrinha, e assim eu vou subindo meu volume. E daí eu vou pegando as arestas e vou juntando... vou colando, colando uma minhoca na outra. Daí assim eu posso subir o volume. Vou alisando com o meu dedo, certo? Eu tô mostrando como a gente pode fazer volume por meio de placa ou por meio de minhocas, cobrinhas. Pequenas técnicas de modelagem. Ou a gente pode também... Vocês viram essas três formas, né? A gente pode também pegar, pensar a estrutura por meio da redução de material. Então, no momento, muitas vezes é bom ter uma [trecho incompreensível] firme pra trabalhar com argila porque a gente bate na argila, então... pega um [trecho incompreensível] faz e deixa reto, faz no formato...

[Vozes atravessadas] [Risos]

Karoline: Isso aí é uma borboleta?

Iris: É uma joaninha. Mas não tá com cara de joaninha não. [risos]

Karoline: E a gente pode trabalhar com estec, já ouviram falar nisso daqui? Existem diferentes formas, grande, pequeno. Esse é gigantesco, e ele serve pra você remover o material. Você remove o material, por exemplo, pra fazer o teu pote. Então aqui, nós temos algumas ferramentas, vocês podem ficar à vontade de trabalhar. Isso aqui você pode fazer textura ou você pode... Vocês fiquem à vontade pra experimentar os materiais, tem inclusive palito de churrasco, colherzinha. Claro, vai ser um experiência, só um exercício, então eu quero que vocês passem a mentalizar qual que é a minha proposta de projeto de trabalho de artesanato, do que eu quero saber, como que eu represento isso na argila, como que eu passo isso pra argila. Tô aqui. Vocês falem comigo.

[risos]

Luiza: Que graça, eu tô tentando fazer um prato, mas olha...

[Vozes atravessadas] [Conversa ao fundo]

Karoline: Lembre-se o foco da atividade. Pensar o objeto que vocês... focar na proposta de pegar o que vocês queriam fazer para... o que vocês querem fazer como projeto pra passar pro tridimensional.

[...]

Karoline: Isis, quando você falou que tava com dúvida [trecho incompreensível] e a pintura... O que você optou?

Isis: Pela pintura.

Karoline: Pela pintura? E o que você pinta normalmente? Você fala paisagem, né?

Isis: É.

Iris: Hoje eu vi um quadro lindo, sabe? O céu, o mar, as pedras...

Voz feminina: Ai que lindo.

Karoline: Tava no consultório onde você foi?

Iris: Estava, lá no [trecho incompreensível]

Karoline: E daí você ficou observando...

Iris: Fiquei, olhando. Só não fui ver a assinatura de quem que é, tinha uma assinatura. Depois, dentro do consultório na hora de fazer também tinha outro quadro muito bonito. Era uma residência, mas muito bonita, sabe? Com jardim, tudo. Mas não tinha assinatura do pintor. Mas dava pra ver que foi pintado também.

Karoline: [trecho incompreensível] Ou a gente pode fazer o barro das mãos mesmo que você faz modelando, puxa de um lado, tira matéria de outra, e assim vai. Iris, você no seu trabalho de pintura faz normalmente paisagens e animais, né?

Iris: É.

Karoline: De que forma você tá passando isso pra sua argila? [silêncio]. Tenta pensar no tridimensional. Aqui tá a joaninha ela tá reta, como se fosse na pintura, como que é a joaninha embaixo? Como que ela é em forma redondinha? [silêncio]. A flor também, a gente tá vendo ela aqui, a gente tá... você tá fazendo na argila [trecho incompreensível] como que ela seria no tridimensional? Posso pegar um pouquinho?

Iris: Pode, pode.

Karoline: A joaninha não é retinha, né? Ela tem um volume. Como que a gente pode fazer esse volume?

Iris: Eu bordei um joaninha numa tela, depois eu coloquei num... comprei as pedrinhas coloquei... e fiz o saquinho para porta, sabe?

Karoline: Ai que bom.

Iris: A joaninha, abelhinha e o cachorrinho.

Karoline: Ah, então você fez na [trecho incompreensível], como era sua joaninha no volume?

Iris: Ah, como ela era... Ela era assim... Cabecinha meio, nem muito redondinha, daí, assim, nem redonda e nem muito chata...

Karoline: Veja aqui, ó, se a gente vê daqui desse lado ela tá retinha, [trecho incompreensível]

Iris: É.

Karoline: Então, se você quiser pensar como que você vai fazer o redondo usando... [trecho incompreensível] trabalhar diferentes ângulos.

Iris: Sei.

Karoline: Pensando nas suas pinturas, o que tem na sua pintura com o que você vai passar sua pintura pra argila. Você faz paisagem, né? E animais. Posso te ajudar, Seu Joel? O que o senhor tá fazendo?

Joel: Alguma coisa, vamos ver o que vai sair.

Karoline: Tá certo.

Joel: Eu esqueci de trazer meu óculos, quando eu firmo a vista assim, que nem eu faço artesanato se eu não tiver o óculos...

Karoline: É ruim, né?

Joel: É ruim.

Karoline: E essa luz não colabora.

Joel: Não, mas tá dando certo aqui.



Karoline: Opa... Tá [trecho incompreensível] vai ser um iate, não? (pergunta para outra pessoa, resposta incompreensível)

[Vozes atravessadas]

Voz feminina: Eu tive uma mudança de ideia no meio do caminho, né, Amanda?

Iris: Ah, esses dias eu peguei o Inter 2 eu vi um cisne lá no valetão dos fundos, sabe? Por duas vezes eu passei lá e ele tava lá, agora eu não vi mais.

Karoline: Um cisne?

Iris: Um cisne. Branquinho, sozinho.

Karoline: Como foi parar lá?

Iris: Não sei, a água trouxe de certo, sei lá.

Karoline: Gente, foco no exercício, como que a gente... a arte que eu escolhi fazer, como que a gente passa pro tridimensional, se eu escolhi cesta, como que eu faço, como que seria essa cesta na argila.

Luiza: O meu não tem como fazer um crochê, né?

Karoline: Hm... Como seria esse crochê? É uma hipótese, um exercício. Como seria esse crochê? Mas você não escolheu o crochê, né, Luiza? Você escolheu as caixas...

Luiza: É, mas eu ainda tô bem, sabe... Eu gosto muito da cesta, eu gosto do mosaico que a gente acabou de lembrar agora. Quer dizer, minha cabeça viaja assim várias... É, vou fazer um coisinha daqui a pouco vai pra outra, daqui a pouco...

Karoline: Mas isso é bom, pra você focar... pra gente pensar nos critérios de qualidade...

Luiza: Ó, a caixa, porque na tampa da caixa eu também posso aplicar o mosaico de vez em quando, pra variar do tecido, pra variar da pintura. Aplicar um mosaico desse de... de plástico que ele é mais baixinho, não fica grosso nem pesado, seria bem interessante também. Pode aplicar até esse negócio de rolinho na tampa, aí você teria uma tampa trançadinha.

Karoline: Trançadinha, é verdade.

Luiza: Verdade. Só na parte de cima. Nossa, ia ficar show de bola.

Karoline: Fazer uma trama quadradinha.

Luiza: Uma trama quadradinha só na tampinha, nossa, ia ficar uma caixinha muito linda. Vai ficar. Vai ficar.

Karoline: Então pensem suas caixinhas, como seria essa caixinha na argila... A Amanda foi por outro campo, Amanda foi pensar como seria a decoração com as caixas, não é verdade? Tem um motivo principal?

[Vozes atravessadas]

Karoline: Ah, que pena que a gente tá sem, talvez se você fizer isso eu possa te ajudar à... [trecho incompreensível]

[Vozes atravessadas] [Risos]

Karoline: Não sei, a gente tá sem o espec pequeno... Porque a ferramenta...

[Vozes atravessadas]

Karoline: Não sei se posso te ajudar.

Iris: Eu queria uma joaninha não uma tartaruga.

Luiza: Tudo bem, não tem problema, o meu [trecho incompreensível] era um pato. [Risos]

Karoline: Tem palito...

Luiza: Ó, tá chocando uns ovinhos aqui, vai que nasce um pato. [Risos]

Karoline: Pensa esse rosto, seu Joel, no volume dele. Como que é? É uma cabeça? [trecho incompreensível] e fica no... em um ângulo só, o tridimensional faz com que você olhe por diferentes ângulos... Como que é essa cabeça atrás? Ela tem um volume atrás?

Joel: É, daí no caso não, ele seria assim mesmo.

Karoline: Assim mesmo.

Joel: Só que aqui eu tenho que ser...

Karoline: Palito fino? Quer ajuda?

Joel: Palitinho. Uhum.

Karoline: Parece uma máscara, né?

Joel: É. O meu irmão que faz trabalho com argila assim, você precisa ver. Ele fez um Bob Marley, daí ele pegou uns negócios de árvore como se fosse o cabelo. Ele faz coisa incrível.

Karoline: É um ceramista. E ele queima o barro que ele faz?

Joel: Não, ele não faz com barro, ele faz com...

Karoline: Biscuit?

Joel: É, massa, né? Massinha de...

Karoline: Que legal!

Joel: Mas olha, ele faz cada coisa... ele faz caricatura assim daqueles índios africanos...

Karoline: Tudo por massa. Mas ó, então vamos focar no nosso trabalho de arte que a gente escolheu.

[Conversa ao fundo - trecho incompreensível]

Karoline: Ó, firmar bem, firmar bem as juntas que você foi juntando, né? Vou pegar um palito... pra que cole bem as partes. A gente pode fazer tipo uma colinha... Pra conectar bem. Vai puxando... todos os [trecho incompreensível] pra ver se cola bem, se não seca e daí ele se desprende. [trecho incompreensível - longe do gravador / vozes atravessadas]

Karoline: Como seria o seu iate na argila? Pensa o desafio. Olha, tem textura! (referindo-se a outro trabalho) Mas pensa na joaninha no tridimensional, que aqui ela tá plana, né? Ela tem um volume... Quando a gente é muito da pintura, como é o nosso caso, a gente tem mais facilidade de pensar no chapado, né? Mas um joaninha quando a gente tá fazendo com volume, como a argila, ela tem uma forma...

[Vozes atravessadas]

Iris: Os pézinhos tão embaixo dela na verdade, não do lado.

Luiza: Depende da joaninha... [risos]

Karoline: Que fofa!

Iris: Que fofa nada. Eu tava comentando, ela não tava do meu agrado.

Karoline: Pensa, pensa, não tá no seu agrado porque?

Iris: Ah, eu acho que ela tá...

Luiza: Aqui é o rostinho dela?

Iris: É.

Karoline: Então pensa.

Iris: Não, porque o rostinho já é emendado com o corpinho. É vermelhinho cheio de bolinha preta, ou alaranjado com bolinha preta...

Karoline: Isso. Aqui tá no volume. Com esse rosto assim a gente faz, o rosto assim, faz questão que a gente olhe sempre assim ela... Daí, se a gente olhar de lado [trecho incompreensível] vira uma coisa só. O trabalho no tridimensional como na argila, ele, olhando sob diferentes ângulos ele é interessante. Ele se torna interessante. Então, aquelas grandes esculturas... Vocês já ouviram falar no Rodin, assim por diante? E os escultores eles faziam com que o trabalho deles fossem lindo sob diferentes lados. Eu podia dar a volta, 360 graus no mesmo trabalho e em todos os lados a obra tem uma composição bacana. Não tinha um lado que tinha que esconder, sabe? Todos os lados davam conta. Por exemplo, o círculo [trecho incompreensível] todos os lados... Olha esse círculo perfeito...

[Vozes atravessadas]

Karoline: Ela é redondinha, né? Daí ela tem uma cabecinha menor, isso?

Iris: É. Você tá fazendo uma?

Karoline: É. Como que é embaixo? Uma anteninha também que você quer fazer? Ela tem uma divisão aqui que a gente pode fazer entre as asas. Mas pensa o formato no tridimensional.

Iris: A tua tá com mais cara de joaninha.

Karoline: Será? Ó, já desmontei ela.

Luiza: Eu também fiquei na cabeça do meu bicho aqui.

Karoline: Um pinguim de geladeira! Own, quem é você? Quem é ele?

Luiza: Uma tartaruginha.

Karoline: Uma tartaruga! Ah, uma coisa que é, como que a gente define a tartaruga, o casco, né? Normalmente.

Luiza: É, vamos fazer o casquinho.

Karoline: Aqui tem um palito se você quiser pegar. Aquele, sabe, rachadinho do casco?

Luiza: Isso... Tem que fazer, exatamente, é isso que vai definir que é um casco.

Karoline: Mas, gente, foquem então no trabalho de vocês.

[Conversar ao fundo - incompreensível]

Karoline: O teu trabalho é de caixas que você escolheu...

Luiza: Mas eu posso colocar uma tartaruginha em cima, não posso?

Karoline: Pode, pode. Mas se fosse uma caixa, como seria teu trabalho na argila?

Luiza: Eu vou chegar lá.

Karoline: Tá bom. É muito bom mexer, né? Dá vontade de se libertar de certa forma, mas ao mesmo tempo a oficina tem o propósito... [vozes atravessadas]

Luiza: Você foge um pouco do seu foco na verdade, né? Mas na verdade a gente tá, num sei, um foco assim que não é muito definido ainda, não é verdade? Pode ver, toda hora a gente meio que muda de ideia.

Karoline: Por que será?

Luiza: Não sei, acho que porque não tem constância no rumo.

Karoline: Isso é bom ou ruim?

Luiza: Eu acho que é bom. Mas uma hora tem que achar rumo, né? Mas eu acho bom essa inconstância porque daí você fica provando muitas coisas. E você vai vendo que você tem identificação com muitas coisas também, né?

[Vozes atravessadas]

Karoline: Tem o torno também pra suprir uma peça, né? Eles fazem...

Iris: Violeiro moda o vaso, e faz o vaso, e moda o vaso...

Karoline: Isso... É uma coisa e tanto o trabalho dele. É um artesão também.

Luiza: Tinha que ter o palitinho pra grudar a cabecinha.

Karoline: Se quiser cortar um palito pode cortar, ou você pode juntar tentando... normalmente a gente faz juntando as partes, alisando uma na outro pra que fique bem... só que ele é pequenininho, não sei como você prefere fazer... Se quiser quebrar um palito, fique à vontade. Então, se a gente quiser fazer placas de modo mais rápido que não são uniformes dá pra fazer aqui. Só no remoção de material você já pode fazer... pensar numa forma, ó.

Luiza: Nossa é muito gostoso fazer isso que você tá fazendo.

Karoline: Ahã.

Luiza: Isso daqui você fica o dia inteiro nisso e não se cansa. Eu vou até pegar o meu óculos pra poder enxergar melhor.

Karoline: Mas então, Luiza, tô interessada no que você falou. Retomando. Você falou que é interessante porque você descobre coisas novas.

Luiza: É, eu descubro, vejo como é [trecho incompreensível] e no fundo eu começo a perceber que uma coisa tem a ver com a outra, praticamente [trecho incompreensível]. Mas eu gosto muito, eu fico nossa, eu se pudesse ficava o dia inteiro fazendo tudo que é tipo de arte. Eu gosto. Ainda mais assim, se você não tem horário, não tem compromisso, aí, não é verdade? Não tem criança pequena, né? Pelo menos por hoje [risos]. A Karoline tem, mas né? Então não tem aquele...

Iris: [trecho incompreensível] que vinha com as filhas?

Karoline: A Maria?

Luiza: Faz tempo que não vejo a Maria.

Karoline: A Maria veio na semana passada que era festa junina do [...].

Luiza: As menininhas, eu gostei muito daquela pequena da Maria, a Isabele, né?

Iris: O que é isso aqui?

Karoline: É uma colher?

Iris: [trecho incompreensível]

Karoline: Isso, já tá criando volume, olha lá o volume. [Silêncio] Quando a gente mexe no tridimensional, a gente tá sempre acostumado a mexer com lápis e papel, a gente sai do lugar de conforto, né? A gente tá acostumado a pensar no plano, aí a gente sai do lugar de conforto pra pensar forma, o volume. Ahhh, tá saindo! Mas, nessa inconstância, Luiza, quando a gente... ao mesmo tempo pra gente fazer, ter uma produção de venda, de artesanato, de arte, se a gente for pensar numa geração de renda, é importante ter uma quantidade de trabalhos, mesmo pequena mas que façam um volumezinho.

Luiza: Exatamente.

Karoline: Pra se conseguir avaliar a qualidade e assim vai. Então, é interessante a gente também pensar em projetos além de... pensar diferentes focos, interessante também, ter alguns projetos norte que você possa sempre se dirigir na hora de trabalhar. Por que se não, a gente também vai pra um, vai pra outro, vai pra outro, não constrói uma...

Luiza: Não, não, você fica muito perdidinho, você nunca faz vários e nunca termina também. Tem que aprimorar as ideias, né? Você vê que uma coisa legal sabe você fazer vários bichinhos, é legal, é gostoso de mexer. Mas também não fazer assim ó, ah se ele tem uma fórmula do [trecho incompreensível] e rápido, pô, tô fazendo oitenta, oitenta pecinhas dessas... Não é também isso.

Karoline: Fale, fale sobre o que você pensa.

Luiza: Então, claro, pra vender, daí vamos vender...Ah, acertei um rapidinho dessa forma que monta, vamos fazer vários.

[Vozes atravessadas]

Karoline: Ó o que a Amanda tá falando!

Luiza: Isso mesmo, Amanda.

Amanda É uma peça única ou é uma peça com fabricação de série.

Luiza: Pra venda. Daí, já deixa de ser. Por isso que eu penso já, que graça que tem?

Karoline: Vamos falar então semana que vem sobre isso. Que a arte e o artesanato caminham juntas, mas tem algumas diferenças.

Luiza: Porque na verdade, você precisa se manter, como que você vai fazer uma arte mesmo se você não tiver material? De onde vai vir aquele material? Daquela peça rápida que você faz... Sabe?

Karoline: Ao mesmo tempo não é [trecho incompreensível] tem qualidade, senão não vende.

Luiza: Também não vende, exatamente.

Karoline: Então, são as oitenta peças que tem que ter um rPessoa externa.

Luiza: Nossa, isso daqui eu acho que a gente se daria bem fazer essas peças pra montar uma officininha pra venda...

Karoline: É que a argila demanda também um material que trabalha depois, tem que ter estec, tudo isso, e queima. A gente tem que ter um lugar pra queimar... É, pode deixar sem colorir ou não, daí tem a queima... Porque apenas endurecida ela vai ficar pra gente, ela não vai ter um valor de...

Luiza: De mercado.

Karoline: Não vai ter um valor de mercado porque ela quebra facilmente. Ela tem que ser queimada. Agora, se vocês estiverem interesse em trabalhar com essas coisas na Fundação Cultural do Parque São Lourenço eles trabalham com cerâmica, e é um grupo bem forte ali. Tem diferentes grupos, iniciantes de argila...

Luiza: É tipo um curso, Karoline?

Karoline: Aberto. São oficinas, oficinas de cerâmica.

Amanda É grátis?

Karoline: Então, eles tem uma taxa, e é mensal ou semestral, mas eu acho que eles possuem dependendo, acho que eles possuem alguma bolsa, algo assim. Eu posso pesquisar e trazer pra vocês.

Luiza: Isso seria bem interessante.

Karoline: Mas a Fundação Cultural tem várias... várias possibilidades. Por exemplo, quem gosta de mexer com gravura, é uma coisa que a gente acaba no dia a dia nunca ouvindo falar, mas já ouviu falar sobre xilogravura?

[Vozes atravessadas]

Karoline: Lá também tem oficinas disso, que são bacanas. A gente tem que pensar também o nosso trabalho, com o nosso projeto, em que medida o meu trabalho tá no campo do artesanato, tá no campo da arte ou tá no só prazer, né? Porque... é muito bom isso na descoberta ou quando você quer seguir ele como algo a mais... pra comércio, etc. Por isso, agora, por isso a tarefa de pensar o meu proposta de trabalho, de arte que eu escolhi, como que eu passaria isso pro tridimensional.

Iris: Quem devia saber fazer isso muito bem é o Aleijadinho, né?

Karoline: Sim! O Aleijadinho ele entalhava, né? Na madeira. Então, a madeira você não faz os rolinhos, não tem como. Na madeira ele tinha a peça bruta e ele ia esculpia, Iris. Pensa, ele com o machadinho, ele... tirava o material da peça bruta da madeira, ele ia tirando as lascas de madeira pra fazer forma. É uma outra forma de pensar a escultura. Então, eu tenho a forma bruta pra daí remove o material e construir. Se eu tiro uma lasca a mais do nariz, pronto, você perdeu a peça inteira, não tem como colocar o [trecho incompreensível] no lugar que nem a argila. Outro tipo de [trecho incompreensível] é com pedra, né? O granito...

Amanda Pedra sabão

Karoline: Pedra sabão é mais [trecho incompreensível]

Amanda Eu já trabalhei.

Luiza: Eu já tive bastante peças com pedra de sabão. Eram bem bonitas.

[Silêncio]

Karoline: É um exercício. Não é nada de...

[Vozes atravessadas] [Risos]

Karoline: Olha, esse pássaro me lembrou o pássaro das suas pinturas.

Luiza: Que lindo!

Karoline: Não tem nada a ver ou tem a ver?

Luiza: Tridimensional, né?

Karoline: Tem a ver?

Iris: Acho que tem.

Karoline: Ó, se tá saindo, notem a diferença daqui que eu só consigo ver aqui, que aqui não vejo nada, esse pássaro. Posso pegar ele? Ele me fala de diferentes ângulos. Claro, dá pra fazer um monte de coisa nele, tem um monte de [trecho incompreensível], mas o tridimensional, quando a gente usa a gente faz a gente pensar o nosso trabalho diferentes ângulos. Eu posso pensar aqui, aqui, aqui, aqui e aqui. Isso! Nota dez.

Luiza: Nossa, muito lindo.

Karoline: Tá saindo do bidimensional pra forma... de diferentes ângulos. E esse teu pássaro ele tem bico ou ele é sem bico?

Iris: Tem bico.

Karoline: A gente pode conectar, melhorar a asa pra que ela não caia logo, a gente vai juntando o material, vai grudando, porque se não a chance daqui a pouco de secar e desgrudar é muito grande.

Voz masculina: Isso é por a criatividade e a imaginação pra funcionar nesse troço aí.

Luiza: Mas é tão bom de mexer...

Iris: Aquele pato que eu fiz daquela vez ficou bem balançado. Eu acho que ficou. Eu coloquei as asinhas dele com palitinhos, daí ficava... sabe? Mas [risos]

Karoline: Você gostou daquele. Eu me lembro que você falou no último encontro do pato que você tinha feito. E lembra os pássaro dos seus trabalhos. Sempre tem algum pássaro no seu trabalho, né? Ou patinho na lagoa, ou voando...

[Conversa ao fundo]

Karoline: Então, a proposta de hoje é pensar o nosso trabalho de artesanato que eu escolhi pra ter como projeto, como que seria ele no tridimensional, é um exercício, sabe, Seu Bernardo? Não é nada pra gente...

[Vozes atravessadas]

Karoline: Ah, Walter tá fechando. E ele tá bem grosso a largura do seu pote, né? Se você quiser você pode... espera um pouco, e você pode até tentar puxar... e puxando pra ele subir. Mas daí muito cuidado pra que não faça buraco. E a sua cestaria? Você tá achando mais interessante a figura do que a cesta, né?

[Vozes atravessadas]

Karoline: Se você quiser pensar como que seria a tua cesta, as tramas dela, você pode pensar em fazer os riscos com... Posso ver o que tem embaixo? Aqui tá começando a secar, vai secar rápido, você pode pensar em [trecho incompreensível] Você pode fazer isso aqui, tá vendo que ele vai começar... Tem umas cerâmicas que quando você queima que elas são opacas e outras que são bem brilhosas. Isso! Conforme, antes de queimar a gente trabalha à beça. Minha vó, por exemplo, ela pega, tem um ponto de cura, como se fosse [trecho incompreensível], ponto de cura é quando tá bem sequinho, daí ela passa uma pedra lisa e vai dando brilho pra peça, daí ela depois vai pra queimar a peça...

Luiza: A sua vó faz isso?

Karoline: A minha vó é ceramista.

Luiza: Você herdou um pouco da sua família esse jeito, né? Pra esse campo.

Karoline: Ah, eu acho que como todo mundo, conforme vai conhecendo as pessoas, vai tendo contando. Mas é que minha vó...

Luiza: Verdade. É a vó.

Karoline: É.

[Vozes atravessadas] [Risos]

Karoline: Então, eu não sei se as peças vão durar depois do tempo, ao longo da semana, do mês, tal. Mas, é um exercício pra pegar e sair do bidimensional e pensar no tridimensional o trabalho de vocês.

Luiza: É. Você sabe também o que eu tô trabalhando? O centro do rosto que passa essa simpatia.

Karoline: Como assim?

Luiza: Assim, ó, a colocação dos olhinhos pode ver.

Karoline: [trecho incompreensível] do pinguim...

Luiza: Também, né? Dos ladinhos. Pra você ver a carinha do bichinha ser simpático.

Karoline: Tem alguns que as carinhas ficam meio assustadoras, né?

Iris: Carinha de lontra. Bichinho do mar.

Luiza: Eles são bonitinhos, né?

Karoline: O que vocês estão achando dessa atividade? Sejam aberto.

Joel: Eu tô adorando só que eu tô... minhas vistas tão me atrapalhando.

Luiza: Nossa, mas que lindo! Olha que perfeição o trabalho dele.

Karoline: Tá adorando como, seu Joel?

Joel: Ah, de fazer essas artes assim com argila...

Luiza: Nossa, bem trabalhoso seu trabalho.

[Silêncio]

[Vozes atravessadas]

Karoline: E Luiza (provavelmente confundiu o nome), você, como que tá aí? De alguma forma isso colaborou a pensar o seu trabalho de caixa ou não? Tá muito distante?

Amanda Eu acho que sim, eu tentei fazer [trecho incompreensível - vozes atravessadas / voz da Amanda muito baixa e distante].

Karoline: Então você trabalha de certa forma com o tridimensional? Não fica só na... A decoração envolve a peça tridimensional?

Amanda Dá pra fazer direto aqui, né? Eu posso usar assim. E eu acho que fica bom [trecho incompreensível] aí tem joia... essa aqui tá aberta...

Karoline: Não sei se vai ser possível pegar essas peças porque elas não vão ser queimadas.

Amanda Pois é.

Karoline: Mas é interessante.

Amanda Mas é boa ideia, né? Tem um passarinho...

Karoline: Porque você pode começar o trabalho... Olha aqui, você que falou que parece que tá com interesse em fazer o objetos pra colar, o biscuit é uma possibilidade, que ele não precisa ficar queimado.

Amanda Ah, não precisa?

Karoline: Sabe aquela massa de biscuit? Não precisa ficar queimando, e ela tem esse caráter fofo, de...

Amanda Com maizena... Dá pra fazer em casa.

Karoline: Dá pra fazer biscuit em casa?

Amanda Dá. Maizena, cola e tinta acrílica.

Karoline: Sim. E vocês, o que tão achando? De que forma... Sejam honestos, de que forma será... tá sendo proveitoso? A tua cesta, seu José?

[Ruídos]

Karoline: É outra forma de fazer o volume, né? Enquanto você pega numa trama de... vai construindo...

José: [Voz muito baixa - incompreensível]

Karoline: Ahã. Aqui tá fazendo em blocos... Você fez de minhoca? De placa?

José: [Voz muito baixa - incompreensível]

Karoline: Foi placa. Diferente. Tá fazendo bem resistente o seu, hein?

José: [Voz muito baixa - incompreensível]

Karoline: Ah, pegou o copo de água pra alisar, você já trabalhou com argila?

José: [Voz muito baixa - incompreensível]

Karoline: Um pouquinho? Onde? Na infância? Brincando no barro?

José: Na beira do rio.

Karoline: Que nem minha vó.

[Silêncio]

Karoline: Eu vou deixar então aqui um pouco dessa argila, e vou falar pro Marcelo que ele pode vir aqui pra pegar o material pra fazer pra ele... Daí se vocês quiserem levar pra casa e trazer semana que vem. Mas eu queria que vocês me falassem rapidamente como vocês pensaram no tridimensional na argila o trabalho que vocês fizeram, que vocês escolheram. A Iris foi pelos animais que tão na pintura dela, né? Você escolheu um pássaro.

Iris: Um pássaro, a joaninha, a flor, o coração... [risos] A gente se cansa de ver aquela estátua daquela mulher... [risos]

Karoline: Qual? Qual estátua?

Iris: Daquela mulher que fica lá em Brasília lá no... vi esses dias passando...

Karoline: Sim, sim, na tv. Você se lembrou da estátua?

Iris: Lembrei.

Karoline: De que modo você lembrou da estátua? Se ela tava bonita, feia, interessante...

Iris: Ah, interessante, né?

Karoline: E aí, o que vocês podem me falar de como foi a experiência de mexer na argila?

Luiza: É uma delícia.

Joel: É uma delícia.

Karoline: É uma delícia? E de que forma mexer no tridimensional ajudou a pensar o trabalho de vocês? Falem, falem. Não ajudou?

Joel: Não, é a que a gente... De repente, você [trecho incompreensível] se eu vou fazer de barro, e essa careta aí ficou parecida com aquele que faz o papel lá da Família Addams. O vovô lá.

[risos]

Iris: Acho que tem dias que a gente trabalha inspirada, né?

Luiza: Acho que sim, né?

Iris: Depende do dia. Tem dias mais inspirados, tem dias menos.

Karoline: Ahã.

José: Eu pra argila sou uma negação.

Luiza: Mas é gostoso mexer, né José?

José: [trecho incompreensível]

Luiza: Ahã.

Karoline: Mas, sabe, um dos objetivos da atividade era pensar, por exemplo, a minha cesta, eu construo a minha cesta com palitos de papel, certo? A minha cesta começa por dois palitos de papel. Já na cerâmica é completamente diferente, né? Eu tenho que fazer... [trecho incompreensível] eu vou conseguir fazer uma trama de argila, é um outro modo de pensar. Isso ajuda a gente a entender um pouco mais do nosso trabalho, como que a gente faz o nosso que é diferente do outro... E dependendo do material faz de um jeito, ou de outro, ou enxerga o trabalho diferente. Por exemplo, Iris, você o seu trabalho de pássaros, eu gostei que você fez aquele pássaro grande.

Iris: Você gostou?

Karoline: Porque é... em relação a isso que você tava fazendo você passou a observar melhor os volumes, né? Aquela joaninha tá chapada, tem até um [trecho incompreensível] pra cima que você olha como se fosse uma pintura, você o trabalho como se fosse uma pintura. Já o pássaro, você vê como se fosse escultura. Que tal você levar isso pro seu trabalho de pintura? No trabalho de pintura muitas vezes você



desenha teu pássaro de um jeito, mas já parou... talvez parou pra pensar em pintar seu pássaro visto de outros ângulos? Então... teu pássaro tá pintado assim, né? Sim?

[Vozes atravessadas] [Risos]

Karoline: Mas eu queria ouvir a experiência de vocês além do prazer de mexer com a argila que é realmente prazeroso.

Luiza: Ninguém nem consegue falar, tá todo mundo contente.

Karoline: Nada? Bom, gente, então pra semana que... eu vou deixar o material pra quem quiser continuar. O importante da argila é deixar ela bem fechadinha.

Luiza: Conversar, né?

Karoline: Vários sacos, vários sacos, e o que sobrou bem prensado porque senão vai estragar. Vou falar pro Marcelo vir pra ele vir pegar, vou deixar uns fios de nylon se ele quiser usar. Daí vocês comentam com ele se vocês o encontrarem, das técnicas que ele pode usar pra mexer com argila caso ele venha. E, pra semana que vem, eu quero que vocês tragam o material pra fazer o trabalho de vocês como projeto. Então, vamos começar o projeto de artesanato, de arte de vocês. Tragam o material que vocês usam. E daí a partir disso a gente vai conversar sobre qualidade de trabalho, o que a gente olha no nosso trabalho, pra testar a qualidade dele.

Luiza: Eu fiz uma cestinha também, Karoline. Eu tô fugindo um pouco do... mas depois eu já voltei e fiz uma cobrinha. Tridimensional que nem você quer.

Karoline: Mas todos esses são tri, né?

Luiza: É. Se bem que na pintura a gente pinta bichinho.

Karoline: Mas o que vocês escolheram vocês tem que focar na caixa, na decoração de caixas. Foi um exercício, espero que tenha valido à pena. Então vamos lá, vamos arrumar, lavar as mãos e daí vamos deixar um lugar específico pra guardar, quem quiser leva. (Dirige-se a Isis) Isis, o que eu achei sobre o seu trabalho. Eu queria saber, de que modo você pegou o teu trabalho de arte que você escolheu pra trabalhar [ruído] e passou pra argila?

Isis: Eu pintava natureza, frutas, de repente eu vou um trabalho de [trecho incompreensível]

Karoline: De festinha, de alegria...

Isis: É, fazer pirulito, balinha.

Karoline: Eu gostei da ideia da sua [trecho incompreensível] tem várias camadas... Claro, é só um exercício, mas ele tem várias camadas... Não sei como você fez, você fez com plaquinhas grudando uma na outra?

Isis: Com o dedo.

Karoline: Isso, então placas?

Isis: Uhum.

Karoline: Exatamente. Isso é um jeito muito bom, você pode fazer várias e fica delicado.

[Vozes atravessadas]

Isis: Ó, tem pétala.

Karoline: E é pequeno e delicado, mas ao mesmo tempo [trecho incompreensível]. Espero que tenha sido de certa forma interessante essa experiência. Porque o objetivo era pensar o nosso trabalho de diferentes ângulos, o tridimensional faz a gente pensar sobre diferentes ângulos.

[Ruídos]

Karoline: Ó, aqui você pode alisar, sempre pode... pra ele não ficar rachando... Pilão! Quem falou pilão? Pássaro. O pássaro ele tá mais pro bidimensional como a gente vê ele na pintura. Mas se a gente for pensar no que a argila pode nos proporcionar a gente

pode ver o pássaro de diferentes ângulos, né? E aqui, a gente vê ele, mas se a gente for olhar é um risco, né? [trecho incompreensível]

Isis: Dá pra fazer ele tipo em movimento, né? Porque eu já fiz a asinha bem saliente. Ele em movimento. E aqui a sombra.

Karoline: A sombra. A folha também. Então, nos encontramos semana que vem?

Todos: Sim.

Karoline: Então, traga seu material.

Oitavo encontro

Luiza: Eu não falei.. não disse o que eu ia fazer né?

Karoline: Você tinha falado de decoração de caixas.

Luiza: [incompreensível 00:08] pode ser também, depois eu adoro fazer tudo, né?

Karoline: Não mas pensa assim Luiza, para a gente começar a pensar os critérios de qualidade dos nossos trabalhos, pra gente começar a ver isso. Que trabalho que você está afim de fazer por um tempinho?

Isis: Caixas!

Luiza: As caixas!

Karoline: [inaudível 00:23]

Karoline: Pra gente começar a pensar..

Luiza: Vamos, vamos sim!

Karoline: Porque a Isis falou que lá em Blumenau eles falam, por exemplo, vendo isso, né.

[inaudível 00:35]

Luiza: Pode ser o quê?

Karoline: É, a Isis pode contar um pouco.

Isis: É os trabalhos..

Luiza: A Isis foi lá pra Blumenau!

[ruídos 00:43]

Isis: Foi lindo os trabalhos lá em Blumenau, da Associação lá. Tem uma Associação igual a nossa, sabe? Só que está bombando lá que eu queria de tu vices os trabalhos deles.

Liz: Aqui tá parado demais né, gente do céu.

Isis: Tá, porque todo mundo tem compromisso!

Liz: Sem compromisso!

Isis: Um tem compr... ninguém tem comprometimento aqui com essa via, porque as pessoas só vêm para fazer o curso..

[ruído 01:11]

Isis: Agora que fico eu sozinha aqui, eu não consigo fazer.

Liz: Me conte não foi montado nada pra gente financeiramente.

Isis: Os panos de prato tão alí, ó.. Eu faço crochê..

Liz: Bom, os panos de pratos eu fiz e ninguém se manifestou, né?

[ruído 01:24]

Amanda Bom dia!

Todos: Bom dia!

Liz: Até eu pensei de levar um pra eu pintar a patinha cor de cappuccino que eu vi alí, mas nós já estamos em 2016, eu não sei nem se vão parar no pano, ne?

[ruído 01:43]

José: Para!

Liz: Você acha que para no pano?

José: Para!

[ruído 01:50]

Isis: Essa aqui não é nem tinta de pintar tecido!

Liz: É tinta do quê?

Isis: Não, essa aí não é de pintar tecido!

Liz: Para artesanato!

Isis: Não, tecido ela não pinta!

[ruído 02:18]

Karoline: Bom dia, vamos sentar? Bom dia, vamos nos reunir na mesa, queria ver se alguém tem algum uniforme pra dá.

[ruído 02:26]

Luiza: Aquele potinho do elefante também é considerado [incompreensivo 02:49]

Karoline: Também, aham..

Luiza: Por que é cobertura né?

[ruído 02:51]

Karoline: e daí tem um outro tipo de coração.

Luiza: aham..

[ruído 02:57]

Amanda Ó lá, ó a cara da Karol.

[ruído 03:10]

Karoline: Tem que sair Isis?

Isis: Eu tenho que ir lá ver meus documentos, mas eu volto a tempo, eu vou e volto.

Luiza: Hoje?

Isis: Claro!

Luiza: Nós temos compromisso Isis.

[ruído 03:23]

Isis: Sim, mas eu vou ir e já volto.

Karoline: Então quem temos aqui? Hoje temos então a Amanda, a Luiza, José, a Iris falou que ela está com um problem.. Ela tá com dificuldade em casa pra manejar a diversas atividades que agora estão mais puxadas, na correria com a família dela. Então hoje ela veio dar oi, se explicar e voltou pra casa e talvez ela venha nos próximos encontros.

Luiza: Que bonito, né?

Karoline: Eu deixei guache com ela pra ela pintar, então a guache profissional está com ela, pra ela pintar. E hoje, o que que a gente tinha falado de hoje?

Amanda eu gosto de ficar na ponta, sou muito espaçosa.

Karoline: Isso! Não, vai, já vai se aconchegando. Hoje, conforme até com o que a Isis falou da experiência lá em Blumenau e pensando que acho que agora, na etapa final da nossa oficina, pensando também o que que vocês estão interessados em como se organizar para depois do término da oficina, vocês querem fazer grupo ou algo assim de artesanato, de arte?

[ruído 04:32]

Karoline: Então, bora, nós estamos no oitavo encontro, só temos daí mais dois, depois deste. Né, serão dez. Aí a gente se propôs então a cada um, conforme o projeto de arte que quer fazer, começar a fazer e daí a gente discutir critérios de qualidade e assim vai pra hoje. Então hoje tem que.. vamos nos obrigar a pegar..

Luiza: Tem que fazer alguma coisa.

Karoline: Pegar a mão na massa, né.

Luiza: A vou pegar o tecido lá, que eu gostaria de por na caixa.

Karoline: Durante a semana você fizeram artesanato, arte, alguma coisa?

Luiza: Eu fiz um pouco de crochê .

Karoline: Em casa ou aqui?

Luiza: É aqui também, aí eu trouxe uns tecido pra forrá a caixinha, né

Karoline: Aham..

Luiza: Que mais que eu fiz? Acho que só.

Karoline: E o crochê, você fez crochê pros teus panos de prato? Crochê..

Luiza: Não, não, não, o do meu pano de prato eu terminei, eu assino pano de prato, ô glória!

Karoline: Ah! Você achou o...

Luiza: Eu achei sem querer porque eu fui procurar uma outra coisa e achei o pano!

Karoline: Que bom, melhor...

Luiza: Então, mas eu tô querendo um bico novo..

[ruído 05:34]

Isis: Desculpa atrapalhar, me dá licença um pouquinho, eu vou e volto na mesma volta do ônibus.

Isis: Vai dar tempo de eu ir? Vai dar tempo tranquilo.

Karoline: Tá certo.

Luiza: Tá matando aula.

[ruído 05:43]

Karoline: O que que você está fazendo de crochê?

Luiza: Eu terminei o pano de prato né, mas eu fiz bem simplesinho. Só que a Isis vai me ensinar um mais bonitinho. Eu tenho a revista, esqueci de trazer o negócio lá que endurece o crochê.

Karoline: A goma?

Luiza: É mas eu tiv.. eu trouxe muita coisa e é muito, sabe, peso pra carregar muita...

Karoline: E eu vi que vocês mudaram de lugar, como você estão organizando?

Luiza: Ele foi tirado tudo aqui em cima da mesa, não sei porquê. Daí ontem, como teve uma reunião aqui, o Bernardo tirou de tudo de cima da mesa e devolveu, só que a parte que você trabalha que ficou lá embaixo não tinha sido mexida. No que eu entrei eu já bati o olho e pensei: “nossa, ainda bem que as coisas da Karoline está ali né”.

Karoline: Sim!

Luiza: Porque tava tudo aqui em cima da mesa. Eu acho que foi tirado para ser organizado e não foi..

Karoline: Daí ficou.

Luiza: Foi largado.

Karoline: Pois é..

Luiza: Aí o Bernardo já ficou... Devolveu ali sem critério, né!

Karoline: Porque é bom conforme vocês forem fazendo algum tipo de trabalho organizar pra que todo mundo saiba.

Luiza: Aonde que está, exatamente.

Karoline: E assim, o material já está disponível para todo mundo e o material do tipo: “deixei aqui para finaliz.. para fazer o meu trabalho, não mexa!”.

Luiza: Exatamente!

Karoline: Né, por exemplo, você traz várias... a Amanda traz vários materiais que é pra todos, conforme o interesse, os panos, que pode usar à vontade, mas se algo específico ela tá trabalhando, que ela não vai quere que peguem.

Luiza: Que é pro serviço dela, é verdade, daí não pode mexer

Karoline: Então vai ter que ver um jeito, talvez etiquetassem

[ruído 07:18]

Karoline: né, colocar uma etiquetinha falando o nome do que é cada coisa, talvez seja um jeito. Bom está muito gelado...

Luiza: Acho que conversar com o Jucelino, também, Karoline, porque como ele fica mais tempo aqui, e a gente não fica, também, o tempo todo.. Porque daí ele tem essas informações.

Karoline: Então gente eu trouxe alguns livros de artes, especialmente pra Iris, também, que queria pintar, mas para você Liz também pode ser interessante. E vamos lá trabalhar então? Todo mundo tem material? Você vai desenhar então né Liz?

José: [ruído 08:00]

Karoline: Isso!

Liz: será que alí não tem nenhum girassol?

Karoline: Deve ter, quem quer dos girassóis? Quando um artista assim.. Pra gente... que normalmente se lembra muito dos girassóis? É o Van Gogh, sabe?

Liz: Eu achei que fosse o outro lá.. sabe? Esqueci o nome dele..

[ruído 08:20]

Liz: Não vou lembrar o nome dele agora, minha cabeça nem tomou a vitamina...

Karoline: A gente já se lembra então...

Liz: Van Gogh então!

Karoline: Isso, não mas têm outros que pintam, mas normalmente, que eu me lembro assim é o Van Gogh que pinta girassóis, mas tem diversos..

Liz: Ah, mas que bom, já tem uma referência.

Karoline: É. É, então, cada um vai pegar e começar sua proposta, eu vou estar passando..

Luiza: Você não trouxe cola? Você me empresta né?

Amanda Eu pego daí.. Eu tinha uma cola que eu trouxe e deixei..

José: Não é essa?

Amanda Ah é essa!

[ruídos 08:54]

Liz: Eu num gosto desse quadro, mas todo mundo diz que é maravilhoso..

Karoline: Lembram quando a gente começou a falar sobre experiência estética? E de tudo mais? Além do gostos, o gostos por, né.. pensar o que me atrai, quais são as características de um trabalho que são interessantes? Ou que eu não acho interessantes e assim por diante, justificar nossos gostos.

[ruído 09:40]

Liz: Olha que é uma coisa que eu acho que não vou aprender tão cedo, profundidade..

Karoline: Com perspectiva, acho que é o que você está querendo trabalhar..

Liz: Isso, perspectiva!

Karoline: Você não tava na época que a gente trabalho um pouco com desenho, né?

Liz: Acho que não.

Karoline: Você veio mais tarde.

Luiza: Que linda essa caixa aqui..

[ruído 09:58]

Luiza: E você pode procurar..

[ruído 10:08]

Karoline: Gente, eu tenho potinho e prato, se precisar, tenho pano de prato..

Luiza: A gente vai pegar!

Liz: Puxa! Tá demorando para chegar no girassol.

[ruído 10:36]

Liz: Ó esse é o tipo de desenho que eu não gosto.

Karoline: Por quê?

Liz: Não me atrai!

Karoline: O que que não te atrai?

Liz: Pessoas não me atraem, muito colorido, esses coloridos meio nada a ver, sabe eu gosto de coisas mais vivas.

Karoline: Você tá falando em nada a ver, meio artificial? Fora da realidade?

Liz: Isso, eu acho assim, ele não tem vida. São tons que não traduzem pra mim uma coisa gostosa, não me passa uma sensação boa.

Karoline: Esse livro que você pegou, “Estudo sobre a arte”, eles trazem quase um compêndio sobre a história da arte. Então isso no ano 1410..

[ruído 11:21]

Liz: Ah, então praticamente era a rena ainda?

[Risos 11:24]

Karoline: Eles [incompreendido 11:25] e sim conforme vai passando as cores ficam desbotadas, como é o caso pode ver que tá atrás comido.. corroído. Fizeram cores chapadas [incompreensível 11:40] você fala de dar perspectiva né? O corpo não tem [incompreensível 11:45] ele é mais chapado.

Liz: Isso, eu não gosto de coisa.

[ruído 11:51]

Liz: ...Torraram patrimônio histórico.

Karoline: Sim, patrimônio histórico está cheio

[ruído 12:01]

Karoline: Dá alergia?

[ruído 12:05]

Liz: Aí vão reformar, reformar, aí só gastam dinheiro, não reformam coisa nenhuma... Me revolta esse desperdício!

[ruído 12:25]

Liz: Ó, vê? Essas aqui já são mais alegres, mais.. Essa é uma coisa mais real, né?

Karoline: Fique olhando e pensando: quais são os elementos que me atraem? Quais são os elementos que não me atraem? Muito bom os seus comentários! Aqui tem o período mais moderno, aqui tem flores por exemplo. É uma flor. A paisagem dos impressionistas, né. Se quiser pegar gente um banquinho, quem precisar de um banquinho aqui tem um. Normalmente, o meu trabalho, até eu engatar a segunda no meu trabalho, ne, começar demora, mas daí quando engata a segunda dá vontade e da vontade de continuar, continuar, continuar..

Luiza: Verdade!

Liz: Começar uma hora antes então pra começar no horário, né!

Karoline: É, exatamente. Semana que vem gente, nove horas, o que todo mundo já tá fazendo, já fica fazendo.

Luiza: É, bom chegar cedinho, né.

Karoline: Eu tinha comentado semana passada.

Liz: E você tinha que escolher bem o inverno pra dar isso.

Valquiria: É, Exatamente!

[ruído 13:34]

Luiza: Ai que linda, já tá prontinha.

[ruído 13:38]

Luiza: [incompreensivo 13:41] você pode fazer no tamanho, né.

[ruído 13:48]

Luiza: Eu esqueci de trazer a minha fita métrica, por causa que tem lugares que tem que medir.

[ruído 13:54]

Liz: Pode ser, eu gosto de girassol e acho que vai ser um desafio para mim. A tulipa eu consegui pintar. Lógico que não é um quadro desse né, mas eu consegui. E aí não sei dar essas pinceladas pra definir a pétala, eu acho que o girassol vai ser bem..

[ruído 14:11]

Karoline: É, tem muitas pétalas, né!

Liz: Muitas e a pincelada que vai fazer a pétala, é?

Karoline: Sim. Agora eu acho interessante muito essa proposta sua de p... já que você não trouxe tela, de desenhar. Você pode desenhar várias.. Tem que desenhar primeiro..

[ruído 14:30]

Liz: Daí eu não vou fazer um desenho, já vou..

Karoline: Então com o lápis você pode experimentar, agora o que eu acho interessante é pegar uma imagem.. não uma imagem, mas pegar a flor pra observar, pra depois a gente poder desenhar. E temos algumas folhas ali.. ó, esse papel é muito bom, é um canson, mas o material é melhor pra desenho. Ele tá aqui, não é tão branco né?

[ruído 15:01]

Karoline: que é esse lado aqui. Aqui não sei você.. Acho que você não tava no grupo quando conversamos. Nós temos lápis de diferentes.. diferente qual.. diferentes qualidades, temos o H, aqui é o B, 6B, grafítimo.

Liz: É.. ele vem apontado. Acho que qualquer um dá certo!

[ruído 15:30]

Liz: Eu não gosto de ponta grossa!

Karoline: Desenho a gente pode até fazer desenho com caneta Bic, não é a [incompreensível 15:48] tem que pensar assim, pra que que eu quero? qual o material mais adequado?

[ruído 15:56]

Luiza: É mesmo!

Liz: Então, falando lá das cores..

Luiza: Fica bem bom né?

Liz: Eu não gosto de tinta acrílica, prefiro tinta óleo, porque ela tem aquele brilho especial, né? Só tem o problema da secagem. Mas eu prefiro a tinta óleo, tanto que eu estou comprando só tinta óleo!

Karoline: Só tinta óleo.

Liz: Eu tenho tintas acrílicas, mas pra minha sobrinha, porque eu vou comprar uma pra mim e uma pra ela, né.

Karoline: Precisam fazer juntas!

Liz: Tem, tem, e não adiante, tudo que eu faço ela também quer fazer. Aí.. tem que ficar prevenido.

Karoline: Então eu te aconselho.. Não sei qual é o teu processo de..

Liz: Eu, se eu te digo que eu não tenho a menor ideia do meu processo.. Que eu nunca desenhei.

[risos 16:47]

Liz: Sabe aquele negócio lá chamado carbono?

[risos 16:54]

Karoline: Então Liz, vamos fazer o seguinte, como desafio, antes de a gente falar sobre o [incompreensivo 17:02] de desenho, desenhe! Mas eu queria... é.. Luiza, será que nós temos alguma flor aqui?

Luiza: Flor?

Karoline: Flor de verdade.

Wlaquiria: Não, talvez ali, ó, esse.. tá vendo esse vermelho ali? Isso! O mais próximo.

Karoline: Aqui?

Luiza: Também. Nossa descobri que a tesoura não corta.  
Karoline: Mas flor de verdade não temos, né?  
Luiza: Não.  
Karoline: Precisávamos de algo de verdade.  
Luiza: De verdade! entendo você. Sabe, é..  
Liz: Você quer foto de flor?  
Karoline: Liz, não..  
Luiza: Você tem alguma?  
Liz: Eu tenho foto!  
Karoline: Estão como?  
Liz: Aonde?  
Karoline: Posso lhe dar um desafio antes Liz?  
Liz: Ah, mas se tá muito sem juro, parece tão simples!  
Karoline: Simples?  
Liz: Ó aqui.. É! Faz um.. faz um galhinho e daí..  
[ruído 17:47]  
Liz: Tu entendeu né? Não, eu sei.. lindo!  
Karoline: Não eu digo, eu gostaria que você..  
Liz: Eu gostei desse arranjinho, ele foi bem feito.  
Karoline: Faz muita... Como a gente trabalhou na questão estética faz muita diferença a gente pegar..  
Liz: Ó aí ó, vai colaborar comigo, vai fazer um girassol!  
Karoline: Pra gente pegar da natureza ela própria e não a imagem, porque a imagem já é uma leitura..  
Liz: Mas, daí entra a perspectiva.. Se eu vou ver ela natural.. Entra um negócio que eu não consigo fazer, a perspectiva, lá do fundo, da lateral, sabe?  
Luiza: Essa tesoura não corta nada! Por quê que eu não trouxe a minha tesoura de corte?  
Karoline: É?  
Liz: É, pois eu só desenhava bonequinho palito, né. Eu não desenhava a mão, não desenhava pé, entende?  
Karoline: Mas é só.. Eu vou te falar Liz, é o mesmo... Quando você vê uma imagem assim.  
Liz: Áhn?  
Karoline: E você tem a flor aqui, a única diferente é, se você quiser, você recorta com um quadradinho e [incompreensivo 18:47] e ela tá a mesma tal como a imagem. Não vai fazer diferença. Só que aqui você pega e vê exatamente... e quando você tá desenhando e você tem a flor em três dimensões, você vira.. você dá uma voltinha, você olha de cima, você olha de baixo e aqui não, de tudo onde você olha vai ficar a mesma coisa, né? Porque aí..  
Liz: Então eu acho que é melhor eu desenhar aquele vasinho lá de casa mesmo! Porque daí eu já aprendo a desenhar um vaso.  
Karoline: Éh... É importante desenhar a natureza, vamos fazer vários desenhos, você tem muito tempo e não tem problema de gastar bastante papel, nenhum.  
Liz: A é? Beleza!  
Karoline: Sim! Porque uma das coisas que a gente acaba não nos permitindo é errar, é experimentar..  
Liz: E.. é que eu não gosto de apagar  
Luiza: Mas tem que fazer, né!  
Karoline: Já fica sem borracha.  
Luiza: Tá!



Karoline: José, tudo certo?

José: Tá..

Liz: Vou tomar o nosso mate cara, pra inspirar!

Luiza: Tá aqui ó.

Liz: Gelado! A Isis disse que eu posso levar aquelas [incompreensível 19:59], deixa aí então.

Luiza: Tá.

Liz: Aquelas acrílicas ali, que não dá pra usar aqui

Luiza: Não?

Liz: Não dá porque estão vencido, né! Daí vou levar pra minha menininha brincar.

Luiza: Aham.

Liz: Que as minhas de tecido ela tá acabando!

Luiza: A mas aí não dá!

Liz: Não olha a ideia, ela tem que ser criança! Ela queria fazer uma cidadezinha, aí veio aqueles rolinhos de papel toalha, rolinhos de papel higiênico.. Ela não me vem com a ideia de pintar tudo? A minhas tinha de pano de prato..

Luiza: Humm?

Liz: Nossa!

Luiza: Foi pro [incompreensivo 20:29]?

Liz: É! Eu falei: “mas meu amor!” ó lá, vermelho tinha só um tantinho assim, tive que ir lá comprar tudo agora.

Luiza: Uhum..

Liz: Pintou a cidade inteira!

Karoline: Estão criando! olha tem uma coisa que as crianças tem, que é uma.. não ficam.. uma coisa que nós temos que aprender com as crianças.. a recuperar, é a nossa habilidade de ser mais espontâneo na nossa pintura ou desenho, trabalho sem aquele medo de errar, né! Eles estão mobilizados a fazer..

Liz: Não.. E ela acha que tudo eu sei fazer!

Luiza: Aham!

Liz: Ela um dia me veio com a boneca: “Tia rasgou minha boneca aqui, você conserta né?”

Luiza: Tudo você sabe.. vai dar certo.

Liz: Tudo! Outro dia o braço da boneca tava caindo: “tia você conserta né? Na máquina ou você passa cola?”, o pai dela não podia fazer isso? Aí outra vez: “tia agora ficou frio, você faz roupinha pra minha boneca?” Nossa! fazer roupinha pra boneca? Um desafio, porque é um negocinho muito pequenininho! Tudo então ela pensa.. Daí outro dia ela queria que eu fizesse uma casinha pra ela, mas uma casinha de verdade, mas ela quer pra ontem! Ela não tem paciência de esperar eu pensar como é que vai ser o negócio..

Karoline: Sim! José, você quer um pincel? Te ajuda?

José: Não..

Karoline: É melhor palito mesmo?

José: É!

Karoline: Eu esse pincel aqui, mas acho que não vai..

José: É que eu tô emendando, vou fazer um pouquinho maior..

Karoline: Tá certo.

José: Daí eu tô emendando aqui..

Karoline: Tá certo.

[ruído 21:57]

Karoline: E.. você tá pensando... Quando você começa a fazer você já tem um tipo de cesto na cabeça?

José: Eu vou ver se passa se.. fazer um desse tamanho assim ó, um pouco menor.  
Karoline: Ah! Legal! E o [incompreensivo 22:13] vai por dentro ou por fora? Por fora.  
José: Vai por fora. Daí eu faço o fundo dela.  
Karoline: Uhum.  
José: E depois eu viro aqui, aí vou trabalhando como aqui no molde.  
Karoline: Bacana! Daí vamos conversando.  
José: Aí depois dá pra fazer quadrado, redondo..  
Karoline: Aham!  
José: Vou fazer um redondinho! Por isso que eu tô emendando, que aí você calcula mais ou menos o tanto aqui..  
Karoline: Uhum..  
José: E a sobra do lado.  
Luiza: Linda essa peça aí Jurandir! José!  
José: ãhm?  
Luiza: Linda essa peça!  
José: Aí se quiser fazer maior...  
Karoline: Se quiser fazer maior o palito tem que ser..  
José: Aí a matriz embaixo é que faz a.. o fechamento tem que ser da altura.. do tamanho..  
Luiza: Amanda, vou [incompreensível 22:54] pequena.  
Karoline: Assim?  
José: Isso!  
Karoline: Daí esse tem que ser maior.. ah...  
José: A base assim!  
Karoline: Olha! Estou aprendendo bastante, gente!  
José: Isso aqui é fácil de fazer!  
Karoline: É fácil porque você tem a técnica já!  
[ruído 23:07]  
Liz: Mas eu vou, pra fazer o vasinho.  
Karoline: Liz! Você vai usar.. você escolheu a fotografia do teu celular, isso mesmo?  
Liz: É eu vou.. Eu não tenho outra saída no momento! [ruído 23:18]  
Karoline: Então pegue a fotografia do teu celular!  
Liz: Eu queria fazer de cabeça!  
Karoline: Quer fazer de cabeça? Então tá bom!  
Liz: Eu sei que o vasinho eu vou [ruído 23:24]  
Karoline: Então assim, você tá.. olha sem o comprometimento de fazer o vaso, você está no momento de processo artístico, o que é isso? De, por meio da sua expressão livre tentar desenvolver esse arranjo. Se você quer fazer por cabeça, faça por cabeça e daí depois a gente faz outro exercício de ir olhando e assim vai, tá bom?  
Liz: É, eu quero só assim ter uma base, dar uma olhadinha nele, porque igual não vai ficar né?  
Karoline: Então vamos fazer aqui ó, deixar um..  
Liz: Ó vai ficar mais bujudo, mais gordinho, daí aqui embaixo ele tem um negocinho, né? Um.. [incompreensível 24:06]  
Karoline: Muito bem.  
Liz: Às vezes saiu o outro lado..  
Karoline: Você viu o lápis que você escolheu, o 2B? Ele é mais seco.  
Liz: Ah era o que tinha mais ponta!  
Karoline: Isso! o 6B ele vai ficando.. Esse daqui ele é um grafite bem forte, esse vai ficando mais claro, o H fica.. vamos ver se temos o H.. 4B, 8B..

Liz: Ó não sei pra que inventar tanta coisa, né?

Karoline: Porque conforme o tipo de desenho você consegue mais trabalhar os cara e sombra com o esfumaçado, ou você só consegue fazer linhazinha, você consegue toda a linhagem que você precisa..

Liz: Ó, esse aí era bom pra desenhar as penugem...

Karoline: É, viu?

Liz: Né?

Karoline: Aham, então você, conforme vai criando habilidade..

Amanda [Pergunta algo 24:51]

Liz: Não Amanda, obrigada, eu quero um girassol.

Karoline: Vai usar o do celular Amanda. A Liz quer um girassol. Mas eu digo, Liz! trabalhar com a planta em si...

Liz: Sim, eu já [ruído 25:04] desse lado, eu nem sei.. sempre.. de um lado e de um lado, eu não consigo.. eu vou pra um lado bem, mas pro outro não vai..

Karoline: Talvez use o exercício antes então? sem medo de... com a mão esquerda.. pode levantar.. pode levantar... com a mão esquerda pode fazer redondos, no teu papel, pequenos, grandes..

Luiza: Você tem pedacinhos de pano?

Karoline: fica bem livre pra fazer.. grande pequenos e vai mexendo, ó não pode desmunhecar.. isso.. e agora pode fechar os olhos também, experimente com os olhos fechados fazer. Lembre-se quando você faz, como que tá... todo o teu corpo em relação a.. ao papel? E desmunheca e faz, ó pode aproveitar, experimenta, você pode fazer um bem pequeno, você pode fazer um grande. Vai! E depois você pode fazer com a mão direita, mas primeiro com a esquerda. É um exercício, isso ajuda a ficar com a mão mais solta.

Liz: humm!

Karoline: Amanda posso te...

Amanda Ah tá ali o vaso

Karoline: ... ajudar com alguma coisa?

Amanda Sim, eu achei.. é..

Karoline: Temos vários lápis aí?

Amanda ..eu não achei papel carbono.

Karoline: Papel carbono? Não tem!

Amanda Não tem?

Karoline: A Liz também queria papel carbono

Amanda Eu trouxe, mas eu não sei fazer

Karoline: ah! Você trouxe!

Amanda Uhum. Tava dobrado mas...

Luiza: Né porque é, é foi quem eu falei, foi mexido!

Amanda Foi tudo mexido né?

Luiza: Foi, e daí..

Amanda eu tinha posto aqui! As folhas estavam aqui..

Liz: Igual as Florzinha, né?

Luiza: Por isso que seria interessante Karolina comentar com o Bernardo pra que isso não ocorra, porque senão a gente não se acha.

Karoline: Sim!

Liz: Se vê, arrumamos tão bem lá dentro, vai lá ver agora.

Luiza: É! Então tem que descer o comentário, sabe?

Karoline: Uhum!

Luiza: Penso eu.

Liz: Mas por que que tira se não é pra organizar né?

Luiza: Porque ele falou..

Liz: Tem que deixar no lugar!

Luiza: Porque ele comentou, a pessoa que tirou e daí sumiu do mapa..

Liz: Mas quem que pode ter tirado se é só nosso?

Luiza: Nem parece que foi o [incompreensível 27:18]

José: Aham!

[ruído 27:19]

José: Aí aqui agora só saio com um deles. Pode ser [ruído 27:25]

Luiza: Olha que maravilha! É daquele tempo mais antigo que tinha isso aí, né? Não sei se ainda tem.

Liz: É, goiabada [incompreensível 27:30]

Luiza: Eu não sei se você se lembra do catupiri, que era numa latinha de madeira.

Liz: Ah! Aham! Legal né!

Luiza: Nossa muito massa!

Karoline: José! e você me diz que isso é simples!

José: Não mas [incompreensível 27:43]

Luiza: Do sabonete Phebo também!

Karoline: Vi.

José: [incompreensível 27:46]

Luiza: Era numa caixinha de madeira

Liz: Ah! A gente fazia, mas não apertava ele assim! Ele tava redondo, é muito mais difícil de trabalhar, assim é melhor!

Luiza: Aham! era uma caixinha de madeira parecida com essa, compridinha, cabia parece que 34 sabonetes.

José: É!

Liz: Ele vai pegando forma.

[ruído 27:57]

Luiza: Minha mãe comprava bastante sabonete, essas caixinhas sempre [incompreensível 28:00] Porque daí criança, né, detonava.

Karoline: Vi! Acho que vi. Aham, tô olhando! pode ir fazendo que eu..

José: É? E aqui esse aqui! Você viu que eu cruzei quatro pra lá e quatro pra cá. Quatro aqui, quatro aqui e quatro ali.

Karoline: Uhum!

José: Ali ficou três porque eu sai com um daqui.

Luiza: Ah! olha o que dá pra fazer! Sem carbono...

José: Aí agora vai virando, é esse por baixo.. aí você trabalha só com esse aqui agora, os outros ficam parados e vai puxando..

Luiza: Eu acho que vai precisar.. forrar de branco igual e forrar

José: Já começando a outra também, por baixo! Tem uns que trabalham muito rápido e já vão puxando.

Karoline: Vão puxando e vão fazendo.

José: É. E agora aqui você vai começando a abrir eles. Colocando eles já na.. Aí faltou e coloca.

Karoline: Já vai emendando<sup>1</sup>

José: Vai emendando naquele dali só.

Karoline: Que interessante!

José: É que eu trabalhei como a mão...

Liz: É! com a mão direita ficou mais redondinho!

Karoline: Você fez aquele exercício que eu te propus? Experimentou com a direita?

Liz: É, com a esquerda ficou melhor fazer agora. Ó! tô quase me sentindo uma canhota.  
Amanda Será que tem alguém?

Karoline: É o vento!

Liz: É só ele!

Karoline: Ótimo! Você [incompreensível 29:51] no que a gente faz, hoje trabalha com pintura, ou estrutura, um pouco de design e não tanto artesanato, é uma forma de a gente ficar mais solto no nosso gesto antes de desenhar, que a gente fica muito cheio de repreensão.

Liz: E agora descobri outra coisa!

Karoline: O que?

Liz: É melhor desenhar primeiro o lado que eu sempre erro do que começar pelo outro. Olha aí, ó, a diferença, como é que eu vou desenhar um vaso desse?

Karoline: [incompreensível 30:17]vai corrigindo, não tem problema, depois você pode pintar o fundo, qual é o fundo? o fundo tem uma cor atrás no vaso. Você vai fazendo o fundo e assim vai. Arrisque-se Liz! Depois a gente... você pode gastar o quanto papel que você quiser, pro teu girassol. Agora o melhor seria se a gente tivesse uma flor de verdade aqui pra gente se basear, faz muita diferença isso!

Liz: Aham.

Karoline: Acredite em mim!

Liz: Vai ser um vasilho menor, bem menor..

Karoline: Porque a.. veja! Aí quando a gente tá com a flor real ela nos dá muitos detalhes e diferentes perspectivas. Quando a gente está só com uma imagem a gente não tem essas diferentes perspectivas, a gente não tem os detalhes, a nossa experiência estética ela não fica.. Ela só fica no bruto, você não tem..

Liz: Aham! É que só temo aqui é pé de alface. Flor no momento não tem!

Karoline: Ótimo! Vou ver se eu vou pegar um pé de alface pra gente trabalhar depois. Pode fazer o teu girassol, eu vou lá pegar o pé de alface.

Liz: Ganhei uns bem bonitinhos!

Karoline: Eu vou lá depois pegar! E daí conforme você for daí eu vou dando..

Liz: Beleza!

Luiza: Karoline! Sabe uma coisa que eu.. por pura..

Karoline: Que lindo esse pano!

Luiza: Maravilhoso né! Por pura .. Não é por pura preguiça! É que ia demorar demais! Embaixo ele tinha que ser colocado em uma folha branca!

Karoline: É!

Luiza: Exato!

Karoline: Por que [ruído 31:48] cancelar?

Luiza: E fazer direitinho?

Karoline: É! Ou pintar daí..

Luiza: Mas eu também estou com uma tesoura horrível para cortar tudo!

Karoline: Mas ele sair ainda? Se for..

Luiza: Sai, Sai eu acabei de colar!

Karoline: Ainda essa imagem a gente vê, né! Imagine, pra vender não vai dar, né!

Luiza: Não, não vai dar! Então eu vou cancelar. Só que daí esse pano acho que é um abraço pro gaiteiro!

Karoline: Será?

Luiza: Talvez!

Karoline: Não, não vai, vai dar certo, qualquer coisa lave, é escolar. Quer que eu lave lá?

Luiza: Não, não, não deixa que eu.. [incompreensível 32:20]

Karoline: Então você tem tinta branca?

Luiza: Temos! Só que daí você entende que daí vai ter que secar e blablabla?

Karoline: O paninho? A caixa?

Luiza: Não, a tinta.

Karoline: Sim, vai ter que secar, se tiver outra caixa dá pra fazer várias... então aí que é legal, né.. Depende do tipo de artesanato você precisa em série e outros não. Nesse caso dá pra fazer em série, vai fazendo.. Agora se a gente.. Porque senão depois você vai falar tipo assim: "Ai meu Deus, porque eu não.." Se.. Uma folha branca cobre bem será?

Luiza: Cobre!

Luiza: Eu preciso de uma folha branca..

Ka: Ou é melhor tirar?

Luiza: Não, uma folha branca! Sabe de uma coisa, eu esqueci de trazer fita métrica..

Karoline: Esse verniz? Não esse é verniz. Tô mexendo nas tintas e nem sei o que que tem.

Luiza: É! Mas a fita métrica é bom porque ela é molinha, ela vai em qualquer cantinho..

Karoline: Não quer tentar aquela tinta fosca? Eu tô com medo que não cubra! Se acha que não fica..

Luiza: Tá, então vamos pintar, só que eu passei a cola aqui embaixo, né! Tudo bem?

Karoline: Não tem problema!

Luiza: Então vou pintar, pronto!

Karoline: Porque aqui também tem, né?

Luiza: É, mas aqui.. mas aqui eu ia fazer colagem.

Karoline: Bem em cima?

Luiza: Bem em cima! É uma coisa trabalhosa na verdade, não é assim.. tipo..

Karoline: Aham! E você vai fazer com todos os lápis?

Luiza: É, daí fazer tipo um trabalhinho em cima, sabe?

Karoline: Uhum!

Luiza: E aqui é só aqui dentro.

Liz: Ah! que legal!

[ruído 33:46]

Karoline: Então você vai pintar aqui, em cima, embaixo, aqui dentro você vai..

Luiza: Aqui eu vou colar com papel. Aqui vai ser, por exemplo, eu vou colar o tecido no papel, fazer o recorte pra colar aqui.

Karoline: Sabe porque...

Luiza: Eu ia colocar uns coraçãozinho tá?

Karoline: Uhum, só num lugar?

Luiza: Isso só num lugar!

Karoline: E aqui atrás a [incompreensível 34:05]

Luiza: Ah também! Pode ser, pode ser também.

Karoline: Tá certo, então pintar você vai pintar aqui em cima e embaixo...

Luiza: E aqui dentro.

Karoline: Então tá certo.

Luiza: Não é verdade?

Karoline: Eu acho que é só uma camada de tinta..

[ruído 34:21]

Luiza: Se ela for boa acrílica [ruído 34:22]

Liz: Giz de cera, eu vou fazer outro desenho, esse aqui eu só tô.. Acho que hoje nem vou pintar, não vai dar tempo!

Amanda Não dá né!

Luiza: [incompreensível 34:31]

Karoline: Não sei, mas acho que deve ser transparente pra você. É, daí aqui é transparente. Mas ó, tinta fosca, mate, látex.. esse daqui poderia ser [ruído 34:46]

Luiza: É, mas ele é outra cor, né? Daí já dá diferença.

Karoline: Diferença?

Luiza: É que se a gente colocar o...

Karoline: Ó esse aqui tá fechado..

Luiza: A gente colocar o tecido em cima, por causa que ele é dessa cor. Ele altera a cor do tecido.

Karoline: Ah, entendi! porque é branquinho, né?

Luiza: É, por isso que eu achei melhor o papelzinho..

Karoline: Então vamos fazer, vamos com o papelzinho.. E também Amanda, você não tá fazendo caixinha, você tá fazendo pano.

Amanda É porque esse já está assim terminado e eu achei bonito.

Liz: Você conseguiu desenhar?

Amanda Não, foi a Isis, eu não sei fazer esse acabamento!

Karoline: Que legal, porque olha essa daqui.. foi você que teve a idéia de fazer o Garfield? Ou já tava o Garfield?

Amanda Essa aqui ó..

Karoline: Porque, gente! combina muito bem esse fio marrom com o Garfield, tem tudo a ver. Você pensou nisso? ou foi.. por exemplo, uma flor não combina tanto acho que com esse, mas o Garfield..

Amanda É, é da mesma cor.

Luiza: Karoline você viu uma folha branquinha pra mim escrever?

Karoline: Vou procurar, aham.. eu tava..

Liz: Eu tava tentando fazer meio parecida mas esse é bem igual né?

[ruído 36:00]

Karoline: É!

Luiza: Com os porquinhos.. Ah tá você deixou, né?

Karoline: Eu não sei se tá aqui nos potes de vocês, tomara.

Liz: [incompreensível 36:11] sumiram?

Karoline: Tomara.

Luiza: Ó aqui ó, eu achei um grosso aqui..

Karoline: Tenho, ufa!

Luiza: [incompreensível 36:22]

Karoline: Posso pegar aquela cesta José pra deixar em exposição pra gente pensar?

José: Pode.

Karoline: Nossa aqui tem meia..

José: Tem de udo aí dentro..

Karoline: Esse foi você que trouxe? não, colocaram..

Liz: Ó Amanda achei essas daqui.

Amanda Ah, legal! As tintas?

Liz: É, as tinta pra tecido.

Amanda Tá, obrigada. Ah, essa não, essa [incompreensível 37:04]

Liz: Ah é?

Amanda Tinha esquecido também.

Liz: Eu nunca vi essa marca ali, essa outra, essa outra ali do potinho eu não conhecia.

Karoline: Se quer que eu traga um pote maior de água eu tenho, fica a vontade.

Liz: Ô Karol!

Karoline: Oi?

Liz: O meu vaso, esse aqui, virou isso aqui!

Karoline: Olha que bonito!

Liz: Daonde?

Karoline: Isso daqui você não acha bonito?

Liz: Não!

Karoline: Perceba! esse é um desenho bem sintético, clean, limpinho digamos assim. Ele não tá dando volume, correto? Você não tá fazendo.. mostrando volume, né?

Liz: Uhum!

Karoline: Você tá trabalhando com as linhas, contornando. Pro pano de prato, eu preciso ficar dando volume no desenho?

Liz: Não!

Karoline: Não, porque senão eu estrago o pano de prato e vai ficando com a tinta, é o caso da Amanda, que fez a cópia, ela não fez com o papel carbono, ela fez com a mão dela, né?

Liz: Não! Fez na janela, não vem de história!

Karoline: Ah você na janela?

[risos 38:11]

Liz: Você queria me enganar!

Karoline: Mas é que a Amanda faz assim de olho, a Amanda faz de olho

Liz: É que hoje ela está preguiçosa!

Amanda Às vezes faço, mas hoje não.

Karoline: A Amanda faz de olho, então ela fez na janela, uma boa ideia porque aí pega bem certinho.

Luiza: Você vai revestir ele José?

José: Vou.

Karoline: Então ele tá aqui, agora você quer pra apr..porque você fala que tem interesse no desenho, quer desenvolver mais seu desenho além do desenho clean?

Liz: Sim. Eu quero que ele vire um desenho realista.

Karoline: Realista, nossa, então arrisque-se nele!

Liz: Eu quero que ele fique assim!

Karoline: Aham, que ele fique assim, tal e qual. É, eu acho um problema, porque a gente tá falando de uma imagem e eu só notei.. Olha que interessante, você menorzinho, porque também, que lápis [incompreensível 39:00] Mas o menorzinho a gente é de certa forma mais fácil pra dominar, né? por quê? Quando eu vou fazer luz e sombra, se eu tenho uma área muito grande eu tenho que fazer uma maior gradação da minha luz, pra minha sombra. Isso envolve mais domínio, né? Quando é menor, a gradação tem tamanho menor pra fazer, né? Então você dá mais.. está a conta mais rápido. Eu só vou.. acho que você não estava aqui.. só vou fazer uns riscos aqui.. com luz e sombra você imprime o lápis.. normalmente a gente pega ele assim.. pra ser bem milimétrico, pra não ter nenhuma... faz assim né? normalmente a gente faz. Mas pra gente ter um.. o pessoal do desenho artístico fizeram esse trabalho com o lápis assim, não munheca! Pra você ter bastante.. Pra você puder fazer o que você achar interessante.. e mais desenvoltura com a sua mão. E pra trabalhar com luz e sombra, tem diferentes formas, tem gente que trabalha, por exemplo, fazendo bolinhas pequeninhas e bolinhas maiores e bolinhas maiores, por exemplo, e ali onde têm bolinhas menores vai fazendo sombra e onde têm bolinhas maiores vai fazendo luz..

Liz: Ficou parecendo nuvem!

Karoline: É, exatamente! Ou você pode fazer, fazendo riscos. Então onde tem mais riscos vai fechando, vai fazendo mais, vai, vai clareando e daí vai ficando cada vez mais claro..



Liz: Quando eu fiz um teste eu começava com um risco mais grande e daí eu ia diminuindo assim. Aí começava e ia diminuindo...

Karoline: Você fazia assim?

Liz: É!

Karoline: Uhum, então eu quero que você prove alguns lápis fazendo esse teste, você tem 2B, 4B..

Liz: Começava forte, daí tinha que ir diminuindo, no gelo e o risco..

Karoline: Isso, você fazia isso na aula do Ireu?

Liz: Fazia, aham.

Karoline: Então, esse é um exercício muito bom, porque daí você pega um mínimo que faz... um mínimo de grafite e o máximo que ele pode fazer, tipo no máximo, como esse aqui fosse meu máximo...

Liz: Isso, e daí você vai diminuindo..

Karoline: ..e esse daqui fosse meu mínimo. Qual que é o mínimo? quase não dá pra ver! E aí você vai treinando a gradação. Isso é um ótimo exercício pra você criar domínio com o lápis. Você fazia isso lá?

Liz: Fazia, aham!

Karoline: Ah você já tem muita..

Liz: É o meu problema é o desenho. O desenho que eu nunca tive paciência pra fazer desenho.

Karoline: Ou [incompreensível 41:18]

Liz: Nenhum deles, eu tô dizendo que esse ano eu tô fazendo tudo o que eu não tinha vontade de fazer, pra ver se eu uso o outro lado do meu cérebro..

Karoline: Aham.. e isso é muito bacana!

Liz: É, é mas é um desafio e tanto pra eu poder desenhar..

Karoline: Então você já sabe que com um lápis só você consegue diferente...

Liz: Tonalidades do preto...

Karoline: Resta você arriscar, se arriscar nisso.. Então naquela foto ali, por isso que é bom o negócio original, porque daí você vê onde a luz tá indo onde tem luz sob... Aqui a luz iria estar aqui em cima, né? daí você não tem ao certo bem claramente aonde tem luz, aonde tem sombra. É bom quando você tem, por exemplo, uma janelona com luz e aonde tem sombra, porque daí o volume se forma de forma mais fácil. Aqui a gente não vê, tá tudo meio junto, concorda?

Liz: Sim!

Karoline: Mas da onde que você pode ir pensando você escolhe o lápis de sua preferência, aonde tá a linha mais escura e a mais clara, que você vê?

Liz: Mais escura embaixo, essa porta aqui.

Karoline: Aqui e aqui, aham! Então você pode...

Liz: Aí então as folha o mais clarinho, daí mais umas..

Karoline: Uhum, ótimo.

Liz: E se eu fosse desenhar um coqueiro, como é que será que eu desenharia?

Karoline: Coqueiro?

Liz: Coqueiro!

Karoline: Um coqueiro por quê?

Liz: Vou tentar desenhar aqui.

Karoline: Vai!

Liz: Começa pelo pé, né? Eu não consigo deixar nada quieto, a minha tela eu vou girando, aí daqui a pouco ela tá de ponta cabeça...

[ruídos 43:02]

Liz: ...Daí eu falo assim: "Nossa, agora não vai dar certo!", porque daí muda a cor.

Pé de coqueiro, como é que seria um pé de coqueiro?

Karoline: Acho que foi a Vera? quem fez das pintura um coqueiro? Que na realidade não era era um coqueiro, todo mundo entendeu como se fosse um coqueiro, mas era na realidade uma araucária..

Liz: Nossa, foi a Isis!

Karoline: [Incompreensível 43:29] a questão da observação.

Luiza: Foi a Isis.

Karoline: Não, não não foi a Isis, foi a Vera ou a Maria, agora não sei..

Amanda Isso é um bem fino?

Karoline: Ou é aqui, aqui não tem, dos meus não estão aqui, então isso é um problema né, pra fazer pintura de pano de prato, senão nada vai acontecer, né?

Amanda É!

Karoline: Luiza, será que não tem nenhum pincel fino da...

Luiza: Da Soviai! Ó eu fiz

[ruído 43:59]

Amanda Mas não tem nenhum fino ali!

Luiza: É, e alí naquele negócinho, né? que a.. como é o nome dela? a Liz pegou. Tava aqui ó!

Liz: Eu coloquei aqui na mesa.

Luiza: É, então é só aqueles alí que estão? Não entendo o que aconteceu..

Amanda Tudo mudou..

Liz: É, parece que tá sumindo coisa, né?

Luiza: Vamos manter [incompreensível 44:20]

Liz: Vamos! Não tem outra saída.

Luiza: eu acho que seria conveniente a Karoline conversar com o Bernardo que as coisas tem que ficar no lugar, né!

Karoline: Mas quem que se propôs a arrumar as coisa?

Luiza: Olha eu não vi, eu ouvi falar. Então eu não posso estar afirmando, mas é..

Karoline: O que é importante.. uma coisa é.. você só tem que pensar como que vocês da Associação, né.. pensar a forma como que vocês querem organizar isso, colocando acho que etiqueta, né...

Luiza: Aham.

Karoline: Decidindo o que é o material que todo mundo pode mexer, o que é material que não..

Luiza: Agora eu vou começar a vir todos os dias, sabe.. a exceção de quinta...

Liz: Sério? Ah podia ser semana que vem, porque daí eu também vinha..

Luiza: Não mas daí na semana que vem eu também venho daí todo dia.

Liz: É, porque..

Luiza: Só que essa semana..

Liz: Por quê? Terminou teus cursos lá?

Luiza: Terminou, até eu voltar eu tô livre, só que quinta ainda tenho a minha última de inglês, que daí eu vou entrar de férias..

Karoline: ... Que tal você.. a Gente tentar para.. só que simplesmente não da pra fazer porque...

Luiza: Eu vou entrar de ferias de duas semanas parece..

Karoline: Que chato isso, né?

Liz: E eu a minha irmã vai pegar ferias...

Karoline: Essa é a questão das condições materiais...

Liz: Vai pegar férias agora sexta.. ô sacanagem viu..

Luiza: Aí vai ficar complicado, né?

Karoline: Quer mais caixas? ou tem mais pano pra fazer desenho?

Liz: Que que vamos ficar fazendo as duas em casa? Uma olhando pra cara da outra..

Luiza: Tenho a menor ideia...

Amanda Poderia ser..

Luiza: Mas você tem que tomar uma atitude, venha pra cá então!

Liz: É o que vou fazer. Só tem aquele outro problema que você já conhece!

Karoline: Você acha?

Luiza: Não, não sei o que é.

Amanda Cartoon mesmo..

Karoline: É que você tem facilidade pra cartoon, né?

Amanda É..

Karoline: Acho que a tua ideia de pegar o garfo pra esse pano fica muito bacana, em.

Luiza: Uma, duas, três vezes eu tentei cortar isso daqui

Amanda ...só que não vai dar pra terminar, eu vou fazer a caixa mesmo!

Karoline: Vai fazer a caixa mesmo?

Amanda É...

Karoline: Pelas condições dos materiais, né? Você sem lápis e sem pincel só vai piorando, ne?

Amanda É, eu tinha trazido coisas pra caixa mesmo. Eu vi que alguém começou essa caixa aqui, eu não sei quem foi, quem que fez?

Luiza: Não, é a primeira vez que eu tô pegando em caixa, eu vou de preferência utilizar o material que eu trago, porque eu não gosto muito de confusão!

Karoline: Essa caixa..

Luiza: Karoline eu vou pegar mais duas folhas tá amor?

Liz: e nem de fofoca né?

Luiza: Não! não se quer atravessar de mim..

[ruído 46:43]

Luiza: E tive que refazer tudo as minhas roupas lá, não sei se você sabe que eu tenho uma caixa enorme, alí?

Liz: ãhm, Aqui?

Luiza: É...

Liz: Não sabia!

Luiza: amém amém amém amém

Liz: Nossa!

Luiza: Trocou de lugar e eu falei: "que?" deixei até recado.

Liz: Nossa!

Luiza: Deixei o recado e deixei um presentinho também que é pra agradecer. Morde e assopra.

Liz: Isso!

Luiza: Porque senão, né?

Liz: [ruído 47:08]

Luiza: É, não empresta.. Não é seu, não põe a mão, não tem nada que bicar, tem nada que trocar de lugar..

Liz: Ao final a casa é nossa, né?

Luiza: É nossa, é de todos, mas não fica [ruído 47:19]

Liz: Então cada um no seu quadrado?

Luiza: Atrapalhadinho.. Eu acho que de preferência o ideal é a gente ter um acordo vamos nos unir e aqui está o nosso... né?

Liz: Claro!

Luiza: Mas não você largar o teu negócio e eu vo lá e já fuço e já troco de lugar e já sumo com a metade..

Liz: É, já pega uns [ruído 47:36]

Luiza: Porque geralmente a gente traz algumas coisas e não presta muita atenção..

Liz: É, mas e na hora que precisa da falta..

Luiza: Com certeza! Então [ruído 47:46]

Luiza: Também, ela é meio chata, ela implicante, a verdade é bem assim... Cada um tem os seus defeitos... [incompreensível 48:03] você é chata! chata mas gosto das minhas coisas no meu lugar, eu não empresto nada de ninguém, não gosto de emprestar..

Liz: Eu também!

Luiza: Não me peça! porque..

Liz: Cada coisa é em seu lugar e pronto!

Luiza: Eu empresto um pedaço de papel higiênico né, uma pasta de dente que você não tem no momento, mas não venha me pedir um lápis de... não me venha pedir um perfume. Você tem um soutien branco? Mas tem que ser branco. Você tem uma meia fina daquela bebe? A pelo amor de Deus, olha pra minha cara!

Liz: Ah não!

Luiza: Não, entende? Sabe, eu quando cheguei Liz..

Liz: O moça você tem um cheiro debaixo do braço, a outra pessoa tem um outro, eu não gosto de emprestar e não gosto que me deem emprestado!

Luiza: Não, você sabe aquela bota que você tava usando antes de ontem, me empresta? Ah, não! Me empresta tua blusa?

Liz: Já fica tudo coletivo..

Luiza: Eu quando cheguei ali, menina, eu fui várias vezes de chinelo de dedo no culto, eu me virava e a saia ficava, porque era muito grande, só eu me virava dentro da saia. O pessoal chega ali.. "não! essa calça não ficou muito boa, você não tem uma mais apertada?".. Então vamos cada um usa o que quer, tá?

Karoline: O negócio né gente, quando a gente tá fazendo esse tipo de trabalho...

Liz: É, bom já avisar no começo, né! A pessoa chegou já avisa..

Luiza: Ah aviso! eu aviso!

Liz: ah eu também, eu já acordo no [ruído 49:06] ó meu coqueiro não sei o que que virou não!

Karoline: Que que você tá satisfeita ou não com teu coqueiro?

Luiza: Ai, que linda!

Liz: [ruído 49:15] ele tá muito estranho!

Karoline: Veja Liz, você domina [ruído 49:18] e você faz a estrutura, resta se arriscar nesse sombra..

Liz: Mas não é só a luz e sombra, eu acho que o pé ficou muito gordo!

Karoline: Aqui muito gordo?

Liz: É!

Karoline: É que normalmente o coqueiro pode ser mais comprido, né? Daí as folhas estariam mais pra cá. É isso?

Liz: É.. Olha nunca desenhei, mas o primeiro ficou ruim..

Karoline: Pois é, mas não temos um coqueiro aqui pra trabalhar, é muito importante nós termos a figura de um coqueiro..

Liz: É que na hora de desenhar que você vai lembrar que não prestou bem atenção nos detalhes!

Karoline: É? Ou que não sabe direito né, a gente sabe mais ou menos, olhou por fora!

Liz: É, olhou, mas não viu!

Karoline: Sim, então voltando aqui pro teu vaso de girassol.. como você se arrisca a fazer a luz e sombra?

Liz: Então..

Karoline: Eu posso começar a fazer? já que...

Liz: Pode..Pode que eu vou olhar.. quer sentar?

Karoline: Cada um tem um estilo.. Isso a gente conversou.. Desculpa, isso a gente conversou quando a gente trabalhou desenho, né, cada um tem um jeito de se comunicar pelo desenho.. Tem gente que só vai fazer só as linhas estruturais, um desenho mais limpinho, digamos assim, tem outros que gostam de rabiscar bastante, meu caso, meu desenho é muito cheio de rabisco e etc, tem gente que trabalhar mais esfumaçado só, com as linhas bem gradativas e daí você faz e passa alí e vai fazendo gradação. Então varia e tem o seu estilo.. Então, o interessante é não ter uma cópia pra você vê conforme você faz, qual o teu jeito, do teu jeito de fazer, certo? Então eu percebo que aqui embaixo do girassol, tem muito mais sombra, tem muito preto aqui eu acho! Tenho a impressão de que aqui é preto. Vai sempre fazendo.. E daí aqui eu tenho um volume, pra dar um volume as sombras aqui nas beiradas acaba sendo mais escuro e aqui no meio é a minha saliência de luz, aqui, né? Sim! Aqui também tem uma entrada.. E vai fazendo assim, vai fazendo a forma redonda. E eu não sei se isso aqui é tinta ou é escuridão mesmo, porque a impressão que eu tenho é que é uma tinta mais preta..

Liz: É tinta! Ele é tipo cobre..

Karoline: Eu, o meu estilo de trabalhar com sombra é riscando, mas você, eu imagino, que você gosta de trabalhar mais com o esfumaçado.. e eu tô sem o carvão aqui, porque o carvão é ótimo pra isso, daí eu posso fazer bem forte, daí trabalhar aqui [incompreensível 52:00] Daí fazer ele mais clarinho, mais clarinho e mais clarinho e olha que interessante a forma, a direção que eu dou pro meu desenho.. tanto que quando eu faço assim.. Mas daí eu vejo que se eu fizer assim também, vai criando um volume interessante, se eu faço redondinho vai criando.. sabe? Então, mudar as direções do meu ritmo de trabalhar..

Liz: Olha só! Eu já sou bem preguiçosa, eu já ia só fazer o desenho e a hora que eu fosse pintar lá na tela aí eu ia pintar ele.. Aqui ele não ia ganhar cor não!

Karoline: Mas você não queria fazer luz e sombra e essas coisas? O que que você queria fazer Liz?

Liz: Profundidade?

Karoline: Profundidade, como que você faz profundidade só com linhas?

Liz: Pois é, mas..

Karoline: Não faz, né? Você precisa...

Liz: Eu tenho que consertar a hora que eu vou pintar!

Karoline: Mas não tem problema se você quer fazer só o... Então, por exemplo, aqui tá escuro, aqui e daí.. a gente pode.. aqui tá bem branco.. e aqui uma linha, aqui delimita, outra mais pra cá, né! É assim no meu! Esse é meu quadro, certo?

[Ruído 53:13]

Karoline: ...Bernardo...

Todos: Bom dia

Karoline: E vai fazendo formas... o teu tá mais redondinho, né? o dele é mais puxado, porque ó...

Bernardo: Bom dia a todos, a todas, né.. a todos.. todos não, né? só um!

Liz: Hoje ele era o bendito fruto, mas daí você chegou...

Bernardo: Opa! opa!

Karoline: E assim vai e você vai criando, vai criando...

Bernardo: Né Amanda? tudo certinho com você?

Karoline: Daí vai criando, daí você vai criando forma.. a tua preocupação é em relação à sombra, é isso?

[ruído 53:56]

Bernardo: Aqueles chapelzinhos lá dos africanos, não parece? não é?

[ruído 54:02]

Bernardo: é... não tem um pessoal da Africa lá no meio da Africa que usa?

Luiza: É bem esse, da Zâmbia, né?

Bernardo: Sei lá se era da Zâmbia

Luiza: Moçambique, alguma coisa por aí..

[ruído 54:20]

Luiza: Já tá é lançando moda aí, José!

Karoline: Eu sei que aqui tem uma, eu sei que aqui tem outra, lá pra cima tem outra, aqui e aqui. Então mais ou menos aqui.. aqui tem uma folha que vai lá pra fora e tem uma folha aqui e assim.. tá o meu proutozinho, que parece um monte de rabisco..

Luiza: Só tem esses pincéis que tão aí será? Bernardo?

Bernardo: uhm?

Luiza: Bernardo.. Só tem os pincéis que tão aí?

Karoline: Existe um pincel que parece bem redondo..

Bernardo: Estão dentro daquela caixinha lá, ó.

Karoline: E se eu tivesse com ele ao vivo eu veria que o redondo não é chapado, mas que ele tem uns pontinhos né?

Liz: Que vai virar uma sementinha..

Luiza: Eu acho que dá! Essa que a Liz pegou..

Karoline: Aqui parece redondo, mas alí eu vejo mais assim, né? Quase que uma.. assim.. Esse vaso assim..

Bernardo: Deixa eu ver mais nessa caixa aqui que eu trouxe pra cá..

Luiza: Aham! Porque a Amanda tava fazendo mais fininho..

Karoline: Você vai pensando como que você quer fazer as pétalas... Como são as pétalas do girassol? Elas são redondinhas e faz uma pontinha alí, né?

[ruído 55:23]

Karoline: Eu não preciso desenhar perfeitinho cada pétala.. Eu posso pensar assim..

Luiza: Porque daí depende, porque tem hora que tem que ter grosso, tem hora que tem que ter o fininho..

Karoline: ...Vai ser diferente.

Liz: Porque daí a pincelada que vai dar, né?

Karoline: Isso é a pincelada, mas eu tô pensando aqui no teu.. na tua altura só no desenho, você não precisa.. Se você quiser fazer desenhos e não pinturas, né?

Bernardo: Ah! tem alguns aqui, ó!

Luiza: Olha lá Vanderleia! Tem que deixar tudo no lugar de volta..

Karoline: Daí como que a gente cria a espacialidade da pétala pra ela ficar mais clara de um lado, mais..

[ruído 55:54]

Luiza: A Karoline também falou [ruído 56:01]

Liz: ... O seu vaso pro meu!

Karoline: Qual o problema? o teu tá muito melhor! não?

Liz: Fico..

Karoline: Pode falar!

Liz: Ai Ai

Karoline: Do meu vaso? pra aquele ali?

Liz: Pra esse aqui..

Karoline: Ah, fale! Fale o que você ia comentar!

Liz: Pois é.. e eu já.. eu quero desenhar tudo os negócinho bem certinho, né?

..Assim fazer um desenho mais espontâneo..

[ruído 56:26]

Karoline: ..Você fazer tudo certinho, eu achei bem bacana o que você fez aqui, mas perceba! quando você fez as tuas pé.. as tuas flores, uma, duas, três, quatro.. Se você quiser fazer bem certinho tá faltando uma aqui..

Liz: Falta! o vaso ficou pequeno!

Karoline: E daí..

Liz: E também ficou.. O miolo ficou muito pequenininho, o miolo é grande..

Karoline: Esse miolo é grandão! Que é típico do girassol! porque daí difere o girassol de outras flores..

[ruído 56:53]

Luiza: ..Etiqueta..

Liz: Eu tenho que desenhar mais devagar, pensando mais no desenho, acho que desenhar e [ruído 59:58]

Karoline: É, e daí a outra coisa é que.. todas as coisas.. quando eu vejo as suas folhas elas estão olhando pra mim.. Dá mesma forma, redondo, redondo, redondo.. E se olha lá tem um girassol olhando pra mim.. esse daqui debaixo, mas aquele ali tá olhando pra lá! Tá vendo? Então ele fica um espiral assim quase, entende.. Ficaa.. aqui até nem desce, tá assim, né? Tá assim, tá assim.. E assim vai né, você pode... Mas isso faz parte da observação, de como você.. Quer uma nova folha?

Luiza: Eu peguei o estilete alí, Bernardo!

Karoline: É interessante [ruído 57:38] porque a partir daí você vai fican.. você pode [ruído 57:43]

Amanda Todo dia a gente dá falta de algum material aqui!

Luiza: É?

Amanda É, porque a gente [ruído 57:53]

Karoline: Experimente [ruído 57:53]

Luiza: Verdade, será que a gente não devia de fazer uma lista, Amanda?

Amanda É

Karoline: Isso! Têm diferentes...

[58:01]

Karoline: Têm diferentes gramaturas, né?

Bernardo: Quer uma escova de dente velha?

Karoline: ... Tem menor gramatura, pra desenho...

Luiza: Ah eu também devia ter trazido!

Karoline: Mas pra plástico, tem que ser a partir desse..

Liz: Claro

Amanda Isso é.. é pra pintura maior né, a minha é pequena..

Bernardo: Ó tem mais uma aqui.. que esse é bem macio ó.

Amanda Ah mas eu só tô precisando dos pequenos..

Bernardo: Mas esse aqui, sabe o que você pode fazer com um desses daqui? você pode pegar [ruído 58:32] e cortar a volta dele assim ó e deixar ele fininho..

Karoline: Aí, Amanda! Te salvei, eu tenho aqui! Tá escondido

Luiza: Amanda! olha lá Amanda!

Karoline: Aqui a salvação! aqui a salvação!

Luiza: Que benção! Só que eu vou te falar uma coisa, o de dentro.. eu vou ter que bolar um tecido de novo.

59:03

Karoline: Aqui...

Liz: E você nunca se importou [incompreensível 59:10]

Karoline: Você quer fazer o pano, ou você a..

Amanda Quero fazer o pano

Karoline: Então volta! Faz parte.. Desculpa Amanda, eu tinha certeza que tava entendido, sabe? E não vamos confundir qual que é o nosso e qual que é da Soviar!

Amanda Esse é da Soviar, esses dois que estavam aqui..

Karoline: E esses são teus?

Amanda Aham! Olha esse tá quebrado!

Luiza: A Isis foi com o [...], não sei bem.. Mas já volta!

Homem: Ah! Fizeram café, aí?

Luiza: Tem, tem cafezinho! E tem um café bem gostoso que a Isis fez!

Bernardo: Bacana esses negócios aqui! Né, aqui você pode passar um verniz, né.. Um verniz fosco, tem uns mais coloridos.. Coxa branca curitibano..

[ruído 1:00:59]

Karoline: Ah! eu tenho.. [incompreensível 1:01:10]

Liz: [Incompreensível 1:01:23]

Karoline: É importante que é numa mesa que fique parada né!

Liz: O que não é o caso dessa! Tá! mas eu to meio..

Karoline: Se você quiser mudar...

Liz: Nossa senhora! eu precisava era de uma borracha!

Karoline: O encontro vai de oito..

Liz: Tá loco!

Luiza: Eu tenho no meu penal, mas meu penal ficou em casa!

Liz: Não! ela disse que não pode apagar! Tem mais essa! é pra corrigir..

Luiza: Aham!

Liz: Aí eu vou corrigindo e vou entortando mais!

Bernardo: Eu?

Karoline: Não! é justamente por isso que vai ficar pra...

Bernardo: Pois é.. não é que eu tava pensando...

Luiza: Não, eu vou precisar de uma tesoura muito boa, sabe? Senão não vai prestar!

Bernardo: Substituir, né? mas alguém que desse continuidade pra esse pessoal aí.. em questão de tutela, ou de questão..

Karoline: Uhum! Hoje eu to querendo..

Bernardo: Pra não deixar parar...

Karoline: Acho que você tava junto né, Bernardo? Na semana passada.. de formarem grupo de trabalho. Só não sei se vai dar pra formar grupo de trabalho com uma temática que agregue todos! Mas que pelo meno... Que seja produzida..

Bernardo: Assim que terminar a gente começa [incompreensível 1:02:42]

Karoline: Isso! aham!

Bernardo: E, e, é, não sei..

Luiza: Nossa eu tô cada vez em [incompreensível 1:02:48]

Bernardo: [ruído 1:02:51]

Luiza: ...Você dê um grito, tá! Que eu não vou ficar... Ah precisava me acordar entende? Não, mas eu sou assim mesmo, sabe? Assim, vai nos lugares e vai largando os bagulhos..

Karoline: Ai! eu acho que sei quem ela é! é eu sei, aham!

Bernardo: E daí..

Karoline: Ela não tá mais no centro [incompreensível 1:03:09]



Bernardo: Não! ...não tá mais aqui, foi embora! Faz tempo.. Mesmo assim ela já tinha parado.. é, pela política de... presidente. Mas é que aí ela sofre [ruído 1:03:25], né? ..pelas artes, tal.. Mas pra dar [ruído 1:03:31]

Amanda Vou tirar essa caixa aqui com modelo.

Luiza: É que também, assim, esse negócio que nós estamos fazendo mexeram nele tudo de lugar..

Amanda Mexeram né?

Luiza: É verdade ou não é?

Bernardo: ...pra dar continuidade né?

Karoline: Então, no décimo encontro, daqui a duas semanas e eu continuo [incompreensível 1:03:57]

Bernardo: ..hoje é dia quatro?

Karoline: É! tem que pegar o calendário..

Bernardo: Quatro, onze, dezoito?

Karoline: É!

Luiza: Olha esse daqui, por exemplo, ela vai ter que deixar secando pra depois cortar, em uma futura situação, entende?

Amanda É!

Luiza: Não pode só.. É e não pode...

[ruído 1:04:17]

Luiza: Não é verdade Amanda?

Amanda tem que deixar deitado, porque o pessoal mexe, né!

Karoline: Sim..

[ruído 1:04:28]

Luiza: Aí! como você é maldosa!

[ruído 1:04:36]

Luiza: ...ó nossa foto de bracinho cruzado..

[ruído 1:04:48]

Bernardo: ...O que você sabe..

Amanda ..Nossas ideias não prestam..

[ruído 1:04:58]

Luiza: Bom! a gente deixa no cantinho, ninguém escutou né!

Amanda É mais fácil, se você colocar um recado ali, não ponha o dedo!

Luiza: Daí que põe.

Amanda Eu vi isso na padaria, que era um pão bem fofinho.. e colocavam: "não ponha o dedo" [ruído 1:05:23]

Luiza: Já era fofinho um dia, né?

Karoline: Têm grupos.. têm pessoas que fazem junto.. em tempos e tempos a gente faz uma visita pra monitorar os trabalhos.. o que que a gente produziu? Tá bom, tá não?

Que que falta, que que melhora, que que não precisa melhorar..

Bernardo: Se tiveram dificuldades né?

Karoline: É!

Bernardo: Acho, legal! vamos conversando.

Karoline: talvez poderia dar certo. E com o grupo mesmo..

Bernardo: É eu falei isso até lá na jardinagem, não tinham pago pra jardinagem né, nosso problema é patrocínio né?

Karoline: Acabou a oficina?

Bernardo: Não! Mais um mês e pouco, são três meses e meio..

Karoline: Mas daí já está pensando o que..

Bernardo: É e daí eu já tive conversando semana passada com o Carlos, né! Ele disse que eles estão tentando.. disse que a prefeitura.. patrocínio. Daí tem que encaixar isso.. o patrimônio.. fazer alguma coisa, né!

Karoline: Que legal!

Bernardo: É, é uma ideia boa. Mas... Não tem como pagar isso daí.. seu caso né.. Só que seu caso pagava todo mundo na sexta feira..

Karoline: Uhum..

Bernardo: .. juntou pra eles.. Ta saindo do bolso.

Karoline: Sim, não é.. aí não é dessa viagem?

Bernardo: ... Mas é pra um bem grande.. Pessoas estão se beneficiando e a gente tem que ver isso, né? E, daí, o cenário nessa situação provavelmente.. eu não sei o que que eles vão fazer...

Karoline: Eu acho, que dos associados.. por exemplo, quem a Luciana tinha falado.. O associado participar do grupo de trabalho e colocar enquanto.. não to participando.. mas eu quero fazer algo, pelo grupo e por produzir, é a história que tem.. Como muitos falam né.. e no grupo é muito mais forte pra produzir e daí todo mundo se coloca, né.. em casa, faz as atividades da casa, tomam conta.. as preocupações da casa, tomam conta..

Bernardo: E os pensamentos, né! que são os piores..

Karoline: É e daí num vai..

Bernardo: Ah! e é bom um grupo que.. não chega aqui meio desanimadão, não! o pessoal tá animado.. Mas vamos ver o que nós fazemos..

Liz: Tô quase melhorando!

Karoline: Sim!

Liz: Dessa vez já deixei um girassol lá embaixo com os outros..

Karoline: dai eu quero que você veja assim, do teu girassol, qual a parte mais escura dele?

Liz: Não do meu girassol aqui não sobrou muita coisa!

Karoline: Qual a parte mais escura dele?

Liz: Do girassol ou do vaso?

Karoline: Dos dois, tudo! da imagem toda, qual a parte mais escura?

Liz: Ah! aqui embaixo!

Karoline: É? Então faz com que esse aí embaixo seja mais escuro que as bolinhas! Assim pra você pensar, toda aquela gama de cores que você conseguiu no seu exercício, colocar no seu desenho!

Liz: Esse não é o lápis certo! Esse aqui eu não gostei!

Karoline: Ele é grosso né?

Bernardo: Oh! perfeição, que bacana em!

Amanda É! já já da um resultado melhor né!

Karoline: A Amanda coitada tava com pincels que não é bom pro que ela estava fazendo... daí por isso aconteceu isso..

Bernardo: É, esses aqui estavam tudo enfiado na caixa, eu falei que tem que pegar esses pincéis aqui e colocar num lugar que vocês saibam né.. guardem numa caixinha.. e esse aqui eu tinha enfiado numa gaveta, né! era um dos meus.

Liz: Bernardo! você pinta tela?

Bernardo: Tenho uma noção assim, mas não muito de..

Liz: Não é que aquele dia você me falou lá da casa do artista, e aquele é o lugar mais barato mesmo!

Bernardo: Ah! falar nisso, outra bem pertinho da gente aqui, que fazem molduras sem tela pra vender, o lugar mais barato de Curitiba, acho que chega a quase 50% do preço lá da casa do artista..

Liz: Nossa! aonde?

Bernardo: Aqui passando a esquina.. Fazem tudo o que você quiser..

Liz: Mas eu preciso comprar a tela já pronta! Nessa rua reta aqui?

Bernardo: Passou a esquina, segunda casa ao lado esquerdo. Você vai ver lá telas.. molduras.. E fazem tudo ali, não custa você dar uma olhada, aí você sabe mais ou menos o preço daí. E, segundo a menina, que me atendeu, até tadinha, numa cadeira de roda, diz que não existe preço mais barato.. Porque acho que eles é que produzem

Liz: Ah vou procurar ali depois!

Bernardo: É aqui virando a esquina a segunda casa ao lado esquerdo..

Liz: Tá, vou ver sim!

Bernardo: Mas viu o Karol!

Karoline: Oi?

Bernardo: Se você precisar de tela, eu descobri um lugar aqui pertinho.. olha eu não sei, mas segundo a menina que eu conversei, molduras, o deles é o mais barato de Curitiba!

Karoline: Ah! [incompreensível 1:10:40] inclusive, aham.

Liz: Mas será que fica aberto?

[ruído 1:10:44]

Karoline: Gente! o José vai mostrar..

Liz: O Karol! a hora que nós terminar aqui a gente podia descer alí ver.

Karoline: Eu vou ter que conversar, é..

[ruído 1:11:05]

Karoline: Que a gente vai ter que fazer algumas coisas sobre arte, pensar na qualidade.. Mas a gente podia ver um dia..

[ruído 1:11:08]

Karoline: Ah! Que você tem que comprar, daí você aproveita.. Gente! o José fez o primeiro cesto da oficina. Olha como ele faz rápido! Analisando José, o que que você gostou do acabamento, o que que você não gostou, me conta! Bom quer dizer, você não terminou! você passaria agora o verniz, é isso?

José: De tudo tá endurecido..

Karoline: Tá endurecido. E ele tem que ficar bem retinho né? quais são as qualidades do cesto que você acha que tem que ter pra que venda bem?

José: O acabamento dele, ficar bonito é essencial, agora até a gente.. abaixa onde tem que abaixar, acertar, porque agora ele tá mole ainda, né! Mas depois que você colocar a primeira mão de verniz e secou ele fica bem durinho. Ele é um material que você pode vender que você pode vender baratinho. Um cestinho assim você pode vender a seis, sete reais..

Karoline: Mas é no custo que você [ruído 1:12:20]

José: Pois é..

Karoline: E me conta José, então quer dizer que conforme o seu cesto está mais pra um lado, está mais pro outro isso vai ser corrigido quando você passar a cobertura?

José: No final quando você passa a cobertura aí você acerta ele.

Karoline: E a parte de emenda, isso aqui, no final ele gruda também?

José: Ele gruda.

Karoline: Legal! E eu gostei que o espaçamento entre todos.. ele ta muito bom, ele não tem um pedaço.. lembra, uma vez você me mostrou um que tinha um espaçamento grande..

José: É esse aqui ó! os acabamentos.. esse aqui foi um dos primeiros que eu fiz, né! Esse ficou..

Karoline: Você sabe quantos.. quantos que você já tem em casa?

José: Não tenho nenhum.

Karoline: Dava pra começar a fazer bastante e a comprar verniz e construir né? Isso já ia.. dá pra fazer uma.. você tem vontade de fazer isso? gosta de fazer isso? que tal?

José: Eu tenho, quando dá vontade eu faço, mas nem sempre..

Karoline: De se reunir e fazer.. porque daí você consegue fazer numa manhã dois, três..

José: Até mais

Karoline: É até mais, daí reúne uma quantidade boa aí passando o verniz, não sei se vale a pena passar.. esperar fazer bastante pra depois passar verniz em todos...

José: Passar em todos?

Karoline: É, do que fazer um por um.. O que que você acha melhor?

José: Dá pra fazer vários em um dia, aí faz a pintura por dentro, aí deixa ele secar, aí vai fazendo todos por dentro, depois vem fazendo por fora, depois..

Karoline: Pra não grudar!

José: Pra não ficar grudada né? Lá nós pintava tudo na hora, por dentro e por fora, mas às vezes ficava a marca assim dos dedos e tal..

Karoline: Ah! isso também não é bom pra qualidade?

José: Não! Mas lá eles vendiam bastante isso aqui, um dos que mais vendiam lá, na feirinha.

Karoline: Então José, uma boa proposta de iniciativa de a gente.. se você tiver interesse.. de formar grupo aqui, o que que você..

José: Ou dá pra vir e passa pra outros e se gostar de fazer vai fazendo!

Karoline: Isso!

José: Aí faz em casa.

Luiza: Eu acho bem interessante esse trabalho dele, eu quero fazer. Porque inclusive ele é muito..

José: E é um.. que você vai na feirinha lá com aquele vinte reais e você quer levar várias coisas com vinte reais, aí você olha lá baratinho e esses vai, quem o pano de prato...

Luiza: Ó ele já fez um!

Karoline: Que não tem custo né?

José: Pano de prato, pintura..

Luiza: Eu falei pra Isis, que o melhor trabalho, o mais rentável é esse daí.

Karoline: Mas quem o José falou, tem elementos de critérios de qualidade, né! por exemplo, não dá pra colocar um que tem mais furinhos, não é o caso desse é um outro.. que tem furo, tem buraco no meio dos bonitos.. porque senão vai..

Luiza: Não, mas tem trabalhos que é bem fechadinho e tem uns que são de propósito abertinhos..

Karoline: Sim, sim.

José: Mas daí no caso pra colocar na feirinha faz vários..

Luiza: Vários modelos..

Karoline: Faz a reciclagem, vê o que tá bom, o que não tá..

Luiza: Tem gente que que gosta mais, né, juntinho, larguinho, né, verdade..

José: Que geralmente esse assim ó, a maioria quase vende pra consultórios, você viu onde colocam as balinhas? É onde vai as balinhas..

Karoline: Ah, é uma cestinha!

José: É uma cestinha.

Liz: Pra por pão também deve ter umas saídas..

José: É um maior pra pão, alguma coisa..

Luiza: Pra ovos!

José: Depois fazendo uns maiores..

Karoline: José, que bacana! quer continuar fazendo? Vá fazer..

Luiza: Nossa ele já fez uma!

Karoline: Sim! E daí gente, quero conversar com você sobre arte e que critério de qualidade, vamos conversar um pouquinho depois!

Luiza: Uhum! com certeza!

Karoline: E, pode falar Liz!

Liz: Não, é que eu já vi mais defeitos no meu vaso!

Karoline: E coisas boas?

[ruído 1:16:06]

José: Mas é bom vocês aprender isso aqui, por que isso daqui é um...

Luiza: Não! isso daí que é..

José: É rápido e você vê o resultado do que você tá fazendo!

[ruído 1:16:22]

José: ... quem o trabalho do rapaz aqui, que ele ficou fazendo aquele, né.. E daí uma hora, puta e não rendeu, não tá aparecendo e..

Luiza: Não mesma coisa o crochê! Cara conseguir fazer um tapete..

José: Demora..

Luiza: ... vou fazer rapidinha.. rapidinha! mas foi.. olha meu amigo! quantas acordada à uma da manhã pra pegar a agulhinha?

José: Por que tem gente que tudo o que você vai fazer.. quando você mexe com reformas, aí faz isso aqui é só [incompreensível 1:16:47]! Quando você vai ver lá é um dia.. é rapidinho, só quero só isso aqui que é... rapidinho..

Luiza: ... Três dias..

José: É! e a pessoa vai..

Luiza: Você chegou, imagina, vai pro almoço, vai pro lanche, vai pra casa e nada de você terminar! Aí você termina.. pô, mas eu posso te pagar no fim do mês? no fim do mês? é do outro mês! ah.. pelo amor de Deus!

José: Eu trabalho com reforma e eu sei como que é!

Luiza: É! por aí!

Karoline: ...Pra fazer o volume, pra você conseguir fazer o volume!

Luiza: Você pega aquele palitinho, cadê o palitinho?

José: O palitinho tá...

Luiza: Ele tá dentro de algum será?

José: Não! Eu dei uma guardada.. não tá mais..

Luiza: É um palitinho de churrasco?

José: Churrasco! Pra fazer o [incompreensível 1:17:39]

Luiza: Mas você já pegou a manha do tamanho então? dá finura dele.

José: Ah eu no começo eu tava fazendo com varinha de solda, sabe aquele ferrinho de solda?

Luiza: Aham!

José: Aí, mas aí aqui eu fiz com até com esse pincel alí ó..

Luiza: É que tem que fazer a mesma medida né Vanderlei?

José: É

Karoline: Bem fechado aqui, né! e aqui vai começando a clarear.. ó, fiz forte de volta! não pode fazer forte, é bem clarinha com muita calma e paciência, quem quer fazer realismo tem que ter paciência! E aqui é bem.. uma coisa do seu desenho aqui.. isso, aqui tem que estar bem escuro, né?

Luiza: E é uma caixinha por dia e olhe lá! Dependendo você olha e ainda fala [incompreensível 1:18:35] bem acabadinho vou ter que reformar...

Amanda É no outro dia, né?

Karoline: Pensem gente daqui.. dos prox.. depois que a oficina acabar, como que vocês vão formar grupos de trabalho? a Associação é de vocês, os associados..

Luiza: Eu gostaria de fazer, mesmo que não seja direto, uma... do grupo do..

José: Pra fazer essas cestinhas.

Liz: Ó na próxima teça você ainda vem?

Karoline: Venham! E mais uma outra. São mais dois encontros. Pra gente conversar sobre preço..

Luiza: Vamo.. Vamos fazer uma vez do grupo do José outra vez no do teu..

Liz: É, quanto que eu pagaria...

Luiza: É, eu quero fazer bastante atividade..

Karoline: Então vamos conversar!

Liz: É, eu não tenho nem ideia de preço..

Karoline: Tú quer pegar um [incompreensível 1:19:17]

Liz: Só, só o material já tem um custo né?

Karoline: É! e daí o teu.. a tua.. de quão rara você é no mercado, quantas pessoas fazer o que você faz.. Então ó, quando você vai criando do escurinho pro claro, vai nascendo volume e o realismo tá nisso. Você fala que você quer fazer listra, então tá tudo isso .. ó! o realismo não é só pra um lado, ele tem que ter vários lados, isso aqui é muito calmo...

Liz: Eu vou levar essa folha e vou ficar treinando em casa, vou desenhar do outro lado com mais paciência, eu já vi que as folhas daqui caem em cima do vaso, eu não fiz elas caindo..

Karoline: Elas dão uma caída, né? uma queda..

Liz: Uhum!

Karoline: Mas faz pela pétala, a pétala ela fica mais assim.. mais assim.. E aonde tá.. Ah! aqui você já fez pétalas diferentes, olha que legal! Só que esse aqui é negro em tudo junior, é bem escuro, olha, é bem escuro. Daí você pode fazer umas luzinhas e pense que uma tá quase todo mundo olhando pra gente, tem uma que tá olhando pro outro lado, aí você tem que pensar uma elípse, não um redondinho..

Luiza: E isso você faz geralmente no fundo? depois que você vai botar um molde em cima?

José: É! Esse aqui é o fundo do.. Do trabalho.

Luiza: É o fundo e sempre o fundo é reto assim, né?

Jandari: Aí pra começar aqui, ó!

Luiza: Humm!

José: Você pode puxar qualquer um deles.. Você pode esconder.. ó aí ó, esse aqui saiu com esse, saiu com esse, aí você sai aqui ó, esse tá por baixo, né? Aí você já puxa ele e joga lá por cima.. ó!

Liz: Parece.. não, tava só o desenho, não é?

Luiza: Ah sim! daí você já tá querendo enrolar, daí.

Liz: Agora parece um rabo.

Karoline: Ah entendi..

José: Agora leva esse aqui embaixo.. ó esse aqui tá passando por cima desse aqui..

Luiza: Pra fazer o contorno aqui embaixo.

José: É, agora aqui você já vai virando..

Luiza: Você aprendeu isso no CAPES?

José: No CAPES! Aí você vai indo, ó! Esse é por cima, esse esse dois por baixo, aí você puxa, ó! aí você já vai puxando. Aí esse aqui já é por baixo, aí você vai puxando..

Luiza: Aham!

José: E vai virando.. aí quando chegar..

Karoline: Então vamos fazer o seguinte..

[ruído 1:21:15]

Luiza: Alí ó, olha aqui, olha aqui, agora você vai fazendo aquele redondo do fundo..

José: Aí agora aqui você pega e faz a emenda, pra dar a continuidade. essa emenda é isso aqui ó!

Luiza: Tá vendo Amanda! Ele tá aumentando o comprimento.

José: É, é ir trabalhando, porque agora só vai [incompreensível 1:21:33] com esse!

Amanda Uhum!

José: O restante aqui, ó!

Karoline: ...Aqui é a traseira da alça..

Luiza: Só ele!

Karoline: Só que quando você vê na imagem..

Luiza: Depois você vai pegar outro?

José: Não, outro..

Luiza: Ah entendi! é ele que vai subindo!

José: É ele que vai subindo! Tá vendo, ó..

Luiza: Mas você sabe José uqe voce.. eu tô entendendo, mas tem que acompanhar você do começo até o fim, porque olha..

José: É! Hoje você só tem uma base, né!

Luiza: Aham! nossa bem interessante, é bom.. que eu daí estou esperando secar minha caixa mesmo!

José: É! ó..

Karoline: É as costas da alça, né?

Luiza: Ahm!

Liz: Podemos fazer em relógio de parede..

José: Aí agora aqui se eu quiser ir já..

Karoline: Então aqui tem mais luz?

José: Deixando o transpassado dos negócios pra cá, daí vai puxando!

Karoline: ..e aqui é mais escuro..

José: Já vai acertando..

Karoline: Claro! elas não estão proporcionais, né! mas daí você pode fazer..

Amanda Eu não sei fazer, mas eles colocam uma máquina de relógio sabe?

José: Ahm?

Amanda E cobrem tudo assim quenem um prato, com esse papelzinho.

Luiza: Ah!

Amanda Pelo menos lá na feira da ordem.

Waqluiria: É, né! nós podemos dar umas voltas nessa feira, é combinar Amanda..

Karoline: Gente, ótima ideia! Ir na feira..

Luiza: Pra começar a ver o que que a gente pode agregar ao nosso trabalho..

Karoline: Isso! E o meu conselho é levar um bloquinho de notas e fazer anotação porque a gente se esquece em tudo! Né? Assim, ah isso, ah aquilo. E fazer, né? Aí que tá, a gente tem muita ideia, mas o importante é reunr pra fazer!

Amanda É!

Luiza: E às vezes a gente não sabe como é executado também, às vezes é de forma bem simples e a gente faz de forma bem atrapalhada..

Karoline: Uhum! ou a gente cria assim, né, aí..

Luiza: Eu vou anota, eu preciso comprar agulha bem fininha pra furar essas bolinhas..

Karoline: O pincel fino, que a Amanda vai trazer pra fazer os trabalhos dela, que sem pincel fino não.. José vai trazer verniz depois se tiver vários pra fazer, pra..

Luiza: Aham!

Karoline: Então os grupos vão se formando gente! Né?

Amanda Uhum!

Karoline: Eu vou colar aqui um papel, porque a gente precisa falar algumas coisas, pra gente conversar..

Luiza: Uhum!

José: Ó daqui errei, ó errei aqui e já vi, ó! Coloquei dois pra cima, eu tinha que voltar todo ele..

Luiza: Por que? É porque ele já é deu uma atrapalhadinha?

José: É, eu errei aqui, ó!

Luiza: Ah olha lá, ó! ...Já dá uma falha grave, você sabe que aqui tem um crochê..

José: Ahm!

Luiza: O crochê você errou assim, daí ele já vai aparecer o erro..

José: Daí aparece?

Luiza: Aham! Eu também volto e desmancho.. Por isso é bom ter sempre atenção né! Pra não precisar tar voltando, mas até a pessoa ter confiança é bom sempre ter paciência.. Hoje em dia já é muito tempo que eu faço, né José. Então dificilmente eu erro, mas às vezes acontece, você bate a cabeça fazendo, pensando em outro troço... Quando você vê, você já fez uma baianada..

Karoline: Então temos aqui.. vamos daí começar a conversar um tempinho.. Minha canetinha.. ó! o que que você achou? Olhando de longe, olha de longe!

Luiza: Ai que lindo!

[ruído 1:25:16]

Karoline: De perto você vê um monte de risco por que o meu jeito mais é riscando, mas você consegue fazer isso mais fácil.. Você fala que gosta do verniz, então pro verniz tem que ter muita paciência e com a mão bem leve, por que tem pessoas que tem a mão mais pesada, bem leve fazendo risquinho pra tudo quanto é lado.. E pensar onde que tá mais escuro, onde que tá mais claro e daí ir trabalhando as formas.. Opa! aproveita, continua! Então quem tiver cortiça.. Alguém tem um pacotinho de cortiça ou algo assim? Por que eu acho que pro pano de prato é importante a gente prender pra deixar bem esticado, pro pincel não..

Luiza: Seria bem interessante..

Karoline: Alguém tem?

Luiza: Não, mas sabe como que a Isis faz?

Karoline: Hum?

Luiza: Em cima de um papelão!

Karoline: E prende nisso, pronto! claro! coloca e prende no papelão!

Luiza: Eu aprendi o que eu fiz, porque até agora eu só pinte um pano de prato.. Eu fiz no papelão, eu fui continuar fazendo, seguir o modelo, né! Nossa vai dar bem certinho, eu tô tão animada com a minha caixa!

Karoline: Ô! o balaio tá ficando bacana em!

Luiza: Ó, vê! ficou bem legal aqui e aí aqui!

Karoline: E aí! como que fica tampado?

Luiza: E dentro..

Karoline: Olha bem lindo como você fez.. retinho!

Luiza: Retinho né! olha aqui ó! o de dentro, por que o dentro tenho que recortar primeiro pra colocar.. pra ele ficar completamente sem..

Karoline: [incompreensível 1:27:14]



Luiza: Eu faço há muito tempo caixinha.. Eu gosto! Só que é demorado, né!

Karolina: E daí vai tampar..

Luiza: Então mas do que que eu preciso, de uma tesoura muito..

Karoline: Ó!

Luiza: Não, mas só pra parte de dentro!

Karoline: Não, sim, mas eu só tô pensando, se esse daqui..

Luiza: Deixa eu te contar, tu quer ver uma coisa? É, eu preciso de uma tesoura muito afiada pra cortar na outra, pra ele ficar bem perfeito! quer ver uma coisa, você nem vai acreditar. Ó, essa parte aqui é durinha, então eu vou fazer um desenhinho no branco pra..

Karoline: Aproveita!

Luiza: Pra tampar aqui. Fcehou? Massa né?

Karoline: Que desenhinho?

Luiza: Eu não pensei.. ah uns coraçãozinho! Ou florzinha..

Karoline: É! eu pensei assim, esse a princípio me parece assim meio vegetal, né?

Luiza: Isso, nada de comparação, tem toda a certeza..

Karoline: Talvez as florzinhas, ou folhagem ou alguma coisa que lembre um arbusto seja interessante..

Luiza: Aproveitando [incompreensível 1:28:12]

Karoline: É, aproveitando, não sei..

Luiza: O embaló.. Eu acho que você tem toda a razão! Florzinha poderia ser, com um miolinho branco, talvez.. né?

Karoline: Sim!

Luiza: Tipo margaridinha.

Karoline: Ah, é fofo! Conforme vai.. Esse tecido é muito bonito..

Luiza: Nossa é lindo, você já [incompreensível 1:28:31] botão, porque daí o pessoal olhou assim o tecido, eu falei, mas esse pra caixinha, não tem botão não tem nada..

Karoline: Aham!

Luiza: Ele é muito lindo e têm outros lindos também.

Karoline: Uhul! que legal!

Luiza: Olha lá!

Liz: Tá quase parecendo um vaso agora!

Luiza: Ah! Liz, Liz.

Karoline: Eu queria conversar um pouco com vocês lá naquela papel lá se a gente puder fazer isso.. e, bom se for possível seria legal vocês virem, continuarem fazendo durante a semana, não sei como vocês estão de tempo!

Luiza: Eu vou poder vir, menos quinta, vou vir todos os dias..

Karoline: Isso é material de vocês.. Parece um sol! Esse você vai fazer no mesmo formato? Vai fazer..

José: Não, vou fazer um menor!

Luiza: Ah esse aqui.. ah é! ele tá fazendo o fundo e eu tô.. E você vai amassando com a mão né? pra ele ficar achatadinho..

José: Isso! Vai trabalhando e vai amassando. Porque ele fica mais firme pra trabalhar com ele..

Luiza: Nossa José, to aprendendo só de olhar você, sabia?

[ruído 1:30:12]

Liz: Parece que tá chovendo!

Karoline: Não!

[ruído 1:30:22]

Luiza: Tá chovendo?

Liz: Não!

Karoline: Gente, vamos conversar um pouco uma coisa!

Luiza: Vamos!

Karoline: Eu sei que é sacanagem eu fazer isso agora, porque agora tá ficando bom..

Luiza: Porque tá todo mundo animado, é verdade!

Karoline: Amanda, você vai ficar aí a tarde fazendo?

Amanda Não!

Karoline: Não? Ah porque seria bom..

Amanda Eu não sei, alguém vai ficar?

Luiza: Nós não vamos ficar porque eu e a Isis a gente vai ve um negócio de feutro lá na casa do Pessoa externa. A gente já combinou ontem, né.

Karoline: Do negócio que vocês estão montando?

Luiza: É! pode ser também.

Bernardo: Ó se vocês precisarem de armarinho, pra tudo que se possa imaginar, o lugar mais barato de Curitiba, tem uma loja ali na José Loureiro entre a Barão e a Carlos Gomes, sabe a Galeria Suíça?

[ruído 1:31:11]

Bernardo: ..sentido Guadalupe, passou a galeria Suíça, do lado esquerdo, você já vai ver do lado direito armarinho não sei o que.. alí tem um número de armarinhos ali.. eu, pra mim é o lugar mais barato de Curitiba, que faz tudo

Luiza: E é bem grande alí!

[ruído 1:31:29]

José: Esse tá aberto?

Luiza: Tá aberto José..

José: Porque senão não cola aqui.. Antes de eu fechar esse aí que [ruído 1:31:37]

Luiza: Ahm!

[ruído 1:31:40]

Karoline: Gente!

Luiza: Vamos conversar!

Karoline: Sacanagem eu fazer isso..

Luiza: Não, mas vamos sentar!

Karoline: Não mas é sacanagem!

Luiza: Não, não, não tem problema!

Karoline: Eu queria fazer um brainstorm, digamos assim, uma anotação de [ruído 1:31:56]

Bernardo: Um o quê?

Karoline: Um brainstorm! Uma..

Bernardo: Um breakstorm?

Karoline: Brainstorm..

Bernardo: Ah! Brainstorm?

Karoline: Ah, que é isso? traduzindo?

Bernardo: Storm é tempestade né?

Karoline: É, tempestade do cérebro, digamos assim, que é o quê?

Bernardo: [risos 1:32:10]

Karoline: Praticamente flechinhas do que é o projeto de arte, ou artesanatos..

Luiza: Aham!

Karoline: E pra gente ir anotando.. Mas vocês dando pitáco nessa imagem..

Amanda Ah.. [ruído 1:32:25]

Karoline: Não! mas se quiser ir continuando Amanda, eu entendo né! Vamos conversando.. Gente, quando a gente.. o que que pra vocês é uma peça, um trabalho, um artesanato que pode..

Luiza: Que tenha um bom acabamento.

Karoline: O que que é um bom acabamento?

Luiza: Perfeito! Perfeitinho, né!

Valquiria: Eu acho que a gente apresentar para os outros e os outros dizerem que tem qualidade. Porque eu não sei dizer..

Karoline: ãhm?

Amanda Eu prefiro perguntar pros outros e os outros aprovarem..

Karoline: E os outros aprovarem?

Amanda É!

Karoline: Você não sabe dizer?

Bernardo: Vai dizer todo caso que é pintor ou fotógrafo ele tem que assumir o que faz, né! e gostar do que faz né? Nem que fique uma porcaria, mas ele tem que assumir! A gente tem que assumir, então vai [ruído 1:33:17] Não é? É o trabalho que..

Amanda Por isso que eu prefiro copiar do que fazer criatividade, porque daí eu sei quando termina..

Karoline: Ah! a coisa tá pronta!

Amanda Quando está igual né!

Karoline: É isso é uma das diferenças que a gente pode pensar de arte e artesanato, né? Arte e artesanato tem duas.. tem pontos fortes em comum, mas tem pontos de grande distância. Que que a gente tem em comum entre os dois? entre arte e artesanato?

Amanda A técnica de pintura ou de moldura..

Karoline: É! a gente pode usar tinta para os dois, por exemplo.

Luiza: Acho que são decorativas, que são pra agradar os olhos, são pra embeleza a vida, eu acho..

Karoline: As duas são pra isso?

Luiza: As duas!

Karoline: Sim, de certa forma, por um lado, a arte você não tem a necessidade de pensar diretamente o vender o seu trabalho, o artesanato está mais voltado à utilidade do trabalho, né? Mas os dois têm essa questão de fazer.. de ser uma produção humana, uma produção de uma pessoa que gosta de fazer aquilo e também de ser mostrado pro mundo, né? Você quer vender ou você quer expor, e assim vai.. Mas o que que a gente pode tirar de diferença entre arte e artesanato será?

Luiza: O artesanato é mais pra venda, né? Feito mais em série eu acho.

Karoline: Ah! Isso é muito interessante.. Mais em série, né?

Luiza: É!

Karoline: Acho que ela pode falar, que por exemplo, se a gente for pensar em etapas de um trabalho de arte e artesanato, enfim, a parte de.. uma parte de criação artística, podemos falar que artesanato tem criação artística?

Luiza: Têm, claro.

Karoline: Tem com certeza, não é um trabalho de.. não é uma fábrica, você produz o tempo todo criativamente, né? Então criação artística, minha letra é horrível gente, se vocês quiserem escrever, então tem criação artística, nos dois, tanto na arte, quanto no artesanato. Tem uma parte mais, de certa forma, operacional do trabalho de arte e artesanato, em que você tem que fazer, por exemplo, todo mundo vai ter.. pra todos os trabalhos do senhor José vai ter que passar verniz, então você..

Luiza: Exatamente!

Karoline: Então! tem uma parte mais operacional, digamos assim, que você tem que [incompreensível 1:35:51], tem! e a gente pint.. e tem uma parte de.. depois de exposição pra ambos? tem! No caso do artesanato a gente vai ter que pensar que a exposição do artesanato vai ocorrer em ambientes mais diferentes do que a arte. Normalmente artesanato a gente pode pensar na venda direta, né? A gente pode pensar em feira, ou, ou pensando na utilidade daquilo e a exposição da arte é o que? a gente pode pensar em exposição de, uma exposição em um museu, uma exposição em uma galeria, ou no seu quart.. ou na sua sala de estar que você vai colocar o seu quadro. Mas então arte e artesanato têm esses três caminhos, digamos assim, tem a parte da criação e tem a parte chata [ruído 1:36:41]

Karoline: ...Entre arte e artesanato? O artesanato tem criação artística, mas a parte operacional pesa bastante no artesanato, então você tem uma série pra fazer. Então você tem um crochê, você tem.. você criou, você pensou num modelo, você pensou as cores, o tipo de ponto, como você vai fazer, mas tem uma parte operacional que é fazer e ponto o que aquele crochê até fazer o tamanho do pano que você quer. Já a arte ela faz com que você denote mais.. que você dê mais vista à criação, é o tempo todo pensando na criação. Então uma das diferenças que a gente acaba vendo no dia a dia entre a arte e o artesanato é que no artesanato fica fácil de ver o que que é.. fica mais fácil de ver, pensar a qualidade, no artesanato. Daí a gente fala assim: "tem acabado", etc; tem mais regr.. a gente pode pensar em regras mais fáceis, mas pra arte, fica mais difícil pensar na regra. Daí tem quem vai falar: "vale tudo" porque aqui tem esse pessoal de arte que faz um rabisco e tá valendo tudo, então tudo é arte, isso é uma das críticas, né! Mas ao mesmo que vale tudo, na arte, já que você não tem tanto a questão operacional e é mais a criação, é até mais difícil, porque você não tem assim uma norma pra seguir, como no artesanato que você vai fazer isso, depois aquilo, depois isso pra finalizar, na arte tudo depende de você. Então a Liz que tá se arriscando, não mais no artesanato, mas na arte, resolveu se focar, é tudo o tamanho do teu trabalho é conforme você quer, o tamanho da tua tela! o tipo de cor, conforme você quer. Quando o teu trabalho acaba? O trabalho de artesanato acaba, pro José tá claro, né! Quando ele pega, passa o verniz e vê que tá bem acabado, não precisa de mais verniz e ele tá bem moldado, firme, não é isso? Agora o trabalho da Liz é muito mais complicado de falar na tela, quando ela tá fazendo o girassol dela na tela, quando que tá acabado, quando que acabou? É, depende de você, não tem uma regra de fora, né?

Liz: Quando eu fico satisfeita com o que eu vejo, acho que daí termina!

Karoline: Quando você fica satisfeita?

[ruído 1:39:13]

Liz: Vê que eu consegui expressar aquilo que eu desejei expressar!

Karoline: Aham! Mas aquilo que você desejou expressar vai mudando conforme o passar do dia?

Liz: Vai mudando! Com certeza!

Karoline: Então não é uma coisa fixa, né? Vai sempre..

Liz: Não, não, não é..

Karoline: ...dependendo da sua experiência! E aí, o artesanato tem a criação, sempre, né? Então ó, emprestando a tua caixinha, acho que colocou o tecido primeiro, na caixa da Luiza.

Luiza: Foi, foi!

Karoline: Daí a Luiza logo viu, ai não vai ficar legal porque tá aparecendo a bendita marca da caixa, daí eu vou pegar.. ela tirou e colocou o papel sulfite, então tem todos esses, mas ao mesmo tempo a demanda que você o tempo todo sem regra esteja se avaliando. São características diferentes, agente pode trabalhar com arte e artesanato,

mas numa demanda mais do que expressão à artística e outra mais operacional, né? Então a gente tem pro artesanato tem um pouco mais de regras, mais claras, né, então o controle de qualidade mais claro..

Luiza: Bem discreto..

Liz: Dava pra deixar ele tocando só pra ouvir a música!

Bernardo: Do fundo do baú essa daí, viu!

Luiza: Jeam e Giovani, que ele canta?

Liz: Não!

Bernardo: Não, esse aí é um do Roberto Carlos, quando ele era cabeludo ainda.

Liz: Não é.

Karoline: E aí.. Amanda, o que que você pode dizer, você que é formada em educação artística, trabalhou com arte e agora está fazendo artesanato? Que que você acha dessas diferenças?

Amanda Eu acho mais difícil [incompreensível 1:41:01]

Karoline: Arte, mas por quê?

Amanda Porque eu não sei quando tá pronto, quem eu falei, e também acaba sendo, sou muito indecisa, então acaba sendo melhor fazer artesanato, porque a gente faz mais rápido.

Karoline: Aham! Sim e tem um fim mais claro, as regras estão mais claras de novo, então pode falar aqui..

Amanda Eu acho que até é melhor pra fazer um grupo ou uma oficina porque todo mundo sabe onde vai chegar.

Karoline: Controle de qualidade, de série, ele sabe onde vai chegar, né?

Amanda Todos fazem igual!

Karoline: Se vocês quiserem escrever fiquem à vontade. Porque a minha letra não é.. Sabe onde vai chegar! Etapas que tem em toda arte e artesanato, criação artística, a parte decoracional, parte da exposição. Projeto de arte e artesanato, nós temos essas diferenç..

Amanda Eu queria falar também que pra saber valor, se a gente quiser por à venda e ficar bom pra por à venda, também, é melhor eu acho, porque aí a gente sabe quanto vale. De arte a gente pensa sempre que vale mais dos que as pessoas querem pagar.

Karoline: Por que você será?

Amanda Acho que depende da pessoa gostar [incompreensível 1:42:36] da arte, né?

Karoline: Aham! É porque quando a gente fala de arte, pra ver comércio de arte, a gente tá falando de um nicho de mercado mais específico, o artesanato está mais na vida das pessoas e da população muito mais do que a arte normalmente, né? As pessoas não costumam comprar arte, mas o artesanato compram. Tá no enfeite da privada que vai estar o suporte, aí vai ter enfeite daquele o crochê que enrola o papel higiênico, ou no sabonete artesanal, artesanato tá mais.. acaba tendo na vida das pessoas, porque é mais difícil.. a pessoa vai lá e comprar um quadro, né! Normalmente você faz algo pra si ou ganha. Mas também porque que é difícil dar.. você vai falar sobre precificar.. sobre preços semana que vem.. acho que também, uma das coisa que deixa mais difícil a gente penar em dar preço na arte, porque artesanato, como as regras estão mais claras, você sabe onde vai chegar, tá assim.. têm certas etapas mais definidas, têm outras pessoas que fazem igual a você também! Então tem várias pessoas que fazem crochê e alí você tem uma comparação de preço, agora quem que faz um trabalho igual o seu de pintura? de certa forma o artista se sente um pouco mais único nisso, né? Ele se sente.. tem muitas pessoas que pintam flor, mas é mais raro você encontrar essa pessoas por aí, é mais fácil você encontrar outras pessoas que façam caixa de decoração, não é mesmo?

Luiza: Uhum!

Karoline: Entã, isso é uma das coisas que influem na hora de dar o preço, na arte a gente tem várias [ruído 1:44:09]. Olá, tudo bem? Então, voltando aqui pra qualidade.. Vocês me disseram que.. como.. que que é.. que que é um trabalho de qualidade? a Luiza falou que é um trabalho?

Luiza: Bem acabado, né?

Karoline: Bem acabado.

Luiza: No artesanato isso. Porque como é mais pra venda, né? Tem que deter um bom acabamento..

Bernardo: E na pintura também!

Luiza: Também! porque senão a pessoa pega.. é eu não quero esse! e vai pegar um mais bem terminadinho, né?

Karoline: Aham! na pintura também! Mas o que é bem acabado pra pintura, é a mesma coisa que o bem acabado pro artesanato? Varia, né?

Bernardo: Pois é! Isso que eu falei, isso é uma coisa de cada um, né! Você vai ter o trabalho e você.. Eu acho o seguinte, se você fez um trabalho e você achou que ficou bem feito, que ficou bonito, acho que todo mundo vai gostar..

Luiza: Uhum!

Bernardo: Sabe, isso são experiências que a gente adquire. Eu com quando mexia com carro, se eu gostava do carro eu tinha certeza que todo mundo ia gostar do carro. Pô esse caro é bonito, então você sabe o que é bonito no carro!

Karoline: Aham!

Bernardo: E a pintura é a mesma coisa! o artesanato é a mesma coisa! E são peças únicas, né! o artesanato ou a pintura, pode.. dez pessoas pode fazer aquela..

Luiza: Mas não fica igual!

Bernardo: Vai ficar igual, mas nunca vai ficar igual. E uma.. desculpa, mas uma vai ficar mais bonita que a outra, depende da peça, depende do jeito da pessoa..

Liz: Não é porque você [incompreensível 1:45:33] que você coloca [ruído 1:45:37]

Bernardo: De repente é o momento de inspiração ou carinho, ou algo parecido, sabe, então tudo isso ajuda no teu trabalho..

Luiza: É o que você transmite..

Liz: Claro que é!

Luiza: ..Naquele momento!

[ruído 1:45:47]

Bernardo: Fotografia! Fotografia! Você pode pegar um coentro só. Daí você sobe no morro lá e todo dia você vai lá fotografar aquele lugar, no mesmo horário, 6 horas da manhã, duvido que uma foto vai ficar igual a outra. Nunca vai ficar igual!

Isis: Alguém copiou a aula pra me passar depois?

Luiza: Não Isis, a gente..

Karoline: A gente traduziu tudo agora! agora a gente tá pensando um pouco o que que é o artesanato, uma arte, um artesanato de qualidade.

[ruído 1:46:22]

Bernardo: E eu acho também que a primeira impressão é a que fica com relação à essas coisa! Da pessoa olhar e achar bonito. Porque a pessoa olha o trabalho e acha bonito pode ter algum defeito, mas ela não vai ver o defeito!

Luiza: Não, não! Porque no todo ele tá bonito!

Bernardo: Porque ela olhou a parte bonita, então o que chamou a atenção foi a parte bonita. Pode ter algum detalhe, no artesanato ali, claro! porque as peças ali são únicas, né? Nada vai ficar perfeito! Mas é.. se a pessoa olha e já vê um defeito ela fala: "ih", aí ela vai achar um monte de defeito..

Liz: Bom ela já foi procurando o defeito, né..

Bernardo: Não, na verdade ela não está procurando defeito, ela olhou, viu aquela dali..

[ruído 1:47:00]

Bernardo: Mas daí porque ela olha o defeito, fala porra, mas péra aí! Daí ela começa a prestar atenção. Porque a pessoa pra encontrar alguma coisa no artesanato ela não tá vendo o defeito daquela peça, ela quer uma peça bonita! Ela quer.. então pintura, essas coisas todas.. Tem que procurar que fique, não digo perfeito, porque nada é perfeito! Mas o mais perfeito possível, né? Mais do jeito que você quer!

Luiza: Que agrade ao olhar, né?

Bernardo: Que agrade ao olhar, que seja bom pra cabeça, que você olha e fala: "mas que troço bacana que fica aqui"

Karoline: Aham! E acabar a agradar o olhar, né!

Bernardo: É, agradar o olhar, acho que isso é muito importante..

Luiza: Daí você não percebe, porque tudo vai ter sempre um defeitinho!

Bernardo: E você que fez, você sabe que tem um defeito, mas a pessoa que.. a pessoa não vê o defeito.

[ruído 1:47:49]

Isis: E às vezes é a gente que faz! A gente que faz acha que tá perfeito! Só o outro é que vai olhar..

Liz: Eu fiz uma blusa de tricô bege que ficou com um ponto errado, assim nas costas.. eu não vi, eu usei ela.. Agora esses dias atrás que eu fui ver!

Karoline: Ah é!

Liz: Foi!

Luiza: Nossa!

Liz: E ficou um ponto torcido.

Karoline: Aham!

Liz: Então! eu não tinha visto, mas..

Bernardo: Existem coisas que passam despercebidas, né?

Luiza: Verdade!

Karoline: Agora agradar o olhar não é [incompreensível 1:48:22]? Acaba sendo mais fácil vê.. pensar os elementos que agradam o olhar do que na arte, né? Porque.. será que não tem uma coisa mais de gosto, eu sou mais pra esse tipo.. ou mais pra aquele? que isso me agrada mais e isso não me agrada, ou não?

Bernardo: É, eu acho que cada um tem os seus gostos, né!

Karoline: Aham!

Bernardo: Né! Quando é só pintura, eu gosto de flores, tem gente que não gosta, odeia flores, já vê flores demais no parque..

Luiza: É, eu não sou muito amiga de flor.. Eu gosto mais de folhagem! De verde.

Bernardo: É essas coisas, artesanato ali acho que é a mesma coisa, né! Ah eu vou lá na frente do artesanato porque eu quero comprar um negócio lá. Você já sai meio com a ideia do que você vai comprar.

Luiza: Aham!

Bernardo: Pode comprar uma outra coisa, mas pra mim báh! você tava passando achou bonito e báh!

Liz: E também vai mais da necessidade, né!

Bernardo: Também!

Liz: Você vai lá pensando: "Eu preciso comprar um pano de prato", "eu preciso comprar uma cestinha pra por pão", também tem mais esse lado de interesse.

Bernardo: E depende do meu bolso também..

Luiza: Também! Mas só de encantar os olhos, eu adoro olhar, meu Deus, já vale a viagem..

Bernardo: Ah..

Luiza: Eu não preciso ficar levando..

Karoline: Só de olhar a tarefa?

Luiza: Só de olhar, nossa [incompreensível 1 :49:32]. Eu sempre gostei de loja de decoração, loja de utensi.. essas coisinhas miudeza.. Mas não enfeitinho, não é bem.. é um outro jeitinho. Desde, sabe eu saia de casa pra comprar pão, já ia parando nas loja de armarinho então, desde pequena eu tenho caída por isso!

Bernardo: A gente vai.. eu vou às vezes naquela feira do largo da ordem alí, que tem aqueles caras na pracinha, lá da Garibaldi? Não, não é da Garibaldi! Do lado das ruínas ali que tem aqueles quadros na exposição. Nossa tem uns quadros ali que sinceramente, né!

E tem uns quadros que você fica olhando.. As coisas são bacanas!

Luiza: Você viaja ne?

Bernardo: É! você fica olhando os detalhes daquele troço tão lindo. Tem um cara que pinta umas caravelas, um troço assim que é show!

Luiza: Nossa, têm pessoas talentosíssimas, meu! não sei da onde tanto..

Karoline: Até tava comentando de vocês se organizarem pra ir na feira com o caderninho..

Luiza: Boa ideia!

Karoline: ..anotando as coisas...

Bernardo: Ir num domingo lá! a gente pode ir lá passear, com uma câmera, tirar ideias.. É bom pra criatividade, sabe..

Karoline: Tirar ideias, exatamente, Fernanda ia gostar também! Conversar com todo mundo.

Bernardo: Olha eu sempre gostei muito, sabe aqueles anjinhos de porcelana?

Karoline: Eu tinha um monte daqueles troço!

Liz: Eu tenho [ruído 1:50:44]

Bernardo: Aí quando me mudei de casa dei tudo pra minha [incompreensível 1:50:46] eu tinha uns trinta lá na minha estante.

Luiza: Aham!

Bernardo: Um diferente do outro, porque eles são.. não são só anjinhos, tem bonequinhas, tem minininhas com bolinhas..

Luiza: Tem ursinhos..

Bernardo: Nossa! eu sempre achei aquele troço tão bacana! Eu tinha um monte desse troço.

Liz: Na hora de limpar é que a gente se arrepende..

Luiza: A é isso dai é uma complicação.

Liz: Por causa do pó.

Bernardo: Mas é interessante..

Karoline: E esse bem acabado? Vocês falaram então que o bem acabado, o artista, o artesão sabe olhar se tá bem acabado ou não, quando tá pronto! Mas quais são os elementos que ele olha? quais elementos pra olhar e dizer que tá bem acabado?

Luiza: Depende do trabalho que a gente faz, né?

Karoline: Depende.

Luiza: Do crochê, por exemplo, atrás no avesso, não pode ter aquela fiozarada! você..

Liz: E também não pode soltar depois!

Luiza: Não pode soltar! você não pode cortar e ficar aquelas duas.. sabe aqueles dois, né?



Liz: É!

Luiza: Ah! e estraga o trabalho todo, tem que ser um trabalho limpo, bem acabado!

Karoline: Um trabalho limpo! Você falou de trabalhos de fios, né?

Luiza: É!

Karoline: Se tiver muito ponto torto?

Luiza: Não, não pode.

Karoline: Daí também que não, eu lembro a Liz que falou.. Quais outros elementos? se for pensar na sua cesta, José? Na cesta, no pessoal que faz cestaria.. porque daí você que domina a cestaria, consegue ver de longe muito mais rapidamente, fácil, o que é uma cesta boa de uma cesta ruim, não consegue? Quem trabalha com isso vê, quem trabalha isso tudo vê de longe.. vê muito mais fácil o que é uma pintura boa, de uma pintura que não é tão boa, a tinta.. O que faz uma cesta ter uma qualidade melhor ou pior?

José: Primeiramente acho que é o dia da pessoa, né! O dia da pessoa repassa pro trabalho daquele dia..

Karoline: Aham!

José: Tem dia que você está inspirado e o trabalho fica perfeito.

Karoline: Uhum!

José: É isso aí!

Karoline: E que qualidade que você.. olhando várias cestas, que você diz: "ah, essa é a melhor cesta" ou "essa cesta tá com alguma coisa..", qual característica, como você avalia o que é uma cesta bonita e uma cesta que não? Com ela pronta.

José: O acabamento. O acabamento dela tem que dar o retoque final.

Karoline: O que que é o acabamento na cesta? É porque o acabamento no pano de prato é diferente que na cesta, eu queria.. que acabamento na cesta?

José: O acabamento, a pintura dela depois de um tempo. Acho que o acabamento na pintura, depende da cor que você coloca, tudo você vai dar a qualidade no artesanato, né!

Karoline: Aham! e o seu.. as caixas? Assim Amanda e Luiza?

Luiza: A caixa tem que ser os cantinhos, né Amanda? Dentro também não pode ser aquela, né! tem que ser bem bem rente. Bem [incompreensível 1:53:50] bem cortável.

Amanda Bem colado.

Luiza: Bem colado, não pode ficar aqueles, né. E é trabalhoso também, porque senão não fica legal!

Karoline: Uhum!

Luiza: Ninguém vai comprar uma coisa se é tudo atrapalhada!

Karoline: E o que que é tudo atrapalhado?

Luiza: Nossa! por exemplo..

Karoline: ..Que daí a gente começa a nomear sabe? Ah é a tinta; é a aspereza da caixa; ah! aqui tá torto; começa..

Luiza: Quem aquela tampa que tá ali, né Karoline? que você viu, tem uma tampinha lá que tá bem atrapalhada por dentro. Foi dobrado o paninho e tá bem atrapalhadinha e não pode acontecer!

Karoline: Ah eu vi isso?

Luiza: Viu!

Karoline: Hoje?

Luiza: Não!

Karoline: Ah tá! outro dia.. ah sim, também não pode.. sim.

Luiza: Não pode! tem que cortar bem do tamaninho da parte de dentro, senão, eu penso né, então não põe a mão! Não é verdade? Como é que você vai.. aquilo não é papel pra você estar dobrando, pano é pano! Né? Então tem que ser.. mesma coisa com o pincel se

você vai pintar! Tem que ser bem acabadinho. Não sei se é mania de perfeição que eu tenho..

Liz: É!

Luiza: Eu quando.. é, mas eu quando vou comprar alguma coisa eu olho se tiver mal acabado não compro.

Liz: Eu também. Uhum!

Luiza: Não é verdade?

Karoline: Sim, eu queria chegar aqui que me parece que quanto mais experiência agente tem com um tipo de artesanato, com um tipo de trabalho, sou a pintora, quanto mais experiência eu tenho na pintura, mais eu vou entender quais são os critérios de qualidade, de certa forma. Então a gente tem que usar isso a nosso favor, né Isis? Quando a gente faz bastante a gente tem que reconhecer e utilizar isso a nosso favor. Então, não tem um porção.. Quando a gente passa por uma grande.. por vários.. várias cestas a gente começa a vê um padrão de qualidade, padrão bacana e uma porcentagenzinha de cestas que talvez não ficaram boa, que não precisam ir na feira, por exemplo. Que vão, de certa forma, podem destoar do grupo e ficar lá com uma impressão ruim do trabalho, na hora de se expor..

Luiza: Verdade!

Karoline: Mesma coisa com o meu trabalho em pintura, que é mais difícil, né! que a gente tem que pensar que critérios de qualidade são mais difíceis. Então pra o trabalho em pintura, uma das características que eu posso ir pensando na criação artística é que a gente tenha.. a pessoa tenha uma linguagem bem desenvolvida. Então ela não vai ter só um trabalho, mas vai trabalhar.. vai pintar, pintar, pintar bastante, várias vez.. bastante, pra daí ter uma quantidade boa de trabalhos com mais ou menos a mesma temática, isso é uma das características que fala de um artista que tem mais experiência, de um artista que tá iniciando, fala da qualidade do trabalho. Então quando a gente tem.. quando a gente faz bastante a gente começa a.. quando a gente faz bastante a gente começa a pensar melhor nos critérios de qualidade. E pra fazer bastante é impossível não pensar num projeto de arte, num projeto de artesanato. Daí a Luiza me falou: "Eu me interesso por muita coisa, eu quero aprender muita coisa!", e isso é super 10, muito bacana, mas pra gente pensar em qualidade é importante também pensar..

Luiza: Se esmerar no [ruído 1:57:07]

Karoline: ...pensar num guarda-chuva de projetos, então do projeto decoração, no projeto decoração de caixa. Por que fazer.. pensar em projeto? pela? Pra conseguir formar uma quantidade de trabalhos e, a partir da quantidade, por incrível que pareça, quantidade não tô falando assim: "vamos produzir adoidado feito uma fábrica!", sem amor ao trabalho, pelo amor.. artesanato tem característica de você colocar o seu naquilo, isso é precioso, não pode.. A arte que perde isso deixa de ser arte e artesanato. Quantidades.. quando você tem um projeto, né, então eu faço decoração de caixas, vou fazer no mínimo umas dez, a gente come.. na quantidade, na produção e trabalho mesmo, né! toda semana fazendo, a gente começa a ver padrões das caixas e diferenças. Então o que que eu vejo de padrões, " Ah! eu gosto.. tô pensando agora em fazer então temáticas de flores nas minhas caixa", então que tipos de temáticas que eu posso fazer? Caixas com temáticas de flor, caixas para um determinado fim, caixas para.. Bauzinhos de papeis de receita, receitas de culinária, ou eu começo a ver características, se as minhas caixas ficam boas ou ruins, caixas que tem.. "Ah! aquela caixinha faltou lizar, aquela não!", mas uma característica forte que eu tenho da minha qualidade é, que todas eu pinto muito bem, ou todas as minhas caixas, os adereços que eu coleí não vão descolar daqui a seis meses, eles vão estar firmes e fortes, porque eu estou fazendo plano de qualidade com uma cola boa que vai durar aquilo lá, ou minha caixa vai

aguantar abrir e fechar, abrir e fechar, abrir e fechar várias vezes, não vai estourar a mola que vai perder a função. Então é importante, quando a gente pensa em qualidade, também ter projetos de artesanato.. projeto parece uma coisa muito distante, ó o guarda chuva, mas não! a gente vai., é uma coisa quem trabalho, como qualquer trabalho, né! Quem qualquer trabalho, então eu falo eu tô com um projeto de panos de prato, eu faço uma quantidade a partir.. A partir da quantidade eu consigo pensar na qualidade, que daí eu vejo, que características ficaram boas nos panos de prato, que características não ficaram boas.. Porque você falaram, que a qualidade depende do tipo de trabalho que eu faço, que eu vou poder pensar nos tipos de critérios de qualidade, né! Então a qualidade e a quantidade tem a ver, não é pra produzir, feito correndo.. Quando você vai fazendo você vai vendo. E outra coisa também pra quantidade é que quando você colocam como artesão ou artista, se você deixa de fazer pouco, vendeu um, você não pode nem falar do seu trabalho... Ah eu fiz, mas você tem alguma coisa aí pra me mostrar, pra eu ver o modelo? Eu deixo pago pra você, pra você fazer pra mim? Não, não tenho porque eu já vendi, e daí você se perde, então é interessante você ter uma produção que você sempre vai ter amostras do seu trabalho, do que você faz. Então você tem dez, mas você vende cinco, mas sempre deixa um ou dois pra você, porque pra observar você tem o seu trabalho pra divulgar. Pra você mostrar o que você faz, porque é uma diferença muito grande quando você fala, eu faço crochê tal coisa e quando você mostra o seu trabalho! Tem outro valor, né? Então a quantidade é boa, pra pensar qualidade e pra pensar divulgação. Minha letra está..

Isis: Posso falar uma coisa?

Karoline: Claro, por favor fale!

Isis: Eu vejo falar muito no acabamento..

Karoline: Uhum!

Isis: Beleza! só que pra ter um acabamento, tem que ter um bom começo, porque o começo tem que ser muito bem feitinho pra ele ter um acabamento bom, porque não é só se preocupar com o acabamento, tem que preocupar com o começo!

Karoline: Não é só fim, é começo! é Planejamento!

Isis: Fazer, pensar antes de fazer. Isso aí tudo quanto é artesanato que for fazer.. se for na pintura como vai começar a pintar pra uma cor entrar na outra e não ficar aquilo ali, tipo, uma criança que tá apontando um desenho, do primário.

Karoline: Perfeito Isis! Perfeito Isis..

Isis: Outra, pra fazer uma cestinha, eu já trabalhei com essas cestinhas alí também, essas cestinhas no tramado, no trançar ele é que tu vai fazer um bom acabamento, no trançado já vi de umas vezes ter boa ou é ruim!

Karoline: É, o José falou que tem umas que ficaram com um buraquinho, e daí tem que ficar com a trama mais fechado.

Isis: É na trama dos canudo que você vai ver e você vai ter um bom acabamento se você tiver uma boa trama.

Karoline: Então acabamento..

Isis: Você sabe como é que começa, né! Então você vai ver a trama dele, vai ter que ser parêlho, pra ele ter um bom acabamento, não fica um lado mais alto, nem o outro mais baixo e a trama dele fica parêlho.. um por baixo e um por cima, um or baixo e um por cima..

Karoline: Quando o José tava me mostrando..

Inadia: No crochê a mesma coisa, se errar um ponto, os primeiros pontos, não vai ter um bom acabamento!

Karoline: Não vai ter, aham!

Isis: Se não fizer uma boa laçada no final ele vai desmanchar na primeira lavada.

Karoline: Agora tem elementos do final? Tem! do José tem a cesta que ele mesmo falou que, lá quando eles faziam cesta, tinha um, tem gente que fazia, pintavam pra passar o verniz, na frente e atrás do pote na mesma hora e aí tem vezes que deixavam o dedo marcado, aí ele falou que pro acabamento é importante depois de tudo passar o verniz, deixa secar, depois passa o verniz na outra camada, pra não ficar com os dedos, né!

Isis: Sim, porque também na hora de pintar a.. o trabalho trançado no papel ele no pintar a gente consegue disfarçar algum defeitinho que ficou, a gente consegue disfarçar.

Karoline: Agora então.. Vamos pensar nesse "bem acabado" é uma palavra que engana a gente! Porque a gente.. parece que bem acabado tem a ver com o final, né, o gran finale, quando o artista vai lá e coloca a assinatura. Mas tem a ver com todo o processo, muito bom. E daí quando a gente pensa aqui nas etapas, que a gente falou de criação artística, a parte operacional e a parte de divulgação que no artesanato tem um peso maior com a criação e a arte tem um peso maior na criação, o bem acabado tem tudo isso, né? Então a Amanda, né Amanda? que coisa que foi.. a Amanda ficou chateada, por que ela foi procurar os pincéis, e ela já tinha começado, e ela viu que não tinha pincel fino, depois meio que até tinha algum, só que ela já tinha começado com o grosso e pro pano de prato dela, com os detalhes, não dava pra fazer com o pincel grosso, porque senão ele não fica.. daí a Amanda tava chateada com isso..

Amanda O contorno, né!

Karoline: É, então esse bem acabado tem a ver não só com o final, não pe só começo, não é só final, opa! hihi. Não é só o fim, é planejamento do processor, certo?

Bernardo: Ferramenta certa, né? [ruído 2:04:40]

Karoline: Isso! muito bom, isso tem tudo a ver com as etapas, então o bem acabado e o planejamento.

Isis: Incluindo no planejamento, né?

Karoline: Que que tem a ver? material.. Que que a gente pensa do material?

Luiza: O material certo pra aquela situação, né! não é, ah não! vou adaptar, vou.. não! tem que ser aquele material..

Karoline: Então eu posso ter a melhor tinta profissional guache [incompreensível 2:05:02] Posso usar no pano de prato?

Luiza: Não!

Karoline: Não! porque ela não é para aquele fim. Então a pergunta pro material é se tenho todo o material necessário para aquilo? e se aquele material é de fato o que eu deveria usar para aquele tipo de fim, ou seria outro? Claro! a gente pode muito improvisar, e nessa improvisação de material a gente pode ter coisas riquíssimas, como o seu Joel que não tá aí, que resolveu fazer o telhado das caixinhas dele, o chaveiro! com as partes da pinha, né..

Luiza: Ficou uma graça né! bem feito.

Karoline: Não tem ninguém que disse pra ele nenhuma regra que disse pra usar aquilo, ele foi na experiência de criação artística, né! na experiência que ele foi criando o que é muito possível, agora ele por exemplo.. não existe uma regra muito clara pro material, você pode experimentar, mas você tem que ver se o material é adequado ou não é, ver as possibilidades, então certamente ele fez testes com a pinha, inclusive ele viu que pro teclado, nas laterais ele podia usar, mas que aui na quina de cima, ficava horrroso, então ele usou outro material pra cobrir aqui em cima. E assim vai.. Temos o material, o que mais podemos pensar no planejamento que é importante? A técnica, né? Não só a parte de como elaborar, mas, é.. o que que vocês falam da técnica?

Luiza: Depende do artesanato, que cada tipo tem uma técnica, né!

Karoline: Tem!

Bernardo: E cada um tem uma técnica também, né!

Karoline: E daí olha, aí que é importante.. a técnica tem muito a ver com a quantidade gente, porque só se aprende fazendo. Claro! Você ouve, você olha a pessoa fazendo, mas como que você vai fazer um pano.. é muito difícil você fazer na primeira, eu nunca fiz uma pintura bonita na primeira! ou o primeiro crochê seu foi bonito? O primeiro pano de prato, pintura de pano de prato, ficou do jeito? foi o melhor que você fez? nunca né? Então a técnica também é alcançada na quantidade, é que tem o problema que muita gente tá muito inspirado que aquele primeiro trabalho, aquela primeira pintura de girassol saia tal e qual pra vender, mas muitas vezes tem que fazer várias pinturas de girassol ou pelo menos vários desenho pra daí quando eu passe aqui numa tela que eu paguei mais caro pra pintar, que saia mais como eu queria, então a técnica tem a ver com produção, também. Claro você pode aprender, como um aprendizado, eu faço uma aula de bordado, por exemplo, mas tem uma questão de prático. Então aqui podemos colocar a palavra prático. Se aprende fazendo, né Isis?

Isis: É verdade.

Karoline: Então o material a gente viu que é para.. então se a gente tem todos os materiais, aí eu sei que aquele material é para aquele fim. Mas ao mesmo tempo não é criar uma regra fechadinha, do tipo, pensei aqui, nunca se esqueça que todo processo de arte também envolve a criação, então, faltou tal coisa, o improvisado pode ser muito interessante também. Mas tem que tomar cuidado pro improvisado não acabar estragando o seu trabalho, né! Então, Achou uma peça interessante pra colar na caixa, mas tem que pensar se será que vai ficar grudado?

Luiza: Combinar!

Karoline: É! ou será que vai, não vai durar? ou quem a cerâmica, a gente pensou: "ah!, né falou, seria legal que se estivesse, se a peça tivesse muito queimada a gente poderia usar na caixa, a primeira vista a gente pensou, opa! podemos usar isso, vai ficar legal porque a gente.. temos mais tais pra colar nas caixas, mas pensando a longo prazo, não vai dar certo! porque não foi queimado, vai quebrar, vai esfacelar, não vai durar, então ninguém vai querer comprar uma segunda vez uma caixa que a pecinha quebrou.

Amanda E depende de como a gente cola também, né! porque algumas cola não te gruda bem feito, é melhor cola quente.

Karoline: Melhor cola quente. Depende do material.

Amanda Super bonder, mas super bonder sai caro, né!

Karoline: É, mas vai depender do material, então pela quantidade de trabalhos que eu faço, também a quantidade de testes, né, porque cada caixa é uma caixa, eu vou ganhando mais experiência, você saber o que.. até onde posso ir com tal técnica, até onde cada um vai.. material e técnica. Então por isso, mais uma vez, é importante pensar no projeto, parece.. não é obrigar alguém a ficar no quadradinho, de modo algum, mas quando a gente fala em projeto, é a gente tomar mais seriamente o nosso compromisso de desenvolver um trabalho assim, numa área.

Liz: Tipo respeitar a técnica.

Karoline: Melhor possível né! Com esforço assim.

Luiza: Com mais responsabilidade talvez.

Karoline: É, isso! e aí o que é que vocês me dizem.. então a qualidade vai depender muito, né? Mas o bem acabado não é só do final, é de todo o processo.. Tem material, a técnica que fazem parte do processo, o que mais será que faz parte? É que a técnica envolve vários.. até a exibição final, até você disser que tá pronto.

Bernardo: Eu acho que você tem também que imaginar ele já pronto, né. Quando você começar a fazer.. Pelo jeito você não sabe como é que vai ficar, mas o bom seria você imaginar, que isso aí é o projeto, né. Acho que é a mesma coisa que você escrever um livro, né? Alguém já escreveu um livro? Então acho que um livro você tem que pensar

em uma história, você vai ter que pensar no começo do livro, no meio do livro e no final do livro, né? Como é que você vai acabar um livro se você não sabe que história.. você tem a história, mas não sabe como que vai acabar o livro. Então o livro tem que ter um fim, tem que ter um meio também! Né, princípio, meio e fim.. Já tive uma experiência dessa, escrever alguma coisa, então realmente isso é muito importante, você saber como você vai fazer, como que vai terminar aquilo? Acho interessante.

Karoline: Planejamento, pro artesanato é mais.. até mais simples, mas pra artes muitas vezes, se você trabalha com o abstrato, por exemplo, ou um trabalho mais espontâneo, você tem maior dificuldade de pensar onde você quer chegar, inclusive o trabalho de artes vai.. vai justam.. trabalha justamente por você não saber onde você vai chegar e aí tá uma parte interessante, mas mesmo assim você vai planejar no começo, meio e fim, qual o material que eu tenho, até onde eu posso, até onde.. o que que eu posso fazer no máximo com o meu trabalho de tela, até onde ele pode me levar, quais são os meus limites.. Começo, meio e fim pra gente pensar. Então o que vocês levassem, pra ir pensando em casa, matutando, que vocês trabalhem, façam seus trabalhos, conforme interesse, fiquem pensando esses elementos que fazem parte da qualidade, de que modo vocês podem.. começar então a descrever esses critérios de qualidade, daí isso é uma [incompreensível 2:12:48] descrição! descrever esses critérios pra cada trabalho, pode ser assim? Vamos fazer assim? e aí semana que vem daí a gente trabalha também, vamos conversar um pouco sobre preço, pode ser?

Luiza: É isso daí é bem importante, né, porque daí a gente faz e não sabe cobrar bem.

Karoline: Mas ó, preço também tem a ver com o projeto viu. Se eu.. e uma diferença também de colocar.. quando se coloca como artesão e artista você tem uma profissão , né, então você sempre tem algo pra mostrar. Quando você faz um só, né, eventualmente você fez aí já vende, não tem o mesmo valor, você.. o valor que você pode aplicar no teu trabalho acaba até sendo menor do que.. ou da pessoa que vende na feira, por exemplo. Ela tem muito e daí ela mostra como ela tem prática naquilo.. Às vezes ela tem a mesma prática que você, ela faz o mesmo.. ela.. a qualidade é a mesma, mas ela tem muito..

Luiza: Só que as vezes ela tem mais facilidade pra comprar o material, ela compra a preço.. Como essas lojas de armarinho, eles vendem trabalhos de crochê, às vezes eles podem vender um pouco mais em conta, por quê? Eu não acho que é mais em conta, né, mas..

Liz: Não!

Luiza: ..Digamos, porque eles têm a facilidade de ter um material, eles pagam a preço de custo, então eles trabalham, sabe é..

Karoline: Luiza isso é uma coisa muito bacana! Pensa!

Luiza: Porque eles têm material mais à vontade do que a gente que vai lá comprar um rolo, dois rolos, numa brabeza danada..

Karoline: Numa brabeza danada!

Luiza: Então!

Karoline: Então! daí a questão.. mas isso vamos falar na semana que vem, claro, vai conforme é artesanato tem mais custo, menos custo. No caso do José, você leva.. fica mais leve pra você nesse caso, né José. Do que no caso das caixinhas.

Isis: Eu quero trabalhar com tinta!

Luiza: Ah! então..

[ruído 2:14:37]

Karoline: Pensem nos [incompreensível 2:14:40] terças feiras daqui a pouco como que vai ser?

José: Não dá!

Amanda No papelão!

Isis: Pra fazer os canudos, ajudar a tramar..

Luiza: É!

Isis: Eu já ajudo!

Karoline: Que bacana!

[ruído 2:14:53]

Isis: Vamos fazer uma parceria!

Karoline: É, Luiza você falou que é mais difícil, sim! por isso que mais uma vez um outro ponto pra trabalhar em grupo.. tem vezes que é muito bom trabalhar sozinho que você tem mais uma paz, pra você se organizar [incompreensível 2:15:08]

Luiza: Mas dependendo do tipo de artesanato ele é mais viável, né?

Karoline: Em grupo?

Luiza: Como o trabalho do José, o trabalho de guerra, não gasta praticamente nada, né José, vamos falar a verdade. Então ele rende diferente do crochê. Esse aí gasta muito tempo, gasta material, nossa até você terminar, se dependesse pra se alimentar, realmente, fica complicado!

Karoline: Ele é mais complicado!

Luiza: Bem complicado.

Karoline: Ao mesmo tempo, por exemplo, o trabalho do José pode ser um caminho para um futuro trabalho, por exemplo, quando o José tiver uma produção ele pode ser.. Alguém pode trabalhar com a decoração em cima do que o José fez.

Luiza: Exato! e pode ser criado novas peças, como caixas.

Karoline: Novas formas, isso.

Luiza: Exatamente [incompreensível 2:15:55]

Karoline: Agora, Luiza você falou de preço.. de é muito.. que demanda mais custos, sim, por exemplo a cê.. as tuas caixas demandam mais custos. Mas quando você está trabalhando em grupo você consegue enxugar esses custos, primeiro que você estão.. quando se está em grupo, você cria uma rede de ajuda, então eu tem isso e aquilo.. até perguntar.. a.. quem que eu.. eu tinha que trazer alguma coisa semana que vem, que eu não anotei e eu esqueci! Mas eu..

Amanda Um pincel fino?

Karoline: Pincel fino, tinha que trazer um pincel fino, então quando você está no grupo..

Amanda Carbono!

Karoline: ..O grupo se ajuda!

Luiza: Fica mais caro.

Karoline: É, alguém tem que trazer carbono, eu não tenho papel carbono aqui, tem que trazer papel carbono e aí, cada um tem alguma coisa, vão se ajudando.. o grupo se ajuda, né! cada um traz e vai se assegurando. E ao mesmo tempo você tá num grupo, consegue um valor mais baixo na compra, porque você não tá sozinho, você.. Se cada um aposta um valor, por exemplo, no trabalho futuro, vocês conseguem um valor mais barato lá na quitanda que a pessoa compra.. Então o grupo se...

[ruído 2:16:57]

Karoline: É se organizar e trabalhar!

Luiza: E trabalhar é verdade.

Karoline: Num foco, num foco, trabalhar num foco, porque a gente não consegue pensar em qualidade se não tem, também, um foco..

Amanda Se diversificar muito..

Karoline: Não, diversificar é super.. é.. é posit..

Amanda É bom, mas..

Karoline: É bom porque você aprende muito e uma coisa agrega na outra, mas pensar qualidade e pra você divulgar o seu trabalho é importante ter um projeto, pra ter quantidade.. Tá claro?

Isis: [incompreensível 2:17:30] pra trabalhar em grupo também a gente tem que tá aberta, muito tranquila pra aceitar sugestão, às vezes não está bom. A Luiza olha e fala: "ó, não tá bom o teu crochê", como a gente tá fazendo, né?

Liz: Bom, esse problema a gente não tem!

Isis: Graças a Deus que nó estamos beleza.

Luiza: Mas a gente levou muito pra aprender, aqui ninguém é protetor de ninguém e, não é verdade?

Isis: Não, mas a gente tem que se ajudar..

[ruído 2:18:00]

Liz: Semana que vem a Jandéia vem fazer com vocês, meu irmão vai pegar férias..

Luiza: Ai que bom, e venha já todo dia, né, semana que vem eu venho já todo dia..

Karoline: Então gente! Então vocês vão produzindo, de tarefa de casa produzir, segundo seus nichos e pensar descrever quais são meus critérios de qualidade, o que é no meu trabalho específico, então descrever nesses critérios. Daí semana que vem quando chegarem já vão fazendo.. seria a minha alegria. Tá certo que o café preciso porque pelo frio... então já vão fazendo e daí a gente conversa sobre preço, sobre essas coisas, tem mais alguma coisa que vocês queiram? Bom vamos construindo, né? Mas vocês tem alguma coisa pra colocar ainda hoje? pra falar, alguma ideia? não? pensem então o que será dessas terças-feiras depois..

Luiza: É, exato! pra gente continuar com esse horário, continuar com esses encontros, né. Não acho que acaba o curso e cada um vai pra um canto..

Liz: Eu acho que vai ser possível continuar, nem que cada um faça a sua técnica, o seu trabalho, mas a gente continua o grupo na terça-feira, né..

[ruído 2:19:20]

Luiza: Aí faz um tanto de material, vai pra outro grupo, faz um tanto de material, vai pra outro grupo, assim a gente não aprende só uma coisa, vai aprendendo várias..

Isis: Eu como sou uma pessoa inquieta, eu posso estar nesse grupo trabalhando um pouco com uma coisa, um pouco com outra.. Porque eu sou.. isso aí.. uma coisa.. uma doença..

Luiza: Eu quero fazer aquele mosaico com o plástico também..

Isis: Eu vou ajudando..

[ruído 2:19:48]

Isis: Sabe, agora para a época de natal, a gente pode fazer coisas pra ir guardando pro natal!

Karoline: Ah! aí que tá gente, ó! a Isis falou do natal, o natal a gente não pensa um mês antes, mas é agora! A gente tá em julho.. Os feirantes já tão..

[ruído 2:20:18]

Karoline: Não estão fazendo nada de festa junina, estão fazendo já [ruído 2:20:21]

Liz: Guirlanda vende tão bem, né?

Karoline: Então!

Isis: Até já vou começar a fazer, eu tenho agulha ali de tricô, já vou começar a fazer uns..

Karoline: Então que tal grupo? o que que você propõem pro grupo de terça, fiquem matutando aí.. Se for pra pensar na temática..

Liz: Produção!

Isis: Pano de prato agora tem pano gente! tá faltando tinta alguns pincéis, porque eu comprei mas é poucos pincel.



Karoline: Então, existe..

Isis: Até tinha pincel fino, se não tem aí é porque eu comprei e...

[ruído 2:20:50]

Karoline: Que tal colocar, etiquetar..

[ruído 2:20:59]

Isis: ..Pegar esses pano de prato, ter um lugar só pros panos de prato, porque a [incompreensível 2:21:17] agulha, tudo..

[ruído 2:21:24]

Karoline: Então, até semana que vem pessoal!

Todos: Até!

Nono encontro

Karoline: Bom dia, pessoal, hoje estamos nosso penúltimo encontro. Semana que vem...

Joel: Que pena, falar nisso

Karoline: Pois é! Vamos ver... eu queria saber que uma das nossas tarefas pra essa semana é pensar em propostas de grupos, de oficinas, ou em relação à temática, ou só o grupo livre de oficina, que cada um faz o que tem interesse... ou por uma temática, ou Natal [incompreensível 00:29], ou só fazem coisas... bom dia! Oi, tudo bem?... Andaram pensando...?

Luiza: Eu acho que eu não sei. Na minha opinião, eu acho que, se fosse livre, seria melhor. Porque ó, que nem no caso, eu comecei a minha caixinha, estou um pouquinho com problemas, né, então já vou pular pra outra coisa. Até eu encaixar [ruído 00:51] aquilo no MDF mesmo que aí já não tem problema com ela, né. E viu como dá pra recuperar

Joel: É, eu também.

Luiza: Porque ó, que nem no caso, eu comecei a minha caixinha, estou um pouquinho com problemas, né, então já vou pular pra outra coisa. Até eu encaixar [ruído 00:51] aquilo no PDF mesmo que aí já não tem problema com ela, né. E viu como dá pra recuperar, porque já que eu comecei, não vou perder o meu trabalho.

Karoline: Isso.

Luiza: Mas eu gostaria também de... [ruído 01:04] de pintar minha cestinha, eu gostaria de pintar também... eu gostaria de fazer várias coisas. Então, pra mim sendo livre seria melhor.

Karoline: A princípio livre. Mas, num comprometimento de, fixo horário? Dia e horário fixo...

Luiza: Pode ser...

Karoline: Não, pra que as pessoas se encontrem no mesmo dia.

Luiza: Sim, sim, sim, é verdade.

Karoline: Porque mesmo fazendo [ruído] a gente aprende muito, né?

Luiza: Não, e anima tendo mais pessoa, né?

Liz: Vamos manter a terça, né? Vamos manter a terça.

Luiza: Hoje é terça.

Liz: Vamos manter a terça.

Luiza: Vamos manter a terça daí

Liz: Porque já foi pra agenda né, daí é..

Karoline: Isso, fiquem pensando isso. Então, é a outra coisa que a ISIS acho que lembrou ontem, que é interessante pensar, que é que se for o caso, em épocas, o pessoal que faz artesanato poderia dispensar na páscoa, bem antes do carnaval, quando é natal e pensando na páscoa. Quando é o natal está pensando agora na festa junina... Então, se vocês quiserem fazer alguma coisa com a temática "tal", pensar já antes, pra ter uma

produção nisso. Se for o caso, por exemplo, o pessoal da toalha de prato quiser fazer com temáticas de natal, já vai preparando. Claro, não vai começar agora... porque ninguém está pensando no Papai Noel agora, não é? É, é uma possibilidade. Vocês têm, como grupo...

Isis: Trabalhar as guirlandas...

Karoline: A parte da jardinagem, também acho que pode...

Joel: É, eu fiz muita guirlanda com aquele... sabe? Eu fazia, daí eu pintava e envernizava, e fazia aquelas guirlandas bonitas...

Karoline: Fazia guirlandas então. Olha, como vocês são um celeiro aqui de idéias e de produção, mesmo mesmo, eu estou encantada com isso. [interrupção] Visita da ATROUS [incompreensível 02:57] Pintura e Arquitetura da semana, e assim vai...

Joel: É... Uma coisa que eu queria falar

Isis: Vamos valorizar o curso da Carol, porque... fiz o que pude.

Karoline: Ótimo! Muito bom, usou o seu tempo precioso... que bom.

Joel: Tipo assim, por exemplo, eu não participei desde o início, né... Então, terça-feira passada eu tive um problema que faleceu meu primo, e daí eu tive que amanhecer no velório, e o enterro dele foi lá em... do Sul, né. E eu vim de lá terça-feira à tarde, né. Tá. Daí eu vim e não sabia das reuniões, sabe, que eu até agora eu participei acho que só de uma, daquele termo que eu assinei, não é?

Karoline: Ah, da "Soviar"? [???

Joel: Exatamente. E eu gostaria que você ou alguém fizesse um papel pra mim, sabe?

Karoline: Um papel informando a data.

Joel: Isso, informando os horários... Que daí assim eu aviso lá. Porque às vezes, lá, eles pedem pra mim, a reunião com os amigos, apresentei o CAPES lá, sabe? E às vezes não tem...

Karoline: Ah, entendi... sim. Então... Porque o Joel pediu pra fazer algo escrito informando a data da próxima reunião, e o horário, daí pra ele passar por pessoal do CAPES, tá bem? Obrigada.

Joel: Porque... a maioria do pessoal que fez aquela lição aqui, está vindo só eu, a VALQUÍRIA e o MARCELO, daí.

Karoline: O Marcelo que só pode vir quando chove...

Joel: Aí eles ficam perguntando e comentando... "O endereço está lá, já fomos todo mundo na reunião, por que que vocês não... vocês não têm interesse." Eu nem comento. Isso aí não é questão de tratamento, faz parte... Mas é bom pra vocês, porque vocês às vezes tem o dom e o talento escondido dentro de vocês... Que nem, eu tinha, agora... estava escondido dentro de mim e eu não sabia, né? Então, cada um é um artista. Eu falo pra eles, né Valquíria...

Luiza: ... sempre está incentivando, sempre está puxando as pessoas pra cima... mas é o tal negócio.

Karoline: E eu vejo que muitas já estão mais presentes na sua viagem, a Dai, a Valquíria, Vera... mas outros não estão. O primeiro contato com a SOVIARTE [incompreensível 05:25] foi pela oficina. A Amanda, o JY, se não me engano... [ruído 05:35] Então, pensar um grupo de artesanato é se tornar, quanto mais além de uma oficina, é se tornar ativo na Associação, né? Por isso que.

Joel: Tem uma senhora que ela, semana passada, ela levou o menino dela também pra fazer tratamento lá no CAPES, e ele estava vendo os trabalhos, lá, e daí ela disse "mas eu adoro fazer artesanato e tal". Ela faz um trabalho com chinelos havaianas, ela reveste, com chinelo, sacola, bolsa... E ela mandou perguntar, como ela não faz parte de CAPES nenhum, se ela tem o direito de participar. Acho que tem, né?

Karoline: Aqui a SOVIARTES [incompreensível 06:21] são pra usuários da rede, mas

familiares e profissionais... e amigos, exatamente.

Joel: Eu passei o informativo daqui, daquele papel lá, que está no mural. Ela levou, ela preencheu uma fichinha também, ela vai vir aqui, vai trazer a fichinha, e ela quer participar.

Karoline: Ah, que bacana! Então... esse é nosso penúltimo dia de oficina, tem até semana que vem, e daí vamos pensar em um grupo pra vocês articularem e continuarem, né? Eu posso estar de outro modo presente aqui, né? E nós temos um problema: a Luciana me avisou.

José: Ela perguntou da revista...

Luiza: É, porque eu gostaria de começar a executar um pouco esse trabalhinho daí, só que daí tem o jornal.

Karoline: Temos que fazer arrecadação. É mais fácil achar caixa de...

Joel: É, viu... Valquíria, tem três caixas de revista desse tamanho lá. Tem... Tá lá, sem uso, sabe? E eu vou trazer pra cá. Tem bastante.

Luiza: Isso.

Karoline: Ótimo. Então como grupo vocês também se articulam, e assim vai, né...

José: Essa semana aí, eu... não estava bem. Peguei uma gripe forte... Aí eu nem fui atrás de revista e nem fiz trabalho. Tem alguns ali...

Karoline: Você trouxe?

José: Não, trouxe feito já.

Karoline: Trouxe feito de casa, aham. Beleza. E eu queria perguntar o seguinte, a Luciana me comentou, a Luciana, que semana que vem, terça-feira, vocês terão algo muito importante. Do Marista, não é?

Vera: Não, a PUC é um curso pra você aprender a mexer no Facebook e e-mail. Das 09:00, não sei, até lá pro meio dia? Quem quiser tem que avisar urgente.

Liz: Que dia?

Karoline: Terça-feira. Que é o horário e dia da nossa oficina, né? Então, gente, nós temos duas possibilidades: como é o nosso último encontro, eu preciso fazer... já que é o nosso último encontro, ele é muito importante também pra pesquisa, porque eu tenho que perguntar pra vocês o que vocês acharam e etc. Então vocês preferem que a gente faça semana que vem em um outro dia da semana, seria possível marcar? Ou a gente deixa pra próxima semana e não nessa? Porque já várias pessoas vão faltar, né?

Liz: Então eu acho que pra próxima, né? Porque aí a gente vai nesse outro compromisso só terça.

Luiza: É, pode ser pra próxima.

Liz: É só um dia?

Luiza: É só um dia. É das 09:00 ao meio dia, eu acho.

Karoline: Ou vocês conseguiriam pensar... a gente conseguia se reunir na segunda, ou na quarta...

Luiza: Ou outro dia pode ser também. Eu não sei...

Karoline: Vocês acham melhor? Tá. Me prometem que vem no último encontro, mesmo sendo espaçado?

Joel: Pode ser. Eu venho.

Vera: Você também pode vir nesse curso, né, da PUC?

Karoline: Sim, aham, como todos os... pela lista de presença.

[ruído 10:02]

Karoline: Então pessoal, como que a gente ficou fazendo na semana passada, como combinado, a Vera já faz muito tempo que não vem

Vera: Hoje eu vim na insistência, a minha filha já estava me catando, e eu "não, hoje eu tenho que ir" [risos]

Karoline: Então o seguinte: de um tempo pra cá, a gente andou pensando que o trabalho de arte e artesanato de cada um específico, pensando em projetos de arte, projetos de artesanato. Por que? Pra um artesão, ou um artista, ter um projeto ou uma produção, uma insistência naquilo, tem muito a ver com qualidade: a gente não consegue ter qualidade em um produto se a gente só faz de vez em quando. Então a gente demora mais tempo pra fazer, daí vocês gasta muito mais horas pra fazer...daí já vem e não tem mais nada pra mostrar. A técnica é na persistência, na prática que a gente... nas primeiras vezes a Isis não fazia tão rápido o crochê, né?

Isis: É verdade. A prática e a continuidade...

Karoline: Então, pensar em projeto é pensar na qualidade, querendo ou não. Por isso então estamos investindo nosso tempo nos projetos específicos de cada um. Semana passada a gente fez isso, e na segunda metade a gente conversou sobre qualidade de arte e artesanato, o que a gente entende por isso, e a gente continua conversando sobre isso também hoje, pode ser? Vocês colocam suas questões e assim vai. Então tá bom pessoal, olha... eu vou passando, cada um conversando, e as pessoas vão fazendo...

Vera: Vai fazer o que quiser, então?

Karoline: É, com o projeto. É que a gente, nesses últimos... a gente pensou o que cada um tem muita vontade de fazer, mas que faria dedicando um tempo mesmo para isso, e também pensando nos materiais que você tem, né? A habilidade...

Vera: Eu fico na pintura também, então...

Liz: Eu acho que eu vou ter que passar acrílico em volta né, não vai dar pra passar, não é?

Karoline: Acrílico eu acho que pra mandala... Olha pessoal, então eu vou já conversando e passando, tudo certo?

Luiza: Tudo em ordem!

Karoline: Alguém quer conversar... E daí, se não tiver trabalho novo pra apresentar para o grupo, daí a gente para, olha... Fica bem... Então, pra mandala, a mandala são cores opacas, né, chapadas. Você não vai criar volume, que nem a flor que a gente vai colocar lá, uma rosa mais clara, uma rosa mais escura... não, chapado.. Não, ele demora pra secar. Então é justamente essa linha aqui pra não ficar fora né. Você trabalha melhor.

[incompreensível 13:17]

Karoline: Toda cor tem a ver com... A cor vai influenciar a cor que fica aqui no meio. Se você pintar uma cor muito... [incompreensível 14:01] Aquele que você fez ficou muito bonito... mexer com cor, misturar cor...

Joel: Ele doou pra mim, que eu tava fazendo artesanato, então foi doação. E no início as meninas começaram a fazer, aquelas meninas...Tenho isopor, tá lá as caixas cheias, tudo assim...

Karoline: Mas é que vai misturar, o importante é...

Vera: Tem que ter amônia pra fazer isso...

[incompreensível 14:29]

Karoline: Você é muito cheia de ideias...

Luiza: Mas eu sei o que eu vou fazer.

Karoline: O que?

Luiza: Eu vou forrar assim a lateralzinha, a princípio eu não ia, mas vou forrar, vou dobrar pra cá, e aqui eu ponho uma tampa inteira. Sabe como?

Karoline: Juro!

Luiza: Você não tinha pensado nisso, né?

[Mulher???] Como que é?

Karoline: Aline, volta... Até que fica uma linha sobrando, ela faz isso? Essa é a prática, né? Quando a gente tá um tempo longe da linha, a gente esquece das coisas. Com

certeza antes você já tava ligada nisso, né? E eu também, a mesma coisa com as minhas artes, quando eu to muito tempo parada, até eu recuperar o ritmo... Claro, ótima idéia Valquíria.

[ruído 15:37]

Joel: Tem que ver se tem mais verniz lá. Como é que a gente vai lavar os pincéis...

[ruído 16:20]

Karoline: É muito interessante a experiência, olha só... Aí é mais uma produção... E ele tem muito interesse em ensinar, na verdade.

Vera: Que eu comecei a fazer porque agora tem que finalizar, né? Pintar...

Karoline: Isso, daí continua, fazer vários...

[ruído 17:20]

Karoline: É a terceira vez que a gente usa o mesmo, sabe?... Vamos pegar uma bandeja limpa, porque essa aqui...

[ruído 18:14]

Karoline: Ai pega o sabão de pedra, né. Pega o sabão de pedra e faz...

[ruído 19:07]

Karoline: Então é pra vocês pensarem no grupo de vocês a organização, o material que pode ser compartilhado, o material que não pode ser compartilhado, etiquetar...

Isis: Em todas as caixinhas, em todos os potinhos, em todos...

[ruído 20:31]

Luiza: Mas olha que qualidade!

Joel: Eu achei as madeirinhas e disse "que eu eu vou inventar daí?", daí montei isso daqui...

[ruído 22:05]

Karoline: Esses panos de prato são de? Liz. Da Liz. Olha!...

[ruído 22:50]

Liz: É muito complicado fazer esse negócio...

Karoline: Olha, veja bem. Você não está trabalhando volume, está trabalhando cores chapadas. Mas pelas cores chapadas, está muito interessante.

[ruídos 24:27]

Karoline: Eu achei muito interessante.

Liz: Então, eu já fiz ele cortado... pra depois pintar e depois já fazer pintado daí...

[ruído 24:35]

Vera: Então, você já podia começar a pensar em dar um curso pra nós, não é? É... porque agora já está acabando o da Karol, né? Então acho que já tinha que pegar e colocar outro, né? Bom dia...

[ruído 26:19]

Karoline: Sr. Joel, me conte como está indo aí. O sr. está continuando o seu... O sr. está pintando o seu... isso é verniz.

Joel: É.

Karoline: Depois o sr. vai colocar a telinha, como é que é?

Joel: Aqui eu arranco... eu vou... eu não sei desenhar bem desenhadinho, eu vou recortar uma paisagem bonita e daí colo aqui.

Karoline: Ah, sim, legal! E daí passa algo como se não parecesse revista, mas que ficasse como se fosse uma pintura, não é?

Joel: Aham.

Karoline: Muitas vezes aquele verniz escuro, né?

Joel: Inclusive eu tenho lá adesivo, eu ganhei uma caixa cheia de adesivo, que tem uns quadrinhos como se fosse uma pintura, sabe? Então eu vou ver lá. Eu vou trazer também revista, lá tem um monte de revista.

Karoline: O José?

Joel: Aham. Que não tá fazendo nada lá mesmo...

Luiza: Quero ver ele fazendo pra mim aprender. Eu preciso de uma fita métrica. Se não tiver material não adiante, eu esqueci de trazer... Mas eu vou fazendo durante semana, tá, Karoline. Tá bom, né? Então tá. Essa caixinha... mas eu vou fazer, pode ter certeza.

Karoline: Se quiser fazer pano de prato, etc, pode fazer, fique à vontade.

Luiza: Eu não sei o que fazer na verdade, você entende? Então eu tô... tô pensativa.

Karoline: E Joel, sr. Joel, me conta, o que você entende por um trabalho de qualidade boa do que o senhor faz, do que não é tão boa?

Joel: Ah, é o acabamento, né? O acabamento é... esses detalhezinhos assim, sabe? Esse qua

Karoline: E o que é o acabamento?...

Joel: O acabamento é... esses detalhezinhos assim, sabe? Esse quadrinho aqui eu já peguei pronto. Agora, esse aqui eu mesmo fiz, sabe? Eu tenho... esse aqui dá pra eu colar aqui do lado, entende? Esse aqui já está assim. Eu só achei a coisinha e fiz o cavalete, né? Então, é isso.

Karoline: Bem acabado o senhor diz a pintura? O que é bem acabado? Cola, que dure...?

Joel: Aham. A cola...

Karoline: Sabe que, quando um artista pinta num cavalete, ele nem tem moldura. É sem moldura, e depois é que coloca moldura. Então eu não acho problema ficar sem moldura. Não sei se o senhor concorda...

Joel: Uhum, exatamente.

Karoline: E a pintura, uma das coisas que sempre chama a atenção pra gente é que se a pintura quer ser exata, assim, certinha, não é muito espontânea, ela precisa então ser exata, no sentido de não passar pra cima, passar pra baixo... porque as pessoas reparam bastante nisso.

Joel: É... que nem esse aqui. Bem...

Karoline: Tá bom, vou deixar você trabalhar.

[ruído 36:30]

Luiza: Com cor assim, o que você acha?

Karoline: Ai, a gente conversou tanto sobre combinação de cor já...

Luiza: É...

Karoline: Deixa eu ver, até... a gente falou pela combinação pelas complementares, pelas...

Luiza: Porque eu lembro de uma professora que ela falava assim "você nunca, quando você quer destacar uma coisa, tipo assim, como eu fiz os vazinhos, azul marinho e a fita azul, daí...

Karoline: Não. Daí você tem que usar a combinação pelas complementares.

Luiza: Ah, daí é isso que você está falando...

Karoline: Porque daí você pensa o círculo cromático, as opostas... As complementares são as opostas, então a gente tá pensando no verde... deixa eu ver se eu tenho aqui. Temos aqui! Vamos ver as complementares...

[ruído 38:11]

Karoline: Dependendo como vai ficar o seu pote, ele pode ficar muito chamativo com a combinação, se você quer usar as complementares, porque aí dói o olho...

Luiza: Sim... E dentro a gente também costuma pintar, né? Pra fazer um acabamento?

Karoline: É, tem que ver como está antes. Mas normalmente sim.

Karoline: Primeira coisa a gente vê como é que está o estado da nossa caixinha, não é verdade? Ou o estado de qualquer um de nossos materiais. A valquíria por exemplo já falou "não vou fazer porque não tem fita métrica...". E a Amanda? A Amanda ficou

chateada, porque ela começou a fazer e viu que "onde estão os meus pincéis pequenos que estavam no lugar e tinham sumido?", porque daí ela já tinha começado a pintar com pincel fino, e para aquele desenho precisa de pincel fino, porque senão dá...

Luiza: E ela acho? Porque eu lembro de ter deixado tudo separado os pincéis...

Karoline: Eu emprestei os meus e daí eu acho que o Sr. Bernardo achou alguns...

Karoline: Olha, Vera, desculpa, mas é importante deixar fora da água... nunca dentro da água, sempre sequinho.

Vera: Ah, é? Olha... vivendo e aprendendo...

Karoline: Sim, para não estragar, é sempre bom limpar o pincel e deixar fora da água, aí seco, né?...

Karoline: Mas então, o que você acha? Ela é uma caixinha que já foi usada para alguma coisa, e aqui ela... Você sente ela, né? Você mesma consegue avaliar a qualidade: está áspero, etc. Ela está áspera. Você fazia caixinhas antes?

Vera: Fazia. Não fazer. Pegava e comprava pronta a caixinha e fazia.

Karoline: Nesse caso, está usando já uma reutilizada, né?

Vera: Sim.

Karoline: O que eu percebo que me incomoda muito é a aspereza, não sei se você concorda.

Vera: Daí eu vou lixar mais, não é?

Karoline: Só alguns lados. Aqui... Porque depois que a gente faz e coloca, é pior pra lixar, então a gente tem que pensar isso como uma etapa anterior lixar, né. Primeiro preparar a caixinha nesse aspecto básico e depois lixar, não é? E daí você gosta dessa cor, ou você vai pintar outra cor?

Vera: Não, vou pintar outra cor. Por isso que eu estou...

Karoline: Tudo?

Vera: Tudo. Daí eu quero fazer o acabamento daí com a rendinha, daí, com as seis caixinhas que tem.

Karoline: Ah, tem 6 assim.

Vera: 6 assim. Aí, também outra coisa que ela falou, esqueço o nome dela... "ah, vou pintar uma de cada cor...", mas se você quiser de repente vender o conjunto, não precisa ser uma de cada cor.

Karoline: Pois é.

Vera: Vai ficar tudo assim meio padrinzinho elas, né?

Karoline: Que dialogue, né? Porque senão vai parecer um arco-íris, né?

Vera: Exatamente!

[ruído 41:12]

Karoline: E não sei se é o caso, também, tem vezes que o trabalho acaba rendendo mais fazendo em etapas. Então pegar e lixar todas, pegar e passar tinta em todas, pegar e passar renda em todas. Mas normalmente a gente quer ver o nosso trabalho único pronto...

[ruído 41:46]

Luiza: E quando você vê ela terminada mesmo, pintada, você nem acredita que é jornal.

José: E é um trabalho assim bom, que precisa de um serviço muito longo, a gente que está trabalhando com a nossa terapia, com a nossa mente, a gente quer ver um resultado rápido. Se não a gente vai desanimando, e você olha lá e pensa "eu vou ficar aqui 4 horas trabalhando em cima e não vai sair muito, então eu faço depois". E ele vai indo, vai deixando. Quando você vê, você fica preguiçoso. Esse aqui não, você pegou aí uma hora, uma hora e pouco e já viu um serviço.

Luiza: Já viu um serviço, exatamente.

José: E não tem gasto, você acha a revista, cola um tubinho daquele ali dá pra mais de

um mês trabalhando...

Luiza: É verdade, daí eu acho que vou começar a fazer.

José: Daí o mais caro depois é o verniz e o betume, né?

[ruído 44:42]

Luiza: É, eu acho que ele pode abrir uma oficina sobre isso daqui, não é Karoline? Eu sou uma aluna já...

José: É, eu vinha pra ensinar isso aqui mesmo, mas eu também queria aprender mais coisas também, eu sabia fazer cachecol, sabes aqueles cachecóis com aquelas bolinhas? Então, eu fazia aquilo. Só que eu perdi os meus moldes que eu tinha.

Karoline: Você fazia os pompomzinhos?

José: Eu fazia, vendia muito cachecol. Aqueles cachecóis pra mulher, sabe?

Karoline: Você fazia as bolinhas? É um fio com bolinhas?

José: Não você compra né? Sim, é um fio com bolinhas. Aí você compra daquele, mais várias cores também, aí você faz muitos daqueles.

Luiza: Eu não sei do que ele está falando.

Karoline: É um cachecol de bolinhas, acho que você já viu por aí. É um fio de bolinhas, aí fica um cachecol cheio de bolinhas, ao invés do tecido de tricô, são bolinhas, acho que você já viu por aí..

José: Eu vi uma esses dias..

Liz: Em Luiza!

Luiza: Oi?

Liz: O que que você acha?

[ruídos 45:59]

Karoline: Valquíria, que legal que você tá fazendo!

Luiza: Aham, estou.

Karoline: Então eu queria te falar o seguinte: aqui, ninguém é obrigado a seguir nada, é bem livre. A gente conversa sobre projetos e etc, mas...

Luiza: Verdade, eu gostei disso daqui, e eu acho muito interessante esse trabalho. Porque gasta pouco e se vê o resultado. E eu gosto de ver o resultado. Isso daqui pintadinho eu já ia ficar louca se eu visse em uma vitrine. Porque, assim, a gente gosta de guardar umas coisas, umas bugiganguinhas, todo mundo gosta.

Karoline: É que as mulheres já pensam em todos os fins: "dá pra guardar os meus algodões, dá pra guardar o meu cotonete, dá pra guarda não sei o que...", então as mulheres já pensam nisso.

Luiza: Então, você vê de vários tamanhos, você quer levar todos!

Karoline: Então você vai fazer cestinhas agora?

Luiza: Vou fazer cestinhas!

Karoline: Com o professor José! Que bom! Então tá bom.

Luiza: Já me inscrevi, época que tá gratuito aqui o curso de cestinhas..

Karoline: Primeiras inscrições?

Luiza: É, as primeiras são grátis.

Karoline: E sobre a tua caixa? você pensa em retomar depois?

Luiza: Não, mas eu vou fazer minha caixa..

Karoline: Então tá bom!

Luiza: Eu vou fazer outras atividades!

José: Mas ela pode também usar essa caixa como..

Karoline: Um suporte pra decoração!

José: Pra decoração!

Karoline: Na parte da pintura, na parte da colagem dos.. você trouxe aqueles gessos?

Luiza: Verdade!



Karoline: Não sei onde você colocou aqui!

Luiza: Tá aqui ó! nessa cestinha, nesse negócio aqui, ó!

Karoline: Pode ser usado como [incompreensível 56:33] Que lindo!

[ruído 55:36]

Luiza: Não adianta se apavorar, eu gosto de fazer muita coisa, eu gosto de pintar também.. Mas vai do dia..

[ruído 55:57]

Joel: Eu domingo tinha artesanato lá na praça Osório e na Santos Andrade e eu esqueci de ir! Porque eu vo lá e vejo alguma coisa lá e você não precisa fazer igual..

[ruído 56:25]

Luiza: É só você dar um minuto de bobeira que ela desanda né José?

[ruído 56:45]

José: Agora você vai e vai apertando, agora essa parte aqui já vai deixando, você vai apertando ali assim, ó.. Vai ali apertando..

Luiza: Aham! essa daqui, né?

José: É! vai apertando!

[ruído 57:00]

José: Não mas aí dá! Aí agora se você quiser trabalhar com ele até na mão, você pode puxar ele agora aqui, ó! Aí você segura aqui.. pode soltar, ó! aí vai apertando aqui.. Ó, vai apertando mais, ó já soltou o palito aqui, você não precisa mais, só vai lá controlando no [incompreensível 57:30]

Luiza: E passa a colinha alí né!

José: Passa a colinha, você não precisa trabalhar em cima, mas no começo é bom trabalhar ali,mas depois se quiser puxar pra cima, aí você firma ali, ó, você viu que eu dobrei um pouquinho..

Luiza: Vou fazer só mais um, daí a gente já pode começar a trançar.. Porque na verdade é bom sempre ter bastante, pra não perder aquela trama, né? Já pensou se começa a fazer toda a trama..

José: Quenem eu, eu comecei aqui no começo e já sai de cima da mesa, ó! É melhor pra enrolar.

Luiza: É porque aqui ele tá quebradinho, mas não faz mal, né?

[ruído 58:33]

Luiza: sou meio desajeitadinha ainda, mas..

José: Não! mas no começo, depois que você pegar o jeito você faz um monte, assim..

Luiza: Aham! brincando..

José: Vai enrolar um paiero.

Luiza: Deus o livre!

[ruído 59:04]

José: Não esse paiero já é das antigas, new

Joel: Você que pensa cara [incompreensível 59:14] Vamos comprar um cigarro, né!..

Luiza: Pronto José, ó esse saiu legal, ó, na mão! Esse aí saiu mais magrinho! Então já vamos começar a trama. Esse daqui tá molhado, não pode, né? tem que ser com firminho, aqui, ó! Quantos que pega?

[ruído 59:36]

Karoline: Mas então, semana que vem não teremos encontro, mas na próxima sim. Por favor, venham.

José: Não vai ter encontro semana que vem? Ah, eles vão pra lá, né...

Karoline: Não. Mas vocês podem vir... Ou você pode vir aqui produzir também...

Luiza: Vai pra lá também!

Joel: Aonde?

Luiza: Lá pra PUC, né? Terça que vem.

Joel: Direto lá então?

Luiza: Direto lá.

[ruído 1:04:40]

Luiza: Eu já tô colocando a minha cesta pra vender, Liz!

Liz: Haha. Aquila ali já pensa no resultado final.

Karoline: Já está imaginando lá na feira...

Joel: Mas viu, quando ela ver pronto, ela não vai querer vender...

Luiza: Não! Tudo que eu fazia no CAPES, eu comprava pra mim. Eu não deixava na feira, eu comprava antes. Só uma coisa ou outra que eu deixava. Tenho tudo lá em casa: quadro que eu pintei, caixinha... Eu via e comprava.

Liz: Que legal...

[ruídos 1:07:06]

Luiza: Ei... José? Então, daí você tem tempo vago, ou como é que está o seu tempo pra fazer o curso para nós?

Vera: É, José, a gente tem que movimentar aqui o curso...

Karoline: Então, o que a gente estava falando nesses últimos encontros é pensar em qual terça-feira, e que tipo de oficina, se é uma oficina mais livre, ou uma oficina temática...

Vera: Ah, eu vou fazer essa daqui. Eu já me inscrevi de verdade... tô brincando, mas é verdade.

[ruído 1:09:05]

José: É, lá nós fazia bastante canudo, e ia juntando. Mas daí tinha uns que não gostavam de fazer canudos, e então iam pra cestas, o José via que não estava bom e ia pro canudo, outro não ia... é a assim que é, não é? Tem dia que você está pra nada, e então daí você vai fazer o canudo, que é simples.

Karoline: Mas José, pras outras artes eu acho que também é assim, sabe? Tem dias que você está mais inspirado pra pintar um pano de prato, ou você está de saco cheio e faz o que é mais mecânico, que é só o crochê, sabe? Faz crochê crochê crochê... Ou mais mecânico ainda, que é fazer nas máquinas, como chama? Vem o pano, só que sem as beiradas bonitas, e depois vem a bainha... Então sempre tem, se a gente pensar nas etapas.

Luiza: Verdade. E tem dias que está mais propenso pra um negócio... inclusive sai melhor, né? E tem dias que você está pra outro.

Karoline: E você tem que enxergar isso e...

Luiza: É bom, né? É diversificar... Porque eu quero trabalhar com bastante coisas, não quero ficar em uma só, porque eu enjojo, sabe Isabele???? Acho que todo mundo é assim, não é? Você não enjoa também? Então...

José: Eu vou ver certinho se eu acho lá.. se eu acho uns moldes..

Luiza: Porque lá é bom..

[ruído 1:13:28]

Luiza: Pra quê? Pra fazer o cachecol de bolinha..

[ruído 1:14:00]

Luiza: Tá, deixa eu te perguntar, esse daqui eu acabo e encerro, né?

José: Não, esse é a continuidade..

Luiza: Entendi, mas daí eu vou erguendo, né?

José: Aqui você pode trabalhar assim ou deitado, subiu ele aqui, desceu por baixo, aí pode empurrar ele.. ó..

[ruído 1:14:43]

Karoline: Quer deixar.. então que você vem uma sugestão pro início do grupo de vocês é que pensar a organização juntos.. O seu Joel esta trazendo.. í! mas daí nós não sabemos onde estão as coisas, porque cada um traz uma coisa e coloca.. né?..

Vera: Não, o negócio é aqui, né! a gente mexeu pra ver aqui a nossa..

[ruído 1:15:36] Então aqui o senhor tá.. pega uma prateleira..

Karoline: Porque imã é muito legal pro pessoal..

Vera: Nossa! o povo adora imã..

Joel: Eu só quero ver na..

[ruído 1:15:49]

Joel: Eu tenho duas caixas de tudo quanto é tipo de imã..

Karoline: Só falta colar!

[ruído 1:16:12]

Joel: Só falta pintar!

[ruído 1:16:16]

Joel: Ah! tinha um grupo de meninas lá que começaram e daí desistiram.. ó, aqui tem uns moranguinhos, né!

Luiza: Olha que coizinha mais meiga!

Joel: Aham! cola um imã aqui, ó.

[ruído 1:16:30]

Luiza: Sr. Joel está louco pra abrir um ateliêzinho só de meninas, haha.

Joel: Não, pensei na Rosângela, e poderia aqui comigo... Só que daí a Alice falou que é pra mim ir na casa dela. A Rosângela, a Vanda, uma outra lá...

Luiza: Não tô falando, é só menina!

Liz: Estamos interessadas!

Luiza: É que geralmente é mais menina que gosta dessas coisinhas...

[ruído 1:18:04]

Karoline: Gente, daqui a pouco vamos conversar um pouquinho sobre? O pessoal dispersou... Eu quero saber de vocês como é que vocês dão um preço pro trabalho de vocês.

Liz: Vixe... eu acho que eu não vou fazer nada, porque eu não sei dar preço.

Karoline: Vamos conversar então. Vamos nos reunindo?

Luiza: Nós vamos ter um curso disso de... não um curso, eles vão dar uma... Teve uma reunião aqui ontem da diretoria e tá em pauta esse negócio, de a gente saber dar valor... ver quanto que vai sair o custo...

Karoline: Quem vai dar esse curso?

Luiza: Não sei qual deles que vai ser, se é o Diego, ou se...

Karoline: O Diego da fotografia?

Luiza: Não, o Diego da Trilhas, de Bersol...

Karoline: Legal, mas algumas coisas eu acho que eu já posso ir colocando... Porque isso é uma coisa que a gente sofre bastante pra falar, do preço do nosso trabalho, não é? Então gente, vamos nos sentando lá?

Vera: Tem que chamar o povo lá!

Karoline: Vou chamar.

[ruído 1:25:10]

Joel: Você não pode esquecer de nós ver lá no atelier, porque tem bastante revista [incompreensível 1:25:49]

Luiza: Ah! que maravilha..

Joel: Têm umas três revistas que ensina a fazer assim artesanato assim de.. desse aqui sabe.

Karoline: Olha como que tá ficando bom Luiza.

[ruído 1:26:04]

Karoline: essa é uma.. pra bico.. é bico de pena, pincel bico de pena. Sabe esses antigos quando..

[ruído 1:26:15]

Karoline: Pra fazer.. [incompreensível 1:26:17] e dependendo quer fazer trabalho de arte com nanquim, faz com nanquim, a tinta ela sobe, ela chupa, aqui ela sobe, então você consegue desenhar, ela só dura um tempo, mas é fino, é fino..

Liz: Ah! pra contorno ia ser bom!

Karoline: É verdade, mas não é pra pano de prato, é pra papel.

Liz: Só papel?

Karoline: É, porque a tela não vai chupa..

[ruído 1:26:44]

Karoline: Por quê? Por quê?

Liz: Na, eu não gosto de papel, tem que ser tela, pano, qualquer um tecido..

Karoline: Eu era assim.. eu sempre tive a impressão que o papel é algo menor.. que o papel estraga e que amassa..

Liz: É, não tem valor..

[ruído 1:27:06]

Karoline: Então gente! vamos conversar!

[ruído 1:27:10]

Liz: Ué, papel crepom e qualquer coisa assim, que daí fica bem tampadinho, depois você pinta por fora, tipo com uma tinta spray os buraquinhos que tiverem vai ser coberto pelo papel de dentro..

José: Também dá! A pintura vai de cada um, eles trabalham muito com verniz, fazer..

[ruído 1:27:57]

Karoline: Então vamos conversar, gente, que a gente tem um finalzinho de tempo. A gente estava falando semana passada sobre o que vocês entendiam por qualidade, o que era qualidade. E aí vocês falaram sobre "estar bem acabado" o trabalho. E daí, bem acabado, pipoca, o que é um trabalho bem acabado pra um pode não ser bem acabado pro outro.

Liz: É bem finalizado...

Karoline: Bem finalizado. E eu queria saber, pra cada um, que elementos caracterizam o "bem acabado" pra vocês.

Vera: Material. É... Material utilizado. Dependendo, você faz um bom acabamento.

Liz: Eu acho que a paciência define o acabamento. Sem paciência fica uma coisa muito grosseira...

Vera: Eu acho que, se vocês olhar, tem que agradar. Tem que agradar aos olhos. Porque o que não agrada já não está bem feito.

Joel: Esse daqui já está trabalhado, está acabado, olha só, bem... E esse aqui também, falta só moldura...

Vera: Porque eu penso assim, a gente já bota o olho pro que não está bom.

Liz: É o que destaca.

[Joel falando sobre um trabalho] 1:32:32]

Karoline: E o que que seria não bem acabado, no caso da pintura? Se fosse colocar a gravura, se ela ficasse... sabe quando a gente cola uma coisa e ela fica enrugada...

Joel: Só que eu tenho um líquido que se você colar um papel desse, você passa aquele líquido em cima e deixa secar e fica bem lisinho, bem esticadinho...

Karoline: E qual que é o nome desse líquido, pro pessoal...

Joel: Puxa vida, esqueci... Eu vou trazer.

Luiza: Por isso que eu digo também que o material é importante... Não é termonita,

não? Não...

Karoline: Sim, o material é importante. Então, deixa eu ver... Eu tentei fazer aqui, e eu acho que se vocês quiserem anotar... Então assim, a qualidade do material, desde a validade, tem vezes que venceu mas ainda dá pra usar a tinta, dependendo. Se o material é adequado pro nosso projeto, não é? Isso acontece, conforme nosso processo criativo a gente vai tendo novas ideias. E daí a gente precisa de novos materiais, por exemplo. Mas tem coisas que a gente já pode se precaver, né. Antes de começar meu trabalho, eu tenho que ver se eu tenho o pincel adequado pro tipo de contorno que eu vou fazer. Se eu não tiver pincel fino eu não vou começar porque senão eu vou borrar tudo, e a tinta de tecido marca, e aí é "adeus", adeus pro meu pano de prato, por exemplo. Então tem alguns itens básicos de material que eu preciso ter que daí eu preciso pensar na adequação do meu objetivo com os materiais que eu tenho. Mas também tem a técnica. Então, você falou do material, mas eu não sabia desse líquido...

Liz: Termolina...

Luiza: Eu acho que é Termolina, porque eu usava nas caixinhas que eu fazia...

[ruídos 1:35:07]

Karoline: Então, a qualidade, a gente fala do bem acabado e do agradar aos olhos, Valquíria, que isso é muito importante. Mas o passo além disso, se agrada ou não agrada, e pensar quais elementos que me agradaram aos olhos e quais não. Quando a gente estava conversando sobre os panos de prato, não é Liz? Que elementos que eu poderia fazer diferente que não ficaram tão bons, e outras coisas que deram muito certo. Quando a gente está com nossos trabalhos, quando a gente só tem um fica mais difícil da gente comparar. Agora, quando a gente tem vários, as coisas saltam aos olhos, as características boas e as ruins. E mais ainda, quando a gente tem abertura de colocar isso pro grupo, vocês como grupo de artesanato, quem sabe, isso nos ajuda bastante. Porque uma coisa que a gente não enxerga o nosso colega enxerga no nosso trabalho, e assim vai. Então, essa abertura de você mostrar pro grupo o trabalho e daí pensar quais os elementos... "não te agrada", mas não te agrada por que? O que que você achou estranho, o que que você achou bom? É a forma? É a cor? É o volume? E daí pensar as várias características. Pensando no trabalho de vocês, ao pensar sobre a qualidade, nossa, me ficou muito claro na semana passada, e até hoje, querendo ou não, quando a gente está fazendo nosso trabalho, todo tempo a gente pensa sobre critérios de qualidade, querendo ou não. Vamos fazer já o degradê? A técnica não nos permite, porque a tinta tem que secar, se não fizer, ainda aparece a cor de baixo, então a técnica não nos permite. Então o tempo todo a gente está pensando na qualidade. Diz respeito à todo o processo, começo, meio e fim, a gente tem que ficar prestando atenção nisso. Não é cortar a criatividade, de modo nenhum, porque a criatividade é um elemento importante também pra qualidade. Mas tem que ficar de olho. Então por isso que, gente, eu insisto, a gente tem que pensar em investir no trabalho que a gente faz, dedicar nele tempo, insistir: se não deu certo nesse vai dar no outro, e assim por diante, pensando em projetos. Porque se a gente não tem uma quantidade, a gente não consegue avaliar a qualidade, mas também não consegue ganhar prática. Técnica só se ganha também na prática. Você aprende, muito mais fácil com um professor, mas se não tem prática, não vale. Também, quando a gente vai pensar em preço, o preço tem a ver com a nossa hora de trabalho. Se o nosso preço tem nossa hora de trabalho, se a gente não tem a prática em fazer cestaria, eu gasto muito mais horas pra fazer minha cesta, e daí eu vou cobrar mais pelo meu trabalho? Não vai dar, porque o fulano faz muito mais rápido que eu, então ele vai cobrar um valor menor já que ele consegue fazer mais cestas em X tempo. Então a prática é importante. Mas a prática é só fazendo, então por isso a gente pensa em projetos. Tem algo mais que vocês colocariam ao pensar qualidade, que que vocês

gostariam de conversar? Tem coisas específicas de cada técnica, né, que a gente pode...A cor... mas normalmente, em todos os trabalhos a cor a gente acaba tendo que pensar em vários...

Luiza: É, porque tem gosto pra tudo, não é? Tem coisa que a gente acha gritante, terrível, e o outro chega e fala "meu deus, olha que lindo!". Aí vocês pensa que ele é louco, mas não, é o gosto da pessoa.

Karoline: Mas tem algo da cor que a gente pode pensar que é fixo, Valquíria? Por exemplo, se está borrado ou não tá borrado...

Luiza: É, não pode estar borrado. Porque, a gente já bate o olho... eu pelo menos vou comprar... sempre gostei de artesanato. Mas a gente já bota o olho e a gente não tem dó. Então é isso que eu prezo, a parte de trás do trabalho. Quando eu tô fazendo, eu já penso rapidinho, e falo "olha, você pode comparar". Ele é tão bonito que você não vê o que é o avesso, principalmente se não tiver flores. Você nunca sabe... aí eu já falo pra dar uma viradinha... e pronto, comprou. Comprou. Então a gente, né?

Karoline: E você se coloca como artesã mesmo, né? Que tem a prática, que tem a técnica, né? Que não é uma pessoa que está se aventurando...

Luiza: Isso...! Lá no litorâneo??? tinha até cartãozinho grampeado, é sério mesmo, sabe? Apresentação mesmo.

Vera: Mas é isso que a gente quer fazer lá, "Grupo de mulheres da Soviarte???", cartãozinho.

Luiza: Então... porque por exemplo assim, atrás ali...

[ruído 1:40:27]

Karoline: Olha, seu Joel, a Valquíria comentou uma coisa... Eu acho que é interessante... você pintou ali na frente? O único lugar que você teria pintado é aqui atrás, isso?...

Karoline: Então, a qualidade pode ser, depois de tudo que foi feito, observar o trabalho, observar e comparar, sob todos os ângulos. Observar, comparar... Então, de certa forma, não se alcança a qualidade só observando, mas fazendo. Mas só fazendo sem observar o próprio trabalho também não dá, né? Então são várias coisas... a qualidade está até mesmo no fim e depois do fim, né? Quando você observar, analisar e comparar. Está sempre presente, não deixa, a qualidade está em todo tempo, começo, meio, fim, e após o processo. E quando a gente fala de preço, como vocês dão? Quem aqui já vendia material? Olha, a Valquíria já vendia bastante...

Luiza: Eu praticamente vivi disso, né, de crochê...

Karoline: Isso, artesã. A Liz, mais em casa. O que você fazia? E agora se aventurando na arte, tem bastante campo no artesanato e no da arte. O sr. Joel...

Joel: Eu acho que é assim, é o custo do material que você vai usar, né? Depende, daí você faz um levantamento: gasto tanto de material, tipo cola, tinta, tudo o material. Às vezes tem material que você ganha ou que você acha até... Esse material aqui eu achei, ganhei... Mas você tem que por no papel e fazer de conta que você comprou, não é? Tem um custo de material... aí você vai valorizar o teu trabalho. Se você gastou uma hora pra fazer isso daqui, você vai gastar mais 1h pra você pintar, tem o trabalho de você passar a cola e esperar secar, porque não é assim, a cola tem que esperar secar...

Karoline: Não pode ser contínuo, tem que esperar...

Joel: Devagar e com paciência. Olha, vamos supor, se eu gasto 3 no dia, eu vou fazer o levantamento de quanto que eu gastei entre tudo, nos 3. Aí que eu vou ver, se eu gastei tanto, não vou jogar 100% no lucro, né? Mas até uns 50%, 40%...

Karoline: Como que você estima o teu lucro? Você falou do material, daí você coloca 50%...

Joel: O material e o tempo, né? Conforme o que você fizer... que nem, uma coisa

daquelas que leva uma semana do começo ao fim, em 1 semana faz, daí já é uma semana, né, daí vai ser tanto. Se eu faço 5 ou 6 por dia desse aqui, eu vou vender cada um desses, vou somar o do material, ah, vou fazer a tanto, porque eu vendendo cada um a tanto, eu vou ter um lucro, vou recuperar e ter um lucro em cima.

Karoline: E o lucro então você faz colocando em cima o valor do custo e mais 50%...

Joel: Aham. E como você faz, como você define se é 50% ou 100% acima...?

Joel: Ah, por exemplo, eu vou gastar, digamos, aí num trabalhinho desses... vamos supor, eu vou gastar 10 reais em cinco desses daqui. 10 reais nos 5. Se eu gastei 10 reais em 5, se eu vender a 2 reais cada um, eu vou ter o mesmo retorno... aí você joga 50 centavos a mais, ou 1 real, dependendo... Então eu fazia aqueles porta-chaves, lá em [???], eu fiz vários porta-chaves, e então eu fazia as contas: eu gastava na base de 5 reais pra cada um, os ganchinhos tudo, a madeirinha, comprava a cola de madeira... então eu vendia à 15. Eu lucrava 10. Mas daí, desses 10 eu tinha que tirar, porque só a cola, um vidrinho desses era 7 reais. No caso, eu ganhava livre em cada um 5 reais. Livres, do que eu gastei. 5 reais eu lucrava de cada porta chave.

Karoline: É muito importante, pra você conseguir começar a pensar em uma renda, ou em algo que se sustente, tem que pensar nessa lógica, né? Ao mesmo tempo, existem economistas, pessoal que estuda gerenciamento de artesanato e etc., eles têm até uma fórmula de como que você pode calcular o seu custo. Mas... Pode falar.

Luiza: Eu faço assim, ó: eu faço em 3 partes de trabalho. Uma parte é o material que eu gastei, que eu vou ter que comprar novamente. Uma parte igual a ele é o lucro, que eu vou torrar, pintar e bordar. E a outra parte eu guardo. A mesma parte, são 3 partes, são 300%.

Karoline: São 3 partes: uma pro próximo material, uma você pode gastar seu...

Luiza: E a outra eu tenho que economizar.

Karoline: E aí economizar pra que?

Luiza: Sei lá pra que, porque eu não estou conseguindo economizar na verdade, mas... Eu deveria, né, mas eu torro as duas partes...

[risos]

Karoline: Então tá, então você coloca então uma parte pro material e a outra você economiza...

Luiza: Isso, são 3 vezes. Então, por exemplo, se eu gastei 50, aquele trabalho vai custar 150. É por ali que eu calculo meu trabalho de crochê.

Karoline: É, parecido com o Sr. Joel...

Luiza: Exatamente. Mas o certo seria eu guardar, porque aí eu sempre tive um lucrinho, né? E estou me mantendo com a minha parte...

Karoline: E como que você calcula quanto custou o seu trabalho?

Luiza: Ah, porque eu sei quanto que... Eu sei quanto que vai de material.

Karoline: Mas esses 50, por exemplo: é só do material? Ou tem algo a mais?

Luiza: Só do material.

Karoline: Você não está cobrando a mão-de-obra? Nem o espaço que você está usando?

Luiza: Mas essa mão-de-obra eu incluo naquela parte que... em uma das duas portas. Porque senão como que vai ser esse trabalho?

Vera: E você não faz também uma média de quanto custa no mercado?

Karoline: Aha! Joel: Exatamente.

Luiza: Ah, não, mas eu dou uma olhada, mas não é longe... o meu é um pouquinho mais em conta.

Vera: Você pode pegar "até 30, mas vou fazer a 25 porque"...

Luiza: Tá muito caro o crochê, gente...

Karoline: Subiu muito o preço nesses últimos anos?

Luiza: Nossa senhora, gente, é um absurdo. Tem jogo de banheiro de 210 reais.

Karoline: E o material? Acompanhou a subida de preço que o pessoal tem feito?

Luiza: Não, nem tanto, nem tanto. O material pra mim está mais ou menos equilibrado.

Karoline: Então é o preço que as pessoas estão cobrando...

Luiza: Isso, é o preço...

Karoline: E aí diferentes produtos vão ter diferentes custos.

Luiza: É, mas você também... tem muita variedade de fios, né. E qualidade também, né?

Karoline: A qualidade do fio... e tudo isso tem que, na hora da divulgação, incluir, né?

Então como é que você vai fazer...? Como você vai falar, "olha, o meu fio é isso, né?".

Se for ruim você não fala... [risos]

Luiza: Nossa, tem um fio que eu utilizo... é um barroco assim, cru. É 26 reais o... é muito caro isso, não dá quase pra nada. Ao passo que um normal custa 8 e pouco, veja a diferença. Mas é que esse outro... você pega assim e é outra coisa. Eu fiz um trabalho esses dias aí pra uma tia lá da comunidade. Quando ela viu o preço ela fez assim, mas ela sabia que estava comprando algo de qualidade, que foi feito com um fio caro.

Karoline: Agora cestaria por exemplo. Já não tem esse jogo, não é, José? Ao mesmo tempo a gente não sofre pra iniciar. Pra dar um start no seu trabalho você não precisa... porque a caixa envolve mais custos, né. Pra você começar com o material de qualidade envolve mais custos. Com o que a gente tem aqui, a Amanda ajudou bastante trazendo, o que tem de caixa pode usar. Mas tem muita coisa a ser concertada... Tem umas que dá pra aproveitar, mas tem umas que vai ficar assim...

Luiza: Tem umas caixas ali que eu acho muito pesada, muito grossa, daí não atrai. Já começa por ali.

Karoline: Então. E daí... olhar pro nosso material de forma franca, antes de iniciar, já tira um monte de tristezas depois, não é? Então, aqui no preço...

Joel: Viu, daí tem uma. Que nem, ela tava falando que... Aí tem um porém também, por exemplo, se eu me dedico a só isso. Vamos supor, eu vou abrir uma officininha pra mim lá, e eu vou fazer, eu levo em uma feira, ou eu levo em uma lojinha, que vendem muito desses artesanatinhos, aí você tem que fazer um orçamentinho pra saber quanto que você vai lucrar NO MÊS...

Karoline: Aha!

Joel: Você gastou tanto... você vai ver se você teve um lucro no mês né. Vai ser o seu trabalho. Você tem que ganhar um pouco mais do que seu salário, daí.

Karoline: Então você está pensando assim: eu estou fazendo um trabalho de artesanato quase como hobby" ou "eu estou trabalhando como artesã"? Porque daí eu vou pensar a minha hora de trabalho: quantas horas eu trabalharia no dia:8 horas. Qual o salário mínimo? O salário mínimo dividido pelo número de horas de trabalho ao dia no mês acumulado, quanto que dá por hora de trabalho? Então, 15 reais por hora custa. Então, quantas horas eu demoro pra fazer minha cesta que eu vou vender? Meia hora ou 1 hora? Depende da prática que eu tenho, né? Então se eu não tenho prática eu demoro mais e eu vou estar produzindo menos e cobrando a mesma coisa que o mercado e ganhando menos, porque eu tenho que vender. Então eu vou estar ganhando menos do que o resto do pessoal. Então a prática é importante também. [Alunos: Com certeza...]. Agora, quando se fala de arte, a gente também pode pensar preço e pode pensar nesses critérios. Mas, por ela ter justamente essa característica de privilegiar a criação artística, né, a gente não sabe muito onde vai chegar, o preço pode ser muito mais subjetivo, ou volátil conforme o mercado... Mas então vocês me falaram custo de material... Mas muitas vezes a gente tem dificuldade de calcular muito especificamente, a gente pensa no geral, né. Mas quando a gente vê "o quanto que eu gastei praquela coisinha", fica difícil a porcentagem. Porque a gente calcula "a tinta de que dá pra não sei quantos"... e



uma tinta gasta mais, a outra não, não gasta tudo na mesma quantidade, o branco vai sempre mais rápido. Então acaba, parece fácil, quanto custa o material. Mas se colocar na ponta do lápis, você ter a sua agendinha com os seus custos... "Custos de artesanato", colocar data e o preço que você gastou pra comprar o material é importante, né, porque a gente vai se perdendo nisso. Pra daí pensar quanto que foi aproximadamente de valor de tinta médio pra aquele trabalho. O custo do espaço que eu estou utilizando pra aquilo também, não é? Muitas vezes eu preciso de um lugar, não é? E assim vai.

[despedidas 1:54:52]

Karoline: E pensar a hora então do meu tempo, que o sr. Joel falou bem, então como artesão, a minha ordem de trabalho, quanto que eu vou querer por isso, pela hora de trabalho. Porque eu tenho que me sustentar, pensa quanto que dá de hora de trabalho. Porque eu tenho que ter produção mesmo, né. Pra ter uma quantidade de trabalho que me pague no final do mês aquele meu salário X. A outra coisa que a gente não pensa no preço, a Vera falou muito bem, é o mercado, o que que o mercado me diz, qual o preço que o mercado me cobra. E é bom sempre estar muito abaixo do preço?

Luiza: Não, também acho que não. Pra não desvalorizar também, não é?

Karoline: Isso! Não é só a questão de "vou perder meu lucro, vou estar trabalhando feito escravo, vai ficar elas por elas", mas porque desvaloriza, dá impressão que o teu trabalho é menos.

Liz: E tem que lançar um outro item, não é? Não tem o custo de uma loja física. Então você pode vender por menos.

Karoline: Sim. Mas qual é o mercado de pessoas? Porque tem muitas pessoas que estão vendendo em loja física artesanato, né? Porque aí não é tão fácil, é de boca a boca. Então o mercado sempre vai existir. Então, qual é, no meu nível, está vendendo por quanto? Se eu estou no nível "hobby", quanto que o pessoal está cobrando? E a outra coisa a pensar no preço é "o quão raro que é o meu trabalho?". O quão específico é. Tem coisas mais originais, diferenciadas... E veja, original, original não é sempre a qualidade principal. Mas isso ajuda a destacar muito o seu trabalho. Mas também não é tudo. A gente sempre vê um trabalho muito original, mas que falta um empurrãozinho no acabamento. Pensou, teve uma ideia incrível de como adaptar um elemento da natureza, no caso, mas falta um empurrão no acabamento. E outros que tem muito, mas podem pensar além: eu tenho esses modelos de caixa, mas agora vou pensar em uma nova linha de decoração em cima disso.

Luiza: Se atualizar, né. Eu acho que assim também. Porque pode ser um artesanato, como a gente viu muito lá em Blumenau, aquela coisa convencional, mas trazendo um modismo, um crochê, uma coisa que tem mais atualidade, ficar uma coisa mais moderna mesmo.

Karoline: E aí tudo isso.. [incompreensível] tem a ver com as impressões sobre qualidade, né. E aí você coloca o preço mais baixo, dá a impressão que a qualidade do seu trabalho é menor. Uns colocam alto demais, e aí fica sem noção. E o preço também é influenciado por aonde que eu estou vendendo, qual é o meu nicho de mercado, é pra família, amigos, ou já na feira, ou já é direto com a loja... Tudo isso varia. E, engraçado, o preço que você dá tem a ver com a qualidade do seu produto, mas também o preço que você dá dá uma impressão de qualidade para o seu trabalho. Eles podem entender que o seu trabalho é melhor por conta do preço. Como é tudo, né...? Não é só o trabalho em si, o preço também influencia a forma como... E aí, o que que vocês me diriam sobre preço, sobre qualidade, o que vocês gostariam de ver...

Luiza: Como assim?

Karoline: Sobre preço, quais angústias vocês tem? É engraçado, né. Não existe regra pra nada, mas é interessante sempre estar pensando em todos esses aspectos, porque eles

estão móveis assim. E a gente artista, o artesão, faz de certa forma pra gente também, pelo prazer...

Luiza: Sim... você gosta de fazer e olhar, você se diverte com isso, se completa...

Liz: E não precisa guardar tudo, né, pelo prazer de fazer...

Vera: E pra pra passar pra frente e ser lembrada, "Oh, que bonito...". Assim ele ganha asas.

[ruído 2:00:01]

Karoline: Então o objeto de arte, o artesanato, ele é fruto nosso, tem a nossa cara, a nossa vontade de fazer aquilo, mas também é pro mundo, então a gente também faz pensando no mercado, pensando que vai vender, o que é que agrada e não agrada, tipo de cestas que gostam mais, por exemplo. Mas a gente faz do nosso jeitinho a cesta, o nosso amor...

Liz: Geralmente é aquilo que a gente gostaria de ter, né? Mas não dá pra guardar todas, então...

[Joel se despede, despedidas 2:00:37]

Karoline: Então a arte e o artesanato é uma conta entre o outro - a comunidade, o consumidor - e a gente. É uma coisa que a gente gosta de fazer mas também a gente faz pra ganhar dinheiro, sustento, etc. E muitas vezes, não sei se vocês já passaram por isso, mas a gente fica até com um apego pelo trabalho, ou acha que não deve cobrar pelo que está fazendo, porque você gosta...

[despedidas 2:02:10]

Luiza: Eu fazia um monte de coisas. Aí eu tinha aqueles negócios. Aí eu vendia tudo e me dava uma tristeza, sabe? Eu estava com o dinheiro, mas me dava uma tristeza... aí começava tudo de novo. Porque eu preciso vender, né? É claro...

Karoline: É, não sei como a tua experiência, Vera, lá na Blumenau, mas eu imagino que eles tenham uma regularidade, no sentido de que vai vender mas sempre vai ter. Vocês mantêm o teu estoque de amostra, né. E isso tem a ver de se colocar como artesão, porque mostra a sua qualidade, você como artista. "Eu tenho meu material, amostra do meu trabalho", não é? "Então, eu fiz tal coisa, assim..." a fala não tem valor em comparação com o teu trabalho.

[ruído 2:03:07]

Décimo encontro:

Karoline: Então, pessoal... bom dia! Estamos no nosso último encontro!

?: Bom dia

?: Bom dia

Karoline: último encontro da oficina, mas não último encontro do grupo de vocês de artesanato, né? De arte! Até aqui eu queria saber se vocês estavam pensando mais assim.... pro futuro... como... sobre o grupo de vocês...

Luiza: pra formar equipes, né? Que venham pelo menos uma vez por semana.... Ou mais de preferência, né?

?

Karoline: mas, a razão do grupo, né? É um grupo específico ou não? Porque, por exemplo... vem todo mundo fazendo pano de prato e uma pessoa nova vem visitar... se ela não sabe que o grupo é aberto... fica bem claro que é aberto, né?

?: você quer ficar com esse ou você quer ficar com esse que [00min57s]

Karoline: porque ah... se ela não gosta de pano de prato "ah isso daqui não é pra mim... vou embora..." e o grupo é aberto pra todo mundo...

?: ou faz alguma coisa pra geração de renda...

Luiza: é.... verdade

Karoline: ou fazer uma divulgação em papel... divulgando, né? Terça-feira... nosso grupo de artesanato...

?: porque daí tem que ver se é só o grupo.... Porque a gente pensou em fazer pra geração de renda, né?

Karoline: sim...

?: então...

Luiza: é.... eu quero

Karoline: mas não especifico pra uma coisa?

?: não, não...

Karoline: pra geral?

?: é.... aberto, cada um faz o seu trabalho...

Luiza: eu quero participar daquela do José....

?: só usa o espaço... um [inaudível 01min31] não vai pintar pano de prato...

Karoline: pois é....

?: mas vai ter uma geração de renda...

Jorge: também pode, né? Por que que não? Porque que não posso a... aprender a fazer um tricô...

Luiza: você pode, seu Jorge!

Jorge: a Luiza faz, né?

?: mas teria que ser na parte da tarde, no caso...

Karoline: do que?

?: de pintura...

Karoline: nossa!

?: mas eu.... A tarde....

Iris: vou buscar água gelada!

Luiza: ai pega dois copinhos, Iris...

?: Bom dia...

[Vozes atravessadas / inaudível 02min08s]

?: e eu já tô na equipe de manhã, né?

Karoline: ah! Você dá bijuteria?

?: bijuteria!

Karoline: e agora querem?

?: querem que eu ensine a fazer crochê a tarde!

?: que calor lá fora!

?: porque a tarde não tem nada lá... nada....

Karoline: de pintura ... Você deu pra quem pintura?

?: qualquer coisa que eles queiram pintar... prato, toalhinha... qualquer peça, né? Que seja pintura. Daí, eles se propuseram a comprar pra ter sempre... e aí agora sei lá... pra começar nessa segunda na outra... tem reunião de equipe... aí, mas pra mim é um desafio sair de casa a tarde! Um desafio...

Karoline: aham...

?: então, eu me propus a fazer de manhã... os convidamos pela manhã... aí a tarde... tá, mas pela manhã... um curso de manipulação de alimentos a tarde... dá um frio na barriga! Mas, eu vou tentar!

Karoline: frio na barriga?

?: de ficar fora de casa tanto tempo... minha casa é meu mausoléu

Karoline: sim...

?: eu me enterrei lá dentro...

Karoline: quem tá na casa enquanto isso?

?: o cachorro! Meu cachorro tá em casa...

Karoline: ninguém fazendo bagunça?

?: tá todo mundo viajando, tô sozinha... eles voltam amanhã

?: oi, bom dia!

Luiza: eu e Deus! Fala assim....

?: ah, Deus não sai de lá...

Karoline: bom dia, seu José.

José: Bom dia!

Karoline: todos vieram, então? Gente, seguinte: nós temos essa primeira hora, das 9h às 10h para as nossas produções... daí eu vou passando e conversando... com cada um! Tá bom?

Luiza: Isis? Cadê a Dai?

?: Tá na cozinha...

Luiza: telefone...

Karoline: eu estou passando a lista de chamada! Pra vocês... quem vai mexer com tinta forra a mesa e assim vai...

Luiza: ah, então vamos na forração.... pra mim? Ah....

[Inaudível 04min03s]

Luiza: que bonito....

?: ah... obrigada!

?: oi?

Luiza: que linda!

?: tudo bom? Tamo no curso aqui de...

?: forrar a mesa...

Karoline: então, Iris... posso começar por você?

Iris: pode...

Karoline: pode... ver as suas pinturas... você precisa de pano, trapo ou tem?

?: quero... quero um...

Karoline: posso pegar esse daqui? Daqui que tava aqui? Melhor não?

?: pode...

?: Bom dia, José...

José: bom dia!

?: você vi que ela já mudou de arte, né?

José: não..

?: já abandonou você....

Luiza: não... por que que tá balançando a mesa será? Deixa que eu vou....

Karoline: pode apoiar aqui....

Luiza: é, né?

?: quem mais quer assinar?

?: eu quero!

Karoline: José, você pega uma mesa aí?

José: sim...

Karoline: vamos tirar....

?: faz tempo que eu não vou no sebo... ver uma revistinhas dessas...lá é onde você põe revistinha, né?

?: artes plásticas... é...

?: nem sei o que eu vou fazer ainda...

?: ela já fez tudo!

?: eu sou a....

[Vozes atravessadas / inaudível 05min23s]

Karoline: vai ser oficina... a primeira dela no turno da tarde...

?: das 9h às 10h e depois?

Luiza: já assinou?

?: Já...

Karoline: Iris, vou começar com você... se não eu vou....

?: Aham....

Luiza: olha, Vera....

[Inaudível 05min42s]

?: Trabalho livre!

Karoline: como que você fica em cada de papel?

Iris: ai.... eu fico... nem meia hora eu não fico....

Karoline: nem meia hora? É vapt-vupt?

Iris: é... mas eu gosto de ficar quietinha e concentrar, sabe? Mas, daí eu acabo me desconcentrando porque minha mãe me chama pra fazer serviço, meu pai me chama pra fazer serviço e eu acabo tendo que parar...

Karoline: sim, entendi... aqui a gente tem uma coisa que talvez te atrapalhe que ele não tá reto o papel... natural... o bom é coloca dois... dois negócios de papelão.... Um na frente e outro atrás, porque daí fica bem.... Como uma pasta, né? Pra daí não ficar assim.... Iris, eu acho muito bacana como você trabalha as cores, viu?

Iris: aham....

Karoline: essa nuvem, esse laço... me conta: o que que você tá pensando em continuar? A tua arara?

Iris: agora tem que pintar a cabeça dela, o rosto dela... terminar aqui as peludinhas, terminar de arrumar as peninhas, terminar essa parte debaixo dela.... Terminar de pintar o tronco, terminar essa parte mais levantada e terminar o sol...

Karoline: e arrumar o sol? Você sempre faz esse céu amarelo, é a sua intenção ou você queria....

?: na verdade eu queria um fundo lilás

Karoline: Lilás aqui? Aham... não... e esse amarelo aqui? Você gosta? Você gosta de fazer essa cor? Eu também acho muito bacana, dá uma alegria pros seus trabalhos muito grande... e, esse amarelo aqui é muito especial pra isso! Você faz aguado, né? Fica bem bonito... agora isso daqui: será que você não queria utilizar um pincel mais fino pra fazer isso?

Iris: pode ser!

Karoline: pra... tome... veja, Iris... se você quiser, na hora de trabalhar você não precisa trabalhar só com pincel, você varia.... Uma hora eu pego um mais grosso... por exemplo, eu vou fazer isso daqui... eu posso pegar um mais grosso... agora, para fazer essa parte aqui menor eu posso pegar um mais fino....

?: e o Bernardo hoje não veio?

Luiza: até agora não...

Karoline: pra variar... isso aqui você quer deixar em branco ou pintar em amarelo? Ou de lilás?

?: ah tá... achei que ele vinha pra abrir...

Iris: jogar um pouco de lilás só pra ver como é que fica...

Karoline: isso... então, se aventure!

Iris: e eu queria arrumar esse lilás, tá meio desorganizado....

Karoline: isso... e aqui você vai fazer um vermelho vermelhão?

Iris: aqui tem três tons de vermelho... bom... esse é quase...

Karoline: quase laranja...

Iris: esses são quase laranjas... o vermelho mais...

Karoline: mas você vai misturando cor.... mas, olha, que maravilha!

?: o que? Vai levar você?

?: é claro...

Karoline: mesmo?

Iris: olha, aqui tem bic... azul bic. Aqui preto, né? Um preto meio... aqui preto com amarelo, com laranja... com amarelo...

Karoline: Sim! Então vamos... pode começar, eu fico observando... qualquer coisa eu estou aqui. Tá certo? E a outra pintura que você fez foi a pincel? Com pincel tá ficando muito bacana!

[Vozes atravessadas ao fundo /inaudível 08min40s]

Luiza: mas não é, gente....

Karoline: aquelas nuvens tão muito interessantes também...

?: é trabalhoso...

Luiza: é trabalhoso, mas....

Karoline: seu Joel!

Joel: oi!

Karoline: o senhor tá tranquilo? Desenhando um pouco já? O senhor tá sem o seu material?

Joel: aham...

Karoline: se o senhor quiser você pode pensar nos seus projetos ou desenhar livremente....

Joel: eu tô...

Karoline: fique à vontade! Aproveita e conhece aqui outros tipos de lápis... tem uns mais grossos, uns mais fininhos...

Iris: será que eu consigo desenhar uns girassóis? Eu tô invocada com o girassol...

Karoline: ah, mas... vou ter que encontrar um girassol, vou comprar esse girassol... girassol verdadeiro pra gente observar!

Luiza: ah, o verdadeiro!

Karoline: o verdadeiro!

Iris: então eu não venho mesmo, né? A moça do felcro... a senhora do felcro não vai vir hoje?

Karoline: lembra que a gente falou? No celular não vê exatamente....

Luiza: como que...

Karoline: como que vê o miolinho? Girassol não tem...

Iris: pois é.... aí desenhar a imagem é mais difícil ainda...

Luiza: mais difícil....

Luiza: então, mas eu tenho um grande desses assim....

Karoline: tão bonito...

Iris: não vai ter alma...

Karoline: não é aquela observação da natureza...

Luiza: natural...

Iris: como se eu soubesse copiar da natureza Karoline...

Luiza: mas você quer chegar lá!

Karoline: mas tem vários... desde a folha, né?

Iris: ainda bem que me dá ânimo, né? Eu tô achando... [inaudível 10min01] come, mas eu tô achando...

?: eu tenho desses de papelão grande... fazer um quadro desse, desse tamanho...

Karoline: seu José.... Ficar olhando....

?: é um girassol...

?: que ele era surdo... surdo que compôs uma música tão linda, como que pode, né?

?: nesses catálogos...

?: quem?

?: aquele compositor... como é que é?

?: é pra copiar?

?: é... pra copiar....

[Vozes atravessadas / inaudível 10min23s]

?: mas ele tocava piano assim só com o olfato, né?

?: [vozes atravessadas / inaudível 10min25s]

?: O Beethoven, né?

?: é?

Luiza: será que o José sabe?

[Vozes atravessadas / inaudível 10min35s]

?: um era cego e desenhava coisas lindas, né?

?: então, nós temos o dom... só... se não é o nosso dom... vai daqui, né? Na nossa cabeça, né?

[Vozes atravessadas / inaudível 10min56s]

?: terminou em casa?

Karoline: O da Luiza? Tá aqui!

[Vozes atravessadas / inaudível 11min03s]

?: ah... eu também já tô mudando aqui, já não sei o que é que eu quero fazer também...

[Vozes atravessadas / inaudível 11min13s]

Luiza: uma tampa... fora que eu não achei uma tampa ainda... eu medi...

?: eu vou trazer umas coisinhas pra...

Vera: eu já fiquei.... Agora, se eu quiser fazer um degrade eu consigo, então... começar com um tipo bem clarinho, ou então....

Karoline: você quer fazer liso? Você quer fazer degrade? O que você quer fazer? Se você quiser tem algumas opções... olha: você já fez duas ou três caixas, né?

Vera: já, três...

Karoline: já tem uma quantidade... vamos ver aqui... se você quisesse fazer um conjuntinho aqui, tiver algum conjuntinho... seria interessante, elas tão mais aqui... essa sai um pouco... se você quiser misturar de tinta, você iria fazer um verde parecido com verde mar, sabe? Sabe verde mar?

Vera: hmm, bem....

Karoline: que dialogaria com esses azuis

Vera: eu gostei do verde...

Karoline: seria uma opção... verde musgo é muito bacana também... mas, se você quisesse fazer o trio.... Você poderia pensar num verde...

Vera: tem mais uma, mas daí eu pensei em não fazer verde...

Karoline: ah sim... é, então fica dois-dois....

Vera: dois-dois....

Karoline: sim, que pode combinar, né?

Vera: que podem combinar...

Karoline: tua preocupação seria que pudesse fazer junto?

Vera: depois eu vou pintar, né? Fazer o acabamento...

Karoline: aqui em baixo vai ter alguma coisa?

?: pintar, né?

Karoline: o fundo também...

Vera: é...

Karoline: ah, sim... isso.... Porque tem aqui um azulzinho...

Vera: não, vou pintar... fazer um acabamento dela, né?

Karoline: então, você queria fazer um degrade?

Vera: queria tentar fazer um degrade ali... e, tem um pouco de branco...

Karoline: porque a outra coisa que você poderia fazer, além do degrade.... Fazer linhas, prende com o durex bem aqui.. Pra ficar bem acabado, né? Ou fita crepe... nas duas partes e deixa, passa pra outra linha e faz, por exemplo, só uma tirinha de uma outra cor... ele realça, fazer umas duas linhas.... Realçar também pode ser uma possibilidade...

Vera: mas nessas caixinhas ainda? Até aqui eu não consegui tirar.... Aqui foi bem... eu tava tentando raspar e tava saindo a madeira, né? Então, eu poderia colocar aqui... de repente... um desenho, né?

Karoline: sim... mas, no degrade essa tinta é fina, né?

Vera: não vai cobrir....

Karoline: vai ficar...

?: eu tenho um bem clarinho....

Karoline: se lixasse não ia adiantar, né?

Vera: não adiantou....

Karoline: você já lixou?

Vera: já lixei... é cola quente.....

Karoline: então, aí a gente fica com aquele problema da qualidade: pra vender vai... fica, né? Acho que mais.... pra dar de presente....

Vera: presente... do que pra vender...

Karoline: né?

Vera: mas e se eu forrasse?

Karoline: se você forrasse daria... sim, é uma opção....

Vera: né? Essa é uma das... porque eu vim pensando nisso...

Karoline: é.... porque você já trabalha nesse...

Vera: decopagem?

Karoline: é...

Vera: decopagem já... com outras coisas... porque não é essa daqui, né? Esse daqui que é mais rápido... e aquele outro papel... esse aqui.... Mas depois eu impermeabilizo

Karoline: aham... e fica bem...

Vera: fica bem.... E esse aqui já é próprio, né? Mas ele é muito fininho também, né? Só que esse não combina com....

Karoline: não, mas olha... mas essa estampa, você acha que vai pegar? Eu tenho a impressão que não vai....

?: Karoline.... Você arruma um pincel bem fininho?

Karoline: sim, aqui... vou te dar... por favor, não confundir esses dois da Soviar.. Se não [inaudível 14min48s] ... eu tenho a impressão que ele

Vera: eu tenho medo de rasgar... não, né?

?: e eu gosto de fazer assim....

Vera: [inaudível 15min02] na verdade... é.... ela nem precisa ser vendida em conjunto....

Karoline: são escolhas, né?

Vera: escolhas...

Karoline: se você quiser você pode deixar só a tinta nua... mas esse pra venda....

Vera: não vai... não vai pegar, olha... não sai... não... eu acho que eu vou fazer com esse aqui mesmo...

Karoline: daí você vai forrar os dois lados? Esse e esse?

Vera: não... forrar tudo...

?: olha essa cor aqui....

Vera: linda, mas...

Luiza: tá difícil de tirar...

?: a cola?



Luiza: onde tava? Será que não tava colada em cima... e daí, com o estilete tá muito ruim de tirar...

?: botar e colar alguma coisinha aqui em cima...

?: é com outra...

?: ela vai botar umas pedrinhas também a Cris? Tem aquela meia perola.... Dá para fazer...

?: aquela meia perola... cola daí....

?: fazer um desenho de pedras....

Vera: daí eu só faço um acabamento....

Karoline: essa é uma possibilidade... então, são três possibilidades...

?: ali tem uma caixinha de.... Mas tem ali naquela...

Karoline: mas você....

?: mas meia perola não tem...

Karoline: ele não é tão...

Vera: eu já vi...

?: fechar com pedrinhas, né? O que que você acha, Karol?

Karoline: sim, é uma das opções....

?: mas você faz...

[Inaudível / vozes atravessadas 16min28s]

Joel: lá no CAPS lá...

Karoline: deixou lá no CAPS?

Joel: ah... era pra mim trazer.... Até falei pra Luiza... falei pra ela ontem, né?

?: cada um tem seu jeito, né? Ninguém é igual a ninguém...

Joel: é um problema meu...

Karoline: seu Joel, faz parte... não se culpe.... Faz parte. Olha que interessante!

?: mas daí, como é que cola?

Karoline: olha que interessante!

?: pode ser....

?: tinta?

?: cola quente... faz dois pinguinhos aqui com cola quente

?: pronto, cobriu....

?: mas, voltamos com cola quente, o que que podia ser?

?: ahn? Não tem...

Karoline: ele combinou...

?: combinou...

?: a minha mãe trouxe pra eu recriar agora.... Tava fazendo desenho...

?: ah...

?: ela quer que você faça serviço de casa...

Karoline: e aí?

Luiza: você fala pra ela que é terapia...

?: ah, sei lá... eles falam, né? Deixa eles falarem... eu não dou bola... porque a idade deles... minha mãe tem 72, meu pai tem 75

Karoline: sim...

?: então, eles acham que é coisa de criança ficar fazendo desenho....

?: você acha que dá?

?: não sei....

Karoline: se tiver na validade...

Luiza: daí tudo eu ganhei... pra mais uma vez então...

Karoline: veja se tá líquido ainda....

Luiza: tem que olhar...

Karoline: pintar mais uma vez?  
 ?: não acha?  
 Karoline: olha, tem duas colas: a cola de isopor e.... e, se for isso aqui usa a outra...  
 ?: vergonha...  
 [Inaudível 18min08s]  
 Karoline: já venho aí, Iris...  
 Vera: Exatamente...  
 ?: faz quase 10 anos...  
 Karoline: ou fica pintado...  
 [Inaudível 18min23s]  
 Vera: mas daí pinta da mesma cor?  
 Karoline: pois é...  
 ?: mas não... porque que não deixa da mesma cor?  
 [Inaudível 18min30s]  
 Karoline: você quer pintar tudo da mesma cor ou deixar assim...  
 Luiza: aí querem que as pessoas se reformulem....  
 [Inaudível 18min37s]  
 Luiza: é... ficar bem acabadinho...  
 Karoline: mas veja se você consegue forrar o tecido e aqui fazer o acabamento?  
 [Inaudível 18min47s]  
 Karoline: não fica retinho lá?  
 Vera: não sei, o tecido é duro....  
 Karoline: e aqui?  
 Vera: aqui eu não sei... de azul... né?  
 Karoline: é...  
 Vera: chamam de azul...  
 Karoline: não pode ter essas rebatas, né? Ou a gente toma a.... de fazer sem.... posso deixar o tom da madeira, mas eu vou fazer um risco de tinta ou pintar tudo... pode ser até de outra cor.... mas a gente tem...  
 Vera: ou deixar só de uma cor.... de uma cor, mas outra cor em cima...  
 [Inaudível 19min19s]  
 Karoline: tem vez que isso acontece...  
 Vera: entendi.... Vou fazer uma e terminar... porque essa aqui tá muito acabadinha  
 Karoline: mas eu acho que esse pingente que você encontrou combinou, hein? Com essa cor, não é verdade?  
 ?: O, Dai... Cadê a Dai?  
 Isis: Hein...  
 Karoline: pode falar, Isis....  
 ?: mas hein.... Faltou responder pra eles que eu sou uma eterna criança...  
 Karoline: [risos]  
 ?: né? Nós somos uma eterna criança...  
 Karoline: Isso...  
 ?: aqui esse marrom tá muito forte...  
 Karoline: Iris... perceba, esse pincel não vai pra fazer esse redondo... não vai, né?  
 Iris: é...  
 Karoline: porque ele é fininho, ele só serve pra fazer linha...  
 Iris: aham...  
 Karoline: então, então... antes de tudo... o pincel não pode ficar ali porque eles estragam assim.... os pinceis nunca ficam de molho, Iris... vamos pegar cada um e limpar... tirar... tirar o... deixa aqui sem nada... tirar, esfregar assim... tirar, ver se saiu a coisa e

enxugar... eles ficam aqui... preparados pra você usar... deixar molhado assim não faz bem...

Iris: tá...

Karoline: se você quiser pintar, seu Joel... fique à vontade!

Joel: aham...

Iris: isso aqui dá pra fazer um quadro depois de pronto...

?: se acha que eu to aqui passando verniz... verniz... verniz... tinta verniz! Ou spray verniz....

Karoline: então, quando a gente tá falando de pintura e não de artesanato... o interessante é fazer uma moldura e daí com o vidro... esse que é o problema do papel, no início ele é mais fácil de trabalhar... mas pra você guardar e pra deixar exposto, ele envolve mais custos... então o custo de fazer a moldura com o espelho, sabe? Espelho não, vidro!

Iris: aham...

Karoline: sim... então, tem que estar o tipo de pincel que você tá usando. Tá bom, Iris? Que tipo de pincel... pra determinada coisa, né?

Iris: é... pode continuar falando.... Tô escutando aí...

Karoline: aham... tô olhando, tá bonito...

Iris: marronzinho claro, mas.... Tô estudando aqui uma cor.... tá verde... mas tô quase chegando no marrom... marrom claro....

Karoline: falta um magenta ali... cadê o teu pote? Seu Joel...

Iris: tem aqui, tem aqui, óh...

Karoline: tem? Só não pode sujar no azul, né? Se não... Seu Joel, o senhor quer pintar?

Joel: eu tô fazendo... depois eu vou...

Karoline: tá... se o senhor quiser, daí o senhor pega uma bandejinha....

Joel: tô desenhando, depois eu vou passar...

Karoline: beleza....

Vera: mas é bem bonito...

Karoline: daí o senhor pega uma bandeja e coloca a tinta aqui...

Joel: aham...

Vera: amanhã você vai almoçar conosco, Seu Joel?

Joel:

[Inaudível 22min22s]

Karoline: amarelo...

Luiza: vai, né? Junto com a [...], né?

?: vai... porque...

Karoline: tem muito... pega assim.... olha! Para não pegar muito, pega só um tico daqui e pega um pouco do amarelo... se não vai muito... fica quase um preto, né? Porque ele fica

?: vem pra cá!

Karoline: fica uma mistura de muitas cores...

Iris: será que esse verdinho fica legal?

Karoline: como?

Iris: fazer ele verdinho...

Karoline: você quer verdinho?

Iris: quero

Karoline: esse verdinho?

Iris: esse verde tá bom

Karoline: mas esse é um verde escuro, se você quiser... não quer um marrom?

Iris: então eu quero um marrom...

Karoline: só um momento... você quer um marrom? Então eu vou... limpar o pincel... de volta... porque ele vai, tá sujo, sabe? Então eu dou sim...

Iris: eu acho que vai mais azul, né? Mais azul

Karoline: não, Iris... eu vou falar com você sobre a pintura, né? Que você fez... bonita...

?: você quer fazer um desenho a mão livre pra mim?

Joel: posso pintar?

Karoline: eu quero que você treine os desenhos... eu vou....

Luiza: que danadinha!

?: eu não...

Karoline: não, desenha agora...

?: claro... quem não chora não mama!

?: você quer uma flor? Três flores?

Luiza: quem não chora não mama!

?: eu quero o raminho.... Com as flores... ai eu acho que fica bom, né?

Karoline: pode ficar bom... você...

?: você me abandonou...

Karoline: olha, vou te dar uma sulfite... só um momento...

?: ah... eu.... [Inaudível 23min33s] só... ah, eu.... Tudo bem.... Dois anos...

?: eu sei fazer molde com papel de... raio x! hein, Karolina!

Karoline: oi....

?: eu sei fazer molde com papel de raio x e cartolina com parafina...

Karoline: ah é?

?: molde de... eu desenho e faço...

Karoline: então, você precisa de marrom pra onde?

?: pra pintar a carinha dele....

Karoline: ah, você quer o marrom claro?

?: é...

Karoline: por que o papagaio? Quer dizer, a arara... a arar é marrom claro, né? Percebe que as cores estão misturados?

?: aí tá um verde musgo...

Karoline: tá vendo?

?: tá um musgo aí...

Karoline: fica branco de novo... então, eu preciso um pouco mais de magenta aqui.... Eu vou abrir esse pote... e eu preciso de mais amarela também... sempre quando acontece que a gente não consegue encontrar... a gente para tudo, limpa pincel...

?: é muito importante pra nós

?: é verdade...

?: amarelo?

Karoline: isso... a gente para tudo, limpa pincel e começa de novo....

?: eu todo...

Karoline: tá muito singelo...

Luiza: engraçadinho, né?

Karoline: lindo, lindo...

?: que amor...

Karoline: e é pra fazer... um vaso....

Luiza: eu não sei... é pra fazer uma peça que.... Como aquela situação que o [...]....

Karoline: vamos lá...

?: e eu e a Luiza vamos fazer mosaico

Luiza: vamos...

?: Iris trouxe um monte de material já...

?: é? Que bom...

?: Já...

[Inaudível / vozes atravessadas 25min07]

Karoline: o marrom é a mistura de todas as cores

Vera: aí foi difícil, nossa... tem uns piázinhas aí que também tão nessa....

Karoline: agora a gente vai fazer o laranja.... Certo?

?: sei....

Vera: essa benção de Deus...

?: do laranja pega azul, né?

Karoline: agora vamos pegar uma tinta mais grossa... olha que laranja legal! Desse daqui... se você quiser....

?: aqui eu acho que é melhor...

Karoline: porque aqui você queria que aparecesse tanto o lápis?

?: não

Karoline: não? Então aqui você pode reforçar... tem que ver...

?: quer que eu reforce agora?

[Inaudível / vozes atravessadas 25min40]

Karoline: é que tem vezes... vai ter que fazer mais grosso ainda! Porque assim tá muito aguado, aí não aparece... tem vezes que é a intenção do artista deixar aparecer a marca do lápis aparecendo, que é o meu caso... muitas vezes é intencional. Tem vezes... agora ficou um vermelho... olha.... Que bonito que ficou isso aqui, se você quiser...

?: aham....

Karoline: posso? Só...

?: pode...

Karoline: como você...

?: você quer essa aqui de presente pra você?

Karoline: ai, meu deus! Mas isso é muito... vou ficar lisonjeada... obrigada, mas esse é seu trabalho.... Se você quiser me dar uma foto.... ele eu já vou ficar muito feliz...

?: tá bom....

Karoline: porque eu não...

Vera: é só um presente de lembrança....

?: é uma foto e você tira no celular, é isso, né?

Karoline: isso, se você deixar...

?: eu deixo....

Luiza: Karoline é tão delicada que....

?: sabe o que eu fiz? O cavalo que eu bordei na tela... eu desenhei ele e daí pinte com giz de cera e daí fui no shopping... tirei foto aí eu passei e dei de presente...

?: já é uma artista

Karoline: olha... é muito legal passar um pouquinho por cima, sabe? Fazer isso? Pode... pro teu tipo de pintura fica legal e você usa isso... mas é que a gente tá reforçando aqui, né?

?: é...

Karoline: tô só... aí agora vou só pegar um pouco de amarelo pra deixar mais claro... e a cor que você pediu até agora nada, né? O marrom a Karoline só tá enrolando.... Aqui é o que você pode fazer... aqui vai ter que preencher mais... e aqui você vê se você quer deixar assim ou preencher.... Pior que ele tá... você vê como você quer! Se você quer cheio ou... dá impressão que a marca do pincel tá raspando, sabe? Como se tivesse na caixinha... então, vamos pegar o marrom... nós temos esse aqui... vamos pegar um tico de azul... um tico...

?: sei...

Karoline: pronto.... Peguei um tico de azul e vou pra cá...  
 ?: sabe da onde que eu peguei essa arara?  
 Karoline: da onde?  
 ?: daqui... não sei se é arara, né?  
 Luiza: ou papagaio, né?  
 ?: na nota de dez....  
 ?: A nota de dez!!!!  
 Karoline: exatamente.... Claro!! A gente fica vendo revista por aí.... Você copiou da nota de dez... muito bom!  
 Vera: original!  
 Karoline: e na nota de dez tá escrito exatamente o nome dela, né?  
 ?: o nome dela?  
 Karoline: aham... se você for ver na nota de dez tem em algum lugar  
 ?: ai que lindo...  
 ?: ahhhhhhhhhhhhhhhh  
 ?: você fez a mão livre?  
 ?: só fiz o desenho...  
 ?: ah, viu como desenha?  
 ?: diz depois que não sabe desenha...  
 Karoline: e aí...  
 Luiza: largue mão de ficar enrolando a gente...  
 Karoline: agora uma pergunta: achei tudo muito interessante, mas esse chão? É necessário....  
 ?: não é necessário, mas...  
 Luiza: não precisa...  
 ?: mas eu achei que fica muito no vácuo, olha....  
 ?: faz um vaso...faz um vaso  
 Karoline: porque eu tô achando o chão como se fosse uma campinha no horizonte, sabe? E, ao mesmo tempo são flores como se tivesse num vaso... então, parece que elas estão espetadas...  
 ?: ah... é que elas estão tortas...  
 Karoline: mas, não.... Olha que linda!  
 ?: faz o que? Um vaso aqui?  
 Karoline: mas é conforme a sua intenção...  
 ?: fazer umas borboletas...  
 Karoline: mas só borboleta você acha esquisito?  
 ?: só elas assim? Sozinhas voando?  
 Karoline: aham...  
 ?: não, posso fazer elas voando... só que não vai ter borboleta, né?  
 Karoline: por que?  
 ?: borboleta só se forem elas voando....  
 Karoline: então tá bom...  
 ?: ou também dava pra fazer um lacinho aqui...  
 Karoline: olha!  
 ?: ela tem as ideias!  
 Karoline: olha lá... Liz, que bonito! Esses panos vão dando mais vida À esses com desenhos próprios, sabe?  
 ?: é o que e falei pra ela....  
 ?: mas só vocês mesmo.... Capaz mesmo que eu ia fazer....

Karoline: aí fica meio esverdeado... a outra tá mais azul... tá ficando verde... não quero.... Magenta... vamos lutando aqui....

?: essa cor que eu quero...

Karoline: é?

?: é....

Karoline: um pouquinho mais.... Um pouquinho mais... quer um terroso?

?: aham...

Karoline: vai testando....

?: tá...

Karoline: só que eu acho que ele vai apagar.... Fica muito aguado.... Aí você tem que fazer com um mais grosso...

?: quero fazer um negócio aqui... veja se vai dar certo...

Karoline: ah... isso! Ah, um corretivo! Cuidado porque se molhar muito ali embaixo amolece.... Cobre toda cor....

? tinha que ter um jeito de tampar....

Karoline: Luiza....

Luiza: oi!

Karoline: eu vi o teu morango, que coisa!

Luiza: Ia estar ficando.... Só que daí....

Karoline: você quer falar sobre ele?

Luiza: cadê meu morango? Ah... tá aí... uma metade eu tava pintando e a outra metade o [...] tava pintando....

Karoline: quem que é [...]?

Luiza: ele é um rapaz....

?: ele voltou aqui....

Karoline: ah, ele voltou?

Luiza: e daí... essa metade aqui o [...] tava pintando....

Karoline: vocês vão pegar um [inaudível 30min51] que faz parte do....

Luiza: ah é?

Karoline: pode falar....

Luiza: então... é porque daí fica um pouco confuso da gente entender quem é o morango e tal... aí ele se confundiu aqui... aqui ele fez folha e aqui ele fez o morango... então, aqui eu estou dando uma ajeitadinha... mas tá encaixando... e tô trabalhando com bastante corzinha assim.... variada, né?

Karoline: sim...

Luiza: tipo verde... bastante tom de verde...

Karoline: olha eu tô surpresa pra ver a variação, exatamente essa variação.... Tá muito bonito....

Luiza: porque as cores são bem, bem diferentes.... Na natureza....

Karoline: e o fino que você usou... não usou preto... usou outras cores além do preto....

Luiza: várias, né? E aqui vou aproveitar a ideia do [...]... fazer um pouquinho mais grossinho... porque talvez seja um pouquinho mais na entrada, na entranha da... então, ele é mais grossinho....

Karoline: aham...

Luiza: aqui como são galinhos mais novos tão mais fininhos....

Karoline: aham....

Luiza: então, daqui a pouco eu vou chegar lá pra desvendar essa história no meio....

Karoline: desvendar essa história... essa história que.... Tem muitas folhas, muitas folhas! Muitas folhas!

Luiza: mas, é bem gostoso... eu percebo que eu adoro mexer com o pincel.... Eu mexo muito faceira...

Karoline: tá muito bonito!

Luiza: é, né? Só que demora...

Karoline: demora... e eu percebo assim.... que as folhas que tem menos contornão ficam mais delicadas, ficam... mais... parece mais interessante... então, deixar o verde musgo prum lado....

Luiza: é que aqui tá feita....

Karoline: já foi feita...

Luiza: então eu tô....

Karoline: talvez deixar essas folhas um pouco mais escuras, mas tentar tirar essa linha....

Luiza: exatamente....

Karoline: não deixar tanto em forma de linha.... Porque se não.... Mas, olha! Eu percebo assim que tá na mistura de cores... tá...

Luiza: legal, né? Dá um efeito bom quando a gente olha...

Karoline: sim...

Luiza: eu gosto.... Não gosto quando...

Karoline: então, eu vou colocando aqui e tentar tirar esse contorno preto aqui...

Luiza: esse aqui.... Ele havia feito exatamente.... Que nem aqui, olha.... Eu vou ter dar uma...

Karoline: esse daqui foi você?

Luiza: foi! Todo esse lado aqui foi...

Karoline: esse moranguinho tá uma graça! Eu percebo que tem uma variedade de formas de morango! E isso é da natureza mesmo! Se não tem exato...

Luiza: é.... certinho....

Karoline: todos não são bolinhas....

Luiza: não é igual....

Karoline: então, esse aqui tá um pouquinho pra lá... esse um pouquinho pra lá. Esse tá mais escuro, esse mais claro.... Dá vontade de pegar....

Luiza: tá bonito, né? Então, mas um trabalho assim é uma obra mesmo... um pano de prato... não é simplesmente pintado! Você fica ali, olha.... Trabalhandinho... Viajando...

Karoline: pois é.... e aí pensar o tempo de trabalho.... Quanto custa minha hora de trabalho... fala o preço, né?

Luiza: é verdade... e aí pensar....

?: aí sabe o que você pode fazer?

Karoline: fazer?

?: fazer todo ele..

Luiza: mas nossa, é muito trabalhoso, menina... não pra você jogar um precinho qualquer....

?: é...

Karoline: pois é... existem planos simples.... Por exemplo....

Luiza: pro dia-a-dia mesmo....

Karoline: fez desenho sintético, mais simples.... Agora esse morango envolve um monte de complexidade! São muitas folhas, muitos morangos...

Karoline: muito....

Luiza: muito tempinho ali....

Karoline: aqui ela fez, então... um pano de prato lindo... que só com desenho pequeno...

Luiza: é.... isso! O passarinho!

Karoline: e você faz mais rápido....



Luiza: faz mais rápido... é verdade... é lindo... foi a Dai que desenhou aquele ali... morango lá...

Karoline: mas, gente... então, deixa eu ver agora... passei pra Luiza, per aí... vou falar com o José.... José, quando que você vai reunir pra começar a passar verniz, você acha?

José: bastante... essa semana aí tive [inaudível 34min36s] então eu não fiz nada...

Karoline: ficou doente?

José: fiquei....

Karoline: é... fui ao médico ontem.... [Inaudível 34min46s] também... tá todo mundo, né? meio...

?: sabe... por causa da enfermidade da minha irmã eu comecei a levantar mais cedo... eu tava levantando 9h30 ou 8h15, né... tá achando cedo pra vir aqui... pra levantar da cama... e agora minha irmã ficou assim, eu tô levantando.... Até lavo roupa antes de vir pra cá... hoje eu não lavei... lavei ontem.. Sabe, tô conseguindo levantar mais cedo agora.

Karoline: que bom....

?: meu pai mandou eu conversar lá hoje que as vezes eu tô levantando de madrugada, mas depois eu volto pra cama e durmo... ele acha que eu não tô dormindo direito....

Karoline: ahhhhh....

?: coisa de... de me empurrar também, viu?

Karoline: deixa quieto quem tá em paz!

?: é fogo, viu?

[Vozes atravessadas / parcialmente inaudível 35min44s]

Vera: mas todo mundo tem alguma coisa! Todo mundo tem alguma coisinha pra... é para passar...

[Inaudível 35min55s]

Vera: não, não mesmo.

?: tem uma água ali? Se não eu vou morrer...

Luiza: pode usar, pode usar... é minha jarra....

?: aham... vou usar...

Luiza: você mesma quem usou?

?: tô usando já... tá mais limpa que a minha...

Karoline: então, gente... depois vamos conversar... eu... a oficina se encerra agora, mas o grupo de vocês só começou!

?: quando que...

Karoline: vocês têm que pensar como vocês querem, né? Organizar esse grupo de vocês... pra que que eu posso ser útil, né? Eu posso ser útil.... Mas, vocês vão ter que...

Luiza: que bom, Karol.

Karoline: no que eu posso, né?

Luiza: se você puder ter essa disponibilidade pra nós vai ser muito bom....

?: ai meu deus, vai com fé que dá!

Karoline: ah, você vai passar!

?: tem que ser na mesma direção, se não...

Karoline: eu acho que as borboletas que tão aqui tão lindas!

?: essa aqui eu não gostei... vou fazer ela diferente...

Karoline: vai fazer direto nela?

?: vou, vou...

Luiza: hein Dai, como é que tá o [inaudível 37min02] então?

?: foi tirar os pontos...

Luiza: ficou quantos dias no hospital?

?: acho que ele saiu dali dois dias...

Luiza: mas agora melhorou? Se ficasse mais era pra matar também, né....

?: é... nem perguntei...

?: qual será que é melhor?

Karoline: mais 6B, essas coisas... 8B....

?: você é capaz de dizer o que essa arara tá fazendo?

?: é o que que é pra fazer?

[Inaudível 37min32s]

Karoline: os artistas....

?: eu não sou artista, eu uso carbono, eu uso apontador...

?: Karol, Karoline!

Karoline: oi!

?: você é capaz de saber o que que essa arara tá fazendo?

Karoline: o que? Vou ver! Só eu chegar aí... vamos ver.... só não sei se eu vou fazer fino como você quer.... Será que tá bom isso aqui ou não?

?: tá bom, tá bom....

Karoline: vamos ver a arara! Arara

Luiza: arara....

?: você é capaz de dizer o que ela tá fazendo?

Karoline: o que que ela tá fazendo?

?: ela tá cantando...

Karoline: eu acho interessante essas linhas aqui... tão me chamando a atenção da arara.... Elas....

?: ela tá cantando! Você tá vendo as notas musicais ali?

Karoline: ah, ali!!!! São notas! Agora que você me falou...

Vera: e são notas musicais!

Karoline: é... mas lembra notas musicais, agora que você falou... faz sentido...

?: você se formou, Karol?

Karoline: eu? Eu já sou formada!

?: você já é formada?

Karoline: uhum...

Vera: tá no mestrado já, né?

?: acho que...

Karoline: Sim... e essas patas? Vão ficar assim ou você quer ressaltar elas?

?: quero ressaltar...

Karoline: então, pegue um pincel que condizia com essa finura, né? Que fique....

?: já peguei aqui...

Karoline: e essas flores? Você vai deixar elas alegres? A impressão que eu tenho é que as flores são muito alegres, mas o preto deixa elas carregadas, né?

?: eu queria deixar no lugar um pouco de laranja nelas...

Karoline: pode ser bacana.... O sol faz essa referencia

?: olha no miolo delas... pode ser laranja?

Karoline: é o que você achar melhor.... talvez faz a tinta mais grossa... porque ali já tem um pouco de tinta... então, deixar ela aguada só vai misturar e fazer uma cor marrom.... Se você deixar mais grossa ele cobre... Isis, quer falar sobre o seu quadro?

Isis: vamos conversar...

Karoline: esse é seu quadro?

Isis: é....

Karoline: ai meu deus, ele tava jogado aqui... ele grudou...

?: hoje tem grupo lá?

?: tem!

Karoline: eu não vou pegar, quero que você veja!

Luiza: hoje tem aquele negócio lá na PUC também...

?: que horas?

[Falas atravessadas / inaudível 39min55]

Karoline: é tinta ao óleo...

Isis: uhum....

Karoline: não... mas é óleo... a gente usa assim mesmo....

?: eu mostrei pra Luiza ontem, né?

[Falas atravessadas / inaudível 40min05]

?: ai, que bom!

?: tem bastante coisa lá... não tão usando lá, vou trazer pra cá....

?: isso! A gente se reúne aqui e vamos pegar.... fazer um pouco de cada coisa, né? Tem que ver.... fazer as trocas.... Trocas de experiências

[Conversas ao fundo inaudíveis]

?: eu botei esse reflexo aqui da moldura, olha! Alguém falou

[Inaudível 40min43s]

Isis: eu quis fazer diferente....

Karoline: ah, sim.... Isis, me conte! Como que você fez?

Isis: isso aqui eu fiz quando eu fui lá no parque...

Karoline: no parque? Qual parque?

Isis: ai, eu não lembro o nome... São Lourenço, parece...

Karoline: Parque São Lourenço?

Isis: é.... lá longe...

Karoline: daí você pegou de uma foto ou você imaginou?

Isis: não... fiquei imaginando, gravei na cabeça e tentei fazer...

?: olha que cabeça boa!

Karoline: nossa, surpreende pela técnica!

Isis: é.... tu achou?

Karoline: sim, sim... o que que você mais gostou do trabalho? O que que você não achou tão legal?

Isis: eu não achei legal porque aqui ficou um tom meio avermelhado, sabe? E daí não tinha, eu botei azul. Não gostei muito disso aqui assim.... não sei se dá para entender que isso aqui vem do céu, né?

Karoline: é uma vista do céu...

Isis: mas eu devia ter feito aqui meio azulado, depois que eu fiz eu me arrependi... eu fiz muito verde... eu devia ter posto esse azul mais...

Karoline: em quanto tempo você fez isso?

Isis: ai, eu demorei... sabe? Não marquei....

Karoline: mais de uma manhã?

Isis: não sei....

Karoline: mas, pensa...

Isis: uma manhã....

Karoline: é tinta à óleo! Você fez super rápido! Uma manhã, Isis... tinta a óleo demanda que seque, que se trabalhe... então não se....

Isis: e eu acho que eu fiz ele muito no claro, sabe? Porque eu fiz lá embaixo, numa árvore que tem na casa da minha filha...

Karoline: ah, não foi em casa?

Isis: e tava muito no claro, entende?

Karoline: aham...

Isis: entendeu?

Karoline: eu acho muito interessante como você trabalhou a perspectiva, de profundidade... dá pra ver que é uma vista aérea.... As arvores... essa aqui que você pega assim.... a que você pega aqui...

Isis: é....

Karoline: e o que eu penso...

Isis: eu quis botar a claridade do céu, entende?

Karoline: sim...

Isis: nesses... só que o meu céu, depois que eu fui ver.... deveria ter ficado meio azulado... e fundo....

Karoline: então! Justamente esses aspectos eu digo: é por aí que a gente consegue ver que é um trabalho feito numa manhã... a tinta à óleo, ela pede que você trabalhe... deixe secar... volte pro trabalho... faça mais algumas coisinhas, deixe secar, depois volte e faça mais uma coisinha....

Isis: é, mas eu deixei poucas horas, poucos minutos assim....

Karoline: é.... porque não adiantava... se você mexesse aqui ia fazer lambuzeira....

Isis: é....

Karoline: se você mexesse aqui que já foi carregado aquela manhã... você ia fazer lambuzeira... tinha que ter o seu tempo.... Agora...

Isis: e você não achou que ele ficou muito grosso assim? Não deu tempo dele secar uma cor.... e aí eu não consegui... pra mim não misturar tudo, virar uma...

Karoline: tudo verde?

Isis: aí eu fui pastando a cor....

Karoline: vi...

Isis: no pincel....

Karoline: eu achei isso muito interessante, muito interessante! Mas, aí ele criou um volume que... do jeito que você fez... aqui o pincel fininho.... Duas camadas, né?

Isis: é....

Karoline: a gente percebe... aqui você fez o que você falou... empaste, é isso? Os troncos... mas, aqui você resolve muito bem... isso é detalhe, não é mesmo? Ali fez aquele resto escuro... o rio dá pra ver que ele faz assim.... tá certíssimo fazer esse risco assim! Isso é perspectiva! Você trabalhou a perspectiva certinho, né? E o céu lá na alvorada... parece ou o entardecer ou um amanhecer...

Isis: é....

Karoline: agora... falta, do que eu vejo... a continuação do trabalho! [Inaudível 44min36] falar já tá pronto [...] continua igual... e justamente nos aspectos que você disse! Então você falou que isso aqui não... que esse azul tá te incomodando.... Talvez você possa trabalhar mais esse azul e tentar o vermelho... então, ao invés de colocar o azul direto você fazer um intermédio entre vermelho e azul... você vai perceber outras tonalidades... e, a outra coisa: usar o vermelho... não é porque agora... você fez o grosso! Da pintura... mais que o grosso! 75% eu acho que você fez! Mas, falta os pequenos detalhes que deixa mais realista... que faz a pessoa entrar mais... então, isso aqui eu acho que tá nota 1000! Talvez pudesse trabalhar um pouco mais essa cor.... mudança de cor.... essa tá igual a essa na perspectiva.... Talvez essa fosse um pouco mais escura... um pouco mais escuro que aqui, sabe? Um pouco mais larguinha... aqui, é uma flor?

Isis: é....

Karoline: se fosse talvez teria que trabalhar um pouco... é legal não dar detalhe sobre a flor, mas deixar o mato numa cor menos suja... porque aqui eu percebo que aqui, no pincel, tá muito misturado. Escolher bem a cor que você quer e fazer mais uns matos,

né? Uns riscos mais decididos, vamos dizer assim.... esse daqui... talvez pegar uma mistura diferente de azul! Porque esse azul é o do tubo, né?

Isis: é....

Karoline: esse azul é do tubo?

Isis: não, esse daí não...

Karoline: a gente vê que é do tubo... Se você quiser crescer nessa pintura eu poderia, Isis.... Misturar o azul e fazer um azul seu! Só colocar... substituir... porque eu acho que vai crescer e dar um up

Isis: uma diferença, né?

Karoline: mas isso é coisa de fora... quem vê, normalmente para comprar... não vê essas.... Então, super bacana como você resolveu com o empaste! As folhas descendo, né? Mas, sim... Se você quiser o vermelho... você pode... algumas coisas ele dá... porque o vermelho é mais de volume.... Então, alguns lugares, aqui nesses tufo de ar... um vermelhinho, sabe? Que vai dar mais sombra... o vermelhinho... o vermelhinho vai mais dar mais sombra. Então, você coloca um tico de tinta.... Um pouquinho de vermelho aqui.... Um pouquinho de vermelho, vai... vai dar uma sombra.... Ou, um vermelhinho pra... ao invés de branco.... Um vermelhinho pra fazer os troncos.... Vermelho eu digo marrom, sabe? Marrom...

Isis: porque é esse que eu queria! É esse que eu queria... E eu queria te dizer, colocar um chamuscado aqui e.... chamuscado.... Eu digo chamuscado [risos] botar aqui nos dois cantos... será que vai ficar feio?

Karoline: então, esse chamuscado....

Isis: porque aqui eu ia botar outra cor aqui...

Karoline: eu tive a impressão que esse chamuscado não funcionou, Isis....

Isis: não, né?

Karoline: não... daí, né? Ainda sobre a pintura aqui.... Se você quiser trabalhar outras cores aqui... aqui eu vejo muito bem.... 1,2,3,4,5,6,7... acho que você fez... tentar uniformizar isso ou branco... tá muito interessante isso daqui! É legal ter o amarelo, mas não 1,2,3,4, sabe? Muito... eu sei onde você passou! Pra arvore funciona isso! Mas pra nuvem é preciso... a nuvem ela... o amarelo fica muito parecendo seu pincel e não como é.... faz sentido o que eu tô falando?

Isis: faz sim!

Karoline: mas tá muito legal que aqui tá iluminado esse branco.... Você forçou essa perspectiva...

[Sussurros ao fundo]

Karoline: eu já vou ver então! Pega o seu outro trabalho pra continuar....

?: aquele da flor?

Karoline: da flor ou da nuvem...

[Conversas ao fundo/ sussurros/ inaudível 48min35]

Karoline: Não, mas a borboleta olhando pro outro lado... pra esse lado.... Aqui...

Liz: como se fosse essa aqui.... é.... não, só pra ter uma noção dela... pensei em colocar ela aqui em baixo...

Karoline: eu tenho a impressão assim, Liz... [inaudível 49min17s] normalmente os panos de prato... eles têm bastante química na composição... vamos colocar três, um na central e esses dois aqui... preto e branco.... Quando eu coloco o elemento aqui ele pesa pra cá... e tá... olha... os quatro sem elementos... vou colocar mais uma... mesmo se você for fazer um igual, tipo aqui...

Liz: eu acho que não porque essa não é [inaudível 49min40s]

Karoline: então, sim... é como?

Liz: é um equilíbrio...

Karoline: então tá...

Liz: porque, olha... se eu colocar a borboleta aqui... eu também penso como você... vai pesar dum lado... só que se eu colocar ele vai pesar.... Ele vai entortar...

Karoline: e ela já tá maior...

Liz: isso... porque ela ficou mais alta do que as outras...

Karoline: o que você poderia ter feito [inaudível 50min00] é ter um pouquinho... pode ser a mesma flor....

[Inaudível 50min06]

Karoline: só um pouquinho... me dá um pouquinho mais de espaço aqui... [inaudível 50min17]

?: mas vem aqui comigo....

Karoline: olha, que bacana! Super...

Isis: obrigada...

Karoline: Isis, posso continuar a falar? [Inaudível 50min29] do que você quiser... Então... é super seu trabalho de perspectiva....

Bernardo: Bom dia, bom dia...

?: Bom dia!

Karoline: Bom dia, seu Bernardo. Se você fizesse mais assim.... tipo... pessoas que pintam assim são mais raras... né? O pessoal não tem interesse em comprar mais, né Isis.... Você sabe!

Isis: é....

Karoline: você sabe porque você vendia bastante.... Agora, eu acho o seguinte... moldura é.... moldura é.... falando não de artesanato, mas de arte: moldura tem que ser a moldura de fora e não de tela! Então, se a gente cria uma moldura na tela acaba não valorizando o trabalho, sabe?

Isis: é, né?

Karoline: então... eu sugiro que você nas próximas... mas, isso é uma sugestão! Nas próximas vezes... você não faça moldura. Deixa sem.... porque aí o teu trabalho fica mais valorizado... sabe?

Isis: aham

Karoline: porque aí você dá espaço... [inaudível 51min37s] tem vezes que o trabalho fica, sabe? E essa moldura faz a gente olhar a moldura e não olhar o que.... A gente fica com dificuldade de se concentrar... acho que olhar isso daqui, mas essa moldura...

Isis: na verdade eu queria mostrar os dois trabalhos do que eu queria fazer... a moldura que eu queria fazer... até tô aprendendo a fazer moldura, sabe?

Karoline: de plástico? De madeira?

Isis: de madeira...

Karoline: você está aprendendo?

Isis: no curso da igreja....

Karoline: nossa, você tá aprendendo a fazer!

Isis: tô aprendendo...

Karoline: eu tenho interesse! Eu posso fazer? Posso entrar?

Isis: pode! Eu posso falar com elas... me dá seu telefone!

Karoline: dependendo do horário...

Isis: tem que marcar o horário e tudo... tá ótimo... elas vão amar...

Karoline: se for, de repente, horário difícil... mas, eu fiz em casa uma vez... com meu avô, com aquelas bem grandes assim.... mas eles fazem um trabalho bem certinho...

Isis: bem...

Karoline: Então, Isis... [inaudível 52min46] mas, assim.... a próxima vez eu deixaria... ou....

Isis: já me deram essa dica aí!

Karoline: essa... é muito linda essa paisagem! Tem que expandir... porque parece que fica muito presa nessa moldura... então deixa... a moldura a pessoa que comprar, compra. Ou você já coloca a moldura e vende com a moldura. E, a peça como for.... eu tiraria esse efeito...

Isis: eu gostei assim.... do trabalho... não que ele ficou como tem que ser.... não com a técnica realmente que tem que ter, mas eu gostei assim porque eu tirei do fundo da minha memória... porque eu desenhei na mente e daí....

Karoline: mas, Isis...

Isis: dá a impressão, eu não sei se a pessoa consegue captar assim o que eu quis passar... entende? A natureza...

Karoline: é livre! É lugar para.... Que permanece vazio...

Isis: daquela solidão.... Na verdade, eu tava pintando, assim.... passando aquele momento só....

Karoline: aham...

Isis: não sei se consegue aparecer aqui... um momento só... um momento

Karoline: Daí, seria legal, Isis [inaudível 54min05s] que daí cada um que for falar sobre a sua pintura... isso que você quis mostrar...

Isis: Claro....

Karoline: é.... então... é um lugar pintado, assim.... misterioso... não sei se amanhecer ou entardecer... tá tranquilo, mas tá sozinho....

Isis: É.... é uma manhã não muito ensolarada... Eu quis deixar no ar, assim....

Karoline: aham... muito interessante... isso foi muito interessante.... Pra ventilar.... Se não fica muito sufocada... só que muito bom! Olha, aqui, se você quiser... ficou lindo como fez.... Falta a segunda parte do trabalho... depois que secar fazer alguns detalhes... uma cor mais escura... marrom.... Avermelhado, uma coisa assim....

Isis: avermelhado.... eu tô pensando....

Karoline: pra criar alguns...

Isis: verde e aquele azul ali...

Karoline: esse azul.... Nunca use o do tubo! Misture... o resultado vai sair melhor...

Isis: Então tá...

Karoline: espero ser útil!

Isis: foi... eu amei!

Karoline: mas, o bom é a gente conversar todo mundo junto do seu trabalho... que daí vai... chama a atenção das pessoas pra sua obra.... Só queria olhar aqui sem a moldura! Sabe? Ficar olhando a paisagem, assim.... muito lindo! Bom, vamos continuar então...

?: O que que eu vou por embaixo?

?: você quer que eu traga?

[Vozes atravessadas inaudíveis 55min48s]

Karoline: de oficina, é o décimo dia... o último encontro! A gente vai continuar semana que vem...

[Vozes atravessadas inaudíveis 55min59s]

?: porque amanhã depois do almoço vamos... [vozes atravessadas inaudíveis 56min11s]

?: hoje eu vou, claro... tenho que ir, né? Já de quinze e quinze dias tem que ir... se não é falta...

?: semana retrasada eu não fui...

[Vozes atravessadas inaudíveis 56min24s]

?: eu que desenhei.... Posso?

[Vozes atravessadas inaudíveis 56min32]

?: olha, tem um ali, né? Cadê meu pincel?

?: suja, né?

?: claro! As caixas tão lá pra que?

Karoline: agora faz sentido....

[Vozes atravessadas inaudíveis 56min49s]

?: vocês querem comer pão? Tem pãozinho na mesa...

Luiza: obrigada! Daqui a pouco eu vou lá pegar um pedacinho...

[Inaudível 57min05]

Luiza: tá aqui, olha... essa é a tesoura boa... vou ver se tem uma melhor...

?: Não...

?: acho que a da Luiza é mais cega... pra fazer um... caule da...

[Inaudível 57min27]

?: ixi, mas o que que eu tô fazendo aqui?

[Inaudível 57min38s]

Luiza: ajuda, claro... [...] ...

[Inaudível 57min48]

Karoline: gente, nós já estamos em 10h10 e vou precisar fazer o grupo! De conversa daqui a pouco, pode ser? A gente vai encerrar...

?: eu vou ter que terminar outro dia...

Karoline: todo mundo assinou? 1,2,3,4,5,6,7...

?: faltou eu....

Karoline: ah.... O [...] assinou, mas.... Pode falar, Iris...

Iris: esse aqui fica pra terminar outro dia, então...

Karoline: fica! Eu deixo as tintas com você...

Iris: não, essa semana eu venho aqui e termino aqui...

Karoline: eu deixo as tintas com você...

Iris: deixa?

Karoline: deixo....

Iris: mas aí você vem?

Karoline: não venho... mas eu deixo com você! Você pinte bastante... você compra um papel bom... você compra papel canson pra pintar! Papel bom! Não use sulfite que não vende depois...

Iris... tá... Então, na verdade as flores vão ficar assim, as folhas com dois tipos de tronco, os troncos também, né? Os galhos... e, as escadas no chão... daí ia pintar de branco assim.... em volta... tudinho de branco!

Karoline: de branco?

Iris: pra refazer...

Karoline: ah, o branco que não é bem branco...

Iris: o branco que não é bem branco....

Karoline: isso...

Iris: tá bom...

Karoline: e você queria que eu vesse aquele outro trabalho, cadê?

Iris: qual? Tem o da nuvem, o da arara...

Karoline: o da arara, né?

[Inaudível 59min20s]

Luiza: por que embora?

Karoline: que interessante tua arara! [Palmas]

[Conversas ao fundo inaudíveis]

?: tá excessivo, né?

[Conversas ao fundo inaudíveis]



Luiza: é... mas é bem por aí que você vai mostrar o quanto você [incompreensível 59min34s]

Karoline: que legal! O que que você achou? O que mais você tem pra mostrar pra fazer?

Iris: Você acha que tem mais?

Iris: tem o céu...

Karoline: tá aqui?

Iris: tem a arara...

Karoline: e mais o céu? O que que você.... Você tá realizada ou quer fazer mais coisas?

Iris: só se eu fosse deixar o amarelo melhor, né? Fosse deixar o amarelo melhor... fosse assim.... mais reforçar os traços...

Karoline: então, Iris... seguinte: tem vezes que é a intenção do artista deixar assim mesmo pra....

Iris: é, né?

Karoline: tem que ver se é a tua intenção... ou tem vezes que não... o artista quer fazer bem fechadinho... e, depende do estilo do trabalho... dependendo do estilo do trabalho se é interessante ou não...

Iris: Eu não minha opinião....

Karoline: você quer um grupo... dessa vez não vai dar...

Vera: vai ter que parar?

Karoline: não tem problema, Iris.... Nunca... é bom dar trabalho também por finalizado, mas é interessante.... Depois de uma semana você olhar e falar: “tô satisfeita? Tem mais alguma coisa que eu possa fazer? Sim ou não?”

Iris: sei...

Karoline: para dar prosseguimento ou não, certo?

Iris: certo!

Karoline: daqui uma semana você olha: “será que eu vou pintar essas pétalas das minhas flores ou não? O que que eu faço com ela?” e assim vai!

Iris: tá...

Karoline: esse meu olho...

Iris: esse olho, né? Tá precisando arrumar, né?

Karoline: ou será que a arara tá muito escura? Eu coloco uma cor mais alegre pra ela? Ou algo assim.... então, você não precisa dar pra finalizar e nunca mais... é interessante também finalizar e dar um ponto final nas coisas, né?

Iris: é....

Karoline: porque tem vezes que a gente coloca demais e estraga... mas, esse que também é o problema da arte.... Não do artesanato. Porque o artesanato tem um ponto final rápido, né? A touca é a touca e deu. No máximo coloca mais algum arranjo, né? Um aplique, mas deu. A arte é você artista quem vai dizer. Então, fique...

Iris: eu tô com mania... chega [vozes atravessadas / incompreensível 01h01min37s]

Karoline: e aí coloca numa pasta de papelão... pega um papelão... de caixa, pega as duas e fecha....

Iris: sei... Mas sabe aquela chaleira que eu fiz?

[Vozes atravessadas / incompreensível 01h01min46s]

Iris: quando eu tiver minha casa... colocar num quadro e deixar na cozinha....

Karoline: então, gente.... Eu vou precisar fazer o grupo com vocês. Então, pra fazer o grupo eu vou ter que pedir que todo mundo se sente em roda...

Iris: posso deixar teu pincel na coisa aqui?

Karoline: pode... daí depois a gente arruma... se der tempo vocês continuam... essa é a parte de tirar o feedback de vocês sobre a oficina, então...

Iris: essa tinta [inaudível 01h02min18s]

Karoline: sim, eu vou dar pra você! Você cuida bem dela e pinta bastante... sem misturar. É um presente...

Iris: ah, obrigada. Deus abençoe.

[Vozes atravessadas / incompreensível 01h02min33s]

Karoline: daí você marca quais você quer...

Iris: eu vou querer essas que estão aqui... posso devolver as do pote?

Karoline: Mas, você usa as daqui... raspa... deixa secar e depois usa...

[Conversas ao fundo inaudíveis 01h02min50s]

Iris: pera, o que é que eu faço?

Karoline: esfrega aqui na bandeja... isso aqui você pode usar, por exemplo... se der, né? Se sair...

Iris: e se eu levar ela assim agora?

Karoline: não dá... por isso eu uso o papel toalha... esse branco você deixa aí secando, faz assim.... raspa... sabe? Esse azul... raspar o azul... não deu pra aproveitar muito....

Iris: então, vamos fazer uma roda aqui? Vamos puxar umas cadeiras, pessoal...

?: algum ferro, alguma coisa, né?

?: essa é mais pesada, né?

[Inaudível 01h03min29]

?: como é que é seu nome mesmo?

José: José...

?: José, eu... quer ver o que eu fiz também...

[Inaudível 01h03min43]

Vera: ele marca, né?

[Conversas atravessadas / inaudível 01h03min57s]

Vera: pedindo mesmo, né?

?: aham...

?: talvez ele fique levantado um pouco mesmo, né?

[Conversas atravessadas / inaudível 01h04min09s]

?: mas levantando aqui, né?

Karoline: vou deixar aqui em cima...

[Conversas atravessadas / inaudível 01h04min16s]

?: eu me animo a pintar a Monica... em papel carbono...

Luiza: pintar a Monica no negócio verde?

Karoline: tá muito bem pintado esse... se vocês fizerem algum motivo de desenho vocês deixam com a Amanda que...

[Conversas atravessadas / inaudível 01h04min35s]

Luiza: turma da Mônica? Não tem um grandão?

?: olha ali.... é esse mesmo....

Luiza: ele é uma... como é que chama? Um negócio grande....

Karoline: pessoal.... Vamos....

Luiza: abre lá pra você ver que massa! eu trouxe pra nós colocarmos aqui... isso! Ele mesmo... abra pra você ver.... eu tenho um lá em cima da cama... bem grandão. Daí a gente pode mostrar várias coisas e daí... depois tirar... deixa na outra semana e tal... bem legalzão.

Karoline: então, vamos lá?

?: fora da mesa...

Luiza: é tipo um mural...

?: o que que é isso daí? É uma revista ou...

Luiza: um mural...

Karoline: gente, onde você está [incompreensível 01h05min19s]?

?: no mural...

?: Ah, a turma da Monica e cebolinha...

Karoline: O senhor fez desenho livre senhor Joel?

?: só um desenho...

Isis: você tem uma pele tão macia... tão lisinha... o que você faz pra ter uma pele tão lisinha assim?

?: filtro solar!

Isis: tá bem bonito...

?: filtro solar....

[Conversas atravessadas 01h05min44s]

?: a tua também é bonita, olha! Não tem nem mancha....

[Conversas atravessadas 01h05min51]

Isis: e teu cabelo é natural assim?

?: pinteí ontem!

?: eu também...

?: eu mais ou menos...

[Conversas atravessadas 01h06min03]

Karoline: Ooohh!!

Joel: vamos lá, tá... aqui eu imaginei que qualquer coisa, né?

Karoline: aham...

Joel: aqui tá... eu rabisquei... também... daí eu, sabe?

Karoline: um avião, uma pessoa?

Joel: então, porque o meu irmão [inaudível 01h006min32] ele olha em você e ....

Karoline: ele é talentoso?

Joel: aham...

Karoline: então....

Joel: ele tá numa... ele desenha assim.... pega o papel

[Inaudível 01h06min44]

Karoline: guarda numa pasta... guarda o material dele.... para não ficar....

Joel: daí eu vou....

[Inaudível 01h06min51]

Karoline: quer que eu escreva pra você, Iris?

Iris: eu te desobedeci, eu te desobedeci! Para guardar a tinta...

Karoline: ah... depois a gente vê o que você consegue. Depois que eu ver aqui uma coisa... Papelaria Grafitti! Fica no centro de Curitiba... daí é guache talens.... Você fala que você quer as cores primária, né?

Iris: aham...

Karoline: Guache Talens, esse é o nome... olha, se você quiser recortar....

Luiza: ela quer uma roda aqui...

[Conversas inaudíveis ao fundo 01h07min32s]

Karoline: bom, vamos lá! Todos assinaram? Assinaram! Vou falar que eu tava muito preocupada... tava preocupada! Pensava quantas pessoas virão... terão a coragem de vir nesse frio...

?: [inaudível 01h07min54s] nesse tempo, né? não dá para ficar em casa encarungando, né?

Vera: fica pior ainda em casa!

?: eu vim caminhando... falei: "ah, eu vou pegar o busão?" aquela janela tudo aberta... eu vou ficar no ar livre...

[Inaudível 01h08min10s]

Karoline: depois se puder tirar foto dos trabalhos que estão desenvolvendo... daí a gente faz isso por último... a gente arruma...

Luiza: claro...

Karoline: então tá...

?: eu não sei o que eu vou fazer com os quadros que eu tô pintando...

Karoline: tá reunindo?

?: depois eu vou fazer o que? Uma...

Karoline: existem possibilidades... talvez na...

?: já é o meu?

Karoline: o importante é... [inaudível 01h08min41s] aumenta a qualidade dos trabalhos conforme vai fazendo, né? Liz... mas... quando tiver uma quantidade assim.... várias....

Talvez dê pra pensar numa [inaudível 01h08min51]

?: numa exposição....

Karoline: é... a Luciana ela tinha... a Luciana da Associação... ela tinha.... Acho que fazia um museu de artes, não sei... [inaudível 01h09m04s]

Isis: vocês viram uma sacolinha branca?

Karoline: a dourada? Linda?

Isis: não, uma que tava com as tintas...

Karoline: depois a gente guarda, Isis....

Isis: tão pequetinha...

?: Cadê a marca?

Luiza: mas é que ele não esquentava muito não... tem ali a do Marcelo, quer?

?: Não... ela tinha....

?: eu não quero, não quero... não... eu não quero! Deixa, meu amor....

Karoline: ah, eu coloquei aqui no meio com o gravador....

?: porque essa minha blusinha aqui....

Karoline: Pessoal, se quiser sentar fica à vontade.... Sentem...

?: posso ficar em pé? Não se incomoda?

Karoline: não, não...

? vou ficar em pé...

Karoline: Pessoal, bom... se quiserem ficar em pé, pode ficar também. Se alguém tiver....

?: gelar a bunda.... Congelar...

Isis: tá igual aquele ditado “eu queria que o mundo acabasse em morro pra eu morrer encostado”

[Risos]

Karoline: Pois é... bom, gente... a gente chegou no último dia da oficina... mas vocês vão continuar com o grupo e eu tava pensando assim.... não sei como vocês estão matutando as ideias, né? Para pensar qual é a concepção do grupo, né? Se tem algumas regras... como vocês vão se organizar... qual é a proposta do grupo.... Pra que cada um que vem aqui.... Por exemplo, que esteja claro pra pessoa externa ao grupo... que não é só pessoa que tá fazendo... que não é só de pintura, se tiver dia de fazer só de pintura faz.... de outras coisas que... grupo aberto, ou a parte da organização... que vocês vejam como é que vocês vão fazer... uma coisa que se a gente não trabalha agora, no início... no final vocês vão... a gente acaba perdendo muito tempo no final das contas com organização, né? Se toda vez tem que procurar onde tá... ou, se a gente não sabe qual material que pode ser compartilhado ou qual é o material específico de cada um... que não é para dividir.... Então, é importante organizar. Como grupo de trabalho de arte e artesanato é bom vocês pensarem essas coisas. Nesse futuro próximo, né? E, bom... e essa oficina... A Associação falou do interesse da qualificação do trabalho de arte e

artesanato! E, ouvindo vocês também... ouvindo o que vocês têm de interesse... a gente... eu pensei a oficina desse modo: 10 encontros, né? A gente trabalhou um pouco sobre experiência estética, como a gente conversa sobre o nosso trabalho, né? A importância da gente pensar na qualidade do nosso trabalho durante todo processo... que a qualidade tá em todo o processo, não é só no top final, no acabamento... falamos também sobre avaliação... sobre como a gente pensa o preço.... Nosso trabalho também... espero que tenha sido de alguma forma interessante. E, também agora... eu preciso fazer... como parte da coleta de dados da pesquisa a proposta é a gente fazer um grupo de conversas em que vocês sejam os atores, certo? Uma conversa bem aberta e que vocês me digam um pouco como foi a experiência... um pouco não! Bastante! Como foi a experiência de vocês na oficina.

Iris: eu posso falar?

Karoline: fique à vontade!

Iris: eu achei bastante interessante, porque eu já gosto... eu já gostava de fazer pintura em desenho... mas, agora eu aprendi um pouco mais. Com cores primárias, quantas cores você pode fazer.... 1001 cores, né? Dá para fazer, né? Dando uma ênfase para as cores.... Então, eu achei bem interessante.... Porque nada do que a gente aprende nunca é demais!

Karoline: e assim.... obrigada, Iris! E, lembrando ainda por cima uma coisa que eu esqueci de falar, Iris... a conversa é pra vocês criarem, entre vocês, inclusive... não precisa necessariamente se dirigir a mim, sabe? Não é uma entrevista! É pro grupo mesmo trocar experiência.... Qual foi a experiência de vocês na oficina. E, também não existe isso de certo nem errado... ou, nem falar bom ou ruim, tá?

Iris: e sobre o que adquiri aqui também... você.... Dar atenção pra mim, à Luiza... Os demais também deram atenção, todos deram atenção. Gostei de todos. Só que eu não lembro o nome de todos! Mas, vocês são pessoas interessantes. E, inclusive a senhora também muito especial.

Karoline: eu? Você, você, você!

Iris: mas me chamam de senhora também.... Tem que aceitar, né?

Joel: eu acho que além de tudo... de uma aprendizagem que nós estamos tendo aqui é muito importante que a gente tá se conhecendo.... Um ao outro, né? Amizade. É uma terapia? É! Muito gostoso da gente participar... a gente aprende... que nem eu de repente me vi ali desenhando. Eu ali.... E não é o meu... meu forte mesmo é artesanato com madeira. Eu adoro. Foi muito bom! Eu espero a oficina... que não se afaste de nós, sempre esteja com nós. Né, oficina? E de cada um de nós aqui, né? A gente vai continuar nossa atividade aqui, na Associação, a gente pretendendo trazer mais pessoas aqui, né? Conhecendo cada um... um aprendendo com o outro... que nem o José, o trabalho dele.... o trabalho da Luiza é muito lindo... dela aqui também.... Achei muito bonito, né? Quer dizer, você aprende e ensina ao mesmo tempo, né? É muito importante, né? É gostoso... isso aí faz parte da nossa vida... nós vamos... nós temos que continuar e levar pros nossos netos, pros nossos filhos, né? Tudo. O que nós aprendemos aqui, né? Muito bom. Obrigado.

Luiza: Ah, eu também achei maravilhoso!

Iris: eu gosto quando mistura tudo, milho, erva-doce... e.... essas mais docinhas.

Isis: não, achei muito legal, né? Que fez eu lembro de muita coisa... já tava parada assim, sabe? Na mesa... começou a vir de novo! No trabalho, na pintura.... E como nós estávamos conversando ali... eu trabalho o dia todo, né? Já foi vindo ideia, coisas que já tava parado no tempo, sabe? Que eu deixei.... Deixei muito tempo passou.... E eu tava parada... então agora eu tô com vontade, bem animada pra começar tudo de novo... eu não digo recomeçar, vou começar de novo! Então, assim.... a nossa amizade... nosso

relacionamento aqui tá tudo muito bacana, né? Pessoas que tão vindo, né? Claro que como tu disse... no nosso grupo vai regras, né? Tem muita coisa que vai ser modificado... que tem que ser modificado... organização, né? A gente tem que combinar entre nós que estamos mais frequentes aqui... ter uma organização... cada coisa ter um cantinho.... Porque depois na hora da gente não perder trabalho, né? Onde é que tá o tal trabalho? Tem que estar aqui.

Liz: ter um espaço pronto já...

Isis: foi vendido, não foi vendido... tem que estar aqui, né? Então, nós vamos ter que ter uma organização pra isso não acontecer.... O trabalho ficar ali! Na hora que a gente precisar: “esse foi o trabalho da fulana e tal!”. Vai ir pra feira esse trabalho... tu sabe que tu fez, que tu pintou... que a colega fez o crochê.... Que a outra fez o desenho, né? Mas, que o nosso trabalho foi pra feira! Va ser vendido, né? No caso que é sempre eu que estou na venda, na feira, né? Eu tenho que prestar conta do que que foi vendido ou não... porque eu to colocando nesse lugar porque eu já to nesse lugar.... Foi virando e mexendo... eu que não tenho compromisso que não fora do meu tratamento, né? Fora da coisa... não tenho filho pequeno... fazer serviço de casa, não tenho que fazer nada... entende? Eu não tenho que.... Sabe? Então, eu posso.... Se tem uma feira que vai ficar o dia inteiro como fiquei lá na PUC... das 9h até as 9h da noite.... Não tinha problema pra mim.... Porque eu não tenho criança, não tenho que fazer almoço.... Eu não tenho... meu marido tá lá no Rio Grande do Sul.... né? O tal marido que será um dia... que será um dia [risos de todos] só por telefone meu bem! Meu bem, meu amor, né? Então não tenho que tá.... Não tenho compromisso com nada, na verdade.... Essas brincadeiras aí. Na verdade, não tenho compromisso de fazer nada.... Nem pra mim eu não faço. Entendeu? Meu negócio é aqui e pronto.

Liz: basta estar se sentindo motivada a fazer, né?

Isis: isso! Então, eu faço de coração e tudo... vocês não têm que se preocupar de ir na feira e ficar na feira.... Isso eu faço! De boa vontade, sabe?! Só que a gente vai ter m caderninho com os trabalhos... o que foi vendido...

Karoline: os contatos... vocês têm os telefones de vocês?

?: sim...

?: eu não tenho não...

[Conversas atravessadas / inaudível 01h19min27s]

?: eu não tenho o telefone de ninguém aí...

?: eu tenho...

?: eu não tenho nem da Associação...

Iris: eu tenho que esperar a minha irmã ficar na dela aí... porque ela mexeu, mexeu, mexeu e só ela sabe desmexer agora....

Karoline: sim, sim...

Iris: aí na crise ela fez isso...

Isis: e outra coisa também é a questão do comprometimento... da pessoa estar trabalhando! Se a pessoa não pode vir fazer aqui, vai levar pra casa... fazer um caderninho... anotado do que foi levado pra casa... porque tem que ser devolvido porque

Isis: ah, sim.... Porque... não tem individualidade aqui... é uma Associação...

Bernardo: é!

Isis: né? A pessoa precisa... vai precisar de um pincel “olha, não tem o tal pincel em casa”. “Posso levar o da Associação?” “Pode!”. Só que vai ficar anotado em um caderno e esse pincel vai ser devolvido.

Luiza: eu quero falar uma parte... é assim, olha: se a pessoa trabalha em casa, então ele tem que ter duas variedades do mesmo material pelo seguinte: digamos que você leve pra casa.... Eu vou fazer um vaso... e venho amanhã aguardando que a pessoa traga!

Liz: fazer o possível pra se precisar levar pra casa, levar um que tenha parecido.

Luiza: exatamente... é isso mesmo.

?: pra não faltar, né?

Luiza: exatamente! Porque senão a pessoa que não tem a possibilidade de pintar em casa ou não queira pintar em casa.... Qualquer outro tipo de serviço.... Quando ela vir pra Associação ela tem que ter o material aqui. Então, né? Se ela tiver o próprio material dentro da casa, ou levar um similar... desde que deixe um, né? Porque essa semana... sei lá... eu sei lá.... Amém!

Vera: eu vou falar porque eu fui uma que levei tinta e as caixinhas pra casa... mas eu acho que comuniquei aqui e trouxe.... Já no outro dia, né? Eu acho que tá super correto isso. Porque do mesmo jeito que eu posso levar, outra pessoa pode levar e não trazer.

?: e não trazer, é verdade.

Vera: então, isso tá perfeito, né? E também falar pra oficina que eu queria ter feito mais aulas... ter aproveitado mais o teu curso. Pude aproveitar muito pouco, né? Eu realmente....

Liz: não vai receber certificado! Faltou...

Vera: o que me interessa não é o certificado... é o conhecimento.

Liz: então, tá tudo bem.

Vera: é o conhecimento, é essa troca que a gente teve aqui. Essa experiência que a gente tá tendo.

Karoline: como foi essa experiência?

Vera: bastante produtiva pra mim! Como a Isis, pra mim tá fazendo retomar, né? As atividades. Pintura, meus artesanatos... tava tudo largado também. Minhas tintas tava em casa... tava tudo seca já. De tanto tempo que já tava lá, né? E agora tô usando tudo. Já trouxe pra casa, eu tenho. Tô tentando também fazer com que a coisa ande, né? Ande melhor.... Mas, eu to retomando.

?: Licença...

Karoline: Ahhhh... Pessoa externa!

?: hoje é o último dia.

Vera: [inaudível 01h22min22s] que eu levei tinta daqui.

Karoline: O grupo continua... a oficina....

[Inaudível 01h22min27s]

Luiza: mas eu trouxe sulfite.

?: não! Não foi falado nada pra ninguém, nem direta nem indiretamente. Isso é uma coisa que... não tem! Vai ser feito.

Vera: tá bom.

Isis: mas não foi porque você levou tinta ou ciclano levou tinta. Não vamos criar pânico....

[Conversas atravessadas / inaudível 01h22min48s]

Isis: como... aqui não é lugar de incômodo... a gente já vem pra cá pra se desincomodar.

Karoline: então, como é ultimo dia... a gente tá fazendo uma roda de conversa... como foi a experiência na oficina. Tá certo? Eu gostaria de saber como você... já trouxeram vários elementos dessa experiência, né?

José: pra mim foi importante que... a pintura em si nunca... nunca tive interesse assim. Aí, desde quando no CAPS lá eles falavam dessa oficina... aí me interessou. Aí, a gente chegou aqui e eu pensei que era coisa de outro mundo. E não era. A pintura é um modo de você sonha com os olhos abertos, pintando. E eu ali em casa... depois eu fiquei pensando: eu fazendo um desenho desse? E não é nem.... Imaginando as coisas, imaginando as figuras... E é muito importante a pintura. No meu trabalho também de

cestaria, eu só trabalhava com verniz, né? Agora eu vi que eu tenho uma riqueza de cores que eu posso trabalhar em cima da cesta, né? Através dessa cesta que eu tinha.

Karoline: era uma coisa de outro mundo?

José: é... eu nunca me interessei nessa área de pintura. Pra mim foi importante essa oficina porque eu tive...

Bernardo: olha, saiu um café aí...

?: tem chá?

José: muito mágica....

Bernardo: olha....

Iris: eu tomei já chá quando eu cheguei aqui.

Joel: ele disse uma coisa importante, né? Sobre a pintura, sobre as coisas... tem na música, né? A aquarela.... Com um pinguinho de tinta eu posso fazer... é isso... aqui eu desenho o... Aqui somente eu desenhei! Eu não escolhi cor nenhuma, né? Mas a cor.... a imaginação vem que nem... ela fez ali, olha.... O desenho dela.... Ela cria, né? O que vem na ideia da gente isso é muito importante. Nossa vida não é só um azul! Um amarelo, um verde, a nossa vida... o nosso colorido... são todas as cores que existe no arco-íris! São sete cores! Depois foi inventada... você pode inventar. Você pode inventar. De um verde você pode transformar numa outra cor. Isso é muito importante. E isso pra mim, pra nós aqui é muito... Olha, Karol... eu agradeço você. Você teve lá... a turma que fez inscrição que era para participar aqui, junto com nós... foi só eu, a Luiza e o Marcelo. E o [...], né?

Luiza: e o [...]. Pois é! Tem que ligar pro [...].

?: o [...] não tá indo...

Luiza: tem ligar pro [...]

?: na jardinagem ele tá até vindo, né?

[Conversas atravessadas / incompreensível 01h26min08]

Joel: o teu trabalho, a gente agradece, né? Que deus abençoe você com esse seu trabalho. E nós com o teu aprendizado... nós podemos, nós... nós podemos levar pra frente.

Karoline: pois é! Me fale mais sobre isso!

Joel: é... a gente pode ir lá pra Santa Catarina, Rio Grande do Sul.... Né, gauchinha? [Risos]

Liz: vamos! Vamos pro Rio Grande do Sul.

Joel: e podemos levar assim.... pro Paraná, pra Curitiba. Esse nosso talento, né? Você com esse trabalho seu aí, rapaz... olha, coisa linda, né? Cada um de nós.... Nós estava assim, olha... travado no nosso talento! Isso é muito importante.

Vera: verdade!

Joel: que nem eu tava falando... qual é o musico que compôs lá que era surdo? Ele compôs música, né?

Vera: Beethoven....

Joel: Beethoven, né?

Joel: Beethoven. Ele era surdo! Mas também... nós somos surdo, mudo, cego... o cego fez pintura coisa mais linda. Nós podemos levar nosso trabalho pra frente, vai ser exposto aqui... com muito orgulho. Com todas essas coisas que nós usava... Eu chamo assim: eu sou ex-usuário, ex-usuário... Porque assim: usuário é aquele que...

?: tchau pra vocês....

[Conversas atravessadas / incompreensível 01h27min45]

?: dependente, porque a gente...

?: você vai de carro?

?: a gente não queria estar com isso.... Essa coisa....



[Conversas atravessadas / incompreensível 01h27min54s]

?: é muito importante pra nós!

Karoline: de que forma que é importante?

Joel: é isso... é importante que você vê que tá esquecido... que você queria levar praquele lado, lá... disso, daquilo, né? Esse lado é o lado bom. Porque você desenvolve a sua mente. O seu conhecimento. O seu talento. Justamente na sociedade que você começa a reconquistar.... A gente teve muitas perdas! Você começa a reconquistar tudo. E também você se vê como artista! Você é o que quer. Coisa bonita da vida. Entende? Ao invés de você ser só um... você é o autor principal se torna...

Iris: o senhor aprende... faz na madeira aqueles relógios grandes com arara, papagaio? Faz essas coisas? Na madeira assim?

Joel: não, não sei....

Iris: é porque eu tenho um parente que faz isso....

?: loucura!

Karoline: esculpindo a madeira?

Vera: esculpir que é a palavra!

Karoline: é....

?: esculpir....

Karoline: talhar....

Vera: talhar

?: talhar....

Vera: talhador...

Joel: então, pessoal.... Nós estamos aí.... E vamos seguir, né? Levando esse talento. Ensinando quem não sabe, aprendendo o que a gente não sabe também. Porque, como diz aquele ditado: eu sei que sou um sábio e sei que nada sei. E é isso.

?: bom dia!

Luiza: bom dia. Eu também gostei. Eu acho que tá me dando mais confiança no meu tratamento e estou começando a participar de mais atividades. Comecei a fazer crochê, mas eu sempre gostei de pintura. Comecei a fazer as cestinhas do José. Amei fazer aquele trabalho. Quero participar, quero participar vários de várias situações aqui. E eu acho, eu percebi, que desde que começou, eu comecei ficar mais confiante... mais alegre. Mais calma. Eu vou e volto e parece que me dá uma segurança bem grande, eu falo de vir aqui e descarregar... parece que eu vou longe, sabe? Aquilo sabe... é uma fantasia, é uma viagem. É uma alegria. Parece que me completa. Eu volto, faço as atividades sérias... não vou... não me preocupo com nada que eu deixei pra trás.... Porque na verdade, nada tá fazendo sentido. O que faz sentido é meu caminho pra frente. E eu tô vendo muita coisa boa pelo fato de descarregar na arte. Amei, amei mesmo.

?: Liz, fala alguma coisa! Pra nós....

Liz: eu me sinto motivada a fazer as coisas agora.... Porque antes, apesar de ter todo esse conhecimento, eu não tinha o porquê ficar fazendo, né? Desenho a mão livre também eu nunca tentei. Agora eu estou tentando. Então, pra mim essa oficina está sendo ótima.

Karoline: em relação ao início da oficina... as expectativas que vocês tinham e o processo? Como que foi isso? Condiz com as expectativas que vocês tinham com relação à oficina? O que que mudou?

Liz: pra falar assim.... bem a verdade... eu vim pra oficina pra ocupar o meu tempo. Eu não sabia nem do que se tratava. O pessoal falou “ah, tá tendo uma oficina na terça feira”. Então, depois que eu fui ver o que que era, né?

Iris: também... deixa eu falar... lá no CAPS, sempre eles falavam, né? Tinha as terapeutas que ofereciam pra mim.... Quando nós saíamos de lá que eu fazia tempo ali... as estagiárias... depois elas iam em outro lugar e me convidou pra mim ir, sabe? Só que daí sempre tinha uma ocupação e eu não tinha muito interesse. Também era muito longe. Agora, perto de casa eu posso vir a pé e tudo e voltar. Aqui pra mim ficou bom. Ficou melhor. E, a gente lá, né? A terapeuta lá... prefere que a gente venha também para não ficar em casa dormindo.... Que a gente faça atividade, né? Então, o pessoal lá... tem gente que se interessou, mas até agora não vieram, né? Conversando com eles, eles falaram que queriam, né? Só que não tão vindo, né? Só nós dois.

Isis: precisa, além de querer, se esforçar para fazer, né? Não basta só querer.

Luiza: porque esse pouco período, né? Não foi tão longo.... Deu para aprender bastante coisa, diversificar bastante as ideias, né? Com várias situações. Eu acho que foi bem aproveitado. Nossa, a gente pegou toque de pintura, de reconhecimento de cores, de feitiço, né? Miscigenação de artesanato em si com.... madeira, com palhinha, né? Várias, várias coisas nós pegamos. Então, eu acho que foi bem aproveitado.

Isis: isso graças ao trabalho...

Luiza: é, eu acho que foi bem aproveitado... bem ativado por você, professora. Bem colocado por você, Oficineira.

Karoline: e em relação ao que vocês esperavam da oficina? A Liz falou... alguém mais tem alguma coisa para comentar do início? Do que achava que ia acontecer? Do que esperava? E do meio...

Luiza: Você pode ver que cada um tem a sua área de trabalho, né? Madeira, pano de prato... pintura, tela... pra nós foi gratificante, né? Porque a gente aprendeu como trabalhar com as cores, né? Pode ver que agora... que nem eu tava pintando pano de prato... desenhando ali... ele vai usar o branco, o azul, o preto e o básico ali, né? variedade de cores que ele pode utilizar através dessa oficina que teve aqui nós podemos trabalhar. Que nem eu sempre trabalhei ali com verniz, né? Agora eu posso saber que eu posso trabalhar com várias cores... com o azul... com o amarelo, com magenta. Variedade de cores. Então, pra mim... pra nós aqui eu acho que foi muito importante essa oficina....

[Conversas atravessadas 01h33m29]

Pessoa externa: só de ter esse espaço aqui, né? Físico, né? Cultura... cultura.... Cultural... desde o ano passado... eu tava no [...] ... uma ONG que eu também conheci eles, né? Eu visitava eu e mais uns piás aí... nós visitava o Paraná inteiro, né? Os municípios.... Como se plantar, vender... como mexer com artesanato. Várias culturas... e, essa ONG acabou fechando, sabe?

Karoline: (...) é o nome?

Pessoa externa: (...)... Daí eles iam... tanto que eu entrei com os pneus lá também.... Mas eu não tinha material pra, né? Faltava muita coisa... eu fiz só que eu pude fazer lá. O que eu pude, com o material que eu tinha. Daí fomos.... Que era uma verba que entrava pra gente... que precisava de uma Associação.... Nós fomos em um convento, ali na.... O convento foi ali na (...). Daí, acabaram não cedendo pra nós o espaço... aí, a gente ficou sem espaço físico. Agora conseguimos esse aqui, né? Que foi... eu tô desde o ano passado, quem sabe.... Mas eu não tava vindo direto, agora eu tô vindo assim.... sabe? Porque.... Arte, o psicológico da gente muda, né? Equilibra espiritualmente. Amizade que eu tô fazendo aqui já. Com todo mundo. Conhecendo as pessoas.... Todo mundo tem que estar se dispondo, né? Se dispondo.... Se doando, né? Para dar curso... ajudando... colaborando. Pra mim tá sendo muito bom então, né? Eu to aí nessas do pneu aí... espero que a gente tenha um ofício, uma folha.... Que o material pra quarta-

feira... mas quem tem esse material, criou para fazer o mostruário é o Bernardo. O Bernardo não, o [...]. E, o [...] se eu estragar um compressor dele.... uma lixadeira... aí, ele falou que não tem acerto. Então, eu falei: fazer o que, né? Tem que ficar... tem que fazer uma folha de ofício, ver se a gente consegue ganhar um material pra Associação, né? Pra nós poder dar curso toda quarta-feira de paisagismo e pneu.... para fazer floreira, né? Trabalhar em.... É paisagismo, né? Fazer no jardim de infância, fazer numa turma de jardinagem, né? A gente fazer uma parceria, né? Não, eu vou fazer umas floreiras, nós vamos plantar dentro de um vaso, fazer uma xícara, né? Mas no momento nós estamos indo... fazendo o que eu posso, então.... Eu acho que, né? Se cada um puder ajudar um pouco. De uma forma profissional, né? Humildade, né? Que infelizmente... é humildade, né? Que eu acho que a gente sendo humilde nessa vida... e passando o nosso conhecimento que tem um com outro.... A gente... que essa Associação só tem, né?

Luiza: a crescer....

Pessoa externa: um elo, né? Uma corrente. Cada um, vamos ser forte.

Karoline: e em relação a essa oficina especificamente?

Iris: eu lembrei dela... deve estar lá na cozinha....

Karoline: encontrou...

Iris: hoje pode chover ainda!

?: não!

Karoline: pode....

Vera: pode nevar...

?: pode nevar...

Luiza: pode tudo! É Curitiba!

Karoline: gente, e as expectativas? Como vocês viam antes a oficina? E a agora? O processo? Vocês têm? O que vocês têm para dizer?

Vera: acho que todo mundo cresceu, né? Na oficina.... Que nem disse, né? Ficou mais seguro também... a outra tá até riscando, né? [Risos]

Isis: eu não tenho segurança, eu sei fazer de tudo.... Mas, segurança que eu preciso eu não tenho ainda. Preciso de muitas oficinas ainda.

Luiza: mas vai ganhar...

Karoline: é... olha isso, fiquei tão feliz!

Iris: hein, Karol: eu sei que você finaliza aqui hoje, mas você vai abrir outra vez? Pras outras pessoas?

Karoline: num futuro, quem sabe... é possível... mas.... Vocês do Associação, enquanto grupo, né? Enquanto associados.... Vocês pensem, de que modo eu posso ser útil, né? Se algo específico... daí vocês conversam comigo. Vocês têm o meu contato, daí vocês me chamam....

Luiza: você pode vir pelo menos uma vez por mês, então?

Karoline: é... vocês pensem bem no que que eu posso ser útil, né? Por que que eu sirvo aqui? Porque que eu posso...

Isis: você tem que vir....

Karoline: Daí eu posso... vocês me orientem! Mas, em relação a experiência da oficina: vocês têm mais algo pra... porque vocês falaram alguns pontos... querem continuar a conversa? Seria interessante.

Joel: que nem eu... que nem você tava falando... nós temos um importante... com tudo isso... me disse uma coisa assim que não é... não temos ferramenta, não é... como diz? Para trabalhar... que nem eu, eu faço artesanato em madeira, né? Então... eu vou me propor... vou tentar! Não vou garantir. Mas, quem sabe... eu tenho contato com alguns aís... eu vou tentar ver se eles doam pra nós algumas ferramentas. Uma furadeira, um tico-tico, uma serrinha....

Isis: estilete...

?: mais algum material.... madeira, madeira... qualquer coisa...

?: pra cortar pneu é estilete?

Iris: ali perto de casa tem uma madeireira...

Joel: a gente vai, porque ele diz... a Associação, é uma Associação! Somos associados, nós temos que... não vai cair do céu. Nós temos que nós correr atrás das coisas. Entende? Esse negócio de tinta e cola eu.... Lá tem, mais ou menos, uns 30... pra cima, de cola. Eu vou trazer pra cá. Lá no CAPS. Tem tinta que... lá eu sai... de doaram um monte de tinta, né? Eu trouxe também. E, então, a maioria do material que tinha lá foi doado. Eu sai, corri atrás. Quando a [...] é a coordenadora, a [...]... eu e a [...].... Basta ela dizer: “Seu Joel, o que que precisa? Nós vamos atrás”. Agora a outra coordenadora é assim.... nem reunião do Conselho de Saúde mental ela não participa. Eu fui na reunião dos representantes dos CAPS.... para ir lá... amanhã, por falar nisso...

?: a gente vai todo mundo!

Joel: compareço amanhã! Das 9h ao 12h.

Karoline: o que que é amanhã?

Luiza: é reunião do Conselho de Saúde Mental.

Joel: é muito importante porque a gente leva as coisas dos CAPS.... se precisar de leite, remédio, psiquiatra e isso e aquilo. A gente leva tudo pra eles lá.

Karoline: sim!

Joel: então, pessoal... essa Associação aqui... então nós vamos batalhar, né?

Isis: comparecer...

Joel; eu vou estar lá... eu vou correr atrás pra nós ter aqui.... Aqui é bem fechado o ar... não tem problema de deixar. Se alguém quiser levar pra casa, porque ninguém...anota o nome, leva... né? O nome ali... eu quero levar uma tinta, levar um pincel...que levar alguma coisa? Leva... para fazer em casa... final de semana, né? Sábado e domingo... daí traz na segunda, porque... esse negócio nós vamos correr atrás para iniciar...

José: um ofício, né?

Joel: fazer nosso trabalho.... É muito importante, eu sei...

Karoline: vocês enquanto grupo, né? Se articularem pra levar isso. Enquanto grupo. Uma pessoa não tem a força do que um grupo, né?

José: exatamente.

Karoline: da Associação....

Joel: exatamente.

Karoline: que bom! Ainda sobre a oficina: eu queria perguntar pra vocês. Seu Bernardo... você teria.... Dos encontros que o senhor participou? O senhor tá junto? Olhando ali fora... se quiser sentar mais perto... como que foi essa experiência do que você participou? O que que você poderia dizer?

Bernardo: olha, eu realmente não participei, né? Mas, eu achei muito interessante essa... o mais importante é o teu método, sabe? Você como pessoa. Vou fazer um elogio pra você. Você... como você transmite as coisas assim, sabe? Para as pessoas... então, é cada coisa singular, né? Então você tem um jeito muito especial de fazer isso.

Iris: posso falar uma coisa? Seu Bernardo também não fica atrás! Porque daí eu liguei pra cá, quando saiu o curso de jardinagem eu ia fazer, né? Mas daí não deu na sexta-feira. Daí eu liguei pra ele falando que eu não ia poder e ele assim: “mas, quando você quiser vir aqui conhecer, você venha!”. Quer dizer que, né? Já deu um...

Karoline: uma abertura!

Iris: ele foi educado, né? No telefone comigo.... Eu nem conhecia ele!

Karoline: é verdade!

Bernardo: mas eu quero dizer... mas o teu carisma, sabe? Isso é muito importante. Agora, quanto ao curso... como eu falei: eu não participei muito. O que eu notei é que foi muito educativo. Muito proveitoso com relação.... Porque você não deu só.... Não foi só com relação a pintura. Você deu uma geral com cerâmica, sabe? Os caminhos que você ensinou pras essas pessoas acho que foi muito interessante. Foi muito válido pra eles. Como técnica. Como, de repente, deixar um produto bom pra ser vendido! Acho que isso é muito importante. Eu, particularmente, eu achei que pra eles foi muito bacana, assim.... vai do aproveitamento de cada um, né?

Karoline: aham....

Bernardo: cada um tem seu aproveitamento, mas... eu achei muito bacana, assim... é uma que... eu já falei pra você! É uma pena que... sem demagogia! É uma pena que você tá deixando o pessoal.... Deixar, deixando não... mas que você praticamente vai terminar com isso aí... não vai dar.... Eu achei que tava muito bacana! Para as pessoas isso...

Joel: no início que foi...

Iris: até pra você... enriqueceu a sua experiência, né?

Karoline: sim! Eu queria agradecer! Porque eu aprendi muito com vocês. Assim, de coração. Inclusive, claro... o modo como conversar e apresentar, passar por aqui e não por lá... e assim por diante. Eu aprendi muito com vocês. Agradeço pela experiência mesmo. Então, eu fico... mas! Veja como vocês, vocês grupo de oficina, né? Como oficina de vocês, como grupo de arte... artesanato... como vocês vão se organizar... daí, vejam... como que eu posso ser útil pra vocês! Vocês liguem lá que eu vou estar... e, na medida que eu posso estar presente... que vocês e no que que eu posso estar sendo útil... e, daí vocês me falem exatamente.

Luiza: e quando tiver nossa feira você pode visitar, né? Para ver os nossos trabalhos...

Karoline: é... se quiser antes! Eu posso vir...

[Vozes atravessadas / incompreensível 01h45m07s]

Luiza: é verdade.... Ver se tá bem apresentado...

Vera: como é que tá pra...

Liz: e nas terças-feiras... quando você quiser vir! Estaremos aqui...

Bernardo: que vocês não parem com isso aqui, sabe pessoal? A Associação tá aí, o que ela pode fazer por vocês ela tá fazendo, né? Não pode fazer mais...

Iris: hein seu Bernardo! Qual curso que vai ter agora na terça-feira?

Bernardo: pois é! Eu falei com a menina, a moça lá... até quinta feira eu vou lá agora. Se de repente... ver lá com a [...]! Do (...)... ela também... só que ela é mais pintura em tela, né? Ela manja bastante. Fez Lucianas Artes e tal. Então, pra dar continuidade.... Nem que fosse com pintura em tela. Se aperfeiçoarem mais em pintura em tela, daí... então, eu vou até quinta feira lá falar com ela. Eu falei com ela há uns dias atrás... pra dar continuidade! E eu acho o seguinte: o que podia fazer com relação a isso aí é dar continuidade mesmo ao artesanato com vocês. Eu vou falar com o [...] o negócio do mosaico... vocês podiam começar a fazer mosaico, né?

Vera: eu falei também com o José, Bernardo... se ele não se dispunha na terça.... Dá pra gente de cestaria...

Bernardo: e vocês fazerem isso vai sair já pensando na venda de vocês...

Vera: claro...

Bernardo: fazendo, né? Dá pra vender... começar... Oh, Oh.... O negócio é o seguinte, pessoal: “ah não tem lugar pra vender!”. Lugar oficial nós realmente não temos... nós estamos pleiteando, inclusive a (...). A (...) tá elaborando uma carta, já elaborou uma carta que nós vamos levar ali pro... tivemos duas reuniões com ele na semana passada, sabe? O cara ali...

Vera: da regional?

Bernardo: o subprefeito da Rua da Regional, da Rua da Cidadania. Então, nós estamos ali pleiteando o espaço externo... o estacionamento ali... no estacionamento... pro lazer das pessoas... porque é grande... então, de nós participarmos com.... provavelmente isso é certo, né? Nós vamos participar... vai ter uma feira... acho que toda semana... não sei se quarta ou quinta... vai ter uma feira gastronômica ali, sabe? Esses food-truck.... E nós vamos fazer parte disso aí com artesanato e essas coisas. Nós estamos pleiteando, na verdade... um dia por semana. Vai ter uma feira permanente ali. Então, a (...)... provavelmente hoje vai mostrar a cartilha... nós estamos reivindicando esse espaço e também não depende só do cara ali... com certeza a gente vai ter o espaço ali. Mas, mesmo assim... o que eu quero falar é que espaço em Curitiba tem muitos. Não precisa muito. Eu e a Isis, nós ficamos com três sábados aqui no sinaleiro do shopping. E não te incomodam, se vocês quiserem vender as coisas ali, sabe? O artesanato é protegido. O artesão não, mas o artesanato é. Eles não podem tomar, eles não podem fazer nada. O que eles podem fazer é não deixar que você venda. “Não, o senhor não tem licença o senhor não pode vir aqui”. Tudo bem. Mas, nunca.. Nós fomos três sábados e ninguém incomodou a gente. Então, pegar esses panos de prato... pegar isso que vocês estão fazendo, sabe? E vai aqui pertinho. Vai pro sinaleiro. Tem essas rotatórias. Ninguém incomoda você vendendo artesanato. Vai lá, monta uma mesinha, põe lá os negócios de vocês. Vendeu, vendeu. Não vendeu não tem custo, não custa nada.

?: eu tava indo também com o [...] lá! No (...), né?

Bernardo: é!

?: botei junto com....

Bernardo: é! Também!

?: fui junto com o [...].

Bernardo: é! Essas coisas que vocês estão fazendo pode levar lá no (...) isso aí... porque ali o [...] vai vender as coisas dele, mas vocês vão vender outras coisas.... Pano de prato... então, tem muitos lugares pra gente ir aí, sabe? Pra gente vender... se quiser ir vender mesmo, tem lugar. Então, não há necessidade da gente ter um lugar oficial, autorizado.

Karoline: o que eu penso que é necessário, não sei se tá dentro daqui... é a questão da... de pensar a qualidade, né? Leva um material que... até o lugar que... a forma como a gente dispõe... dispõe o material.... como eu penso o preço, dependendo do lugar que eu to vendendo... interfere nisso o preço. Uma feira oficial e um não oficial.

Isis: e já colocar o preço também... pro pessoal não ficar perguntando.

Luiza: verdade!

Isis: se eu passar num lugar e não tiver preço, eu posso gostar do negócio... eu não paro para perguntar não.

Luiza: já empata, já empata.

?: já tá providenciando... ele que tinha que [inaudível 01h49min34s] que tinha do Associação, tinha com valor, preço...

Karoline: pensando agora na qualidade dos produtos! E, a qualidade acaba tendo a ver com a quantidade, né? Quantidade de produção, né? Quanto mais a gente faz, mais a gente se aperfeiçoa e assim vai...

Joel: eu lá em (...)... aqui eu não... vendia alguns que eu fiz, né? Lá em (...) tinha uma lojinha lá... eu fazia porta-retratos, porta-caneta.... E isso e aquilo... tudo de madeira que eu gosto, né? Ela dizia: você me faz cinco porta-caneta! Eu ficava até de noite as vezes, né? Fazia porta chave... fazia, né? Levava e até agora... olha só: agora final desse ano, eu cuido... todo final de ano eu vou e fico de caseiro numa chacinha lá.... Eles saem viajar... e é bem em frente à casa do (...) que é que tá jogando no (...) agora, né? (...)! A esposa dele.... quer uma casinha, uma porta chave... e quer uma casinha que é para tratar

os passarinhos que eu faço, né? Põe, pendura... põe na água assim.... ela que duas daquela e dois porta-chaves... Só levei a amostra pra ela porque eu tinha.... No ano passado, né? Eu tinha... o (...) tava lá... que ele tava negociando ainda sair do (...) pra ir pro (...), né? Ele é meio marrento... mas a esposa dele é muito bacana e tal... então, a chácara dele fica aqui e eu fico ali. Esse ano já vou ter mais trabalho. Vou pra lá! E, tem a lojinha, né? Eu faço artesanato e vendo pra eles lá porta-caneta... faço em casa, as vezes faço... eu fazia lá no CAPS do (...). Mas, como tá meio parado lá... tem madeira, tem tudo lá. Eu quero, inclusive... eu tava falando... eu vou trazer cola, mais um resto daquelas tintas que tem lá... vou trazer pra cá... aquelas madeirinhas que tem lá. Quem quiser aprender, que nem o José aqui... eu tava só prestando atenção como é que ele faz.... e eu só olhando... e, é muito bom!

Bernardo: olha pessoal... eu acho que uma coisa muito importante, assim.... com relação ao comércio para vender... quero muito que isso aí prossiga e vá pra frente... se vocês começarem a vender um produto, esse produto não pode faltar!

?: sim!

Joel: é verdade!

Bernardo: então, isso é uma coisa muito importante, sabe? Se uma pessoa vem e passa hoje... não comprou hoje... mas, no dia seguinte, no sábado... ela vai passar! Olha tem um negócio aqui tá bacana....

Karoline: não tem mais...

Bernardo: Pra gente vender... se quiser ir vender mesmo, tem lugar. Então, não há necessidade da gente ter um lugar oficial, autorizado.

“ah, não tem!”. Isso não pode acontecer. Mesmo que vocês, assim, não produzam variedade de coisas... mas a quantidade...

Iris: hein, seu Bernardo...

Bernardo: e que todas que elas fiquem... a gente sabe que não vai ficar igual. Mas que fique, mais ou menos, parecido com aquilo que você fez.

Iris: Hein, seu Bernardo... já aconteceu isso comigo... passar num lugar, gostar tanto e não ter o dinheiro na hora. Depois...

Karoline: você espera... leva o dinheiro...

Iris: as vezes, você não acha nunca mais e aquilo fica na sua mente. Você acaba até esquecendo, né? Mas isso acontece muito com a gente, sabe?

Karoline: Pois é.... então... a venda não é simplesmente pegar e levar. Assim, se vocês estão pensando como Associação, né? Demanda uma organização, né? Se eu levar todos meus panos de prato... daí logo eu não vou ter nenhum de amostra para ter aqui de divulgação... o pessoal vem aqui, então é interessante guardar alguns de modelo, né? Pensar quais panos de prato eu vou levar, por exemplo.... Como eu vou organizar o que eu vou divulgar? Vai ter um filho de cada colônia? É assim a expressão?

Bernardo: um polaco...

[Risos]

Karoline: um polaco... vai ter um polaco de cada colônia? Na minha mesa? Será que isso dá uma boa impressão? Talvez não dê uma boa impressão do que mostrar um trabalho firme assim... cinco de cada coisa, cinco pra mostrar que existe uma produção consistente. Isso fala, inclusive... dá uma impressão melhor pro trabalho.... Mesmo sendo o mesmo trabalho unzinho perdido... meia dúzia perdidas... dá uma impressão diferente numa mesa que cinco por exemplo tarãtarã... ao invés de um chaveiro, um pano de prato... dois, né? E o que vocês gostariam? Ainda... eu ainda perguntando sobre a experiência da oficina: tem algo mais que vocês queiram falar? Que vocês queiram discutir? É muito importante.... pra mim, é muito importante que vocês falem!

Pessoa externa: eu só queria falar que a assistente aí ela fez umas encomendas duns pufs, que a gente ia fazer com dois pneus

Karoline: sim!

Pessoa externa: nós ia fazer... mas nós não temos o material que o Bernardo...

Karoline: tão esperando?

Pessoa externa: nós fizemos o orçamento só do que a gente ia gastar no... isso aí, entende? Mas só que é o que eu digo pra você:

Karoline: o material?

Pessoa externa: aí faltou...

Karoline: peça...

Pessoa externa: compressor, a pistola...

Karoline: material...

Pessoa externa: a maquina pra cortar compressado, né?

Karoline: o artesanato demanda mais custos iniciais... outros menos, né?

Bernardo: mais ferramentas, né?

Karoline: por isso que muitos... por isso que até a Luiza se interessou pelo trabalho do José com cesta! Inicialmente, né? Você consegue...

Luiza: baixo custo....

Vera: com um baixo custo fazer... por isso que a gente consegue fazer....

Luiza: o trabalho dele é maravilhoso.

Karoline: mas, pra mim foi muito interessante essa variedade, sabe? Essa riqueza de trabalhos de vocês! E vocês queriam falar mais alguma coisa sobre a experiência de vocês na oficina? Como foi o processo? Expectativa e agora ao final... como vocês tão olhando... teria mais alguma coisa pra discutir?

Iris: eu de novo da minha carreira... que eu tive internamentos, já vi essas coisas, tudo... então, pra mim não era novidade, assim.... mas, assim.... esse momento que a gente tá livre... de cadeia e essas coisaradas aí... agora eu to fazendo, só participo uma vez do CAPS! Uma vez por semana... mas, assim que a gente tá livre... dessas coisaradas que eu não gosto nem de me lembrar. Então, eu posso dizer que agora sim eu tô.... Graças a Deus eu to livre! Que nem um passarinho, pra mim fazer as coisas que eu quero. A hora que eu quero e quando der tempo. Assim.... porque se eu fosse contar... dava mais que um livro pra mim escrever! Mais que um livro!

José: nesse trabalho da oficina aí, né? Você pode ver que cada um tem a sua área de trabalho, né? Madeira, pano de prato... pintura, tela... pra nós foi gratificante, né? Porque a gente aprendeu como trabalhar com as cores, né? Pode ver que agora... que nem eu tava pintando pano de prato... desenhando ali... ele vai usar o branco, o azul, o preto e o básico ali, né? E, com essa oficina não! A pessoa começa a trabalhar com várias cores e em cima do tecido, em cima da tela... em cima da madeira! Até nos pneus....

Luiza: é, aquele pneu tá bonito!

José: variedade de cores que ele pode utilizar através dessa oficina que teve aqui nós podemos trabalhar. Que nem eu sempre trabalhei ali com verniz, né? Agora eu posso saber que eu posso trabalhar com várias cores... com o azul... com o amarelo, com magenta. Variedade de cores. Então, pra mim... pra nós aqui eu acho que foi muito importante essa oficina.... Nós possamos, né? Levar pra frente... e a riqueza de cores é imensa, né? Conforme a imaginação, conforme o dia... uma pessoa está bem no dia, tudo isso daí é legal a pintura, né? Um dia se você tá bem você começa a imaginar um vermelho de várias cores de vermelho... mas, as vezes você tá um dia meio ruinzão você vai trabalhar no cinza... que é uma cor mais, né?

Vera: verdade, verdade...



Joel: então, depende do dia...

Joel: é isso mesmo! Então, é esse trabalho! Que nem eu tava falando.... Que nem o Hélio falou ali... nós precisamos de material.... ferramenta.... então, eu vamos fazer isso. Eu vou me propor... vou pedir.... Nem que eu vá lá com o Richinha lá, com o Ricinha. Não, com Beto Richa não! Eu falo.... Vamos, né? As vezes o cara tá lá... ele não usa a ferramenta... não usa aquela furadeira, não usa aquela, né? Ele pode doar. Se for preciso, o marceneiro me dá até um ofício....

[Conversas incompreensíveis 01h59min14s]

Joel: porque lá no CAPS a turma: ah, não tem tinta, ah porque a Prefeitura não dá mais. Deixa comigo! Eu acho que mais ou menos... uns dois de frasquinho de tinta acrílica...

Karoline: aquela que o senhor comentou?

Joel: tá tudo lá! Tem uns que os potinhos tão até...

Luiza: seco...

Joel: aham... então, eu tô animado, né? Eu fui atrás, corri atrás... até agora: Seu Joel, por favor, eu preciso.... Seu Joel isso... eu disse: olha, eu tô saindo fora. Eu falei pra Elizabete hoje. Eu disse: não, eu to saindo fora. Todo mundo na hora: “ah eu... porque eu faço! Conte comigo! Conte comigo!” quando vai ver eu tô sozinho na parada. Então.... Mas.... É assim mesmo. Mas eu tô aí. Graças a Deus estamos aí e vamos! Vamos conseguir aqui pra nossa Associação.

Karoline: ok, vamos continuar. Vocês querem falar mais alguma coisa ou não? Da oficina? Teria? Não? Então, agora...

Hélio: Eu tenho. Ow, os panos de prato e isso aí e com tela eu sei fazer... trabalhei em estamperia.

Karoline: então!

Hélio: então dá pra pintar bem sério. Vamos fazer 10...

?: serigrafia?

Karoline: você trabalha com serigrafia?

Hélio: trabalho, gravo tela.

Iris: dá pra fazer pano de prato, dá pra fazer pano pra cobrir cesta de pão! Um pouquinho mais larguinho assim, que eu sei...

Karoline: então, olha que interessante! Ele ajuda a agilizar... por exemplo, você não quer pintar mais apenas o desenho em pano de prato exato... ele ajuda a agilizar o processo.

Luiza: dá pra fazer em maior quantidade.

Karoline: vai ser interessante pensar no desenho!

[Inaudível 02h01min08]

Isis: mas temos que pensar no que temos no momento...

Karoline: é....

?: em série, né? Produzir em série...

Karoline: isso dá para produzir em série, mas pensar os desenhos que serão produzidos em série também é bacana por você também ter um trabalho mais exclusivo, né?

Iris: eu quero trabalhar em mosaico com plástico...

Luiza: é.... ela quer... A Iris já começou a trazer os plásticos.

Karoline: que bom! Gente, é uma diversidade!

Luiza: diversidade de atividades....

Karoline: ao mesmo tempo a qualidade demanda foco! Então é aí que vocês... tem que se equilibrar nisso, né? Qualidade demanda foco, produção e ao mesmo tempo a diversidade é importante. Mas, então gente! Como última parte da coleta de dados, eu queria que vocês respondessem um questionário pra mim, por gentileza.

Luiza: aham!

Karoline: Beleza? Quem tem dificuldade pra leitura fala comigo que a gente faz junto, pode ser? O questionário envolve um desenho, quero que vocês façam ao invés de uma folha A3, que eu não tenho, vou pedir que vocês façam no verso do desenho. Vou pedir que vocês façam um desenho sobre o que que é a oficina... o que significou pra vocês. E a partir desse desenho a gente faz algumas perguntas.

[Conversas atravessadas / incompreensível 02h02min28s]

Karoline: o desenho vocês escolhem o lápis que quiserem. Demandem tempo pro desenho! Ele é a vontade...

?: vou pegar o desenho lá do lixo e colocar aqui...

Karoline: ahhhhh...

[Conversas atravessadas / incompreensível 02h02min51s]

Karoline: lembrando, pessoal... que aí eu vou deixar a pastinha ali com os desenhos do pessoal que não levou embora, né? A argila também.... O que que a oficina significou para vocês? Então, lembrando que não tem certo ou errado... evitem desenhos parecidos. Fiquem à vontade. Vocês querem que eu passe o lápis pra vocês? A caneta? Se quiserem ficar ali na mesa é melhor. Você acabou não participando tanto, né?

[Conversas atravessadas / incompreensível 02h04min15s]

Karoline: cadê, Iris?

?: eu não ganhei papel.

Karoline: não, tá aqui. E olhem, era pra fazer num A3, num grandão.

[Conversas atravessadas / incompreensível 02h04min35s]

?: que é a única que eu sei desenhar...

Vera: na folha ao lado você faz o desenho, não dá pra desenhar... é pra desenhar?

Karoline: eu vou pedir que vocês no verso da folha desenhem o que que a oficina significou para vocês. Liz, se você não quiser fazer nada... nada faz parte.

Liz: agora melhorou!

[Conversas atravessadas / incompreensível 02h05min09s]

Vera: a gente pode fazer desenho que já fez? Tipo o que você já fez de desenho aqui na oficina?

Karoline: Não, eu quero que vocês desenhem o que que a oficina significou pra vocês. Eu quero que vocês desenhem no verso, o que que a oficina significou pra vocês! É um desenho livre, não tem certo e não tem errado. É só pra ficar mais à vontade do que se fosse pra escrever. Gente, tá frio, hein?

?: completamente vazia a minha mente.

Karoline: se vocês quiserem mais papel eu tenho.

[Conversas atravessadas / incompreensível 02h06min52s]

Karoline: aqui tão as duas cópias, seu Bernardo. Da chamada.

[Inaudível 02h07m09s]

Karoline: vocês têm algum modelo de certificado, ou algo assim?

[Inaudível 02h07m17s]

Bernardo: Oh, Isis: aquele certificado plastificado tá com você?

Isis: não.

Bernardo: eu queria mostrar pra ela.

Isis: eu já mostrei.

Karoline: ahhh...

Bernardo: então é esse! É o mesmo.

Karoline: eu assino e a Associação assina? Como é? Vou colocar no mesmo que coloca a assinatura do presidente. Como chama?

Bernardo: Ähn?

Karoline: qual é o nome do...

Bernardo: Osmar...

Karoline: ah, o Osmar... e você?

Bernardo: eu sou representante. Tem esse daqui também, olha. Daí você pode fazer no computador lá..

Karoline: então, beleza. Tranquilo, então. Muito obrigada. Tem que trazer isso pra vocês.

Bernardo: aí é [...].

Karoline: Bizotto?

Bernardo: Bri, bri!

Karoline: dois t?

Bernardo: dois t.

Karoline: eu queria que vocês respondessem as perguntas com bastante calma! Escrevessem tudo que vocês puderem.

?: Oh, professora... eu tenho que ir agora...

Karoline: tá certo...

[Inaudível 2h10m10s]

Luiza: tenho que ir no banheiro...

?: como que é o negócio que vai ter lá na PUC?

Luiza: Facebook.

?: Facebook!

Karoline: ah, é hoje?

Luiza: depois do almoço.

[Inaudível 2h10m21s]

Karoline: tá certo... tá bom então...

[Inaudível 2h10m29s]

Karoline: se quiser voltar a sua atividade ali...

Luiza: eu vou voltar!

?: se vemos lá então... quem vai lá....

Vera: até depois....

?: tinha botado mais um aqui... não sei...

?: eu sou péssima com desenho livre, devia ter faltado....

Luiza: nossa, que safada.

[Inaudível 2h11m01s]

Luiza: meu deus do céu, socorro.

Bernardo: Oh...

Karoline: muito obrigada! Daí eu coloco o nome dele e ele assina?

Bernardo: isso!

Karoline: completou tudo?

Liz: fazia até mais...

Karoline: obrigada, Liz.

[Inaudível 2h11m49s]

?: não é a melhor coisa...

[Inaudível 2h11m52s]

Karoline: muito obrigada.... Vou pedir que você assine a chamada.

?: eu participei da primeira e da segunda como... só vim no final agora...

Karoline: isso...

?: daí você vai fazer outra...?

Karoline: outro encontro?

?: vai ter outra? Vai começar outra? Como é que vai ser?

Karoline: por enquanto não... vamos ver pro que é que vocês vão me chamar..... se vocês quiserem me chamar pra alguma especifica, né? Tem que pensar...

?: se você tiver começando outra eu venho nessa.... Participo da terceira e continuo....

Karoline: isso! Mas daí o grupo de arte e artesanato vai estar aí....

[Inaudível 2h12min32s]

Karoline: Gente... o material....

?: que dia é hoje?

?: 18!

Karoline: isso! Gente, aqui tá o material que eu estou esperando para retirar... Assina aqui Daniel também...

?: onde ponho, amor?

?: que dia é hoje?

?: 18

[Inaudível 2h13min18s]

Karoline: você participou do outro dia?

?: aham! Várias vezes....

[Inaudível 2h13min28s]

Karoline: sim!

?: eu tenho que ir em casa e vir aqui....

Karoline: tá bom! Gente, aqui então! Eu só queria agradecer e falar uma última coisa pra vocês... agradecer a experiência que foi muito bacana pra mim mesmo... e eu espero que vocês me chamem ou não, né? Vocês vejam... eu espero que continuem firmes e fortes.

Luiza: se deus quiser!

[Inaudível 2h13min57s]

Karoline: com certeza. E, que bom... vocês continuem...

[Inaudível 2h14min03s]

Karoline: e pensem no que eu posso ser útil pra vocês...

Iris: você tava falando do diploma, vai ter diploma?

Karoline: tem um certificado, certificado!

Iris: eu quero, eu quero!

Karoline: eu vou fazer, daí eu passo pro Bernardo...

[Inaudível 02h14min19s]

Iris: tirou as fotos?

Karoline: muito obrigada, pessoal, sim.

**Anexo 6: Tabela 6- Núcleos de sentido Grupo Focal Final**

Grupo focal final		
Unidades de registro	Indicadores	Núcleos de sentido
eu achei bastante interessante, porque eu já gosto... eu já gostava de fazer pintura em desenho... mas, agora eu aprendi um pouco mais.	Já gostava de pintar e desenhar e com a oficina aprendeu mais.	
ele disse uma coisa importante, né? Sobre a pintura, sobre as coisas... tem na música, né? A aquarela.... Com um pinguinho de tinta eu posso fazer... é isso (...) Mas a cor.... a imaginação vem que nem... ela fez ali, olha.... O desenho dela.... Ela cria, né? O que vem na ideia da gente isso é muito importante. Nossa vida não é só um azul! Um amarelo, um verde, a nossa vida... o nosso colorido... são todas as cores que existe no arco-íris! São sete cores! Depois foi inventada... você pode inventar. Você pode inventar. De um verde você pode transformar numa outra cor. Isso é muito importante.	Estudo da cor.	Aprendizagem na oficina
E é muito importante a pintura. No meu trabalho também de cestaria, eu só trabalhava com verniz, né? Agora eu vi que eu tenho uma riqueza de cores que eu posso trabalhar em cima da cesta, né? Através dessa cesta que eu tinha.		
Com cores primárias, quantas cores você pode fazer.... 1001 cores, né? Dá para fazer, né? Dando uma ênfase para as cores.... Então, eu achei bem interessante.... Porque nada do que a gente aprende nunca é demais!		
Quer dizer, você aprende e ensina ao mesmo tempo, né?	Aprendizagem mútua	
é o conhecimento, é essa troca que a gente teve aqui. Essa experiência que a gente tá tendo.		
precisa, além de querer, se esforçar para fazer, né? Não basta só querer.	Aproveitamento da oficina	
Eu, particularmente, eu achei que pra eles foi muito bacana, assim.... vai do aproveitamento de cada um, né?		
E também falar praicineira que eu queria ter feito mais aulas... ter aproveitado mais o teu curso. Pude aproveitar muito pouco, né?		
Mas, eu achei muito interessante essa... o mais importante é o teu método, sabe? Você como pessoa. Vou fazer um elogio pra você. Você... como você transmite as coisas assim, sabe? Para as pessoas... então, é cada coisa singular, né? Então você tem um jeito muito especial de fazer isso.		
o que me interessa não é o certificado... é o conhecimento.		
eu me sinto bem fortalecida, bem rica de conhecimento, né?	Participante se sente fortalecida com conhecimento	
Esse lado é o lado bom. Porque você desenvolve a sua mente. O seu conhecimento. O seu talento.	Desenvolve o talento e conhecimento.	
e estou começando a participar de mais atividades. Comecei a fazer crochê, mas eu sempre gostei de pintura. Comecei a fazer as cestinhas do José. Amei fazer aquele trabalho.	Aprendizagem de diferentes trabalhos artísticos e manuais	

<p>porque esse pouco período, né? Não foi tão longo.... Deu para aprender bastante coisa, diversificar bastante as ideias, né? Com várias situações. Eu acho que foi bem aproveitado. Nossa, a gente pegou toque de pintura, de reconhecimento de cores, de feito, né? Miscigenação de artesanato em si com.... madeira, com palhinha, né? Várias, várias coisas nós pegamos. Então, eu acho que foi bem aproveitado.</p>		
<p>Você pode ver que cada um tem a sua área de trabalho, né? Madeira, pano de prato... pintura, tela... pra nós foi gratificante, né? Porque a gente aprendeu como trabalhar com as cores, né? Pode ver que agora... que nem eu tava pintando pano de prato... desenhando ali... ele vai usar o branco, o azul, o preto e o básico ali, né? variedade de cores que ele pode utilizar através dessa oficina que teve aqui nós podemos trabalhar. Que nem eu sempre trabalhei ali com verniz, né? Agora eu posso saber que eu posso trabalhar com várias cores... com o azul... com o amarelo, com magenta. Variedade de cores. Então, pra mim... pra nós aqui eu acho que foi muito importante essa oficina....</p>	<p>Ampliação de possibilidades.</p>	
<p>O que eu notei é que foi muito educativo. Muito proveitoso com relação.... Porque você não deu só.... Não foi só com relação a pintura. Você deu uma geral com cerâmica, sabe? Os caminhos que você ensinou pras essas pessoas acho que foi muito interessante.</p>		
<p>Como, de repente, deixar um produto bom pra ser vendido! Acho que isso é muito importante.</p>	<p>Aprendizagem na oficina- produção perspectivando a comercialização</p>	
<p>é.... eu nunca me interessei nessa área de pintura. Pra mim foi importante essa oficina porque eu tive... (interrupção) muito mágica....</p>	<p>Oficina explorou a pintura, a qual o participante anteriormente não tinha interesse, foi uma experiência mágica</p>	
<p>pra mim foi importante que... a pintura em si nunca... nunca tive interesse assim. Aí, desde quando no CAPS lá eles falavam dessa oficina... aí me interessou. Aí, a gente chegou aqui e eu pensei que era coisa de outro mundo. E não era. A pintura é um modo de você sonha com os olhos abertos, pintando. E eu ali em casa... depois eu fiquei pensando: eu fazendo um desenho desse? E não é nem.... Imaginando as coisas, imaginando as figuras....</p>	<p>Impressões sobre a experiência com a pintura na oficina: admiração com as possibilidades que a pintura oferece e com sua habilidade de pintar.</p>	<p>Oficina como espaço de descoberta</p>
<p>Desenho a mão livre também eu nunca tentei. Agora eu estou tentando. a gente aprende... que nem eu de repente me vi ali desenhando. Eu ali.... E não é o meu... meu forte mesmo é artesanato com madeira.</p>	<p>Participante passou a se arriscar no processo artístico</p>	
<p>basta estar se sentindo motivada a fazer, né?</p>	<p>Necessidade de motivação para fazer arte e artesanato</p>	<p>Oficina como espaço para a retomada de atividades</p>
<p>eu me sinto motivada a fazer as coisas agora.... Porque antes, apesar de ter todo esse conhecimento, eu não tinha o porquê ficar fazendo, né?</p>	<p>Oficina se constituiu como espaço para retomar atividades.</p>	

Que fez eu lembro de muita coisa... já tava parada assim, sabe? Na mesa... começou a vir de novo! No trabalho, na pintura.... E como nós estávamos conversando ali... eu trabalho o dia todo, né? Já foi vindo ideia, coisas que já tava parado no tempo, sabe? Que eu deixei.... Deixei muito tempo passou.... E eu tava parada... então agora eu tô com vontade, bem animada pra começar tudo de novo... eu não digo recomeçar, vou começar de novo!	Passou a estar motivada a fazer arte e artesanato na oficina	
Tô tentando também fazer com que a coisa ande, né? Ande melhor.... Mas, eu....	Esforço para retomar atividades	
bastante produtiva pra mim! Como a Isis, pra mim tá fazendo retomar, né? As atividades. Pintura, meus artesanatos... tava tudo largado também. Minhas tintas tava em casa... tava tudo seca já. De tanto tempo que já tava lá, né? E agora tô usando tudo. Já trouxe pra casa, eu tenho.	Oficina se constituiu como espaço para retomar atividades	
Você com esse trabalho seu aí, rapaz... olha, coisa linda, né? Cada um de nós.... Nós estava assim, olha... travado no nosso talento! Isso é muito importante.		
É uma terapia? É! Muito gostoso da gente participar...	Participante considera a oficina terapêutica, prazer em participar.	Caráter terapêutico da oficina
que eu tive internamentos, já vi essas coisas, tudo... então, pra mim não era novidade, assim.... mas, assim.... esse momento que a gente tá livre... de cadeia e essas coisaradas aí... agora eu to fazendo, só participo uma vez do CAPS! Uma vez por semana... mas, assim que a gente tá livre... dessas coisaradas que eu não gosto nem de me lembrar. Então, eu posso dizer que agora sim eu tô.... Graças a Deus eu to livre! Que nem um passarinho, pra mim fazer as coisas que eu quero. A hora que eu quero e quando der tempo.	Sujeito como protagonista de si mesmo	
Eu volto, faço as atividades sérias... não vou... não me preocupo com nada que eu deixei pra trás.... Porque na verdade, nada tá fazendo sentido. O que faz sentido é meu caminho pra frente.		
... é importante que você vê que tá esquecido... que você queria levar praquele lado, lá... disso, daquilo, né? Esse lado é o lado bom. Porque você desenvolve a sua mente. O seu conhecimento. O seu talento. Justamente na sociedade que você começa a reconquistar.... A gente teve muitas perdas! Você começa a reconquistar tudo. E também você se vê como artista! Você é o que quer. Coisa bonita da vida. Entende? Ao invés de você ser só um... você é o autor principal se torna...		
E eu acho, eu percebi, que desde que começou, eu comecei ficar mais confiante... mais alegre. Mais calma. Eu vou e volto e parece que me dá uma segurança bem grande	Com a oficina, está com mais confiança, segurança, alegria, calma.	
É uma alegria. Parece que me completa.	Oficina como completude	
pra falar assim.... bem a verdade... eu vim pra oficina pra ocupar o meu tempo. Eu não sabia nem do que se tratava. O pessoal falou “ah, tá tendo uma oficina na terça feira”. Então, depois que eu fui ver o que que era, né?	Motivo inicial de participar da oficina: ocupação do tempo ocioso.	
eu não tenho segurança, eu sei fazer de tudo.... Mas, segurança que eu preciso eu não tenho ainda. Preciso de muitas oficinas ainda.	Necessidade de desenvolver mais segurança	
E eu tô vendo muita coisa boa pelo fato de descarregar na arte.	Oficina como espaço	

eu falo de vir aqui e descarregar... parece que eu vou longe, sabe? Aquilo sabe... é uma fantasia, é uma viagem.	para expressão	
e a riqueza de cores é imensa, né? Conforme a imaginação, conforme o dia... uma pessoa está bem no dia, tudo isso daí é legal a pintura, né? Um dia se você tá bem você começa a imaginar um vermelho de várias cores de vermelho... mas, as vezes você tá um dia meio ruinzão você vai trabalhar no cinza... que é uma cor mais, né?		
Dar atenção pra mim, à Luiza... Os demais também deram atenção, todos deram atenção. Gostei de todos. Só que eu não lembro o nome de todos!	Atenção e relacionamento entre os participantes da oficina	Relacionamento na oficina
Mas, vocês são pessoas interessantes. E, inclusive a senhora (oficineira) também muito especial.	Relacionamento entre os participantes	
eu acho que além de tudo... de uma aprendizagem que nós estamos tendo aqui é muito importante que a gente tá se conhecendo.... Um ao outro, né? Amizade.	Estabelecimento de laços de amizade entre os participantes	
Então, assim.... a nossa amizade... nosso relacionamento aqui tá tudo muito bacana, né? Pessoas que tão vindo, né?	Amizade entre os participantes	
como... aqui não é lugar de incômodo... a gente já vem pra cá pra se desconfortar.	Espaço da Associação e oficina para se desconfortar	
lá no CAPS, sempre eles falavam, né? Tinha as terapeutas que ofereciam pra mim.... Quando nós saíamos de lá que eu fazia tempo ali... as estagiárias... depois elas iam em outro lugar e me convidou pra mim ir, sabe? Só que daí sempre tinha uma ocupação e eu não tinha muito interesse. Também era muito longe. Agora, perto de casa eu posso vir a pé e tudo e voltar. Aqui pra mim ficou bom. Ficou melhor.	Falta de tempo e de interesse em outras atividades, mas se interessou por essa oficina. Oficina é próxima de sua residência, aspecto positivo para a participação	Aspectos práticos da oficina
porque esse pouco período, né? Não foi tão longo....	Oficina de período curto	
É uma pena que... sem demagogia! É uma pena que você tá deixando o pessoal.... Deixar, deixando não... mas que você praticamente vai terminar com isso aí... não vai dar.... Eu achei que tava muito bacana!	Oficina deveria continuar	
isso aí faz parte da nossa vida... nós temos que continuar e levar pros nossos netos, pros nossos filhos, né? Tudo. O que nós aprendemos aqui, né?	Relação da oficina com a vida, propagação do que foi aprendido	Futuro do grupo a partir das vivências na oficina
Tem muita coisa que vai ser modificado... que tem que ser modificado...organização, né? A gente tem que combinar entre nós que estamos mais frequentes aqui... ter uma organização... cada coisa ter um cantinho.... Porque depois na hora da gente não perder trabalho, né? Onde é que tá o tal trabalho? Tem que estar aqui.		
foi vendido, não foi vendido... tem que estar aqui, né? Então, nós vamos ter que ter uma organização pra isso não acontecer.... O trabalho ficar ali! Na hora que a gente precisar: “esse foi o trabalho da fulana e tal!”. Vai ir pra feira esse trabalho... tu sabe que tu fez, que tu pintou... que a colega fez o crochê.... Que a outra fez o desenho, né? Mas, que o nosso trabalho foi pra feira! Va ser vendido, né?	Melhorar a organização	
Só que a gente vai ter um caderninho com os trabalhos... o que foi vendido...		
fazer um caderninho... anotado do que foi levado pra casa... porque tem que ser devolvido porque		



<p>A pessoa precisa... vai precisar de um pincel “olha, não tem o tal pincel em casa”. “Posso levar o da Associação?” “Pode!”. Só que vai ficar anotado em um caderno e esse pincel vai ser devolvido.</p>			
<p>é assim, olha: se a pessoa trabalha em casa, então ele tem que ter duas variedades do mesmo material pelo seguinte: digamos que você leve pra casa.... Eu vou fazer um vaso... e venho amanhã aguardando que a pessoa traga!</p>			
<p>fazer o possível pra se precisar levar pra casa, levar um que tenha parecido.</p>			
<p>Porque senão a pessoa que não tem a possibilidade de pintar em casa ou não queira pintar em casa.... Qualquer outro tipo de serviço.... Quando ela vir pra Associação ela tem que ter o material aqui. Então, né? Se ela tiver o próprio material dentro da casa, ou levar um similar... desde que deixe um, né? Porque essa semana... sei lá... eu sei lá.... Amém!</p>			
<p>Eu acho que tá super correto isso. Porque do mesmo jeito que eu posso levar, outra pessoa pode levar e não trazer.</p>			
<p>Então, eu faço de coração e tudo... vocês não têm que se preocupar de ir na feira e ficar na feira.... Isso eu faço! De boa vontade, sabe?! Só que a gente vai ter m caderninho com os trabalhos... o que foi vendido...</p>	<p>Comprometimento em fazer parte do trabalho do grupo</p>		
<p>Eu espero a Oficineira... que não se afaste de nós, sempre esteja com nós. Né, Oficineira? E de cada um de nós aqui, né? A gente vai continuar nossa atividade aqui, na Associação, a gente pretendendo trazer mais pessoas aqui, né? Conhecendo cada um... um aprendendo com o outro...</p>			
<p>Na verdade, não tenho compromisso de fazer nada.... Nem pra mim eu não faço. Entendeu? Meu negócio é aqui e pronto.</p>			
<p>e outra coisa também é a questão do comprometimento... da pessoa estar trabalhando! Se a pessoa não pode vir fazer aqui, vai levar pra casa...</p>			
<p>Porque... não tem individualidade aqui... é uma Associação...</p>			
<p>a Associação, é uma Associação! Somos associados, nós temos que... não vai cair do céu. Nós temos que nós correr atrás das coisas.</p>			
<p>que vocês não parem com isso aqui, sabe pessoal? A Associação tá aí, o que ela pode fazer por vocês ela tá fazendo, né?</p>			
<p>o que podia fazer com relação a isso aí é dar continuidade mesmo ao artesanato com vocês.</p>			
<p>Nós possamos, né? Levar pra frente...</p>			
<p>e podemos levar assim.... pro Paraná, pra Curitiba. Esse nosso talento, né?</p>			
<p>nós temos um importante... com tudo isso... me disse uma coisa assim que não é.... não temos ferramenta, não é.... como diz? Para trabalhar... que nem eu, eu faço artesanato em madeira, né? Então... eu vou me propor... vou tentar! Não vou garantir.</p>	<p>Angariar recursos para produção</p>		
<p>Mas, quem sabe... eu tenho contato com alguns aís... eu vou tentar ver se eles doam pra nós algumas ferramentas.</p>			

<p>Eu faço artesanato e vendo pra eles lá porta-caneta... faço em casa, as vezes faço... eu fazia lá no CAPS do (...). Mas, como tá meio parado lá... tem madeira, tem tudo lá. Eu quero, inclusive... eu tava falando... eu vou trazer cola, mais um resto daquelas tintas que tem lá... vou trazer pra cá... aquelas madeirinhas que tem lá.</p>			
<p>Então, é esse trabalho! Que nem eu tava falando... Que nem o Hélio falou ali... nós precisamos de material... ferramenta... então, eu vamos fazer isso. Eu vou me propor... vou pedir...</p>			
<p>e quando tiver nossa feira você pode visitar, né? Para ver os nossos trabalhos...</p>	<p>Convite paraicineira visitar as feiras</p>		
<p>hein seu Bernardo! Qual curso que vai ter agora na terça-feira?</p>	<p>Curso</p>		
<p>Se de repente... ver lá com a Juliana! Do (...)... ela também... só que ela é mais pintura em tela, né? Ela manja bastante. Fez Belas Artes e tal. Então, pra dar continuidade... Nem que fosse com pintura em tela. Se aperfeiçoarem mais em pintura em tela</p>			
<p>eu quero trabalhar em mosaico com plástico...</p>			
<p>Eu vou falar com o Júlio o negócio do mosaico... vocês podiam começar a fazer mosaico, né?</p>			
<p>eu falei também com o José, Bernardo... se ele não se dispunha na terça.... Dá pra gente de cestaria...</p>			
<p>e vocês fazerem isso vai sair já pensando na venda de vocês...</p>	<p>Produção para a comercialização.</p>		
<p>fazendo, né? Dá pra vender... começar... Oh, Oh.... O negócio é o seguinte, pessoal: “ah não tem lugar pra vender!”. Lugar oficial nós realmente não temos... nós estamos pleiteando</p>			
<p>Nós vamos participar... vai ter uma feira... acho que toda semana... não sei se quarta ou quinta... vai ter uma feira gastronômica ali, sabe? Esses food-truck.... E nós vamos fazer parte disso aí com artesanato e essas coisas. Nós estamos pleiteando, na verdade... um dia por semana. Vai ter uma feira permanente ali.</p>			
<p>olha pessoal... eu acho que uma coisa muito importante, assim.... com relação ao comércio para vender... quero muito que isso aí prossiga e vá pra frente...</p>			
<p>se vocês começarem a vender um produto, esse produto não pode faltar!</p>			
<p>então, isso é uma coisa muito importante, sabe? Se uma pessoa vem e passa hoje... não comprou hoje... mas, no dia seguinte, no sábado... ela vai passar! Olha tem um negócio aqui tá bacana</p>			
<p>“ah, não tem!”. Isso não pode acontecer. Mesmo que vocês, assim, não produzam variedade de coisas... mas a quantidade...</p>			
<p>e que todas que elas fiquem... a gente sabe que não vai ficar igual. Mas que fique, mais ou menos, parecido com aquilo que você fez.</p>			
<p>mas temos que pensar no que temos no momento...</p>	<p>Necessidade de lidar com as condições existentes</p>		